

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**A POESIA DE APOLINÁRIO JOSÉ GOMES PORTO ALEGRE:
RECUPERAÇÃO E ESTABELECIMENTO DE TEXTO**

LAÍSA TEIXEIRA DE AGUIAR

**DR. MARIA EUNICE MOREIRA
ORIENTADORA**

**DR. ALICE THEREZINHA CAMPOS MOREIRA
CO-ORIENTADORA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em
Letras, na área de concentração em Teoria da Literatura

Data da Defesa: 21/01/ 2011

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE, 2011

Se não aparecemos singularmente até hoje nos domínios das letras, artes e ciências, é que não tivemos tempo de repousar.

Apolinário José Gomes Porto Alegre

AGRADECIMENTOS

- À CAPES, pela concessão de bolsa de estudos que possibilitou a realização do Curso de Doutorado e da pesquisa para a concretização desta tese;
- Às professoras Dr. Maria Eunice Moreira e Dr. Alice Therezinha Campos Moreira, pela orientação minuciosa e crítica;
- Aos professores Carlos Alexandre Baumgarten e Charles Monteiro, pela leitura atenta e pelas sugestões, por ocasião da qualificação desta tese;
- À Liziane Espírito Santo Soares, pelo auxílio à digitação das poesias que formam o *corpus* desta tese;
- Às secretarias do PPGL, Isabel Cristina Pereira Lemos e Mara Rejane Martins do Nascimento, pela atenção e apoio em todos os momentos;
- Aos colegas, pelo convívio amigo ao longo desta trajetória;
- À minha família, pelo estímulo constante.

RESUMO

A recuperação histórica de documentos autênticos que comprovem a existência de obras, autores e fatos literários ainda apresenta muitas lacunas nos estudos sobre a trajetória da Literatura Brasileira desde seus primórdios. O Rio Grande do Sul não fica fora desse quadro, merecendo, assim, uma investigação atenta no que se refere a sua vida literária. Com vistas a contribuir para um maior conhecimento das fontes de sua literatura, esta tese de Doutorado enfoca o poeta Apolinário José Gomes Porto Alegre, um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário, tendo por objeto de pesquisa a organização de uma coletânea de sua obra poética, publicada originalmente em **Bromélias, Flores da morte**, livros de sua autoria, **Revista da Arcádia**, de Rio Grande, **Revista do Partenon Literário** e nos jornais **A Reforma**, **Jornal do Comércio** e **Correio do Povo**, todos de Porto Alegre, propondo a recuperação e a organização da mesma, com o apoio dos princípios da Crítica Textual. Os poemas desse escritor encontram-se em livros e em periódicos, muitas vezes com pseudônimos, o que, por um lado, dificulta a recolha do material e, por outro, impõe a identificação dos mesmos pseudônimos, para determinação de autoria dos textos. O resultado final da pesquisa apresenta um conjunto exaustivo dos poemas de Apolinário Porto Alegre, documentação valiosa para o enriquecimento dos estudos sobre a literatura sul-rio-grandense.

ABSTRACT

The historical recovery of authentic documents proving the existence of works, authors and literary facts still has many gaps in studies on the history of Brazilian literature from its beginnings. The New South Wales is not left out of this situation, and so deserves a careful investigation with regard to his literary life. To contribute to a better understanding of the sources of their literature, this doctoral thesis focuses on the poet Apollinaire José Gomes Porto Alegre, a founder of the Literary Society Parthenon, with the object of research to organize a collection of his poetry, originally published in **Bromélias**, **Flores da morte**, of his own books, **Revista Arcadia**, of Rio Grande, **Revista Partenon Literário** and **Jornal A Reforma**, **Jornal do Comércio** and **Correio do Povo**, all of Porto Alegre, suggesting the recovery and organization of the same, with the support of the principles of textual criticism. The poems of this writer are in books and journals, often with pseudonyms, which on the one hand, hinders the collection of material and, secondly, requires identification of these pseudonyms, to determine authorship of texts. The end result of the research presents a comprehensive set of poems by Apollinaire Porto Alegre, valuable documentation for the enrichment of literature studies on South Rio Grande.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	8
PROPOSTA DE TRABALHO	9
PARTE I	13
1 APOLINÁRIO PORTO ALEGRE: O AUTOR E SEU TEMPO	13
1.1 ATÉ AS VÉSPERAS DO PARTENON LITERÁRIO: 1844-1867	13
1.2 NA ÉPOCA DO PARTENON LITERÁRIO: 1868-1879	19
1.3 DO POPULARIUM SUL-RIO-GRANDENSE EM DIANTE: 1880-1904 ...	43
2 CRÍTICA TEXTUAL E EDIÇÃO CRÍTICA	60
2.1 A HISTÓRIA DA CRÍTICA TEXTUAL	60
2.2 O MANUSCRITO	65
2.3 AS ETAPAS DE LACHMANN	68
2.4 OS ERROS	75
2.5 AS VARIANTES	78
3 ESTABELECIMENTO DO TEXTO	82
3.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	82
3.1.1 Localização das fontes	82
3.1.2 Organização do <i>corpus</i>	91
3.1.3 Tábuas de relação das obras	94
3.1.4 Descrição do material	96
3.1.5 Identificação do texto de base.....	100
3.2 TRATAMENTO DOS PROBLEMAS	101
3.2.1 Estabelecimento das tradições	101
3.2.1.1 Tábua de controle de ocorrências	102
3.2.2 Valor das edições e interrelações	105
3.2.3 Da fidelidade e da autenticidade	105
3.3 BASE GERAL DE TRATAMENTO CRÍTICO	106
3.3.1 Escolha do texto de base	106
3.3.2 Fixação dos critérios de reconstituição do texto	107
3.3.2.1 Critérios de transcrição	108
3.3.2.2 Ortografia	108
3.3.2.3 Sistema remissivo	109
CONCLUSÃO	110

REFERÊNCIAS	113
PARTE II	119
1 OBRA POÉTICA DE APOLINÁRIO JOSÉ GOMES PORTO ALEGRE	119
2 NOTAS	380
3 OBRA COMPLETA DE APOLINÁRIO JOSÉ GOMES PORTO ALEGRE..	396
3.1 Conto	396
3.2 Historiografia	396
3.3 Poesia	396
3.4 Romance	396
3.5 Teatro	397
3.6 Estudos críticos e biográficos	397
3.7 Outros	397
ANEXOS	399
Anexo A: Glossário	400
Anexo B: Relação dos periódicos pesquisados	423
Anexo C: Programa da Sociedade Partenon Literário	439
Anexo D: Nominata dos sócios da Sociedade Partenon Literário	442
Anexo E: Anotações feitas por Álvaro Porto Alegre	446
Anexo F: Proposta para patrono da literatura do Rio Grande do Sul: Apolinário José Gomes Porto Alegre.....	452
Anexo G: Discurso de Apolinário José Gomes Porto Alegre na instalação da Sociedade Partenon Literário.....	455
Anexo H: Notícias sobre Apolinário Porto Alegre	461
Anexo I: <i>Curriculum Vitae</i>	470

LISTA DE SIGLAS

AJS	Antonio J. Saraiva
AM	Ari Martins
AR	Revista <i>Arcádia</i>
BR	<i>Bromélias</i>
CP	Jornal <i>Correio do Povo</i>
CP	Cultura japonesa
DCF	Cândido de Figueredo
DEAM	Álvaro Magalhães
DEDK	<i>Enciclopédia e Dicionário Koogan-Houaiss Digital</i>
DFJA	Francisco Júlio Caldas Aulete
DIAH	Instituto Antônio Houaiss
DIAU	iDicionário Aulete
DIP	Infopédia
DJAM	José Maria Almeida
DMEM	<i>Moderna Enciclopédia Melhoramentos.</i>
DPL	Dictionnaire Encyclopédique Petit Larousse
DSF	Dicionário Simões Fonseca
DZCN	Zeno Cardoso Nunes
EBM	<i>Enciclopédia Brasileira Mérito</i>
EDI	<i>Enciclopédia e Dicionário Internacional</i>
FM	<i>Flores da morte</i>
JAMP	José Américo Motta Pessanha
JC	Jornal <i>do Comércio</i>
LCB	Larousse Cultural Brasil A/Z.
MM	Maria Eunice Moreira
MP	Mauro Póvoas
ONTJ	O Novo testamendo de Jesus
PPF	Pedro Paulo Funari
RE	Jornal <i>A Reforma</i>
RPL	Revista <i>do Partenon Literário</i>
RZ	Regina Zilberman
TU	Tuciádes

PROPOSTA DE TRABALHO

A história da Literatura Brasileira ressenha-se de documentos autênticos que venham preencher lacunas sobre obras, autores e fatos literários relevantes para a compreensão de seu processo histórico e sua situação presente. Quando há a possibilidade de uma edição crítica de autores, pode-se resgatar a integridade dos textos concedendo-lhes a legitimidade, o que os preserva para a posteridade. Entre os autores merecedores desse tipo de trabalho está Apolinário José Gomes Porto Alegre, por sua importância na vida literária sul-rio-grandense. Este trabalho se propõe, por isso, a realizar a recuperação de sua obra poética, publicada nos livros **Bromélias** e **Flores da morte**, na **Revista da Sociedade Partenon Literário**, na **Revista da Arcádia**, no **Jornal A Reforma**, no **Jornal do Comércio**, no **Jornal Correio do Povo** e nos demais periódicos em que o autor escreve, no intuito de levantar poemas ali publicados, a partir da reunião e da organização com o apoio dos princípios da Crítica Textual.

Para a realização da tarefa, que tem como saldo a coletânea dos poemas do autor, faz-se necessária a contextualização dessa produção no panorama da literatura sul-rio-grandense, bem como a retomada dos dados da vida e da criação poética de Apolinário José Gomes Porto Alegre. Desse modo, ressalta-se o papel que o autor desempenha em seu tempo, quer como agente cultural, quer como poeta, especificamente.

Apolinário José Gomes Porto Alegre é um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário, liderando essa agremiação que se torna referência para as letras sul-rio-grandenses. Sua escolha como foco desta tese justifica-se por ser ele um intelectual influente em sua época, que se dedica, enquanto escritor, crítico, professor e político, a questões literárias, linguísticas e históricas. Por suas atividades, contribui para a organização da vida cultural da Província e torna-se exemplo para as gerações futuras. No entanto, apesar de ter exercido papel determinante nesse cenário, atualmente sua obra é pouco conhecida do público,

pois apenas pode-se adquirir alguns de seus livros, como **O vaqueano** (romance), **Paisagens** (conto), **Popularium sul-rio-grandense** (filologia), **O teatro de Apolinário Porto Alegre** (antologia de dramas e comédias), e **Cancioneiro da Revolução de 1835** (poesia).

Os outros dois livros de poesia do autor, publicados em vida e postumamente, **Bromélias** e **Flores da morte**, respectivamente, não estão à disposição no mercado, o que torna este trabalho inédito. Não há também uma edição que reúna a poesia completa de Apolinário José Gomes Porto Alegre, com tratamento crítico, como já ocorre com outros autores sul-rio-grandenses e brasileiros. Os poemas de autoria de Apolinário, além daqueles presentes nos livros citados, espalham-se em periódicos da época, em circulação em Porto Alegre e Rio Grande. Para encontrá-los, efetua-se uma pesquisa detalhada nas publicações em vigor no tempo do poeta, com vistas a resgatar todos os poemas dispersos nos órgãos de imprensa. Como, muitas vezes, eles são publicados sob pseudônimos, a recolha do material torna-se difícil, pois é necessário identificar os mesmos, para determinação da autoria dos textos. Só assim, chega-se à recuperação e organização de sua obra poética, em publicação acessível aos leitores e aos pesquisadores de hoje.

Os fundamentos da Crítica Textual, que embasam esta tese, exigem que uma edição inclua, no aparato, as variantes dos textos que subsistem, permitindo observar a evolução do texto em direção à forma genuína ou, ainda, o afastamento dos originais. Esse material é usado para registrar as variantes e realizar correções, alterações, substituições e acréscimos para manter o discurso poético almejado pelo autor. Oferece, assim, ao estudioso elementos autênticos e objetivos que permitem traçar reflexões sobre a produção do autor.

O produto final deve converter-se em obra de consulta sobre as fontes da literatura sulina, útil a especialistas da literatura sul-rio-grandense, além de constituir acervo poético à disposição dos leitores em geral. A metodologia utilizada na tese centra-se em uma pesquisa de cunho bibliográfico, que se propõe a buscar a criação poética de Apolinário Porto Alegre nos periódicos da época, em instituições que possuam em seus acervos jornais e revistas do século XIX, como o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho, a Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e o Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, instituições culturais sediadas em Porto Alegre – RS e a Biblioteca

Riograndense e a Biblioteca Pública Pelotense, sediadas em Rio Grande e em Pelotas — RS.

Após o levantamento de dados nessas instituições, digitalizam-se os poemas encontrados, realizando a atualização da ortografia e as tarefas previstas pela Crítica Textual, em suas etapas de recensão, emenda e colação, além de selecionar e definir os termos que fazem parte do “Glossário”. O estabelecimento do texto, contudo, é dificultado pelas condições precárias de conservação dos periódicos, sendo que alguns, não estão mais disponíveis atualmente, e, ainda, pela raridade de seus livros, que existem apenas em setor de livros raros de bibliotecas. A organização das poesias encontradas, por sua vez, leva em conta o veículo em que as mesmas aparecem e a quantidade publicada em cada um deles (os veículos se apresentam em ordem decrescente de número de poemas que contêm).

A tese está dividida em duas partes. A primeira é composta pelos capítulos “Apolinário Porto Alegre: o autor e seu tempo”, “A Crítica Textual e a Edição Crítica”, “Fixação do texto”, “Conclusão”, “Referências”, e a segunda, pela “Obra poética de Apolinário José Gomes Porto Alegre”, “Notas” e “Anexos”. O primeiro capítulo da Parte I, “Apolinário Porto Alegre: o autor e seu tempo”, descreve a vida e a obra do autor, contextualizando-o no panorama nacional e regional, sob aspectos literários, culturais e políticos. O capítulo está subdividido em três segmentos: “Até às vésperas do Partenon Literário: 1844 – 1867” comenta a vida do poeta anterior à fundação do Partenon Literário; “Na época do Partenon Literário: 1868 – 1879” relata o período de maior produção literária do autor; “Do **Popularium sul-rio-grandense** em diante: 1880 – 1904” narra os últimos anos de existência de Apolinário, após a publicação do livro **Popularium sul-rio-grandense**.

O segundo capítulo, “A Crítica Textual e a Edição Crítica,” refere-se à teoria adotada para a pesquisa, com a apresentação das etapas da Crítica Textual, incluindo um breve percurso histórico da disciplina. O terceiro, “Estabelecimento do texto”, dá conta da aplicação da teoria e também está subdividido: “Desenvolvimento da pesquisa”, “Tratamento dos problemas” e “Base geral de tratamento crítico”. Cada um desses segmentos apresenta outras subdivisões, que são detalhadas, ao longo da tese, segundo os passos necessários ao tratamento dos dados.

A segunda parte traz as poesias recolhidas para formação do *corpus* da tese, “Obra poética de Apolinário José Gomes Porto Alegre”, já submetidas aos procedimentos de cada etapa da Crítica Textual, digitalizadas e revisadas

ortograficamente, pois são escritas originalmente, com a ortografia vigente no século XIX. As “Notas” referem-se a informações sobre os poemas como a data e o nome do livro ou do periódico em que são publicados, além de explicações sobre as diferenças dos poemas quando são encontrados em duas publicações (livro/revista, livro/periódico). Os “Anexos” são compostos pelo “Glossário”, conjunto de palavras de sentido pouco conhecido ou hoje em desuso e referências biográficas, mitológicas, políticas e outras, citadas pelo autor, nos seus poemas; pela “Relação dos periódicos pesquisados”, com título, data, local e nomes de responsáveis e colaboradores dos jornais e revistas, de todos os periódicos em que foram procurados poemas do autor; pelo “Programa da Sociedade Partenon Literário”, cujos trabalhos significam o começo do ciclo literário na Província; pela “Nominata dos sócios da Sociedade Partenon Literário”, relação que permite trazer à luz a identidade dos integrantes da Sociedade, que iniciam a literatura sul-rio-grandense; pelas “Anotações feitas por Álvaro Porto Alegre”, filho do autor, que auxiliam na autenticação de autoria de poemas duvidosos; pela “Proposta para Patrono da Literatura do Rio Grande do Sul: Apolinário José Gomes Porto Alegre”, apresentada por Cyro Martini e Serafim Lima, em uma sessão do atual Partenon Literário, em 18 de maio de 1999, que demonstra a importância de Apolinário Porto Alegre para a literatura sul-rio-grandense; pelo “Discurso de Apolinário José Gomes Porto Alegre na instalação da Sociedade Partenon Literário”, em que o autor revela seu desejo de que os trabalhos sejam prósperos e longos; e pelas “Notícias sobre Apolinário Porto Alegre”, coletadas nos periódicos quando da morte do escritor, em que se destaca mais sua vida artística do que a política; e uma notícia publicada no jornal **Zero Hora**, de Porto Alegre, em 27 de agosto de 2009, sobre a existência de um busto de Apolinário destruído. Por fim, as correções propostas na “Errata” de **Bromélias** já são incorporadas nos poemas apresentados, mas, mesmo assim, essa “Errata” está transcrita tal como aparece no livro original.

O trabalho realizado até aqui tem como resultado final a coletânea, a mais completa possível, de poemas de Apolinário Porto Alegre, que se oferece à leitura, com a intenção de contribuir para o enriquecimento dos estudos sobre a literatura sul-rio-grandense.

PARTE I

1 APOLINÁRIO PORTO ALEGRE: O AUTOR E SEU TEMPO

1.1 ATÉ AS VÉSPERAS DO PARTENON LITERÁRIO:1844-1867

Faltando apenas um ano para terminar a Revolução Farroupilha, provocada pelo descontentamento do governo provincial em relação à política econômica do Império, nasce, em Rio Grande, Apolinário José Gomes Porto Alegre, em 29 de agosto de 1844, filho de Antônio José Gomes Porto Alegre e de Joaquina Delfino da Costa Campelo Porto Alegre. Seu pai acrescenta o nome da cidade em que nasceu ao seu próprio, para se diferenciar de um homônimo. Por isso, Apolinário é conhecido por esse último sobrenome, como seus irmãos, Apeles e Aquiles José Gomes Porto Alegre. Apeles é o criador do primeiro diário republicano do Rio Grande do Sul, **A Imprensa**, e autor do romance **Georgina**; Aquiles, o fundador do **Jornal do Comércio** de Porto Alegre e escritor de inúmeros poemas e crônicas sobre a capital do Rio Grande do Sul.

Apolinário, como seus irmãos, dedica-se às letras e à cultura, como também à vida pública: é poeta, romancista, contista, teatrólogo, filólogo, biógrafo, crítico, historiógrafo, professor, político, enfim, um homem em sintonia com seu tempo, tanto nos temas escolhidos para seus textos, como em sua postura idealista e ativa frente ao mundo, que o faz exercer várias atividades, com o fito de concretizar seus objetivos.

Na primeira metade do século XIX, o Brasil vive em permanente instabilidade política, pois esse é o período em que se consolida a independência do País e se organizam as instituições sociais modernas. Do ponto de vista econômico, o café passa a ser o principal produto de exportação, tomando conta de toda a região Sudeste. À medida em que o Brasil se desenvolve, o trabalho escravo vai se tornando cada vez mais antieconômico, sendo necessária uma transformação no sistema de produção cafeeira, de modo que o País possa participar do capitalismo

internacional. Tal situação dá origem à decadência definitiva do modelo escravagista, como afirma Luís Roberto Lopez.¹

A revolução tecnológica e a necessidade de maior especialização fazem com que aos poucos a utilização do trabalho escravo vá se tornando ineficiente. No entanto, o crescimento tardio do capitalismo no Brasil impede que a escravatura termine mais cedo. Em 1850, são promulgadas duas leis: a Lei Eusébio de Queirós, que extingue o tráfico negreiro, inviabilizando a reposição da mão-de-obra escrava, o que é um golpe contra as economias que dela dependem, como, por exemplo, a produção do café e a do charque, no Sul; e ainda a Lei de Terras, que termina com a concessão de sesmarias, possibilitando a venda da terra, como qualquer outra riqueza. Essas duas leis põem fim ao sistema colonial e contribuem para o fortalecimento da campanha abolicionista, com várias correntes, desde a mais radical até aquela mais moderada de Joaquim Nabuco, que busca sensibilizar as elites, como acentua Lopez (1980, p.13). Acrescente-se a erupção de insurreições republicanas, que denotam a insatisfação de algumas províncias (como o Rio Grande do Sul) com o governo central do Império.

Os dez anos da Revolução Farroupilha prejudicam economicamente o Sul que, a partir da pacificação, precisa se reconstruir, em termos financeiros, políticos, sociais, culturais e educacionais. Politicamente, o Rio Grande do Sul acompanha a divisão partidária brasileira entre conservadores e liberais. Os primeiros defendem a manutenção da propriedade, da monarquia, da centralização do poder, do elitismo e da escravidão, enquanto os últimos postulam um estado forte, mas controlado pelo legislativo, através do sistema parlamentar.

No Rio Grande do Sul, segundo Maria Eunice Moreira², não há um ambiente propício para o desenvolvimento de uma vida literária, pois, desde as origens, a região é marcada por situações litigiosas e de contenda, o que se mantém até mesmo após o término da Revolução Farroupilha. O crescimento cultural dá-se apenas nas cidades responsáveis pela sustentação econômica da Província, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, locais onde, mesmo durante as lutas, continuam a ser realizadas as atividades culturais, como saraus poéticos e encenações dramáticas.

¹ LOPEZ, Luís Roberto. **A história do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.p.12.

² MOREIRA, Maria Eunice. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.p.40

Paralelamente, a inteligência brasileira vai se formando através dos filhos de famílias abastadas do campo, que vão receber instrução superior em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, como refere Alfredo Bosi³. Dessa forma, nasce uma geração que absorve os padrões culturais europeus, disseminados na Corte e nas capitais das províncias. Surge daí o ideário romântico, na poesia e na prosa, que busca a formação da nacionalidade através do exercício de temas como o indianismo (contrapartida brasileira para o passado medieval europeu), a valorização da paisagem, a crítica aos valores materiais pela afirmação dos sentimentos e a defesa dos ideais abolicionistas.

No Rio Grande do Sul, a educação é uma das plataformas do Partido Liberal, que considera como cidadãos aqueles que são proprietários e pagam impostos, mas atribui ao Estado a obrigação de oferecer educação universal, para que todos possam se tornar cidadãos e, portanto, terem condições de adquirir bens e exercer funções públicas. Moacyr Flores⁴ salienta que os partidos oponentes se unem e formam a Liga (1852-1868), durante a guerra contra Uribe e Rosas, distribuindo empregos entre seus membros. Aqueles que não são contemplados constituem o Partido Liberal Progressista e, em 1860, surge o Partido Liberal Histórico ou Radical, sob a liderança de Félix da Cunha, Florêncio de Abreu e Gaspar Silveira Martins. O grupo tem como plataforma política a monarquia parlamentarista e federativa, que, com o tempo, vai provocar a crítica republicana dos irmãos Apeles e Apolinário Porto Alegre e Francisco Xavier da Cunha. Ocorre, assim, a divisão do quadro político sul-rio-grandense em dois partidos imperiais: o Liberal e o Conservador.

Apolinário Porto Alegre inicia-se nas primeiras letras ainda na cidade de Rio Grande, pois só aos quinze anos de idade muda-se com a família para Porto Alegre, onde estuda no colégio de Fernando Ferreira Gomes. Em 1861, parte para São Paulo e matricula-se na Faculdade de Direito, que não chega a terminar. Segundo Moreira (1989, p.10), com a morte do pai, transforma-se no provedor da família, com a mãe, uma tia e três irmãos menores para sustentar, tendo de voltar para o Rio Grande do Sul. Nesse momento, começa a se dedicar ao ensino, fazendo parte do corpo docente do Colégio do Dr. Ciro José Pedrosa e Padre Massa, contribuindo

³ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.p.92.

⁴ FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.p.132.

para a instrução da Província, apesar de ela ser ainda precária em termos de educação formal.

O sistema educacional, em seus inícios no Rio Grande do Sul, permite que qualquer pessoa possa ensinar, sendo que o aluno somente pode trocar de professor depois de concluir o estudo da matéria. Os exames são públicos, perante uma banca. Às mulheres é oferecida uma formação diferenciada, em separado, voltada às prendas domésticas. Em 1846 surge o primeiro Liceu, onde são reunidas todas as matérias, distribuídas em seis anos de estudo. Essa Instituição, a partir de 1850, prepara professores para o ensino médio. Apenas em 1869 instala-se a Escola Normal da Província de São Pedro, a qual, como refere Guacira Lopes Louro⁵, dá origem ao Instituto de Educação, em Porto Alegre. A entidade tem o objetivo de formar professoras para as primeiras séries:

A criação da Escola Normal é um fato importante na história da educação do Rio Grande do Sul, província que, pelas constantes questões de fronteira e de lutas internas, tivera um processo mais lento de organização escolar, e onde há muito se reclamava da necessidade de uma instituição de formação de mestres.⁶

Como salienta Guacira Louro, a Escola Normal vem atender a uma demanda crescente na Província, que carece de um sistema estruturado de educação. Com a solução gradual das questões políticas e sociais, surge a necessidade de formar mestres qualificados que, alfabetizando e levando instrução às novas gerações, promovam o desenvolvimento da cultura. Nesse sentido, Moreira aponta fatos culturais relevantes:

Em Rio Grande, funda-se o jornal literário *Arcádia*, e, em Porto Alegre, entre as retretas das bandas e as sessões no teatro, edita-se *Atualidade*, jornal crítico, literário e noticioso, tendo como um de seus principais colaboradores, Apolinário Porto Alegre. Suas atividades docentes tomam rumos definidos e, juntamente com seu irmão Aquiles, inaugura neste mesmo ano [1867] o Colégio Porto Alegre, consolidando sua posição como professor.⁷

O desenvolvimento educacional está atrelado à movimentação cultural da Província. O autor, paralelamente à docência, exerce a literatura, na qual vai abordar

⁵ LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas**. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.14.

⁶ Idem nota n. 5, p.14.

⁷ Ver nota n. 2, p.10.

os temas românticos que se fazem presentes na literatura brasileira do século XIX. O período em que Apolinário consolida sua atuação como professor também é o da mais intensa produção literária como instrumento de educação cívica. Nesse sentido, Apolinário concretiza uma vocação que se manifesta desde a infância: com apenas onze anos, em 1855, ele escreve **Flor de laranja**, romance que é oferecido a seus pais e que, infelizmente, não é mais localizado. Dez anos mais tarde, em 1865, cria a peça de teatro **O combate do Amazonas** ou o **Triunfo da esquadra brasileira**, considerada um elogio dramático e estreada pela Associação Artística, no Teatro 7 de Setembro, em Rio Grande. O acontecimento tem a ver com a agitação teatral da Província, que ocorre no momento, e com o fato de o autor, já desde a juventude, se interessar ativamente pela vida cultural de seu tempo.

No último quartel do século XIX, diferentes setores da sociedade sul-riograndense estão insatisfeitos com o Império. Em decorrência disso, acontecem dois fatos importantes: o surgimento do Manifesto Republicano e a fundação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Ricardo de Aguiar Pacheco⁸ esclarece como ocorre a movimentação republicana na Província sul-riograndense:

Mesmo após a divulgação do Manifesto Republicano, em 1870, no Rio de Janeiro, e da fundação do Partido Republicano Paulista, na Convenção de Itu de 1873, a propaganda na província sulista permanecia tímida. Nesse momento assumiram a propaganda do regime republicano, no primeiro momento, os professores Apolinário Porto Alegre e Apeles Porto Alegre, na capital, e Bernardo Taveira Júnior, em Pelotas. Também teve destaque o jornalista Francisco Xavier da Cunha. Foi deste último a convocação para a manifestação realizada pelo Clube Porto-Alegrense, em 7 de abril de 1872, que desejava lembrar a abdicação de dom Pedro I, aventando a possibilidade de a situação se repetir com o filho. Depois de escrever diversos artigos no jornal do Partido Liberal **A Reforma**, o propagandista fundou na província o jornal republicano **A Democracia**. Este órgão, contudo, teve pouca duração, uma vez que seu fundador se transferiu para o Rio de Janeiro, onde assumiu a redação do jornal *A República*, a convite de Quintino Bocaiúva. A participação desses personagens evidencia que o movimento ainda estava limitado a um círculo de intelectuais e sem grande penetração, fosse entre a elite política e econômica, fosse entre os setores sociais subalternos.⁹

⁸ PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.2. p.139-153.

⁹ Ver nota n. 8, p.142-143.

Vera Lúcia Maciel Barroso¹⁰, ao comentar a criação do Partido Republicano Rio-Grandense, que tem como líder Júlio de Castilhos, afirma que a agremiação surge tardiamente, devido à força do Partido Liberal (PL) no Extremo Sul, pois somente depois de o PL abrandar sua conduta reformista é possível a criação de um novo partido. É com o retorno de jovens estudantes gaúchos, vindos especialmente de São Paulo, que se propicia sua fundação. Esses jovens voltam à Província com ideias republicanas. Mais tarde, também Apolinário torna-se membro do Partido Republicano Rio-Grandense e concorre a cargos políticos.

Ricardo de Aguiar Pacheco acrescenta que a criação do PRR visa disciplinar a propaganda do partido na Província sulista e a organização de convenções para determinar estratégias eleitorais. Em 1889, todos os municípios da Província já possuem um clube republicano. Jonas Moreira Vargas explica como é a divisão de cadeiras na Assembleia daquela época:

Durante os anos de 1868 e 1889, a Assembleia teve 11 legislaturas eleitas. Cada legislatura durava dois anos, contudo, as sessões poucas vezes passavam de dois meses. Houve anos, em 1870, por exemplo, que a mesma não se reuniu. Os candidatos eram eleitos por distritos ou círculos — conforme a lei eleitoral vigente — com vistas a preencherem no início 28 cadeiras, depois 30 e na última legislatura 36.

Traçando um perfil político-partidário dos seus membros no período acima descrito, percebe-se que 169 deputados tomaram assento na Assembleia durante o período analisado. Destes, 66 eram do Partido Conservador, 84 eram do Partido Liberal, 1 era do Partido Republicano e para 18 não conseguimos definir com certeza a filiação partidária. Esta simples distribuição quantitativa é bastante relativa e insuficiente para compreender a dinâmica destes dois partidos, que eram recheados de facções e interesses divergentes.¹¹

Os dados oferecidos por Vargas demonstram a vitalidade do sistema político sul-rio-grandense de então, através do aumento do número de cadeiras no Legislativo, que defendem ideias e propostas muitas vezes antagônicas. Tal situação faz da Assembleia o palco das várias facções políticas em efervescência na sociedade sulista.

¹⁰ BARROSO, Vera Lúcia Maciel. O centenário do PRR. **Letras e Livros**, Porto Alegre, ano I, n.49, 1982, p.10.

¹¹ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a corte**: análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889). Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. p.79.

1.2 NA ÉPOCA DO PARTENON LITERÁRIO: 1868 -1879

Para o Rio Grande do Sul convergem outras etnias, que vão traçando um perfil diferenciado em relação ao centro do País. Isso acontece na medida em que D. Pedro I começa a incentivar a imigração para a Província. Moacyr Flores (1996) explica que ela é realizada em etapas: de 1824 a 1829, tem o objetivo de reunir soldados mercenários que apoiem a política absolutista do Imperador e colonizar as terras devolutas do Sul; de 1830 a 1845, ocorre a supressão da imigração devido à Revolução Farroupilha; de 1848 a 1889, substitui a mão de obra escrava pelo trabalho assalariado, de modo a obter o branqueamento da população brasileira.

Os imigrantes encontram, durante o século XIX, as atividades agrícolas sul-rio-grandenses primitivas, com o uso de enxadas e charruas, sem irrigação e sem estrumeiras, sendo o plantio realizado apenas em terra de mato. A Província liga-se ao resto do País através de lentos barcos a vapor, o que acentua seu afastamento da capital do Brasil. Portanto, por causa de seu sistema econômico precário e sua infra-estrutura rudimentar, a Província de São Pedro não participa ativamente do movimento comercial, social e cultural que cresce na Metrópole.

A situação rio-grandense vai se modificando à medida em que os acontecimentos políticos e econômicos constroem um novo panorama social e cultural. Com o fim da guerra do Paraguai, que se desenvolve no período de 1864 a 1870, a vitória no Exterior traz prestígio à monarquia, que se sente consolidada em definitivo, regularizando a vida constitucional brasileira. Nos anos seguintes, travam-se, na capital do País, debates em torno das teses reformistas, abolicionistas e republicanas na política, anti-românticas na literatura e darwinistas na ciência. Em 1871, é editada a Lei Rio Branco, mais conhecida como Lei do Ventre Livre, que abre caminho para a libertação dos escravos.

Quanto ao ambiente cultural e literário brasileiro, deixa-se um projeto artístico que está identificado com a independência política e o nacionalismo ufanista (indianismo, regionalismo, culto à natureza brasileira e tentativa de criação de uma língua brasileira) e conforma-se, nas últimas décadas do século XIX, o pensamento cientificista da escola do Recife, com desacordos em relação à ideologia dominante, como afirma Nelson Werneck Sodré¹².

¹² SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. p.358-359.

O Romantismo, contudo, tem papel fundamental na construção da literatura pátria e na criação de uma imagem orgânica de nação. Para isso, avulta a figura de José de Alencar, que idealiza a realidade nacional, valorizando a natureza, os tipos humanos e os fazeres regionais. Assim, a literatura brasileira inicia o processo de emancipação da lusitana, pois, até então, qualquer texto literário aqui escrito é considerado como pertencente ao acervo português.

A partir da década de 60 do século XIX, os isolados escritores sulinos se aglutinam em jornais literários, como **O Guaíba**, de Porto Alegre, e **Arcádia**, de Rio Grande, atestando a movimentação e a preocupação com a vida cultural na Província. Contudo, ela começa realmente a se desenvolver a partir da criação da Sociedade Partenon Literário, fundada em 18 de junho de 1868, em Porto Alegre. O programa dessa sociedade apresenta o caráter pragmático do grupo:

O Partenon criou uma tribuna, para a pugna oratória; uma biblioteca, onde reunirá as obras mais importantes relativas à grandiosa trindade de seus estudos; filosofia, história e literatura; aulas noturnas para os sócios que quiserem dedicar-se sem dificuldades ao granjeio da ciência; e afinal uma revista tão necessária, como as outras criações.¹³

Os membros do Partenon Literário, conforme Regina Zilberman¹⁴, não se restringem à temática lírica ou regionalista, pois manifestam também o ideário de cunho liberal, às vezes republicano. Um dos idealizadores do Partenon é Apolinário Porto Alegre, que se compromete com a criação de uma literatura sul-rio-grandense, liderando essa agremiação, a que tem a maior duração no século XIX no Sul. A entidade é aprovada por Aquiles Porto Alegre, Ferreira Neves, Carlos Barrão, Hilário Ribeiro e Aurélio Bittencourt, iniciando suas sessões na casa de Apolinário, quando é lançada com o nome provisório de Ginásio Literário, posteriormente mudado para Sociedade Partenon Literário. A sociedade tem vários presidentes durante sua existência e como presidente honorário José Antônio do Vale Caldre Fião. A vida do Partenon está relacionada aos momentos decisivos da sociedade sul-rio-grandense, que sofre modificações econômicas e sociais, o que acentua a importância dessa agremiação para a organização da comunidade e da cultura. O grupo de letrados

¹³ **Revista do Partenon Literário**, n° 1, março de 1869.

¹⁴ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

que funda a sociedade tem o interesse de separar nitidamente a literatura da política¹⁵. Alexandre Lazzari assinala que

a fundação do Partenon Literário sinalizava também para um ambíguo alinhamento dos letrados provincianos à já clássica insatisfação das elites liberais rio-grandenses diante do centralismo do Estado imperial e mesmo indo além, com sócios influentes já defendendo uma utopia republicana, no Estado como na letras.¹⁶

Contrários ao centralismo do Estado Imperial, os autores sul-rio-grandenses consideram que a fundação do Partenon Literário é um modo de terem sua voz ouvida e sua literatura divulgada:

Os fundadores do Partenon Literário comemoravam, portanto, a criação do que seria um espaço de livre manifestação, para que os cidadãos amantes das letras e crentes no seu poder civilizador finalmente tivessem voz e um canal de intervenção nos destinos da sociedade”.¹⁷

Um dos espaços mais importantes para a vida cultural da Província é a residência de Apolinário Porto Alegre, ponto de encontro dos escritores da época, local em que se realizam palestras literárias e discussões também sobre ciências, denotando sua liderança intelectual entre os pares.

A colaboração de Apolinário estende-se, durante toda a sua vida, aos mais importantes jornais e revistas da Província: **Gazeta de Porto Alegre, A Imprensa, A Federação, Jornal do Comércio, A Democracia, A Reforma, Revista do Partenon Literário, Correio do Povo**, todos de Porto Alegre, e ainda **O Industrial, O Guarani, Rio Grandense e Arcádia**, de Rio Grande. O jornal **Arcádia** passa a receber de Apolinário Porto Alegre contribuição, depois que Juvêncio Paredes lhe escreve uma carta, recomendando Antônio Joaquim Dias, proprietário e redator da **Arcádia**:

O portador desta é o meu amigo Antônio Joaquim Dias: seja ela para ti um segundo eu. Proprietário e redator principal do jornal **Arcádia**, o Antônio Dias há de agradar-te e muito, porque é como um operário

¹⁵ SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá: o Partenon Literário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. p.67.

¹⁶ LAZZARI, Alexandre. **Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)**. Campinas: UNICAMP, 2004. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004, p.64.

¹⁷ Idem nota n. 16, p.65.

do templo das letras, com diferença unicamente de forças. (Rio Grande, 27 jan.1868)

Essa carta é importante, por demonstrar o valor de Apolinário Porto Alegre dentro da vida cultural sulina. Como é hábito na época, Porto Alegre assina seus trabalhos com pseudônimos, como Iriema (o mais usado), Bocaccio e Oscar Mitislawski¹⁸, praticando vários gêneros, nos mais diversos textos: uma crítica, um estudo filológico, um estudo literário-científico, duas biografias, dois discursos, quatro contos, cinco romances, nove peças teatrais e mais de cem poemas, esses publicados em dois livros e dispersos em periódicos. Em 1869, é encenado o drama **Caim e Jafé**, em Porto Alegre, sendo representado por amadores do Partenon Literário. As peças teatrais, em certos momentos, geram polêmica, como **Os filhos da desgraça**, de 1874, que é proibida pela Polícia de ser apresentada.

A liderança de Apolinário Porto Alegre é visível também na **Revista do Partenon Literário**, na qual o autor tem a participação desde o seu primeiro número, que aparece em 1869. Segundo Cássia Silveira, quando, na presidência de Apolinário, o periódico é suspenso, o autor assume a responsabilidade pelo fato:

Do começo de 1870 até meados de 1872, a **Revista do Partenon Literário** interrompeu sua circulação, justamente na presidência de Apolinário Porto Alegre, o grande batalhador da civilização. Ele próprio pedia desculpas, na posse da nova diretoria, em fevereiro de 1872, por sua gestão ter representado "um período tão desanimado para a Sociedade".

Daí por diante, ao que parece, a resolução foi diversificar as atividades do grupo. Talvez devido a um possível aumento do número de sócios, talvez em função de um provável aumento de rendimentos, o fato é que se passou a pensar em uma série de ações concretas, como os saraus, a constituição de uma biblioteca e de um museu.¹⁹

Apesar de não existir um documento formal da sociedade, os membros da agremiação implantam um projeto para a literatura gaúcha, aproveitando a história, as lendas, os costumes particulares rio-grandenses. Têm uma posição arrojada ao permitir que as mulheres integrem a entidade, defendendo a abolição da escravatura e aulas noturnas para pessoas que não podem estudar de dia e ainda promovendo saraus literários. A biblioteca do Partenon chega a contar com mais de 6 mil

¹⁸ VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**: autores. Porto Alegre: IEL / A Nação, 1974. p.392-394.

¹⁹ Ver nota n. 15, p.70.

volumes²⁰ e de um museu de ciências naturais com seções de Minerologia, Arqueologia, Numismática e Zoologia²¹.

Guilhermino César²², por sua vez, acentua o empenho de construção de uma literatura regionalista no Rio Grande do Sul, expresso pela **Revista do Partenon Literário**. Esse regionalismo, para César, tem de ser visto como um esforço bem sucedido de inserir a Província no campo mais amplo da cultura brasileira.

Também no ano de 1869, Apolinário lança na **Arcádia**, de Rio Grande, o romance **Lampírio**. Esse romance divide-se em duas partes: a primeira, ambientada no campo, diz respeito à vingança contra o homem que mata o pai de Jovita; na segunda, a jovem vive na cidade e transforma-se em uma cortesã. Essa mudança de ambiente, que permite trazer à luz comportamentos diferenciados, demonstra o interesse do autor em apresentar as várias facetas da vida sul-rio-grandense, sem ter, contudo, qualquer conotação regionalista. O autor está afinado com os temas abolicionistas e republicanos, que sustentam o entusiasmo político de sua época e são endossados por seus companheiros do **Partenon Literário**.

Em março de 1869 é lançado o primeiro número da revista dessa agremiação, no qual se divulga o programa da Sociedade. É nesse veículo que Apolinário firma sua posição dentro da literatura sul-rio-grandense, publicando ali grande parte de sua obra. Vários textos, dos diferentes gêneros literários exercidos pelo autor, estão presentes, como, por exemplo, o romance **Os palmares** e o poema “O celibato”.

No romance em questão, o escritor demonstra que está em sintonia com a campanha, disseminada pelo País, em favor da abolição dos escravos, ideia também defendida pela Sociedade Partenon Literário. Esse tema é retratado em **Os palmares**, de 1869, através de uma história romântica e idílica, ambientada no quilombo de Palmares, mesclando a descrição do quilombo (local de refúgio e de resistência do africano à escravatura) com a posição de defesa dos escravos. Maria Eunice Moreira, ao analisar o romance, destaca:

Se, de um lado, se observa em **Os palmares**, a influência de José de Alencar, quer na escolha do tema, quer na organização da estrutura ficcional – trata-se de um romance histórico – esta também é

²⁰ SALDANHA, Benedito. **A mocidade do Partenon Literário**. Porto Alegre: Alcance, 2003. p.23.

²¹ PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literária e sua revista. In: MOREIRA, Maria Eunice. **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / CORAG, 2002. p.19.

²² CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / CORAG, 2006.

denunciada pelo tratamento linguístico dispensado em algumas partes.²³

Alexandre Lazzari assinala que o próprio Apolinário Porto Alegre denomina o romance **Os palmares** de romance histórico, contudo “tratou de um evento ocorrido em outro extremo do território brasileiro” (LAZZARI, 2004, p.79). É o único romance em que não é usado o pseudônimo Iriema para assiná-lo. Lazzari esclarece:

A mudança revelaria mais do que uma simples questão de autoria e se refletia no próprio projeto literário de Apolinário. O quilombo dos Palmares foi substituído por referências históricas mais próximas no tempo e no espaço, com a paisagem rio-grandense e a “revolução de 1835” passando a ser o cenário onde se desenvolviam as peripécias dos heróis. A partir de então encontramos sob a autoria de Iriema desde poemas cantando o heroísmo épico dos farrapos como “A Evasão – episódio da revolução”, sobre a fuga de Bento Gonçalves da prisão na Bahia, ou como “Tobias”, outro “episódio da revolução” no qual o capitão de um barco rebelde sacrifica a si e sua família para não entregar-se aos imperiais, até contos em tom pessimista como “A tapera”, onde narra o patético suicídio a que foi levado um bravo capitão farrapo por causa da dupla desilusão que sofreu, na guerra e no amor.²⁴

O drama **Os filhos da desgraça**, também de 1869, tem sua encenação proibida na época, pelo então Chefe de Polícia, alegando que ele envolve questões relativas à escravidão. Para o historiador Moacyr Flores, essa peça é censurada porque coloca em evidência os amores de uma senhora branca com seu escravo mulato. Com tal temática, o autor não tem como inserir a ação em Porto Alegre sem provocar a revolta de muitos chefes de família. Provavelmente, admite Flores, a peça faz os leitores da **Revista do Partenon Literário** chorarem, pois possui todos os elementos do teatro romântico:

a criança abandonada com medalha no peito, o amor contrariado, as diferenças de classes sociais, o salvador que arrisca a vida para deter o cavalo em galope furioso e que se lança ao mar para salvar uma criança, os maus completamente maldosos, os bons terrivelmente bons, a força do dinheiro, o final feliz com o prêmio aos bons e castigo aos maus.²⁵

²³ Ver nota n. 2, p.44.

²⁴ Ver nota n. 16, p.80.

²⁵ FLORES, Moacyr. O teatro abolicionista de Apolinário Porto Alegre. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v.4, n.2, p. 243,1978.

Em **Os filhos da desgraça**, o autor extravasa sua ótica republicana e abolicionista. O comerciante rico e ávido pela fortuna, Basílio, manipula as pessoas que o rodeiam: os escravos, a viúva desamparada e o filho adotivo. A punição final serve de oportunidade ao dramaturgo para se posicionar contra os poderosos e declarar o seu apoio às pessoas menos favorecidas. A linha sentimental da trama, por seu lado, conduz o motivo do casamento e das relações amorosas ao gosto do drama romântico.

Flores justifica a relação da peça com a filosofia abolicionista porque, por seus preceitos éticos e econômicos, não admite a escravidão e a exclusão dos libertos da vida social. Apolinário está em sintonia com os princípios da agremiação que ajuda a fundar, a Sociedade Partenon Literário, sempre empenhada na campanha abolicionista. Já Hilário Ribeiro A. e Silva, em seu escrito por ocasião do aparecimento da peça, critica sua censura, justificando a importância da **mesma**, a partir da obra completa do autor:

O nosso amigo Sr. Aurélio de Bittencourt, no seu Ementário, anunciou com esse júbilo de que possui-se sempre e lhe é tão louvável e natural quando fala nos trabalhos de seus colegas, o próximo aparecimento de um novo drama do Sr. Apolinário Porto Alegre, que tem por título — *Filhos da Desgraça*.

Apolinário Porto Alegre, se não é já uma reputação feita, é sem dúvida uma das maiores esperanças da Província, uma inteligência superior e uma ilustração de quilate.

Sem revestir-se dessa modéstia aparente, ou orgulho excessivo que enverniza os charlatães, ele traz na fronte larga o selo das vigílias e a ruga de quem se afana no labor da ciência, interrogando a si próprio por que tanta sede, tanto calor a requeimar-lhe dentro, se tão mal compensação aqui as letras! . . .

No entanto Apolinário prossegue incessante, ele anima seus colegas, seus conselhos são ouvidos e seu corpo às vezes parece dobrar-se à falta de seiva, o seu espírito redobra de entusiasmo e a sua imaginação inexaurível desenha-nos — **A flor de laranja, Gracina, Os palmares, Caim e Jafé, Sensitiva e Filhos da desgraça!**

E tudo isto, além de um volume de poesias inéditas, e um drama escrito de colaboração com o Sr. Menezes Paredes, tem o Sr. Apolinário feito em curto espaço de tempo, sem alarde, mas com a nobre modéstia que o caracteriza.

Porém, o nosso fim não é discutir o vigoroso talento do nosso amigo, nem tecer-lhe aqui laudatórios, que não os precisa de nós; mas trazer à tela acanhada de uma *Crônica* um fato que causou-nos verdadeira surpresa.

Filhos da Desgraça, que é a sua última composição dramática, teria ido à cena se a aprovação policial a tivesse honrado, como fizera com **Caim e Jafé**.

E, por que a polícia tão indulgente com outros dramas que se tem representado agora em nosso teatro, onde palavras por demais licenciosas são ouvidas, negou o seu beneplácito à produção do Sr. Porto Alegre ? . . .

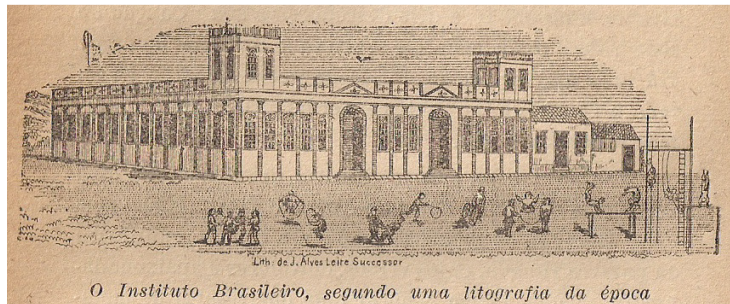
Por que a polícia, consentindo na desenvoltura e despejo de uma *grisette*, que aplaudiríamos noutra palco e não sob o proscênio do São Pedro, recusara o seu visto?

.....
 Condenar assim um trabalho ao ostracismo, que deveria ter um feliz sucesso, deve ser doloroso ao autor, como foi surpreendente a todos aqueles que leram o drama, o ato da polícia.

Houve despotismo ou falta de reflexão? . . . ²⁶

Hilário Ribeiro condena a proibição policial da peça, considerando a liderança cultural do autor no meio rio-grandense, quer quanto à influência que exerce sobre os intelectuais da época, quer quanto à quantidade e à qualidade de sua produção, em diferentes gêneros literários.

Paralelamente a sua atividade artística, Apolinário dedica-se ao magistério. Em 1870, juntamente com seu irmão Apeles Porto Alegre e ainda Vasco de Araújo Silva, funda o Colégio Rio-Grandense. Anos mais tarde, com auxílio de Hilário Ribeiro, cria o Instituto Brasileiro (1876), em Porto Alegre.



O Instituto Brasileiro, segundo uma litografia da época

Legenda: *O Instituto Brasileiro, segundo uma litografia da época*

Fonte: MACHADO, Antônio Carlos. **O solitário da Casa Branca**: a sua vida, a sua obra, sua época. Rio de Janeiro: Pongetti, 1945. p.71.

Conforme Maria Eunice Moreira, o colégio possui um jornal denominado **Escola**, no qual se divulga o conceito de ensino adotado: “Encaramos a educação sob o tríplice aspecto – físico, intelectual e moral – condição impreterível: ao contrário, será de resultados nulos”²⁷. O Instituto Brasileiro é um dos importantes colégios do século XIX, formando futuros cidadãos, que vão se destacar na sociedade sul-rio-grandense, alguns, inclusive, fazendo parte da Sociedade

²⁶ SILVA, Hilário Ribeiro A. e. Ementário Mensal. Porto Alegre, **Revista do Partenon Literário**, ano I, n.4, p.30, jun. 1869.

²⁷ Ver nota n. 2, p.12.

Partenon Literário. A escola funciona até 1890, defendendo a ideia de que a Pátria se beneficia com a aquisição do conhecimento ali realizado, pois o aluno usa essa informação para buscar o progresso e lutar pela liberdade do País. Lazzari chama a atenção ao fato:

Escolas particulares como o Instituto Brasileiro, por seu lado, dirigidas por educadores de renome, eram destinadas a uma minoria, aos filhos das famílias de melhores condições sociais e econômicas. Apolinário Porto Alegre, apesar da pregação democrática de seus discursos e de sua literatura, tinha consciência de que educava a elite da sociedade rio-grandense e pretendia formar dirigentes aptos a conduzir a República que o futuro haveria de trazer.²⁸

Emílio Fernandes de Souza Docca²⁹ destaca que esses colégios, como as demais escolas particulares, devem em grande parte o seu ensino a homens ilustres dessa geração³⁰. Em relação a essa dupla jornada de escritor e professor, Alexandre Lazzari elucidada:

Ainda que alguns eminentes veteranos das letras da Província estivessem entre os fundadores do Partenon, é certo que a iniciativa maior em liderança e entusiasmo coube a uma nova geração de cidadãos cultos nascidos após a guerra de 1835-45, em sua maioria também envolvidos com as instituições de ensino da província. Neste aspecto, foi emblemática a presença dos irmãos Apolinário, Apeles e Aquiles Porto Alegre. Filhos de um funcionário da alfândega imperial, todos os três fizeram carreira como professores, fundaram escolas particulares e dirigiram jornais diários na capital. A eles juntaram-se diversos jovens professores em escolas públicas e particulares, como Hilário Ribeiro, Vasco de Araujo e Silva, José Teodoro de Souza Lobo, Afonso Luis Marques, Luciana de Abreu, entre outros. Entre os não-professores, destacaram-se também funcionários públicos e jornalistas, como Aurélio Veríssimo de Bittencourt e José Bernardino dos Santos, que exerceram ambas as profissões. Todos contavam então com idade em torno dos vinte anos e alguns já defendiam abertamente princípios republicanos.³¹

O estudioso salienta a relação entre o magistério e as atividades intelectuais da geração de Apolinário, o que denota a preocupação social dos jovens de sua época, que veem na educação um veículo de aprimoramento cultural. Eduardo Arriada, em

²⁸ Ver nota n. 16, p.185.

²⁹ DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. **História do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Simões, 1954.

³⁰ A partir de 1853, o professor Fernando Ferreira Gomes funda e dirige o Colégio Gomes, um estabelecimento de educação, que funciona até 1878, escola, aliás, frequentada por Apolinário, como se viu. (ARRIADA, 2007. p.101)

³¹ Ver nota n. 16, p.62-63.

seu estudo sobre a educação secundária da Província de São Pedro, destaca algumas características dos colégios particulares no século XIX:

Era bastante comum os Colégios particulares utilizarem reclames nos principais jornais da Província com o intuito de cooptar os alunos. Uma das questões normalmente presente era arrolar os predicados dos professores, sua origem e sua formação. Informavam os níveis de ensino; que tipos de alunos eram aceitos; se no estabelecimento existia ensino apenas masculino, ou ainda feminino; etc. Nesse sentido, encontramos inúmeros anúncios tanto nos jornais, como em almanaques e revistas da época.³²

Na propaganda para atrair novos alunos, as escolas valorizam a formação de seus professores, anunciam o ensino oferecido nas diversas disciplinas e divulgam os critérios de seleção dos alunos na imprensa da época, como este fragmento destaca:

Os diversos colégios particulares adotavam uma política extremamente agressiva na busca de alunos, além disso, eram práticos nos seus objetivos, isto é, visavam um ensino que propiciasse aos estudantes serem aprovados nos exames preparatórios, nada mais, nada menos, do que isso. Sem floreios, sem perda de tempo e desperdício de um vasto e amplo rol de disciplinas ofertado pelo Liceu. Além do mais, muitos dos Colégios tinham o internato, o que facilitava a vida de muitos pais.³³

Em 1870, mesmo ano da fundação do Colégio Rio-Grandense, Apolinário Porto Alegre, frequentador assíduo dos órgãos de imprensa, começa a publicar seus textos na revista mensal **Murmúrios do Guaíba**, que se dedica às letras e à história do Rio Grande do Sul. Nesse ano, aparece no periódico o conto “O monarca das coxilhas” e o parecer crítico sobre o romance **A douda**, de José Bernardino dos Santos, editor e principal redator da revista. É essa a origem do ensaio realizado por Apolinário Porto Alegre sobre o romance. César comenta:

À independência do julgamento, friamente objetivo no condenar e parcimonioso no aplaudir, respondeu o autor do romance com igual superioridade, inserindo a crítica arrasadora na revista literária que fundara e dirigia.³⁴

³² ARRIADA, Eduardo. **A educação secundária na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007, p.104.

³³ Ver nota n. 32, p.107-108.

³⁴ Ver nota n. 22, p.367.

Esse parecer examina o romance de Santos, pois, como afirma Moreira³⁵, Apolinário critica o estilo, a dicção e os aspectos de ordem formal, apontando as dificuldades da narrativa. A análise demonstra que o crítico é fiel aos parâmetros estéticos da tradição greco-romana. Como o material é reduzido e apenas é possível ler atualmente a conclusão, pode-se inferir que Apolinário, ao estudar a obra, reprova nela as imperfeições cometidas no tratamento literário do espaço regional, enfatizando a linguagem e a realidade ficcional como os elementos que devem ser essenciais no romance.

César observa que Apolinário, além de conquistar o lugar de precursor nesse gênero literário, volta a escrever ensaios com desenvoltura sobre outras obras. Contudo, a crítica literária sul-rio-grandense somente tem sua expressão mais perfeita dez anos mais tarde, com o poeta lírico Damasceno Vieira (CÉSAR, 2006, p.369).

O ano de 1870 marca, ainda, mudanças na vida jornalística do sul: **Arcádia**, jornal em que Apolinário publica várias poesias, encerra suas atividades, e o autor passa a colaborar no **Jornal do Comércio**, sediado em Porto Alegre, onde encontra espaço para a apresentação de seus textos poéticos, durante toda a década de 1870.

Em 1872, Apolinário escreve o “Elogio fúnebre de Felipe Néri” e o romance **O vaqueano**. O primeiro texto, que aparece na **Revista do Partenon Literário**, destaca fatos relevantes da vida do homenageado, enquanto o segundo, lançado na mesma revista, é inspirado no livro **O guarani**, de José de Alencar (MOREIRA, 1991, p.166). Porto Alegre pretende, com esse romance, estudar o temperamento do gaúcho tradicional, descrevendo um episódio da Revolução Farroupilha de 1835 e colocando em cena, pela primeira vez, a figura do vaqueano rio-grandense. Guilhermino César acentua:

Quando Vítor Valpírio lançou a sua proclamação nacionalista, Apolinário mal iniciava a publicação d’**O vaqueano**, onde o intuito de fazer um romance tipicamente gaúcho se perdeu na frase sonora, na fuga à mesma realidade, no amaneirado da prosa alencariana, a que Apolinário tanto se prendera n’**Os palmares**, e ainda pelo sortilégio exercido sobre ele e seus companheiros pelo arredondado e flexuoso Alexandre Herculano, um dos ídolos do Partenon.³⁶

³⁵ MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo literário e crítica romântica**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991. p.165.

³⁶ Ver nota n. 22, p.197.

O desenvolvimento da intriga ressalta a personagem principal, José Avençal, um herói romântico, colocado em um ambiente regional, com o pano de fundo da Revolução Farroupilha. Massaud Moisés considera assim **O vaqueano**:

E mercê do esforço de vislumbrar o painel em que a trama se desenrola, a narrativa espicha-se artificialmente: várias cenas se enfileiram, guiadas por um empenho digressivo, mais preocupado com o pitoresco histórico e localista que com o drama vivido por José de Avençal, o Vaqueano. Tais inchaços conferem aparência de novela à narrativa, mas na verdade trata-se de um conto, visto que, isolada a situação dramática de José de Avençal e Rosita, tudo o mais constitui aderência perfeitamente dispensável.³⁷

A obra consiste em uma narrativa que sofre influências de José de Alencar. Refletindo o gosto pela cor local, caracteriza-se por um estilo que busca traços de lirismo, a par do regionalismo, isso porque a descrição da natureza inspira o ritmo poético pretendido pelo autor. Para Lúcia Miguel-Pereira³⁸, a história de **O vaqueano** pode acontecer em qualquer outro local, não necessariamente no interior gaúcho. Contudo, para ela, Apolinário Porto Alegre contribui para conferir ao regionalismo sul-rio-grandense o cunho autêntico. Na obra do autor, isso ocorre através dos termos locais que ele coleciona.

Mas não é apenas a linguagem que se destaca no livro. Segundo Maria Eunice Moreira (1991,p.172), a estrutura narrativa do romance gaúcho consiste na mesma adotada em **O guarani**, por José de Alencar. Não é, pois, um romance original, mas tem a capacidade de revelar a particularidade do elemento local em relação ao nacional. Isso significa que o autor sulista, de um lado, está atento ao movimento literário nacional e, de outro, compromete-se com os motivos de sua terra. Nesse aspecto, Luís Marobin³⁹ destaca que **O vaqueano** traduz o gosto pelas coisas gaúchas, em um regionalismo rudimentar, mas que abre horizontes novos, por fixar o tipo vaqueano com características de bravura, liberdade e exuberância vital.

No ano de 1873, Apolinário amplia sua produção: o romance **Feitiço d'uns beijos**, as biografias de José de Alencar e de Manoel José da Silva Bastos, a comédia **Mulheres** e o drama **Sensitiva**. Em **Feitiço d'uns beijos**, publicado na

³⁷ MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: das origens ao romantismo. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 577.

³⁸ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira**. São Paulo: J. Olímpio, 1950.

³⁹ MAROBIN, Luís. **A literatura no Rio Grande do Sul**: aspectos temáticos e estéticos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

Revista do Partenon Literário, o tema deixa de ter como pano a Revolução Farroupilha para situar-se em Porto Alegre, onde o jovem André recebe um cartucho de beijos de uma admiradora secreta. A história evolui até ele encontrar a moça e casar-se com ela, indo viver na estância do pai. Trata-se, pois, de uma história de amor que começa na cidade e realiza-se no campo, o que permite ao autor retratar esses dois espaços.

Na biografia **José de Alencar**, Apolinário defende o escritor de críticas feitas por Pinheiro Chagas. Em dez capítulos, aponta a vocação nacionalista de Alencar, a partir da defesa que o cearense faz da literatura brasileira, destacando ainda a crítica literária, a criação artística e as condições de produção que o autor encontra. Apolinário entra aqui em outro cenário, o da crítica literária, emitindo conceitos e demonstrando conhecimento das condições da prática no Brasil. Com respeito às relações entre Apolinário e Alencar, Maria Eunice Moreira afirma:

A superioridade de Alencar, reconhecida no texto de Apolinário, é confirmadora de que o representante do Partenon, posicionando-se a favor do autor de **Iracema**, assume a defesa de uma tese mais ampla: a da participação dos românticos gaúchos na afirmação da nacionalidade literária brasileira.⁴⁰

Para a estudiosa, Apolinário une-se ao Romantismo brasileiro, quando se coloca em defesa de Alencar, considerando-o inspirador do ideário que ele mesmo persegue. Ao ressaltar as virtudes do romancista cearense, o autor como que traça parâmetros para sua própria obra.

Por sua vez, no **Esboço biográfico de Manoel José da Silva Bastos**, também divulgado pela **Revista do Partenon Literário**, Apolinário ressalta a obra teatral do homenageado, comparando-o aos clássicos universais. Segundo ele, Silva Bastos merece estar também no panteão, por suas qualidades criativas. A seguir, lança a peça **Mulheres**, em que o cômico é estabelecido pelas tramas de uma parteira que visa evitar um casamento incestuoso. No drama **Sensitiva**, novamente, é tratado o tema do matrimônio proibido, agora devido às dívidas do pai da noiva, que, por isso, quer que ela case com um rico comendador. Sobre **Sensitiva**, Aurélio V. de Bittencourt escreve o seguinte:

⁴⁰ Ver nota n. 35, p.167.

Filhos da desgraça e Sensitiva são os títulos de dois novos dramas do Sr. Apolinário Porto Alegre.

O primeiro é essencialmente popular, pelo que, posto em cena, obteria os aplausos da nossa plateia; a *Sensitiva*, porém, é um drama, que, como a *Dalila*, é melhor apreciado lendo-se.

O título mesmo faz conhecer a linguagem apurada e fina em que está escrito o drama.

Sensitiva! planta mimosa tão cara a todo aquele que tem coração, que ama, que está acima dos cálculos materialistas da época.

Sensitiva! fruto de uma imaginação de fogo, de uma inteligência tão vasta quanto esclarecida, que já nos tem dado outros tão sazonados frutos, como *Os Palmares*, *A Flor de Laranja*, *Gracina*, (romances), *Caim e Jafé*, e *Jovita* (dramas), este último de colaboração com o Sr. Menezes Paredes.

Não descanse o meu nobre amigo, e lhe auguro os louros do futuro.⁴¹

Os comentários elogiosos do crítico estendem-se a outras obras de Porto Alegre, o que revela o conceito positivo que o autor tem entre seus contemporâneos. Bittencourt refere-se a peças teatrais e também a romances, salientando o caráter literário das primeiras, uma vez que as considera melhor como leitura do que apresentação. Por isso, valoriza a qualidade linguística das mesmas. Guilhermino César faz um breve comentário sobre as peças teatrais de Apolinário:

Quando faz teatro de ação e simples, como em *Benedito*, atinge a atmosfera conveniente, consegue prender e interessar. A cena em que aparecem, nessa comédia, o sacristão casamenteiro e o voluntário de regresso do Paraguai, ambos excelentes tipos, é de uma comicidade natural, que mostra até que ponto o teatro de costumes seria bem sucedido, se nessa direção insistisse Apolinário. Outra de suas criações que a memória retém é a velha Pancrária, da comédia *Mulheres!*. O traço psicológico bem marcado, a linguagem viva, pitoresca, o ar “estúrdio” da figura e das suas palavras, tudo se conjuga para distingui-la como um dos melhores tipos criados pelo autor. Mas em *Os filhos da desgraça* e outras peças que tais, de fundo social, foi que Apolinário insistiu, nelas derrando à larga a sua ideologia de republicano e antiescravista. O usuário Basílio, nesse drama, requinta em atrocidades, para justificar a sua sede de ouro e de poder.⁴²

Em 1874, Apolinário publica o poema “*Gabila*”⁴³, na **Revista do Partenon Literário**, no qual transforma o escravo em cavaleiro, num esforço abolicionista em sintonia com seus ideais políticos. Para Guilhermino Cesar, no começo a poesia é

⁴¹ BITTENCOURT, Aurelio V. Ementário Mensal. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, ano I, n.2, p.31, abril. 1869.

⁴² Ver nota n. 22, p.282.

⁴³ PORTO ALEGRE, Apolinário. *Gabila*. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.7, 8, 10 e 11, 1874; n. 1 e 2, 1875; p.42-43, p.88-90, p.182-184, p.225-227; p. 31-32, p.83-84.

de inspiração nitidamente regionalista, tomando aos poucos feições românticas, para depois voltar-se aos temas sociais em voga. O longo poema inicia-se com a descrição idealizada da natureza, à qual, em seguida, se opõe a difícil situação dos escravos:

Gabila

Eis a roça. A maniva grela e punge
 Nos camalhões em renque. O sol da América
 Surgindo dentre lindas, róseas nuvens,
 Fulge nos brotos ao nascer dourados.
 Os escravos ali, de enxada em punho,
 Trabalham, e ao vaivém certo e incessante
 Dos afiados ferros, em compasso,
 Desprendem a monótona cantiga
 Que a pátria longe evoca, além dos mares.
 As tristes vozes na floresta em torno,
 Onde livre resplende a natureza,
 Onde tudo se curva a Deus somente,
 Ecoam como satânica risada,
 Como vivo sarcasmo que desonra
 O pavilhão dum povo. Cantem, míseros;
 Cantem, isto consola ao peito aflito.
 No cruento rigor do cativo
 É traduzir em vibrações solenes
 A saudade que a alma dilacera
 Cantem, porém trabalhem sem descanso,
 Que, fero o cenho, o capataz vigila.

O tema da abolição é um dos mais frequentes na literatura poética de Porto Alegre, como acontece em “Gabila”, em que o escravo aparece antes de tudo como uma propriedade do estancieiro, que o coloca no trabalho do campo e o maltrata, quando ele não cumpre seu dever ou foge. Regina Zilberman enfatiza que a liberdade nunca é conquistada, e sim concedida, pois em “Gabila, são os farrapos os que libertam o escravo e só depois ele se torna um herói na guerra”⁴⁴. É exatamente esse aspecto que Zilberman aponta ao afirmar que os autores do século XIX estão comprometidos com a tarefa da independência e da liberdade, apoiados no pensamento e na ética iluministas:

O escravo, que sonha com a liberdade, a vê personificada nas forças da natureza, especialmente no cavalo. Este, com o qual Gabila estabelece uma amizade particular, praticamente uma irmandade, simboliza a vida livre, em comunhão com o mundo natural. Como na

⁴⁴ ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p.32.

lenda popular, o verdadeiro companheiro é encontrado ao lado do animal. Assim, Gabila, ao ser ver libertado pelos farrapos, procura imediatamente Malungo, potro que criou e que nenhum branco conseguira domar.⁴⁵

Essa relação, por sua vez, vincula-se a uma característica que é expandida pelo regionalismo:

É a do animal como sinônimo de liberdade, configurando um eixo que unifica o homem, o mundo natural (representado pelo cavalo, seu principal e mais fiel companheiro) e um ideal, o da vida livre e libertária. O gaúcho é o sujeito destas propriedades, mas ele tem no negro um antecedente, embora seu grande ancestral, seja, na maioria dos poemas regionais, o índio.⁴⁶

Donaldo Schüller critica o poema “Gabila”, pois acredita que o esforço não passa do segundo canto. O texto, em estilo condoreiro, abre-se com uma dedicatória ao poeta Hilário Ribeiro. Desde o princípio, a poesia limita-se ao Rio Grande do Sul, quanto ao assunto e quanto ao leitor, demonstrando apego à poesia regional, em um clima de alusões estereotipadas ao relevo, à fauna, à flora e aos costumes, destacando aqueles que lembram batalhas e lendas.

Quanto aos versos, Schüller considera que eles são mal acabados e estão mais próximos da prosa do que da poesia. Contudo, não falta imaginação ao poeta ao descrever o passado do herói, quando narra o episódio entre Gabila e o cavalo Molungo. Porém, Apolinário sacrifica a oportunidade de escrever um poema original, na medida em que se submete a uma linguagem retórica:

O que destruiu Apolinário Porto Alegre como poeta foi precisamente o respeito a uma sintaxe sacrossanta feita de lances retóricos e adjetivação sonora. Apolinário a respeitou por ela se apresentar com impositiva majestade. Estranha fidelidade num republicano.⁴⁷

Ainda em 1874, Apolinário publica o conto “A tapera” e a comédia “Benedito”, ambas na **Revista do Partenon Literário**, e ainda o livro de poesias **Bromélias**. A narrativa desenvolve-se através de uma linguagem rica em descrições que idealizam o cenário rural. “Benedito”, com o subtítulo “Esboço de uma comédia”, é sobre um casamento que não pode acontecer, o da jovem Marfisa com o ex-sacristão

⁴⁵ Ver nota n.44, p.31.

⁴⁶ Ver nota n.44, p.31.

⁴⁷ SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.55.

Joaquim, credor de seu pai. Alfredo, o noivo oficial, prega uma peça em Joaquim, com o objetivo de afastar a concorrência, e consegue. Através de um texto cômico, como salienta Moreira, o autor traz à luz sérias questões de posição política bem como critica a estrutura da sociedade, em que o dinheiro exerce opressão e limita a liberdade do ser humano. Em outras palavras, casar por dinheiro é submeter-se ao mais rico.

Em **Benedito**, Moacyr Flores encontra princípios éticos abolicionistas que estão em desacordo com os hábitos, as virtudes, os vícios e os preconceitos raciais da sociedade porto-alegrense do século XIX. Mas Flores destaca que o castigo da palmatória, aplicado injustamente, é o único elemento que comove os espectadores. Para ele, a intenção da comédia é a de divertir e chamar a atenção para o tema da abolição, não funcionando como um protesto.

É em **Bromélias** que Apolinário Porto Alegre estreia em livro, escrevendo no gênero que ele mais cultivava – a poesia. Essa coletânea de versos, com exceção do poema de abertura, tematiza assuntos rio-grandenses, estruturando-se em três partes: "Harpa do deserto", com treze poemas de inspiração regionalista; "Lira da mocidade", com quinze poemas em versos sentimentais; "Alaúde do século", com sete poemas de temas sociais, como a escravidão, o celibato clerical, o liberalismo político e a imprensa. O autor justifica o título do livro da seguinte maneira:

À simpatia que voto a esta planta de nossas matas e de nossos campos, cuja variedade é multiplicadíssima, e cujas flores constituem um dos mais belos ornatos da selva e das várzeas, deve-se o título deste livro.⁴⁸

Essa nota revela que Apolinário tem a intenção de contribuir para a criação de uma literatura brasileira, tematizando os recursos oferecidos pela natureza. Ao apresentar "Harpa do deserto", o autor reforça essa ideia, assim se expressando:

HARPA DO DESERTO — apenas reflete tíbios lampejos nacionais. Mais tarde, se este volume sem pretensões for bem acolhido, virá um sucessor menos defeituoso, para o que já tenho algum material. Então ocupar-me-ei principalmente de nosso indígena e das lendas brasileiras.⁴⁹

⁴⁸ PORTO ALEGRE, Apolinário. **Bromélias**. Porto Alegre: Impr. Litteraria, 1874. p.186.

⁴⁹ Ver nota n. 48, p.186.

A crítica de autores contemporâneos a Apolinário Porto Alegre, na **Revista do Partenon Literário**, como A. S. e Augusto Rodrigues Totta, é importante para destacar a posição do escritor dentro da vida literária sulina:

BROMÉLIAS — Saiu das oficinas da *Imprensa Literária*, (sic) um volume de poesias do incansável literato e nosso amigo Apolinário Porto Alegre. Para outra ocasião nos ocuparemos deste livro, que tantos aplausos tem conquistado. Se ao distinto literato temos motivos para felicitá-lo, mais uma vez; manda a justiça que não passemos em silêncio o trabalho tipográfico, que é incontestavelmente o mais nítido que se tem feito na província.⁵⁰

A. S. anuncia, em sua crônica, não só o lançamento do livro **Bromélias**, de Apolinário Porto Alegre, mas ainda o conceito que o poeta tem entre os intelectuais de sua época, o que leva o cronista a prometer uma crítica da antologia de poesia em próxima ocasião. Em Augusto Totta tem-se a repercussão do lançamento de **Bromélias** por José de Alencar:

Carta. — Apresentamos aos leitores a interessante carta que dirigiu a um de nossos consócios o ilustrado literato J. de Alencar, já por ser ela lisonjeira à «Revista do Partenon», e por tratar do nosso simpático e inteligente *Iriema*, tão conhecido entre nós pelas suas brilhantes produções literárias. Eil-a:

Ilmo. Sr. — Recebi os quatro volumes da coleção da interessante «Revista do Partenon», que V. S. me fez o favor de remeter.

«Antes de tudo cumpre-me agradecer tão precioso mimo, e pedia a V. S. de servir de intérprete ao meu reconhecimento para com os colaboradores da «Revista» que fizeram o favor de ocupar-se de meus escritos; e especialmente para com o distinto e Ilustrado *Iriema*.

«Ignorava que ao tempo das emboscadas que me faziam uns moços... convertidos em instrumentos de um rábula... houvesse na heroica e generosa província do Rio Grande um escritor de grande mérito e nobres sentimentos que espontaneamente tomou a si vingar os foros de nossa nacionalidade literária, ferida por paixões inconfessáveis.

«Foi somente agora que percorrendo as páginas da «Revista do Partenon» tive o prazer de ler as palavras animadoras de *Iriema*, a quem já conhecia por um belo volume de poesias intitulado *Bromélias*, e a quem não me dirijo pessoalmente por ignorar seu nome.

« Por último rogo a V. S. sirva-se incumbir nesta corte a alguém de receber alguns volumes de obras minhas que destino à biblioteca do Partenon.

«Com estima e consideração. De V. S. etc. etc.—*José de Alencar.* -
— Corte 12 de janeiro de 1875.»

⁵⁰ S., A. Crônica. Porto Alegre, **Revista do Partenon Literário**, ano III, p.93, ago. 1874.

Ao distinto Apolinário Porto Alegre os nossos emboras pelo merecido conceito que de S. S. faz à mais legítima glória literária brasileira.⁵¹

A carta de agradecimento de José de Alencar é importante, pois Apolinário Porto Alegre o admira muito, inclusive o defende de críticas, como se viu anteriormente. Por outro lado, os elogios do autor cearense vêm legitimar a produção de Apolinário, valorizando-a para além das fronteiras sulinas. O historiador Alexandre Lazzari comenta a admiração de Iriema a Alencar:

A admiração devotada pelo patriótico Iriema a Alencar manifestava-se na defesa intransigente de sua supremacia nas letras nacionais. Mas se a inspiração era a da nacionalidade, o alcance da intervenção dos literatos porto-alegrenses na vida social e cultural era pensado dentro dos limites da província.⁵²

A repercussão positiva tem a ver com o fato de que “a consciência política do poeta leva-o a pugnar pela liberdade como condição indispensável e básica para o ato de viver”⁵³. A crítica reconhece, nesse sentido, que “o direito à liberdade constitui o fio condutor dos poemas reunidos na parte final de **Bromélias**”⁵⁴ (MOREIRA, 1989, p.56). Essa ânsia de liberdade é expressa em vários poemas, como em “A imprensa”, no qual o poeta deposita nos meios de comunicação tal desejo. **Bromélias** define a linha poemática que o autor produz nos anos seguintes, nos jornais e nas revistas.

Ainda em 1874, a editora Imprensa Literária lança o jornal **O Mosquito**, em que Apolinário também colabora. Em janeiro desse ano, é preso o bispo D. Vital, representante no Brasil da tendência antimacônica, que condena a ligação entre a Igreja e as “sociedades secretas”. Abre-se, assim, a “questão religiosa” dentro da propaganda republicana, para a qual Porto Alegre colabora em seus poemas sobre o lugar da religião e do clero, como em “O celibato do clero”⁵⁵, na parte final de **Bromélias**. O espírito combativo do autor também aparece em sua dramaturgia. Quanto ao gênero teatral, exercido por Apolinário, Maria Eunice Moreira destaca a representação dos variados segmentos da sociedade da época:

⁵¹ TOTTA, Augusto Rodrigues. Crônica. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, ano IV, n.4, p.37-38, jan.1875.

⁵² Ver nota n. 16, p.147.

⁵³ Ver nota n. 2, p. 56.

⁵⁴ Idem, ibidem.

⁵⁵ PORTO ALEGRE, Apolinário. O celibato do clero. In: **Bromélias**. Porto Alegre: Impr. Litteraria, 1874. p. 132-138.

Transitando da comédia para o drama, observa-se na produção teatral de Apolinário Porto Alegre uma proximidade entre os diversos textos, abrangendo principalmente dois níveis: o das personagens e o temático. Escravos, soldados e tipos populares aparecem lado a lado de representantes da nobreza do clero, alternando-se, entre eles, o burguês endinheirado, rico também em vícios, em tramas que envolvem o idealismo republicano, os preconceitos familiares, a escravidão negra, a ridicularização do clero.⁵⁶

A peça seguinte, a ser publicada na **Revista do Partenon Literário** em 1875, “Ladrões de honra”, prevista para ser desenvolvida em quatro atos e cinco quadros, é interrompida ao final do terceiro ato, sem que se conheçam as razões. Os três atos iniciais permitem reconhecer elementos já desenvolvidos nas demais obras do dramaturgo Apolinário.

Também em 1875, Porto Alegre escreve “O crioulo pastoreiro”⁵⁷, uma lenda rio-grandense lançada pela Biblioteca Rio-Grandense de J. J. R. da Silva, e **Paisagens**, pela Imprensa Literária de Porto Alegre. O segundo texto é assinado com o pseudônimo Iriema, abrindo uma série proposta por J.J. da Silva, que o torna o pioneiro na exploração do regionalismo. Maria Eunice Moreira considera:

Dentre as bases garantidoras da tendência regionalista do texto, algumas formas explicitamente mencionadas pelo Autor em notas apenas ao final do volume: conjunto de contos que compõem **Paisagens** pretende traçar esboços de cenas campestres como também se apropria de vocábulos da linguagem popular, através de termos regionais, provérbios e adágios próprios da América e não da Europa.⁵⁸

João Pinto da Silva⁵⁹ elogia **Paisagens**, justamente por seus tipos regionais, que carregam um caráter pitoresco em excesso:

Nas **Paisagens** aparece pela primeira vez, sob forma viável, como fator estético, o nosso homem do campo, desdobrando-se numa série pitoresca de personagens saturadas do Romantismo, a exemplo, aliás, dos mais famosos livros da época.⁶⁰

⁵⁶ Ver nota n. 2, p.63.

⁵⁷ Não é possível encontrar este texto hoje em dia e provavelmente é a primeira versão letrada da lenda do Negrinho do pastoreiro.

⁵⁸ Ver nota n. 2, p.49.

⁵⁹ SILVA, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1930.p.139.

⁶⁰ Idem nota n. 59, p.139

Regina Zilberman ressalta que cabe à literatura estabelecer a identidade com o meio através de elementos retirados da História e dos hábitos locais, com função educativa e moral, levantando o público e fortificando as instituições civilizatórias:

Compete a **Paisagens**, de Apolinário Porto Alegre, concretizar estas metas: dar vazão ao anseio de representação literária das sugestões locais; fundar uma literatura autônoma; propor um outro tipo de relação com o leitor, passando por novos canais que não os empregados pela “literatura de estranhos” (na expressão citada de Taveira Junior); e, até mesmo, dar corpo e consistência ao público que precisava crescer ou, ao menos, amadurecer.⁶¹

É ainda de 1875 a comédia “Vidal”, representada por amadores no Teatro São Pedro, em Porto Alegre. Em 1877, Apolinário muda de gênero literário e escreve o romance **Lulucha**, publicado na **Revista do Partenon Literário**, que fica inacabado, talvez devido à interrupção da circulação da revista. Trata-se da história de Augusto, um jovem advogado tuberculoso que sai da cidade e vai para o campo em busca da cura de sua doença. A diferença da vida no campo e na cidade é debatida na história, sendo que o autor privilegia a vida do campo, tema do regionalismo sul-riograndense. Lazzari afirma:

O que Iriema pretendia com esta história, em vez de narrar lendas fantásticas ou distinguir e formular juízos sobre raças e hierarquias sociais, era levar o leitor urbano a imaginar nos costumes primitivos do campo o exemplo moral para uma vida saudável, livre dos vícios e preconceitos da etiqueta social e com um sentido autenticamente nacional.⁶²

Apolinário Porto Alegre volta a escrever versos quando homenageia o Partenon Literário através do Instituto Brasileiro no poema intitulado “Instituto Brasileiro ao Partenon Literário”⁶³, em 1878. Em nome da escola por ele fundada, o autor prestigia a Sociedade Partenon Literário. Eis um fragmento do poema:

O INSTITUTO BRASILEIRO AO PARTENON LITERÁRIO

Ao brilho das festas, aos cantos ferventes,
Às mil ovações que de longe vos veem,
Ao som das orquestras, à voz dos poetas,
Deixai q’eu vos traga meus votos também.

⁶¹ Ver nota n.44, p.55.

⁶² Ver nota n. 16, p.118.

⁶³ PORTO ALEGRE, Apolinário. O Instituto Brasileiro ao Partenon Literário. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 23 maio 1878.

Erguestes um templo, chamando os talentos
 Que o céu nos concede nas terras daqui;
 Arautos do belo, em impulso valente,
 Dissestes a todos: Pensai e Senti!

Ao mágico apelo, essas almas que fitam
 — Condores no espaço — os lampejos do sol,
 À justa correram, pensaram, sentiram,
 Banhadas em ondas de doce arrebol.

Nesse poema, são reverenciados os fundadores da Sociedade Partenon Literário por possibilitarem o desenvolvimento de novos talentos que vão aflorar na Província em várias áreas do conhecimento. Naquele ano, Apolinário publica “Ao Partenon Literário no seu primeiro decênio”, na Imprensa Literária, em Porto Alegre, discurso proferido na cerimônia de comemoração da criação da Sociedade Partenon Literário. Ainda em 1878, funda-se o Clube Republicano de Porto Alegre, começo da arrancada da efetiva organização partidária. A partir daí, os jovens descompromissados com as oligarquias regionais organizam-se e tomam a resolução de convocar, em fins de 1881, a 1ª Convenção Republicana Regional, para 23 de fevereiro de 1882. Nessa data, é fundado o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), com o início formal do Partido. Não se deve excluir ou menosprezar a contribuição de Apolinário na campanha republicana entre os rio-grandenses. Lazzari assinala:

Na biografia que publicou em 1954, Álvaro Porto Alegre sustentava que o partido republicano na província tinha sido criação de seu pai, o qual, com alguns amigos, teria criado o “Clube 20 de Setembro” em 1868. Aquiles Porto Alegre também tinha se manifestado em defesa da primazia do irmão, apontando o ano de 1871 como o da organização do primeiro grupo republicano em Porto Alegre. O que interessa para nossa discussão, mais do que atestar o suposto pioneirismo, é o papel que os letrados da província exerceram na construção de uma nova organização política e seu ideário.⁶⁴

A particularidade desse encontro é que se adota o Positivismo como ideologia do partido. Essa característica traça sua diferença em relação à organização partidária das demais regiões brasileiras. Cabe à comissão executiva provisória eleita, formada por Ramiro Barcelos, Luis Leseigneur, Demétrio Ribeiro, João Pedro

⁶⁴ Ver nota n. 16, p.196.

Alves e Apolinário Porto Alegre, planejar para o ano seguinte o 1º Congresso, na busca de meios eficazes de ação.

Em 1878, começa a circular o jornal **A Imprensa**, primeiro diário republicano, fundado pelos irmãos Apeles e Apolinário Porto Alegre. A vida cultural da Província intensifica-se com a criação das sociedades dramáticas particulares, "Ensaio Dramáticos" e "Ginásio Dramático", havendo grande movimentação no Teatro São Pedro. Nessa década, as mulheres, antes reclusas, começam a ter mais independência, podendo ser encontradas nos bailes de máscaras durante o Carnaval.

Em 1879, Apolinário publica um estudo sobre "José de Alencar", na **Revista do Partenon Literário**, em Porto Alegre, defendendo o lugar do escritor no cenário da literatura brasileira da época, sobretudo no que diz respeito à crítica de Alencar ao poema **A confederação dos tamoios**, de Domingos José Gonçalves de Magalhães. Apolinário demonstra sua empatia pela obra de Alencar; possui, ainda, visão peculiar que auxilia a localizar, com clareza para a época, alguns problemas, como é o caso do nacionalismo na literatura brasileira. O ensaio, dividido em cinco capítulos, enfatiza o princípio republicano da separação entre a Igreja e o Estado, embora admita a contribuição dos jesuítas para a construção da nacionalidade. O escrito de Apolinário Porto Alegre tem origem em "pareceres", relatos de um especialista que são submetidos a exame, discussão e aprovação dos outros sócios do Partenon. Portanto, a crítica é sempre provisória, podendo ser aceita pelo pares ou não.

As questões culturais e políticas levantadas pelo autor sul-rio-grandense refletem-se em sua obra, dedicada a criar tipos significativos, como, por exemplo, em **O vaqueano**. Demonstrem também seu comprometimento social, o que volta com a comédia "Epidemia política", em 1882, lançada pela Tipografia do Correio do Sul, em Porto Alegre, e representada pela Sociedade Emancipadora Rio-Grandense, em Porto Alegre. Antonio Carlos Machado enfatiza que Apolinário Porto Alegre é um homem que não desiste de uma ideia:

Quando deliberou em fundar a revista **Partenon**, nada conseguiu demovê-lo desse propósito, arrostou de viseira erguida todos os enormíssimos entraves que lhe antepuseram, como se outro galardão não aspirasse além da satisfação íntima que deriva do ideal satisfeito.⁶⁵

⁶⁵ MACHADO, Antonio Carlos. **O solitário da Casa Branca**: a sua vida, a sua obra, a sua época. Rio de Janeiro: Pongetti, 1945. p.18.

A revista de que Apolinário é um dos fundadores chega a possuir centenas de assinantes em toda a Província. Para comprovar a importância desse veículo, Machado destaca que Alcides Maya é influenciado por ela para criar a editora Imprensa Literária, para a publicação de romances, dramas e outros trabalhos destinados a uma biblioteca só de autores rio-grandenses. Essa editora, posteriormente, lança dois livros de Apolinário que têm um lugar especial dentro da cultura regional. Machado comenta o fato de que o autor é um filólogo:

Nos domínios da filologia foi Apolinário um abalizado sabedor. No posfácio de **Paisagens** dizia ele conter esse livro “trezentos vocábulos e formas desconhecidas à linguagem clássica”, anunciando o lançamento de uma obra intitulada **Dialeto Nacional**, para a qual já havia coligido “alguns dez mil termos e expressões”. Em página do **Popularium** divulgada por Augusto Daisson, narra Apolinário como lhe nasceu o gosto pelas pesquisas filológicas. “Numa faina de farinha – escreve ele – um peão ruscando com outro que partava os tipitins na prensa, teve sorte pendência, em que me foi preciso intervir. Dizia-me ele no auge da cólera: — Viu-me cólera com “babulajens” de “pongó” ou “caborteiro”, umas coisas de “bambaé”...”⁶⁶

Além desse enfoque filológico, o crítico amplia seus comentários, afirmando que a poética de Apolinário é uma delicada “entretecedura, sendo possível ver nela a influência de Byron e Schiller, poetas que foram os ídolos por excelência da sua inquieta mocidade”⁶⁷. Acrescenta que Apolinário pratica todos os gêneros literários para expressar sua visão de mundo combativa. Comprometido com o Rio Grande, usa uma linguagem que, através das formas diletais, identifica sua terra e a diferencia do resto do País.

Em 1879, na luta política entre conservadores e liberais, a imprensa, como o jornal **Onze de Junho**, promove campanhas, e os ofendidos que decidem protestar. Avisados a tempo, os responsáveis pelo jornal, Moncorvo Jr. e Lobo da Costa, fogem para Jaguarão, onde continuam a editá-lo. O primeiro escreve também para **A Ordem** e o jornal humorístico **O Cabrion**. A agitação política estende-se, pois, à vida cultural.

⁶⁶ Ver nota n.65, p.90.

⁶⁷ Ver nota n.65, p.97.

1.3 DO POPULARIUM SUL-RIO-GRANDENSE EM DIANTE: 1880-1904

A estabilidade do Império do Brasil está abalada e alguns setores da sociedade acreditam em um novo regime para resolver os problemas. A crise ocorre como consequência da Guerra do Paraguai, sendo resultado de vários fatores de ordem econômica, social e política, como o aumento da classe média nos centros urbanos, que almeja mais liberdade e participação nas decisões (esse novo segmento identifica-se com os ideais republicanos). Em decorrência da morte de D. Pedro II, o trono será destinado a sua filha mais velha, a Princesa Isabel, casada com um francês, Gastão de Orléans, Conde d'Eu, o que gera o receio em parte da população de que o País seja governado por um estrangeiro.

As transformações sociais, do fim do século XIX e início do século XX, estão relacionadas ao contexto internacional, que vê as certezas do século XIX começarem a cair por terra. Os físicos Ernst Rutherford e Frederik Soddy destroem a estabilidade da matéria com a teoria da desintegração; Pablo Picasso faz o mesmo com as imagens pictóricas acadêmicas; Freud quebra a psicologia clássica com o jogo de armar da psicanálise; Stravinsky atinge a unidade total da harmonia, através da politonalidade dissonante, como o ruído das novas máquinas. No Brasil, as vozes da cultura popular são favorecidas pela iniciativa da Casa Edison, do Rio de Janeiro, de propriedade de Frederico Figner, que começa a gravar em discos o repertório dos cantores de rua. Chiquinha Gonzaga compõe a marcha *Ó Abre Alas*, inspirada na cadência que os negros imprimem aos desfiles de seus ranchos carnavalescos, e as companhias de teatro amador ganham novo alento, como a Luso-Brasileira, que realiza sete sessões de sucesso, chegando Murilo Furtado a compor-lhe um hino.

Sob esse ponto de vista, o Brasil passa, no período de 1880 a 1904 (ano da morte de Apolinário Porto Alegre), por várias tendências estéticas. O Parnasianismo aposta no conceito de arte pela arte, em um esforço de objetividade e impessoalidade, destacando a poética greco-romana. Seus produtos procuram desligar-se da realidade local, correspondendo a uma concepção de sociedade imobilizada, que se revela numa criação literária mais preocupada com a forma do que com a inspiração. No entanto, tal vertente cruza-se com ideias renovadoras da prosa urbana e regionalista a partir de 1900, para dar origem ao Pré-Modernismo, que vai desaguar na Semana de Arte Moderna de 1922. Em 1902, ocorre a

fundação do jornal **O Malho**, no Rio de Janeiro, dedicado principalmente à crítica literária, o que significa maior espaço para o discurso cultural.

Do ponto de vista político, como acontece na cena nacional, a implantação do sistema republicano no Estado do Rio Grande do Sul não ocorre de maneira tranquila, devido ao confronto entre o PRR e o Partido Liberal. O Estado está em constante instabilidade no começo da República, pois o governo estadual muda de mão muitas vezes.⁶⁸ Essa troca, em grande parte, deve-se à força do Partido Liberal, que representa os defensores federalistas. Por isso, apresenta-se como uma arma de resistência à consolidação do PRR no poder. O enfrentamento leva à sangrenta Revolução Federalista, que se inicia em 1893 e estende-se até 1895, com a vitória das forças oficiais e a consolidação do PRR no poder.

As últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX continuam conturbados no Sul do Brasil, sobretudo pelo posicionamento dos políticos da época, responsáveis pela sangrenta Revolução que mobiliza todos os estratos da sociedade. À medida em que os ânimos vão se acalmando, a vida cultural sul-rio-grandense é retomada em Porto Alegre, com as representações teatrais e a fundação do jornal **Correio do Povo**, em 1895. A cidade é cheia de contrastes: há luz elétrica apenas no Centro; não existe abastecimento de água e tratamento de esgoto; contudo, possui três livrarias, dois teatros e quatro faculdades, para uma população de 74 mil habitantes⁶⁹. O Rio Grande do Sul apresenta o melhor índice de alfabetização do País; existem trens diários entre a Capital e a fronteira. Em outras palavras, a modernização do século XX está chegando com uma nova ordem política e econômica.

As vertentes conservadoras e as críticas da literatura brasileira vão correr paralelamente no período. Também é possível destacar que a oratória ufanista de

⁶⁸ Governantes Rio Grande do Sul do período imperial até 1889: Antônio Correia de Oliveira (1880), Henrique Francisco d'Ávila (1880/1881), Joaquim Pedro Soares (1881), Francisco de Carvalho Soares Brandão (1881/1882), Joaquim Pedro Soares (1882), José Leandro de Godói e Vasconcelos (1882), Leopoldo Antunes Maciel, (1882), José Antônio de Sousa Lima, (1882/1883), Menandro Rodrigues Fontes (1883), José Júlio de Albuquerque Barros, (1883/1885), Miguel Rodrigues Barcelos, (1885), Henrique Pereira de Lucena, 1885/1886), Manuel Deodoro da Fonseca (1886), Miguel Calmon du Pin e Almeida (1886), Fausto de Freitas e Castro(1886/1887), Bento Luís de Oliveira Lisboa (1887), Rodrigo de Azambuja Vilanova (1887), Joaquim Jacinto de Mendonça (1887/1888), Rodrigo de Azambuja Vilanova (1888), Joaquim da Silva Tavares, (1888), Joaquim Galdino Pimentel (1888/1889), Antônio Ferreira Prestes Guimarães (1889), João de Freitas Leitão (1889), Gaspar Silveira Martins (1889), Justo de Azambuja Rangel (1889). Governantes do Rio Grande do Sul do período republicano (1889 -1908): José Antônio Correia da Câmara (1889/1890), Júlio Anacleto Falcão da Frota (1890), Francisco da Silva Tavares (1890),PRR, Carlos Machado Bittencourt (1890), Cândido José da Costa (1890/1891), Fernando Abbott (1891), PRR, Júlio de Castilhos (1891), PRR, Junta governativa gaúcha de 1891/1892, José Antônio Correia da Câmara (1892), Júlio de Castilhos (1892), PRR, Vitoriano Ribeiro Carneiro Monteiro (1892), Fernando Abbott (1892/1893), PRR, Júlio de Castilhos (1893/1898), PRR, Antônio Augusto Borges de Medeiros (1898/1908), PRR.

“Afonso Celso, Rui Barbosa e Coelho Neto louvam um Brasil retórico”⁷⁰ e pernóstico que só existe numa literatura rebuscada que retrata os sorrisos da sociedade, como quer Lúcia Miguel-Pereira. Nasce um projeto de investigação nacional, através da construção de uma linguagem representativa das raízes brasileiras.

O ensaio crítico e ficcional de Euclides da Cunha, por exemplo, denuncia em **Os sertões** a existência de dois brasis, um no litoral desenvolvido e europeizado e outro no interior esquecido, atrasado e pobre. A vida urbana é desnudada nas tramas de Aluísio Azevedo e Machado de Assis, que acusam os desmandos sociais e suas consequências na alma humana.⁷¹

A intensa movimentação política da Província dá margem às produções na imprensa, através das quais os homens públicos se manifestam e combatem entre si. Os jornais pautam sua orientação por várias tendências, tomando partido em suas matérias. A literatura do período sofre as consequências das desavenças que ocasionam a Revolução de 1893, e alguns escritores, premidos por violências de todos os lados, vão viver no Prata ou em outros pontos do País, como ressalta Guilhermino César⁷². Mesmo assim, o autor aponta bons poetas, como Fontoura Xavier, com **Opalas**, de 1884, Alarico Ribeiro, com **Oásis**, de 1896, Damasceno Vieira, com **A flor do manacá**, de 1900, Marcelo Gama, com **Via sacra**, de 1902, e Zeferino Brasil, com **Vovó Musa**, de 1903, todos eles produzindo no pano de fundo de uma literatura que vai do Parnasianismo ao Simbolismo, prenunciando vozes pré-modernistas.

Do ponto de vista político, as diferenças mantêm-se no Rio Grande do Sul, provocando intensas discussões sobre a tentativa de separação da Província do resto do País, proposta por Júlio de Castilhos. Apolinário é contrário a essa ideia, como afirma Alexandre Lazzari:

Apolinário e Júlio de Castilhos voltariam a se desentender abertamente quando veio à tona a questão do separatismo, estando em causa um possível alinhamento com os republicanos paulistas, em 1887.(...) Apolinário Porto Alegre teria reagido energicamente contra a proposta separatista e ameaçara romper a unidade do partido caso fosse aprovada. No entanto, como ele próprio admite, em uma primeira reunião partidária que tratou do assunto, por

⁶⁹ Ver nota n.2, p.16.

⁷⁰ AGUIAR, Vera Teixeira de. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ZILLES, Urbano (Org.). **Gratidão de ser**: homenagem ao Irmão Elvo Clemente. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p.78.

⁷¹ Ver nota n. 70, p. 78.

⁷² Ver nota n.22, p.411.

iniciativa de Castilhos, entre cerca de vinte correligionários reunidos apenas dois tinham se manifestado contra, ele e o relojoeiro Luís Leseigneur. Além da questão de princípios, Apolinário não acreditava na viabilidade de constituir um país à parte no Rio Grande do Sul, posição que não seria compartilhada pela maioria de seus colegas.⁷³

Enquanto ocorrem essas desavenças políticas, a prosa valoriza a realidade sul-rio-grandense, até por conta da distância que os escritores mantêm com o centro do País e que faz com que se voltem para o que mais conhecem: sua terra, seus tipos e cenários. Em menor número, aparecem produções focadas na vida urbana, como o romance **Vênus ou o dinheiro**, de Paulo Marques, publicado em folhetins, no jornal pelotense **Onze de Junho**, em 1881 e após em livro, e **O poder da carne**, de Pedro Osório, publicado também em folhetins, no jornal **Quinze de Novembro**, e depois em livro, em 1890.

Em 1882, Apolinário escreve a comédia **Epidemia política**, publicada pela Tipografia Correio do Sul, de Porto Alegre, que comenta o movimento político da época, quando os republicanos gaúchos organizam e fundam o Partido Republicano Rio-Grandense e em seguida o jornal **A Federação**. Nesse período, Apolinário Porto Alegre continua frequentando a imprensa. No **Jornal do Comércio**, de Porto Alegre, publica em 1896 o estudo lítero-científico “Viagem a Laguna”⁷⁴. O escrito possui anotações sobre a flora e a fauna catarinense, o que denota as preocupações do autor também com o meio-ambiente, até para fora das fronteiras do Estado.

Durante o período, surge o jornal **A Federação**, cujo primeiro exemplar é de 1884. O periódico torna-se a voz republicana no Estado e vai durar mais de cinquenta anos. Nele ficam registradas as grandes questões do final do século: o abolicionismo, a luta republicana, os progressos da ciência e da técnica. Quando Ramiro Barcelos assume interinamente a direção do jornal, estampa editoriais assinados nos quais as posições republicanas, antimonarquistas e, de um modo geral, progressistas ganham contornos especiais, como é o caso de um texto de advertência sobre a destruição ecológica do Rio Grande do Sul.

Já em 1885, a Lei Saraiva Cotegipe, conhecida como Lei dos Sexagenários, é sancionada pelo Imperador D. Pedro II, concedendo liberdade aos escravos de 60 anos, sem indenização para o proprietário. Também prevê-se um aumento do Fundo de Emancipação, destinado a promover a imigração. Tais fatos significam uma

⁷³ Ver nota n. 16, p.234-235.

⁷⁴ Em 1947, “Viagem a Laguna” é reeditado na **Revista Província de São Pedro**, da Editora Globo, em Porto Alegre.

mudança no modelo econômico, que vai determinar o aparecimento de uma classe trabalhadora de origem europeia, ao lado da massa miserável dos ex-escravos. Com a decretação da Lei Áurea em 1888 e a não indenização dos proprietários rurais, o Império perde seu último pilar de sustentação, pois eles se tornam "republicanos de última hora", ao aderirem à causa. A proclamação da República ocorre um ano depois.

Para Apolinário Porto Alegre, os anos finais do Império e os primeiros da República são de grande comprometimento político. Ainda no período monárquico, o escritor tenta mais de uma vez obter um assento na Câmara dos Deputados, mas não consegue porque é um grande admirador e propagandista da República. No entanto, porque fundador de um clube republicano da Província e devido a algumas divergências entre seus componentes, retira-se com alguns amigos e, com o apoio do Partido Liberal, funda a União Nacional, que mais tarde vem a se chamar Partido Federalista.

Por ocasião da Proclamação da República, em 1889, Apolinário Porto Alegre volta ao cenário político da Província, aliando-se a Silveira Martins na luta contra o governo do Marechal Deodoro da Fonseca e contra a orientação dada aos destinos rio-grandenses por Júlio de Castilhos. Não obtendo sucesso em suas investidas e desiludido, por causa da morte da esposa e de uma filha em 1891, muda-se para a Casa Branca, situada entre Porto Alegre e Viamão, em companhia de seus filhos menores, e encerra as atividades do Instituto Brasileiro.

As novas ideias estão presentes na Constituição Republicana, elaborada em 1891, que, dentre outras medidas, regulamenta o casamento dentro das leis do Estado, o que significa uma cisão entre Igreja e Estado. Por outro lado, a instabilidade registra-se no plano político federal e estadual, pois tanto a Constituição brasileira como a sul-rio-grandense, promulgadas nesse ano, não aplacam os acontecimentos. Em âmbito nacional, assiste-se à substituição do Marechal Floriano Peixoto, pelo primeiro Presidente civil eleito por voto direto, Prudente de Moraes. Em 1898, inicia-se o governo do paulista Campos Sales, centrado na política conservadora, que estoura as finanças e o crédito externo do País.

Em 1892, Apolinário Porto Alegre integra a direção do Partido Federalista e começa a atuar no jornal **A Reforma**. No ano seguinte, alheio ao agravamento da situação, o autor participa, em Bagé, em 31 de março, de um congresso político, do

qual resulta o Partido Republicano Federalista, e torna-se redator permanente d'**A Reforma**, órgão oficial do Partido. Publica nesse jornal poemas para a coluna “Lira Patriótica”, nas edições de 1892. Conforme Alexandre Lazzari, outros poetas atendem ao chamado para colaborar nessa coluna reforçando os apelos ao sacrifício patriótico (LAZZARI, 2004, p.246). Eis um trecho do poema “O prescrito”, publicado n'**A Reforma**:

O Prescrito⁷⁵

Ei-lo, o perverso, o homem de maus bofes,
Festivo em sanguinários regabotes,
Onde em jorros golpeja sempre o sangue
E a pátria desfalece, triste exangue!

Por toda a parte se destaca o crime!
Por toda a parte o luto a infâmia exprime!
Onde a vida brilhava, a calma pousa,
Como dos cemitérios sobre a lousa;
Vivendas animadas – são ruínas,
Ermas são as interminas campinas

Em janeiro de 1893, Júlio de Castilhos é empossado no Governo Estadual por eleições populares, o que não impede a eclosão da Revolução Federalista, em que os “pica-paus”, chefiados por Júlio de Castilhos, opõem-se aos federalistas ou “maragatos”, liderados por Silveira Martins. Em 22 de junho de 1893, começam as perseguições e as prisões políticas que atingem o jornal.

O poeta é preso, e quando sai da prisão, escreve um artigo, intitulado “Minha glória”, n'**A Reforma**. A partir de 31 de outubro, procurado pela polícia, Apolinário busca abrigo em vários lugares até conseguir sair da Província, escondido no camarote de um navio a vapor. Suas atitudes contra o governo castilhista obrigam-no a se refugiar primeiro em Santa Catarina e depois no Rio da Prata, permanecendo fora por dois anos, até receber a anistia e voltar ao Rio Grande. A força militar invade sua casa, espalhando seus manuscritos, entre os quais estão os originais de **Popularium sul-rio-grandense**, recolhidos por seu filho e retomados após a volta do exílio.

Mesmo com toda a agitação política, em 1895 termina a Revolução Federalista e a sociedade começa a se organizar institucionalmente. Em 1898, Borges de Medeiros assume seu primeiro mandato governamental, com a duração de onze

⁷⁵ PORTO ALEGRE, Apolinário. O Prescrito. **A Reforma**, Porto Alegre, 27 ago.1892. p.1.

anos, em sucessão articulada pelo próprio Castilhos, que continua liderando o PRR e controlando o poder no Estado. Quatro anos depois, o governador inicia seu segundo mandato, permanecendo no poder por mais seis anos.

Outra das peripécias vívidas pelo autor diz respeito a um atentado a bala do qual escapa ileso, quando se dirige à noite para sua residência, no dia em 27 de junho de 1896. O fato ocupa a imprensa do Rio Grande, como se vê neste fragmento publicado no **Eco do Sul**⁷⁶:

A vítima deste atentado não é um desconhecido; é um cidadão distinto por muitos títulos, cada qual mais dignificador, ocupando por isso, posição saliente na sociedade rio-grandense. Esta circunstância poderia pesar muito no espírito das autoridades, às quais cumpre velar pela segurança pública, pela garantia dos direitos e da exata observação da lei, a fim de que o criminoso fosse imediatamente punido. Mesmo que se tratasse de um cidadão pertencente às últimas camadas sociais, não se deveria fazer demorar a ação do governo em desafronta da lei.

Acresce que o indivíduo aludido não exerce nenhuma autoridade, não está investido de nenhum cargo policial, circunstância essa que aumenta-lhe a gravidade do crime, que poderia ter trágicas consequências, se não fosse a presteza com que o Sr. Chefe de Polícia atendeu às reclamações que lhe foram dirigidas.

A atividade por Sr. Ex. desenvolvida na noite do atentado mereceu os nossos encômios, porque acima da paixão partidária que porventura nos dominar nas lutas políticas, colocamos a justiça; e portanto, se sabemos atacar o adversário, investido das funções públicas, que delinque, sabemos também elogiá-lo, quando ele cumpre o seu dever.

Foi o que se deu.

Mas a conduta posterior ao elogio merecido, provoca as mais justas censuras ao Sr. Chefe de Polícia.

Com efeito, qual a providência policial para punir o autor do atentado da noite de 27 de junho?

Até agora, ao que se saiba, nenhuma!

Pois então um indivíduo arvora-se em autoridade, tenta prender um cidadão qualificado, aterroriza os moradores de uma casa, cercando esta com força armada – e nada lhe sucede?

Para que existem cadeias, se é permitida a prática de crimes sem nenhuma punição aos que cometem?

Ao que se saiba, nenhum ato expediu a autoridade policial, com o fim de fazer cair a ação da lei sobre quem a violou escandalosamente.

Ficará impune mais este atentado?

Esperamos a palavra oficial.”

O acontecimento, segundo o noticioso, não parece constituir um crime político. Ao clamar, porém, por justiça, o jornal salienta as qualidades da vítima, destacando

⁷⁶ APOLINÁRIO PORTO ALEGRE. **Eco do Sul**, Rio Grande, 8 jul.1896, p.1

sua importância na sociedade rio-grandense. Como o governo da época está sob a ordem do partido de Júlio de Castilhos e Apolinário é seu opositor, o **Eco do Sul** refere-se ao fato de que o escritor não exerce nenhum cargo público, estando à margem das esferas de poder. O crime deve ser punido, como todos aqueles praticados contra os cidadãos, o que parece não ter acontecido. Nesse sentido, o jornal está criticando a orientação do partido que dirige o Estado.

Em 1899, a Companhia Silva Pinto estreia, no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, a peça de teatro de revista “A peste bubônica”, de Marcelo Gama, em colaboração com Zeferino Brasil e música de Luís Moreira. O intuito de Silva Pinto é levar à cena a “Revista do Ano”, que venha a resenhar os principais acontecimentos da capital gaúcha, em tom humorístico. O movimento teatral mantém-se agitado, sendo fundadas, na capital sulista, cinco novas sociedades dramáticas amadorísticas: Círculo Filodramático Italiano, Centro Artístico Furtado Coelho, Sociedade Dramática Particular Filhos do Trabalho, Sociedade Luso-Rio-Grandense e Sociedade Dramática Porto-Alegrense. No ano seguinte, as sociedades dramáticas particulares realizam 52 espetáculos. Em julho, o Teatro São Pedro começa a ser iluminado por luz elétrica e, em 4 de outubro, a Sociedade Luso-Brasileira comemora seu 26º aniversário com imponente sessão de gala, encenando o drama “A gargalhada”.⁷⁷

Em âmbito nacional, entra em vigor, em 1900, sob a presidência de Campos Sales, a “política dos governadores”, que consiste na solidificação da aliança entre o poder central e o poder dos vários estados brasileiros. Dois anos depois, Rodrigues Alves é eleito Presidente da República, substituindo Campos Sales, e a população assiste à notícia dos projetos de saneamento e remodelação do Rio de Janeiro, capital do País. Greves por melhores salários e condições de trabalho sacodem a capital, enquanto populares destroem a iluminação pública, organizando barricadas para enfrentar a polícia, devido aos métodos autoritários dos responsáveis pela campanha de saneamento do Rio de Janeiro, coordenados por Osvaldo Cruz, Diretor Geral de Saúde Pública.

No Rio Grande do Sul, Apolinário não participa do Governo, mas suas atividades estão ligadas a várias agremiações, como historiciza Rodrigues Till. Em 15 de dezembro de 1901, em Porto Alegre, realiza-se a última sessão preparatória

⁷⁷ AGUIAR, Vera Teixeira de. **Marcelo da Gama**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989. p.12-13.

para a fundação da Academia Rio-Grandense de Letras. Os membros escolhidos para compor a direção da Academia são:

Aurélio Bittencourt – presidente; Joaquim Alves Torres – secretário-geral; Benjamin Flores – 1º secretário; Mário Totta – 2º secretário; Apeles Porto Alegre – tesoureiro-bibliotecário. Comissão de História e Bibliografia: Alcides Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, João Maia, Sebastião Leão e Tito Villalobos. Comissão de Publicismo e Crítica: Aquiles Porto Alegre, Alcides Maya, Andrades Neves Neto, Apolinário Porto Alegre, Caldas Jr., Mário de Artagão e Olinto de Oliveira. Contudo, por impedimento de Aurélio Bittencourt, a presidência fica a cargo de Olinto de Oliveira.⁷⁸

O escritor integra, pois, essa Academia, que tem uma curta duração e é substituída em 1910 pela Academia de Letras do Rio Grande do Sul, formada por alguns membros da Academia anterior. Em 18 de junho de 1944, data evocativa do Partenon Literário, extingue-se também essa segunda para dar lugar à Academia Rio Grandense de Letras.

Em 1903, morre Júlio de Castilhos, Presidente do Partido Republicano Rio-Grandense e autor da Constituição de 1891, de inspiração positivista. Borges de Medeiros é indicado chefe do PRR e continua orientando os rumos da política do Estado até a década de 1920, segundo os preceitos castilhistas. Na cerimônia fúnebre de Júlio de Castilhos, o morto é lembrado em discurso por um jovem acadêmico de Direito de Porto Alegre, Getúlio Vargas, que afirma não ter o político lutado em vão. Não por acaso, está nascendo uma nova liderança na política sul-riograndense e brasileira.

A par de toda agitação, Apolinário Porto Alegre afasta-se da vida pública. Nos últimos anos de vida, mora na Casa Branca, localizada no morro Santana, no chamado Rincão de São Francisco, em Porto Alegre. A residência é totalmente reformada pelo escritor, que mantém sua arquitetura, mas organiza o pomar, um orquidário e o jardim, onde predominam roseiras e trepadeiras. Dedicase a recompôr seus escritos salvos da depredação que ocorre quando a policia vai procurá-lo. Está retirado do mundo “como Vítor Hugo nos rochedos de Guernesey, como Voltaire em Ferney, como Pascal em Port-Royal, como Beethoven em Bonn”⁷⁹, tendo apenas a companhia de seus livros e poucos parentes. Como sua

⁷⁸ TILL, Rodrigues. As academias de letras do Rio Grande do Sul. **Letras e Livros**, Porto Alegre, ano II, n.50, 14 ago.1982, p.8-9.

⁷⁹ Ver nota n. 65, p.112.

saúde se agrava no início de 1904, ele é internado na Santa Casa da Misericórdia da Capital, onde morre na mais extrema pobreza, em 23 de março, em decorrência da tuberculose.

A notícia espalha-se rapidamente, devido à importância e à influência de seu nome. A **Gazeta do Comércio** noticia sua morte, destacando fatos relevantes da vida e da obra do intelectual:

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE⁸⁰

A sociedade de Porto Alegre acaba de experimentar um desses golpes profundos que muito consternam e abatem, mas que ao mesmo tempo já nos trazem ao coração o bafejo suave de saudade, sentimento casto e puro que encontra guarida em todos os corações que sabem sentir e aos quais é sempre dado recordar, cheios de reconhecimento, por entre lágrimas de gratidão funda e verdadeira, todos os ensinamentos e todo o afeto que lhes consagrou durante longos anos num talento privilegiado e um coração carinhoso e bom. Hoje, pela manhã exalou o último suspiro de vida, de uma vida cheia de vitórias e de brilhantes sucessos, mas cruelmente ferida também pelas ingratidões que corrompem o mundo, o fecundo literato e ilustradíssimo educacionista Apolinário Porto Alegre.

Quem não conheceu a ilustração vastíssima do velho e querido Apolinário, quem não apreciou as fulgurações belíssimas do seu talento maleável, de um brilho admirável, a rutilar como um astro de primeira grandeza; quem não pôde aquilatar da sua inteligência adamantina, a quem não foi dado experimentar as expansões da sua alma carinhosa e do seu coração afetuoso?

Todos nós o conhecemos, e mesmo quem nunca tivesse privado com o distinto e malgrado rio-grandense, já se teria habituado a querê-lo e a considerá-lo muito, tão elevado era o conceito em que ele era tido no seu Estado natal.

A mocidade inteira se verga ao peso dessa dor pungente e funda, com a qual nunca nos conformamos, embora a lei implacável a isso nos obrigue, porque à mocidade é que Apolinário Porto Alegre votara a maior parte do seu afeto, e a mais acendrada dedicação do seu talento culto e privilegiado.

Não poucos cavalheiros, que hoje ocupam elevada posição no nosso meio social e literário, aprenderam com o respeitável professor e a ele recorriam sempre confiantes quando fazia-se necessário ouvir a palavra abalizada do estimado mestre, que reunia no seu cérebro uma verdadeira enciclopédia, a marchar progressivamente sob a luz puríssima e intensa da sua inteligência poderosa e lúcida.

Mas o tempo, para exercer eternamente a sua ação destruidora, não faz seleções...

A **Gazeta do Comércio** consegue noticiar a morte de Apolinário Porto Alegre no dia em que ocorre esse fato. É possível supor que o jornal tenha sido entregue

⁸⁰ APOLINÁRIO Porto Alegre. **Gazeta do Comércio**. Porto Alegre, 23 mar.1904.p.1

para seus assinantes no turno da tarde. Essa agilidade de divulgar a morte do autor é significativa, no início do XX, pois, atualmente, isso só ocorre com a invenção da internet, quando a notícia se torna instantânea. O artigo continua afirmando:

O velho Apolinário, que, ultimamente, já se sente encanecido pelo trabalho e alquebrado pelas ingratidões, também desapareceu do mundo dos vivos, como uma estrela que perdesse o brilho banida do céu...

A imprensa, o magistério, a literatura, e a poesia, durante muito tempo abrilhantadas pela colaboração criteriosa e inteligente do ilustre rio-grandense, cobrem-se de luto e se curvam ao jugo dessa mágoa acerba que as compunge.

Como professor, Apolinário Porto Alegre exerceu durante muito tempo o elevado cargo de diretor do *Instituto Brasileiro*, onde o ensino elevado e progressista aperfeiçoou não poucos talentos, dotando-os de conhecimentos vastos e indispensáveis na vida. Como jornalista, o estimado mestre foi diretor d' **O Estado**, jornal que se publicava na capital do Estado de Santa Catarina; mais tarde, em colaboração com o seu digno irmão Apeles Porto Alegre, redatoriu, nesta capital, a **Imprensa**, órgão de propaganda republicana; depois assumiu as funções de redator-chefe do **Jornal do Comércio**, e, por fim, o seu talento fecundo cintilava nas colunas d'**A Reforma**, traçando artigos escritos num vernáculo de beleza impecável. Como romancista e como poeta, o velho e encanecido Apolinário, o lapidário da forma, produziu diversas obras, que mereceram aplausos gerais, entre as quais lembramo-nos das **Bromélias**, poesias e do **Vaqueiro**⁸¹, romance de costumes rio-grandenses.

A morte do respeitável mestre é como um sol que se apaga entenebrecendo o horizonte, porque, apesar de velho, o pranteado rio-grandense não perdera de todo a rigidez do seu talento robusto e maleável.

A **Gazeta do Comércio**, sentindo profundamente a morte do ilustre, envia à Exma. Família do malogrado rio-grandense representada no seu digno filho Alencarino Porto Alegre e nos seus distintos irmãos Apeles e Aquiles Porto Alegre, as expressões sinceras do seu sentido e duradouro pesar.

— As cerimônias de encerramento realizam-se hoje, às 4 horas da tarde tendo lugar a encomendação àquela mesma hora na capela dos Passos.⁸²

No dia seguinte, a **Gazeta do Comércio**⁸³ dá continuidade ao assunto, divulgando o enterro do autor:

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE

⁸¹ O autor do artigo engana-se quanto ao título do livro de Apolinário Porto Alegre: de **O vaqueano** para **Vaqueiro**.

⁸² Ver nota n.81, p.1

⁸³ APOLINÁRIO Porto Alegre. **Gazeta do Comércio**. Porto Alegre, 24 mar.1904.p.1

Foi extraordinário concorrido o enterro do pranteado rio-grandense Apolinário Porto Alegre.

O féretro achava-se coberto de inúmeras coroas, entre as quais as seguintes: — de seus filhos; de seus irmãos Apeles e Ernestina; do diretório federalista; do seu irmão Aquiles; de Dinarte Ribeiro; de sua sobrinha Azelina Porto Alegre Vianna; de sua sobrinha e afilhada Ceci; do partido federalista; de Olimpio Duarte; de seu sobrinho Alfredo; da família Joaquim Furtado; do Clube Silveira Martins do Rio Grande; de seus sobrinhos Amélia e Arnaldo Franco Porto Alegre.

O corpo do sempre lembrado educacionista foi conduzido a mão até o cemitério, onde o distinto poeta Damasceno Vieira, com a voz entrecortada pelas lágrimas, enalteceu os elevados dotes do ilustre morto, estudando a individualidade do seu saudoso amigo e inteligente companheiro de lides literárias.

O discurso do talentoso homem de letras rio-grandense, deixando transparecer a sinceridade que o ditava, foi uma significativa homenagem aos reconhecidos méritos daqueles que baixou à sepultura, com grande mágoa para a população de Porto Alegre.

Em sinal de pesar pelo falecimento do inolvidável rio-grandense, o Sr. Artur Candal suspendeu as aulas da escola Mauá, que funciona anexa à Associação dos Empregados no Comércio.

Igual procedimento teve o Sr. Idelfonso Gomes, diretor do Ginásio Ganganelli.

Apolinário Porto Alegre contava com 60 anos de idade, era viúvo e deixa na orfandade seis filhos.

O velho homem de letras deixa já no prelo um belo livro de poesias intitulado — **Flores da morte** — que brevemente será exposto à venda.

Além disso, o velho e encanecido Apolinário deixa obras inéditas de subido valor.

À Exma. Família do morto reiteramos as nossas sinceras condolências

Além de destacar a presença de algumas pessoas, a **Gazeta** prevê o lançamento do livro **Flores da morte**, que ocorre após a morte do autor. O jornal **A Opinião Pública**⁸⁴, de Pelotas, também escreve sobre a morte de Apolinário Porto Alegre no dia em que ela ocorre:

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE

Falece hoje, em Porto Alegre, em extrema pobreza, quase sexagenário, o ilustre rio-grandense Apolinário José Gomes Porto Alegre, viúvo, deixando alguns filhos.

Era um educacionista de alto renome, tendo sido o mestre de muitas gerações.

Talento robusto e vigoroso, ramificam sobrepujas provas do seu mérito, nos vários ramos da literatura: foi poeta, dramaturgo, jornalista e escritor.

⁸⁴ APOLINÁRIO Porto Alegre. **A Opinião Pública**, Pelotas, 23 mar.1904, p.2

Agora mesmo, no último quartel de existência, traçou ainda os versos do livro que está no prelo – **Flores da morte**.

Era uma relíquia do glorioso passado literário do Rio Grande do Sul, onde rebrilha a fama do Partenon que ele fundara.

Como político, foi um puro, um republicano convencido e abnegado, de grande nomeada desde os prélios memoráveis da Propaganda.

Mas esta República, que tem sido madrasta para os seus filhos verdadeiros e carinhosos, mãe protetora para a escória da politiquice –meteu em enxovia o seu extremo paladino, o venerando mestre, pela mão sinistra dos seus ingratos discípulos.

Ora repousa ele no misterioso seio da morte.

Até lá não mais chegará a sanha dos perseguidores e sobre a memória que ele deixou, como um livro aberto de ensinamentos, hão de pairar o respeito e a admiração dos homens honestos e dos republicanos *sans reproche*.

A notícia destaca as qualidades de Apolinário como educador, escritor, jornalista e político, salientando seus méritos intelectuais e sua integridade moral. E ainda, o jornal critica a falta de reconhecimento dos órgãos públicos, uma vez que o autor morre pobre e esquecido pela Pátria. **A Opinião Pública**⁸⁵, de Pelotas, também publica uma breve biografia do autor:

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE

Apolinário José Gomes Porto Alegre, o ilustre rio-grandense cujo passamento noticiamos, nasceu em Porto Alegre, a 29 de março de 1844.⁸⁶

Dedicando-se desde os verdes anos ao cultivo das letras e ao magistério, foi um dos fundadores do glorioso Partenon Literário, a cuja *Revista* prestou valioso concurso durante longo tempo, e fundou o Instituto Brasileiro, um dos primeiros estabelecimentos de ensino que tem tido o Rio Grande do Sul e no qual foram educados Júlio de Castilhos, Pacheco Prates, Argemiro Galvão, Pereira da Costa, Severino Prestes e outros ilustres rio-grandenses.

Republicano ardoroso, tomou parte na organização dos primeiros clubes fundados na capital do Estado, sendo um dos designatários da Convenção de Fevereiro de 188? [sic], que deu organização ao partido no Rio Grande do Sul.

Além de copiosa série de artigos dispersos pela imprensa, deixa eminente o rio-grandense as seguintes obras:

Bromélias, Túmulos, poesias; **Caim e Jafé, Os filhos da desgraça, Sensitiva e Ladrões de honra**, dramas; **Mulheres, Epidemia política, Benedito e Feitiço duns beijos**, comédias; **Paisagens**, contos; **O crioulo do pastoreiro e O vaqueano**, romances; **Dialeto brasileiro, origens arianas do guarani e morfologia ario-guaraníticas**, estudos linguísticos; **História da**

⁸⁵ APOLINÁRIO Porto Alegre. **A Opinião Pública**, Pelotas, 26 mar.1904, p.1

⁸⁶ Nessa notícia há dois equívocos: Apolinário nasce em 29 de agosto de 1844 e não 29 de março de 1844, bem como o local de nascimento é a cidade de Rio Grande e não Porto Alegre.

República Rio-Grandense. Alguns desses trabalhos ficaram inéditos.

As produções de Apolinário Porto Alegre distinguem-se sobretudo pela pureza da linguagem, sempre burilada, castiça, portuguesa de lei. Era talvez o escritor rio-grandense que melhor conhecia o nosso rico idioma.

É de sentir os desgostos que o atormentaram durante os últimos anos, já com as mortes da esposa estremecidas e da filha adorada, já com a perseguição dos seus adversários políticos, que tinham sido seus discípulos, se por completo aos trabalhos literários tão brilhantemente iniciava, sobretudo sobre os de feição filológica, privando assim a nossa literatura dos frutos ótimos do seu profundo saber.

Que descanse em paz o belo espírito, o generoso coração de Apolinário Porto Alegre.

A biografia enfatiza sobretudo a atividade literária de Apolinário Porto Alegre, quer quanto à variedade quanto à qualidade da linguagem em todas as suas publicações. Dois dias depois de sua morte, o jornal **Diário Popular**⁸⁷ publica uma nota:

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE

Faleceu, na capital do Estado, o provecto educacionista Apolinário Porto Alegre, verdadeira glória do magistério e homem político de brilhantes tradições no partido republicano, na época em que este apareceu na liça, aparelhando-se para a conquista do seu ideal.

Apolinário Porto Alegre pelo valor, a tenacidade e o convencimento com que pelejou pelo advento da República, chegou a ocupar um posto elevadíssimo nas suas fileiras, rodeado da estima e da veneração dos seus infatigáveis companheiros de luta.

Como educacionista emérito, preparou para a carreira política muitos moços, que hoje figuram nas mais altas posições da República, glorificando-lhe o talento, a capacidade e o nome.

O **Diário** lamenta tal acontecimento, enviando a expressão dos seus sentimentos à ilustre família do finado.

As extensas transcrições que se fazem dos jornais que noticiam a morte do escritor e avaliam sua atuação na vida rio-grandense denotam que, muito mais do que o homem político, é valorizado o educador e o escritor. Todos os textos enfatizam seu papel na formação das novas gerações, reconhecendo aí sua herança maior. Do ponto de vista intelectual e literário, Porto Alegre é reconhecido por sua atuação como fundador e membro das mais significativas instituições culturais do Estado, como escritor que exercita os mais variados gêneros literários e

⁸⁷ APOLINÁRIO Porto Alegre. **Diário de Popular**, Pelotas, 25 mar.1904. p.1.

como jornalista de presença constante na imprensa do Rio Grande do Sul. Quanto à sua produção artística, é considerada importante patrimônio para a consolidação da literatura sul-rio-grandense. Poucas são, no entanto, as referências ao político. A **Gazeta do Comércio**, por exemplo, não toca no assunto, ficando esse a cargo dos jornais pelotenses, **Opinião Pública** e o **Diário de Pelotas**, que acentuam seu desligamento do partido castilhistas e as perseguições sofridas.

Apesar dos envolvimento políticos, sociais e educacionais de Apolinário Porto Alegre, que atua em todas as frentes da sociedade de seu tempo, sua produção literária, nas últimas décadas de vida, continua intensa. Disso é prova a longa obra intitulada **Popularium sul-rio-grandense**, publicada postumamente e que reúne as observações do autor enquanto filólogo improvisado, compara, classifica e generaliza os dados recolhidos, à luz das fontes formadoras do léxico. Nesse livro, encontram-se elementos de vocabulário, provérbios, adivinhações, cozinha, filologia comparativa, linguística, origens do português, elementos bantos e astecas. Embora romântico, Apolinário aproxima-se dos naturalistas pela substância documental, devido à necessidade de focar o ser humano, produto do meio, da situação social que o condiciona e explica seu comportamento. Talvez o caráter naturalista do **Popularium sul-rio-grandense** nasça do gosto especial de Apolinário pelos estudos sociológicos e empíricos, de observação da realidade.

Nesse sentido, João Pinto da Silva destaca o amplo conhecimento do intelectual sobre a língua portuguesa, trabalhada e enriquecida por várias influências do novo meio físico e mental. Para ele, toda a atividade de Porto Alegre, como homem e como escritor, gira em torno dessas questões socioculturais. Por isso, interessam-lhe os dicionários, fontes de conhecimento do idioma:

Apolinário Porto Alegre, homem de responsabilidades didáticas, exprimindo-se em português de velho cunho, não contribuiria nunca, por isso, mesmo, é claro, para corromper, ou fraudar a legislação filológica em vigor, vitoriosamente, desde Camões, além e aquém do Atlântico⁸⁸

João Pinto da Silva vê nessas ideias de Apolinário preocupação pela formação moral e mental da mocidade sul-rio-grandense do seu tempo. No entanto, o historiador salienta que, apesar de insistir no respeito ao idioma, Apolinário Porto Alegre é o precursor do regionalismo no Rio Grande do Sul; seu localismo abrange

⁸⁸ Ver nota n. 59, p.145.

a narrativa, a poesia e também se entende ao estudo da história e da etnologia. O crítico valoriza o papel do escritor, pois os homens e as coisas do Rio Grande não são temas fáceis, mas motivos para uma investigação no sentido de descobrir e fixar traços distintos do que é tipicamente gaúcho.

Lothar Hessel⁸⁹, organizador da versão póstuma de 1980 do **Popularium sul-rio-grandense**, salienta ali o registro de superstições, credences, lendas, enigmas, adivinhações, brinquedos de roda, jogos, etc. Hessel acredita que Apolinário recolhe esse material com a ajuda de terceiros, como se pode observar através da correspondência inédita do autor⁹⁰.

Sobre essa obra, Donaldo Schüller, por sua vez, destaca o escritor que se dedica ao vocabulário para se apropriar da realidade mais ampla do Sul, ele que é um homem urbano:

*O Popularium sul-rio-grandense é um penoso trabalho para, através do vocabulário, se apropriar do seu torrão, no qual, como homem culto, se sentia estranho.*⁹¹

Em relação a esse esforço de fixação do regionalismo sul-rio-grandense, Antonio Carlos Machado reconhece a necessidade de novos estudos sobre a obra do autor:

O “regional” de Apolinário era um composto, animado por forças humano-cósmicas poderosas, em que as tradições e as conquistas do ancestralismo não era, apenas um fator acessório. Há todo um estudo por escrever sobre Apolinário Porto Alegre. Relendo-o agora, sentimos que sua obra guarda uma riqueza de erudição, uma magnitude, uma fartura de conhecimentos, um ecletismo que não se encontram facilmente nos fastos da intelectualidade brasileira.⁹²

A importância do escritor para a literatura sul-rio-grandense levou a edições póstumas de sua obra, como a do livro **Flores da morte**, publicado pela Tipografia Marinoni, de Porto Alegre, em 1904. Os temas explorados em **Bromélias** (1874) não são esquecidos nos vinte e quatro poemas de **Flores da morte**. Em decorrência das mortes da esposa e da filha e desgostos da vida pública, o livro apresenta um

⁸⁹ HESSEL, Lothar. Apolinário e sua nora. **Caderno de Sábado**, Porto Alegre, 12 set.1969, p.16.

⁹⁰ Lothar cita uma carta de Apolinário para Ana Amélia Furtado, cobrando um material que ela lhe havia prometido e a resposta enviada por ela (HESSEL, 1969, p.16).

⁹¹ Ver nota n.47, p.55.

⁹² Ver nota n.65, p.33.

quadro de melancolia e tristeza expostas em todos os versos. O autor vem a falecer durante a revisão e composição do volume, como se informa na observação localizada abaixo do índice de **Flores da morte**:

A publicação deste livro foi iniciada em vida de seu inditoso autor, que tencionava fazer pessoalmente a revisão das **Flores da Morte**; o destino assim não o quis. Haja, pois, o leitor de relevar algumas faltas ou incorreções que acaso encontre.⁹³

Também publicado postumamente, sai o **Cancioneiro da Revolução de 1835**, com apresentação e notas de Lothar Hessel, em edição de 1981. Mas esse livro aparece em primeira edição pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, no primeiro centenário da Revolução de 1835. Estão ali reunidas poesias recolhidas na tradição oral do povo rio-grandense. Hessel chama a atenção para os dois manuscritos diferentes que compõem, cada um deles, uma parte da obra. Para o crítico, isso acontece, possivelmente, porque Álvaro Porto Alegre, filho do autor, ao organizar o material poético do pai, encontra dois manuscritos originais sobre o mesmo assunto, mas diferentes em parte, e os arranja em segmentos independentes. A primeira parte da obra, a mais longa, conta com poemas e textos em prosa de temas históricos que acentuam os costumes e a coragem bélica dos gaúchos; na segunda, os poemas anotados por Apolinário aparecem em mais de uma versão por ele encontrada.

Apolinário Porto Alegre preocupa-se também em estudar a linguagem brasileira, prometendo, inclusive, um volume sob o título **Dialeto nacional**, que permanece inédito, no qual busca apontar as diferenças dialetais rio-grandenses em relação aos padrões nacionais, voltando esse projeto também para a criação de uma literatura sul-rio-grandense.

Por sua atuação como homem de letras que contribui, através de sua vida pública e sua produção literária, para a consolidação da literatura sul-rio-grandense, Apolinário Porto Alegre merece ter sua obra recuperada. Como seus poemas espalham-se em vários periódicos de sua época (o poeta deixa apenas dois livros publicados no gênero), faz-se necessária a organização da coletânea da obra poética do autor, objeto desta tese.

⁹³ PORTO ALEGRE, Apolinário. **Flores da morte**. Porto Alegre: Marinoni, 1904. p.105.

2 CRÍTICA TEXTUAL E EDIÇÃO CRÍTICA

Para a elaboração de uma coletânea da poesia de Apolinário José Gomes Porto Alegre, busca-se na Crítica Textual ou Edótica o embasamento teórico que orienta as tarefas de organização, formatação e edição do *corpus* resgatado. Entre os teóricos que trabalham nessa área, encontram-se Antônio Houaiss⁹⁴, Segismundo Spina⁹⁵, Roger Laufer⁹⁶, Barbara Spaggiari e Maurizio Perugi⁹⁷. Eles se complementam, pois cada um enfoca, além da base em comum, aspectos diferentes da Crítica Textual, sendo que Spaggiari e Perugi destacam as modificações trazidas pela introdução do computador na produção do livro e na atualização do método de Lachmann, que pretende substituir a subjetividade do editor na reconstituição do texto original, utilizando-se de processos objetivos e planejados.

Para entender o desenvolvimento da Crítica Textual e das demais ciências que também trabalham nessa área, é necessário recuperar o percurso histórico da Filologia, campo do conhecimento que se ocupa em estudar os textos e estabelecer sua autenticidade, através da comparação de manuscritos e edições, nos quais os estudiosos identificam fases distintas.

2.1 A HISTÓRIA DA CRÍTICA TEXTUAL

A primeira fase é aquela em que os filólogos alexandrinos do século III a.C tentam reconstituir o original perdido, apesar de as condições de realizar esse trabalho ainda serem muito rudimentares. Nesse sentido, os critérios e as técnicas de que se valem os pesquisadores mudam através dos tempos. Conforme Houaiss (1967, p.205), as edições críticas mais antigas da cultura europeia são da tradição grega pré-helenística, realizadas pelos críticos Zenódoto, Aristófanes de Bizâncio e

⁹⁴ HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1967.

⁹⁵ SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1994.

⁹⁶ LAUFER, Roger. **Introdução à textologia**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

⁹⁷ SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**: história, metodologia, exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Aristarco. Seus trabalhos referem-se a poemas homéricos, com textos não anotados. Devido ao fato, os estudiosos atuais têm dúvidas sobre a autenticidade da tradição, o que se observa pelos comentários que fazem nas edições recentes dos textos do passado (HOUAISS, 1967, p.205).

Não se pode deixar de mencionar que a transmissão da cultura europeia em geral, não apenas aquela proveniente da tradição grega pré-helenística, mas que se estende dos antigos gregos e romanos até o século XV, é realizada através dos manuscritos que são transcritos por copistas, a partir de cópias anteriores, segundo Spaggiari e Perugi (2004, p.16). Assim, o que hoje chega dos textos antigos não são os originais, mas diferentes cópias provenientes de lugares variados. Elas são realizadas pelos copistas, amadores ou profissionais contratados para transcrever as obras. Vários fatores, portanto, podem interferir no seu trabalho, como a idade, o cansaço, a pressa, uma doença e outros, os quais contribuem para o surgimento de erros nos manuscritos transcritos.

A segunda fase refere-se aos filólogos do período humanista e renascentista, que buscam manuscritos de obras clássicas, gregas e latinas, provindos do Oriente. Nesse caso, multiplicam-se as versões diferentes de uma mesma obra, suscitando novamente a questão da edição do texto.

Os filólogos do século XIX, por sua vez, localizam-se em uma nova fase. Nesse momento, a crítica textual é baseada em métodos verificados e garantidos sob o ponto de vista científico, mas variam conforme o país e a escola. Como cada um deles cria o seu próprio, o filólogo Karl Lachmann estabelece um método, a partir de 1824, com o objetivo de unificar a edição crítica dos textos. Desde então, novos métodos de edição crítica aos poucos se desenvolvem. Recentemente, o preconceito contra os códices interpolados é superado, pois eles podem conservar tradições genuínas que, com o seu abandono, podem ser perdidas.

Segundo Houaiss (1967, p.206), “o próprio Lachmann compreende que seu método não é aplicável a um texto não transmitido mecanicamente, mas sim através de recensões antigas, como a do **Novo Testamento**”. Por seu turno, Spaggiari e Perugi (2004, p.16) chamam a atenção para o fato de que, desde a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, em meados do século XV, até o começo da era da informática com o emprego dos computadores, em torno dos anos 80 do século XX, o modo de transmissão muda, porém não se altera a necessidade de explicar ou fixar qualquer aquisição intelectual.

Spaggiari e Perugi (2004, p.23) comentam que, com a implantação da informática no âmbito editorial, transforma-se o método tradicional de impressão, pois o autor escreve, revisa e corrige o seu texto diretamente no computador, entregando-o para a editora já digitalizado. Um *software* concebido para edição de textos impressos transpõe o material para a página do futuro livro, que tem o corpo (estilo tipográfico) e o formato (dimensões) pré-definidos. Nesse método não ocorre nenhuma mudança no texto, apenas na formatação dele. O editor apresenta as páginas do livro para o autor revisá-las e corrigi-las, a fim de autorizar a publicação do volume. Aqui não há dúvida de que o texto é a última vontade do escritor e de que seja autêntico (obra do próprio autor que o assina). Desse modo, tem-se o original e a certeza de sua autenticidade.

Contudo, nem sempre foi assim, e as dificuldades em fixar o texto definitivo fazem com que, através dos séculos, surjam várias disciplinas com o objetivo de criar uma edição fidedigna⁹⁸, estudando todos os aspectos que possam ser questionados. É nesse espaço, pois, que avulta o papel da Filologia, que tem como razão o texto, tentando explicá-lo, restituir sua genuinidade e prepará-lo para a publicação. Por isso, Spina (1994, p.82) acentua nessa disciplina diferentes funções. Na função substantiva, o filólogo tenta restaurar a forma original do texto, determinando a genuinidade, e prepara o material para publicação, com auxílio de outras disciplinas (Literatura, Métrica, Mitologia). Entretanto, a Filologia não edita; dedica-se a comparar os textos antigos, pois inicialmente não existe a imprensa. É a Crítica Textual que se volta para a edição mais fidedigna dos textos modernos, esclarecendo as dúvidas e recorrendo a normas sistematizadas e definidas universalmente. A função adjetiva dá conta dos estudos sobre a autoria, a datação e a importância do texto diante de outros da mesma natureza. A função transcendente diz respeito à transposição do texto, quando o filólogo ressalta seu valor como instrumento histórico representativo do pensamento e do estilo dos séculos antigos. Nesse quadro, a Edótica ou Crítica Textual compreende a função substantiva de crítica e organização material e formal do texto, com o objetivo de publicação.

Ao comparar a Filologia e a Literatura com a História, Spina (1994, p.80-81) afirma que as duas primeiras áreas dispõem apenas do texto literário para trabalhar,

⁹⁸ Edição fidedigna é aquela digna de fé, não significando ser autêntica, enquanto a edição fiel é aquela que reproduz a edição mais próxima do original ou anterior (SPINA, 1994, p.27).

enquanto a História possui documentos⁹⁹, como os textos de natureza jurídica, religiosa, política e outros, ao lado dos textos literários, que são documentos secundários. Destaca ainda a aproximação entre Filologia e História, com base no fato de que ambas as disciplinas se ocupam do mesmo objeto e utilizam método semelhante, isto é, o foco de estudo é o texto, e o método é o crítico.

Na comparação entre Filologia e História, Spina (1994, p.81) salienta que se deve considerar o tipo de investigação a ser realizada. Enquanto a Filologia atém-se à crítica do texto em suas diferentes versões, a História baseia-se na crítica externa (a restauração de documentos e estabelecimento da autoria, bem como a crítica de procedência) e na crítica interna (o estudo da linguagem como depoimento dos costumes e da visão de mundo de uma época). Assim, a História divide com a Filologia suas operações, ao se preocupar com o sentido literal, alegórico e moral do texto, levando em conta a competência, a objetividade de caráter histórico, a sinceridade da testemunha dos fatos e o controle de divergências entre as fontes.

As disciplinas, segundo Spaggiari e Perugi (2004, p.16 e seguintes), que estudam o manuscrito com o objetivo de recompô-lo, sob diferentes aspectos, são a Crítica Textual, a Paleografia, a Codicologia, a Bibliografia Textual e a Lexicografia. A Crítica Textual vem a ser o estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar os textos, através do exame de toda a tradição manuscrita, verificando o grau de autenticidade, com a intenção de recompor o texto original. A Paleografia é a disciplina que estuda os caracteres gráficos antigos, precedendo a Codicologia, que se ocupa do aspecto material dos manuscritos, em termos de suporte empregado, dimensões do objeto, informação, conteúdo, autoria da transcrição e datação. Cada um desses aspectos é examinado para apreender o maior número de informações possíveis sobre o manuscrito da obra interessada, e a disciplina, portanto, analisa e cataloga as formas da escrita, de acordo com a datação e o lugar de procedência.

Já a Bibliografia Textual, conforme Spaggiari e Perugi (2004, p.53), surge a partir das diferenças existentes entre manuscritos e impressos, no que diz respeito ao tratamento editorial, e pode ser definida como a disciplina que trata o livro antigo como o resultado do trabalho de todos os profissionais envolvidos na sua produção, que vão fazer parte de uma “bibliografia”. Nesse sentido, seu método é paralelo

⁹⁹ Apesar de documentos e monumentos possuírem inscrições, é necessário diferenciá-los pelo que consistem: no primeiro, trata-se de papiros, peles de animais ou papel; no segundo, metais, pedras ou madeira. Os

àquele do Neolachmannismo¹⁰⁰, cada um em seu domínio histórico. Nesse contexto, também aparece a Crítica das Variantes¹⁰¹, que surge na Alemanha e na Itália, referindo-se à posterior simultaneidade, marcada pela coexistência de códices e impressos. A França, por sua vez, adota uma forma de Crítica das Variantes, nomeada de Crítica Genética. No entanto, independentes uns dos outros, os filólogos trabalham para produzir instrumentos cada vez mais adequados para a edição crítica dos textos.

Spaggiari e Perugi (2004, p.40 e seguintes), salientando as intervenções que o Neolachmannismo faz no método lachmanniano, destacam as seguintes: 1) observar processos de transmissão vertical, transversal, horizontal ou de contaminação; 2) proceder à recensão fechada ou à aberta¹⁰²; 3) ser sempre preciso em não confundir a antiguidade do manuscrito com a antiguidade de seu conteúdo, pois um manuscrito recente pode conservar a redação antiga do texto, anterior à época do manuscrito, desde que o copista tenha ao seu dispor um manuscrito não contemporâneo a ele, o que se pode aplicar às edições.

A Lexicografia, por seu turno, é a disciplina que se preocupa em fazer a distinção entre substância e forma. O vocábulo é a unidade do léxico suscetível de ser atualizada no texto, enquanto a forma é a unidade do texto que representa o vocábulo atualizado e que se manifesta como um conjunto de sinais gráficos separados por espaços em branco.

O tratamento dos textos, para a Edótica ou a Crítica Textual, realiza-se por meio de regras de hermenêutica e exegese, buscando a forma mais próxima do que seria a redação inicial de um texto, a fim de que se estabeleça a sua edição definitiva, e dedica-se a cuidar da edição, considerando a complexidade decrescente do passado ao presente da obra de um autor vivo ou morto, tendo como objeto primordial o documento literário, de acordo com Houaiss (1967, p.204). Visa estabelecer, como se vê, a autenticidade de um texto, através da comparação de manuscritos e edições, valendo-se do método crítico, para chegar a um resultado

documentos são vulgarmente denominados de manuscritos (SPINA, 1994, p.23-24).

¹⁰⁰ O Neolachmannismo é o método proposto pelo filólogo Giorgio Pasquali, na década de 1930-1940, que acrescenta elementos ao método lachmanniano, abrindo novos horizontes de aplicação ao mesmo (SPAGGIARI, PERUGI, 2004, p.51).

¹⁰¹ No que diz respeito à filologia dos textos modernos, que é registrada pela coexistência de códices e impressos, ela dá origem a uma nova disciplina, a Crítica da Variante. A França, resistindo à Bibliografia Textual, descobre uma forma diferente dessa crítica, denominando-a de Crítica Genética. Esse novo nome passa a ser usado na Alemanha e Portugal (SPAGGIARI, PERUGI, 2004, p.53-54).

que seja o mais aproximado possível do original, tendo em vista a sua publicação. Nas edições antigas, por exemplo, cada cópia é uma edição diferente, pois um único copista pode fazer várias delas, mas cada uma será única e original, enquanto nas edições modernas, que passam por processo mecânico, são realizadas várias cópias idênticas do manuscrito.

É, portanto, atribuição da Crítica Textual recompor esse original perdido ou um texto qualquer de maneira fidedigna, com base na tradição manuscrita ou impressa, direta ou indireta, da obra. A tradição direta compreende os manuscritos e as edições impressas em que a obra se conserva; a indireta abrange as citações, as traduções e todas as outras atestações de segunda mão. Assim, o trabalho de uma edição crítica elaborada segundo critérios científicos rigorosos, baseia-se na totalidade dos testemunhos.

Na tradição impressa, não é difícil fazer o confronto das edições, porque o reconhecimento dos textos da mesma edição é instantâneo, apesar de nem sempre essa informação estar declarada no frontispício da obra. Uma forma de descobrir a “consanguinidade” entre as cópias é atentar para os erros, visto que eles podem aparecer em mais de uma e terem sido copiados de um mesmo original. Não é raro que a tradição indireta auxilie na própria classificação genealógica das edições existentes. Spaggiari e Perugi (2004, p.54) chamam a atenção de que a Crítica Textual brasileira nunca se distancia da tradição linguística, tendo como resultado a promoção precoce da categoria do erro autoral, concebido como inovação, e uma condenação dos verdadeiros erros, ou seja, desvios arbitrários, segundo a velha tradição editorial.

A finalidade da Crítica Textual é a de recompor historicamente a transmissão e a tradição do texto, desde o autógrafo até os manuscritos ou impressos existentes, identificando as condições de trabalho e o modo de apresentação do que se copia ou compõe.

2.2 O MANUSCRITO

Até o aparecimento da imprensa, o manuscrito desempenha o papel de suporte para registro, comunicação e difusão dos textos. Essa situação muda a partir do

¹⁰² A recensão fechada acontece sempre que for possível reconstituir a lição do original ou do arquétipo, com base na lei da maioria estatística, isenta de contaminação; a recensão aberta ocorre quando não é aplicável a lei majoritária em presença de lições adiaforas ou de contaminação.

século XVIII, de acordo com Biasi (1997, p.2). Os avanços técnicos da impressão permitem a substituição da cópia manuscrita pelo texto impresso, como meio exclusivo de difusão pública dos textos. O manuscrito passa a ser, então, traço pessoal de uma criação individual.

Houaiss (1967, p.10-11) salienta, nesse contexto, que a operação de manuscrito está em fase de extinção, pois o manuscrito vem sendo substituído pelo texto datilografado na máquina de escrever (em forma direta, indireta ou ditada) ou digitado diretamente no computador, o que elimina sua função. Ao surgir uma cópia, ela pode ser derivada diretamente dele ou de outras cópias. A automatização do circuito fala-registro (tradução) - audição prevê a resolução no futuro dos problemas ocasionados nesse processo, como a identificação daquele primeiro texto, mas não se pode sonhar por ora com a sua solução. Spaggiari e Perugi (2004, p.19) reforçam que, qualquer que seja o modo de apresentar o material na forma escrita – trabalho do próprio autor (autógrafo) ou de profissional (idiógrafo) –, novamente tem-se o manuscrito datilografado ou digitado, como documento original, contendo as alterações e as notas.

Houaiss (1967, p.65-66), por sua vez, destaca que não se pode esquecer que a obra não é escrita de uma única vez, pois o autor revisa, faz alterações, reformula e só depois publica. Considera-se como original aquela versão que o autor faz por último, pois as redações prévias não têm o mesmo valor que ela, a edição definitiva. Essa versão é um compromisso do escritor para consigo mesmo e para com seu público, e serve de guia para posterior edição crítica, se o autor merecer uma. Laufer (1980, p.13) comenta que os textos podem ter diferentes estados, separados pelo tempo decorrido entre as redações (ou impressões) e a alteração do espaço linear gráfico (ou tipográfico) de um estado a outro. Segundo Laufer (1980, p.17), todos eles se definem por sua ascendência e sua descendência, sendo que o conjunto desses estados constitui uma linha genética. Por isso, os filólogos se empenham em determinar critérios que permitam reconstituir as relações textológicas entre os manuscritos, de modo a chegar a uma edição mais fidedigna e autêntica.

Para estabelecer a relação entre os manuscritos, eles são reproduzidos, criando-se cópias, o que permite uma comparação posterior para determinar qual deles é o mais próximo da última vontade do autor. Spina (1994, p.84) apresenta os métodos usados para a reprodução de uma obra: 1) reprodução mecânica, como fotografia, fac-símile, fototipia ou heliotipia e xerografia, fiéis ao original, mas que

apresentam dificuldades de leitura (por exemplo, a fotografia não o substitui, porque não permite o exame de vários elementos, como material empregado, mudança de tinta, rasuras, etc.); 2) reprodução diplomática, com a versão tipográfica do texto manuscrito, como uma cópia perfeita do mesmo, desde a grafia, as abreviações, as lacunas, as ligaduras, os erros e todos os demais sinais, o que exige uma interpretação do mesmo nos seus aspectos paleográficos; 3) transcrição diplomático-interpretativa, como uma interpretação do original que elimina as dificuldades provocadas pela escritura, valendo-se de expedientes como dividir palavras, desdobrar abreviaturas, alterar pontuação, acrescentar letras que não figuram no original, colocadas entre parênteses; 4) transcrição paleográfica, mais perfeita que a cópia fac-similada, pois revela as particularidades do texto que somente um paleógrafo pode denunciar, como aspectos referentes a tipo de papel e tinta usado, notas de revisores, correções, etc; 5) estabelecimento do texto crítico, denominado de edição crítica, de acordo com as regras e as normas da Crítica Textual, com a reprodução o mais genuína possível da obra, a fim de manter a fidelidade à última versão do autor e tornar o texto mais legível e valorizado.

Para reconstituir as relações entre o manuscrito autêntico e suas cópias, o filólogo tem de determinar qual é o apógrafo, isto é, a primeira cópia feita a partir de um original do autor. Spaggiari e Perugi (2004, p.19), chamam a atenção para o fato de que hoje todas as cópias feitas a partir de um modelo também são consideradas apógrafos. Para se localizar um apógrafo, é necessária a análise dos elementos internos, como menção a fatos e pessoas, métrica e estilística, entre outros, que podem nortear a pesquisa. Quando o original está perdido e encontram-se apenas as cópias dele, manuscritas ou impressas, o conjunto dessas cópias indica uma tradição formada por testemunhos. Por outro lado, se os apógrafos não trazem nenhuma anotação a respeito, fica difícil escolher aquele que representa a última vontade do autor.

De acordo com Houaiss (1967, p.211), os apógrafos e os livros apresentam erros, porque os copistas e os tipógrafos cometem enganos que criam dificuldades para a compreensão dos textos. Cabe à Crítica Textual apontar esses erros, para impedir falsos julgamentos, facilitando a correção e evitando que eles se multipliquem em edições sucessivas. Para isso, vai formular uma hipótese, propondo o máximo de coerência interna, de rigor lógico e histórico, de modo que a confirmação da hipótese garanta a fidedignidade ao texto original. Esse processo

realiza-se em etapas, porque cada hipótese avaliada leva a uma conjectura posterior, em busca da verdade científica.

A análise de qualquer apógrafo manuscrito revela o caráter de cópia, pois, para diferenciar os manuscritos, basta examinar dois textos e verificar qual deles apresenta imperfeições de transcrição, denunciando-se como apógrafo do outro. No entanto, o editor tem a opção de corrigir ou manter o texto nas condições em que se encontra. Se pretende corrigir, é necessário que todas as emendas propostas sejam fundamentadas, justificando cada uma delas. Apenas com a morte do escritor, o editor chega ao texto definitivo, porque o autor vivo sempre pode fazer novas alterações no texto, mesmo depois que ele já tenha sido publicado.

2.3 AS ETAPAS LACHMANN

Para realização de uma edição crítica cuidadosa (como aquelas citadas por Houaiss), segundo Spaggiari e Perugi (2004, p.30), utiliza-se a metodologia da Filologia moderna, que obedece a etapas e se baseia na restauração do original perdido. Tal procedimento científico tem sua origem, em 1850, na teoria formulada pelo filólogo alemão Karl Lachmann, cuja obra-prima é o prefácio à edição do poema **De rerum natura**, de Lucrécio. Seu método prima pela objetividade, exigindo do estudioso o tratamento rigoroso do texto através de etapas definidas, conforme Houaiss (1967, p.206).

Segundo esse autor, os princípios fundamentais do método de Lachmann são: 1) recusa da *vulgata* como texto de base e busca dos códices como fundamentos essenciais para qualquer edição crítica; 2) desconfiança em relação aos outros manuscritos, pois, na época humanista, eles sofrem alterações na procura da elegância e da perfeição formal ao invés da verdade; 3) reconstrução da história dos textos e da relação genealógica existente entre eles; 4) criação de critérios objetivos que permitam determinar a lição do original (pelo menos do arquétipo) de maneira mecânica.

O método de Lachmann caracteriza-se pela elaboração dos conceitos *recensio* (recensão), *emendatio* (emenda) e *archetypum* (arquétipo); pela implantação do sistema de reunião dos manuscritos através de erros comuns; pelo estabelecimento do procedimento mecânico na reconstrução do arquétipo, sob o fundamento de determinadas concordâncias; pela decisão de eliminação de manuscritos suspeitos

de interpolação e pela tentativa de reconstruir, por considerações diplomáticas e por testemunhos externos, a história e a fortuna de um texto. Deve-se a Lachmann toda a terminologia latina da Crítica Textual: *recensio*, *collatio* (colação), *emendatio*, *archetypum*, *originem detegere* (estema), bem como expressões que se tornam normas da Crítica Textual posterior, constituindo a nova terminologia das operações edóticas, entre elas: *recentiores non sunt deteriores*; *usus scribendi*, *lectio difficilior* e *eliminatio codicum descriptorum* (HOUAISS, 1967, p.206).

O princípio *recentiores non sunt deteriores* (os mais recentes nem sempre são os piores) orienta o estudioso no sentido de não considerar a antiguidade como um critério de valor, isto é, ao examinar os manuscritos, segundo Lachmann, ele não deve eliminar ou desprezar as cópias mais recentes, pelo fato de estarem muito distantes do tempo original ou do arquétipo, independente da forma em que elas tenham sido transmitidas, pois existe a possibilidade de que a cópia atual tenha tido como modelo um arquétipo antigo próximo do original, sendo que a cópia próxima do original é capaz de auxiliar na reconstituição do arquétipo ou do original perdido.

O princípio *usus scribendi* refere-se ao estilo do autor, de uma escola ou de uma época, considerado e reconhecido pelo editor crítico. Pressupõe-se que esse tem amplo conhecimento de todas as características de estilo do escritor, para fazer conjeturas em situação de erro ou de lacuna, ou para escolher entre variantes documentadas em diferentes testemunhos. O editor pode fazer tais conjeturas de correção dos manuscritos estudados, valendo-se ainda do critério *lectio difficilior*, que é normalmente usado para arbitrar em caso de lições de igual autoridade documentária.

O *lectio difficilior* é a lição atestada (ou conjectura) que se distingue de todas as outras, por seu grau de dificuldade ou raridade, do ponto de vista morfológico, semântico ou lexical. O editor crítico tende a preferir a *lectio difficilior*, entendendo que deve estar mais próxima do original, pois pressupõe que, por ser rara e difícil, os copistas a tenham reproduzido com mais atenção, havendo tendência de conservá-la na tradição. O filólogo, a partir do princípio *eliminatio codicum descriptorum* (SPINA, 1994, p.99), deve eliminar cópias coincidentes que se apresentam durante a colação).

Spaggiari e Perugi (2004, p.32) afirmam que a explicação sistemática do método lachmanniano se deve ao filólogo alemão Paul Maas. Como suas observações são muito concisas e críticas, elas estimulam várias modificações e

aprofundamentos sucessivos na proposta de Lachmann. O método pressupõe várias etapas, descritas por Spaggiari e Perugi (2004, p.32-40), que devem ser postas em prática uma depois da outra.

A primeira etapa é a recensão, que consiste no levantamento de toda a tradição existente da obra, manuscrita e/ou impressa, mesmo a fragmentada. Essa tradição pode ser direta ou indireta: a direta diz respeito ao manuscrito ou à edição impressa, que pode ser do próprio autor (autógrafo) ou de copistas (apógrafos); a indireta compreende as fontes, as traduções, as citações, os comentários, as paráfrases e as imitações. Houaiss (1967, p.228) refere-se a dois tipos de recensão: a primeira é baseada em um só testemunho, o códice único, e consiste na descrição e na decifração do testemunho único; a segunda tem mais de um testemunho, o que exige um trabalho mais amplo e minucioso. Todo testemunho provém de um anterior, que é a fonte. No conceito edótico, a fonte refere-se às obras, às passagens, aos espaços sobre os (ou em função dos) quais uma obra é inspirada, podendo ela ser conservada ou perdida. Quando conservada, ela é valorizada como o códice único privilegiado; quando perdida, sua reconstituição vai depender dos dados recolhidos através do testemunho existente.

A segunda etapa refere-se ao exame de cada testemunho da tradição, com o objetivo de avaliar sua autenticidade e constituir, a partir dele, um possível original. Desse modo, a inteligência de um texto passa pelo exame das características da obra, que possam servir de lição para um outro texto; das particularidades e generalidades do contexto, que possam destacar algo; e dos textos alheios anteriores e contemporâneos ao autor, na dupla operação acima destacada. Quando há um códice único, o editor limita-se à descrição e à explicação do texto, corrigindo apenas erros evidentes, com base em conjeturas. No caso de vários códices, cujo número muda de uma tradição para outra, é necessário passar à fase seguinte (SPAGGIARI e PERUGI, 2004, p.33).

O terceiro momento refere-se à colação, quando há a comparação de todos os testemunhos que formam a tradição, em busca de relações que determinem o seu parentesco. Do confronto entre o material atinente à tradição impressa surge o texto que se toma como base, o exemplar de colação (SPINA, 1994, p.98). O objetivo da colação é chegar, pois, ao reconhecimento da cópia (recente ou antiga) que mais se espelha no original perdido, podendo ter existência real ou ser um texto ideal, fruto de reconstituição — o arquétipo. Nesse sentido, é necessário que o editor

compreenda o texto para estabelecê-lo, o que vai contra uma postura de absoluta objetividade mecânica na operação (HOUAISS, 1967, p.205).

Com respeito à etapa seguinte, o estabelecimento do estema, Houaiss (1967, p.216) o define como a representação gráfica das relações existentes entre os manuscritos do texto mais próximos do original e mais fidedignos, numa tradição múltipla. Ele é formado através da atenção ao número de erros, pois o erro provém da cópia, possibilitando a classificação genealógica das diferentes versões do texto, segundo as cópias, as impressões ou as edições que teve. Essa etapa denomina-se *originem detegere*. É o momento em que o editor determina de que maneira os textos se filiam entre si e como se opera a transmissão, independente de como ela tenha ocorrido, que pode ser de modo vertical, transversal, horizontal ou por contaminação. A transmissão vertical ocorre quando o manuscrito provém diretamente do original ou do arquétipo; a transversal, quando deriva do confronto de exemplares de períodos diferentes; a horizontal, de exemplares da mesma época; por contaminação, quando o copista, ao transcrever o exemplar, faz mudanças de lições genuínas do original por outras. Também ocorre a contaminação quando são acrescentadas correções no texto, utilizando outros manuscritos, pertencentes à tradições diferentes (SPINA, 1994, p.101). A função da estemologia é, pois, de operar um retrocesso no curso temporal, o da bibliografia descritiva, e de percorrê-lo de cima a baixo, de modo a permitir ao editor a classificação das edições para criação de um estema.

Conforme Houaiss (1967, p.216), a determinação do estema exige que o editor localize os desvios do original ou do exemplar de cópia, distinguindo a inovação, a variante, a lição adiáfora ou o erro. A estemática verifica a existência dessas variantes ou discrepâncias, procurando estabelecer o estema ou árvore genealógica dos apógrafos, ou impressões e edições de um texto. Não é possível, contudo, criar um estema quando há apenas um manuscrito autógrafo ou uma única edição da obra, porque o estema representa sempre um sistema de relações entre textos. No momento em que o editor se depara com dois autógrafos (ou duas tiragens de uma única edição), é provável que um deles seja cópia do outro, o que exige exame e decisão do pesquisador.

Quando o editor crítico estabelece o estema e não consegue determinar qual é o manuscrito autógrafo original ou definitivo, ele tem de se apoiar no texto de base ou no arquétipo, para organizar uma edição crítica. Spaggiari e Perugi (2004, p.36)

explicam que, se houver uma edição única em vida do autor, ela é considerada o texto de base. Quando há mais de uma, cria-se um problema, pois ou elas correspondem a mais de uma gestação conceitual (de certa maneira, são autônomas em relação à obra), ou representam fases distintas de sua apresentação.

Há também a possibilidade de um exemplar ser copiado diretamente de outro, reproduzindo todos os seus erros. Nesse caso, Spaggiari e Perugi (2004, p.35) identificam uma nova etapa de trabalho, quando o filólogo deve analisar em detalhes esse texto que é cópia de outro, para proceder à sua eliminação, baseada nas evidências encontradas.

Os fatores para determinar a genealogia dos manuscritos dizem respeito a erros comuns e à história dos manuscritos, como sua proveniência, sua ornamentação, suas lacunas e as intervenções sofridas por eles, que podem confirmar as deduções tiradas do exame de variantes textuais. Depois de realizar o estema da obra e excluir as cópias idênticas, o editor deve passar para a etapa seguinte, que é a do estabelecimento do texto, apoiando-se nas lições que são transmitidas pela tradição manuscrita e impressa. Para isso acontecer, segundo Houaiss (1967, p.222) , ele deve ver se existe o manuscrito ou o texto original e recorrer, caso haja, à primeira edição (edição príncipe) ou às primeiras edições. Quando uma segunda edição leva a discrepâncias, o manuscrito pode esclarecer dúvidas, através das correções realizadas pelo autor do texto. Por isso, numa edição crítica, todas as edições em vida do escritor são de referência e de cotejo necessários. Contudo, é preciso observar se a última, revista ou aprovada pelo escritor, é a mais fidedigna; caso contrário, procuram-se a edição príncipe ou a mais próxima da primeira, na falta dessa.

Para a constituição da edição crítica da obra, o editor, de posse de suas versões, procede à emenda, isto é, restaura ou tenta restaurar aquilo que identifica como danificado no processo de transmissão, com o intuito de recuperar a verdade histórica, tanto em si, como também na sua função de ponto de partida para atingir outros conhecimentos. A correção dos danos pode ser realizada através da seleção de dados significativos para o cotejo de dois ou mais testemunhos considerados de igual valor no estema. Acontece, então, a remontagem do texto, na tentativa de reconstruir sua história e sua fortuna, mediante observações baseadas no exame do material subsistente e nas demais informações fornecidas pelos próprios códices (SPINA, 1994, p.114 e seguintes).

As normas para o estabelecimento do texto não podem ser inflexíveis, pois cada obra tem características próprias e problemas diferentes. Em decorrência disso, não é possível encontrar uma edição crítica modelo, uma vez que cada uma é resultado de um trabalho metodológico, em atenção à época, ao autor, ao lugar e às circunstâncias em que é criada (SPINA, 1994, p.93).

Para escolha de um texto de base, Laufer (1980, p.8) afirma que podem ser usados critérios objetivos ou subjetivos. Os primeiros são: 1) respeito à autoridade moral do escritor vivo, determinada por lei, quanto à divulgação, ao nome de família ou pseudônimo, às imagens, às correções e/ou remanejamentos e à autorização para adaptação e tradução a que o editor deve obedecer; no caso de herdeiros, a prevalência do direito moral quanto às prerrogativas de divulgação, paternidade e respeito; 2) determinação da real data da obra como a da tradição (enquanto a histórica é a data de seu aparecimento); 3) atendimento ao interesse geral, reafirmando o valor perpétuo da última vontade do autor, do ponto de vista histórico, político, moral e criador, identificador e arbitrário.

Os critérios subjetivos, conforme Laufer (1980, p.10), são os seguintes: 1) aprovação do autor e do editor quanto aos aspectos literários e/ou ideológicos para estabelecer o texto de base (a primeira ou a última edição); 2) autoridade do próprio texto, mantendo o editor a coerência textológica¹⁰³, como ocorre com aqueles de domínio público, em que o editor deve avaliar as partes, relacionando-as com o todo, baseando suas decisões no próprio texto. Nesse caso, o editor desconsidera a subjetividade individual e se sujeita à subjetividade histórica, que se estende à toda leitura. Acontece aí a anulação dos critérios morais, históricos, artísticos e ideológicos. Ao editar um texto faz-se uma reprodução, mas o objetivo é transmitir o texto na sua integralidade. O critério da escolha, pois, faz parte da decisão de editar, respeitando a obra; 3) auto-censura do autor em relação ao seu próprio texto na publicação original ou na reedição. Nessa situação, somente o resultado final deve ser julgado, não se avaliando as ingerências internas e externas que levaram o autor a tomar determinadas decisões.

Na escolha do texto de base são recusadas as edições que não possuem qualquer autoridade, mantendo-se as simultâneas, as variantes e os diferentes estados de uma mesma edição. É a partir desse texto que o editor procura encontrar

¹⁰³ Textologia: é a ciência que estuda as condições gerais de existência dos textos, assegurando a transmissão da mensagem. (LAUFER, 1980, p.IX)

o texto ideal, que se afasta do primeiro, pois o texto de base¹⁰⁴ é transcrito pelo editor, criando o exemplar de colação¹⁰⁵, esse último, diferente do de base. Em decorrência disso, o texto de colação é alterado várias maneiras, tornado-se o texto de edição, que é estabelecido a partir das normas pragmáticas. É necessário, por isso, para determinar o texto ideal, que o editor observe regras fundadas na natureza das variantes.

As dificuldades para escolher o texto de base estão relacionadas às diferenças entre os estados dos textos e das revisões a que eles são submetidos, desde a primeira leitura até a reforma total da obra, podendo ocorrer um remanejamento, que determina uma modificação das partes e uma alteração no todo. Desse modo, qualquer retomada do trabalho de escrita altera ou modifica a coerência textológica, conforme Laufer (1980, p.13).

Para Laufer (1980, p.14-16), os estados do texto podem ser os seguintes: 1) estados pré-originais e originais manuscritos ou de impressos: nesse caso, o autor pode escolher o estado em que deseja divulgar seu texto, de forma pública ou privada, em uma ou várias versões. O estado pré-original existe quando a divulgação não autorizada do texto é destinada apenas a amigos, seguida da publicação do original pelo autor; o original provém de uma edição manuscrita única anterior à impressa; 2) estados preparatórios, que, através da intenção do autor, do projeto, das notas e dos planos, se diferenciam do estado ideal, essenciais para constituir os estudos da gênese, evidenciando o caráter pré-textológico do manuscrito; 3) estados parciais, quando na época de impressoras manuais, uma edição apresenta diferentes estados com as erratas. No século XIX, ocorre estado parcial quando se reparam ou substituem partes, resultando em tiragens sucessivas. No caso, a ordem de sucessão e autoridade dos estados parciais pode ser instituída por meio de procedimentos objetivos de análise; 4) estados de segunda edição, informação que nem sempre aparece na folha de rosto, como correção da edição original, surgindo num intervalo de semanas ou meses depois da primeira, o que torna a edição original um mecanismo de prova. Somente na análise bibliográfica é possível descobrir que se trata de uma segunda edição; 5) estados simultâneos,

¹⁰⁴ O texto de base é aquele cujas lições não passam para o aparato crítico, em caso de variação. É o texto do manuscrito do autor ou, na sua falta, o testemunho não autógrafa que esteja mais próximo do original. Quando ele não existe, o texto de base deve ser o da edição mais antiga de uma tradição de edições impressas. Contudo, o editor tem o direito de emendar o texto a partir de outro testemunho que pontualmente considere melhor. (LAUFER, 1980, p.35).

considerados como edições originais, publicadas em diferentes países, sem perder a autoridade. Como, normalmente, o autor acompanha as edições estrangeiras, e a nacional fica aos cuidados de seus amigos, as condições de autenticidade se invertem, mas é da edição do País do autor que se originam todas as demais edições; 6) estados não superponíveis, versões distintas, em que o autor modifica o texto, criando versões diferentes e escolhendo qual delas será publicada. Para determinar a independência de cada uma, é necessário analisar sua coerência interna. Qualquer escolha que o editor faça deve somente ser concretizada na perspectiva da obra completa, observando a sequência das edições e a evolução da escrita, ou seja, uma outra coerência.

Uma vez constituído o texto de base, a etapa seguinte é a de preparar o aparato crítico. O editor, então, confronta suas escolhas com as lições por ele rejeitadas, que são recolhidas e registradas. Para isso, vale-se de um sistema de notação composto de símbolos usados na transcrição das particularidades das edições, para marcar as diferenças existentes entre os manuscritos e justificar as soluções que encontra. Spaggiari e Perugi (2004, p.39) explicam que é comum a utilização de símbolos e siglas nos aparatos críticos, e eles devem ser curtos, simples e de fácil compreensão. Desse modo, é possível visualizar a transcrição genética sem dificuldade, mas, como ela varia de obra para obra, esse é um dos maiores problemas dos críticos textuais, pois cada um dos editores cria seu próprio sistema de codificação, usando abreviaturas com o objetivo de poupar espaço.

2.4 OS ERROS

No processo de edição, que prevê os estados descritos, é necessário que o editor que realiza a colação e determina o texto de base preste atenção aos erros que o material apresenta, pois o erro é entendido como qualquer desvio não planejado pelo autor no texto original, e, por isso, se não ficar comprovado que o escritor tenta melhorar seu texto, o erro pode ter sido inserido em suas cópias.

Para Laufer (1980, p.42), o autor pode cometer ou deixar passar alguns erros, ainda no processo de edição do livro, e a função do revisor é a de apontar-lhe esses erros. O editor de obra póstuma pode corrigir os erros do escritor, sem alterar as

¹⁰⁵ O exemplar de colação surge ao se escrever novamente o texto de base em outro lugar (LAUFER, 1980, p.35).

suas intenções, interferindo apenas para reparar falhas anteriores de um revisor ou do autor. A tarefa de revisor também pode ser do próprio autor, quando exerce o direito de arrependimento para introduzir correções no texto. Se uma obra apresenta edições diferentes, é necessário um estudo comparativo entre elas, para chegar ao exemplar ideal, que pode, inclusive, coincidir como uma das versões existentes (LAUFER, 1980, p.40-41).

Segundo Spaggiari e Perugi (2004, p.24), antes da invenção da imprensa, cada nova cópia de uma obra está sujeita a alterações, graves ou não, no que diz respeito à sua versão original. É impossível transcrever uma cópia sem cometer erros, ou seja, uma cópia representa uma versão alterada do original que pretende transmitir. Isso justifica o motivo pelo qual o texto que sai do prelo não necessariamente é a última vontade do autor, pois não está isento de erros. Muito pelo contrário, devido ao próprio procedimento empregado, pode gerar os erros que são impressos.

Spaggiari e Perugi (2004, p22.) acentuam, assim, que a transferência do manuscrito para o datilografado pode ocasionar erros. Se o autor não supervisionar esse processo, o livro publicado pode ser diferente daquele que ele escreve. Para Houaiss (1967, p.212), o essencial é considerar os indícios de erros. Se há um único indício, trata-se da presunção de que o erro é restrito, podendo talvez ser verossímil. Se há vários indícios de erro, de modo convergente, eles podem ser vistos como concordantes, pois se tornam um elemento objetivo de critério, passando à categoria do verossímil. Um crítico textual deve apoiar-se em vários indícios de erro mais do que em um único.

A melhor maneira de classificar os erros é levar em conta suas causas: a responsabilidade (erros do autor, do copista, do revisor, do editor); a natureza (erros voluntários, involuntários, correções intencionais); o tipo (omissão, confusão de letras, saltos, transposições); e o condicionamento psicológico (todos os aspectos da patologia da atenção).

Destaca Houaiss (1967, p.212-213) que, dentre os erros cometidos por copistas e tipógrafos, podem ser observados os seguintes: 1) aparecimento de formas ou de frases inexistentes, que não têm nenhum fundamento e são reveladas pela própria tensão entre texto e contexto; 2) sequências interditas, cacofônicas, eminentemente arbitrárias, independente de qualquer noção de sentido ou de gramática; 3) erros fatuais como, por exemplo, Reno (rio) por Remo (um dos fundadores míticos de Roma), que ocorrem em circunstâncias inadmissíveis para o

autor; 4) vícios de sentido ou de sintaxe; 5) vícios de estilo, como obscuridades, disparates, assimetrias sintáticas ilógicas ou inusitadas, principalmente sobre o autor, a obra e afins; 6) vícios métricos, rítmicos, prosódicos, licenças extemporâneas sobre o autor, a obra e afins; 7) disposição, ordem e sequência insólitas, indícios esses que corroboram significativas presunções de erro, na medida em que se apresentam com maior ou menor riqueza de variantes, segundo as linhas estemáticas; 8) alterações diante de passagens obscuras, na tentativa de torná-las inteligíveis (um dos exemplos é a ligação ou a separação de palavras, que pode conduzir os editores a erros que violam o sentido do texto).

Segundo o autor, salvo nos livros que são reimpressos ou reeditados, a possibilidade de encontrar erros é grande, pois, a cada edição, novos erros podem ser cometidos, isto é, o texto de uma reedição pode deixar de merecer fé, para leitores mais atentos. Por causa desses erros, postulam-se os problemas da duplicidade, da fidedignidade e da fidelidade textual. A interpretação de um texto pode ser prejudicado devido a alterações, lacunas e acréscimos ocorridos durante as diversas edições. Em consequência, para um cientista, é extremamente necessário lidar com textos fidedignos e fiéis.

Quanto mais uma cópia se afasta do original, maior número de erros é possível encontrar. Os manuscritos que transmitem um idêntico erro pertencem à mesma família. Spaggiari e Perugi (2004, p.34) destacam que o erro comum é garantia de parentesco, desde que seja expressivo, isto é, que seja conjuntivo (em relação aos demais manuscritos da mesma família) e separativo (em relação a outros ramos da tradição do manuscrito). Existe ainda o erro poligenético, que pode ser cometido, de modo independente, por vários copistas, não relacionados entre si. Uma das situações que permite que esse tipo erro ocorra é um fator interno do texto, possibilitando que diversos copistas possam ser levados a ele. Para Spaggiari e Perugi (2004, p.35), a existência de fatores internos que facilitam o erro não altera o grau de parentesco entre os manuscritos. Spaggiari e Perugi (2004, p.70) observam que o conceito de erro é revisado quando ocorre uma mudança de ótica, em que se abandona gradualmente o normativismo linguístico, dominante entre os fundadores da Filologia. A partir dos anos 70 do século passado, o erro passa a ser limitado a erros mecânicos.

2.5 AS VARIANTES

Mas não é apenas através dos erros que o editor crítico pode determinar a relação entre os manuscritos; aqui se introduz o conceito de variante como uma lição divergente, num dado lugar do texto, entre dois ou mais testemunhos. Assim, um estema serve para auxiliar o editor a escolher entre as variantes indiferentes, adiáforas ou neutras. Elas ocorrem quando são por si corretas e aceitáveis, irrepreensíveis sob todo ponto de vista substancial e formal; são aquelas variantes que não afetam a correção formal do texto e cuja escolha é difícil, quer socorrendo-se do estema, quer baseando-se nos critérios do *usus scribendi* ou da *lectio difficilior*.

Conforme Houaiss (1967, p.213), diante de variantes, o estema tem de impor um critério de resolução, se ele não tiver sido estabelecido. Pode acontecer que: 1) cada uma das variantes forneça um sentido aceitável, devendo-se, em caso dúbio, eleger a mais antiga, se for viável definir sua ascendência ou, não o sendo, determinar a preferência do editor do texto; 2) uma variante aceitável pelo editor do texto possa se tornar inaceitável quando for necessário apontar as dificuldades e suas causas, ou legitimar outra variante, ou mesmo optar por essa; 3) uma variante aceita pelo editor do texto seja contestada por outra descoberta posterior, verossimilmente pior, motivo pelo qual se deve provar a inadmissibilidade da nova variante ou verificar se ela não fornece indícios de uma variante hipotética, ou tentar explicar a variante nova inaceitável, para evitar a incerteza, e não a tornar aceita; 4) as variantes sejam complexas, aparentando combinar entre si para obter uma lição composta, originária de lições diferentes, sendo essa considerada suspeita, apesar de admissível; 5) nenhuma das variantes seja admissível, o que leva à ideia de que elas também sejam suspeitas; 6) as passagens sem variantes possam ser insatisfatórias, pois é possível admitir a perda de ramo ou ramos da tradição, atribuindo as correções conjecturais, independentes de confronto de variantes inexistentes, com base na teoria dos erros possíveis. Isso também pode ser aplicado na tradição fundada em um só apógrafo.

A variante pertence ao texto, enquanto a lição é a variante preferida ou adotada pelo estudioso, ou seja, o conteúdo de um lugar do texto em qualquer dos seus

testemunhos. Quando o desvio não compromete a correção formal do texto, está-se diante de uma inovação ou lição característica, tornando a variante uma lição divergente, em dado lugar do texto, entre dois ou mais testemunhos. Esses dois conceitos são relativos e somente válidos quando se compara um manuscrito com outro. Uma variante existe, pois, na medida em que difere da lição de outro manuscrito.

Com a ajuda do estema e dos outros testemunhos coletados na recensão, o editor faz a comparação e o exame das variantes encontradas. Porém, a tradição indireta pode fornecer auxílio na opção e na correção de lições divergentes. O filólogo, nesse caso, utiliza sua intuição crítica, seus conhecimentos sobre o autor e sua época, quando todos os outros métodos fracassam. Essa intuição pode ainda recriar a redação do autor em passagens mutiladas ou danificadas, revelando trechos ou versos interpolados na cópia. As interpolações constituem-se em elementos acrescentados por copistas ou leitores em qualquer obra; portanto, são considerados erros, pois eles não estão presentes na hora em que o autor escreve o texto.

Para Laufer (1980, p.41), nas diferentes versões de um manuscrito encontram-se variações que, desde a invenção da imprensa, são reduzidas. Em decorrência disso, recorre-se à noção de texto ideal, que vem a ser um conceito diverso daquele do exemplar ideal¹⁰⁶. O teórico define as variantes como lições diferentes que se observam entre os estados, em número determinado de trechos. Contudo, certas variantes parecem originar-se das correções do autor, e o objetivo do filólogo é de encontrar um estado autêntico. Com o passar do tempo, é possível confundir esses estados, que podem existir em vida do autor e são separados através da análise bibliográfica (LAUFER, 1980, p.17-18).

As filiações reais e a transmissão de erros são esclarecidas através de um estudo aprofundado, conforme Laufer (1980, p.18-20). Essas filiações podem ser: 1) textológicas gerais, que se processam em linha direta ou indireta. Na primeira, o autor revisa o texto pela última edição publicada, e os estados autênticos incidem de modo interrupto quando ele revisa cada nova edição ou entremeia o trabalho de revisão. Numa revisão desordenada, os estados autênticos sucedem-se de maneira irregular. As deteriorações podem ser desprovidas de autoridade quando são

¹⁰⁶ O exemplar ideal é aquele que reproduz o texto de base enquanto o texto ideal é um conceito. O texto pode variar de um exemplar para outro ou de uma edição para outra (Laufer, 1980, p.41).

mantidas pelo autor, que não percebe que elas existem, ou dão margem a correções que podem restabelecer o texto precedente ou criar um novo texto. Na indireta, o autor revê o texto através de qualquer edição, gerando um estado intermediário em relação ao último estado modificado; 2) manuscritas, quando a filiação é encontrada pelo exame dos erros, pois o objetivo é encontrar o texto possível. Todas as reproduções são imperfeitas e se acumulam na linguagem, surgindo a noção de erros comuns, com a filiação dos erros recobrando aquela dos manuscritos. A transmissão dos erros depende das causas: os erros patentes podem ser abolidos, e os erros ambíguos podem ser resolvidos ao se retomar o texto fiel, ou se criar uma variante sem autoridade; os invisíveis são conservados; os independentes produzem-se casualmente em um mesmo trecho; 3) impressas, quando a bibliografia sobre o material pode verificar as indicações da página de rosto, uma vez que elas nem sempre são dignas de confiança. É preciso indicar a filiação detalhada do conteúdo, pois a sucessão cronológica pode recobrir a evolução do texto.

Conforme Houaiss (1967, p.209), a diversidade de variantes permite que elas apresentem graus diferentes de erros, de obviamente erradas em relação ao autor, à obra, ao tempo e à língua, até provavelmente erradas ou certas. Pode-se confundir os termos variante e erro em dois sentidos: 1) ou desprende-se da palavra erro o conceito oposto a correto; 2) ou se repassa ao vocábulo variante uma definição gradual, em que se inclui o obviamente errado até o possivelmente certo, original, isto é, do autor. Entre as variantes há uma ou algumas seguramente incorretas.

Segundo Houaiss (1967, p.210), os demais critérios para avaliar as variantes são conjecturais. Quando o editor tem suspeita de erros, pode marcá-los ou não, ou, ainda, assinalar os erros, criando uma forma admissível, sem contaminá-los com a suspeita. A consideração da conjectura textual é tão legítima para edição de textos quanto para qualquer outra ciência histórica que não possui contraprova objetiva.

Daí a importância do tratamento das variantes e dos erros observados, como acentua Houaiss (1967, p.213). Para o teórico, optar entre uma ou duas variantes é supor que a lição de determinado apógrafo é errada (o que indicia, já de si, as variantes), e a lição de outro apógrafo é a correção admissível ou conveniente para a erronia. Nesse sentido, os erros óbvios não são frequentes e necessitam ser corrigidos por quem quer que seja, desde que o manuscrito ou o impresso tenha

sido realizado com cuidado. Os indícios para a localização do erro derivam, assim, da falta de compreensão e da existência de variantes.

A edição crítica pretende, portanto, dar conta dos fenômenos existentes, considerando as circunstâncias que os têm gerado, segundo Spaggiari e Perugi (2004, p.69). Essa edição interessa-se pela redação definitiva dada pelo autor e tem como objetivo reconstituir a primeira redação do texto, preocupando-se com a evolução estilística do escritor. Nesse sentido, duas operações são fundamentais para a edição crítica: a da fixação do texto, seu preparo segundo as normas da Crítica Textual, e da apresentação e da organização técnica do texto, bem como seus elementos elucidativos, como história dos manuscritos, informações sobre os critérios adotados, aparato crítico e glossários, tendo como objetivo a sua publicação. Justamente os recursos da Crítica Textual até aqui descritos que são utilizados para a organização da coletânea da obra poética de Apolinário José Gomes Porto Alegre.

3 ESTABELECIMENTO DO TEXTO

3.1 *DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA*

3.1.1 Localização das fontes

A proposta de uma edição da obra poética de Apolinário Porto Alegre justifica-se devido à importância do autor na construção da literatura sul-rio-grandense, como se vê no segundo capítulo. Seus poemas encontram-se distribuídos em dois livros, além daqueles dispersos em jornais e revistas de sua época. Somente, pois, através da recuperação do material e do estabelecimento do texto dos poemas seguindo normas técnicas, pode-se organizar um volume completo, como já o mereceram outros autores sul-rio-grandenses e brasileiros. Desse modo, os textos estarão acessíveis aos leitores e pesquisadores em geral. Por ora, seus poemas aparecem nos livros **Bromélias** e **Flores da morte**, na **Revista do Partenon Literário**, nos jornais **Arcádia**, de Rio Grande, **A Reforma**, **Correio do Povo** e **Jornal do Comércio**, de Porto Alegre, muitas vezes publicados sob pseudônimos, o que dificulta a coleta do material, impondo a identificação dos mesmos, para determinação da autoria dos textos. Além da consulta aos dois livros do autor, a investigação realiza-se através do manuseio de revistas e jornais, a maior parte contemporânea de Apolinário, em busca dos poemas que compõem o *corpus* desta tese.

Para tanto visitam-se as instituições dedicadas à preservação de nossa memória cultural, em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, os mais importantes centros para pesquisar em periódicos do século XIX e XX. Tais instituições constituem o espaço fundamental para o conhecimento da gênese e do desenvolvimento cultural da sociedade sul-rio-grandense. Acrescente-se o fato de que Apolinário Porto Alegre vive e/ou atua nesses três pólos, hoje detentores de seu acervo.

A **Revista do Partenon Literário** é a fonte primária mais importante, porque Apolinário Porto Alegre era seu diretor. A coleção completa em papel encontra-se no Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul e é formada por 70 exemplares – 1869 (10 exemplares), 1872 (6 exemplares), 1873 (12 exemplares), 1874 (12 exemplares), 1875 (12 exemplares), 1876 (5 exemplares), 1877 (8 exemplares), 1879 (5 exemplares), nos quais se garimpam os poemas do autor.¹⁰⁷

Outras instituições que possuem livros e periódicos da época também são visitadas, no intuito de localizar o maior número possível de poemas do autor. Em todas as instituições são examinados livros, jornais e revistas do período em que o autor vive. As primeiras são as instituições culturais sediadas em Porto Alegre. O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa¹⁰⁸ é um órgão do Estado do Rio Grande do Sul, direcionado para a conservação, a pesquisa e a divulgação da história da comunicação social do Estado. Seu acervo é composto por itens que abrangem imprensa escrita, televisão, vídeo, rádio, fonografia, publicidade e propaganda, fotografia e cinema. Deve-se destacar que a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul não possui uma hemeroteca, pois todo material está disponível para pesquisa, exclusivamente, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Dando continuidade à investigação, pesquisa-se no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho¹⁰⁹, que tem como objetivo preservar e divulgar documentos que constituem uma fonte de pesquisa sobre a cidade e registram a formação de Porto Alegre desde 1764. Entre esses documentos, estão jornais, revistas, relatórios, projetos, mapas, plantas e correspondências que mostram a política das administrações municipais.

¹⁰⁷ Para a construção o *corpus* desta tese utiliza-se a cópia digitalizada dessa coleção da **Revista do Partenon Literário** originada de projeto em andamento coordenado pela professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Dr. Alice Therezinha Campos Moreira.

¹⁰⁸ Está localizado na antiga sede do jornal **A Federação** — prédio construído em 1922 e tombado em 1977 pelo Patrimônio Histórico de Porto Alegre, à Rua dos Andradas, 959, Centro, Porto Alegre — RS MUSEU de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Retirado da Internet: http://www.cultura.rs.gov.br/principal.php?inc=mc_hipolito (14/01/2010).

¹⁰⁹ A Instituição está instalada em duas casas do final do século XIX, que foram restauradas pela Prefeitura. O Arquivo recebe o nome de Moysés Vellinho em 1989, por indicação da Câmara Municipal, em homenagem ao escritor e historiador gaúcho. O endereço do Arquivo é Avenida Bento Gonçalves, 1129, Bairro Santo Antônio, Porto Alegre – RS. ARQUIVO Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Retirado da Internet: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=10&p_secao=19 (14/01/2010).

A Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS¹¹⁰ tem sua origem no acervo localizado junto ao Colégio Rosário desde 1940, servindo às Faculdades de Ciências Econômicas, Filosofia, Serviço Social e Direito. Em 1977, muda-se para o atual prédio, ocorrendo a ampliação do espaço físico, de 10 mil para 21 mil metros quadrados, a partir de 2006. A Biblioteca atende à comunidade universitária nos setores de ensino, pesquisa e extensão, oferecendo também alguns de seus serviços à comunidade em geral.

O Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul¹¹¹ é uma instituição cultural privada, sem fins lucrativos, fundada em 5 de agosto de 1920, com o objetivo de preservar a memória cultural do Rio Grande do Sul. A biblioteca do IHGRGS possui acervo de livros, arquivos, mapoteca, hemeroteca, fototeca, informática, contemplando várias áreas do conhecimento, principalmente em História e Geografia antigas do Rio Grande do Sul, Antropologia, Paleontologia e Folclore. Posteriormente, são visitadas as cidades de Rio Grande e Pelotas, possuidoras de renomadas bibliotecas.

A Biblioteca Rio-Grandense, a mais antiga do Rio do Grande do Sul, tem origem no Gabinete de Leitura, fundado em 15 de agosto de 1846, por um grupo de vinte e um idealistas, apreciadores das letras, liderados por João Barbosa Coelho. Anos mais tarde, o Gabinete passa a chamar-se Biblioteca Rio-Grandense¹¹².

A Biblioteca Pública Pelotense¹¹³, fundada no dia 14 de novembro de 1875, é uma sociedade civil sem fins lucrativos. Sua instalação efetiva, com 960 volumes, ocorreu em março de 1876, na parte térrea de um prédio cedido por João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça, na esquina das ruas General Neto com Anchieta. Em 2003, inicia-se o planejamento da restauração de seu prédio. Ocorre, no entanto, uma restauração emergencial devido a um desabamento parcial da clarabóia central, em 5 de janeiro de 2005.

O período em que vive Apolinário Porto Alegre é um tempo de grande agitação social, devido ao aprofundamento das contradições existentes no País, exigindo

¹¹⁰ O endereço da Biblioteca é Av. Ipiranga, 6681 -- Prédio 16— Bairro Partenon — Porto Alegre/RS. BIBLIOTECA Central Irmão José Otão da PUCRS. Retirado da Internet: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCESobre> (14/01/2010).

¹¹¹ O endereço do Instituto é Rua Riachuelo, 1317 — Centro — Porto Alegre/RS. INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. Retirado da Internet: <http://www.ihgrgs.org.br/> (31/01/2010).

¹¹² O endereço é rua General Osório, 454, Bairro Centro, Rio Grande – RS. BIBLIOTECA Rio-Grandense. Retirado da Internet: <http://bibliotecariograndense.com.br/> (14/01/2010).

¹¹³ O endereço da Biblioteca Pública Pelotense é Praça Coronel Pedro Osório, 103, Bairro Centro, Pelotas — RS. BIBLIOTECA Pública Pelotense. Retirado da Internet: <http://www.bibliotheca.org.br/cronologia.htm> (14/01/2010).

reformas que são propostas e discutidas cada vez mais, como a abolição da escravatura e a mudança de regime político. É também período de efervescência cultural, pois tais debates refletem-se na imprensa, o que dá origem ao surgimento de vários jornais e revistas, defensores cada qual de um ponto de vista, bem como periódicos literários, veículos primários para divulgação desse tipo de produção intelectual. Alguns deles têm periodicidade curta, como se pode observar no anexo 2 desta tese. No Rio Grande do Sul, ocorre proliferação de periódicos semelhante do resto do País, sendo a maioria de jornais de oposição, de luta pelas reformas de que a sociedade carece, ideais popularizados inicialmente pela literatura romântica.

Nesse sentido, é sintomático que a história da imprensa sul-rio-grandense se inicie nos jornais do período farroupilha, com o aparecimento do **Diário de Porto Alegre**, em 1827, dando conta dos antecedentes do movimento revolucionário. No entanto, a demora na implantação da imprensa na Província deve-se, primeiramente, à proibição, por parte da Portugal, de qualquer tipo de publicação no então Brasil Colônia; depois, ao atraso na integração definitiva do Estado ao território nacional, ocasionada pelas contendas entre o País e seus vizinhos; e, por último, à falta de recursos econômicos dos interessados para a manutenção de um periódico (BAUMGARTEN, 1982, p.23-24). Podem-se, contudo, marcar as fases da imprensa sul-rio-grandense, a partir daquela publicação inicial, que representa os primeiros esforços para criação dessa atividade. Com o surgimento de **A Reforma** (1869) e **A Federação** (1884), tem-se a fase de consolidação e, com a fundação do **Correio do Povo** (1895), chega-se à era moderna do jornalismo gaúcho (CLEMENTE, 1986, p.16). No século XIX, é comum que as obras literárias sejam primeiramente publicadas em jornais e em revistas, em formato de folhetim, para posteriormente serem reunidas em livro, organizado pelo autor.

Apolinário Porto Alegre não foge à regra, tendo seus poemas coletados em apenas dois livros. Contudo, a maioria dos textos poéticos pode ser lida nos jornais e nas revistas em que ele escreve. Esse fato é comprovado durante a investigação para a formação do *corpus* desta tese, como se demonstra. O autor colabora, durante toda a sua vida, nos mais importantes jornais e revistas da Província: **Revista do Partenon Literário**, **Jornal do Comércio**, **A Reforma**, **Murmúrios do Guaíba**, **Gazeta de Porto Alegre**, **A Democracia**, **O Guarani**, **A Imprensa**, **A Federação**, **O Industrial** e **Correio do Povo**, de Porto Alegre, **A Arcádia** e **Rio-Grandense**, de Rio Grande. A recuperação da história de tais periódicos, fontes

desta pesquisa, para traçar a fisionomia da comunidade cultural nessa época, nem sempre é tarefa fácil. Em alguns casos, encontram-se informações escassas sobre a existência do jornal, como ocorre com **O Industrial**, aparecido em Porto Alegre, em 1870. Não há referências a seu proprietário e/ou responsável, bem como dados sobre a vida e a orientação editorial do veículo (CLEMENTE, 1986, p.153).

Além de colaborar com o jornal **O Industrial**, Apolinário Porto Alegre publica na **Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário**, por ele fundada, de Porto Alegre, que tem seu primeiro número lançado em 1869 e o último, em 1879. Contudo, durante esse período, ocorrem interrupções e até mudanças de nome do periódico (Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário, Revista do Partenon Literário, Revista Contemporânea).¹¹⁴ Criado dez meses depois da fundação Sociedade Partenon Literário, o periódico é um dos mais importantes veículos para publicação de obras da literatura sul-rio-grandense do século XIX. Entre os colaboradores, além de Porto Alegre, estão Vasco de Araújo e Silva, Lúcio Porto Alegre, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Juvêncio A. de Menezes Paredes, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva, José Bernardino dos Santos e muitos outros (DILLENBURG, 1987, p.35).

Permitindo que os autores gaúchos ali divulguem seus textos, a Revista chega a possuir centenas de assinantes em toda a Província. Seu objetivo é o de construir a identidade rio-grandense, a partir da criação de uma literatura de tema local, figurada no gaúcho, quer no ambiente rural, quer no urbano. Não possui nenhum tipo de propaganda, pois a finalidade da revista é cultural, abordando assuntos literários e da atualidade. Sua distribuição é gratuita, tanto para os membros da Sociedade Partenon Literário como para os interessados em geral (DILLENBURG, 1987, p.35).

Na **Revista do Partenon Literário**, a comissão de redação é eleita semestralmente pela Sociedade e integrada por seis membros, sendo um escolhido para ser o organizador do fascículo, redator da crônica mensal sobre as atividades da Sociedade e os fatos culturais relevantes ocorridos na Província e no País (DILLENBURG, 1987, p.36). Publicam-se as obras dos membros do Partenon, inclusive de oito senhoras, numa tentativa de promover a emancipação feminina (FERREIRA, 1975, p.58).

¹¹⁴ Nesta tese, o periódico é denominado apenas **Revista do Partenon Literário**.

Por sua vez, o **Jornal do Comércio**, de Porto Alegre, inicia-se em 1864 e sai de circulação em 1877, com aproximadamente cinquenta edições. O proprietário e a direção do jornal mudam diversas vezes, começando com Manoel Antônio da Silva e Cia. e terminando com Aquiles José Gomes Porto Alegre, tendo como colaboradores Luís Francisco Cavalcanti de Albuquerque, Armênio Jouvin, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Manoel Antônio da Silva e Cia., Caldas Jr., Aquiles Porto Alegre, Adriano Ribeiro, Torres Homem, Júlio César Leal, Damasceno Ferreira, Carlos von Koseritz e Saturnino José Pinto (CLEMENTE, 1986, p.278). Apresenta uma coluna dedicada à literatura, de forma constante (o que não acontece, por exemplo, em **A Reforma**). Apesar do desaparecimento dessa coluna entre os anos de 1879 e 1880, o jornal continua a publicar textos de autores rio-grandenses, brasileiros em geral e portugueses. Nesse jornal encontram-se alguns poemas de Apolinário Porto Alegre.

Como a cidade de Rio Grande adquire importância cultural e econômica na vida da Província, surge **A Arcádia: Jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico**, em 1867, que lança quatro séries, sendo a última publicada em Pelotas. De propriedade de Antônio Joaquim Dias, o jornal costuma ser citado como Revista **Arcádia**¹¹⁵ e circula até 1870. Passa a ser órgão do Grêmio Literário Rio-Grandense na última série (parte de 1869 e parte de 1870), quando seu proprietário, Antônio Joaquim Dias, transfere-se para Pelotas. Periódico em que os autores sulinos podem publicar suas obras, em um primeiro momento, apoia publicamente a Sociedade Partenon Literário. Assim, durante toda a sua existência tem como assíduos colaboradores Apolinário Porto Alegre, Menezes Paredes e Bernardo Taveira Jr., esse último presente em quase todos os números da Revista (BAUMGARTEN, 1982, p.26). É um dos primeiros veículos a se empenhar na divulgação do ideário romântico em fase de afirmação no Rio Grande do Sul, divulgando estudos biográficos de personalidades sulinas e nacionais, textos literários, sobretudo poesia de autores sul-rio-grandenses, ensaios de história e artigos de crítica literária (BAUMGARTEN, 1997, p.66). Podem-se encontrar exemplares da Revista na Biblioteca Rio-Grandense e no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Novamente em Porto Alegre, surge um dos jornais mais importantes da história da imprensa sul-rio-grandense, **A Reforma**, que aparece em 1869 e circula até 1912, com tiragem diária, com exceção dos dias santificados. Contudo, as edições

de 1908 são de Pelotas. Tudo indica que se trata do mesmo jornal, pois as duas edições possuem idênticos responsáveis e fundador Gaspar Silveira Martins (CLEMENTE, 1986, p.283). Também são colaboradores do jornal Antônio Lara Fontoura Palmeiro, João Gonçalves de Oliveira, Adriano Nunes Ribeiro, A.C. Saibro Netto, Norberto A. Vasques, Manoel Vasconcellos, Gaspar Silveira Martins, Carlos Ferreira Ramos, Francisco Maciel Jr., Júlio de Magalhães, Correa de Oliveira, Carlos Thompson Flores, Inácio de Vasconcellos, Carlos von Koseritz, Florêncio de Abreu e Silva, Apolinário Porto Alegre, J. da S. Mello Guimarães, Antônio Eleutério de Carvalho, Felisberto Pereira da Silva, Timóteo Pereira da Rosa, Mário de Artagão, Francisco José Ferreira Camboim Filho, Carlos Rodrigues Chaves, Antônio Antunes Ribas, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Germano Hasslocher, Bernardo Barbosa e outros (CLEMENTE, 1986, p.152).

O jornal, com quatro páginas de cinco colunas, sem ilustrações, impresso em tipografia própria, tem sua fundação ligada ao Partido Liberal, passando, após a República, a ser órgão do Partido Republicano Federalista. Além do noticiário local, o jornal publica sessões do Parlamento, informações gerais, um editorial diário em que expõe a filosofia do Partido e anúncios comerciais. Contribui para o fortalecimento do movimento literário sulino, promovendo as atividades desenvolvidas pelas sociedades literárias da época e divulgando de maneira crítica os autores e as obras. Encerra as atividades na véspera de completar 43 anos de existência (BAUMGARTEN, 1997, p. 74). É possível encontrar essa publicação no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Outro periódico dedicado a divulgar as obras literárias é o jornal **Murmúrios do Guaíba**, de Porto Alegre, fundado em 1870, que conta com a colaboração de José Bernardino dos Santos, Apolinário Porto Alegre, João Carlos Moré, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Bernardo Taveira Jr., José de Noronha Nápoles Mazza, P. de Calazans, Antônio Ferreira Neves, Carlos Ferreira, Santos Souza, Hilário Ribeiro, F. de Bittencourt Sampaio, Homem de Melo e outros (CLEMENTE, 1986, p.153). É editado mensalmente em folhetos de 40 páginas, sendo considerado uma das melhores publicações do gênero no século XIX. Pioneiro em inserir anúncios comerciais, divulga, além de textos literários, documentos históricos comentados, constituindo-se como uma fonte de informação autorizada acerca dos eventos ocorridos na Província (FERREIRA, 1975, p.64).

¹¹⁵ Nesta tese, o periódico é denominado de **Revista Arcádia**.

Contudo, não é apenas em periódicos literários que Apolinário Porto Alegre escreve seus textos. Eles aparecem também no jornal **A Democracia**, de Porto Alegre, de responsabilidade de Francisco Xavier Cunha e Domingos Cândido de Siqueira. Tal veículo tem por intuito a evangelização republicana, através de artigos de vulgarização dos princípios democráticos e da crítica às instituições monárquicas no Brasil, com grande repercussão. Tem existência curta, uma vez que circula apenas no primeiro semestre de 1872, de terças a domingos, como um órgão do Partido Republicano (PORTO ALEGRE, 1981, p.223).

Em certos casos, Apolinário Porto Alegre tem uma participação pontual em dado periódico, como em **O Guarani**, de Porto Alegre, em que publica somente o romance **Lulucha**, deixando de lado textos de outras naturezas (FERREIRA, 1944, p.16). O veículo circula de 1874 a 1875, sob a responsabilidade de Vasconcelos Ferreira, criticando aspectos da sociedade, como os políticos e os religiosos, se dizendo "escrito exclusivamente para famílias e dedicado ao sexo frágil" (FERREIRA, 1944, p.25). O nome do diretor e do ilustrador não é divulgado em suas páginas; os leitores do século XIX sabem quem exerce cada uma dessas duas funções, segundo Ferreira. É impresso nas oficinas do **Jornal do Comércio**, composto por 8 páginas, sendo 4 de caricaturas. Apresenta seções de retratos, alegorias e charges, as últimas "inspiradas num material muito pouco favorável a qualquer ensaio de crítica ou simples esboço de sátira" (FERREIRA, 1962,p.38).

A participação de Apolinário é escassa em **Gazeta de Porto Alegre**, em que publica apenas **Morfologia ário-guaranítica**, uma série de nove artigos sobre o assunto. A **Gazeta** é fundada em 1879 e tem sua última edição em 1884, sempre sob a responsabilidade de Polidoro Mariante e Carlos Von Koseritz, trazendo versos de vários intelectuais respeitáveis da Província, com boa qualidade jornalística e literária.

A Imprensa, de Porto Alegre, veículo com o qual Apolinário colabora também, circula de 1880 a 1882, como um importante jornal republicano que defende esse ideal político, tendo como fundador e responsável Apeles Porto Alegre. Apesar de todas as dificuldades, dedica-se a uma ação constante de civismo democrático e doutrinação partidária (PORTO ALEGRE, 1981, p.196).

Outro periódico com filiação política, que acolhe os escritos de Apolinário, é **A Federação**, de Porto Alegre, que inicia suas atividades em 1884 e estende sua atuação até 1937. Fundado por Venâncio Aires, com a direção de Júlio Prates de

Castilhos, o jornal é um órgão republicano com papel político significativo, em cujas colunas se refletem algumas das principais questões da época. Com a colaboração de Dionísio Porto, Lindolfo Collor, Artur Pinto da Rocha, Evaristo Teixeira do Amaral, Carlos Penafiel, José Gonçalves de Almeida, Ernesto Alves, Otelio Rosa, Joaquim Francisco de Assis Brasil, Vieira Pires, Felicíssimo de Azevedo, Demétrio Ribeiro, Pedro Moacir, Barros Cassal, Germano de Oliveira, Ramiro Frota de Barcellos, Antônio Augusto Borges de Medeiros, Germano Hasslocher, Otávio Rocha, João Pio de Almeida, Getúlio Vargas, Ildfonso Pinto, João Pinto da Silva, Augusto Uflacker, Pedro Vergara, Eduardo Guimarães, João Neves da Fontoura, Oswaldo Vergara, Moisés Vellinho, João José Cesar, Alfredo Varela, Antão de Faria, Plínio Casado, Alcides Maya, Fernando Miranda, Henrique de Casaes, Renato Costa, A.J. Pereira da Silva, João Bonuma, Benjamin Flores, Artur Toscano, Fábio Barreto Leite, Alcides Gonzaga, James Darcy e outros (CLEMENTE, 1986, p.169), está disponível para pesquisa no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho, com seus exemplares restaurados e encadernados conforme o ano.

Apolinário Porto Alegre publica também no jornal **Rio-Grandense**, de Pelotas, cuja coleção está arquivada na Biblioteca Pública Pelotense. Periódico existente de 1885 a 1888, é dirigido por Antônio da Silva Moncorvo Jr. Sabe-se que esse veículo surge após o desmembramento do jornal **Onze de Junho**, que dá origem a quatro títulos: **Rio-Grandense**, **11 de Junho**, **Gazeta da Tarde** e **Gazeta da Manhã** (CLEMENTE, 1986, p.180).

No jornal **Correio do Povo**, de Porto Alegre, Apolinário Porto Alegre chega a publicar quatro poemas. O periódico inicia suas atividades em 01 de outubro de 1895 e fecha as portas em 16 de junho de 1984. Retorna em 31 de agosto de 1986 e existe até hoje, sofrendo mudanças de proprietários e direção ao longo dos anos.

O exame dos exemplares disponíveis dos periódicos referidos, nos quais Apolinário Porto Alegre colabora, permite a recuperação de poemas inéditos, que vão se juntar àqueles consagrados nos livros, o que contribui para a divulgação de sua obra poética, através da organização de um volume, o mais completo possível, de sua produção.

Descobre-se, ao garimpar o material que compõe o *corpus* desta tese, que o escritor publica dois poemas, *Copé do Deserto* e *Mentias!*, assinando simplesmente A. Porto Alegre, no periódico **Arcádia**. A autoria desses textos é confirmada pelo fato de que ambos são lançados no mesmo jornal, um após o outro, sendo que o

poema *Mentias!*¹¹⁶ também é publicado no livro **Bromélias**. Também pode-se encontrar, na **Revista do Partenon Literário**¹¹⁷, uma anotação manuscrita do filho do poeta, Álvaro Porto Alegre, em que ele esclarece que o pai também assina como A.P.A., acrescentando mais pseudônimos aos já conhecidos. Alexandre Lazzari destaca:

Foi na própria revista **Arcádia** que Apolinário Porto Alegre publicou grande quantidade de poesias, mais do que na própria **Revista do Partenon Literário**, e inclusive o discurso que pronunciou na inauguração desta sociedade, quando romanticamente conclamou seus colegas à luta contra os dois grandes inimigos da missão civilizadora das letras, o “fanatismo industrial” e o “fanatismo político”. E não era ele o único a entender que a literatura precisava disputar o interesse popular com assuntos mais sedutores ou afazeres mais lucrativos (LAZZARI, 2004, p.89).

3.1.2 Organização do *corpus*

Localizar os poemas do autor é o ponto de partida para a constituição e a organização do *corpus*, contudo é um problema, pois nem todos os jornais e revistas em que ele colaborou estão disponíveis atualmente. Acrescente-se que, em algumas instituições, os jornais estão em péssimo estado, o que prejudica a sua leitura. A par das questões relativas às dificuldades materiais da coleta dos dados nos periódicos antigos, outras aparecem quando as informações encontradas em mais de uma fonte são divergentes. Tal fato exige um constante cotejo para a tomada de decisão mais coerente, do ponto de vista literário e histórico.

Um exemplo da situação acima diz respeito às notas dos historiadores Ari Martins¹¹⁸ e Hilário Ribeiro A. e Silva¹¹⁹ quanto à data da obra **Os filhos da desgraça**, de Apolinário Porto Alegre. Enquanto o primeiro registra que o drama é de 1874, o segundo comenta a censura que a peça sofre já em 1869. O exame de tais afirmações, à luz da história da época, leva a acreditar que a peça é encenada em 1869 e somente publicada na **Revista do Partenon Literário** anos mais tarde.

¹¹⁶ PORTO ALEGRE, Apolinário. *Mentias! Arcádia*: Jornal Consagrado da Literatura, Rio Grande, 4ª série, ano III, n.32, p. 232, mar. 1870; PORTO ALEGRE, Apolinário. *Mentias!* In: **Bromélias**. Porto Alegre: Impr. Litteraria, 1874. p. 100-102.

¹¹⁷ **Revista do Partenon Literário**, ano I, n.1, março 1869, p.26.

¹¹⁸ MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 1978. p.452-453.

¹¹⁹ SILVA, Hilário Ribeiro A. e. Ementário Mensal. Porto Alegre, **Revista do Partenon Literário**, ano I, n.4, p.30-32, jun. 1869.

Outro dado conflitante aparece em Ari Martins, quando o crítico atribui à série de poemas publicada por Apolinário Porto Alegre n' **A Reforma**, na coluna "Lira patriótica", a data de 1882. Todavia, encontram-se os poemas referidos por Martins nas edições dos jornais pesquisados em 1892. Tudo leva a crer, portanto, que o historiador não teve acesso às fontes primárias.

A preocupação da pesquisa em localizar as edições originais do poeta determina visitas às várias instituições, como se refere. Os livros **Bromélias** e **Flores da morte** podem ser encontrados nas bibliotecas, no setor de livros raros, que não permite sua retirada do local. Para isso, são colhidos dados através de fotos digitais de ambas as edições. Essas obras estão disponíveis no Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, nas bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, essa última apresentando os exemplares encadernados juntamente com **Cancioneiro da Revolução de 1835**.

Em relação à **Revista do Partenon Literário**, podem-se encontrar alguns exemplares avulsos, de anos diferentes, em instituições como a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, a Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (na Coleção Júlio Petersen, que faz parte do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória e Cultural), o Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul e a Biblioteca Rio-Grandense, o que demonstra a importância da versão digitalizada, composta por 70 exemplares, em organização por Alice Therezinha Campos Moreira.

Os números da **Revista Arcádia** também não são localizados em único local. No entanto, pode-se examinar a coleção completa do periódico, somando-se os exemplares que estão no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa àqueles depositados na Biblioteca Riograndense. As poesias publicadas no **Jornal do Comércio**, por sua vez, aparecem no livro de Carlos Alexandre Baumgarten, **Literatura crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880**¹²⁰ (fonte utilizada na pesquisa), e as d' **A Reforma**, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Nesse último jornal há uma coluna intitulada "Lira poética" em que vários autores publicam sua obra, inclusive Apolinário Porto Alegre, com 24 poemas.

¹²⁰ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880**. Porto Alegre: EST, 1982.

O *corpus* desta tese, formado por 135 poemas, está disposto de acordo com a quantidade decrescente de textos poéticos encontrados em cada publicação, ou seja, **Bromélias** (35), **Arcádia** (31), **A Reforma** (28), **Flores da morte** (24), **Partenon Literário** (11), **Correio do Povo** (4) e **Jornal do Comércio** (3). Salienta-se, entretanto, o fato de que 18 poemas são publicados em dois veículos diferentes:

“Canto do Livre” / “Canção do Livre”	em Arcádia e em A Reforma
“É Tarde”	em Arcádia e na Revista do Partenon Literário
“A Laranjeira”	em Bromélias e em Arcádia
“Abandono”	em Bromélias e em Arcádia
“Dies Irae”	em Bromélias e em Arcádia
“Flor do Ascetismo”	em Bromélias e em Arcádia
“Mentias”	em Bromélias e em Arcádia
“Pedras Brancas”	em Bromélias e em Arcádia
“Tobias”	em Bromélias e na Revista do Partenon Literário
“Curruíra”	em Bromélias e na Revista do Partenon Literário
“O Umbu” / “Umbu”	em Bromélias e na Revista do Partenon Literário
“A Convalescente”	em Flores da morte e em A Reforma
“O Cadáver”	em Flores da morte e em Correio do Povo
“A Morte”	em Flores da morte e em Correio do Povo
“O Suicida”	em Flores da morte e em Correio do Povo
“Deus”	em Flores da morte e na Revista do Partenon Literário
“Tijupar Deserto”	em Flores da morte e na Revista do Partenon Literário

Deve-se destacar que o livro **Bromélias** é totalmente organizado, revisado e formatado pelo autor, enquanto, durante a criação de **Flores da morte**, ele vem a falecer. Para a Crítica Textual, importa o exame de todas as versões de uma publicação. Nesse sentido, a busca da primeira edição dessas obras é dificultada porque, nas edições encontradas nas diferentes instituições, não existe nenhuma informação de se tratar de uma edição diferente da primeira. Como elas são semelhantes, tudo indica que se tem acesso à primeira edição dos livros.

3.1.3 Tábuas de relação das obras

Os quadros abaixo apresentam o resultado do levantamento da obra completa de Apolinário Porto Alegre. No “Quadro geral”, suas criações estão dispostas em ordem cronológica de publicação, relacionando título e gênero. Nos seguintes, as mesmas obras aparecem organizadas por gênero literário.

QUADRO GERAL		
Título da Obra	Gênero	Ano
O combate do Amazonas	Teatro	1865
Caim e Jafé	Teatro	1868
O celibato	Poesia	1869
Lampírio	Romance	1869
Os Palmares	Romance	1869
Os filhos da desgraça	Teatro	1869
O monarca das coxilhas	Conto	1870
Elogio fúnebre de Felipe Néri	Discursos	1872
O vaqueano	Romance	1872
José de Alencar	Biografia	1873
Manoel José da Silva Bastos	Biografia	1873
Feitiço de uns beijos	Romance	1873
Mulheres	Teatro	1873
Sensitiva	Teatro	1873
A tapera	Conto	1874
Bromélias	Poesia	1874
Gabila	Poesia	1874
Benedito	Teatro	1874
O crioulo do pastoreio	Conto	1875
Paisagens	Conto	1875
Ladrões da honra	Teatro	1875
Vidal	Teatro	1875
Lulucha	Romance	1877
Ao Partenon Literário no seu 1º decênio	Discursos	1878

José de Anchieta	Crítica	1879
Epidemia política	Teatro	1882
Viagem a Laguna	Estudo literato-científico	1896
Flores da morte	Poesia	1904
Popularium sul-rio-grandense	Filologia	1921
Cancioneiro da Revolução de 1835	Poesia	1935

TEATRO	
Título da Obra	Ano
O combate do Amazonas	1865
Caim e Jafé	1868
Os filhos da desgraça	1869
Mulheres	1873
Sensitiva	1873
Benedito	1874
Ladrões da honra	1875
Vidal	1875
Epidemia política	1882

ROMANCE	
Título da Obra	Ano
Lampírio	1869
Os Palmares	1869
O vaqueano	1872
Feitiço de uns beijos	1873
Lulucha	1877

POESIA	
Título da Obra	Ano
O celibato	1869
Bromélias	1874
Gabila	1874
Flores da morte	1904
Cancioneiro da Revolução de 1835	1935

CONTO	
Título da Obra	Ano
O monarca das coxilhas	1870
A tapera	1874
O crioulo do pastoreio	1875
Paisagens	1875

OUTROS		
Título da Obra	Gênero	Ano
José de Alencar	Biografia	1873
Manoel José da Silva Bastos	Biografia	1873
José de Anchieta	Crítica	1879
Elogio fúnebre de Felipe Néri	Discursos	1872
Ao Partenon Literário no seu 1º decênio	Discursos	1878
Viagem a Laguna	Estudo literato-científico	1896
Popularium sul-rio-grandense	Filologia	1921

3.1.4 Descrição do material

Para efeito de descrição do material levantado, definem-se corpo e o revestimento do livro. A descrição é dividida em pré-textual, textual e pós-textual, considerando-se textual, *stricto sensu*, as páginas com os poemas de Apolinário José Gomes Porto Alegre. A identificação da edição da obra é feita com a reprodução dos dados da folha de rosto, obedecendo à ordem catalográfica.

Bromélias

IRIEMA. *Bromélias*. Porto Alegre: Imprensa Literária, 1874.

O exemplar descrito está localizado na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS. O livro está revestido por encadernação posterior ao lançamento, as folhas estão um pouco oxidadas pela passagem do tempo, sendo que as primeiras páginas apresentam-se rasgadas e consertadas na parte inferior lateral direita. O corpo do

livro, de formato 16 cm X 11 cm, possui 200 páginas numeradas e 3 páginas sem numeração; composição, impressão e edição é da Imprensa Literária.

A parte pré-textual traz: folha de guarda, com o nome de Thomas Carlos Duarte e endereço à Rua Dr. Carlos Flores, 286, Belém Novo, escrito a mão com tinta preta ao alto da página; verso em branco; folha de rosto com o pseudônimo do autor, Iriema, no topo da página e abaixo o título da obra, *Bromélias*, centrado, em fonte maior e negritada; no terço inferior da página, uma etiqueta da PUCRS/BCE, com o código em barras e os números 0-201.7782. A imprensa apresenta o local da edição, Porto Alegre, e em fonte menor, o nome Imprensa Literária, seguido da data, 1874. Todas as palavras que aparecem nessa página estão em versais. O verso da folha de rosto contém os seguintes dados de registro e catalogação, escritos a lápis: SP 869.99139, I 686b, sist. 34578, cada uma dessas informações encontrando-se em linhas diferentes. No centro da página, uma etiqueta com os dizeres PUC –R.G.S, BIBLIOTECA CENTRAL e a informação CONSULTA LOCAL, tendo abaixo número de catálogo, nº. 162.503, e data, 19.05.88; na parte inferior da página, centralizado, um carimbo oval do Centro de Estudos da Língua Portuguesa da P.U.C.R.S.

A parte textual inicia-se na página 3, tendo centralizado o intertítulo PRIMEIRA PARTE e abaixo HARPA DO DESERTO, ambos separados por um traço; o verso fica em branco. Nas páginas 5 e 6, o poema “Bromélias”, com a data 1874, seguido pelos poemas “O Pampa”, “O Gaúcho”, “O Poncho-Brasão”, “Nina”, “Curruíra”, “A Crença”, “O Umbu”, “Um Rancho”, “Boi-tatá”, “A Primavera”, “Pedras Brancas” e “Tobias”. Na página 66, encontra-se novamente o carimbo oval do Centro de Estudos da Língua Portuguesa, com a sigla P.U.C.R.S. centralizada, seguido, em versais de “Segunda parte” e “Lira da mocidade”, separados por um traço. Ambas as informações estão centralizadas na página. A página 67 está em branco. Nas páginas 68 e seguintes, têm-se os poemas “A Laranjeira”, “Abandono”, “O Que Queres?”, “Dois Amores”, “Morta!”, “Loureira”, “Sinhá”, “Mentias”, “Crê e Espera”, “Volta”, “Flor do Ascetismo”, “Voto”, “Dorme”, “Anjo Decaído”. A página 124 está em branco. Na página 125, encontramos centralizada, em versais “Terceira parte” e “Alaúde do deserto”, separados por um traço. A página 126 está em branco. A partir da página 127, tem-se os poemas “A Imprensa”, “O Celibato do Clero”, “Vidal”, “Vampiros”, “Túmulos Vivos”, “Dies Irae”, “A África”.

Na parte pós-textual encontram-se as notas, a errata e o índice. Todos esses termos estão em maiúsculas. Nas páginas 186 e 187, têm-se as notas que tecem comentários sobre a escolha dos nomes de alguns poemas e do subcapítulo “Harpa do deserto”.

Na página 198, ocorre a errata com nove alterações em que o poeta muda alguns versos completamente ou troca algumas palavras. Nas páginas 199 e 200, está o índice. Os poemas são separados pelos títulos dos capítulos em versais, em uma fonte menor que o índice. Toda essa parte pós-textual está reproduzida junto ao livro **Bromélias**.

O livro é reencardinado pela Biblioteca da PUCRS, pois não possui a capa original. Da página 5 a 36, o canto inferior direito encontra-se desgastado pelo tempo, em alguns momentos dificultando a leitura dos poemas. Na página 99, aparece pela terceira vez o carimbo do Centro de Estudos da Língua Portuguesa, sendo que na página 98 há uma leve impressão desse mesmo carimbo, levando a acreditar que o livro é fechado antes que a tinta do carimbo tenha sido totalmente seca. A folha onde estão impressas as páginas 107 e 108 está rasgada. A impressão é nítida, com o corpo do texto pequeno e a numeração das páginas, no topo, de forma centralizada.

Flores da morte

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Flores da morte**. Porto Alegre: Tipografia Marinoni, 1904.

O exemplar descrito está localizado na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS. O corpo do livro, de formato 19 X 13 cm, contém 105 páginas numeradas. A composição e a impressão são da Tipografia Marinoni. Apresenta uma observação após o índice, informando que a revisão da obra é iniciada pelo autor, mas não é por ele finalizada devido à sua morte prematura. Em decorrência disso, pedem-se desculpas por possíveis faltas ou incorreções que possam existir.

O livro é reencardinado, porém sua capa é preservada, presa à nova encadernação, contendo as seguintes informações: no topo da página, a palavra “obras”, em maiúscula e em negrito; abaixo, a palavra “de”, em menor fonte,

seguida pelo nome do autor, Apolinário Porto Alegre, em negrito, separado por um traço; de forma centralizada, tem-se o título do livro **Flores da morte** e abaixo, um traço; na parte inferior da página, de forma centralizada, aparece a imprenta “Porto Alegre”, em negrito, o nome e o endereço da Tipografia Marinoni, separados por um traço do ano. Contudo, essas informações não estão visíveis, pois há uma etiqueta branca da Biblioteca da PUCRS, em cima das seguintes palavras: “Porto” e nome da Tipografia (aparece o endereço e é visível apenas a data de “04 de 1904”).

A parte pré-textual traz na folha de guarda, centralizada e negritada, a palavra “Poesias”, mais abaixo na página o carimbo da Biblioteca Central PUCRS, sendo que “PUCRS” está em uma linha diferente, no verso em branco; folha de rosto com o nome do autor, separado por um traço do título do livro; separado por outro travessão da etiqueta da PUCRS/BCE, com código de barras 0849.594-5, o nome da cidade de Porto Alegre, em negrito; nome e endereço da Tipografia Marinoni, com fontes menores, seguido do ano 1904. São usadas diferentes fontes nessa página. No verso, observa-se escrito a mão e a lápis, no canto superior esquerdo, as seguintes informações “JPE 869.99149, P853f, 98”, em linhas diferentes e, no canto inferior esquerdo, aparecem o seguintes dados: Reg: 439206, Sist; 105840, Data 20/07/07, escrito a mão e a caneta. Na 4ª capa, encontra-se a outra parte da etiqueta branca, acima citada, com os seguintes números: 439206.

A parte textual inicia na página 5, com o poema “Invocação”, seguido dos seguintes poemas: “Epicédio”, “Feralia”, “A Adalberto”, “A Morte”, “O Suicida”, “À Afonso Luís Marques”, “O Cadáver”, “Ema”, “A Matéria”, “Metamorfose”, “A Convalescente”, “Tipujar Deserto”, “Nênia à Morte de José de Alencar”, “Lágrima da Saudade”, “Na Sepultura do Cão”, “Agricultor”, “Angelina”, “Dormidinho”, “Que Serve”, “O Sino”, “O Céu”, “Psique” e “Deus”.

Na parte pós-textual, na página 105, têm-se o Índice que está em versais e a Observação, cujo texto é o seguinte:

Observação

A publicação deste livro foi iniciada em vida de seu inditoso autor, que tencionava fazer pessoalmente a revisão das FLORES DA MORTE; o destino assim não o quis.

Haja pois, o leitor de relevar algumas faltas ou incorreções que acaso encontre.

As páginas são numeradas no alto, de forma centralizada, começando a numeração na página 6. As páginas 11, 35, 39, 47, 63, 87, 97 são carimbadas com as seguintes informações: Biblioteca Central PUCRS, sendo que PUCRS está em uma linha diferente.

3.1.5 Identificação do texto de base

As poesias de Apolinário Porto Alegre são de difícil acesso: uma parte foi reunida em dois livros; outras encontram-se em jornais e em revistas do século XIX, e nem todos estão disponíveis atualmente.

De todos os poemas localizados em jornais ou revistas fez-se fotocópia digital ou cópia manuscrita. O trabalho de colação é realizado diretamente com esses exemplares, ou fotocópia digital ou cópia manuscrita. As funções de exemplar de colação e de estabelecimento, por se tratarem de obras raras, não puderam ser mantidas em separado.

O texto de base para os poemas publicados somente em jornais ou revistas é aquele do próprio periódico; sua fotocópia digital ou cópia manuscrita, o exemplar de colação. O exemplar de estabelecimento é uma fotocópia digital do poema, corrigida pelo texto de base. São os seguintes textos de base e exemplares de colação dos poemas que compõem o *corpus* desta tese:

- **Bromélias:** o único livro de poesia editado em vida do autor é o texto de base para os poemas ali presentes e suas variantes em periódicos. O exemplar desta obra que está na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS é o exemplar de colação e sua cópia, o exemplar de estabelecimento. Quando há duplicidade de versões, esse exemplar também é o texto de base, pois o autor, como se vê na introdução, realiza várias alterações a cada nova lição variante, com a intenção de aprimorar o texto final;
- **Flores da morte:** livro póstumo do autor, possui um aviso de que o poeta não completa a revisão devido a sua morte prematura; esta edição é o texto de base para os poemas ali presentes e suas variantes em periódicos. O exemplar que está na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS é também o exemplar de

colação e sua cópia, o exemplar de estabelecimento. Quando houver duplicidade de versões, esse livro também será o texto de base;

- **Revista do Partenon Literário:** servem de texto de base os poemas ali publicados no periódico. O exemplar de base que está na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS é o exemplar de colação e estabelecimento, em formato de papel;
- **Revista Arcádia:** para essa coleção servem de texto de base os poemas ali publicados no periódico. O exemplar de base que está na Biblioteca Rio-Grandense, no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, é o exemplar de colação e estabelecimento;
- **Jornal A Reforma:** para essa coleção servem de texto de base os poemas ali publicados no periódico. O exemplar de base, que está no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, é o exemplar de colação e estabelecimento;
- **Jornal do Comércio:** para essa coleção servem de texto de base os poemas ali publicados no periódico. O exemplar de base está publicado no livro de Carlos Alexandre Baumgarten, **Literatura crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880**. A pesquisa de Baumgarten é realizada no exemplar do jornal de propriedade Manoel Antonio da Silva;
- **Jornal Correio do Povo,** para essa coleção servem de texto de base os poemas ali publicados no periódico. O exemplar de base está disponível na sede do jornal, em Porto Alegre- RS.

3.2 TRATAMENTO DOS PROBLEMAS

3.2.1 Estabelecimento das tradições

A poesia de Apolinário Porto Alegre chega atualmente em duas formas: a maior parte pela tradição direta, com publicações em vida e póstumas, e pela tradição indireta.

A tradição direta do autor são os textos publicados no livro **Bromélias**, nas revistas **Partenon Literário** e **Arcádia** e nos jornais **A Reforma** e **Jornal do Comércio**. A tradição direta póstuma consiste nos livros **Flores da morte** e **Cancioneiro da Revolução de 1835**, que não faz parte do *corpus* desta tese, pois

esse livro é organizado postumamente por Álvaro Porto Alegre, que reúne dois manuscritos que têm o mesmo título, com a intenção de publicar posteriormente.

A tradição indireta, póstuma, é formada por citações de fragmentos ou de poemas inteiros, em livros de literatura e em trabalhos acadêmicos, nos livros de Maria Eunice Moreira, Regina Zilberman e Carlos Alexandre Baumgarten e na tese de Mauro Nicolas Póvoas¹²¹.

3.2.1.1 Tábua de controle de ocorrências

POEMAS \ LIVROS E PERIÓDICOS	BR	FM	AR	RPL	JC	RE	CP	MP	MM	RZ	TOTAL
Bromélias	X								X		2
O pampa	X										1
O gaúcho	X								X		2
O poncho-brasão	X										1
Nina	X										1
Curruira	X			X				X			3
A crença	X										1
O umbu / Umbu	X			X				X			3
Um rancho	X										1
Boi-tatá	X										1
A primavera	X										1
Pedras brancas	X		X								2
Tobias	X			X				X		X	4
A laranjeira / Laranjeira	X		X								2
Abandono	X		X							X	3
O que queres?	X										1
Dois amores	X										1
Morta!	X										1
Loureira	X										1
Sinhá	X										1
Mentias	X		X								2
Crê e espera	X										1
Volta	X										1
Flor do ascetismo	X		X								2
Voto	X										1
Dorme	X										1
Esquece	X										1
Anjo decaído	X										1
A imprensa	X										1
O celibato do clero	X										1
Vidal	X										1
Vampiros	X										1
Túmulos vivos	X										1
Dies iræ	X		X								2
A África	X								X		2

¹²¹ PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. Porto Alegre: PUCRS, 2005. (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

POEMAS \ LIVROS E PERIÓDICOS	BR	FM	AR	RPL	JC	RE	CP	MP	MM	RZ	TOTAL
Invocação		X									1
Epicédio		X									1
Ferália		X									1
A Adalberto		X									1
A morte		X				X					2
O suicida		X									1
A Afonso Luís Marques		X									1
O cadáver		X					X				2
Ema		X									1
A matéria		X									1
Metamorfose		X									1
A convalescente		X				X					2
Tijupar deserto		X		X				X			3
Nênia à morte de José de Alencar		X			X				X		3
Lágrima da saudade		X									1
Na sepultura de um cão		X									1
O suicida		X					X				2
Agrícola		X									1
Angelina		X									1
Dormidinho		X									1
Que serve		X									1
O sino		X									1
O céu		X									1
Psique		X									1
Deus		X		X						X	3
O una sorriso aunque leve!			X								1
Homenagem			X								1
Primavera e morte			X								1
Murmúrios			X								1
Último suspiro			X							X	2
Soneto			X							X	2
Amanhã!			X								1
A uma flor			X								1
Página do passado			X								1
A flor e o colibri			X								1
Coaraci			X							X	2
Saudade			X								1
Desalento			X							X	2
A banhista			X								1
Canto do campeiro			X							X	2
A glória			X								1
Canto do livre			X								1
Se te amei			X								1
A uma menina			X					X		X	3
Eu só não mudo			X								1
O estatuário			X					X			2
Copé deserto			X								1
É tarde			X	X							2

POEMAS \ LIVROS E PERIÓDICOS	BR	FM	AR	RPL	JC	RE	CP	MP	MM	RZ	TOTAL
Epístolas				X							1
O celibato				X							1
Gabila				X				X			2
Um túmulo				X							2
A evasão				X						X	2
O Instituto Brasileiro ao Partenon Literário					X					X	2
Limiar da glória (Ao Partenon Literário)					X						1
Ao cabo d'esquadra Chico Diabo						X				X	2
O cego da glória						X					1
O prescrito						X					1
Às vítimas de junho						X					1
Dia de chuva						X					1
O farroupilha						X					1
Por que dormes?						X					1
A tricolor						X					1
O crime						X					1
A calúnia						X					1
Triplice infanticídio						X					1
A cabeça decepada						X					1
Canção do livre						X					1
Ontem e hoje						X					1
Vinte de setembro						X					1
Garibaldi						X					1
Hino da indignação						X					1
Execração						X					1
Um calvário						X					1
Curvem-se						X					1
(A propósito duma carta anônima)						X					1
Bibiano Tavares						X					1
Meu pingo						X					1
Dever difícil						X					1
Hino						X					1
Primeira câ							X				1
A morte							X				1

Siglas usadas na tábua acima:

AR **ARCÁDIA**

BR **BROMÉLIAS**

CP **CORREIO DO POVO**

FM **FLORES DA MORTE**

JC **JORNAL DO COMÉRCIO**

RPL **REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO**

RE **A REFORMA**

MM **MARIA EUNICE MOREIRA**

MP **MAURO PÓVOAS**

RZ **REGINA ZILBERMAN**

3.2.2 Valor das edições e interrelações

Bromélias é o único livro completo de poemas publicado em vida por Apolinário Porto Alegre, considerando que **Flores da morte** é parcialmente editado pelo poeta, devido à sua morte prematura.

Um fator importante para a caracterização e avaliação das edições é a determinação da filiação entre elas, o estema. Esse aspecto é essencial para recensão aberta, ou seja, quando a transmissão do texto ainda ocorre através de manuscritos, principalmente antes da invenção da imprensa, mas também é necessário para a transmissão tipográfica. Atualmente, considera-se viável e desejável a realização dessa etapa, contudo, quando se realiza a recensão de toda a obra poética de Apolinário Porto Alegre, torna-se difícil determinar a filiação de cada texto, porque grande parte de seus poemas (114) são publicados em um único local, com apenas 18 poemas em dois lugares. A linha estemática resultante, em noventa e oito (98) casos, é composta do poema e de seu arquétipo hipotético e desconhecido, sendo, portanto, desnecessária essa fase do processo de estabelecimento dos textos.

Na **Revista Arcádia**, o único poema que não tem como texto de base AR é “Canto do livre”, pois o poema é publicado, novamente em RE, com seu título modificado e menor número de versos, demonstrando, assim, que o autor fez uma nova leitura do poema. Por isso, considera-se a versão publicada na Revista como o texto de base.

3.2.3 Da fidelidade e da autenticidade

Os livros de poemas **Bromélias** e **Flores da morte** são respeitados por sua fidelidade e autenticidade. **Bromélias** é totalmente revisado pelo poeta e por ele publicado, o que não ocorre em **Flores da morte**. Contudo, a edição póstuma desse último livro obedece às correções do autor, mantendo a versão com parte revisada por ele. A **Arcádia** e **Revista Partenon Literário** também são respeitados por sua fidelidade e autenticidade, por possuírem uma revisão anterior à publicação.

Os poemas encontrados em jornais formam um conjunto de legitimidade inquestionável, uma vez que foram publicados em vida do poeta. Esse tipo de veículo não permite uma revisão cuidadosa do autor devido à modalidade de

publicação de tais periódicos. Apesar disso, não compromete a autenticidade dos mesmos como fonte arquetípica para as variantes.

A composição tipográfica é outra causa de diferenças entre os textos das edições e os publicados em jornais, porque a tecnologia é rudimentar e os profissionais não têm uma boa formação profissional, justificando alguns erros típicos, como aqueles que seguem: “Pedras Brancas” (pintoresco!] *pinturesco!* // visos] *risos*), “Tobias” (borboleteia / *borboloteia*), “A laranjeira” (Deus, e] *Deus, é // a par / apar*), “Abandono” (esprolava] *esfrolava*), “Vampiros” e “Túmulos vivos”(veem do verbo Ver e não Vir). Esses erros não se perpetuam porque **Bromélias** não é reeditado. Como se pode observar, os erros são motivados por falta de atenção do tipógrafo.

Quanto à pontuação, as alterações são diversas, como omissão, substituição, acréscimo ou transposição de sinais. Do exposto, conclui-se que:

- o livro **Bromélias** (1874) pode ser considerado como fidedigno, pois, é publicado e revisado inteiramente pelo poeta; imaginando-se, assim, que represente a última vontade do autor;
- o livro **Flores da morte** (1904) pode ser considerado fidedigno, apesar de publicado postumamente. Mesmo para o poema “Dies Iræ”, que apresenta várias modificações, é considerado texto de base o que ali é fixado;
- os poemas localizados nos periódicos (**Revista do Partenon Literário, Revista da Arcádia, Jornal A Reforma, Jornal do Comércio, Jornal do Correio do Povo**) podem ser considerados fidedignos, pois são publicados ainda em vida do autor.

3.3 BASE GERAL DE TRATAMENTO CRÍTICO

Uma vez solucionados os problemas aqui referidos quanto à versão mais fidedigna e autêntica de cada poema, chega-se ao tratamento crítico da presente edição, que se realiza nas etapas descritas a seguir.

3.3.1 Escolha do texto de base

As possibilidades de escolha do texto de base são limitadas pela inexistência de mais de uma edição. Para definir o texto de base, observam-se alguns critérios: o

texto deve ser genuíno, ou seja, aquele que representa o melhor desejo do autor; na falta desse, toma-se um texto autêntico, cronologicamente mais próximo, que, mesmo não representando o texto ideal para o autor, seja de legitimidade incontestável.

Como as poesias provêm de publicações, é necessário estabelecer critérios secundários para escolha do texto de base: um texto de fidelidade comprovada ou fidedigno, cronologicamente mais próximo das fontes primárias. O texto de base assim obtido é cotejado com o material recensionado de todas as publicações que se recomendam pelo trabalho textual.

Em todos os dezesseis poemas publicados em dois lugares, escolhe-se como texto de base o mais antigo. Em **Bromélias**, o poeta faz questão de datar os poemas (“Curruíra”, “O umbu”, “Pedras brancas”, “Tobias”, “A laranjeira”, “Abandono”, “Dies iræ”, “Mentias!”, “Flor do ascetismo”), de acordo com a sua composição, dando, assim, um referencial para determinar o mais antigo. Em **Flores da morte**, não há essa datação. No entanto, o exemplar é considerado o texto de base para os poemas ali publicados, pois levam-se em conta as revisões feitas pelo autor para a edição.

3.3.2 Fixação dos critérios de reconstituição do texto

Escolhido o texto de base, faz-se a colação com as variantes textuais em cotejo, devidamente registradas no aparato crítico, chegando ao texto ideal dessa edição crítica, observadas as seguintes normas estabelecidas:

- a. comentar no aparato todos os pontos duvidosos que prejudiquem o texto;
- b. remeter comentários mais extensos de ordem erudita e de termos arcaicos às notas e ao glossário;
- c. registrar, no aparato negativo, diferenças das variantes, falhas, omissões, alterações, acréscimos, erros de composição e/ou revisão entre o texto de base e as variantes;
- d. corrigir no texto os erros óbvios, descrevendo a ocorrência no aparato;
- e. propor, no aparato, as modificações textuais necessárias que são incorporadas após sua aprovação;
- f. reproduzir o texto de base seguindo, em relação à linguagem, à lição conservadora, salvo nos casos previstos nessas instruções.

3.3.2.1 Critérios de transcrição

O texto estabelecido não muda o estilo linguístico do autor, em seus aspectos essenciais e fundamentais. O estabelecimento do texto crítico procura, dentro das particularidades desta edição, fazê-lo corresponder à vontade do autor, com a intenção de ser fiel e fidedigno. Os princípios de base são os seguintes:

- a. respeitar as estrofes ou outras divisões e disposições dos versos, no seccionamento do texto de base;
- b. conservar a pontuação do autor, considerada pelos gramáticos uma questão de interpretação que faz parte da crítica verbal, mencionando no aparato os erros óbvios que possam ocorrer;
- c. realizar a atualização ortográfica conforme a ortografia vigente, alterando apenas os fatos essencialmente ortográficos.

Tendo em vista a extensão da obra bem como a quantidade de notas de rodapé, decide-se que o preenchimento da folha se dá com a reserva de espaço para as notas, seccionando as estrofes, ao final da página, quando necessário.

Conservam-se os conjuntos de poemas de cada obra com seus títulos e subtítulos, divisão interna e sinalização em algarismos romanos, em respeito à tradição, bem como a ordem de aparecimento dos textos.

3.3.2.2 Ortografia

É feita a simplificação da ortografia, quando isso não representar fato linguístico subjacente, conservando-se as formas duvidosas, enquanto são corrigidos os erros óbvios.

A reprodução ortográfica segue os critérios da edótica, alterando-se as grafias que não representam fato linguístico assinalável. São simplificadas as letras duplas, a exemplo das que seguem: “ff” em affã, affecto, deffunctos, effluvios; “ll” em alli, allivio, cavallo; “tt” em attenção, attento; “mm” em chammas, commandante; “m” mudo antes de n em damnos; “cc” em accordes, acceso; “ph” em blasphêmia, “th” em authomato, “ch” em christo, christalina; “çç” em construcções, acção; “s” inicial mudo antes de “c” em scisma, sciencia; grupos consonatais impróprios: “ct” em constructores, correcta; “pt” em prompto e proscripto.

Atualizam-se, ainda, os seguintes casos, a exemplo dos que se seguem: forma verbal seguida de pronome oblíquo como em vel-o, prevenil-o; os grupos consonantais em vocábulos formados por anteposição de preposição, em comsigo, emfim; o apóstrofo, em outr'ora, d'entre, d'uma, n'essa.

3.3.2.3 Sistema remissivo

O sistema remissivo está organizado do seguinte modo:

- a. a numeração à margem esquerda de cada verso do poema obedece à série de 5 em 5 e remete ao aparato das variantes de cada poema e das notas;
- b. a numeração da margem esquerda aparece nas notas de rodapé com asteriscos e/ou números correspondentes e refere-se as lições variantes e as notas explicativas de pequena extensão. As notas explicativas mais extensas são colocadas ao final, seguindo a ordem numérica dos textos e das chamadas;
- c. há um asterisco para termos que ingressam no glossário e dois asteriscos para notas explicativas mais extensas;
- d. as epígrafes são reproduzidas como estão no original e localizados nos versos;
- e. o pseudônimo (Iriema), o nome da cidade (Porto Alegre) ou local (Morro Sant'Ana ou Casas Branca) é mantido quando aparece no final do poema;
- f. quando o ano aparece entre parênteses refere-se à data de publicação do mesmo e essa data não constava no final do poema.

São convenções utilizadas no texto e no aparato das variantes na edição aqui criada:

AV	Acréscimo de verso
< >	Acréscimo por conjectura
]	Assinala forma do texto contrária pelas variantes
<	Erro de revisão
*	Glossário
**	Notas
[]	Reconstituição do texto com auxílio de outras publicações
//	Separa duas notas sobre o mesmo poema
{ }	Supressão por conjectura

CONCLUSÃO

Apolinário José Gomes Porto Alegre dedica-se a diversas áreas (literatura, filologia, biografia, crítica, historiografia, magistério e política), influenciando as personalidades que fazem a vida cultural da Província. Esta tese possibilita a divulgação integral da obra poética do autor, desconhecida do público, pois muitos de seus poemas não estão publicados nos livros **Bromélias e Flores da morte**. O conjunto de seus textos demonstra, além da qualidade estética, o nível de conhecimento do escritor, comprometido com a cultura de seu tempo. Isso fica claro, por exemplo, no Glossário em anexo, que evidencia a riqueza e a qualidade vocabular do poeta. Sua contribuição para o desenvolvimento da literatura sul-riograndense não se esgota, contudo, em sua produção literária, como se viu, pois atua nos diversos campos da ciências humanas. É ainda um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário, ali aparecendo como líder, colaborador e divulgador da publicação dos contemporâneos na revista da Sociedade.

A recuperação da intensa atividade literária e social de Apolinário Porto Alegre é difícil, porque os dados a seu respeito estão dispersos, o que acontece, por exemplo, com os periódicos em que ele colabora durante toda a sua vida (**O Industrial, Revista do Partenon Literário, Jornal do Comércio, A Arcádia, A Reforma, Murmúrios do Guaíba, A Democracia, O Guarani, Gazeta de Porto Alegre, A Imprensa, A Federação, Rio-Grandense e Correio do Povo**). Esses materiais, que acolhem a criação poética do autor, não têm sua coleção completa atualmente, prejudicando a busca das poesias. O fato leva a crer que é possível se descobrirem novos textos nos exemplares hoje indisponíveis à pesquisa.

Após as visitas ao Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, ao Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho, à Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS, ao Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, todas instituições culturais sediadas em Porto Alegre, à Biblioteca Riograndense e à Biblioteca Pública Pelotense, nas cidades de Rio Grande e Pelotas/RS, respectivamente, obtém-se o *corpus* da tese, formado por todos os poemas

localizados, que são analisados sob os critérios da Crítica Textual. Essa disciplina, que tem como ponto de partida os filólogos alexandrinos do século III a.C, tenta reconstituir o original perdido, mesmo quando as condições ainda são muito rudimentares. O desenvolvimento de seu aparato teórico e técnico, através dos tempos, permite hoje, com mais segurança, o estabelecimento do texto poético de um autor como Apolinário Porto Alegre.

A obra poética do escritor localiza-se em vários periódicos, além dos dois livros publicados por ele, sendo um póstumo. A recolha do material permite a organização de uma coletânea que atinge o universo de 117 poemas, sendo que 58 desses poemas são encontrados exclusivamente nos jornais e nas revistas da época. A tarefa realizada restabelece o estado original dos mesmos ou o mais próximo dele, quando desconhecidas as fontes primárias. As normas da Crítica Textual possibilitam a realização desse trabalho sem desfigurar a escrita do autor. Com um tratamento edótico, recupera-se uma obra centenária, ao fixar seu texto, possibilitando a leitura atualizada com o auxílio do aparato crítico, das notas e do glossário. A soma de todos esses fatores restaura, ainda que parcialmente, as circunstâncias em que o discurso é produzido.

As novas etapas da Crítica Textual, implantadas por Lachmann, portanto, são fundamentais para o estabelecimento, a legitimação e a verificação da autenticidade dos textos em pauta. Esses procedimentos auxiliam, por exemplo, a determinar a autoria de poemas questionáveis (como “Copé do Deserto”), em que Apolinário não usa um dos seus pseudônimos conhecidos, mas apenas as iniciais de seu nome (A.P.A.), que também podem significar Apeles, Aquiles ou Araújo Porto Alegre, sendo que os dois primeiros são seus irmãos.

Durante a organização da coletânea, o aporte teórico adotado também leva a observar, na análise do texto de base e da lição variante, algumas alterações realizadas pelo autor: acrescenta ou elimina abreviações (minha alma] minh'alma - S'atufa] Atufa); elimina abreviação e altera a pontuação (- Loucura d'uma raça escrita em pedra!] - Loucura de uma raça escrita em pedra.); altera de minúscula para maiúscula (deus supremo] deus Supremo); altera de maiúscula para minúscula e a pontuação (na colheita de germens que tu fazes!] na colheita de germens que tu fazes.); faz um novo verso diferente (Agora sentes espinhos na provança] Já morreram-lhe as flores da esperança?); altera a pontuação do verso (harmonias...] harmonias.); apresenta erros de revisão ou composição (Com visos] Com risos);

altera o flexão verbal do verso (Donde viera] Donde vieram); faz um novo verso e altera a pontuação (para o vício tes passos dirigias!] – Num cadáver arbutre nas folias!); acrescenta ou elimina versos ou estrofes inteiras de um poema, como se pode observar em “Canto do livre”, “A laranjeira” e “Deus”; passa do plural para singular ou vice-versa (as volúpias] a volúpia // do prado] dos padros). Todas essas modificações demonstram que o autor retoma o seu texto para corrigi-lo ou melhorar a mensagem que deseja passar. São, por conseguinte, provas de sua preocupação com a escrita literária, em termos do trabalho que gera a qualidade.

Outro dado peculiar a se dar atenção tem a ver com a datação dos poemas: Apolinário Porto Alegre, algumas vezes, opta em referenciá-los com o ano em que ele escreve o texto, mesmo que o veículo de publicação (livro ou periódico) tenha uma data diferente. Quando essa aparece entre parênteses na coletânea, diz respeito ao ano da publicação da mesma no livro, no jornal ou na revista.

O resgate exaustivo da obra poética de um dos fundadores da literatura sul-riograndense é devedor, como se vê, do tratamento atual que os instrumentos científicos colocam à disposição da pesquisa. Tal fato permite que os dados encontrados sejam testados em sua autenticidade, de modo a recuperar com a maior fidedignidade possível a obra em questão. Nesse aspecto, a arte literária vale-se da ciência para garantir sua voz no âmbito da cultura em geral. Por esses caminhos, a poesia do autor é recuperada, organizada e apresentada em um único volume, como já ocorre com outros autores sul-riograndenses e brasileiros em geral. Nesse volume têm-se as raízes que influenciam seus discípulos, também eles escritores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Marcelo da Gama**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989. p.12-13.

ALMEIDA, José Maria. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Artur Silva, 1862.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **A Opinião Pública**, Pelotas, 23/03/1904, p.2

APOLINÁRIO Porto Alegre. **A Opinião pública**, Pelotas, 26/03/1904, p.1

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Diário de Popular**, Pelotas, 25/03/1904. p.1.

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE. **Eco do Sul**, Rio Grande, 08/07/1896, p.1

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Gazeta do Comércio**. Porto Alegre, 23/03/1904.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Gazeta do Comércio**. Porto Alegre, 24/03/1904.

ARQUIVO Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. **Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=10&p_secao=19>. Acesso em: 14/01/2010.

ARRIADA, Eduardo. **A educação secundária na província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: a desoficialização do ensino público. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa feito sobre um plano inteiramente novo**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. O centenário do PRR. **Letras e Livros**, Porto Alegre, ano I, n.49, 1982, p.10.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). **O teatro de Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2001.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul**: 1868 a 1880. Porto Alegre: EST, 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo.** Porto Alegre : EDIPUCRS, 1997.

BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel; BARBÉRIS, Pierre; BIASI, Pierre-Marc de; MARINI, Marcelle; VALENCY, Gisèle. **Métodos críticos para a análise literária.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.p.1-44.

BIBLIOTECA Central Irmão José Otão da PUCRS. **Sobre a biblioteca.** Disponível em: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCESobre>>. Acesso em: 14/01/2010.

BIBLIOTECA Pública Pelotense. **Cronologia.** Disponível em: <<http://www.bibliotheca.org.br/cronologia.htm>>. Acesso em: 14/01/2010.

BIBLIOTECA Rio-Grandense. **Biblioteca Rio-Grandense.** Disponível em: <http://bibliotecariograndense.com.br>. Acesso em 14/01/2010.

BITTENCOURT, Aurelio V. Ementário Mensal. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, ano I, n.2, p.30-32, abril. 1869.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / CORAG, 2006.

CLEMENTE, Ir. Elvo; SILVA, Jandira M.M; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense.** Porto Alegre: CORAG, 1986.

CULTURA JAPONESA. Disponível em: www.culturajaponesa.com.br. Acesso em 01/09/2011.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870.** Porto Alegre: Sulina / ARI, 1987. /

DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. **História do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Org. Simões, 1954.

DUARTE, Manuel. Elogio a Apolinário Porto Alegre. **Revista do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul**, p. 93-97, 3º e 4º trimestre 1944.

ENCICLOPÉDIA e Dicionário Koogan-Houaiss Digital. Editora Delta. 2009.

ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito. São Paulo: Mérito, 1967.

ENCICLOPÉDIA e Dicionário Internacional. Rio de Janeiro: W.M.Jackson, 1970.

DICTIONNAIRE Encyclopédique Petit Larousse. Paris: Larousse, 1961.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

FERREIRA, ATHOS DAMASCENO. **Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1944.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. Lisboa: Artur Brandão, 1925. 2v.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

FLORES, Moacyr. O teatro abolicionista de Apolinário Porto Alegre. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v.4, n.2, p. 239-248, 1978.

FONSECA, Simões. **Novo dicionário enciclopédico ilustrado da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1926.

FUNARI, Pedro Paulo. **A vida quotidiana na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume, 2003.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Catálogo de periódicos raros**. Disponível em: <http://catalogos.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=periodicosraros_pr:periodicosraros>. Acesso em 21/01/2010.

HESSEL, Lothar. Apolinário e sua nora. **Caderno de Sábado**, Porto Alegre, 12/09/1969, p.16.

HESSEL, Lothar. Uma consulta de Pereira Coruja. **Caderno de Sábado**, Porto Alegre, 12/09/1971, p.11

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1967.

IDICIONÁRIO Aulete. **Dicionário**. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 04/07/2010.

INFOPÉDIA. **Enciclopédia e Dicionário Porto**. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$atrahasis](http://www.infopedia.pt/$atrahasis)>. Acesso em: 26/10/2010.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br>. Acesso em 31/01/2010.

LAROUSSE CULTURAL BRASIL A/Z. São Paulo: Universo, 1988.

LAUFER, Roger. **Introdução à textologia**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LAZZARI, Alexandre. **Entre a grande e a pequena pátria**: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860 – 1910). Campinas: UNICAMP, 2004. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

LOPEZ, Luís Roberto. **A história do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas**. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

MACHADO, Antonio Carlos. **O solitário da Casa Branca**: a sua vida, a sua obra, a sua época. Rio de Janeiro: Pongetti, 1945.

MAGALHÃES, Álvaro. **Dicionário enciclopédico**. Porto Alegre: Globo, 1965.

MARINHA DO BRASIL. Disponível em: www.mar.mil.br Acesso em: 18/06/2011.

MAROBIN, Luís. **A literatura no Rio Grande do Sul**: aspectos temáticos e estéticos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MARTINI, Cyro, LIMA, Serafim. **Declarar patrono da literatura do Rio Grande do Sul**: Apolinário José Gomes Porto Alegre. Porto Alegre: Partenon Literário, 1999, 1p.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 1978.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira**. São Paulo: J. Olímpio, 1950.

MODERNA Enciclopédia Melhoramentos. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: das origens ao romantismo. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 577.

MOREIRA, Maria Eunice. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo literário e crítica romântica**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991.

MUSEU de Comunicação Social Hipólito José da Costa. **Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa**. Disponível em: http://www.cultura.rs.gov.br/principal.php?inc=mc_hipolito. Acesso em: 14/01/2010.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins, 1986.

O NOVO testamento de Jesus. Lisboa: Tipografia Régia, 1781.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.2. p.139-153.

PESSANHA, José Américo Motta (Org.). **Sócrates**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1980. (Col. Os pensadores).

PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literária e sua revista. In: MOREIRA, Maria Eunice. **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / CORAG, 2002. p.19.

PORTO ALEGRE, Álvaro. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Thurmman, 1954.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, 1981.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. Porto Alegre: PUCRS, 2005. (Doutorado em História), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

PÓVOAS, Mauro Nicolas. **Literatura e imprensa em Porto Alegre: a revista Murmúrios do Guaíba (1870)**. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

S., A. Crônica. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, ano III, p.93, ago. 1874.

SALDANHA, Benedito. **A mocidade do Parthenon Litterário**. Porto Alegre: Alcance, 2003. p.23.

SARAIVA, Antonio J, LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Lisboa: Porto, 2001.

SASS, Roselis Von. **A desconhecida Babilônia**. São Paulo: Ordem do Graal na Terra, 2001.

SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SILVA, Hilário Ribeiro A. e. Ementário Mensal. Porto Alegre, **Revista do Partenon Literário**, ano I, n.4, p.30-32, jun. 1869.

SILVA, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1930.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá: o Partenon Literário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX**. Porto Alegre:

UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**: história, metodologia, exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1994.

TEIXEIRA, Múcio. **Os gaúchos**. 2v. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1921.

TILL, Rodrigues. As academias de letras do Rio Grande do Sul. **Letras e Livros**, Porto Alegre, ano II, n.50, 14/08/1982, p.8-9.

TOTTA, Augusto Rodrigues. Crônica. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, ano IV, n.4, p.34-38, jan.1875.

TUCÍADES. **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: Unb, 1987.

TV CIENCIA ON LINE. **Zambeze**. Disponível em: <http://www.tvciencia.pt/tvccat/pagcat/tvccat03.asp?codcat=CDI-0286-1861>>. Acesso em 12/07/2010.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a corte**: análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889). Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VASCONCELOS, Valdemar. Perfil de Apolinário Porto Alegre. **Caderno de Sábado**, Porto Alegre, p.7-9, 26/04/1980.

VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**: autores. Porto Alegre: IEL / A Nação, 1974. p.392-394.

ZAVASCHI, Olyr. O busto de Apolinário. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27/08/2009. p.60

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p.32.

ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O Partenon Literário**: poesia e prosa. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

PARTE II

**1 OBRA POÉTICA DE
APOLINÁRIO JOSÉ GOMES PORTO ALEGRE**

SUMÁRIO

BROMÉLIAS	123
Harpa do deserto	124
Bromélias	125
O pampa	125
O gaúcho	131
O poncho-brasão	133
Nina	135
Curruira	137
A crença	139
O umbu	141
Um rancho	142
Boi-tatá	143
A primavera	145
Pedras brancas	145
Tobias.....	149
Lira da mocidade	152
A laranjeira	153
Abandono	157
O que queres?	159
Dois amores	160
Morta!	162
Loureira	163
Sinhá	164
Mentias	165
Crê e espera	166
Volta	167
Flor do ascetismo	168
Voto	170
Dorme	171
Esquece	172
Anjo decaído	173
Alaúde do século	175
A imprensa	176
O celibato do clero	178
Vidal	181
Vampiros	186
Túmulos vivos	190
<i>Dies iræ</i>	194
A África	202
Notas	208
Errata	209
Índice de <i>Bromélias</i>	210

FLORES DA MORTE	211
Invocação	212
Epicédio	213
Feralia	216
A adalberto	221
A morte	221
O suicida.....	223
A Afonso Luís Marques	225
O cadáver	228
Ema	229
A matéria	229
Metamorfose	231
A convalescente	232
Tijupar deserto	234
Nênia (à morte de José de Alencar)	237
Lágrima da saudade	240
Na sepultura de um cão	242
Agrícola	243
Angelina	244
Dormindinho	245
Que serve	247
O sino	249
O céu	250
Psique	255
Deus	256
Índice de <i>Flores da Morte</i>	260
Observação	261
 POEMAS EM PERIÓDICOS	 262
 REVISTA ARCÁDIA	 263
A banhista	264
O una sorriso aunque leve!	267
Homenagem	268
Primavera e morte	269
Murmúrios	270
Último suspiro	272
Soneto	273
Amanhã!	273
A uma flor	274
Página do passado	275
A flor e o colibri	277
Coaraci	278
Saudade	279
Desalento	282
Canto do campeiro	283
A glória	285
Se te amei	288
A uma menina	289
Eu só não mudo	290
O estatuário	291
Copé deserto	292

REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO	294
É tarde	295
Epístolas	297
O celibato	301
Gabila	312
Um túmulo	323
A evasão	326
 JORNAL A REFORMA	 329
Ao cabo d'esquadra Chico Diabo	330
O cego da glória	331
O prescrito	333
Às vítimas de junho	335
Dia de chuva	337
O farroupilha	339
Por que dormes?	341
A morte	342
A tricolor	342
O crime	344
A calúnia	346
Triplice infanticídio	349
A cabeça decepada	351
Canção do livre	353
Ontem e hoje	354
Vinte de setembro	354
Garibaldi	356
Hino da indignação	357
Execração	358
Um calvário	359
Curvem-se	363
(A propósito duma carta anônima)	363
Bibiano Tavares	366
Meu pingô	367
Dever difícil	368
Hino	369
 JORNAL DO COMÉRCIO	 372
Limiar da glória (Ao Partenon Literário)	373
O Instituto Brasileiro ao Partenon Literário	376
 JORNAL CORREIO DO POVO	 377
Primeira câ	378

IRIEMA¹

BROMÉLIAS²

**PORTO ALEGRE
IMPrensa LITERÁRIA
1874**

PRIMEIRA PARTE

HARPA DO DESERTO³

BROMÉLIAS⁴

- 5 Percorrendo as savanas natalícias,
E as selvas que se somem no horizonte,
Eu as vi, ou à beira dos banhados,
Ou nos anosos* troncos, altos fustes*,
Gigantescas colunas que sustentam
Frandoso pavilhão da mataria.
- 10 Com que viço a folhagem desdobravam
Na soidão* as selváticas bromélias,
Ao sol, à sombra, ao rocío*, à chuva, ao vento
E mesmo à sanha* fera do pampeiro!
Como eram belas! Que verdor nas folhas!
Como os pendões floridos dominavam
O macegal da várzea e o galho altivo,
Que a cúspide* da mata aos céus arroja!
- 15 Colhi-as e hoje, qual gentil serrana
Que aos ares da cidade perde as cores,
Morrem elas à míngua dos eflúvios*
Que rescende o deserto, berço agosto,
Onde Deus fala e a natureza esplende.
- 20 Filhas do ermo ao cintilar das noites,
Minhas pobres canções, como as bromélias
Que a cidade definha, enfeza* e mata,
Ide morrer no turbilhão que passa!

1874

O PAMPA⁵

I

- Aqui é a cidade: a morte, o tédio,
Imensas multidões, o vício enorme,
Cratera de paixões, Satã disforme,
Que aos inocentes põe eterno assédio.
- 5 Aqui é a cidade! Aqui Gomorra*,
Que ressuscita, se ergue do sepulcro,
Que o passado revive em sonho pulcro
— Lázaro* que sacode atra modorra*!

10 E a mentira campeia em alvas vestes,
Os lábios são polutos*, a alma infecta;
E o coração sublime do poeta
Triste pranteia à sombra dos ciprestes.

A vida é saturnal*, virtude o crime,
Há só homens sem fé, morreu Fabrício!
15 Tendas levantam-se no chão do vício!
Soluça a pátria e o coração comprime!

Mulheres não as há, são murchas flores;
Há ricos bezestãs*, e a peso d'ouro
Se adquirem corações, como tesouro
20 Que fácil fora dado aos compradores.

Quero o amor a exuberar sem raia,
Imenso como os céus e como os mares;
Amor que não se vende nos bazares,
Que a fronte nos langores* nos desmaia.

25 Quero dentro do peito a imensidade,
Os ardores do sol, do polo os gelos,
Suspiros infinitos, mil anelos*
Da virgem que se entrega em liberdade.

30 Porém, quero a mulher, raios dum astro,
Diademas de luz trazendo à fronte,
Alvos, cândidos lírios n'alma insonte*,
Na tez a transparência do alabastro.

Odaliscas, odeio, almés* impuras,
De formas sedutoras, n'alma lodo,
35 Que só à corrupção servem d'engodo,
Não a divinas, ideais venturas.

Ó não é na cidade que hei de achá-las,
As madonas gentis de sonhos castos!
Aqui é o solar de negros fastos*,
40 Aonde o inferno ostenta finas galas!

.....

Cidade, és um deserto, o peito anseia
E não acha uma gota à sede imensa,
O espírito caminha em treva intensa
45 E nem um facho ao menos bruxuleia!

Em cada coração há fundo abismo,
Oceanos de vasa* e de amarguras,
Macilentam os rostos nas torturas
Às adustas* bafagens* do egoísmo.

* Ver Glossário

50 Cidade, vou partir, longe me atiro,
 Bem longe respirar bondosos ares,
 De mil palmas à sombra dos cocares,
 Das campinas no plácido retiro.

II

55 Que tens, meu corcel bravo,
 Que abates as densas crinas,
 Soturno, sempre arredio
 Nessas cismas peregrinas?
 Ralam-te o peito saudades
 Das remotas soledades,
 60 Onde o sol vias nascer?
 Onde estavas sem cadeias,
 Livre das pesadas peias
 A que te foram prender?

65 Reponde, corcel amigo,
 Vês, aperto-te a meus seios;
 Quero partilhar contigo,
 Tuas dores e teus anseios.
 A perdida liberdade
 Hoje choras na cidade
 70 Sem achar consolação,
 Ou deixaste nas coxilhas
 De longas, perdidas trilhas
 Preso o nobre coração?

75 Sim, a pátria, nos teus prados,
 Nos teus campos solitários,
 Nos paramos*, descampados
 Relembras em sonhos vários!
 Relembras, — por isso choras
 Essas passadas auroras
 80 Envoltas em tanta luz,
 Quando em gozos a natura
 Se embalava na ventura,
 Que os céus traziam a flux*!

85 Sim, choras a liberdade,
 Para ti talvez perdida,
 Que, eflúvio* da divindade,
 Nos difunde alento e vida,
 E sem ela é outra a sorte,
 Aos sorvos se bebe a morte
 90 Nas taças da escravidão!
 Sem ela o forte é ignavo*,
 Na férrea algema de escravo
 Estrebucha o coração!

* Ver Glossário

95 Pois bem, meu corcel, partamos.
 Quero ir ao sertão infindo,
 Quero ver os mil recamos*
 Das primaveras florindo,
 Quero árvores seculares
 Por dósseis de meus cismares,
 100 Quero a vida, quero o sol,
 Quero a Deus ouvir no ermo,
 Quero afogar-me sem termo
 Na áurea pira do arrebol*!

III

105 Ei-lo! O pampa sem fim, sem horizontes,
 Sem marcos, sem fronteiras! Templo agosto,
 Tendo o céu por zimbório*, o sol por lâmpada!
 Tendo Deus por seu culto e seu levita*!
 Ei-lo! brilhante imagem do infinito,
 Que esmaga o presumido rei da terra!
 110 Homem, o que és agora? Onde teu cetro?
 Molécula sutil – nem vê-se ao menos!
 Gota d'água – no solo se embebera!
 Monada* de soberba – o chão de relvas
 Em pobre arbusto encobre o porte exíguo!
 115 Nas jaulas da cidade, passas fátuo*,
 Embevecido em ti e nessas obras
 Que, mestas* solidões, nem hoje lembram
 Um passado feliz! Estábia*? É múmia
 Que o século levanta do sepulcro.
 120 Palmira*? A caravana na passagem
 A pisa sob as patas do camelo.
 Palenque*? Carcomido palimpsesto,
 Quem o vai soletrar nas ínvias* matas?
 Ó deixemos o mundo, que é cadáver!
 125 A vida é sobre a várzea que pompeia,
 — Roçagante alcatifa* de veludo
 Que o divã cobre do Senhor dos orbes*.
 Aqui Deus palpita em cada folha,
 Em cada sussurrar da olente* brisa,
 130 No efêmero cicio que arrepia
 A face esmeraldina do deserto.
 O pampa é um poema em vastos moldes,
 Que nem Homero ao menos concebera,
 É um poema escrito, burilado
 135 Com os raios do sol, poema imenso.
 Rapsodas são as flores semeadas
 Em dilúvio na túnica da terra,

* Ver Glossário

Os pássaros de plumas multicores,
 As falenas*, as fontes, as estrelas,
 140 Tudo enfim, porque tudo solta a copla
 De ardente entusiasmo... E os hinos todos,
 Todos os carmes* juntos, repercutem
 Na harpa gigante dos selvagens ermos
 Num só salmodiar*, em graves notas;
 145 Uma só voz que vibra o peito humano,
 O gela de pavor, o torna estátua,
 Tão profunda, inefável, merencória*,
 Como ecos do infinito ali reboa.
 É assim no sossego da savana.
 150 Quando, porém, cavalga a imensidade
 O dragão da procela*, as jубas soltas
 Dos medonhos bulções*, e o resfolgo*
 Desata a labareda e a ventania,
 Torna-se o pampa um pélagos de horrores,
 155 Rebrama* o capinzal, soergue o colo,
 Os marulhos levanta, os roja* aos ares,
 Tomba convulso em crispações de hiena
 Sob o despenho* da celeste abóbada,
 Cujas colunas rolam com fracasso,
 160 E, no atrito dos fustes* derrocados,
 Os capitéis partidos, espadana*
 Pelos chãos de trevas ígneas serpes*;
 Cujos diques desatam-se frementes,
 Em turbilhões derramam do regaço*
 165 Fontes dum cataclismo, a morte a jorros...
 É que Satã passou no plaustro* fúnebre
 Pelo divino paço, e os céus o calcam*,
 Às sombrias paragens o repelem...
 É horrível a pugna*, mas eu te amo,
 170 Ó pampa, ainda mesmo em paroxismos*,
 Nas horas de perigo, quando treme
 Nos eixos o universo! Eu te amo, ó pampa,
 Arena do gaúcho, largo estádio
 Onde esplende augusta a liberdade!
 175 Onde o poder dos próceres e déspotas
 Se aniquila nas dobras de teu manto!
 Onde se mostra das primevas gêneses
 Ainda cada lauda redolente*
 Do sorriso de Deus! Eu te amo, ó pampa,
 180 Minha alma foragida a ti se abraça,
 S'engasta nos teus plainos* verdejantes,
 Como um astro no azul do firmamento!
 Aqui minh'alma vive, é sempre livre,
 Perlustra* sem grilhões, adeja intrépida

* Ver Glossário

- 185 Pelas grutas e arcanos* dos espaços;
 Não depara barreiras, sempre as vinga,
 Como o cavalo indômito* e aborígena
 De teus formosos e sem rivais vargedos;
 Tem as asas robustas dos condores,
 190 Que, a teus átrios*, dos Andes se despencam,
 Tem das emas o passo e porte altivo,
 E assim remonta aos céus e aos campos baixa.
 Minha alma em mar de júbilos se banha,
 Em íris de bonança, em ti ó pampa,
 195 Nave da criação pomposa e bela,
 Espanejando à luz intata ainda
 Da enchente dum progresso árido, infando*,
 Que um dia nos trará o triste quadro
 Que hoje exhibe a Europa: ânsias de morte
 200 Em vascas* de misérias! Agonias
 De povos esfaimados mendigando
 O agro pão da caridade, sem trabalho!
 Produzindo na febre do infortúnio
 Essa comuna, verme a que o futuro
 205 Fará – Leviatã*, faminto monstro,
 Sorvedouro de sangue, d'ouro e vidas
 Nas fauces* abrangendo a Europa em peso!
 Contristador* Maelstron*, lúgubres cenas
 Que do porvir na tela se debuxam*!
- 210 Ó longe! longe, ideias que consternam!
 Ó brisas da savana, doces brisas
 Levai-as de meu cérebro que sofre
 Essas lembranças dum passado ausente,
 Cujas pesadas lutulentas* vestes
 215 Espedacei no pórtico dos pampas,
 Transpondo os penetrais* de nova vida.
 Passai, brisas, passai em minha frente
 E varrei as visões que além me levam
 Ao tumulto do povo nas cidades.
- 220 Flores que vicejais, irmãos dos astros,
 As corolas abri, santos turíbulos*,
 Que sempre a Deus incensam noite e dia,
 Ungi-me em vossos bálsamos fragrantes!
- Estrelas – pérolas de luz divina,
 225 Iluminai-me a mente, fustigando
 A caligem* de trevas que a reveste!
- Brisas, flores, estrelas, envolvi-me
 De mágica poesia – quero a vida
 Baloçada na rede do selvagem,
 230 Meu lar: — por teto o céu, por leito o pampa!

1872

* Ver Glossário

O GAÚCHO⁶

Aqui sou rei. Se lanço a frente aos céus
Tenho por teto o azul da imensidade;
Se o desço logo, vejo a soledade,
O pampa a desdobrar os escarcéus.

5 Aqui domino. O rancho de sapé,
Livre alcáçar* não traz grilhões de escravo;
Ó peito aberto à luz não roja* ignavo*,
Passando o temporal me deixa em pé.

10 O tronco solitário mete dó!
Súplice se estortega* na agonia!
Mas eu que odeio toda a tirania,
O afronto envolto em turbilhões de pé.

15 Aqui domino a erma solidão,
Tenho um trono, é o dorso do cavalo;
Este ao longe me escuta, dêz que falo,
E vem lampeiro na asa do tufão.

20 Meu companheiro és tu, ó meu corcel!
Se escutas o clarim, — eis-te a meu lado;
Aos ventos dizes tu, desassombrado:
— Parem! Que o deserto ouça o meu tropel!

Hup! brado, e ao estreitar-te o colo nu,
Já devoras, nitrindo*, largo espaço!
O solo sob teus pés se torna escasso...
— Bravo! diz, quando passas, a nhandu*.

25 E a nuvem branca a esvoejar* taful*:
— Cavaleiro, eia! vamos à batalha!
Servir-te-ei, se tombares, de mortalha,
Terás a tumba no infinito azul.

30 Beija-me os pés o imenso capinzal,
Estremece de júbilo guerreiro:
— Filho, vai na garupa do pampeiro
Colher na pugna* a palma triunfal.

35 Volto, já decorridos muitos sóis...
Que alegria saúda-me a passagem!
Que cantos, que cortejo, que homenagem
A savana despensa a seus heróis!

40 Aqui domino. A liberdade é Deus,
Altars — o desfraldo da campina,
Lampadários — o sol que além se inclina,
Brandões* — os astros em fulgentes véus.

* Ver Glossário

Jamais tremi!... Quem ódio vota aos reis,
 E à algema que o cativo traz ao pulso,
 Pode exclamar com orgulhoso impulso:
 — Sou livre; ouço a razão que dá-me leis.

45 Sou livre! E quando digo, sou cruel!
 Firmo o olhar que longe, longe avança!
 Uma das mãos afaga o hastil* da lança,
 A outra anedia* as crinas do corcel!

50 Sim, pela liberdade abraço a cruz,
 Baquearei* por ela, inerte, exangue*;
 E a gota derradeira de meu sangue
 À noite há de fulgir – fanal* de luz.

E, quando um dia a morte restrugir*:
 — Para, campeador, de lutas basta!
 55 — Lutemos, bradarei, que não se afasta
 Quem soube te afrontar, jamais fugir.

Serei vencido, é certo, após lutar!
 Não da terra, ao brandir de estranho gládio*;
 Quedarei na coxilha, imenso estádio,
 60 Meu berço, minha pátria, meu altar.

E ao cair do gaúcho – o funeral!
 O sol a revestir sanguíneo manto,
 A natureza a perder virgíneo encanto,
 A borrasca que estende o seu brial*!

65 Ao princípio – silêncio! negro horror!
 Espasma a vida em roupas mortuárias...
 E depois? Galopadas funerárias!
 O pampeiro de indômito* furor!...

70 O condor abateu! por terra jaz!
 O lençol da savana é seu sudário.
 Cada ervinha lamenta-lhe o fadário,
 Silentes* prantos rolam, reina a paz!

Bolas e laço e o pingo sem rival,
 Companheiros fiéis, fiéis lhe foram...
 75 Juntos dormem... Do sol os raios douram
 O pampa imenso da mansão final.

1872

* Ver Glossário

O PONCHO BRASÃO⁷

- Não vedes galopar à rédea solta
 Aquele cavaleiro na campina,
 Nas c'roas da coxilha aparecendo,
 Nas canhadas por vezes se sumindo?
 5 No silêncio da noite, quando a terra
 Ressoa* no mistério, a que vem ele?
- É guapo rio-grandense, que voltava
 Aos seus queridos pagos. Fora à guerra,
 Os reclamos da pátria presto ouvira.
 10 Fez-se a paz, despe as armas, corre aos lares.
 Ei-lo que para, e para o nobre pingo,
 É um momento, apenas um momento!
 Ambos frecham* os ares dum arranco,
 Vingam uma porteira, estão na estância.
- 15 Mal o espera a casinha, nívea garça
 No lago esmeraldino do vargado...
 Latem cães... Alvorço! Até despertam
 As dormidas crianças. Depois? Vede:
 20 Uma esposa nos braços do guerreiro,
 Os filhos que ele estreita enternecido,
 Lágrimas de saudade e de alegria,
 E venerando velho em cuja destra
 Ósculo respeitoso o moço imprime.
- Agora ficas, não? A esposa diz-lhe,
 25 Com o olhar umectado de ternura.
 Ele, no colo um filho, louro anjinho,
 O mais moço, o mimoso da família,
 Responde grave: — Fico, e para sempre!
 30 Nunca mais, ó querida, deixo, o juro,
 Teu coração ralado de tristezas.
 Atônito o ancião, fitando-o firme,
 Busca o motivo da resposta estranha
 Na face ler escrito, em cada traço.
 Depois calmo pergunta: — Por que, filho?
- 35 «Quero antes, pelos bamburrais* imensos,
 «Na estância, no rodeio, nas mangueiras,
 «Passar obscura vida, inúteis dias,
 «Porém prósperos, calmos, sem perigos,
 «Do que empunhar a lança das pelejas...
 40 «Bravos do meu Rio Grande, o que fizestes!!
 «À pata de cavalo, quantas glórias
 «Não escrevestes nos imigos* campos?
 «Os vi cair, meu pai, como nas matas
 «Rolam troncos ao gume dos machados,

* Ver Glossário

- 45 «Tais do butiazeiro os áureos frutos
«Que o minuano tira, à terra arroja.
«Os vi...
- Fizeram só o que deviam.
O rio-grandense volta aos caros pagos
- 50 Vencedor ou na luta perde a vida.
- «Eram eles, meu pai, que na vanguarda,
«Rompiam esquadrões, morrendo embora.
«Não lhes importa a vida, importa a glória.
«Porém o que dói n'alma, a punge e sangra,
55 «O que dói mais que as mágoas, mais que a morte,
«É ver dar o que é nosso, nossas c'roas
«A teatinos* sem nome, até sem pátria!
«Urubus que à carniça estão de espreita!
«Cobras, que, se arrastando, galgam montes!
- 60 «Aqui no rosto trago cicatrizes,
«E distinções não trago, não m'as deram.
«Se do que fiz, a mim pedissem provas,
«Tristonho estatelara, as gozam outros,
«Outros que longe das renhidas pugnas*
65 «Morriam, sim, de medo e não de balas.
- Basta, não és meu filho, brada o velho,
Epuxa*! Bem falantes, nada em obras!
Já oitenta anos fiz, estão bem cheios,
Que mais combates conto que os meus anos.
- 70 Não quis e não quisera ter fitinhas,
Esses fúteis brinquedos de crianças,
Quem serve à pátria, serve a si, o digo,
Pois defende seu berço, esposa e filhos.
- E o ancião vibrara a voz e o gesto,
75 Como em tempos de forte mocidade.
Incendidas as faces, firme o passo
Se retira da sala e prestes volta,
Uma arca enorme altivo sobraçando.
A deita sobre a mesa, corre os fechos,
80 E dentro tira um poncho, cenobita*
Que ali morava há muito.
- Agora é vê-lo!
Ante a relíquia santa, quão diverso!
De entusiasmo os olhos lançam chispas,
85 Doce alegria inunda-lhe o semblante,
Remoça no passado, sente o peito
Pulsações grandiosas harpejando...
Mira-o, contempla-o, se embevece todo
Em êxtase divino por momentos,
90 Visões na mente passam-lhe, sorri-se.

* Ver Glossário

E por fim uma nuvem de saudade
 Lhe vela os traços, pelas faces sulca
 Uma lágrima só, polido espelho
 Que então retrata uma consciência pura.

- 95 Estende o poncho ante a luz, estende-o.
 O pobre poncho imenso crivo mostra.
 — Eis a glória, ele diz, a glória antiga,
 Escrita em cada furo. Esta, eu a quero,
 Que nem todos a têm, esta não mente,
 100 Como no peito fitas e comendas.
 Adquire-a o valor, não o dinheiro,
 Não a lisonja vil e o servilismo.
 A umas podem lançar cruéis sarcasmos,
 Podem aos pés calcá-las, nada exprimem.
 105 A esta, a meu poncho, não, que fala e conta
 Quantas vezes a vida perigou-me,
 É uma história viva de batalhas.

- «Perdão, meu pai, perdão, pode a injustiça
 «Que eu com outros sofri, cegar-me há pouco,
 110 «Mas esquecera esta tão nobre herança.
 E filho e pai unidos num amplexo*,
 Na emoção que os prendia, doces prantos
 Deixaram deslizar, como o riacho
 Que os céus reflete em bonançoso dia.

1872

NINA⁸

(A CHINOCA)

- É de noite. Triste a lua
 Já flutua
 Em cendais* de puro anil,
 Toda a terra aos frouxos raios
 5 Em desmaios
 Banha o pálido perfil.
- Não se ouve cheio de encanto
 Terno canto
 Que desprende o sabiá;
 10 O mundo em seu abandono
 Dorme o sono
 Que constante o céu lhe dá.

* Ver Glossário

- Quem não dorme? Quem vigila,
 E a pupila
 15 Faz na noite cintilar,
 Qual jagonça* resplendente
 Na corrente
 Ígneas áscuas* a vibrar?
- É Nina, a gentil chinoca
 20 Que ora toca
 Ardente canção de amor,
 E a viola que ressoa
 Desabotoa
 Em seu peito estranho ardor.
- É a bela, em cujos seios
 Mil anseios
 Turbam d'alma amena paz,
 E na noite que chegara,
 Não calmara
 30 A febre que amor lhe traz.
- Pobre Nina! Pobre Nina!
 Que esta sina
 Tem sorrisos, prantos tem!
 Quem na rede tanto espera,
 35 Desespera
 Dos balanços no vaivém.
- Como o bando que rebrilha
 Na coxilha,
 — Lindas perlas* que dão luz, —
 40 Bando imenso de lampírios*,
 Teus delírios,
 Teus delírios vem à flux*.
- Na camisa d'alvo linho,
 Doce ninho,
 45 Há teus seios a tremer,
 E o suspiro, à comissura
 Se pendura
 Dos lábios que estão a arder.
- E à espera, na ansiedade,
 50 De saudade
 Sentes frio... no calor!
 E da cútis cor de chama
 Se derrama
 Mais que gélido frescor!...

* Ver Glossário

- 55 E ele foi, não volta azinha*
 À casinha
 Que se cobre de sapé!
 Quem sabe se noutros pagos
 Em afagos
- 60 Não esquece a antiga fé?

 Não ouves? Não é prenúncio,
 Grato anúncio,
 Quero-quero que cantou?
 Não será, ó pobre Nina,
 65 Na campina
 Teu amante que passou?
- Além ouves um cavalo,
 Junto ao valo,
 Junto ao denso maricá,
 70 A nitirir* de impaciência
 Da querência
 Que pertinho já lhe está?
- Ai, Nina, grácil criança,
 Que mudança
 75 No teu corpo se operou?!...
 Epicuro* se prosterna*
 Ante a perna
 Que no salto se mostrou!...
- 80 Ai, chinoca, que alegria
 Se irradia,
 Se difunde do teu ser!
 Do teu amante entre os braços,
 Ternos laços,
 Tu desmaias de prazer!

1873

CURRUÍRA*⁹

- 5 Como cantas, avezinha,
 Saudando a primavera:
 Ou na luz que reverbera,
 Ou na flor a despontar!
 Como soltas doces trilos*
 Papiltantes de candura
 Entre as pompas da natura
 Que começa a vicejar!

* Ver Glossário

- 10 Ausentou-se o minuano
 Das coxilhas desta riba,
 E dos seios do Guaíba
 Foge terno murmurar.
 Que mistérios corre o mundo!
 Cora a folha ao sol que a beija,
 15 Treme à brisa que a bafeja
 Um segredo a cochichar!
- Bela quadra*! Belos sonhos!
 Há um ninho em toda a terra!
 Tudo vive: — o prado e a serra!
 20 Tudo canta: — os céus e o mar!
 Solta pois, ó curruíra*,
 Teus acentos de alegria...
 Nasce a aurora, é dia, é dia,
 Canta à porta do meu lar.
- 25 Quero ouvir-te, que derramas
 Não sei mesmo que bonança,
 Como um riso de criança
 Na boquinha a s'esboçar;
 Como em noite estiva e calma,
 30 Sob a copa do arvoredado,
 No tranquilo arroio, a medo,
 Doce réstia do luar.
- Se a açucena, cuja alvura
 Escurece a musselina*,
 35 Conseguisse à luz divina
 Noutro ser se transformar;
 Se tivesse voz e plumas,
 Percorrendo os céus da vida,
 Pelo amor estremecida,
 40 Não teria outro cantar.
- Como cantas, avezinha!
 Sabiás e gaturamos
 Da floresta entre os recamos*
 Nunca podem te igualar.
 45 São poetas, {-} têm poemas...
 Tu, os cantos da menina
 A cruzar pela campina
 Sem as sombras dum pesar.

Iriema

1873

10 Das cochilhas] Nas cochilhas RPL. // 24 do meu] de meu RPL. / 45 poetas, têm / poetas, — tem Supressão do travessão para observar o paralelismo com o verso 46// * Ver Glossário

A CRENÇA¹⁰

I

Outro dia no espaço tremulava
 Tricolor pavilhão contendo as cores,
 Que o Rio Grande relembra enternecido,
 Augusto pavilhão que não descora!

- 5 Apesar de correr veloz o tempo
 É sempre o mesmo no reflexo vário
 Que engasta em sie três preciosas gemas:
 Que no rubim* traduz a força e vida,
- 10 O sangue da província sempre pronto
 A derramar-se em ondas pela causa
 Da sacra liberdade; na esmeralda
 Esperança perene, sempre verde,
 Que não se extingue na provança* acética,
 Nos amargos momentos de incerteza,
 15 Quando o peito estremece à voz da dúvida;
 E no topázio representa o fogo
 De ardente entusiasmo, a luz que doura
 O amor do pátrio lar, do caro berço
 Embalado do sul às meigas auras.
- 20 Augusto pavilhão que não descora,
 Umbrela* que cobriu em tempos idos
 Falanges de soldados que morriam
 Contentes, pois te tinham por sudário,
 Manto da valentia e do heroísmo
 25 Que um decênio recorda deslumbrante,
 Desfralda-te no espaço, sim, desfralda-te;
 O espaço mostra Deus imenso, eterno,
 Tu mostras a divina liberdade.

II

- 30 Outro dia no espaço tremulava
 Tricolor pavilhão contendo as cores
 Que o Rio Grande relembra enternecido.
- Um ancião passava. Contemplou-o,
 Estremeceu parando. Um calafrio
 Os membros percorreu-lhe, de seus olhos
 35 Pela idade empanados, desprende-se
 Luzir de juventude, a face triste
 Efundi-se* risonha, iluminada.
 Ante ele remoçava e só por vê-lo!
 Depois foi estreitá-lo contra o seio,
 40 Beijou-o com respeito, inda um instante

* Ver Glossário

Olhou-o comovido, e retirou-se
 Com as faces umentes* desses prantos
 Que o coração instila gota a gota,
 — Perlas* que o céu apara em jarras d'ouro.

III

- 45 Moços, curvai a frente, a mão beijai-lhe,
 É a crença que passa hoje tão rara!
 Corruptores do povo, dai passagem,
 É que o passado do Rio Grande surge
 De venerandas cãs* e nobre vulto.
 As antigas virtudes, honra e brios,
 50 A têmpera dos livres traz consigo.
 Ergueu-se, não falou e disse tanto!
 Num gesto protestou, gesto espontâneo,
 Filho d'alma viril, que não transige
 Com o tempo que corre, infausto tempo,
 55 Onde a infâmia tem altar florido,
 Incenso que lhe queimam mil sectários*!
 Onde, quem Deus insulta e prega o vício,
 Quem adora a injustiça, o mal, os erros,
 Recebe galardões por cada crime!
 60 Onde, quem do Rio Grande avita* glória,
 Padrões de luz infinda, de heroísmo
 Socaleia aos pés qual renegado torpe,
 — Filho que a terna mãe esbofeteia —,
 Conquista distinções, subidos prêmios!
- 65 Moços, curvai a frente; a mão beijai-lhe,
 É a crença que passa hoje tão rara!
- Quem foi aquele herói que ali surgira
 Guardando para a ideia desterrada
 O mais profundo amor? Quem foi? Que importa!?
 70 É mais que um nome... No correr dos tempos
 É um sacrário, um templo, a causa santa
 Que o tempo não consome... é mais que o tempo,
 É coetânea de Deus: a liberdade!
- Causas sublimes que repele os tronos
 75 Não quer mantos reais no sangue tintos
 De desgraçados povos, pobres raças.
- Quem foi? Que importa o nome do valente
 Que odeia vis grilhões do despotismo!?
 É o Rio Grande do passado erguido...
 80 Rio Grande do presente, curva a frente
 Ante a crença que passa hoje tão rara.

1870

* Ver Glossário

O UMBU¹¹

«Spare that tree!
G. MORRIS.»**

— Suspende, bárbaro! Suspende o braço
Não cortes dum só golpe de machado
A tradição, a glória, a lenda altiva,
O tronco até dos tempos respeitado.

5 Assim ao capataz um moço brada,
De indignação a voz entrecortada.

Ó para longe o gume iconoclasta*!
Para longe de mim! não quero vê-lo...
Sinto a alma contristada* retrair-se,
10 Sinto ainda banhada a frente em gelo...

E o olhar umectado de ternura
Dos mais tênues raminhos se pendura.

Herança de meus pais, árvore santa,
Relíquia de meu lar, de meus amores,
15 Sagrado monumento, a cuja sombra
Veio o herói gozar de teus frescores.

Não tremeu-te ante a mão que o ferro vibra
Do seio até a derradeira fibra!

20 Que negra ingratidão, se ao chão tombasses!
Que soluços, que pranto à dor não deras?
Raízes, galhos, ramos e folhedo,
Fariam coro em maldições sinceras!

Tu dirias, rolando a copa em terra:
«Virtude antiga, um filho te desterra
25 «E amei-os tanto, amei-os no passado,
«Conservo deles a lembrança viva,
«Das graves confidências, da lhaneza*,
«Flor que hoje a mocidade não cultiva.

30 «Como o tempo mudou!? mudou-se tudo!
«Ao Rio Grande fiel eu só não mudo!

« Vi no pai a altivez dum homem livre,
« E ele o era o valente guerrilheiro!
« Ao vê-lo, minhas folhas palpitavam;
« No busto refletia um povo inteiro.

O umbu] *Umbu* RPL. Segue-se o texto de base // Epígrafe de RPL inexistente em BR. //7 Ó para] - Ó para RPL. // 13 Herança] - *Herança* RPL. // 19 Que negra] - *Que negra* RPL. // 24 desterra] desterra! RPL. // 31 no pai a altivez dum homem livre,] *do pai o transporte do homem livre*, RPL // ** Ver Notas // * Ver Glossário

- 35 « Um dia, a sós, ele e outro aqui vieram,
« Ocultei-os e guardo o que disseram.
- « Quanta glória! pois o outro resumia,
« O culto delirante das campanhas,
« O chefe da facção, a cujo aceno
- 40 « Moviam-se planuras e montanhas.
- « Ó talvez que a seu nome, tu me salves!
« Seu nome, o mundo o diz: Bento Gonçalves*.
- « Por teu pai, pelo herói, por teus amores,
« Que os vi nascer, crescer à minha sombra,
- 45 « Como nascem as plantas que protejo
« Dos ardores estivos, nesta alfombra*;
- « Poupa-me, é cedo ainda, ao tredo* verme!
« Não vês, ingrato, sou um ente inerme?»
- Não, tu não morrerás, enquanto, o juro,
50 A virtude viçar, que a ti me liga;
Enquanto defender a liberdade,
Viverás, de meus pais, ó nobre amiga.
- Se eu cair, então seca, a vida espasma,
Da honra extinta serás o meu fantasma.
- 55 E do sol o ouro puro esmalta as franças*,
A renda esmeraldina da ramada,
E a árvore balbucia doce múrmur*,
Eólio* canto ao nascer da madrugada.
- Foram íntimas vozes, fala meiga,
60 Que na cidade morre e brota a veiga*.

Iriema

1872

UM RANCHO¹²

Neste rancho que destaca
No lançante da coxilha,
Sob o manto da pobreza
Doce paz eterna brilha.

- 5 E as paredes são de taipa,
É o teto de palhoça;
Tudo humilde, primitivo,
Tudo simples, como a roça.

37 pois o outro resumia,] que esse *outro era o ídolo*, RPL. // * Ver Glossário

- 10 Nele via-se: um jirau*,
Cará* entretecido,
Uns alcatres* por cadeiras,
Um moringue envelhecido!...
- 15 Que mobília tão singela!
Quão singelos os costumes!
Quantas flores na existência,
Sonhos castos, vivos lumes*!
- 20 Não há sedas, nem veludos,
Nem tapetes, nem molduras;
Nem também a hipocrisia
Nem amor de falsas juras.
- Um casal e dois filhinhos
Dias passam de ventura:
Meses vão-se, meses voltam
Sem um laivo de amargura.
- 25 Não lhes fulge ao pensamento
Lantejoulas da opulência,
Fátua luz de fofas glórias
Nas veredas da ciência.
- 30 E são estes os ditosos,
Cuja crença não vacila,
Estes são que gozam sempre
Vida amena e tão tranquila!
- Ó fortuna, onde te aninhas?
Onde vais? Para um degredo*?
Vais morar no humilde rancho
Numa dobra do vargado!

1870

BOITATÁ*13

- 5 Tu não me peças que venha
Pela noitinha te ver,
Pois a voar por lançantes
Nunca se encontra prazer,
E nos mundéus do demônio
Não quero a vida perder.

Ontem à noite, abeirando
Lá da coivara*, tremi;
Nem imaginas, querida,

* Ver Glossário

10 O que no corpo senti!
Inda ao lembrar-me, estremeço
Do feio caso que vi!

Não é fraqueza, te juro,
E nem se toma por tal
15 Em quem afronta, não foge,
Ao gado chucro, ao bagual,
Em quem se tira folheiro*
Té* de ruim tremedal*.

Venha a guerrilha e entrevero*,
20 Fogo e mais fogo, e verão!
Não me arreceio* dos homens
E d'outras coisas que são,
Temo o que vejo e não posso
Por dum pialo* no chão.

25 Ontem à noite, querida,
Fiquei gelado ao passar
Pela restinga de mato
Que eu encetei a queimar;
Vi um fantasma morrudo
30 Que lá me estava a chamar.

Tinha tais olhos! tais olhos!
Eram de chamas azuis!
Que mesmo ao pino do dia,
E quando tudo reluz,
35 Não sei ainda que susto
Sua lembrança produz!

E era tamanho no vulto
Como esse morro de pé!
E num cavalo montava,
40 Se bem o sei pangaré...
Pingo chibante*, te digo,
De pelo d'ouro, a la fé!

Tu não me peças que venha
Pela noitinha te ver,
45 Pois a rodar por mandembes*
Nunca se encontra prazer,
E nos mundéus do demônio
Não quero a vida perder.

1872

* Ver Glossário

A PRIMAVERA¹⁴

- Era em setembro, o mês de luz e flores.
 O laranjal, as várzeas e as florestas,
 Tudo nadava em ondas de perfumes,
 Hinos de amor e canções de festas!
 5 Lindos quadros ao sol que reverbera!
 Mago festim que traz a primavera!
- Fugira o minuano a longes climas
 Envolto na mantilha das garoas,
 Suaves brisas perpassavam brandas
 10 Pelas nuas espáduas das lagoas,
 Até dos sarandis na fina rama
 Pululava* da vida a rúbea* flama!
- O sabiá soltava doces coplas
 Junto aos ranchos modestos dos campeiros,
 15 Pelas sendas azuis dos céus passavam
 Caravanas de róseos colhereiros*,
 Trazendo a aurora nas mimosas plumas
 Que espancavam do inverno as densas brumas.
- Mocidade do mundo, ó primavera,
 20 Enlace da ventura e da inocência,
 Matrimônio do sol e da natura
 Que expande as graças mil da pubescência*,
 Salve, és a quadra* santa de alegrias,
 Desde o pampa às soberbas serranias!
- Salve, estação aberta ao sol da vida,
 25 Em lúcidos perfumes de poesia!
 Bafeja Deus a terra, tudo anima!...
 Quantas cenas tocantes de magia!
 Que alvas de amor nascidas entre prismas!
 30 E que tardes de rosa em doces cismas!

1874

PEDRAS BRANCAS¹⁵

Quum subit illius tristissima noctis imago
*Tristes – Ovídio***

I

Toda a terra sopita* em longo sono,
 E eu cismo, a sós, no bote, à flor das águas,
 À mercê do Guaíba.
 Voga, barquinha alada, panda* a vela,

Epígrafe de AR é inexistente em BR.// 1 Toda a terra sopita em longo sono,] *Sopita a natureza em longo sono*, AR. // 2 E eu cismo, a sós, no bote, à flor das águas,] *E eu vê-lo a sós*, no bote, à flor das águas, AR. // 4 alada, panda] alada-panda AR. // ** Ver Notas // * Ver Glossário

- 5 Barqueiro, dá de remos, quero ver-me
Distante desta riba.
- Como no giro lento é bela a noite,
Quando a lua difunde a prata em fios,
E o céu é de turquesa!
- 10 Voga, barquinha muda, ao tom dos ventos,
Bebo a vida correndo sobre as ondas,
Olhando a natureza.
- E tu, Guaíba, marchas sempre e sempre!
Emblema da existência, teu caminho
15 Devoras sem descansa!
Corre, onda cristalina, dobra o colo,
Leva-nos entre luzes e entre risos
Ao propício remanso.
- Vamos, ó bom remeiro... Vês ao longe?
20 Ao pálido luar campeia um vulto
Em cendal* fulgurante.
Vês? É lá... Mão no leme, guio a proa...
Uma hora e lá seremos... Voga, barca,
Nesta onda sussurante.
- Eis-no perto! Que sítio pitoresco!
Que mimo do Senhor durante a noite!
Que berço de saudade!
O incisivo madeiro apoja* à terra;
Barqueiro, colhe os rizes*, ata a vela,
30 E esqueça-se a cidade!
- Que noite de setembro! A primavera
Derrama de perfumes a caçoila*
Entre sonhos de amores!
A paisagem palpita à luz do celeste,
35 Tudo dorme tranquilo sobre a terra
Num manto de fulgores!
- Ilha da soidão*, salve! Salve, rochas,
Onde a garça repousa e se adormece
Ao descambar do dia!
- 40 Ó Pedras Brancas, nunca teve o mundo
Mais casto asilo, em que a inocência goze
De serena alegria.

11 as ondas,] *as águas*, AR // 13 E, tu,] *E, tu* AR. // 15 sem descansa!] *sem parar!* AR // 16 Corre, onda] *Corre onda* AR. // 17 luzes e entre risos] *entre risos e bonança* AR. // 18 Ao propício remanso] *Ao retiro insular* AR // 22 leme, guio] *leme guia* AR // 23 Voga, barca,] *Voga barca*, AR // 24 onda sussurante.] *Nesta onda sem rival* AR. // 25 sítio pitoresco!] *sítio pitoresco!* AR. Erro óbvio. // 29 Barqueiro,] *Barqueiro* AR. // 34 do celeste,] *do céu*, AR. // 37 Ilha da soidão, salve! Salve, rochas,] *Solitária ilha, salve! salve, rochas*, AR. // 40 Ó Pedras Brancas, nunca teve] *Pedras Brancas! O mundo nunca teve* AR. // * Ver Glossário

45 Apenas foge o sol e a sombra desce,
 Demanda o colhereiro* cor-de-rosa
 O sono no teu seio,
 E o negro anu*, tão negro como a noite,
 Aí em horas mortas fere os ecos
 Com tristonho gazeio.

50 Mansão de paz, poética morada,
 Quem me dera viver eternamente
 Aí cumprindo a sorte!
 Foras a Santa Helena do poeta,
 Dormira no frouxel* de seu regaço,
 Realizando um éden sobre a terra,
 55 Um oásis dos sonhos!
 E tu, me viras, ilha, alegre sempre
 Cantando dos amores as delícias,
 Em modilhos* risonhos.

60 Ilha da soidão*, salve! Salve, ninho
 Onde venho poisar a fronte mórbida
 De tristeza unvida;
 Aí sobre os rochedos, vendo ao longe
 A cidade nutante*, apraz-me a nênia*
 Da ressaca vertida.

65 Aí a cisma impregna-se de olores,
 Que a brisa traz das margens sempre verdes,
 Do esparável* dos montes:
 Aí o meditar desfere as asas
 Na amplidão dos espaços, percorrendo
 70 Imensos horizontes.

45 teu seio,] *teu seio*; AR // 46 anú, tão negro como a noite,] *anu, mais negro do que a noite*. AR. // 53 Dormira no frouxel de seu regaço,] *O marco do romeiro, no crepúsculo*, AR. // 54 Realizando um éden sobre a terra,] *Na viagem sem norte!* AR. // 55 a 72 Estas estrofes substituem os seguintes versos publicados anteriormente em AR:

Salve, augustos penhascos alvadios
 Em que na verna quadra alados bandos
 Gozam de seus amores!
 Em cujas margens vem o jacaré,
 E a traíra voraz em hora ardente
 Caírem em langores*!

Se Deus me dera uma anjo de bondade,
 Fora feliz!... Vivera em teu recinto
 De gozos opulento...
 Que importa, Spielberg ou triste Tomes
 O mundo te chamasse... a par dum anjo
 Jamais nos falta alento.

Sozinho preferira teu silêncio
 Às láureas no ruído das cidades,
 Ao cetras do poder;
 Quanto mais aos sorrisos de ventura
 Ao lado da mulher que me soubesse
 A alma compreender?

59 Ilha da soidão, salve!,] *Solitária ilha, salve!* AR. // 61 tristeza unvida;] *tristeza cingida*; AR. // 62 os rochedos,] *as penhas*, AR.// * Ver Glossário

Aí Deus mais se mostra, mais consola
 O coração aflito, sem conforto,
 Sem um íris de calma.
 Pedras Brancas, apraz-me em teu fastígio*
 75 Largas horas, ao olvido entregue
 Do sofrimento a palma.

II

80 Que gênio maldito, que abutre famélico,
 Roeu-te as estranhas com fúria vesana*?
 Hoje – ilha formosa – ressurges das águas
 Com risos de dores que o peito dimana*!

82 A livre atalaia* das terras da pátria
 A frente dobrou ao poder dos tiranos,
 Hoje ei-la sem cores, sem força, sem vida,
 85 Dos homens sofrendo milhares de danos!

90 Não irei mais visitá-la...
 Foi-se-lhe a mudez tão grata,
 Quando a lua em fios de prata
 Vinha na frente beijá-la;
 Quando tristes trovadores,
 Merencórios*, sem conforto,
 Viam nela o calmo porto
 Para as cismas dos amores.

95 Vergel de poesia, perdeste os encantos,
 Qual linda floresta no solo abatida!
 Que braços infames são esses que talam*,
 As obras divinas tão cheias de vida?

100 Calemos, ó musa, e na campa* funérea
 O pranto soltemos... são fundas as mágoas,
 Já foram manchar a virgínea morada,
 O doce remanso no seio das águas!

72 sem conforto,] sem anodinos, AR // 81 Com visos] *Com risos* AR. Provável erro de revisão // 82 terras da pátria,] *terras do sul*, AR // 84 sem força, sem vida] *sem força abatida* AR // 86 visita-la...] *visita-la*, AR // 87 a mudez tão grata,] *a grata mudez!* AR // 88-93 Estas estrofes substituem os seguintes versos publicados anteriormente em AR:

Sofreu funéreo revés
 Despindo a velha linda gala
 Tão fagueira aos travadores,
 Romperam-lhe o coração
 A mil golpes de alvião
 Mercenários construtores.

94 poesia, perdeste os encantos,] *poesia os encantos perdeste*, AR. // 96 obras divinas] *obras de Deus* AR. // 97 Calemos, ó musa, e] *Calemos, ó musa... e* AR. // 98 O pranto soltemos... são fundas as mágoas,] *As bagas soltemos de interno pesar*; AR. // 99 Já foram manchar a virgínea morada, / *Ao poiso agradável de cismas à noite* AR. // 100 O doce remanso no seio das águas!] *A virgem morada já foram marchar!* AR. // * Ver Glossário

101 Dorme, barquinha, descansa,
 Não mais cruzarás o rio
 Nesse momento tardio,
 Quando o céu era bonança;
 105 Dorme, pobre companheira,
 Teu leme não mais trabalha,
 A vela é a tua mortalha,
 E o Guaíba a carpideira.

1866

TOBIAS¹⁶

(EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO)**

À noite, quando a sombra expande as asas
 No espaço que palpita de mistérios;
 Quando as medas* da areia além s'estendem,
 Na treva alvejam com clarões funéreos;
 5 Nos céus cintilam as estrelas doidas;
 A ardentia* no mar borboleteia
 Sobre a vértebra undosa*, contorcida;
 Na lagoa em soluço a vaga anseia;
 Ilha das solidões, ó Sarangonhas*,
 10 A quem falas no ermo? acaso sonhas?

Ao mar, ao vento, ao céu, à terra, a tudo,
 As lendas descortinas do passado;
 Ergues a tradição do pó das tumbas
 Ilíadas dum povo celebrado.
 15 E o Rio Grande, esse herói em outras eras,
 Cuja alma não morreu, apenas dorme
 Do manto tricolor nas vastas dobras,
 Hoje estremunha* sob o sono enorme,
 Às balatas* que lembram tanta glória
 20 No brônzeo capitel* de sua história.

Ilha depositária da legenda,
 Falavas uma noite, de teus lares,
 Ao mar — que traduz a imensidade,
 Ao céu — que traz eternos luminares;
 25 E dizias: — Ali estava o chefe,
 Em mesquinho lanchão sulcava as águas,
 A esposa ao lado e a chusma* de filhinhos,
 Que, por vezes, da frente curva às mágoas,
 Ao sorriso infantil lhe desterravam
 30 Os cuidados que aos mil o procuravam.

6 mar borboleteia] *mar borboloteia* BR. Provável erro de revisão. Segue-se lição RPL. // 10 ermo?] *ermo*, RPL.//
 14 Ilíada dum] *A Ilíadas dum* RPL. // 25 dizias: — Ali] *dizias: Ali*. RPL // ** Ver Notas // * Ver Glossário

la o barco co'as velas enfunadas*,
 A tricolor bandeira sobre o mastro,
 Lábaro da República, águia excelsa*,
 Que no espaço se libra como um astro!
 35 la o barco, e de súbito bombeia
 Imigas* canhoneiras pela proa.
 — Imperiais! — bradou, e muito longe
 Na vastidão do lago a voz reboa!
 Adeus, esposa, filhos, disse o bravo,
 40 Ou vencedor ou morto, nunca escravo!

E no convés surgiram da vitória
 Esses do Sul indômitos* guerreiros,
 Esses homens que morrem, não se entregam,
 Que são da liberdade os cavaleiros;
 45 E já três canhoneiras, quais caranchos*
 Sobre uma juriti*, ao fraco lenho
 Se arremessam certeiras do triunfo,
 Gritando feras, carregado o cenho,
 Ao comandante: — Entrega-te, farrapo!
 50 Arreia essa bandeira, imundo trapo!

Densa nuvem de fumo envolve a cena,
 Ribombo horrível o horizonte abala,
 As ondas tremem, mesmo os ares silvam
 Ao célere zumbir de cada bala!
 55 — Caramurus, labregos*! — só respondem.
 — À abordagem, de pressa! os outros tornam.
 À abordagem se atiram, vão raivosos
 Os três monstros, achegam-se, contornam
 O batel* miserável que os arrostra*,
 60 E combate, combate, não se prostra.

E foi medonho o quadro, infrene* a pugna*!
 Três contra um! Covardes e não vencem!
 Os farrapos* à voz do comandante
 Inconcussos*, de pé, não se pertencem!
 65 São leões que no chão da luta tombam:
 — República! exclamando ao sol da glória,
 — República! exclamando aos pés da morte
 Levados pelo arcanjo da vitória!
 São os filhos da augusta liberdade
 70 Transpondo os penetrais* da eternidade.
 Tobias, nobre chefe, como queres
 Contra tantos opor a face altiva?
 Não vês que os teus nas filas escasseiam?
 E a sorte para ti se mostra esquiva?
 75 Como queres galgar barreira ingente*?

40 nunca escravo!] *nunca escravo* RPL. // 66 glória,] *glória*; RPL. // * Ver Glossário

Entrega-te, Tobias, e do mastro
 Desiça o pavilhão, que na passagem
 Sempre, sempre deixou fulgente rastro...
 Que, se não vence em campos de batalha,
 80 Serve ao menos aos bravos de mortalha...

A multidão referve, esmaga o chefe,
 Que não se entrega, quer morrer na luta:
 — Trucidem, companheiros, ele exclama,
 Essa gente do rei, sem fé, corrupta! —
 85 É tarde! nota então quão poucos restam,
 Nota imigos* pisando o tombadilho*,
 A derrota a seu lado... em frente a morte!
 Já ouve das vitórias o tonilho*
 Ao troar dos canhões... canções malditas!
 90 E estorce-se em angústias infinitas!

Ó não é tarde ainda! Esposa e filhos
 Vai abraçar, estreita-os contra o peito,
 Os olhos pranto aos tufos borbotando
 O livre que não chora, à luta afeito.
 95 — Pátria, diz, sacrossanta liberdade,
 A inocência vos lego no holocausto,
 São as flores da vida, as flores d'alma...—
 E co' a face incendiada, o corpo exausto,
 Desce o morrão* aceso... a mão lhe treme...
 100 Foi um momento em que seu peito geme!...

Depois... o céu se obumbra* em negras cores,
 Som oco e cavernoso repercute,
 O sol se oculta, a vaga se levanta...
 O quadro só terror a tudo incute...
 105 Depois... onde os imigos* que se batem?
 Imensa solidão, silêncio fundo!
 Nem uma voz surgindo dos abismos!

.....
 Brilha o sol como sempre sobre o mundo...
 110 E a bandeira, esse manto da bravura,
 Boiando sobre o lago, ao sol fulgura!

Iriema

1874

SEGUNDA PARTE

LIRA DA MOCIDADE¹⁷

A LARANJEIRA¹⁸

(MORTE DUM – IDEAL.–)**

I

- Quem vinte anos conta e não recorda
 Um tempo que vestira rósea gala?
 Um poema d'amor gravado n'alma,
 Que suaves perfumes inda exala?
 5 Outrora derramei a vida em cantos,
 Tinha muita fé, santa e verdadeira...
 Era meu coração uma harpa virgem,
 Bem como a branca flor da laranjeira.
- 10 Eu era então criança! Só três lustros
 Cingiam minha fronte à luz da vida;
 Cria em Deus, e nos homens, e na jura
 D'uns lábios nacarinos desprendida.
 E por que não havia de ter crenças,
 Quando verte harmonias a balseira,
 15 Palpita a catadupa* sobre a rocha,
 E aos ares balsamiza a laranjeira?
- Por que, quando arrebóis os céus esmaltam,
 Os dias têm fulgor e as noites lua
 Havia de pender a fronte à dúvida,
 20 Que gélidos pavores n'alma sua?
 Não ouvia trinar o passarinho
 Em grato gozo a par da companhia?
 Não via a primavera debruçar-se
 Na folhagem gentil da laranjeira?
- 25 Amei-a... Era um anjo de poesia...
 E poderia alguém deixar de amá-la?
 Era tão linda e pura em seus brinquedos!
 E tinha um quê dos céus na doce fala!
 O' quando ela falava, que mistérios!
 30 Que magia celeste, feiticeira!
 Que eras, arte de Verdi*, que eras, brisa,
 De noite a segredar na laranjeira?
- Aquela melodia, se ecos tinha,
 Não era nas veredas deste mundo,
 35 Longe!... Longe! no espaço se perdia!
 Longe!... Longe!... num cântico profundo!

1 anos conta e não recorda] *anos, que não lembra já* AR. // 5 cantos,] cantos; AR. // 7 virgem,] *virgem* AR. // 11 Deus, e] *Deus, é* AR. Provável erro de revisão. // 13 crenças,] *crenças* AR. // 19 dúvida,] *dúvida* AR. // 26 E poderia] *Poderia* AR. // 30 Que magia celeste, feiticeira!] *Que sons de minha casa na lareira!* AR. // 34 nas veredas deste mundo,] *nas charnecas deste mundo;* AR. // ** Ver Notas // * Ver Glossário

Sua voz tinha notas e suspiros
 Duma vida ideal e prazenteira,
 Manhãs da eternidade que sorriam
 40 Mais cândidas que o olor da laranjeira!

E as pupilas umentes* cintilando
 Com ignota ternura e langue brilho,
 Despertando sonhos do futuro
 Por sobre flores dum ameno trilho?!
 45 Ó aquela mulher nas cismas místicas
 Tinha entre si e o mundo uma barreira!
 Era a diva existência da avezinha
 E a pureza da flor da laranjeira.

Franzina, a desmaiar a cada instante,
 50 Reclinada a cabeça em meu regaço...
 Beijando-lhe a chernita* das mãozinhas,
 Estreitando-a no peito em terno abraço.
 Eu via só um céu... era tão pura!
 Pura como da nave a branca esteira,
 55 Como o botão virgíneo que resplende
 No folhiço loução* da laranjeira.

Quem não viu do sol um raio trêmulo
 Coar-se pelo manto das neblinas
 Alvo froco* de neve no ambiente?
 60 Branca espuma no leito das ondinas?
 As pérolas de orvalho na magnólia?
 A alvinitente* seda da paineira?
 Ela era pura assim d'alma e de cútis,
 Que cobiçara a própria laranjeira.

A frente de madona não vergava
 Para as tristes misérias desta terra,
 Osculavam-na* os raios das estrelas,
 Os cantos que o universo no ar descerra...
 Sectários* da matéria, ante ela mudos
 70 Adoraríeis um Deus – causa primeira,
 C'roando-o de festões que dá-nos sempre
 Na quadra* vicejante a laranjeira...
 Aquele débil corpo evaporava,
 De dia em dia se finava aos poucos,
 75 E n'alma me enxertava o desespero,
 Intensa febre, o delirar de loucos!
 Que dó vê-la morrer na flor da vida!
 Senti-la prestes da hora derradeira!
 E não puder sustar da foice o fio,
 80 Que aos vermes lança a flor da laranjeira.

Um dia... como custa acreditá-lo!
 Como surgiu atroz a realidade!
 Ela tossia e me observava a furto

56 laranjeira.] *laranjeira!* AR. // 59 Alvo froco de neve] *Uma folheira nívea* AR. // 60 Branca espuma no leito das ondinas?] *A espuma que rebenta em diro afã?* AR. //76 loucos !] *loucos.* AR. // * Ver Glossário

- 85 Pálida como a imagem da saudade:
 “Adeus”, soluçou ela, “ nossa vida
 Será no céu a eternidade inteira. “
 E pendeu o semblante no meu peito,
 Como entre a rama a flor da laranjeira.
- 90 Estreitou contra os meus num beijo os lábios,
 E um arpejo* vazou-me dentro d’alma...
 Estava morta... morta como um anjo!
 Por que havia morrer a tenra palma?
 Por que morrer tão bela em verdes anos?
 Meus Deus! que sina breve e passageira
- 95 Envolta num sudário, às tranças tendo
 As capelas* que oferta a laranjeira!
- Como falena* extinta na placenta,
 Aurora sem ocaso, assim morrera;
 Como o rútilo* do astro que um momento
- 100 Na solidão do espaço resplendera;
 Bem qual incenso que a caçoila* espraia
 E no ar se some em espiral ligeira!...
 Meu venturoso amor, por que morreste
 À sombra da viçosa laranjeira?

II

- 105 Partira... de meus pálidos amores
 Levando uma lembrança amarga e doce,
 E da pobre criança em flor ceifada...
 Sem ela, tudo, a vida até murchava,
 Enlanguecendo aos poucos. D’alma enfermo,
- 110 Fui-me a longe terra, onde a saudade
 Não borbotasse eterno, amargo pranto;
 Banido de meu berço, onde era o clima
 Qual estufa que enfeza* a planta exótica.
- Ela morrera! Apenas o diziam
- 115 Uma urna cinerária, e do cipreste
 Os penachos sombrios sobre a campa*,
 Ocultando seu nome no epitáfio,
 E as lágrimas aos tufos que eu vertera
 Regando tristes goivos* dum jazigo.
- 120 O mais? Nada mudara. No seu giro
 Já o sol, os planetas e o Universo,
 E a natureza também em cada lauda
 Da gênese eterna punha o pólen
 Que anteras* fecundava, e à luz do dia

85 nossa vida] *nosso amor* // 87 peito,] *peito* AR. // 98 morrera;] *morreu*; AR.// 100 espaço resplendera,] *espaço resplendeu*, AR.// 101 que a caçoila] *que a naveta* AR./ 107 flor ceifada...] *flor cegada*... AR.// 109 Enlanguecendo aos] *Enlouquecendo aos* AR. // 111 Não borbotasse eterno, amargo pranto;] Não borbotasse d’alma eternas lágrimas, AR. // 116 a campa,] *a lápida*, AR. // 118 E as lágrimas aos tufos] *E os regatos de prantos* AR.// 122 natureza] *natura* AR.// * Ver Glossário

125 Mil outros embriões trazia à vida.
 Morrem uns e outros nascem. Pois qu'importa
 As folhas que o outono ao chão borriça,
 Se a primavera traz-nos outras novas?!
 Que importa do ribeiro a gota límpida,
 130 Que bebe o sol, se há outras mil nas fontes?

Ela morrera! mortos meus amores
 E esperanças fundadas no futuro!
 E tu, ó laranjeira, inda vicejas,
 Tu, muda testemunha dos prazeres,
 135 Desses arroubos santos, infinitos,
 Que nossas almas ao Senhor abriam!
 Tu, que ouviste tão pudicos protestos,
 Tantas juras de amor constante e puro,
 Inda espalmas a bela, verde cúpula,
 140 Te toucas de ramagem, lindas flores!...
 Tu, cujo tronco mostra as castas páginas
 Que com trêmula mão gravei solícito!
 Ó por que não morreste ao lado dela?
 Que serve viveres triste e solitária,
 145 Sem quem procure a sombra que derramas,
 Sem mais sorrisos ternos, meigas falas,
 Confidências, olhares expressivos
 E os apertos de mão que à face mórbida
 Faziam o rubor abrir as pétalas,
 150 E nos lábios morrer estreme* nota?
 Por que vives lembrando fastos* fúnebres,
 E como vivo insulto às minhas mágoas?
 Ó por que não morreste ao lado dela!
 Que digo!? Que loucura! Sê eterna
 155 Sim, vive, laranjeira, não pereças;
 Vive, e se algum dia um peregrino
 Vier ao pôr do sol à sombra tua,
 Com a fronte estuante* de agonias,
 Vergando do cansaço ao pesadume,
 160 Banha-lhe a face nos olores castos,
 Onde a perla* do orvalho desce à noite,
 Adormece-o, narrando em flébeis* trenos*
 A legenda de amores que só sabes...
 Sim, vive, laranjeira, longos anos
 165 E na minha volta... se eu voltara!
 Talvez que volte... e então virei saudar-te,
 Recordá-la, chorá-la sem consolo.
 Talvez que seu espírito pousando
 Nos cálices das flores que desbroches,
 170 Ou na asa dos colímbrios que a teus galhos
 À noite se recolhem, venham ouvir-me,
 Responder-me nas auras vespertinas...

126 Pois qu'importa] *Pois que importa* AR.// 134 prazeres,] prazeres AR.// 135 Desses arroubos santos, infinitos,] E arroubos infinitos celestes, AR. // 148-159 Acréscimo de versos nesta edição. // * Ver Glossário

III

- 175 Voltei... E não voltara, se a saudade
 No batel* lutuoso, em céu ridente
 Não me apontasse o lar, a pátria cara
 A lembrança do afeto que afastou-me,
 Volvia-me de novo à triste campa*
 — Tálamo* de noivado na poeira -
 180 Onde dela talvez nem haja cinzas;
 E à bela laranjeira, único símbolo
 Dos gozos inocentes que fruímos.
 E o que encontrei após tão larga ausência?
 Que mudança apresenta o que eu deixara?
 185 Ali na solidão, ela morrera,
 A árvore tão louçã*!

Talvez saudade!

- Apenas recorda o tronco seco,
 Mirrado ao toque rijo de intempéries;
 190 Mais nada resta: folhas, galhos, flores,
 Tudo a morte arrancou da laranjeira!
 Como o gentil arcanjo que tanto amara,
 Ela também finou!

 195 Que eu tudo esqueça...
 Frio letes* do tempo, presto apaga
 As merencórias* folhas que inda restam
 Do livro d'alma; o olvido seja a tenda
 Onde eu repouse ao pôr do sol da vida.

1868

ABANDONO¹⁹

- Tu que outrora a meus pés submisso vinhas,
 Osculando-me as fímbrias* da roupagem.
 Os cabelos esparsos pelos ombros,
 As faces que n'ausência se desbotam
 5 Como o fruto do jambo que fenece,
 Onde estás, meu querido?

-
- Já meus lábios de mel não são o favo,
 Em que vinhas fruir o céu na terra,
 Meus olhares não são fanais que salvam
 10 O nauta da existência nas procelas*,
 E que em tua alma inspirações vertiam
 Como estrelas celestes?

176 ridente] *ridente*, AR. // 178 afastou-me,] *afastou-me* AR.// 184 mudança apresenta] *mudança sofrera* AR.//
 186 tão louçã! / *tão louça de meus amores* AR.// 185-186 e 194-195 Decassílabo quebrado. // 195 Que eu tudo
 esqueça...] *Tudo eu esqueça...* AR.// 197 As merencórias folhas que inda restam] *Reguem as mestas folhas
 que me restam* AR. // 1 vinhas,] *vinhas* AR. // 2 da] *de* AR.// 3 cabelos esparsos] *cabelos derramados* AR. // 4
 n'ausência] *na ausência* AR.// * Ver Glossário

15 Já meus braços não são doces liames,
Enredças de amor que então dizias?
Meus seios – ninhos de beija-flor macios,
Onde da vida se esqueciam dores,
E se dormia o sono, que anjos dormem
Na eternal inocência?

20 De minhas faces o cetim fugiu?
Cetim e nácar*, lembras? Tu dizias!
Meus cabelos o aroma já perderam,
Que embriagavam a alma em divo* arroubo?
Madeixas negras qual do anu* a pluma,
Dizia, inda lembras?

25 Não é mais minha voz virgínea harpa,
Que vibra sons que sabiás invejam,
Maga* harmonia de ternura cheia?
Não fará ela mais esse milagre,
- Que dizias, ouvindo-a, se operava
30 Em teu coração morto?

35 Ou já da mocidade as belas flores
Penderam flácidas no abrir das pétalas?
Não, que tenho três lustros e sou bela,
E a ti só amo, e a ti pertence a vida,
Que vivo, e que deponho, como escrava
A teu menor desejo.

40 Vem... sozinha morro, perco as cores!
Tudo é tristonho em torno a mim, ó tudo!
O vale, a flor, o céu, a fonte e o pássaro
Nada dizem, minh'alma os não percebe;
Eu não vivo, vegeto como as plantas,
Como elas sem sentidos!

Verde sorrir que me esfolava* os lábios,
Terra esperança dum porvir risonho,

14 de amor] *d'amor* AR.// 15 seios – ninhos de beija-flor macios,] *seios o frouxel de beija-flor*, AR.// 17 sono, que] *sono que* AR. // O traço está sendo usado neste poema para isolar as estrofes com o objetivo de realçar e enfatizar o que é dito. //18 eternal inocência] *eternal existência* AR.// 25 harpa,] *harpa* AR. // 29 milagre,] *milagre* AR.// 29 - Que] Que AR. // 33 Não,] *Não*, AR.// 35 vivo, e que deponho,] *vivo e que deponho* AR.// 37 sozinha] *eu sozinha* AR.// 40 dizem, minh'alma] *dizem minha alma* AR. // 41 E eu não vivo, vegeto como as plantas,] *Eu não vivo, vegeto, como as plantas*, AR.// 43 esfolava os lábios,] *esfolava os lábios* AR. Erro óbvio.// * Ver Glossário

45 Tudo se foi como o frouxel* do ninho
 Que o vendaval no turbilhão das asas
 Arrasta longe e na poeira envolve,
 Como em fatal sudário.

50 No divã, à tardinha, espero sempre;
 Horas passam, não vens! E funda cisma
 Então me furta ao mundo, as forças perco.
 Se ouço leve rumor: É ele – digo,
 Sinto tremer a mão, nos ossos gelo,
 Um incêndio na fonte!

55 Quero erguer-me, não posso! Desfaleço!
 Vivo e morro... e não vens! Ai! já m'esqueces!
 Ingrato, volve... Nada aqui denota
 Que estás ausente, há muito, vive tudo
 Como naquelas eras de venturas,
 60 Que eu te via a meu lado!

Tua cadeira solitária e triste!
 Teu álbum e teus livros inanidos*!
 E tua flauta sem sorrir na notas!
 Vem, volta aos lares que te esperam ledos*;
 65 Recebe ao menos meu final suspiro,
 Ainda te amo, morrendo...

1867

O QUE QUERES?²⁰

O que queres de mim, mulher? Amores?
 Já são dum túmulo fanadas flores
 Que no cemitério pungem do passado!
 Quem ousa ressurgir da morte a vida?
 5 Animar no hipogeu* abandonado
 A múmia de poeira revestida?

Passou meu coração tempos risonhos,
 Demais viveu de mil floridos sonhos,
 Quando doida criança! Pobre insano!
 10 O mundo contemplava por um prisma,
 Sem o palor* de negro desengano,
 E sem ter da descrença amarga cisma.

49 divã, à tardinha,] *divã à tardinha* AR.// 51 perco.] *perco*, AR.// 52 ele – digo,] *ele, digo*: AR.//56 Vivo e morro... e não vens! Ai! já m'esqueces!] *Vivo e morro, e não vens! Ó tu, me esqueces!* AR. // 58 há muito, vive tudo,] *permaneces, vive tudo* AR. // 59 venturas,] *venturas* AR.// 61 cadeira] *caldeira* AR.// * Ver Glossário

15 Ânfora cristalina de perfumes,
 Estrela desparzindo* magos lumes*,
 Que é de meu coração, agora morto?
 Ânfora – derramou o puro aroma,
 Estrela – sem fulgor agora assoma!...
 É um abismo onde indicava um porto!

20 Todo se embeberou de fel e treva,
 Tristes legados que da vida leva,
 Larvas de que o inferno a terra inunda!
 Pensas que é falaz* tela o que eu desenho?
 Antes o fora! Não houvera empenho
 25 Em sonegar-te a luz, onde ela abunda.
 Tu mesma, borboleta aqui dos pampas,
 Que em donaire*, beleza e graças campas,
 Entre as balseiras* de meu pátrio ninho,
 Podes dar o que pedes e procuras?
 30 Ou já feriu-te a alma o agro espinho,
 Que saturou-me a alma de amarguras?

 Essa grinalda que te cinge a trança
 Celestiais eflúvios* ainda lança,
 Ou ficaram nas sendas percorridas?
 35 Vejo-te, há tanto, em mocidade bela,
 Alentos exaurindo em loucas lidas,
 Eterna crendo a virginal capela!

 Talvez me engane!... E perdoarás, por certo,
 O homem que vive a sós, triste e deserto
 De doce afago, pois descreu de tudo!
 40 E, se real paixão teu ser alaga,
 E a tão divino amor tornei-me mudo,
 Está vingada: a solidão me esmaga!

1871

DOIS AMORES²¹

I

Eu tinha dois amores. Minha vida
 Entre duas carícias deslizava;
 Era feliz, risonho me entregava
 À linda primavera enflorificada.

5 Dois amores de pura, fina prata,
 Dois astros, dois faróis de eflúvio* mago,
 Duas garças correndo, além, no lago
 Sobre a linfa* que o azul do céu retrata.

10 Dois amores, dois anjos de harmonia,
 Duas flores unidas num só ramo,

* Ver Glossário

Duas cores ligadas num recamo*
 Duas notas num canto d'alegria.

Dois amores de gozo tão sublime
 Que eu, na terra, nos céus achar julguei-me,
 15 Que eu, perecível, imortal achei-me,
 Tanto poder o coração exprime!

Dois amores num berço de inocência,
 Dois raios duma mesma linda estrela,
 Lélia por quem meu peito ardente anela,
 20 E a ciência – fanal* da inteligência.

II

Cinco anos correram de eternos sorrisos,
 Formosos, brilhantes nos braços da vida,
 Cinco anos de gozos e d'almas blandícias*,
 O livro, só o livro – terno amigo,
 25 Bondoso companheiro!
 Apenas ele fica verdadeiro
 Da desgraça no triste desabrigo!

Apaguei em minh'alma a tua imagem,
 Té* olvidei teu nome;
 30 Foi um sonho que à frente perpassou-me,
 Mulher, como uma brisa na folhagem.

Esse ardor dos sentidos, esse anseio,
 A febre dos delírios,
 Foram-se em longas horas de martírios,
 35 Morreu-me o coração dentro do seio.

Hoje o espírito reina, reina o gozo
 Do tranquilo estudo;
 O pulsar das paixões tornou-se mudo,
 De prístino* lutar hoje repouso.

40 Hoje me resta, dos meus dois amores
 Um só eterno e santo:
 A ciência de grato, ameno encanto,
 Mimososa planta de perenes flores.

1867

* Ver Glossário

MORTA!²²

(FRAGMENTO DUM ROMACE)**

- Por que ainda viver, quando ela é morta?
 Por que, meu Deus, não dar-me a sorte dela?
 Sua vida no céu, talvez na estrela,
 Que linda vejo agora cintilar?
 5 Meu Deus, quero morrer, a morte é vida;
 Em seu seios acordar na eternidade,
 Em seu braço esquecer tanta saudade
 Que hoje faz minha fronte desmaiar.
 10 Estes campos, outrora tão formosos,
 Estes ares de anil sereno e puro,
 Estão tristes bem como junto ao muro
 O jasmineiro que ela cultivou;
 Não há mais alegria na floresta,
 Té* de ti, meu gentil cantor plumoso,
 15 Sabiá, que sorrias venturoso,
 Ninguém mais doces carmes* escutou!

 Ai! nem no lago de ondas transparentes
 Desfere-se uma nota de alegria;
 Aí tudo traduz melancolia
 20 Na ausência de Gracina, em torno a mim;
 Seu sorrir não mais coa terno afago,
 Não enastra*, não doura a natureza;
 Ela era o brilho casto da beleza,
 Bem como o cálix* paro* do jasmim.

 25 Por que morreu a virgem de meus sonhos?
 Por que, Senhor, da vida ao doce raio
 Fizeste-a esvair-se no desmaio,
 Que abre os olhos às luzes só dos céus?
 Ah! Não foste tu, não foi o mundo ingrato
 30 Com suas leis de ferro, vis cadeias,
 Que o corpo martirizam, como as peias
 Do polvo que o mar traz nos escarcéus!

 Mas não... não, que ela durma o calmo sono
 Com a virgínea capela sobre a fronte,
 35 Por círios tendo os astros do horizonte,
 Por mortalha o cerúleo manto azul,
 E por prantos e eternas monodias*:
 O queixume das ondas do Guaíba,
 A nênia* da avezinha nesta riba,
 40 O choroso gemer do vento sul.

* Ver Glossário // ** Ver Notas

Pobre arcanjo! finou e tem por túmulo
 O álveo imenso do formoso rio!
 Também ao coração que assim sentiu,
 Tão grande coração – um leito assim!
 45 Como Gracina vem à terra poucas,
 O céu as mostra, as ama, logo as leva,
 Criações ideais que a mente enleva,
 Flores que ao sol que nascem tem seu fim!

Ela dorme, quem sabe, nas venturas
 50 Que a terra sonegou-lhe inda sonhando?!
 E eu espero, meu peito se quebrando
 Às convulsões internas do sofrer!
 Mas irei, ó Gracina, ter contigo,
 Já sinto dentro d'alma luz infinda,
 55 Prelúdios doutra vida, que esta finda,
 Quando só punge a dor, nenhum prazer.

1867

LOUREIRA²³

Ai, morena gentil dos amores!
 Belo cisne no lago da vida,
 Ai, morena, morena querida
 Linda rosa em meu berço a florir!
 5 Tu revoas qual louca pirausta*
 Por incêndios de lúcida chama,
 E teu peito no fogo se inflama,
 De mortal, ofegante sentir!

Ventoinha no clima d'amores
 10 Lá prossegues ao grado do vento,
 Como anêmona* ao sopro cruento,
 Ao lascivo beijar do tufão!
 Ai, morena de negras madeixas,
 Borboleta de rútilas cores,
 15 Em teus seios não trazes amores,
 Ai, morena, não tens coração!

A quem amas, louquinha, na terra?
 Ao Senhor, à família, à natura?
 A quem deras do lábio a doçura,
 20 De teus seios o mole frouxel*?
 Se aos mancebos sem tino namoras,
 Para todos desprendes olhares,
 Para todos consagras cismares,
 Para todos sorrisos de mel?!

1869

* Ver Glossário

SINHÁ²⁴

Sinhá, se não tens nos traços
 Estatuária correção,
 Tens mais encantos, magia,
 Na sedutora expressão.

5 Há rostos de linhas puras
 Que destacam magistrais,
 Mas sem luz do sentimento
 — Cariátides* sepulcrais!

10 Mas tu, Sinhá!... Quanta vida
 Difundes num teu olhar!?
 Parece que interno incêndio
 Está sempre a derramar!
 Palpita, lânguida, trêmula,
 Em melodias, tua voz...
 15 Será o tremer d'anseios,
 D'amor agonia atroz?

Quanta vida nessas faces
 Na escumilha* do pudor!
 Hi* eterno o sangue bulha*
 20 Em transparente rubor!

E quanta ternura e afeto
 Tens no teu gesto, Sinhá?!
 Quem dera morrer na chama
 Que teu peito conterà!

25 Que feliz que eu era! Em cismas
 De volúpia sem rival
 Passara a vida, passara
 Num paraíso eternal.

30 Ó que sonhos não teríamos,
 Sonhos de ventura e amor!
 Eu a teu seio inclinado,
 Tu esvaída em langor!

Mas para que de sorrisos
 Esse quadro tão gentil?
 35 Essa mística pintura
 De fulgores mil a mil?

Para quê?! Sinhá, não posso;
 Vou a caminho da cruz,
 É pálida minha estrela,
 40 É fúnebre, não seduz.

Desgraçado, um só e basta,
 Se eu morrer, que morra só,

* Ver Glossário

E então, arcanjo, associa-te
Aos que mostrarem-me dó!

1868

MENTIAS!²⁵

I

Eu te amo, disseste ontem ainda,
Lânguida a voz em notas de harmonias...
E mentiste, mulher, nas falas meigas,
Não era amor por mim o que sentias!

5 Bem conheço de ti as falsas juras,
Os protestos unguídos de ironias;
Se sabes que te leio o livro d'alma,
Por que, vil, traçoieira assim mentias?

10 Vi-te também outrora: flor do prado,
Antes de abrir no alcáçar* das orgias,
Antes de nesses bailes opulentos
Embaciar-se a perla* de teus dias;

15 Sibila* do Senhor – melífluas ondas
Brotavam, quando os lábios entreabrias,
Bem como de Moisés à vara mágica,
De puras águas límpidas bacias.

20 Te cria — eras criança loira e dócil,
Tudo a teus pés formosa então prendias;
Do coração vazavas o perfume,
E na voz a verdade traduzias.

Mas logo que a primavera de mil flores
Juncou-te a mocidade... o que fazias?
A asa d'anjo por terra arremessando
Para o vício teus passos dirigias!

1 Eu te amo, disseste] *"Eu te amo", tu disseste* AR.// 2 voz] voz, AR.// 3 mulher, nas falas meigas,] *mulher! não era assim*, AR.// 4 sentias!] *sentias*: AR.// 6 Os protestos unguídos] *Com os beijos unguídos* AR.// 7 o livro d'alma,] *o fundo d'alma*, AR.// 8 traçoieira assim] *traçoieira então* AR. // 9 do prado,] *de prados*, AR.// 12 Embaciar-se a perla de teus dias;] *Mareares a perla de teus dias!* AR. // 13 melífluas ondas] *cândidas falas* AR.// 14 entreabrias,] *entreabrias!* AR. // 15 Bem como] *Tal como* AR.// 16 límpidas bacias.] *límpidas bacias!* AR.// 17 Te cria — eras criança loira e dócil.] — *Eras criança loira e dócil* AR. // 18 formosa] *formosa*, AR.// 19 Do coração vazavas o perfume,] *O coração vazavas pelos lábios*, AR.// 21 Mas logo que a primavera de mil flores] *Mas, mal a primavera só de flores* BR.// 23 A asa d'anjo por terra arremessando] *Erguias voo altivo para crápula*, AR.// 24 Para o vício teus passos dirigias!] - *N'um cadáver arbutre nas folias!* AR. // * Ver Glossário

II

25 Já rasguei as sandálias da romagem*,
 Já libei o ciato* de agonias;
 Não venhas seduzir o pobre bardo ,
 Para bebê-lo até as turvas lias*...
 Deixa-o sofrer, sem atirar-lhe escárnio,
 30 A seus tormentos, ó mulher, não rias!
 Deixa-o louco vagar por esta vida,
 — Caminheiro por sendas erradias.

Sem um tênue resquício de alegrias.
 Deixa-o tranquilo revelar as dores
 Às virações do mar, às penedias*;
 35 Deixa-o chorar na orela dos arroios,
 Gemer co'a juriti* nas serranias.

III

Eu te amo, disseste ontem ainda
 Trêmula a voz em notas de harmonias,
 Nos olhos o langor, na face o riso,
 40 Unidas nossas mãos... e tu mentias!

1865

CRÊ E ESPERA²⁶

Quando meu seio pulsa à chama ardente
 D'amor imenso como o céu infindo;
 Quando busco nas névoas dum mistério
 Tua imagem gentil, teu rosto lindo;

5 Para que vens, querida, torturar-me,
 Dizendo sem piedade: Crê e espera!?
 Crê e espera! O futuro além, tão vago,
 Quando estamos na flor da primavera!?

10 Eu creio, creio muito, minha bela,
 Num Deus que te criou, um Deus supremo,
 Em ti, que te amo tanto, flor da vida,
 Em mim, que nutro agora amor eterno.

25 da romagem,] *no caminho*, AR. // 27 o pobre bardo] *o peregrino* BR. // 28 Para bebê-lo] *Para beber* BR. // 29 escárnio,] *escárnio* AR. // 30 não rias!] *não rias*; AR. // 31 louco vagar] *louco caminhar* AR. // 34 Às virações do mar,] *À viração gentil*, AR. // 35 orela dos arroios,] *orela dum fonte*, AR. // 37 Eu te amo, disseste ontem ainda] *“Eu te amo”, tu disseste* ontem ainda, AR. // 38 harmonias,] *harmonias*; AR. // * Ver Glossário

Acaso na ventura mais desejas
 Que estas crenças sublimes nos fulgores?
 15 O que aspiras, mulher, que não compreendes
 Que o tempo vai fugindo dos amores?

Esperança!? Agonia atroz do naufrago
 Nas solidões do mar, ao pé da morte!
 20 – Espera – não me digas, tenho febre,
 E a febre torna fraco ao mesmo forte.

1869

VOLTA...²⁷

Ai, Luísa, partiste chorando
 Das ruínas dum culto fervente,
 Da ventura p'ra sempre descrente,
 Resignada dos fados à lei!
 5 Pobre louco, eu não vira teu seio
 Quanto amor e ternura continha,
 Não te vira, inocente rolinha
 Entre a turba a quem ódios votei.

Tu amavas, Luísa querida,
 10 Com perene, profunda constância,
 E este amor de tão rara fragrância
 Nem um dia sequer aspirei!
 Ai! Que doces venturas perdidas!
 15 Infeliz que no mundo não cria,
 Esta vida sem raios do dia
 Entre cardos* ferinos achei!

Tu amavas, arcanjo divino,
 E como outras não amam na terra,
 Com afeto que eterno descerra
 20 Novos mundos à luz da paixão.
 A alma morta nas lutas da vida
 Eu não cria! Ó perdoa, Luísa,
 Porque hoje minh'alma agoniza
 A teus pés suplicando o perdão.

Vem, Luísa, de novo a meus lares,
 Vem abrir-me teu seio sem medo,
 Vem contar-me o mistério e segredo
 Desse amor que voltavas a mim;
 Hoje creio, esqueci o passado,
 30 Que em meu peito um abismos cavara,
 Onde esplêndida luz pululara,
 Como em ermos sem voz e sem fim.

* Ver Glossário

E eras tu, essa vívida estrela,
 Da penumbra de languê existênciã
 35 Eras tu, serafim* de inocência,
 Casto mimo de Deus a fulgir!
 Não te viram meus olhos nas trevas,
 Não ouviu-te minh'alma descrida,
 Ai! perdoa, Luísa querida,
 40 Vem de novo em meus braços sorrir.

1868

FLOR DO ASCETISMO ²⁸

Marina era um mistério. Triste e pálida
 No silêncio das noites se acolhia;
 Sua voz argentina então coava
 Canto ideal de mística harmonia.
 5 A efusão casta dum amor ignoto
 Aos raios das estrelas desabrochava
 Como no Nilo a branca flor do loto.

Será Marina um anjo? Como Freia,*
 Transunto da beleza escandinava?
 10 Como o froco* da espuma em branca areia
 Nas ermas praias? O Jordão que lava
 Da mente a ideia de lascívia impura?
 Não sei... mas gelidez lhe banha o peito.

Seu seio não lateja a amor afeito,
 15 Não sonha, sendo moça, na ventura
 Que, no arrebol* da vida todos sonham.

É bela todavia. Louras tranças
 Caem-lhe nas espáduas de alabastro
 — Áureas réstias de sol em frente virgem,
 20 Os olhos <, > a luz tímida dum astro,
 Pelas pupilas coam de azul límpido;
 Porém, luz glacial de quem não ama
 Como essa que do mundo os pólos beija,
 E dentro d'alma gelo só derrama.

25 A alva tez, tão mimosa, que da garça
 A plumagem nitente* escurecia!
 Mármore de Marpeso que vivia!
 Nuvem que em mês de junho os céus esgarça
 Linda e branca ao bufar das ventanias!
 30 Nunca a taça de amor lhe ungira o lábio
 Sem cores, sem um toque de alegria!

4 harmonia.] *harmonias*. AR.// 8 Freia,] *Freia* AR.// 10 da] *de* AR.// 11 Nas ermas] No ermo das AR.// 16 Que, no arrebol da vida,] Que, no arrebol da vida AR.// 19 de sol em frente virgem,] do sol em frente virgem,; AR. // 20 Os olhos, a luz tímida dum astro,] *Os olhos a luz tímida dum astro* AR. Possível erro de revisão. // 22 de quem não ama] *que não consola*, AR. // 24 só derrama.] *só transcola*. AR.// * Ver Glossário / ** Ver Notas

Se era mulher... Ó quanta vez a dúvida
 Inda mesmo em seu túmulo renasce!
 35 Quantas vezes não vi-a cismadora
 Na sacada, pendida a mão na face,
 Suspirando ao luar que lhe beijava
 A diáfana forma quase sombra?
 O alvor do lindo rosto a destacava
 40 Nas musselinas da roupagem sua,
 Talvez mais pura então que própria lua!

Se dum homem o lábio lhe tocasse,
 A cor ela perdera, a própria vida,
 Morrera de pudor senão de medo;
 Era como a mimosa sensitiva
 45 Das auras ao bafejo estremecida.
 Que fundo arcano, místico segredo,
 Marina mais que o tempo e mais que Deus!

Quem, como eu, observasse-a tão franzina
 Dos olhares do mundo retirada,
 50 Tão bela – tenra folha da magnólia
 Inda de mão profana não tocada;
 Quem a visse no enlevo solitário,
 Como buscando fugitiva imagem
 Por um mundo sem fim, em gozo vário,
 55 Temeria perder vital alento,
 Querendo profundar-lhe o pensamento.

Nunca amou sobre a terra... Não se sabe
 Se até em sonhos perpassou-lhe a mente
 O retrato dum moço! A primavera
 60 Que abre manancial efervescente
 De paixões e de amor no imo d'alma
 Achou-a sempre em funerária calma.

35 pendida a mão] *pousada a mão* AR.//42 perdera, a] *perdera em* AR. // 45 Das auras ao bafejo estremecida.]
Que o bafejo das auras se retrai; BR. // 46 Que fundo] *Era profundo* AR. // 48 observasse-a] a observasse AR.//
 Entre os versos 62 e 63, o poeta retira os seguintes versos publicados na AR:

Amara a mãe? De seu passado as cinzas
 Nada atestam... Amara seu irmão
 Que, infante apenas, de cruento fado
 Foi a vítima insonte? Também não;
 Sua tranquila pálpebra não deu
 Uma só lágrima dorida então.
 Era um cadáver ante outro cadáver,
 Era um rochedo de granito, frio
 Como a vaga que o minta e bate sempre.

Quem sabe se até lá ela não sentiu
 Inveja da criança de que a morte
 Da existência rompera o débil fio?!

Mas pode alguém julgá-la um ser inerte,
 Desnudo o coração de sentimento?
 65 Crê-la um ermo sem raias*, sempre estéril?
 E negar-lhe piedosos pensamentos?
 Não. O árido deserto do Saara
 Por esta razão mesmo mais reflete
 Do sol as chamas e do céu o brilho,
 70 E o gêiser*, entre gelos, os derrete!

Deus um dia inundara c'um sorriso
 A amplidão infinita do Universo.
 Seu sorriso ficou e pouco a pouco,
 Como sendo de mármore* puro e terso*,
 75 E como a nebulosa condensado,
 Que um astro aos ares dá de luz divina,
 Em novo ser de todo transformado,
 Lindo astro ao mundo trouxe e foi – Marina;
 Eis porque ela envolta em casto véu
 80 E ternamente refletia o céu!

Também passou... Na flor da mocidade
 Fugiu ao triste exílio a que viera,
 Da térrea primavera à primavera
 Adejou que resume a eternidade.
 85 Também passou, bem como a sombra efêmera
 Da gaivota que voa sobre o lago;
 Bem como no ambiente do crepúsculo
 De perfumosa flor o eflúvio* mago.

1868

VOTO²⁹

Rico de sentimento, pobre d'ouro,
 Meu coração não tem outro tesouro
 Para dar-te, mulher,
 Senão cândido amor, paixão que abunda,
 5 Raio celeste que minha alma inunda
 D'aurora rosicler*.

Se para ti riquezas desejara,
 Ó não fora jamais minha alma avara
 Das pérolas de Ofir*,

63 Mas pode alguém julgá-la um ser inerte,] *Mas pode-se julgar essa mulher* AR.// 64 Desnudo o coração de sentimento?] *Com o peito desnudo de afeição?* AR.// 66 E negar-lhe piedosos pensamentos?] *Não crê-la com piedoso coração?* AR.// 69 céu o brilho,] céu a luz; //71 inundara c'um] *inundara co'um* AR.// 73 pouco,] *pouco* AR.// 75 E como] *Bem como* AR. // 76 divina,] *divina*; AR.//79 porque] *por* AR.// 80 céu!] *céu*. AR.// Entre os versos 70 e 71, o poeta retira os seguintes versos publicados na AR:

Não. Marina não era o cariátide
 De antigo monumento, sempre fria,
 Embora as gerações a sucedessem
 Dos evos à raivosa ventania.

* Ver Glossário

- 10 Dos finos diamantes de Golconda*,
E nem de sérica* e custosa blonda*
Que pudesse vestir!
- Querida a estema* de laranja olente*,
Sem empanado brilho, refulgente
- 15 Na fronte que seduz;
Querida mais: as vestes d'alva garça,
Como a nuvem que o céu turqui* esgarça
Numa ablução* de luz.
- 20 Querida mais: na face alabastrina*
O diáfano véu que se carmina
Ao virgíneo pudor;
Esta riqueza não se compra e vende,
Não um telônio*, um bezestã* a expende,
Só Deus a sabe expor.

1868

DORME³⁰

- Como dormes, infante, tão tranquilo
Sem ltuosos véus na meiga face!
Como dormes teu sono de inocência,
Ave implume buscando o sol que nasce!
- 5 Teu rosto em fina gaze cor-de-rosa
Inunda-se de plácido sorriso,
Talvez inda reflexos doutra vida,
Doces radiações do paraíso!
- 10 Teu lábio é vivo nácar* dum concha,
Raio que dum aurora se deslaça;
É beleza nativa da candura,
Casta poesia que à criança enlaça.
- 15 Teu lábio do carmim é harpa virgem,
Que divinos acordes preludia
No brando anélito* que em notas treme
De etérea, vaporosa melodia!
- 20 Teu lábio é como a âmbula* sagrada,
Como a corola dum botão de flores,
Traz perfume que sobe aos céus em ondas;
É um templo, um jardim: tem seus candores!
- Dorme, criança, dorme; a vida é breve,
E o mundo vasta arena de combate;
Como o batel* que arrostra o mar vesano*,
O homem arrostra* das paixões o embate.

* Ver Glossário

25 Em poucos anos despirás a túnica
 Que a leda* puerícia revestia,
 Tudo se sumirá da quadra* insonte*,
 Tudo em outra estação, em outro dia.

30 Serás homem – ao sol da mocidade,
 Sol que convulsa o peito em paroxismos*;
 A razão te dirá: Segui meus passos,
 E o vício deslumbrante: Eis meus abismos.

35 Ai de ti, se não fores surdo às vozes
 Dessa serpe* que oculta a primavera!
 Que imensa solidão nos seios d'alma!
 Que mudez como em pálida tapera!

40 Mas para que lembrar ao pé do berço
 Horóscopos fatais, fatal auguro?
 Para que, quando a inocência dorme,
 Estes incertos sonhos do futuro?

Dorme, criança, dorme; que inda é cedo!
 É – Deus – a nota de teu lábio lindo...
 Anjo, inda sonhas com os outros anjos!
 Anjo, inda voas pelo espaço infindo!

1873

ESQUECE³¹

Esquece-te de mim! Quando o crepúsculo
 Na terra despenhar-se em dúbios raios,
 Não lembres essas horas que fruímos
 Na cisma de lânguidos desmaios.

5 Esquece-te das juras de constância
 Que juntos murmuramos, embebidos
 Meus olhos nos teus olhos, nossos lábios
 Trêmulos num delíquio dos sentidos.

10 Esquece-te do passado que vivemos
 De doces ilusões e de quimeras*;
 Para que recordá-lo? Diz-me, Lélia,
 Quando esfolhas as róseas primaveras?

15 Não é? Faz o que eu faço, guardo apenas
 Dele uma só lembrança, é um perfume;
 A rosa que crestou-se, desbotada
 O prístino* fulgor não mais assume.

* Ver Glossário

20 Não foi uma loucura? Diz-me, Lélia,
 Pois quebraste um porvir no frágil dedo!
 Pois dum templo d'amor um véu rompeste,
 Destruindo-lhe o mágico segredo!

Criança loura e trêfega*, a ventura
 Julgaste eterno brinco que voltava!
 Não sabias que morta, raras vezes
 Ao nosso seio de novo se aninhava?

25 Esquece-te de mim! Não mais revolvas
 As cinzas do passado, onde áureos dias,
 E mil fulgidas noites decorreram,
 Nessa quadra* repleta de alegrias.

30 Não as revolvas, Lélia, por piedade!
 Meu nome não te vibre o lábio lindo
 E à mente não te roce minha imagem,
 Nem como a nuvem sobre um lago infindo.

35 Foi meu passado bela cisma à lua,
 Um noite de estio em que sonhou-se;
 Morreu – eis tudo! Como morre rápido
 A lembrança da flor porque passou-se!

1868

ANJO DECAÍDO³²

I

Perdoai-lhe, Senhor! Era um anjo
 Que na terra perdeu-se inocente!
 A asa d'ouro quebrando na queda
 Desferira um soluço dolente.

5 Perdoai-lhe, Senhor! Era um raio
 Que dos céus numa aurora descera,
 E caindo nas águas dum charco,
 A pureza do brilho perdera.

10 Perdoai-lhe, Senhor! Era a nuvem
 Que o tufão arrojara sem tino,
 E perdida nos ares imensos
 Lá prossegue com vago destino!

15 Perdoai-lhe, Senhor! Era a rola
 Que os amores na selva descanta,
 E ao ruído dum tiro cruento
 Do negrume do abismo se encanta.

* Ver Glossário

II

- Tristes dias na terra passara
 Na flórida, louçã* primavera!
 Esta vida ressumbra* agonias,
 20 E não poucas a pobre tivera!
- Ah! miséria que a órfã persegue,
 Que na enxerga* da infância a não deixa,
 Lhe distila amargumes no peito,
 Lhe engrinalda a formosa madeixa!
- 25 E há homens da infâmia sectários*,
 Negras aves pascidas no crime,
 Que na c'roa dum anjo celeste
 Põe um selo que horrores exprime!
- 30 E são estes que passam felizes,
 E o aplauso recebem profundo!
 E são estes que a glória resumem
 Nas capelas* que esfolham no mundo!
- 35 Perdoai-lhe, Senhor! Era um anjo
 Era um anjo gentil de inocência;
 Se a blasfêmia pousou-lhe no lábio,
 Perdoai-lhe, era a voz da demência.

III

- 40 Hoje à sombra do negro cipreste
 A inditosa menina repousa;
 Dorme, arcanjo, nos ermos da morte
 Tens eterno dormir sob a lousa...

1866

* Ver Glossário

TERCEIRA PARTE

ALAÚDE DO SÉCULO³³

A IMPRENSA³⁴

- Catapulta* da ideia, à voz do gênio
 Ressurgiste do mundo no proscênio*,
 Nas esplêndidas asas do progresso;
 Por ti reina a razão, invades tudo,
 5 Dás vida ao morto, voz ao próprio mudo,
 Ao despotismo a túnica de Nesso*.
- És forte, tens os músculos de Atlante*,
 E no verbo a verdade deslumbrante,
 Mensageira de Deus, que diz aos povos,
 10 Abatidos ao peso da desgraça:
 — À terra, velhos troncos! Deles nasça
 A seiva do porvir em seus renovos.
- Já três séculos vão... Que negras cenas!
 Que horrores do Cáucaso* às Cevenas*!
 15 O mundo soluçava em paroxismos*,
 E gargalhava! Triboulet* maldito,
 Nos paços vil truão*, no lar proscrito,
 Que insano rola em lúgubres abismos!
- A dignidade humana Cristo a dera,
 20 E o Santo Ofício, embrutecida fera,
 A transformara em cinzas na fogueira;
 Em nome do Evangelho, um Borja* reina,
 Do incesto, do assassinio o mundo é treina*,
 Ama-se a morte, dita derradeira!
- 25 E dos chãos nasceste! E espadanaste*
 Do berço a luz, a treva foi-te engaste*!
 Em vão tentaram fariseus* sem conta
 Afogar-te ao nascer! Aos teus fulgores,
 Fogem cegos aos antros de terrores,
 30 Como estriges* da noite ao sol que aponta.
- Inda débil criança ergues o porte,
 Falas às multidões, que, em seu transporte,
 Vão tronos sacudir de sobre os ombros.
 Ó! clero e reis, ouvi, já lê-se a pena!
 35 É o mísero povo quem condena,
 É tribunal esta bastilha* em combros*!
- Tua voz ecoa além, longe troveja...
 A Europa convulsou... A ossada alveja
 Do plebeu ao redor de cada albergue...
 40 Milhões de espectros surgem, vêm contentes
 A sentença exigir, são inocentes...
 É tempo, vais vingá-los, Guttenberg*.

* Ver Glossário

- O tufão ruga, as ondas encapela
Do Tibre*, que retrata em cada cela
45 Terríveis fastos* duma negra história!
Boceja o Vaticano e diz: — Que é isto?
Não sou aqui quem representa a Cristo
Banhado em luz de imarcescível* glória?
- É o homem que vindica os seus direitos
50 E ao Senhor e à razão consagra preitos,
Um crucifixo diz, erguendo a fronte
Merencória* e abatida sobre o muro.
— É tarde! torna impávido* o futuro
Baloçado nas fímbrias* do horizonte.
- 55 Sim, foi tarde, bem tarde! O feudo tomba,
A França das nações escravas zomba,
Da púrpura talhando mil mortalhas!
O cetro ao povo dá, o cetro é dele,
Bravo leão, cordeiro outrora imbele*,
60 Que então a Europa afronta nas batalhas!
- Sim, foi tarde, bem tarde! A pobre Itália
Volta do exílio pálida, e a sandália
Sacode em Roma como o peregrino,
Que desde o Dante* busca os pátrios lares,
65 Geme, chora roído de pesares,
Eterno maldizendo do destino.
- Enfim, irmãos de Dante*, a Itália é vossa,
Na senda do progresso se remoça;
A tiara rolou, não reina um papa.
70 Dos túmulos se evoca a glória avita*
Morta sob o burel* do jesuíta,
Monstro que em Roma tinha a escura lapa.
- Venceste, ilustre filha de Mogúncia*!
Da sacra liberdade és diva núncia!
75 Galgaste dois abismos!... Inda resta
Montanhas a vingar do preconceito...
Avante! luta peito contra peito,
Espanca o erro, que ele a terra infesta!
- Luz! Luz! para estes cérebros em treva!
80 A seus recônditos teus raios leva...
Tem sede da verdade e um véu lhes cobre
As aprazíveis margens vicejantes!
Em vão bracejam – naufragos errantes –
A quem a noite terra e céus encobre!

* Ver Glossário

85 Rasga a cortina escura, dá-lhes tudo:
 Deus de formas ridículas desnudo,
 Deus que é Deus, não fetiche, argila ou nada!
 Rêmiges* de condor ao pensamento;
 Que voe, que voe, o preso em desalento,
 90 E volte com a frente iluminada.

Vai, imprensa, sacode a livre juba
 Sobre o povo servil que emboca a tuba,
 E faz a guerra em prol da tirania;
 Derroca os mil castelos da ignorância,
 95 E nas ruínas ergue a nobre estância:
 — Babilônia* da luz que a paz radia!

1869

O CELIBATO DO CLERO³⁵

(A AFONSO L. MARQUES)*

Tu, alma de poeta, seio ardente
 Que se enleva ante o belo, ante o sublime,
 Como vais ao cercilho* teus cabelos
 Sem pavor entregar? E no cilício*
 5 Da sotaina* envolver-te, como o morto
 Nas dobras dum sudário?

Tu, livre, pensador, como te arrojias
 Nesse geena* escuro?
 Bem sabes que os apóstolos de Cristo
 10 Dobram-se ao Vaticano,
 Como autômatos vis. Gregório Sétimo*
 E o concílio de Trento* em dia infausto
 Os tornaram em rocha.

É sublime a missão do sacerdote,
 15 Mais sublime não há; porém não hoje,
 Em que além da estamenha*,
 Manto augusto de nobre sacrifício,
 Há a soidão*, o tédio, a morte em vida,
 E o desprezo das turbas!

20 Co'os erros nasce o mundo, todos erram;
 Porém à leve falta do levita*,
 Da criatura que a Deus fervente serve,
 E seus dias e noites vota às preces;
 Que leva o doce bálsamo da crença

* Ver Glossário

- 25 Às almas dos aflitos;
E os prazeres da vida eterno olvida*,
O poviléu* levanta-se,
Insultos e baldões* lhe atira às faces.
- 30 Ele presta do templo ante os altares
Sagrados juramentos que não pode
Jamais cumpri-los, e se um dia os quebra,
Se um dia a mão da natureza os rompe,
Ante Deus que o ouvira e ante o mundo,
Ei-lo perdido, morto!
- 35 Se procura <, > cumpri-los, que martírio!
Que angústias e que lutas! Mais ditoso
É o verme na terra rastejando!
Pois a lei natural jamais repele,
Nem à diva feitura sublimada
- 40 Não tenta eliminar sequer um órgão.
Infame o que mutila a natureza!
Infame a lei que o sacrilégio ordena!
- 45 Se procura cumpri-los, que martírio!
Se vê um rosto lindo, uns olhos meigos
Que nele se fitaram, quantas lutas
Sobre o catre mesquinho!
Incêndios d'alma pelos cílios filtram,
Os pulsos torcem-se em feroz delírio,
A fronte queima em estuante* febre,
- 50 Todo ele treme, convulsa o mísero,
Que também coração possui o padre!
Ao lembrar que sozinho, sem família,
Na criação vegeta, e que a donzela,
Vista há pouco, quem sabe lhe apontasse
- 55 A ventura da vida,
O animasse nos ímprobos trabalhos,
Nas árduas excursões do sacerdócio;
Vê-la, adorá-la, desejá-la sempre...
Ó que mágoas infrenes* o conculcam*!
- 60 Que desespero infrene* lhe arfa o peito!
Que maldições despede em cada fôlego!
Desafiando irado
O espectro que criara o celibato!
A razão lhe murmura que espedace
- 65 A cadeia de bronze preza ao punho,
Os elos atirando, além, no Tibre*;
O coração o leva a doces sonhos,
Mostrando-lhe as delícias da lareira;
Porém o prende, o liga um juramento,
- 70 E o altar e a consciência lho recordam.

35 Se procura, Acréscimo de pontuação para separar o aposto // * Ver Glossário

O que há de então fazer? Desvaira o triste,
 E a vitória às paixões incôscio* deixa!
 E triunfa Satã! Mais um apóstata*
 A casa de Jesus recebe ao seio,
 75 Mais um Iscariota* conta o mundo!

Tu, primavera rósea que viceja
 Ao sol da zona tórrida,
 Que quer ar, rocio* e brisas, cuja fronte
 Cinge esplêndidas flores da esperança;
 80 Cujas artérias da vida a seiva ostenta,
 E cujo olhar radia à luz de amores,
 Como queres deitar-te neste ecúleo*,
 Onde o viver é morte, e o pensamento
 — Encelado debaixo da montanha — ?
 85 Não, amigo, cadáver frio, inerte,
 Não o serás, afirmo, embora o queiras!
 O que vale mostrar presença gélida,
 Se o vulcão ferverá no seio ardente?
 Se o Pitina nos Andes entre neves
 90 Efervesce constante?

Não creio, é impossível. Se da vida
 O fardo te incomoda, e na sotaina*
 Buscas pronto alívio a diros* males,
 Se em seus abraços tem-te o desespero,
 95 Escuta-me: Mais vale ser suicida
 Na taça da peçonha, em fundos mares,
 E mais vale o punhal que sangra o peito,
 Que no burel*, no claustro a morte lenta.
 Antes corre da pátria na defesa
 100 E em imigos* reduto a glória alcança.

O homem a Deus venera e rende preitos,
 É dever com um pai que ao filho adora,
 Dever que se resume em culto santo
 E a natureza inteira dá-lhe sempre,
 105 Mas não o sacerdote! Como amá-lo?
 Como dos céus fundir no augusto sólio*
 Palavras doces e sinceras preces,
 Ele a quem em horrífica masmorra
 Arrojaram um dia
 110 Em nome do Senhor? Até do lábio
 Golfa por vezes uma atroz blasfêmia!

E quando em ira acesas vejo as turbas
 Cubrirem-no de insultos e impropérios*,
 O lamento e perdoo.
 115 O mal está na regra que o dirige,
 E não na natureza que o formara.

* Ver Glossário

- Lembra-te de Junqueira*, o gênio altivo,
 De pensamentos que, em grilhões no claustro,
 Chispavam nos carmes* de infortúnio
 120 Fagulhas tropicais de sol brasílio.
 Tântalo* – tinha sede, e a fresca origem
 Dos lábios lhe fugia!
 Como em doida jangada o pobre náufrago,
 À mercê da mareta* desabrida.
 125 No horizonte descobre em seu delírio
 Encantadoras ilhas que se vestem
 De verdura gazil*, dourados pomos,
 Palácios de sereias, e na febre
 Às ondas se arremessa;
- 130 Assim ele, o cantor de voz profética
 Após miragem de mendaces* pompas!
- Lembra-te de Junqueira*, o gênio altivo.

1868

VIDAL³⁶

(EXTRATO DO MEMORIAL DUM PRISIONEIRO)

3 de agosto de 1859

- Que sonhos, meu Deus, terríveis,
 Durante a noite que sonhos!
 Só sangue, espectros medonhos
 Nesta lóbrega prisão!
 5 Só sangue! E não posso vê-lo!
 Tenho horror e sinto gelo
 Que me passa o coração!
 Espectros? Vendo-os que surgem
 Hirsuto* sinto o cabelo!
 10 Meu Deus! meu Deus! teu perdão!
-

- Quando a noite vem e a sombra
 A masmorra toda envolve,
 Meu ânimo se revolve
 Em dor profunda e cruel;
 15 Meu ouvido tem um grito
 De eterna agonia escrito,
 Como gravado a cinzel!

* Ver Glossário

20 É ele! é ele que surge!
 Que a mim – o Caim* maldito –
 Relembra o sangue de Abel!

25 Embalde com os dois punhos
 Em crispações contorcidos
 Fecho a ambos os ouvidos,
 Embalde! que a mesma voz
 No ádito* d'alma reboa,
 De mestas* visões povoa
 A consciência do algoz!
 E tudo é silêncio em torno,
 Só em mim o grito soa!
 30 Castigo constante, atroz!

35 Meus olhos vêm ressurgindo
 Um fantasma ensanguentado,
 Veem-no fero levantado...
 Eu os cerro com terror...
 Em vão! porque sempre o vejo!
 Enraizou-se, prevejo,
 Esta imagem de pavor
 Aqui dentro das retinas;
 Torturar-me é seu desejo
 40 Diz no gesto de furor!

45 Contra o chão já volto a face...
 Inda o vejo! Contra o muro
 Na treva tornado escuro,
 Como a noite, como o céu...
 Inda o vejo! Busco a palha
 Que num recanto s'espalha,
 Único leito que é meu...
 — Inda o vejo! É ele, pálido
 Como sua própria mortalha,
 50 Perseguindo o pobre réu!

7 de agosto

55 Ò! meu Deus, tu és piedoso,
 Bom, infinito, sublime,
 Perdoa e lava este crime
 Nas ondas de diva luz,
 Dá paz a esta pobre alma,
 Minhas angústias acalma,
 São elas tantas e a flux*!
 Não me ouves?! E sofreste,

* Ver Glossário

60 De mártir tiveste a palma
 Entre os braços duma cruz!

Mundo perdoa, és falível,
 Como eu, tu talvez pecarás,
 Como eu, sangue derramarás,
 Deus só é Deus, nós mortais;

65 Só ele espírito puro,
 Nós alma e um corpo impuro,
 Pensadores – animais,
 Perdoa p'ra que perdoem
 Tuas faltas no futuro

70 Às reformas sociais...

Consciência, consciência!
 Outrora me consolavas,
 Tuas palavras soltavas,
 Puras, doces como o mel!

75 Por que hoje sem piedade
 Da prisão na soledade
 Só derramas negro fel!?
 Ó nem ela! Tudo foge-me!
 Socorrer-me aqui que há de

80 Contra sorte tão cruel!?

É horrível a masmorra,
 Morada torva do crime!
 Tudo aqui ódios exprime,
 Tudo eterna maldição,

85 Deus, o mundo e a consciência!
 É Deus a onipotência,
 É o mundo esta prisão,
 E a consciência, sou eu próprio!
 Junto a mim eu sinto a ausência

90 De doce consolação!

E no entanto temo a morte
 Quanto agora temo a vida;
 Eu esta arrasto oprimida
 De dor e opróbrio* fatal...

95 O' se aquela fosse o sono
 Do homem o eterno abandono
 Sob a pedra sepulcral,
 Fora feliz, a buscara!?
 Mas não... além há um trono,

100 Nele um Deus que pune o mal.

* Ver Glossário

11 de agosto

Eis mais um dia que nasce!
 Quão formosa a madrugada!
 Toda a terra em cantos nada,
 Em púrpura o céu azul.
 105 Só ao pobre prisioneiro
 Não vem o sorrir fagueiro
 Que se derrama taful*,
 Só ele aspira no peito
 Os ódios do mundo inteiro
 110 Quais miasmas* dum paul*.

Eis mais um dia que nasce
 Para a vida e para a morte,
 Para uns sorrindo na sorte,
 Para outros travando a dor.
 115 Eu pelas grades de ferro
 Meus olhos em vão descerro,
 Buscando um olhar d'amor...
 Em vão, pois tudo maldiz-me,
 Em vão, pois em mim encerro
 120 O remorso assolador!

Ali, eis um morro erguido
 As madeixas desatando
 Da brisa ao afável mando,
 As madeixas de cetim;
 125 Cada ramo gesticula,
 Parece-me que pulula
 Fera ameaça sem fim...
 Eu julgo que o próprio morro,
 Contra mim a terra açula
 130 E: — Assassino! – brada assim.

12 de agosto

Sou livre e estou encerrado
 Entre as paredes tão altas!
 É que tu, ó dor, me exaltas
 A um mundo não sonhado!
 135 E sou livre porque penso!
 Verdade que hoje descubro,
 Quando minha fronte encubro
 Num véu de infortúnio imenso!

* Ver Glossário

140 Há um Deus, outra verdade,
Chave de toda a existência,
Diz-me agora a consciência,
Diz-me a triste soledade.

Além... mundos de mistério!
O futuro além da morte!
145 Vê minha alma um outro norte
Sob o pó do cemitério.

A alma é livre e não perece,
Diz-me o terrível remorso,
Apesar de que me esforço
150 Por ver se desaparece.

Já não cri no que hoje creio,
Julgava como prováveis,
Porém nunca inatacáveis
Os dogmas de que receio.

13 de agosto

155 Minha mãe, minha mãe! por que vieste
Minha dor aumentar? Não sou teu filho...
Teu filho já morreu... Morreu, não lembras?
Seguia da verdade pelo trilho.

160 Era outro, minha mãe, não eu prescito*,
Um honesto mancebo à honra afeito,
Seguira teus conselhos, se nutrira
Das virtudes que tens no nobre peito.

Mas choras, minha mãe? Ah! só tu choras
Sobre meus infortúnios, quando o mundo
165 Amaldiçoa-me em peso, ri-se às dores
Que curto aqui no cárcere profundo.

Deixa que eu chore, és boa, reclinado
A teu seio, meus olhos ressequidos
Nem este alívio tinham para as dores,
170 Para tantos soluços comprimidos!

Ó lágrimas, correi, correi tranquilas...
É tão doce chorar quando se pena!
És boa, minha mãe, eu te agradeço,
Já sinto que o perdão o céu me acena.

* Ver Glossário

18 de setembro

175 Quinze dias de cama à lenta febre
 Que queria meus anos consumir!
 Quinze dias sofri acerbas mágoas,
 Dando graças a Deus de as não sentir.

Quem sabe se vivi em tanto tempo,
 180 Pois não guardo lembranças, nada sei?!
 Ah! vida da prisão e do remorso,
 És de justo suplício a dura lei.

E o mundo não está contente ainda,
 Quer cevar num cadáver seu furor;
 185 Que ceve, não me oponho, me resigno,
 Sou hoje o colibri, ele o condor.

Minha mãe perdoou e Deus supremo
 Vendo minha sincera contrição,
 E já num sonho veio a própria vítima
 190 Piedosa conceder-me o seu perdão.

Só o mundo resiste inabalável
 Para as dores sem fim do pobre réu!
 O mundo que nos erros vive e morre,
 O mundo não perdoa, é mais que o céu!

1870

VAMPIROS³⁷

Os vampiros da noite no passado
 A história das nações enegreceram!
 Com vis cadeias sempre a liberdade
 Quiseram impedir na marcha ovante*,
 5 Liliputes* insensatos!

Não veem que o pensamento que perlustra*
 Pela fronte do gênio – a Deus pertence!
 Não veem que os povos vivem do progresso,
 E deixam nele finas gemas
 10 No escrínio* de áureos tempos?

Quiseram o impossível no marasmo
 Do humano coração, em todo o mundo!
 Um mar d'estanques águas, onde a peste
 Em seu limo pulula, infecta os ares
 15 De pura transparência!

6 veem do verbo Ver e não Vir. Erro de revisão. // 8 veem do verbo Ver e não Vir. Erro de revisão. // * Ver Glossário

Quiseram o impossível no Universo,
 Nas vastas oficinas do trabalho,
 Um cadáver na vida que se agita,
 Quando ao homem disseram: Sê estátua,
 20 Não penses, não te movas!

Antes digam ao rio que não corra,
 Ao plumoso cantor que não volite*,
 À planta na floresta que não cresça,
 Teriam mais razão e mais cordura*,
 25 Seriam consequentes!

Os seus crimes perduram sobre o mármore
 Que o passado propaga no presente.
 Os séculos caíram no sepulcro
 Do tempo que se foi; mas negras laudas
 30 Quem hoje não folheia?
 Quantas cenas de horror e quanto sangue
 Dos mártires viris da liberdade!
 Tinham ódio do augusto sacerdócio,
 Dos homens de si mesmos esquecidos
 35 À luz de santas crenças!

Falem, filhos das sombras... Que fizeram
 De Sócrates, o sábio, o justo Sócrates?
 Por que afirmava um Deus haver somente
 E ser a alma imortal, fora isto crime
 40 Para dar-lhe a cicuta*?

Licão*, e tu, Ânito*, sois eternos!
 Maldição! Maldição, repete o mundo,
 Lembrando o aresto* iníquo que condena
 Ao que o véu de Saís* alevantava,
 45 A verdade mostrando.

Quem a Cristo trucida tão sublime,
 Tão belo na missão que nos pregava?
 Eles! Só eles! na cegueira torpe!
 Os fariseus* e vendilhões* do templo,
 50 Satânicos escribas!

E o que querias, Jesus? O que ensinavas?
 A reforma das crenças, a igualdade,
 A grandeza de Deus, dum Deus clemente,
 O amor que nos sublima a natureza,
 55 O perdão às injúrias.

* Ver Glossário

Levaram-te ao Calvário sem piedade!
 Cuspiram-te na face! Pelas ruas
 Arrastaram teu corpo ensanguentado!
 Deram-te fel, espinhos e sarcasmos,
 60 Além da cruz infanda!

E qual era, Jesus, o teu delito?
 Seria a boa nova que deixavas?
 O verbo da verdade que selou-se
 Nas ondas de teu sangue? A sã doutrina
 65 Fundada na virtude?

E no entanto piedoso, quem o crera?
 No soluço final, na hora extrema,
 Tu voltaste ao Senhor: “Pai, perdoai-lhes,
 Não sabem o que fazem”, e morreste
 70 Com o perdão nos lábios!

Mas a raça ficou na sinagoga,
 É a mesma até hoje, embora a história
 Os recursos desminta do carrasco,
 Demonstre que a semente das ideias
 75 Além da morte vinga.

Cristo reina, venceu, percorre o tempo
 E os homens do passado não divisam
 Quão fracos são, inúteis seus intentos
 Quando à razão, à sacra liberdade
 80 Grilhões atar pretendem!

Têm olhos e não veem, e marcham trôpegos,
 Têm seiva e não produzem! Se assemelham
 À figueira infecunda do Evangelho.
 O sol da experiência não resplende
 85 Para estriges* noturnas.

Outras nódoas seus escudos enegrecem
 Quando vestem o manto nazareno,
 Proclamam-se de Cristo os defensores,
 Erguendo autos de fé, de pompa e galas
 90 O inferno revestido!

Feroz hipocrisia da maldade!
 Miseráveis tartufos* que se cobrem
 Com as alvas roupagens da candura!
 Messalinas* que as frentes engrinaldam
 95 Com as c'roas de Vesta*!

81 veem do verbo Ver e não Vir. Erro de revisão. // * Ver Glossário

O sangue jorra, geme, o povo, o mundo!...
Galileu, Campanella*, André Vezale*,
Descartes*, e outros muitos na ciência,
100 Em vez d'algo remanso, só deparam
Aterradoras chamadas!

Estrebucha a humana consciência
Em báratros* de horror, de treva intensa!
Efêmeros triunfos da falange
105 Que odeia a Deus, a luz, o pensamento,
Que odeia a liberdade!

Joana d'Arc, Molay*, o que fizeram
Para findar os dias nos tormentos?
Se excelso amor da pátria, se a virtude,
110 Chamam crimes, foi esse crime deles,
Crime honroso, por certo.

Igual sorte tiveram Huss*, Zwingli*...
Por que? Pensaram, eis a falta horrenda!
E não coram, dizendo-o! Nem o podem,
115 Iscariotas* falsos que nos beijos
Trazem veneno oculto!

.....

E insultam-nos no entanto, como outrora
Na Galiléa ao filho de Maria!
120 Lavem as vestes sangue gotejando,
Depurem-se primeiro, e as palmas venham
E os louros disputar-nos.

Digam-nos que mentimos, nós, proscritos,
Só na fé, na esperança encastelados,
No exílio hoje a poeira sacudindo
125 Das sandálias em ímproba romagem*,
Digam-nos que mentimos...

Não... deixemo-los, mostrem-nos embora
Aprestos* do suplício, é nossa glória,
Nosso eterno quinhão. Porém no exílio,
130 Aos pósteros* diremos: Perdoai-lhes
Este novo atentado.

1868

* Ver Glossário

TÚMULOS VIVOS³⁸

I

Não é só morte o desfazer-se a argila
 Que a alma envolve na mundana arena,
 Cumpre-se a lei que jamais vacila,
 Que ao homem muda, mas não muda a cena,
 5 Que aponta os términos de eterno porto,
 E em vez de dores traz quiçá conforto.

Talvez descerre de ventura o templo!
 Além da tumba, no mistério fundo,
 Além da terra, na amplidão, contemplo
 10 Não triste vácuo, mas um outro mundo:
 Vergel imenso de perfumes, flores,
 Onde se goza de eternos amores.

É o infinito para quem debruça
 Pálida a fronte no sudário algente*...
 15 Repousa o atleta! Nunca mais soluça!
 Repousa! Nunca mais ao peito sente
 Fibras que estalam, ilusões mirradas,
 E tantas crenças ao nascer ceifadas!

Espaço rápido a ampulheta mede
 20 Na dor extrema que nos rouba à terra,
 Ligeiro instante que nem mesmo pede
 O ingente* esforço que esta vida encerra!
 Mais vezes morre, mais combate o homem,
 Nas agras lutas que seu ser consomem.

25 Morrer – viver, é só, mais nada exprime,
 Alar* do nada ao majestoso empíreo*,
 Onde a ventura a acerba dor suprime,
 Onde pulula em vez do cardo* o lírio!
 Despe-se a clâmide* fatal, terrena,
 30 No átrio dos céus – ao resplendor da cena!

II

Morrer eu chamo perder a ave as asas
 Quando sorriem as manhãs formosas,
 E as brisas tremem modulando amores
 E terra e céus são um tapiz* de rosas!
 35 É ainda a mãe matar no seio o filho
 Para poupar-lhe do infortúnio a taça,
 E abrir em si ao sol da vida a tumba...
 Sublime angústia na servil desgraça!

* Ver Glossário

- 40 Excelsa* mágoa que conduz ao crime
 E Deus perdoa porque aceita o pranto!
 Suicídio imenso no materno anseio
 Que se desprende do penhor mais santo!
- É ainda mais – sentir profundo o crânio
 Contendo mares que não trazem raias*,
 E nesses mares viridantes* ilhas,
 45 Vergéis floridos desde as lindas praias.
- Ver dentro d'alma num relance d'olhos
 Fulgindo mundos de brilhantes gemas,
 Douradas flores que não murcham nunca
 E lhe prometem no futuro estemas*;
- 50 Julgar-se então como Colombo rico,
 Talvez mais rico, um Creso*, um Deus, quem sabe!
 Pois o lançar-se para tantas sendas
 Dá-lhe mais fama e maior glória cabe.
- E quando intenta de entusiasmo cheio
 Na primavera de verdores tantos,
 55 Fúlgidas* áscuas* lhe estrelando a fronte
 Que mais realçam juvenis encantos;
- Quando do céu íntima voz escuta
 Que brada ardente: eis o porvir, avante!
 60 E vai no porto desferrar a nave,
 Soltar os rizes* sob um sol brilhante;
- Treme-lhe o braço, o mar s'enubla, é noite;
 O plaustro* rola do tufão que rugel!
 Bulções* ressurgem, s'enovelam, chispam,
 65 E o mar tão manso agora em raivas muge!
- E a nau, a Argos* do Jasão* audaz
 Se quebra logo ao temporal desfeito,
 E ante o painel o palinuro* triste
 Ao braço prema* o convulsar do peito.
- 70 Depois esquece? Nem sequer um dia
 Às margens caras endereça o passo?
 Como miragens lhe virão à mente
 Aqueles climas pelo ignoto espaço?
- Não, dia a dia com ardor insano,
 75 Calcara n'alma aspirações sublimes!
 Matava os filhos do divino engenho,
 Pois deles fazem execrandos crimes!

* Ver Glossário

III

Eis um túmulo ali, a morte em vida!
 Não veem aquela fronte macilenta,
 80 Merencória*, funérea como a cripta
 Que guarda as gerações dos tempos idos?
 Lívida como a múmia do sarcófago,
 Como o lioz* de sepulcrais moimentos*?
 Com o selo solene
 85 Que pergaminho traz de priscas obras
 Que boiaram à tona nas voragens
 Dos séculos corridos?

Quando o virdes à sombra do crepúsculo
 Passar como a visão de ignotos mundos
 90 Resvalando ligeira sobre a terra,
 Tristonha como a rocha
 Que campeia entre as ondas do oceano,
 Como ela indiferente, calma e gélida,
 Sentireis calafrios pelos membros
 95 E o confranger do peito
 A mística pressão, profundo anseio!

É um túmulo errante à luz do dia!
 Belas, humanas formas,
 Formas que inda palpitam, mostram vida,
 100 E trazem dentro a vida, vastos ermos!
 Desfeita a alma em cinzas!

IV

Por que o poeta apagara
 No imo do coração
 O feto do seu talento,
 105 Filho da sua afeição?
 Quais não foram os esforços,
 Quais não são hoje os remorsos,
 Por matar o pensamento,
 Lâmpada de luz divina
 110 Que as veredas ilumina
 Da vida na solidão?

Acaso o fez por que vira
 Nas páginas do passado,
 Sob as leis de duro fado,
 115 Homero estender a mão?
 Ossian* infeliz e cego
 Pelo braço de Malvina*
 Chorar a extinta ventura
 De Morven* sobre a colina?

79 veem do verbo Ver e não Vir. Erro de revisão. // * Ver Glossário

- 120 Por que Tamo* na loucura
Vai buscar extremo abrigo,
Quando no leito de dores
Nem sequer acha um amigo?
- 125 E Dante* na asa do gênio
Os umbrais vinga do céu,
Descerra com braço ousado
De trevas nefasto véu?
E vítima do progresso
Geme como Prometeu*?
- 130 Por que Camões volta à pátria
Acabrunhado de fome,
E pela grande epopeia
Que hoje moldura seu nome,
Em angústias se consome
- 135 Na enxerga* dum hospital?
Por que Gilbert*, Kleist* e Chatterton*
– Troféus de eterno renome –
Bebem na taça suicida
O ouro da vida imortal?
- 140 E Bocage* e o Aretino*,
Se um dia ousaram chorar,
No outro foram delirantes
As lágrimas apagar,
De fel saturado o peito,
- 145 Sobre imundo e torpe leito,
Nas colchas do lupanar*?
- Quem sabe?! Há arcanos* d'alma
Que o mundo passa e não vê,
Laudas pelas fronteas tristes
Que ele encara e não as lê!
- 150 Deus que os corações entende
Não é como a turba ignava,
Da matéria eterna escrava,
Que insensível passa além,
- 155 Deus somente os compreende!
Deus somente e mais ninguém!

1871

* Ver Glossário

DIES IRAE³⁹

I

- O Kar de Babilônia* se ilumina
 E luz suave em borbotões* emana
 Pelas janelas do palácio augusto;
 E a noite a longos passos espadana*
 5 Merencórias* sombras sobre a terra...
 No céu... nenhuma estrela! A treva o cobre,
 Manto do esquife que um finado encerra!
- E do deserto as vozes vêm sombrias
 Nas asas de cruentas ventanias.
- 10 A cidade campeia merencória*
 E uma só palavra não murmura;
 Parece que adormida apenas luta
 Contra terrível sonho que a tortura...
 Não durmas, ó rainha do Oriente,
 15 Prescruta atenta a natureza inteira:
 O céu s'enruga, vês? – Ele não mente.
- E do deserto as vozes vêm sombrias
 Nas asas de cruentas ventanias.
- Ali Babel* avulta sobranceira,
 20 — Loucura dum raça escrita em pedra!
 E onde agora do mago a ciência escura
 Entre ruínas tristes nasce e medra.
 E o que fazes, Babel*? que não despertas
 Tantos homens dormidos em teu seio,
 25 Que entre as estrelas vão por sendas certas?
- E do deserto as vozes vêm sombrias
 Nas asas de cruentas ventanias.
- Eles com seus compassos e algarismos
 Os ares vencem, vão a longes mundos!
 30 Digam pois o mistério que te cerca,
 Os ecos em horrores tão fecundos?
 Falem os magos, tantos homens sábios:
 É execrando augúrio que te assusta?
 A ciência lhes fale pelos lábios.

2 E luz suave em borbotões emana] *A luz suave em borbotões doce mana* AR. // 4 longos] *largos* Ar. // 6 estrela! A treva o cobre;] *estrela! Um véu o cobre*, AR. // 10 campeia merencória] *campeia silenciosa* AR. // 12 adormida] *adormida*, AR. // 14 durmas,] *durmas* AR. // 20 — Loucura dum raça escrita em pedra!] — *Loucura de uma raça escrita em pedra*, AR. // 22 Entre ruínas tristes] *Entre tristes ruínas* AR. // 23 E o que fazes, Babel?] *E o que fazes Babel*, AR. // 24 Tantos homens] *E esses homens* AR. // 25 Que entre as estrelas vão por sendas certas?] *Que vão do firmamento em vias de certas?* AR. // 28 com seus compassos e algarismos] *com o compasso e algarismo* AR. // 29 Os ares vencem, vão] *Vencem o espaço e vão* AR. // 31 Os ecos] *Os ruídos* AR. // 32 tantos homens sábios:] *esses homens* AR. // * Ver Glossário

35 E do deserto as vozes vêm sombrias
Nas asas de cruentas ventanias.

Torreão de Nemrod*, tu debruças
A fronte contristada* sobre o peito?
Acaso temes da tormenta a sanha*,
40 Tu, que és à foice secular afeito?
Ou vês um vaticínio na procela*,
Nas caligens* que o vento torvelinha,
Na natura que triste se revela?

E do deserto as vozes vêm sombrias
45 Nas asas de cruentas ventanias.

O Eufrates* que recorda de Semíramis*
Vivas glórias florindo em Babilônia*,
Por que também soluça monodias*
Velando sob o tédio duma insônia?
50 Agora sentes espinhos na provança*?
Vê abismos nas praias do futuro?
Ou morreram-lhe as flores da esperança?

E do deserto as vozes vêm sombrias
Nas asas de cruentas ventanias.

55 Engano! Babilônios, só enganos!
Não há, nem crede num fatal prenúncio;
O rei diverte-se, o palácio brilha!
Os bulhões* pelo céu são falso anúncio!
Eia, que o rei se alegra sem terrores,
60 E folga e ri, e os cânticos ecoam
Entre grinaldas de fragrantas flores.

E do deserto as vozes vêm sombrias
Nas asas de cruentas ventanias.

II

65 É um vasto salão, portento augusto
De antiga arquitetura. A bonda* líbia
Com a virente* copa que protege
Do sol a caravana em doces sombras,
Mil braços alastrando, o não cobrira.
Era de faia* o pavimento todo

37 Torreão de Nemrod, tu debruças] *Torream de Nemrod, porque debruças* AR. // 39 a sanha,] *a sombra*, AR. // 42 vento torvelinha,] *vento no ar adoba*, / 43 Na natura] *Na natureza* AR. // 46 Eufrates que] *Eufrates, que* AR. // 47 Vivas glórias] *Nivas glórias* AR. Erro óbvio. // 50 Agora sentes espinhos na provança?] *Já morreram-lhe as flores da esperança?* AR. // 52 Ou morreram-lhe as flores da esperança?] *Ou sente agora espinhos na provança?* AR. // 58 falso anúncio!] *falso núncio*. AR. // 66 virente copa] *virente copa*, AR. // * Ver Glossário

- 70 Em alcatifa* cetinosa oculto;
E seu teto de cedro, na tauxia*,
Festões mimosos, ramalhetes flóreos
Punha em relevo. Neles finas gemas
Refulgiam da luz ao doce beijo,
- 75 Iriando-se* em prismas que ofuscavam
Divinas criações. Pousava o teto
Em esferas da prata deslumbrante;
Estas em capitéis sobre áureos fustes*,
Onde viçosas palmas s'entrançavam,
- 80 Cujo eviterno* brilho de esmeraldas
S'extinguiu jamais. Por entre elas
Lâmpadas primorosas impendentes,
Nutridas d'óleo da gostosa oliva,
Pura chama instilavam no recinto.
- 85 A par belos turíbulos* ardendo
Iam formando espiras* azuladas
Da mirra* e doce nardo* que fumeiam,
Espargindo perfumes agradáveis.
Eram d'ébano os muros machetados
- 90 Fábrica enorme descansando o peso
No dorso de robustos elefantes
Em mármore talhados, quais d' Elora*
- Famosas construções que ao tempo investem.
Branca tapeçaria, azul e verde,
- 95 Ondulava no pórtico e janelas,
Suspensa por cordéis de linho e púrpura
Em argênteos* anilhos*.
- A larga mesa,
Colocada no centro, aos lados tendo
- 100 Tocheiras de alabastro em que queimavam-se
Alvinitentes* círios, d'iguarias
Se ostentava coberta, para a festa
Em que um rei déspota esquecendo o reino
S'atufa* em gozos, esmagando o povo.

III

- 105 Donde viera[m] ao rei tantos tesouros
Riquezas tantas?
Que o diga o povo do palácio em torno,
Dormindo agora como a múmia pálida
No hipogeu* sombrio, — humilde escravo
- 110 Às régias plantas!

71 tauxia,] *tauxia*. AR. // 72 mimosos, ramalhetes flóreos] *mimosos, esmeraldas, flores* AR. // 77 prata deslumbrante;] *prata refulgente*; AR. // 78 capitéis sobre áureos fustes,] *capitéis d'aureas colunas*, AR. / 80 Cujo eviterno brilho de esmeraldas] *Cujo eviterno, esmeraldino esmalte* AR. // 87 fumeam,] *fumeam* AR. // 90 Fábrica enorme descansando o peso] *Descansando seu peso em elefantes* AR. // 94 verde,] *verde* AR. // 96 por cordéis] *por cordões* AR. // 97 Em argênteos anilhos.] *Em argênteos anéis* AR. // 98 A larga mesa] *A mesa d'ouro* AR. // 104 S'atufa] *Atufa* AR. // 105 Donde vieram] *Donde viera* AR. Original contrária concordância. Segue-se a lição de AR. // 107 em torno,] *em torno* AR. // 110 Às régias plantas!] *Às regias plantas*. AR. // * Ver Glossário

IV

- O néctar doce de Engedi* espuma
 Em áurea taça que ao prazer convida,
 Rubis de Gabis* que liquescem, brilham,
 Para as volúpias da pesada vida!
- 115 Crepita a cidra no festim faustoso!
 Baltazar* reina, e quem negar-lhe pode
 A c'roa e cetro mergulhando em gozo?
- E do deserto as vozes vêm sombrias
 Como por mortos flébeis* monodias*!
- 120 Sátrapas* tredos* a seus pés se curvam,
 Venais mulheres lhes sussuram meigas
 Mentidas falas, como as falsas ondas
 Beijando as flores de risonhas veigas*;
 Infames cítaras, que em ferros cantam
- 125 O próprio braço que as tornou cativas,
 A glória ali de Baltazar* levantam.
- E do deserto as vozes vêm sombrias
 Como por mortos flébeis* monodias*!
- E o rei sorrindo no viver de rosas
- 130 Na face as cores com que o vinho tingel
 Púrpura e ouro a resplender nos ombros!
 De Ofir* as pér[o]las que ao colo cinge!
 “Salve, ó rei, ante o qual o céu se inclina!
 “(Assim cantavam)... nosso guia, salve,
- 135 “Pois um teu gesto o próprio mar domina!
- E do deserto as vozes vêm sombrias
 Como por mortos flébeis* monodias*!
- “Eunucos*, vinde, Baltazar* exclama,
 “Tragam os vasos a Israel sagrados;
- 140 “ É esta a festa que moldura a vida,
 “As noites estas de benditos fados.
 “Que há mais suave do que o mel do vinho?
 “Que o beijo ardente em feminina boca?
 “Eia! Esqueçamos o pesar mesquinho.
- 145 E do deserto as vozes vêm sombrias
 Como por mortos flébeis* monodias*!

113 que liquescem,] *que liquescem* AR. // 114 as volúpias] *a volúpia* AR. // 117 mergulhando em gozo?] *nada em gozo?* AR. // 119 mortos flébeis] *mortos mestas* AR. O refrão apresenta a mesma modificação todas as vezes em que aparece. // 122 falsas ondas] *perdidas ondas* AR. // 129 rosas] *rosas*, AR. // 131 Púrpura e ouro ao resplender nos ombros!] *Tendo oiro e púrpura por sorte os ombros*, AR. // 132 as perlas] *as pérolas*. A síncope do “o” foi utilizada para evitar quebra métrica. // 133 ante o qual o céu] *a quem o céu* AR. // 134 nosso guia] *Nosso guia* AR. // 138 vinde,] *vinde* AR. // 140 a vida,] *a vida* // 141 As noites estas de] *Estas as noites de* AR. // 142 vinho?] *vinho*, AR. // * Ver Glossário

E ébrios todos, os sagrados vasos
Do deus superno*, de Jeová potente,
Com mãos impuras nas orgias mancham,
150 Em grita: À Baal*, o nosso deus clemente!
Neste momento oculta mão gravava
Sobre a muralha com buril* de fogo,
Que mais queimava que fervente lava.

E do deserto as vozes vêm sombrias
155 Como por mortos flébeis* monodias*!

O susto lavra* entre os convivas ledos*,
As rúbeas* faces se tornavam pasmas!
Morno silêncio no festim domina,
Triste, funéreo entre os mil fantasmas!
160 E três palavras de fulgente chama:
Mané*, Tecel*, Farés*, só veem escritas
Medonho emblema que o terror derrama!

E do deserto as vozes vêm sombrias
Como por mortos flébeis* monodias*!

165 “Venham os magos”, Baltazar* ordena,
Pálido o rosto como a própria morte,
E ricas ceifas revestindo os campos
E que desbotam-se ao soprar do norte!
Chegam os magos, aterrados param
170 Ante o mistério de ignorados signos,
E que impossível decifrar declaram.

E do deserto as vozes vêm sombrias
Como por mortos flébeis* monodias*!

O rei diz: “Morrão esses falsos sábios,
175 “Que afoitos falam sempre e nada fazem!
“Empalem* todos, a tortura sofram,
“Seus tetos mesmo até o chão se arrasem”.
Diz a rainha: “Daniel* reclama,
“É um judeu que devassa outrora
180 “Arcanos* fundos que o Senhor derrama!”

E do deserto as vozes vêm sombrias
Como por mortos flébeis* monodias*!

148 deus supremo] *deus Supremo* AR. // 151 Neste momento] *Nesse momento* AR. // 153 que fervente] *que estuante* AR. // 158 Morno silêncio no festim domina] *Já em silêncio sobre as letras lançam* AR. // 159 Triste, funéreo entre os mil fantasmas!] *Olhares pasmos inda agora vividos.* AR. // 160 E três palavras de fulgente chama:] *Só três palavras de fulgente chama* AR. // 161 Mané, Tecel, Farés, só veem escritas] *Escritas veem: Mané, Thecel, Pharés,* AR. // 162 Medonho] - *Medonho* AR. // 165 magos”,] *magos*” AR. // 166 Pálido o rosto como a própria morte,] *Ina mais pálido que a própria morte* AR. // 168 ao soprar do norte!] *do outono ao corte* AR. // 169 aterrados param] *silenciosos param* // 171 que impossível] *que impossíveis* AR. // 174 falsos sábios] *nescios sábios* AR. // 175 afoitos falam] *afoitos falam-nos* AR. // * Ver Glossário

V

- Falou o rei e disse: Luz divina,
Eu sei, reside em ti, te atende Deus;
185 Diz-me, pois, ó profeta que mais sabes
Que os astrólogos, magos e caldeus*:
- Diz-me o que nos revela esta escritura
A olhos brilhante e tão escura?
- Terás purpúreo manto e colar d'ouro,
190 Serás no reino, ó filho de Judá*,
O terceiro senhor, mas o segredo
Teu lábio, que unge Deus, nô-lo dirá.
- Teus dons fiquem contigo, não os quero
O profeta responde em tom severo.
- 195 Ó rei, no entanto escuta: Em outros tempos
Teu pai o coração endureceu
Em soberba, em orgulho desmedido,
Da virtude os altares abateu.
- Não tremeu ante a diva majestade
200 Que ocupa a infinita imensidade.
- Fê-lo pela campina rastejar,
Verde relva pascer*, bem como os brutos,
E seu sono de orvalho se arreiar.
- E tu, seu filho, – Baltazar*, não viste
205 Que ao poder do Senhor nada resiste?
- Como pois profanar-lhe os vasos santos,
Como ao crime homenagens dirigir,
A duro jugo atar os fracos povos
Que o nome dos reis levam ao porvir?
- 210 Tiveste um reino e tens desertas lavras!
Eis o sentido das fatais palavras:
- Mané*: Contou de teu reinado os dias
Aquele que o poder concede aos reis,
Aquele que nivela no sepulcro
215 Os farrapos* e os falsos ouropéis.

183 Luz divina,] — *Luz divina*, AR.// 184 Deus;] *Deus*: AR.// 187 esta escritura.] *essa escritura*. AR. // 188 A olhos / *A meus olhos* AR. //191 terceiro senhor,] *terceiro Senhor*; AR.// 193 Teus dons] — *Teus dons* AR.// 196 endureceu] *endureceu*, AR.// 197 desmedido,] *desmedido*; AR.// 198 Da virtude os altares abateu.] *O povo esmagava, não tremeu*, AR.// 199 Não tremeu ante a divina majestade] *Ante a divina, augusta magestade*, AR.// 198-200 Formam uma estrofe em AR.// 207 ao crime homenagens dirigir] *os crimes altares erigir* AR.// 210 Tiveste um reino] *Tiveste o mando* AR.// 211 palavras:] *palavras*, AR.// 212 do teu reinado] *do teu reino* AR.// 214 que nivela no sepulcro] *que os nivela e os confunde* AR.// * Ver Glossário

- Vais em breve dormir eterno sono,
 Vais baquear* do poluído trono.
 Tecél: pesado foste na balança
 Da eviterna* equidade, e nenhum bem
 220 Na terra derramaste, apenas vícios!
 Somente o que o inferno ao seio tem!
- Deste[s] grilhões aos povos teus mesquinhos,
 Pranto os regara, colherás espinhos.
- Farés*: quando um país esquece tudo
 225 Que instila o céu em luzes à razão,
 Morrer esse país é lei, destino...
 Que venha povoá-lo outra nação...
- Assim os Persas chegarão em breve,
 Assim quiseste, o que o Senhor prescreve.

VI

- 230 Rimbombava o trovão – taça de cólera
 Que o céu na terra esparge* ressentido!
 Ver agora Babilônia* quem não pasma?!
 Babilônia* na noite era um fantasma
 De sombras ominosas* revestido!
- 235 Babel* chorava! As heras da velhice
 Em sua frente antiga, como os mundos,
 Dispersas pelo espaço desprendiam-se,
 Cãs* da ruína aos ventos sitibundos*
 Que de Jeová ao gesto desferiam-se!
- 240 O Eufrates* furioso se extorcia,
 Bramidos atirando contra as praias.
 Ó guarda da — rainha do Oriente
 Que tens tu, por que assim efervescente?
 Inda mais queres que tão largas raias*?
- 245 Não[,] é que vê já perto um vulto imenso
 Que devora o deserto a largo passo,
 É que vê novos ferros que lhe trazem!
 E o rei por que não deixa o alegre paço?
 E seus convivas o que agora fazem?

216 Vais em breve dormir eterno sono,] *Exigua a vida te resta, é o outono* AR.// 217 Vais baquear* do poluído trono.] *Que se aproxima de abalado trono.* AR. // 220 apenas vícios!] *só tens vícios,* AR.// 221 Somente] *Só tens* AR.// 222 Destes grilhões] *Destes grilhões.* Possível erro de revisão. Segue-se a lição de AR.// 223 os regara] *os regaram* // 226 destino...] *destino,* AR. // 227 Que venha povoá-lo outra nação...] *O venha povoar outra nação,* AR // 229 Assim quiseste] *Assim quisestes* AR.// 231 esparge] *esparge,* AR.// 237 Dispersas] *Dispersos* AR.// 238 da ruína] *da rainha* // 241 praias. AR.] *praias;* // 242 Ó guarda] *Espelho* AR. // 245 Não,] *Não;* BR. Provável erro de revisão. Segue-se a lição de AR por concordar com a normas de pontuação. // * Ver Glossário

- 250 No muro as três palavras largo porte
 iam tomando grave e lentamente;
 Baltazar*, as mulheres, os convivas,
 Sentiam n'alma elar-se* dor ingente*,
 Chamas que ao coração tocavam vivas.
- 255 E queriam fugir... esforço inútil!
 Tinham os pés no chão como cravados!
 E as igníferas letras a crescerem,
 Despedindo mil dardos despiedados,
 E eles ali sofrendo sem morrerem!
- 260 E as igníferas letras a crescerem,
 Vazando em borbotões* as labaredas,
 Lambendo-os no suplício que os afana!
 Cobrindo-os, como areia solta em medas*
 Com que o simum* envolve a caravana!
- 265 O incêndio se propaga deslumbrante,
 Afinal ardem tetos e cortinas,
 Com fragor desmorona-se o edifício;
 Rugem em luto os céus sobre as sentinas*,
 Onde altares e cultos tinham o vício.
- 270 Babilônia* acordava! E via às portas
 Ciro* que lhe prendia o débil braço,
 Que seu pulso em cadeias roxeava!
 Na orgia s'envolveu de régio paço.
 E – livre sobrerana – fez-se escrava.
- 275 Estiou a procela*, e no deserto
 Aos ventos Daniel* assim dizia:
 “Povos, reis, um aresto* aqui s'expande,
 “Baltazar* nos delírios esquecia
 “Que o homem nasce livre e Deus é grande.

1869

252 convivas,] *convivas* AR.// 259 E eles ali sofrendo] *E eles, ali sofrendo*, AR. // 265 deslumbrante,] *deslumbrante...* AR.// 267 edifício;] *edifício*, AR. // 269 vício.] *vício* AR. // 270 Babilônia acordava] *Babilônia despertava* AR. // 273 Na orgia s'envolveu de régio paço.] *A orgia a enervou de régio paço*. AR.// 274 fez-se] *fê-la* AR.// 275 Estiou a] *Estiou-a* AR. // * Ver Glossário

A ÁFRICA⁴⁰

I

Que infrene* pesadelo em tantos evos*!
 Que maldição sem nome! Que amargura!
 Quem não se cinge no festim da vida
 Do floreio diadema da ventura
 5 Sequer por um momento?
 Mesmo a bruxulear a consciência,
 Quem na luta de nefastos dias
 Evocando da tumba o gênio infando*,
 Não tem no turbilhão das agonias
 10 Um ledô* pensamento?
 O que faço na teia do Universo?
 Por que da Atlântida* não tive a sorte?
 Fora mais feliz, fora a folha extinta
 No cataclismo que trouxesse a morte
 15 Em convulsões tremendas!
 Não assistira o quadro de miséria
 Que se ostenta no seio de meus povos!
 Não vira os caros filhos arrastados
 Desde os troncos aos mais louçãos* renovos
 20 Da escravidão nas sendas!

 Ó não era bastante o sol negar-me
 Seiva que a todos dá! astro inclemente
 Sobre meus vastos plainos*, meus domínios,
 Onde fulgura como um incêndio ardente,
 25 Como um facho de horrores!
 Nem uma gota de rocio*, após a noite!
 Uma nuvem que passe em meu deserto!
 Uma fronde*, um arroio que derive!
 Só sede e fome e um sepulcro aberto
 30 Para termo de dores!

 Tudo vive no entanto, tudo goza
 Ridentes estações, gentis amores!
 Até o arbusto que nasce sobre a duna
 Batido das marés e dos terrores
 35 Do temporal que passa!
 Minhas próprias irmãs até se afastam,
 Se esquivam da inditosa, da maldita!
 Tenho a fatalidade das harpias*!
 Por onde passo, tudo, tudo evita
 40 Meu olhar de desgraça!

 A Europa na vanguarda do progresso
 Tem nas cidades – mundo deslumbrantes!
 Imensas oficinas do trabalho,
 À luz do pensamento de gigantes,

* Ver Glossário

45 Aos cantos de vitórias!
 Ah! filha de Jafé*, como és ditosa!
 Desde tempos remotos, desde Atenas*
 Soberana tu passas sobre a terra,
 Sempre palmas colhendo nas arenas,
 50 Láureas de eternas glórias!

Tu, Ásia, sonhadora em ledas* cismas,
 Mãe do mundo que traz na fronte o selo,
 As c'roas do passado, és sempre moça,
 Não sentes argentar-se* o teu cabelo
 55 No perpassar dos anos.
 Como um anjo ou huri* de teus profetas
 Tens a vida imortal e eternos sonhos!
 No palanquim* como um faquir imóvel
 Voa-te a mente em ideais risonhos
 60 De mágicos enganos!

América, te invejo, como és bela!
 Como embalas no seio a liberdade!
 Como te beija o sol a face meiga!
 Ele que é o senhor da imensidade
 65 Nos braços te envencilha*!
 Ele em cada blandícia*, em cada beijo,
 Em cada lágrima de amor sincero,
 Fecunda teu regaço, dá-te um fruto,
 Ele que é com as outras tão severo,
 70 Só a teus pés se humilha!

Tu, Austrália, a mais jovem, tu nem pensas
 Nos cruéis dissabores da existência,
 Inda folgas à sombra dos palmares.
 Dos infantis brinquedos da inocência
 75 Na inconsciente incúria!
 Todas elas felizes! Todas elas!
 Só eu sobre a catasta* da tortura!
 Gemendo noite e dia sem repouso
 A pena atroz que sobre mim perdura
 80 De secular penúria!

Que infrene* pesadelo em tantos evos*!
 Que maldição sem nome! Que amargura!
 Quem não se cinge no festim da vida
 Do floreio diadema da ventura
 85 Sequer por um momento?
 Mesmo a bruxulear a consciência,
 Quem na luta de nefastos dias
 Evocando da tumba o gênio infando*,
 Não tem no turbilhão das agonias
 90 Um ledos* pensamento?

* Ver Glossário

II

- O gênio da África falara assim, tristonho,
Do Lupata* nos cumes alterosos,
Num morro que apresenta à superfície
As crispações de dores fundas, lentas,
95 Esforço enérgico de lutas grandes!
- Falara assim co'a voz dolente, em prantos,
Mas nobre e digno o gesto em tantas mágoas!
- O horizonte ardia, como em torno
Duma coivara* que em farpadas línguas
100 Lambe o céu, abrangendo imenso espaço,
Fagulhas de ardentias* se arrojavam
Na vastidão do ar, como das ondas
Que à noite cruzam nos equóreos* plainos*.
- Nem um sopro, uma brisa de passagem!
105 Nem um bufido* ali, de fera ao menos!
Só torpor e silêncio mortuário!
- Na tela do ambiente de improviso
Uma cena destaca em vivos traços,
Um efeito de luz, atroz miragem
110 Embutida na face do deserto!
- Vê-se o mar que rebrama*, rola, espuma.
Ligeira embarcação rompendo o sulca.
No convés traz esquálidas figuras.
Homens semelham, nus, ao tempo expostos
115 Azevichada a pele, espessa a grenha,
O pulso em ferros, lacerado o corpo.
- São cafres*, pobres filhos do infortúnio
Que a cobiça e a usura de outros homens
Levam cativos, longe, muito longe!
120 Longe do caro ninho e amada prole!
- Do horizonte nas fímbrias* outra vela,
Bojando a todo o vento vem cindindo
Como lindo alcíone* à flor dos mares
É o cruzeiro inglês... Após se atira
125 De presa quase certa... Farejara
Na fugitiva nave além vogando
Um atentado feito à liberdade,
Ao direito dos homens, à justiça,
À humanidade, a Deus, horrendo crime
130 Que à bandeira do povo que o protege,
Estampa negro estigma, eterna mancha!

* Ver Glossário

E o negreiro se esquivava a todo o pano!
 Foge como sicário* do remorso,
 Foge, fuge... Debalde! A cada instante
 135 Que o tempo mede, mais retarda a marcha,
 Mais se aproxima da vindita* justa
 O terrível momento!

Então que cena!
 Que quadro! Só infâmia sobre infâmia!
 140 Ó sol, extingue a luz! Suspende, ó pena!
 Que os pobres negros no oceano arrojaram.
 Para assim apagar do crime a prova.

E a miragem foi lento se extinguindo,
 E das pálidas formas indecisas
 145 Outra miragem surge, outro cenário.

Era extenso o palmar* de glabras* frondes*,
 Sob os céus do Brasil, dossel* ridente
 Que Deus estende sobre o Novo Mundo.
 Um miserando etíope sofria
 150 Flajelação atroz atado em cordas
 No estípite* donoso de um coqueiro,
 Em cujos leques trêmulos passavam
 Doces brisas, a luz do sol fulgia,
 E ameno canto o sabiá trinava.
 155 Nu, tendo uma grosseira tanga à cinta,
 Ressaltados os músculos, no torso
 As jugulares túrgidas pulsando,
 Os membros contorcidos, na garganta
 Roufenhos* estertores de agonia,
 160 Ele sofria a morte em cada açoite,
 Em cada estalo do terrível laço!
 As carnes latejavam-lhe desfeitas!
 Espadana*va o sangue ardente em jorros!
 Filho de Cam*, desta maldita raça,
 165 Qual foi teu crime para um tal castigo?

Pelo querido irmão que negro fado
 No mesmo cativo os ajuntara,
 Ousou erguer a voz... Da justa causa,
 Tão legítima e santa um crime fazem!
 E votam-no ao suplício, à dura morte!

III

170 Senhor meu Deus, não posso mais, não posso!
 Basta de sofrimento, angústias tantas!
 Dilúvios manda-me, infernais tormentos,
 Açula os mares a rugir-me às plantas,
 Lança-me em seus abismos!

* Ver Glossário

175 Que importam-me os horrores dum momento,
 Se horrores mil, se mil martírios tenho
 Em séculos sem termo! E qual meu crime
 Para arrastar um tão pesado lenho
 Sem força, em paroxismos*?!

180 Abri-vos, cataratas do infinito,
 Constelações do céu, rolai no espaço,
 Chovei, ó sol, sulfúricos granizos,
 E seja tudo um caos, desfeito o laço
 Da eviterna* harmonia!

185 Na vertigem de insano desespero,
 Prefiro o convulsar dos pensamentos!
 Por toda a parte – turbilhões, voragens!
 Em vórtice o chocar dos elementos!
 Em delirante orgia!

190 Isto prefiro, o extermínio anelo*!
 Pois morro sem morrer em cada dia,
 Em cada instante do girar do tempo!
 Pois tudo vive, goza de alegria,
 Lumes* da quadra* verna*!

195 Deus, se não és a secular mentira,
 Dá-me o que peço... não te peço nada!
 Dizem que és bom, o tipo da justiça...
 Eu que o diga!... Que o diga a condenada
 Duma desgraça eterna!

IV

200 Um ponto negro às orlas do horizonte,
 Súbito apareceu. Mudez de morte
 À calma abafadiça se casava.
 Nem um só respiro de viventes!
 Arquejo do pulmão em febre intensa!
 205 Tudo imóvel, suspenso, funerário!

O estendal* das areias branquejando
 Se assemelhava ao vidro que liquesce,
 Ou ao mar a dormir, de cujo dorso,
 Se bate a luz, despede mil centelhas!

210 Que expressão dolorosa a do deserto!
 Da Líbia e do Saara!
 Ao longe o Nilo,
 O Niger*, o Zambeze* pareciam
 Tomados de pavor... Ao longo o porte
 215 Das serras de Guiné, e d'Elkamare
 Envolto em fuscas mantos, quais mortalhas!

* Ver Glossário

Mas de repente um horrído estampido,
 Sem igual, indizível na palavra!
 Nada se lhe compara!... Nem os roncoss
 220 De hipopótamos feross em rebanho,
 Nem o rugir de hienas e panteras,
 Nem o tropel de zebras indomáveis!
 Era o simum* que vinha! o rei bravo
 Dos ermos africanos, s'espojando
 225 Na vastidão de enorme continente!

V

E dominando a tempestade ingente*
 Uma voz repercute nos espaços:

África, não blasfemes nos delírios;
 Tu és a grande tenda do futuro.
 230 A Europa revestida dos andrajos
 Da miséria, dos vícios, da loucura;
 A Ásia prostituída na indolência
 E desperta de longo pesadelo
 Sem alento, sem forças, enervada;
 235 A América e também a bela Austrália,
 Ambas jovens, exaustas de luxúria,
 Dos pródigos tesouros que esbanjaram;
 Todas elas virão pedir-te abrigo,
 Macilentas virão bater-te às portas
 240 — Sublimes mendigantes do progresso!

E tu hoje por elas desprezada,
 Tu irás encontrá-las no caminho,
 E dando a destra e rorejando* os olhos
 Jubilosa dirás: Vinde a meus braços,
 245 Minhas irmãs, há tanto vos espero!
 E unidas num fraterno, doce amplexo*,
 Gozemos das riquezas da ventura,
 À sombra das viçosas tamareiras,
 Nos mistérios profundos do deserto.
 250 E a estrofe do trabalho em cada lábio
 Surgirá no arrebol* da liberdade.

1874

* Ver Glossário

NOTAS*

BROMÉLIAS – À simpatia que voto a esta planta de nossas matas e de nossos campos, cuja variedade é multiplicadíssima, e cujas flores constituem um dos mais belos ornatos da selva e das várzeas, deve-se o título deste livro.

HARPA DO DESERTO – A literatura brasileira é uma mina apenas de leve explorada. No passado Durão, Basílio da Gama, Botelho, etc., deixaram o entrever algumas gemas preciosas. Araújo Porto Alegre, Magalhães, Gonçalves Dias, Alencar, Bernardo Guimarães e Varela em nossos tempos enriqueceram-se a si mesmos e à pátria com a descoberta de abundantes garimpos. Mas o veio é inesgotável. Talvez por mais de dois séculos ainda encontre o mineiro animado de santo patriotismo diamantes de subido preço. No homem tupi mesmo em épocas pré-históricas, nos conquistadores, no africano, nas diferentes raças que surgiram pelo cruzamento do sangue indígena, ariano e etíope, nas lendas maravilhosas, nas enormes modificações da língua e dos costumes europeus devidos a esta amalgama no cadinho da América, não encontrará, assunto para a uma literatura pátria, vigorosa, escultural, só o espírito deslumbrado pelas novidades estrangeiras, onde a poesia vai-se tornando de dia em dia mais clorótica e enfezada.

A – HARPA DO DESERTO – apenas reflete tíbios lampejos nacionais. Mais tarde, se este volume sem pretensões for bem acolhido, virá um sucessor menos defeituoso, para o que já tenho algum material. Então ocupar-me-lhei principalmente de nosso indígena e das lendas brasileiras.

A CRENÇA – Fato que teve lugar em 1870 na cidade de Porto Alegre.

TOBIAS – Episódio verdadeiro.

CELIBATO – O meu inditoso amigo Afonso Luís Marques inspirou-me estes versos e mais quatro ou cinco epistolas, que deixei de publicar por sua extensão. Ele nesta época, criança inexperiente, e levado pelos conselhos de um sacerdote mais duma vez renegado, queria tonsurar-se. Felizmente os amigos o detiveram à borda do despenhadeiro.

TÚMULOS VIVOS – Título talvez extravagante, porém o que julguei mais próprio para desenhar alguns vigorosos talentos que, esmagados pelo materialismo da vida, atiraram a lira dos acentos sublimes à mais lastimável inação, ao mais triste desviver.

ERRATA*

À p. 21, verso 15, deve ler-se:

A natura a perder virgíneo encanto

À p. 72, verso 12:

Osculavam-na os raios das estrelas,
Os cânticos que o céu no ar descerra...

À p. 80, verso 19:

Em seu seio acordar na eternidade,

À p. 128, verso 10:

Em nome do Evangelho um Borgia* reina,

À p. 145, verso 15:

Eu julgo que o próprio morro

À p. 149 falta a quadra final que é a seguinte:

Só o mundo resiste inabalável
Para as dores sem fim do pobre réu!
O mundo que nos erros vive e morre,
O mundo não perdoa, é mais que o céu!

À p. 150, verso 9:

E deixam nele finas gemas

À p. 161, verso 5:

Por matar o pensamento,

ÍNDICE BROMÉLIAS*

HARPA DO DESERTO

Bromélias	5
O pampa	7
O gaúcho	18
O poncho-brasão	23
Nina	29
Curruira	34
A crença	37
O umbu	42
Um rancho	46
Boi-tatá	49
A primavera	52
Pedras brancas	54
Tobias	61

LIRA DA MOCIDADE

A laranjeira	69
Abandono	79
O que queres?	83
Dois amores	86
Morta!	91
Loureira	95
Sinhá	97
Mentias	100
Crê e espera	103
Volta	105
Flor do ascetismo	108
Voto	113
Dorme	115
Esquece	118
Anjo decaído	121

ALAÚDE DO SÉCULO

A imprensa	127
O celibato do clero	132
Vidal	139
Vampiros	150
Túmulos vivos	158
Dies iræ	167
A África	183

* Este índice é uma reprodução do índice de **Bromélias**.

OBRAS

APOLINÁRIO PORTO ALEGRE



FLORES DA MORTE ⁴³



PORTO ALEGRE

TIPOGRAFIA MARINONI

INVOCAÇÃO⁴⁴

Vaporoso corcel da fantasia,
 Alado pégaso*, ultrapassa os astros,
 Transpõe o liminar da sombra espessa,
 Lá onde o sol, a luz jamais se deita.
 5 Abre os arcanos* do vedado, ignoto,
 Que eu quero devassar o escrínio* oculto,
 Onde aljôfares* guarda a natureza
 Faz-me sentir o bafo olente* e tênue
 Do intangível escuro, que eu pressinto
 10 E sei que existe, mas em véus de bruma.
 Num arroubo sem termo exalça* o estro*
 Do poeta que audaz o templo invade
 Da imensidade azul. Na terra aspiro
 Sondar as amplidões que além se perdem,
 15 O mundo vasto de mistérios tantos,
 Onde a morte campeia, ativa impera,
 Desde a remota estrela ao chão que piso.

Donde viemos e para onde vamos?
 São duas noites a placenta e a tumba,
 20 Um crepúsculo duplo em dois abismos!
 E como crer? Não posso! Cego marchou!
 Se antes de vir ao mundo, fora ouvido,
 A vida recusara; antes o sono,
 Que o nada encerra em seu torpor profundo.
 25 O cadáver e o feto se assemelham;
 Deste a origem, ninguém ainda a sabe,
 Daquele o rumo além quem o pergunta?
 Quem volve das sombrias galerias?
 Tatear sempre com vendados olhos
 30 Eis do homem o destino e infausta sorte.

Ah! Se a morte me abrisse escusas portas,
 Eu a buscara alegre, na conquista
 Da verdade, que rápida me fuge,
 Como os lábios de Tântalo* a água fresca;
 35 Que val* assim efêmera existência
 Onde o pensar é duvidar perene?
 Onde o amor, a amizade, o riso, a glória,
 Não surgem sem o fel das incertezas?
 Onde atroz pesadelo esmaga o peito,
 40 E a virtude soluça à dor entregue,
 Quando o vício pompeia, a taça em punho?
 É a placenta tumba, a tumba em berço?
 Na treva nasce o sol, na treva afunda!
 Muros, muros de treva em frente sempre!

45 Derroca-os, musa cara, daí-me auroras
 Dia a dia que passa, em cada surto;
 Descortina-me os dúbios horizontes

* Ver Glossário

Em múltiplos risonhos panoramas;
 Da ganga* informe e tosca extrai a gema
 50 Com que a terra e os céus permutam brilhos.

Ser ou não ser será problema eterno?

O mundo conhecido é limitado,
 Nos quatro ângulos acham-se barreiras
 Ao nosso pensamento. A cada passo
 55 Levanta-se o fantasma do impossível,
 Espectros truculentos da ignorância,
 Monstros da dúvida em ambíguas formas...

Entulha-me os abismos insondáveis,
 Escancara-me os pórticos esconsos*
 60 Dos penetrais* recônditos da vida.
 Diz-me onde a alma o granito ávido esconde;
 Onde o pólen oculta a nossos olhos
 A geração continua o sacro fogo;
 Onde a poeira fria, imponderável
 65 Na cinza dos sacrófagos silentes*
 Engendra o turbilhão de seres novos.

Medem-se com as asas o infinito,
 Quero ver, se ideais que há tanto nutro,
 São quimeras* de louco, vagos sonhos,
 70 Visões versáteis, mórbidas miragens,
 Que a febre gera em cérebros enfermos.

Revela-me o segredo assaz esquivo.
 Remonta além, remonta sempre e sempre,
 Mais alto!... Mais ainda!... Rasga, rompe,
 75 A abóbada que encurva-se pesada,
 Limite extremo ao pensamento humano.

Busca de perto a face da verdade,
 Muito embora se queime em seus ardores
 A pupila sedenta de onda pura.

80 Sim, luz! luz! Como Goette exclamo, anseio,
 Nas fronteiras da morte junto às campas.

(1904)

EPICÉDIO* ⁴⁵

Ai, pobre amiga, companheira fida*,
 Te partiste também! Fiquei num ermo,
 Levando a cruz na luta pela vida!

* Ver Glossário

- 5 Tenho em redor a solidão sem termo,
O infinito das mágoas, a tristeza,
Que mais me punge o coração enfermo.
- O sol vai taciturno e sem presteza,
E vinda a noite com seu manto escuro,
Soluça em mim a voz da natureza.
- 10 O tumulto me esmaga, se o procuro;
No burburinho, ao riso, estou sozinho,
Separa-me do mundo brônzeo muro.
- Se aliás no silêncio corro ao ninho,
A alma geme no ecúleo* da saudade,
15 Na ausência do doméstico carinho.
- Que recordos me traz a soledade!
Como à mente febril se me envencilha*
O abraço da feroz fatalidade!
- 20 Vejo o cipó feral* da cara filha,
Vejo-te, pobre amiga, na mortalha,
Vejo o luar que sobre as campas brilha.
- Vejo no antigo lar que os agasalha
Os filhos órfãos, órfãos da ternura
Que uma mãe só em torno a se espalha!
- 25 Lembro o tempo que foi-se, de ventura,
A bela mocidade tua e minha,
Os dias sem o saibo de amargura!
- Tudo então era vida, em flores vinha
Com o gaio* matiz da estiva aurora,
30 Com os vernos* tonilhos* da andorinha.
- Galas e pompas! Nada como agora!
Não acesos brandões* dum ataúde,
Mas sol restaurador que nos vigora!
- 35 Ó tempos da passada juventude,
Vos recordo saudoso, e acentos ternos
Arranco ao melancólico alaúde!
- Veem-me à mente os teus júbilos maternos,
Os cuidados* mil pela pregene e cara,
Os sentimentos como Deus eternos.

* Ver Glossário

40 Na terra nada, nada se equipara,
Ao tesouro que encerra, guarda o peito
Do ser que um berço com o amor ampara

E te foste! É vazio o teto, o leito,
Vazio o coração de tantos entes
45 Que em cópia deitam lágrimas a eito.

Outros sofrem, eu sei; em ais plangentes
Exprimem a tortura que os consome,
E em clamores desfazem-se frementes.

Porém silenciar, quando o carcome
50 O abutre das angústias dentro d'alma...
Há para isto nos léxicos um nome?!

No entanto a dor que mata, veste calma
Calma de temporal, torpor funéreo,
Que vela do suplício a triste palma.

55 Há mágoas que no chão do cemitério
Raízes fundas deitam sob a leiva*
Que a tumba envolve em sombras dum mistério.

Macilenta-se então, perde-se a seiva,
O sono foge nas visões sombrias
60 E inquina* a vida inteira sutil eiva.

Altivo tronco, embora, às ventanias,
Aos revoltos bulções* de infanda sorte,
Alui-se* e sente o gelo de agonias.

Fende-se a rocha de soberbo porte,
65 No mármore* se contorce Laocoonte*,
Níobe* petrifica-se ante a morte.

Enquanto o sol percura no horizonte
Signos cinco em seu giro, duas vezes
Cruel destino enoiteceu-me a fronte.

70 Ó como foram longos estes meses,
Há séculos iguais, quando a ampulheta
Tombava os grãos de rápidos revezes!

Não achar-se-á na multicolor palheta
Tinta que case-se à tristeza, ao luto,
75 Que minha alma vestiu de tela preta.

* Ver Glossário

Diante da verdade, monstro hirsuto*,
 Não quero crê-la, estremeço, hesito,
 Avanço, e logo volvo, e só reluto.

80 Parece-me que cumpro dum prescito*
 Horóscopo fatal, triste fadário,
 Pisando a terra sob um céu maldito.

As trilhas sigo do judeu lendário,
 E a cada passo, ao rescaldar da brisa,
 Deparo erguido um fuste* funerário.

85 Ai, minha pobre amiga, fida* Elisa,
 Chorei ontem a filha, hoje te choro.
 De pranto em pranto meu viver desliza.

90 Destas lágrimas puras, não, não coro,
 Silenciosas, lentas, vão correndo,
 E vão dizendo a ausência que deploro.

São o suave orvalho resplendendo
 Nos verdes ramos da árvore do afeto,
 Afeto que nos filhos vai crescendo
 E a ti me prende, além do umbral secreto.

Dezembro, 1891

FERÁLIA*⁴⁶

I

Partiste, filha! Foste a longes mundos
 Onde paira o mistério, o vago, o incerto;
 Vingaste o limiar de arcanos* fundos!
 Partiste! Mas ficou teu lar deserto!
 5 Aí não brilham mais os sóis jucundos*,
 Os luars de riso franco, aberto;
 Há só a solidão junto a teus pais
 E o silêncio quebrado a flébeis* ais.

10 Branco lírio, morreste branco lírio,
 Apenas desbrochando à luz da vida;
 Nem sequer a lufada dum martírio
 Agitou-te no hastil* em dura lida;
 Partiste cândido ao supremo empíreo*,
 Sem pétala crestada, emurcheçada;
 15 Acordando ao raiar do térreo sol
 Foste dormir num célico* arrebol*.

* Ver Glossário

- Anjo, partiste, não roçaste as plumas
 Pelos imensos lodaçais da terra;
 20 Abriste as níveas asas, cor d'espumas
 Pela amplidão azul que o céu descerra,
 Por vezes tendo só nítidas brumas
 Que teu ser todo nos cendais* encerra;
 À alma não saturou-te amaro fel,
 De longa vida fruto assaz cruel.
- 25 Passaste asinha*, imagem fugitiva
 De róseo colhereiro* na lagoa;
 Eólia* nota que se ascende esquiva,
 Da terra foge e no ambiente soa;
 Réstia de estrela que do céu deriva
 30 E através tênue ninho doce coa;
 Arruma dos Andes, cujo odor
 Fagueiro eleva-se em sutil vapor!...
- Fúlgida aurora que não teve o caso,
 Sorriso que esboçou-se e cristaliza,
 35 Neve em floco que cai em campo raso,
 E inda no ar se evola, <à> morna brisa,
 Assim passaste, filha, em curto prazo!
 Assim do berço à tumba se desliza
 Teu donoso viver de colibri,
 40 Tua manhã d'olente* bogari*.
- Mas ausente, quão íntima saudade,
 Quantas recordações e quanto pranto!
 Tu eras na infantil e tenra idade
 O vínculo d'amor, o doce encanto
 45 Duma família inteira, que não há de
 Esquecer-te jamais, não há de, enquanto
 Tiver dentro do peito um coração
 E dentro deste a rosa da afeição.
- Eras tu de teu pai uma esperança,
 50 Dentre as mui poucas que ele alimentava,
 Eras fanal* em ondas de bonança
 Em dilatada costa, inculta e brava...
 Esperança, és já morta na provança*!
 Fanal*, já és extinto! Não mais lava
 55 Teu raio rosicler* o triste lar
 Ora envolto nos crepes de pesar.
- Eras tu um oásis de verdura
 Em deserto sem fim, ermo de tudo,
 Ilha de luz em mar de noite escura,
 60 Mar de pavor, quieto, sempre mudo!

Eras capão de sombras na planura,
 Se a sesta estua* no trabalho rudo...
 E foste, filha! E nos cruéis afãs
 Deixaste de teu pai as mestas* cãs*!

- 65 Deixaste-me, a dormir eterno sono!
 Por toda a parte em vão te busco e chamo,
 Quero inda ver-te no grácil outono,
 Quero inda ouvir-te... És surda a meu reclamo!
 Resta-me só o pávido abandono
- 70 Da avezinha a gemer de ramo em ramo,
 Pela perda do filho que o tufão
 Lançou exangue* sobre duro chão.

- Há dores que são túrgidos abismos!
 O raiar de famélica alcatéia,
 75 Truculento ciclone, cataclismos,
 Dilúvio d'ígneas lavas em Pompéia,
 A natureza toda em paroxismos*,
 Nem sequer dão-nos desbotada ideia,
 Dores que jamais grava-as o cinzel,
 80 E paralisam genial pincel.

- Quando Palmer sucumbe à luz da rampa,
 Ao quadro que lhe lembra o filho morto;
 Quanto Timanto* a atroz angústia estampa
 De Agamênon*, que plora sem conforto,
 85 E os traços vela-lhe ante o altar que campá*
 Para o holocausto sevo*, horrível horto;
 Palmer é no sofrer sublime ator,
 Timanto* o gênio que retrata a dor.

II

- Tua mãe geme, eu sofro a triste ausência,
 90 Teus irmãos choram de saudade infinda;
 Há um lugar que é vago, na carência
 Da fada de ledice*, meiga e linda,
 O aroma trescalando de inocência,
 Aroma que perdura, impregna ainda
 95 As fêveras* de tanto coração,
 Que traz-te à mente em cada pulsação.

- Menina e moça, desfraldaste o adejo,
 América, no albor de mil quimeras*,
 Ao sentir n'alma as asas dum desejo
 100 Que traduzi-lo nem sequer souberas,

* Ver Glossário

Quando deixava em ti rocios* dum beijo
 A gazil* estação de primaveras,
 E em vaivéns na redouça* do ideal
 Tinhas na terra um éden sem rival.

- 105 Menina e moça, América, que sonhos!
 Que visões dum porvir de lumes* cheio!
 Tudo novo! Céus, terra, mais risonhos!
 Tudo loução*, alegre, nada feio!
 Os líridos* aspectos mais tristonhos
- 110 Fotografavas vivos em teu seio
 Em garridas* paisagens, onde a luz
 Despenhava-se em rútilos*, a flux*!

- Menina e moça, quantas fantasias
 Que acentos férvidos do lábio arranca!
- 115 No alaúde do bem que de harmonias
 Nesta quadra* em que amor jamais s'estanca!
 Quão nobre o lene* peito sempre abrias
 Às expansões duma bondade franca!
 Tanta esperança! E é hoje tudo pó!
- 120 Galas desfeitas em funéreo dó.

- Ai, dói, deveras dói, vê-la no esquife,
 Lívida a face, extinta a juventude,
 Esboroo d'ilusões sobre o recife
 Do infortúnio, ao bater da vaga rude!
- 125 Que importa ao cílio, ao rosto, a dor borriفة,
 Que importa o aflito peito sangue exsude*,
 Se a não vejo mais, se a morte a tem,
 Qual no desbroche esplêndida cecém*!?

- Morte, vampiro edaz*, sempre faminto,
 Nunca farto de vítimas insontes*,
 Em cuja seiva é o teu rancor extinto,
 Por que deixas o inútil, negras fronte
 Que mancham vícios e perverso instinto,
 Quando devassas páramos* e montes?
- 135 E vens cevar o intérmino furor
 Num anjo puro e fulgurante flor?

III

- Rui o inverno em roupagem de garoas,
 Flácidas são as relvas das campinas,
 Árvores nuas, gélidas lagoas
- 140 Se envolvem na escumilha* das neblinas,
 Ao mundo arreiam funerárias c'roas
 E o manto largo e negro das ruínas;
 Do minuano ao ríspido soprar
 A terra se congela e ruge o mar.

* Ver Glossário

145 Traz tudo o selo de íntima tristeza!
 Não se ouvem trilos* de canoras aves
 Que os espaços encantam da devesa*;
 Se acentos soam, são acentos graves,
 Sentidos trenos*, voz de mágoas presa,
 150 De sofrimentos mil plangentes claves;
 O silêncio domina a solidão
 E a morte e a desventura dão-se a mão.

Um inverno mais nu, mais merencório*,
 Em caligens* me vai por dentro d'alma;
 155 Montes polares dum viver inglório,
 Montes sem uma luz, na álgida* calma,
 Aí reinam e as pompas dum mortório,
 Só ostentando do martírio a palma;
 Aí nem há cerúlea* nesga azul
 160 Que acarinhe na treva a mente êxul*.

Sou sepulcro de esplêndida esperança,
 Urna que guarda em si doce saudade
 Dum ser que foi, mas vivo na lembrança,
 Embora idade escoe após idade;
 165 Sou tronco anoso que não traz na frança*
 Áurea grinalda em flor da mocidade;
 Pode agora a procela* em vão rugir,
 Que é morto no presente o meu porvir.

Evolve o tempo. E vinda a primavera,
 170 Aos chilidos febris das andorinhas
 Quando o pólen ebule em cada antera,
 Gema rúbido* o pâmpano* nas vinhas,
 E em jovens seios abre-se a cratera,
 Onde tu, vida, múltipla te aninhas;
 175 Serei qual solitário farilhão*
 Ao marouço* e aos clarins do furacão.

Partiste, filha! Foste a longes mundos,
 Onde paira o mistério, o vago, o incerto;
 Vingaste o liminar de arcanos* fundos!
 180 Partiste! Mas ficou teu lar deserto!
 Aí não brilham mais os sóis jocundos*,
 Os luares de riso franco, aberto;
 Há só a solidão junto a teus pais
 E o silêncio quebrado a flébeis* ais!

Julho, 1891

* Ver Glossário

A ADALBERTO⁴⁷

Nascera a aurora em nuvens de cor-de-rosa.
 Na margem, lírio cândido se abria,
 Da correnteza, espelho em que se via
 Nesga do céu e a olente* flor formosa.

5 Perla* de rocio* brilha à luz do dia
 No cálice suspensa fulgurosa;
 Porém na hora da sesta langorosa
 Leve a gota em vapores se sumia.

10 Como ela te partiste, ó Adalberto,
 Joia amada de minha soledade,
 E prisma de poesia em meu deserto.

Agora mudou-se o lírio na saudade
 Que balança à tarde o vento incerto,
 Refegas* da cruel fatalidade!

(1904)

A MORTE⁴⁸

I

Morte, tu és a primavera eterna!
 Da velhice alquebrada, débil, fria,
 Tiras a mocidade à luz do dia,
 E o mundo a tuas plantas se prosterna*.

5 Pintam-te com a face de megera,
 E tens duma donzela o encanto pulcro
 Arrancado da mina do sepulcro;
 Morte, tu és a eterna primavera.

10 Do inverno entre neves sonolento
 Dás ao prado mil flores e perfumes;
 A diáfana onda dotas de cadurmes,
 Ergues por toda a parte um monumento.

15 Se o homem e o tempo edaz* fazem ruínas,
 Nos entulhos fervilha a sementeira;
 Ali, a balançar, gentil palmeira,
 A paisagem esplêndida dominas!

3,4,6,7 Os versos iniciam com minúscula em CP. // 7 sepulcro;] *sepulcro*. CP // 8 Morte, tu és a eterna primavera!] *Morte! tu és a eterna primavera!* FM // 9 inverno entre neves] *inverno entanguecido* CP. // 15 Ali, a balançar,] *e, ai, a balançar*, CP. // 10,11,14,15,16, 18,19,23,24,26,28,30,31,32 Os versos iniciam com minúscula em CP. // * Ver Glossário

- Segundo a tradição a foice trazes
 Ao braço d'esqueleto, na vindima,
 Um braço que é a força em obra-prima
 20 Na colheita de germens que tu fazes.
- Morte, tu és a primavera eterna!
 Da velhice alquebrada, débil, fria,
 Tiras a mocidade à luz do dia,
 E o mundo a tuas plantas se prosterna*.
- 25 Renovação sublime, eu te saúdo,
 Gênese incessante em novos raios!
 Ante o prodígio prostro-me em desmaios,
 O pensamento queda, fica mudo.
- 30 Cada minuto ostenta-se em noivados,
 Tálamos* que perfuma a laranjeira,
 Estames e pistilos que à ligeira
 Furtam beijos, abraçam-se enlevados.
- A carcaça fermenta, arroja aos ares
 Volátil bando que se irisa em cores,
 35 O tronco morto desabrocha em flores,
 Efunde o amor em múltiplos bogaris*.
- Com o cadáver, como o lapidário,
 Que branca pedra muda em fina gema,
 Assim tu o burilas num poema
 40 Que a criação destaca dum sudário.
- E escutas satisfeita, ó divindade,
 O arrulo* meigo, o múrmur* vago, o trino,
 A vida em voz complexa, como um hino
 Que o mundo entoa a tua eternidade.
- 45 Pintam-te com a face de megera,
 E tens duma donzela o encanto pulcro
 Arrancado da mina do sepulcro;
 Morte, tu és a eterna primavera!

17 foice] *fouce* CP. // 18 d'esqueleto] *de esqueleto* CP. // 20 Na colheita de germens que tu fazes.] *Na colheita de germens que tu fazes!* CP. // 21 Morte, tu] *Morte! Tu* CP. // 25 sublime,] *sublime!* FM. // 28 mudo.] *fica mudo!* CP. // 32 enlevados.] *enlevados!* CP. // 34,35,36,38,39,40,42,43,44,46,47,48,50,51,52,54,55,56,58 Os versos iniciam com minúscula em CP. // 36 bogaris] bazares CP. // 42 arrulo] *arrujo* CP. // 48 Morte, tu és a eterna primavera] *Morte! Tu és a eterna primavera.* CP. // * Ver Glossário

II

50 És o mito pagão em diva forma,
A Fênix* que um incêndio em si propaga,
E do brasido ardente que se apaga
Sempre em virgem e moça se transforma.

Na destra o facho tens da liberdade,
No cinto o fino gládio* da justiça,
55 E através passas da terrestre liça*,
Messes fazendo em campos da verdade.

Não escolhes. Que importam reis e tronos,
Preces de avaro e o soluçar de Creso*?
60 Nada a teus passos fica intacto, ileso,
Nem vigílias cruéis, nem doces sonos.

Quando a hora extrema soa o campanário,
Quando máquina humana se interrompe,
Não cuidas de compor o que se rompe,
Sim, d'acender um novo lampadário.

65 A alma libertas dum enlace duro,
Libertas a matéria da fraqueza;
Aquela adeja em asas de pureza,
Esta surge em auroras do futuro.

1896

O SUICIDA⁵⁹

I

Préstito* em filas passa atrás do esquife
Dum naufrago da vida, no recife
Do infortúnio fatal;
Viandante, uma lágrima silente,*
5 Para quem afrontou cego e clemente
O derradeiro umbral.

Na fronte lívida ressalta um furo
Por onde extravasou loução* futuro,
A luz dos ideais;
10 Na primavera em flores <, > ser suicida
Armado de revólver homicida,
Compunge, e nada mais!

59,60,62,63,64,66,68 Os versos iniciam com minúscula em CP. // 59 ileso,] *ileso*: CP. // 64 Sim, d'acender] sim de acender CP. // 3 fatal;] *fatal*. CP. // 4 silente,] *silente* CP. // 9 ideias,] *ideias*; CP. // 10 em flores, ser suicida] em flores ser suicida, CP. Acréscimo de vírgula de acordo com pontuação. // * Ver Glossário

Por que tentaste o salto de Leucate*,
 Alma em delírio, miserando vate,
 15 Em tão verde estação?
 No cárcere terrestre não se tange
 Tua lira divina, e o confrange
 Teu nobre coração?

II

Homem, sei que és forte, a luta é teu domínio,
 20 Mesmo no dúbio ocaso do declínio,
 Ao sol crepuscular;
 Converteste a teu jugo o mar em fúria,
 Não temes do ciclone atroz injúria,
 Nem o gelo polar.

25 Sim, és senhor da terra e de ti mesmo,
 Calculas tudo, nada é feito a esmo,
 E teu arbítrio é lei;
 O mundo marcha, marcha sempre, é certo,
 Cada dia povoas um deserto,
 30 Dominas tudo, eu sei.

Sim; sem dúvida, assiste-te o direito
 Duma arma útil voltares contra o peito,
 Que de ti és senhor;
 Mas quem foge e deserta do combate,
 35 Cumpre a nobre missão? E não se abate?
 É um batalhador?

Quando o corpo está são, quando há saúde,
 Lutar, sempre lutar, eis a virtude,
 O viver é lutar;
 40 Quem abaixa a cerviz ao sofrimento,
 calca o dever no próprio pensamento,
 posterga a pátria e o lar.

O mundo é mau? É o homem tredo*, infame?
 que te importa isto? Deixa que ele trame,
 45 prepara-lhe o revés,
 Ruge a gosto, leão, que tens a juba,
 emboca no furor a épica tuba,
 Calca, esmaga-o a teus pés.

18 coração?] *coração* CP. // 19 Homem, sei que és forte,] *Homem, és forte*; CP. // 21 crepuscular;] *crepuscular*.
 CP. // 31 Sim;] Sim, CP. // 34 combate,] *combate* CP. //38 lutar, eis a virtude,] *Lutar, sempre lutar - eis a*
virtude; CP. // 44 trame,] *trame*: CP. // 45 o revés,] *o revés*. CP. // 46 juba,] *juba*; CP.// 47 tuba,] tuba! CP. //
 48 Calca, esmaga-o a] *trá-lo humilde a* CP.// * Ver Glossário

III

50 Segue o féretro, e segue a triste pompa...
 Não há pálpebra donde não irrompa
 o pranto de pesar.
 A aurora na mortalha dum ocaso,
 dói ver, como o fulgor de crisópasso*
 nos véus do lupanar*!

1896

A AFONSO LUÍS MARQUES⁴⁹

I

Como se escoo o tempo! Tão depressa
 A planta nasce, enflora,
 Que, aos brilhos duma aurora,
 No pedículo curva, a vida cessa.

5 Na terra tudo passa! Num só dia
 A treva à luz se entrança!
 O tufão e a bonança!
 Aqui – um berço, ali – a campa* fria!

10 Mas a vida é a luta do futuro
 Entre dois cataclismos,
 Dois imensos abismos:
 Nascer, morrer – qual deles mais escuro.

15 Donde vens! Onde vais, ó passageiro?
 No mundo o que procuras?
 Aquém – há mil torturas?
 Além – eterno empíreo* prazenteiro?

20 Mistério após mistério, vãos problemas!
 Que a razão não resolve!
 E que se a crença solve,
 Não é, sem que, minha alma, muito gemas!

II

25 Era belo o passado. Quantas flores
 Colhidas pela estrada da existência,
 Nos braços da amizade, doce raio
 Que duas almas doura, ao céu remonta
 Num arroubo, num só, divino e casto,
 Num só, em que dois seres se confundem,
 Rútila transfusão que Deus retrata!

50 Não há] *Não por* CP.// 52 ocaso,] *ocaso* CP. // * Ver Glossário

30 Era belo o passado, um sonho ameno
 Na orla do lago azul da mocidade,
 Ao sol das esperanças sempre verdes.

À turquesa dos céus ligeira névoa
 Não vinha macular o brilho puro.

35 Vivíamos felizes. Quem não sente
 Na flor da adolescência eterna a seiva,
 O horizonte sem fim, pequena a terra,
 Para as aspirações que n'alma adejam?
 E tu, Afonso Marques*, nestas festas
 À luz da primavera, quantas c'roas
 Não cingias à fronte iluminada
 40 Por precoce talento? Quantas palmas,
 Se de teus lábios a eloquência em jorro
 Golfava efervescente?!

Ó como lembro
 Repassado de vívidas saudades
 45 Esse tempo que foi-se e mais não volta!
 As lutas pela glória e pelas crenças,
 A pátria estremecida, a liberdade,
 A consciência em júbilos nadando,
 O coração atado aos pés dum silfo*,
 50 Duma ilusão talvez, mas pura e bela!
 Doce engano que n'alma vibra acordes
 De etérea melodia, uns sons sem nome,
 E que nem de Mêmnon* a maga* estátua
 Ao beijo das auroras produzia,
 55 E nem harpas eólias* ao bafejo
 Duma noite de estio calma e leda*!

Gratas recordações de santas eras,
 Ao longe! Ao longe! Tudo se sumiu!
 Daquela fronte cismadora e meiga,
 60 Mina de inteligência em veios rica:
 Daqueles olhos, ora brandos lumes*,
 Ora ígneos meteoros coruscantes*;
 Daquela boca cheia de mistério,
 Ora saltando o verbo como o múrmur*
 65 Que o tímido regato perpassando
 A medo pronuncia nas devesas*,
 Ora voz de sonoro entusiasmo,
 Repercussão que salta d'alma ao lábio,
 Ora mugir do mar que estoura às praias
 70 Ao soprar do pampeiro em voo infrene*,
 O que nos resta então?

* Ver Glossário

No chão da morte,
 À sombra dos ciprestes muda campa*
 E uma caveira dentro! Espólio triste!
 75 Quadro que nos consterna e baga* a baga*
 Debulha pela face ardente pranto!

III

Morrer tão cedo ao descerrar da vida,
 Cair logo em princípio da jornada,
 Tendo músculos rijos e na artéria
 80 Exuberância e força em cada gota.
 Do sangue juvenil; e pela mente
 Sublimes construções e novos mundos
 Em perspectiva alegre destacando;
 E d'alma bem no imo finas joias
 85 E diamantes mil da juventude
 Em ouro refulgente encastoados;
 Tudo isto derrocado, em pó desfeito!
 Tanto anelo* e mimosas fantasias,
 A flor da vocação, sonhos e crenças.
 90 Tudo gorado, morto, tudo em cinzas!
 Ó que dói, deveras!

Quando os olhos
 O homem fecha ao cambar do sol dos anos,
 Na fronte cava a ruga das fadigas,
 95 Nas têmeoras as cãs* crepusculares;
 Quando ele enfim exausto da romagem*,
 Do longo caminhar por sobre a terra,
 Já pede a Deus em prece fervorosa,
 Um marco de repouso, um termo ao fado,
 100 Que aos tropeços arrasta; aí a mágoa
 Não é tão funda, acerba, lancinante,
 Não traz o desespero ao pé da tumba,
 Não arranca soluços, queixa amarga,
 Não nos cobre do crepe da descrença!

105 Mas um túmulo só?! E só poeira!
 O epitáfio na lousa e dentre os vivos
 As marcescíveis* flores da saudade
 Em grinaldas suspensas, e mais nada?

Ó não! Não é possível, não o creio!
 110 Ó não! que o pensamento, luz perene,
 Como nas aras dos antigos Guebros*,
 Ele, que iluminou-te as profundezas
 E recessos do crânio, abrindo a senda
 Para os cumes da glória, ele que funde
 115 Em epopeia Homero e Cristo em culto,
 Não perece nas dobras dum sudário!

90 Tudo gorado, Acréscimo para separar o aposto // * Ver Glossário

- Na peripécia augusta, o transe extremo,
 Talvez que dispa a túnica de argila
 E desferindo o voo em novo espaço
 120 Siga caminho, além, para outros mundos,
 Melhores mundos de eternal ventura!
- Não é incerta a vida do futuro,
 Sim, o pouso na crástina* alvorada,
 Na seguinte manhã após a morte!
- 125 Quem sabe o sol ou Sírio* seja a zona,
 O clima benfazejo que transforme
 O ser daqui partido em ser mais belo,
 De formas mais gentis, mais ampla a fronte,
 Cúpula majestosa das ideias?!
-
 130 Amigo, adeus! Um dia nos veremos
 Nas margens sempre verdes, sempre novas
 Do oceano sem fim da eternidade.
 Aonde? Como? E quando?
 Deus o sabe!

1872

O CADÁVER⁵⁰

- Que infecta podridão nos traz a morte
 No cadáver que rói imundo verme!
 Eis o final da cena: O homem inerme,
 Vencido quem julgava-se tão forte!
- 5 Dá asco! Sente o vivo do epiderme
 Calafrio que lhe gela todo o porte;
 O vício e o crime abraçam-se em transporte
 Ante a fecundidade em tanto germe!
- 10 Não, matéria imortal, luz da vida,
 Não estais nesta crise em triste jogo,
 Na química na tumba apercebida!
- Neste transe a natura em desafio,
 A imagem do progresso refundida,
 Vos muda noutro ser, a vivo fogo.

1896

2 No cadáver] *no cadáver* CP. // 3 O homem] *o homem* CP. // 5 Dá asco] *Há asco* CP. // 6 o porte;] *o porte*: CP. // 7 O vício e o crime abraça-se em transporte] *o crime e o vício abraçam-se em transporte*, CP. // 8 Ante] *ante* CP. // 9 imortal, luz da vida,] *imortal! não, luz da vida!* CP. // 10 Não estáls] *Não estais* CP. // 11 apercebida.] *apercebida!* FM. // 12 Neste transe] *Neste transe*, CP. // 13 progresso] *progresso*, CP. // 14 Vos muda noutro ser, a vivo fogo.] *manda-te, noutro ser, o estranho fogo*. CP. // * Ver Glossário

EMA⁵¹

É morta e vive a cândida donzela,
Tanto na face a morte assume a vida!
Parece-me no sono adormecida
Em sonhos da ilusão dourada e bela.

5 Morta, direis que dorme assaz tranquila,
Tento ao lábio um sorriso que espanija;
O colibri ao ver-lhe a boca adeja,
E sorve-a em beijos que o prazer distila.

10 Morta é a imagem terna da saudade,
Um quê de vago, vaporoso, etéreo
Que passou pela terra qual mistério;
Qual perfume fugaz da eternidade.

15 Morta, dormida jaz... Silêncio em torno...
Não a despertem... Sonha venturosa...
Não a roce a folhinha duma rosa,
Nem uma asinha* esfrole-lhe* o contorno.

20 Túmidos seios rolam jáspeas* ondas,
Tão brancas como as flores das espumas,
Nas núpcias roupagens d'alvas brumas
Palpitantes em frêmito de blondas!

O que serás em poucos dias, Ema,
Na química latente do sepulcro?
Algo que apaga a forma, o traço pulcro
Algo que gele numa dor suprema.

25 Mas a fotografia guarda a forma
A feição d'anjo, o divo* simulacro,
Minha alma guarda o eflúvio* doce e sacro,
A beleza ideal de que éreis norma.

(1904)

A MATÉRIA⁵²

5 Não és infame e vil, vital matéria!
Di-lo a mente em vapores de ascetismo,
Não o que sente a galopar na artéria
O jorro borbulhante de heroísmo,
Não o que se embebera na beleza
Contornada ao buril* da natureza.

Ó plástica sublime em formas belas,
Ó cosmos desbrochado em áureas flores
Em rosas do arrebol*, puras, singelas,

* Ver Glossário

10 Em gemas, densos focos de fulgores,
Como ardente te busco, como te amo,
Desde a imagem humana ao simples ramo.

No fervilhar da vida, quanta seiva!
Quanto raio de luz, quanta energia!
15 Mesmo até sob a funerária leiva*
Dum ser na tumba um outro se irradia!
A criação não para, cresce a obra,
No giro dum minuto a faina dobra.

Das selvas, várzeas, troncos seculares,
20 Quem não sente o pulsar assaz pujante?
Por sobre o dorso dos undosos mares,
Como a ardentia* surge cintilante,
Em constelações ricas de organismos,
Estrelas que se embalam nos abismos!

Os céus são a substância que sublima,
Desde os sóis aos planetas tudo é lume...
Quanto mais alto, quanto mais acima,
As etéreas poeiras em cadurme
Os espaços povoam, o enchem todo,
30 E os vários embriões vagam a rodo.

Além, nos intermúndios, o prostilo*
Bulha* em febre, delira, espreita a vida,
Que ele é a essência dela, o peristilo*
Da oficina eternal, da ardente lida;
35 Que ele é a pura linfa* da existência
Donde flui sangue em rubra efervescência.

Quem insulta a matéria, a si se insulta,
Despreza a mão fecunda em prole imensa,
Que, apesar das blasfêmias, mais avulta,
40 Aumenta as asas e requinta a crença;
Ante ela a humanidade genuflexa,
Aos prodígios se torna mais perplexa.

Padres, errais, usando do cilício*...
Nele encarnou-se o deus da cristandade,
45 Não julgando o vesti-la um malefício,
Nem ato que se oponha à divindade;
Eternizou-se a carne no mistério,
Jesus morto a sagrou no chão funéreo.

(1904)

METAMORFOSE⁵³

Dum óvulo quase nulo,
Microcosmo à vista humana,
Surge um ente pequenino
À vida que o sol emana.

5 Vai lento e lento crescendo
E mostrando o aspecto feio...
Pobre larva, rude esboço
Doutro ser d'encantos cheio.

10 A mão treme e se receia
De tocá-lo levemente,
Calafrios o corpo correm,
A alma espama, gelo sente.

15 Mais uns dias – tudo muda,
Perde as cores e definha,
Inquieto, triste busca
Um lugar em que se aninha.

20 Aí na rama edifica
Como em chão de cemitério;
Tece o casulo, essa teia
Em que se envolve um mistério.

Nele se encerra, s'abisma,
E nele fica sepulto,
E a natureza incansável
Vai burilar-lhe outro vulto.

25 Passam dias, passam noites...
Está muda a sepultura...
Cicia a brisa nas folhas,
O rio à sombra murmura.

30 De súbito, nova fase!
Rasga-se o véu do sudário...
Era berço da existência
O tálamo* mortuário!

35 Maravilha! Nos espaços
Falena* bela salta, adeja,
Sobe, desce, giros traça,
Sobre flores se espaneja.

40 Ao sol que esplêndida cena!
Que cascata de fulgores!
Quantas ondas de fragrância!
Que orquestra de trovadores!

Será assim a alma humana
 Como em crisálida presa?
 Quem o sabe? Quem soletra
 O livro da natureza?

(1904)

A CONVALESCENTE

- Parta-se o minuano para os Andes,
 Acabem-se os serões das noites grandes,
 Onde não vê-se Deus...
 Frias lufadas e garoas finas,
 5 Arvoredos sem folhas nas neblinas,
 Adeus, um longo adeus!
- Como está lindo o céu e a primavera
 No espelho do Guaíba reverbera,
 Como jamais a vi!
 10 Brilha a estação nas veigas*, s'engrinalda,
 No esmalte dos verdores de esmeralda
 Cada flor me sorri!
- A palma verde diz – meiga esperança,
 O céu azul expande-se em bonança,
 15 Ah! que de verde e azul!
 O bosque arreia nupciais alfaias,
 Mostra enxoval formoso de cambraias
 Ao magro rosto êxul*!
- O sabiá descanta{m} mais que nunca,
 20 O laranjal em flor o solo junca
 De capelas* d'amor;
 As ilusões desprendem-se em perfume,
 Em cada tronco nos espreita um nume,
 Um sonho em cada flor.
- Baga* a baga* debulho ardente pranto,
 Mas nos transportes de supino encanto,
 Num guádio sem igual;
 Assim o orvalho que rocia as rosas,
 25 Mais as viça, tornando-as mais formosas,
 30 Na alvura matinal.
- Como é doce viver! E que alegria
 De meu peito s'escapa, s'irradia,
 Qual mana a luz do sol!

19 sabiá descanta mais] *sabiá descantam ais* RE. // * Ver Glossário

- 35 Salve, aurora de minha renascença,
Berço em que se balouça nova crença
Nos braços do arrebol*!
- Aos quinze anos morrer, morrer tão cedo,
Sem transpor as barreiras do segredo
Que a vida encerra em si,
- 40 Ah, não quero morrer, que eu beba os haustos*
Das brisas sãs em meus pulmões exaustos,
Sorva o que não sorvi!
- Inda a taça está cheia, é néctar d'ouro,
Inda devo esgotá-la, é meu tesouro,
45 Dos céus segundo a lei;
Enceto os passos, não há, pois, atraso;
Feneça quem colheu, findou-se o prazo,
Não eu que viverei.
- Vai-te morte... A meu leito quem te trouxe?
50 Regela-me a presença desta foice
Prestes sempre a ceifar;
A terra é toda cantos, toda ninhos,
Deixa que eu tenha um tálamo* de arminhos,
O céu dentro dum lar.
- 55 Tu, sol, infiltra-me calor nas veias,
Fá-las bater, pulsar, rápidas, cheias,
Que te amo como pai;
Acende-me no seio a chama pura,
Que nos atrai nos laços da ventura,
- 60 Qual imã que o aço atrai.
- Assim fala a feliz convalescente
Nas abluções de luz resplandecente
Que lhe enche e inunda o olhar,
Pálida a face onde a beleza dorme,
- 65 Solta a madeixa em desalinho enorme
O lábio a segredar.
- Veste branco roupão do alvor do cisne,
Sem a mais tênue mácula de tisne,
Um salpico sequer,
- 70 Limpo como a pureza do momento,
Na candura de doce sentimento
Em alma de mulher.
- Com o rosto encostado na vidraça
Estira ao longe a vista quase baça
75 Pela amplidão sem fim,
E pousa-lhe o prazer na tez o enxame
Que aos traços dá-lhe no festivo exame
Uns toques de carmim.

80 Que poder e magia, tens, ó vida,
 Que à forma deturpada, empobrecida,
 Dás os tons da paixão!
 E sorri, bela em cores macilentas,
 Mais que bela, ao tombar das horas lentas
 Duma ressurreição!

1899

TIJUPAR* DESERTO⁵⁵

Triste tapera! Aqui quem sabe outrora
 Alegre tijupar* erguia o teto,
 Em cuja cumieira tremulava
 A flâmula da vida, a leve espira
 5 De flutuante fumo, grato aviso
 Ao viajante ao longe!

Hoje domina
 Imensa solidão, mistério fundo,
 Melancólica paz nesta vivenda!

10 Inda em pé as paredes e os esteios*
 De cerne, de aroeira, inda as janelas,
 A porta estreita, inda da casa ao lado
 Os maricás virentes da mangueira
 E as tronqueiras, que, à mão do tempo gastas,
 15 Quais duas sentinelas permanecem
 Firmes no seu lugar; inda no fundo
 O quintal da chacinha, cujas árvores
 Parasitas sugaram pouco e pouco
 E hoje são carcomidos esqueletos
 20 Que a erva de passarinho enastra* apenas!

Dois jerivás na frente, em companhia
 De prisco cinamomo, se destacam
 Cheios de robustez. Só eles vivem
 Testemunhas talvez do negro drama
 25 Que se passara aqui em outras eras.

A pequena distância, meia quadra*,
 A cacimba se vê e o quaradouro
 Na canhada, do mato outrora limpa,
 Sem rosas e amoreiras espinhosas
 30 Que flóreos arcos formam sobre as águas.

Em torno as vastas roças reduzidas
 Dos anos no decurso a capoeiras,
 Onde em melhores tempos a maniva*.

4 A flâmula] *A flama* RPL // 27 quaradouro] quaradouro RPL. Sem itálico. // * Ver Glossário

35 E o aipim gostoso as ramas estendia,
E o catete* no outono lourejava!
Ó painéis da natureza em tela viva,
Perspectiva de encantos que se foram!

Nada mais! Nada mais <! O ermo apenas!
Não soa mais aqui a voz humana
40 E o cortejo risonho de outras vozes...
Não canta o galo à noite em horas mortas,
Ou quando as barras do horizonte aponta;
Não relincha o cavalo nos potreiros,
Nem muge o gado ao descambar da tarde
45 Quando o sol no ocidente vai deitar-se,
Com aqueles acentos de saudade
Que casam-se ao descor da natureza!

Nos combros* de ruínas, onde mora
A boicininga* que pavor desperta
50 Aos sons cadentes da terrível cauda,
E para a prole fez o marimbondo
Sua correta célula impendente
Do puído capim da cumieira,
Vivia como em sonhos embalado
55 O gaúcho ditoso em outros tempos;
Sem ambição de mando, sem cobiça
De joias e veludos, sem a imagem
Da corrupção que ferve nas cidades,
Esse igapó* estanque que empeçonha
60 O pulmão da inocência e que descora
A face da candura, e murcha e mata
A flor da crença. A calma do deserto,
A doce liberdade campesina,
O afável conchego da família,
65 A ternura da esposa, o amor dos filhos,
Eis os áureos tesouros de ventura,
Que talvez ele só sacrificasse
Nos altares da pátria. Ai! que por ela,
Por vê-la grande, esplêndida de glórias,
70 Sem pesados grilhões do cativo;
Por ela, infeliz mãe que tanto chora,
Níobe* consternada ante o infortúnio,
Ante o presente em luto, ai que por ela,
Tudo ele dera, a vida, a esposa, os filhos!

75 Mas não existe o herói... Quem sabe os restos
Em que canto do mundo agora param?
Repousam no Brasil, o caro berço,
Ou insepultos em estranhos campos.
Alvejam sob a ação das intempéries?

35 *E o catete no outono lourejava!*] E no outono o catete lourejava! RPL. //36 viva,] viva RPL.// 38 Nada mais!
Nada mais] *Nada mais! Nada mais!* RPL. Possível erro de revisão. // 51 E para a prole fez o marimbondo] *E fez
o marimbondo para a prole* RPL. // * Ver Glossário

80 Ou aqui no cenário a que reveste
 Triste decoração duma tapera,
 Jazem dispersos na geral desordem?

.....

85 Ó, nas passadas eras, quando a morte
 Com o negro carimbo não selara
 Essa lauda da terra, a natureza
 Curvada ao braço humano apresentava,
 Formas cheias de garbo à luz celeste!
 90 Nas renques* do arvoredado, no tugúrio*,
 Nas sebes do contorno, na paisagem
 D'aspecto sedutor, enfim em tudo
 Era a vida, a alma vida da campanha!
 Mas agora? O que há aí de mais funéreo
 95 Que os destroços esparsos, epitáfio
 Que o tempo grava em monumento antigo?
 Mil vezes antes, mil vezes, a floresta
 Com o esplendor nativo, virgem, pura,
 Templo imenso de mistérios sacros,
 100 Indefiníveis que o terror inspiram
 Antes a criação, como o caboclo,
 Na primeva nuez, pujante em viço,
 Em atlético ardor, porém sublime!
 Antes! Que o coração não se confrange
 105 À dolorosa cisma em crepe envolta.

Antes, que o sabiá, cantor ameno
 Das selvas brasileiras, não soltara
 O trilo mavioso, como endeixa*
 Em sombria necrópolis. E a aurora,
 110 Que sempre verte júbilos no mundo,
 Não refulgira, como em céus de chumbo,
 Não fora como pálidos tocheiros
 Em torno de ataúde funerário.

1877

94 há aí] há hi RPL.// 106 Antes, que] Antes Que RPL. // * Ver Glossário

NÊNIA* ⁵⁶

À morte de José de Alencar

I

Empoeirada lira d'outras eras.
 Quando ao luzir d'esplêndidas quimeras*
 Tinhas ardor febril,
 Inda uma vez anima-te, inda um canto,
 5 Não de prazer festivo, só de pranto
 Que a dor curva o Brasil.

A pátria geme, uma oração soluça,
 A fronte sobre o peito se debruça,
 Níobe* a simular...
 10 Seria um crime, ó lira, ante a desgraça
 Que como um raio agora nos trespassa,
 O silêncio guardar.

Vamos, cubra-te o crepe funerário,
 E se o podes, no lúgubre cenário
 15 Em aflição atroz
 Ante a calamidade que nos fere,
 Num treno*, em lacrimoso miserere*,
 Desprende a triste voz.

II

Passou o furacão, revolta a juba,
 20 Lá onde espalma a fronde* a carnaúba
 E Iracema nasceu;
 Onde não cantam mais gazis* jandaias,
 Do Mocaribe vendo as alvas praias
 Ao sol que resplendeu.

Medonha convulsão! Como em Pompéia
 Na qual lava em cachões desencadeia
 O Vesúvio a bramar;
 Como o fogo dos céus na Palestina,
 Assim um quadro horrível descortina
 30 O olhar que ali pousar!...

Ó pobre Ceará, quase extinto,
 Macilento, com febre, mais faminto
 Que náufragos no mar!
 Província infeliz, que fado rude
 35 Em tudo te apresenta um ataúde
 E a morte a campear?!

1 eras.] eras, JC. // 2 d'esplêndidas] de esplêndidas JC. // 5 pranto] pranto, JC // 6 Brasil] Brasil. JC.// 8 A fronte] Sua fronte JC.// 9 simular...] simular. JC.// 15 atroz] atroz, JC.// 17 treno,] treno JC.// 22 Onde não cantam mais] Lá onde mais não cantam JC.// * Ver Glossário

O sol bebeu-te os rios, crestou-te os prados,
 E os matos, esqueletos transformados,
 Surgiram no sertão;
 40 Por extensão sem fim o solo aberto,
 Onde era a vida, apenas um deserto,
 O horror da solidão!

O céu de bronze! Uma fornalha a terra!
 Quando rompe a alvorada, se descerra
 45 O Atacama em painel!
 Nenhuma voz! Que mesmo os passarinhos
 Os trinados perderam com seus ninhos,
 Nesse incêndio cruel!

E o homem no suplício peregrino,
 50 Unindo a dor de Tântalo* e Ugolino*,
 Descrê até de Deus,
 Que a seca que domina os pátrios lares,
 A crença n'alma torra e lança aos ares
 Blasfêmias dos ateus.

Mas não é tudo, não está a taça
 Inda cheia do absinto da desgraça,
 De peçonha letal!
 Não é tudo! Aos sinistros estribilhos
 Verás rolar no pó ilustres filhos
 60 No sudário imortal!

Já não era bastante em vivas frágoas*
 O lenço sempre retirar nas mágoas
 Úmido do chorar!
 Choraste por inúmeras famílias,
 65 Agora em tristes, fúnebres vigílias
 Chora por Alencar!

III

Mas não chorarás só... Era dum mundo,
 Mundo infindo, onde culto e amor profundo,
 Com afã conquistou;
 70 As letras e a ciência estão de nojo!
 A tumba leva o físico despojo
 Mas sua alma ficou...

38 transformados,] *transformados* JC.// 43 O céu de bronze!] *O céu - de bronze!* JC. // 45 O Atacama em] *O Saara em* JC. // 47 ninhos,] *ninhos* JC.// 49 peregrino,] *peregrino* JC. // 51 Deus,] *Deus!* JC. // 54 ateus.] *ateus!* JC. // 62 lenço sempre] *lenço instantes* JC.// 65 Agora em tristes, fúnebres vigílias] *Pelo grande Pompeu, rei das homílias* JC. // 68 profundo,] *profundo* JC. // 69 Com afã] *Em afã* JC.// 71 despojo] *despojo*, JC. // * Ver Glossário

75 Sim, sua alma ficou... Mais que em Carrara*,
Em bronze de Corinto* se gravara...
É lâmpada eternal!
Sempre rútilo* sol do pensamento
No cimo do soberbo monumento
Que ele ergueu sem rival!

80 Ó glória imensa, a vida além dos evos*,
Existência que sempre tem coevos*
E sempre nova luz!
Tu, gênio, és semelhante à fina gema,
Pois quanto mais antiga num diadema,
Tanto mais nos seduz!

85 Amordaça-te, inveja, não venceste!
Contra ele teus mastins em vão correste,
Vil calúnia, em vão!
Que, transpondo os umbrais da eternidade,
As alças segurou a mocidade
90 Ao fúnebre caixão!

IV

Brasil, amado berço, teu futuro
Destaca-se num manto em ouro puro
No horizonte d'além...
Teu pavilhão se mostra sobre os mares
95 Ou de Gusmão* no invento pelos ares,
Em contínuo vaivém...

Ó como serás grande! Que prodígio!
Que maravilhas d'arte! Que prestígio
Nos campos do ideal!
100 Então o de Alencar vasto tesouro
Hão de explorar como uma mina d'ouro
Ou raro mineral!

É pois justa essa dor que te sufoca...
Deixa o pranto correr... ele se troca
105 Em consolo sem par;
É o precoce tributo aos pés da glória,
Base de gratidão que senta a história
Ao cipo* tumular.

1877

79 dos evos,] *das eras!* JC. // 82 Tu, gênio,] *Ó gênio* JC. // 88 Que,] *Que* JC. // 89 a mocidade] *a posteridade* JC //91 futuro] *futuro*, JC. // 92 Destaca-se num manto em ouro puro] *Bordado num manto*, em ouro puro, JC. // 93 *No horizonte d'além...*] *Diviso além, além...* JC. // 98 prestígio] *prestígio!* JC. // 101 d'ouro] *de ouro* JC. // 105 par;] *par*, JC. // 106 É o precoce tributo aos pés da glória,] *É o precoce tributo que senta a história*, JC. // 107 Inexistente em JC. Acréscimo de verso para esta edição. // 108 Ao cipo tumular.] *Para cipo tumular*. JC. // * Ver Glossário

LÁGRIMA DA SAUDADE⁵⁷

- Descambava o sol no ocaso,
 E a mata virgem, pujante,
 Se banhava cintilante
 Em ondas d'ouro e rubis;
 5 O sabiá dentre as copas
 Modulava a doce endeixa*,
 Que casava a flébil queixa
 Das itaipavas* serris*.
- Mas que de escombros na selva!
 10 Próceros* troncos gigantes,
 Arborescentes Atlantes*,
 São cadáveres no chão!
 Vai a flama incinerá-los
 Na lei fatal do progresso,
 15 Que pede às cinzas o ingresso
 De vidas em multidão!
- Corria a tarde serena,
 E dentro d'alma se abria
 A flor da melancolia
 20 Que ao palor* viça dos céus;
 Soltava a sombra de leve
 As cortinas sobre a terra,
 E o fundo val* e a alta serra
 Vestiam pudicos véus.
- 25 Ali na floresta imensa,
 No meio da derrubada,
 Derradeira machadada
 De eco em eco leva o som,
 Junto de frondoso angico,
 30 Um colono, o pensamento
 Deixa, como a folha ao vento.
 Volitar ao brando tom.
- Tem a cor alva da neve
 E o cabelo envolto em chama,
 35 Na pupila se derrama
 Reflexo d'uns céus d'anil...
 Em que cismas, forasteiro,
 Que vieste a nossos climas,
 E onde no trabalho primas,
 40 Opulentando o Brasil?
- Te é dolorosa a tarefa
 Nesses bosques sem caminhos,
 Nesses terrenos maninhos*,
 Onde te vejo de pé?

45 Por que tão funda tristeza
Em sombras vela-te os traços?
Encontras mil embaraços?
Já está perdida a fé?

Tu que vieste dum mundo,
50 Onde a gente ferve ativa,
E silva a locomotiva,
Medo tens da solidão?
Te intimidam os cochichos
De vozes vagas nos ares,
55 As árvores seculares
E o infinito do sertão?

Não. Nessa hora de mistério,
Uma visão subitânea
Fez lembrar-te a Pomerânia*,
60 O teu berço d'além-mar;
Vês a extensão das planícies,
Vastas praias das lagunas,
O branco lençol das dunas,
Vês a aldeia e vês o lar.

65 Como alongas pelo espaço
O olhar ébrio de saudade,
E bem como à puridade,
Murmuras à meia voz!
Mas quão longe o pátrio ninho!
70 O Atlântico de permeio,
Que mais confrange-te o seio
E te torna mais a sós!

Como passas em revista,
Na clareira do deserto,
75 O passado inda tão perto,
Mas em remoto torrão!
Ó as relações antigas,
Essas que o tempo não some,
A própria desgraça, a fome,
80 Vem à mente em turbilhão!

Quem pode esquecer a pátria,
Cave embora em minas d'ouro?
Ela é o maior tesouro,
Riqueza d'alma e sem fim.
85 Assim, colono, que recordos
Das cenas da grata infância,
Da paterna humilde estância.
Do Óder*, Lastádia e Stettin*!

* Ver Glossário

- 90 Solta o sabiá a nota
 Última de seu gorjeio,
 E o sol vem bater em cheio
 Final raio de fulgor,
 Na pálpebra do estrangeiro,
 95 Onde a baga* sai de pranto,
 Da saudade ao mago encanto,
 Sob a asa do pátrio amor.

1896

NA SEPULTURA DE UM CÃO⁵⁸

I

- Cupim, meu pobre cão, meu fido Achates*,
 Da vida nos aspérrimos embates
 Sempre te tive ao lado, sempre amigo;
 Hoje repousas em feral* jazigo
 5 À sombra de magnífica palmeira
 Que te adora a morada derradeira.
 Leve, passando, a brisa à soledade
 O acento intraduzível da saudade.

- Homem, o que és em face da alimária*
 10 Dormida sob a leiva* funerária?
 Ela no padecer que nos tortura,
 Quando nos foge o riso da ventura,
 Procura soletrar na tez do rosto
 O motivo que dá-nos o desgosto,
 15 Ela, grata, leal, sem fingimentos,
 À imaculada luz dos sentimentos!

- Tu que sepultas o punhal no peito
 De quem parte contigo a mesa e o leito.
 De quem te apaga do sofrer a ruga
 20 E do semblante a lágrima te enxuga;
 Tu, infame, covarde, atroz, maldito,
 Tendo a frente a marca do prescito*,
 Não tens desse animal a afeição rara,
 Nem a amizade à dele se compara.

II

- 25 Mas desse teu olhar inteligente
 A cintila* vivaz e refulgente,
 Aos últimos estertores da agonia,
 Se some numa cova úmida e fria?
 A força ígnea, imortal, não há quem herde?

6 te adorna] te adora FM. Possível erro de revisão. // * Ver Glossário

30 Alfim* tudo se esvai, tudo de perde,
Como a fumaça que o tufão esgarça...
E que mais não se vê, depois de esparsa?

Nada se perde, a mesma singeleza
Aproveita e cinzela a natureza
35 No enorme e colossal laboratório,
Onde se molda o corpo infusório*
Ao lado do arcabouço da baleia...
Portentoso labor na imensa teia!

40 A essência pura dos candores d'alma,
Da amizade a virente* e eterna palma,
Não morrem para sempre. São o aroma
Que daqui ala-se e na altura assoma.

Dorme, Cupim, à sombra da palmeira
Que te vela a morada derradeira.

1898

AGRÍCOLA⁶⁰

Era nos tempos de hoje um busto antigo
No pedestal da vida. São costumes
Do século que foi e mais não volve,
Árvore colossal em altos cumes
5 Sem na frente o carimbo de negrumes,
Mas borbotão do sol que as cãs* lhe envolve.

Agricultor – plantara, e o rude campo
Nem sequer lhe pagara o bom desvelo,
O amanhã* inteligente ao braço amigo...
10 E, após as decepções em muito anelo*,
Dizia ainda em seu falar singelo:
Avante! Junto ao joio nasce o trigo.

Era um passado em messes da virtude,
Era um marco de glória sobre o valo
15 Entre a vida da terra e a eternidade;
Aí, do berço à tumba no intervalo,
Fizera o bem, passando, sem pensá-lo:
Sementeiras do pão da caridade!

Já a leiva* feral* lhe veste o corpo
20 A anônimo punhal que abriu-lhe a cova...
O infame autor quem foi? Ninguém o sabe.

46 a juba;] a juba, FM. // 47 embora no furor a épica tuba!] *Embora no furor a épica tuba*, FM. // 48 trá-lo o humilde a teus pés.] *Calca, esmaga-o a teus pés*. FM. // 50 Não por] *Não há* // * Ver Glossário

Onde a justiça ao crime que é sem prova
 A não ser no viver que se renova,
 Onde ao delito grave pena cabe?

1879

ANGELINA⁶¹

- Era bela e tão pura, que no prado
 Jamais a flor assim desabrochava
 Nas donosas* manhãs da primavera;
 Com outros a natura eterna avara,
 5 Tão pródiga com ela se mostrava,
 Que tesouros demais até lhe dera.
- O seu nome Angelina. O rosto de anjo,
 E mais o coração que o próprio rosto.
 No seu lábio jamais pousara a queixa,
 10 Nem a luz duvidosa dum desgosto;
 Era a flor de laranja em mês de agosto,
 Quando o sabiá solta a doce endeixa*.
- Quem deixara de amar a meiga virgem
 Que nos risos da aurora se banhava,
 15 Espargindo a bondade em seu caminho
 Esquecida de si, sublime escrava
 Das virtudes cristãs, a quem se dava
 Como a ave a defender o caro ninho?
- Ó divina criança, mimo santo
 20 Por entre róseas nuvens do oriente,
 Tens a missão de além, de incertos mundos?
 Onde o condão, o aroma rescendente,
 Que, chegando-se a ti, sempre se sente?
 Onde o fugaz clarão de arcanos* fundos?

- Ai da pobre Angelina! Pobre, é morta!...
 25 Mil são órfãos, aos mil correm os prantos,
 Torrente de afeições que a terra assola!
 São também os pesares tantos, tantos,
 Que o soluçar traz plácidos encantos,
 30 E à dor cruel a própria dor consola!
- O arrebol* que desfaz-se ao sopro rijo
 Do temporal, cruzando nos espaços;
 O lírio desfolhado na corrente,
 Das águas aos frenéticos abraços;
 35 Da face da donzela os meigos traços
 Que a morte ao sopro empana, quem não sente?

* Ver Glossário

Ao doce e quente raio da existência,
 O coração ao sol da juventude,
 Quando abre da emoção a linda palma
 40 Aos ósculos de afago da virtude,
 Ao vê-lo mergulhar-se no ataúde,
 Quem não sente atroz ânsia dentro d'alma?

Em poucos dias da gentil menina,
 Que restará no pó? Um corpo informe?
 45 Esta cena da larva que a lacera?!
 O que há de merencório* e mais disforme?
 Ó, não! Quero antes crer que ali se forme
 Um ser mais divinal em nova esfera!

1879

DORMINDINHO⁶²

Era à tarde. No ocidente,
 Sob sanefas d'áureas blondas,
 Se imergia além nas ondas
 Deslumbrante e belo o sol;
 5 Tinha o céu tons de esmeralda,
 Tinha a terra um cor-de-rosas,
 E as do sul, serras fragosas,
 Roxas tintas do arrebol*.

Pouco e pouco condensando
 10 No ambiente o véu da sombra,
 Envolveria a mole alfombra*
 De ondulantes capinzais;
 Sabiás suspiros davam
 Na modinha da saudade
 15 A essa dúbia claridade
 Que entristece os laranjais.

No sopé daquele morro,
 Várzea extensa de verdores,
 Se destaca dentre flores
 20 Um pequeno tipujar*;
 Tem o caio da alegria,
 Tem as graças da donzela
 Na roupagem que revela
 Uns segredos de matar.

25 Ali dentro, no entretanto,
 Pobre mãe curte martírios,
 Ante o filho, flor de lírios
 Aos amplexos* do tufão!
 Abre a morte as negras asas

* Ver Glossário

30 No rostinho da criança,
E ela vela, de esperança
Saturado o coração.

Desce a tarde e desce o sono
Do menino sobre a face:
35 Um anjinho que renasce
Aos borbulhos de outra luz.
— Dormindinho – a mãe murmura
E, sorrindo, em funda prece,
De joelhos permanece
40 Ante o lenho de Jesus.

E corria a noite! E ela
Sempre imóvel junto ao berço
Em carinho o lábio imerso
De ternura maternal;
45 E ao menor ruído em torno:
— Por piedade! Meu filhinho
É de pouco dormindinho
Não o acordem! Faz-lhe mal.

O Cruzeiro mais fulgia
50 Na amplidão do firmamento;
Foi talvez contentamento
Pela estrela que nasceu!
Foi talvez! Que a linda Vésper*
Percorrendo os mesmos trilhos
55 Também veste os mesmos brilhos
Com que nunca resplendeu!

A manhã purpúreas pétalas
Já desfolha sobre a terra,
E ela, a pobre! ainda encerra
60 A esperança tão falaz!
Nutre ainda o louco sonho
De abraçá-lo e mil boquinhas
Imprimir-lhe nas covinhas
Que o mimoso rosto traz!

65 Aprazível, doce engano
Entre o berço e a sepultura!
Bem ligeiro e mal que dura
Eis a vida tal qual é!
Não despertes!... não despertes!...
70 Há manhãs que são de dores,
Que em espinhos trocam flores!
Há manhãs que são sem fé!

Pobre moça, que desgraça
Do frouxel* do mole ninho

* Ver Glossário

75 Vão tirar o seu filhinho
 E rojá-lo em duro chão!
 Fica pálida, sombria...
 O líoz* não é mais branco,
 Logo salta e dum arranco,
 80 Qual rugir do furacão:

Não! não! brama. Não! Meu filho
 Não o acordem, que ele dorme.
 E lutou, em luta enorme!...
 Mas venceram-na, por fim.
 85 Pobre mãe! Em desalento
 Passa os dias sem palavras,
 Que no peito fundas lavras
 O infortúnio fez assim...

Está louca, mas tranquila...
 90 Raro fala, que tem n'alma
 Como a eterna fixa calma
 Que a procela* nos prediz.
 Neste espasmo dos sentidos,
 Clarão vago da existência,
 95 Cintilando, a consciência,
 Que ela vive inda lhe diz.

Então fita o céu dum modo
 Que faz pena, tanto a mágoa
 Nos seus cílios rasos d'água
 100 Se desenha tão atroz.
 — Dormindinho — ela soluça,
 E o mataram! Tão bonito...
 E nos céus com o olhar fito
 Não se lhe ouve mais a voz.

1879

QUE SERVE⁶³

Que serve ser austero na virtude,
 Pondo um freio aos acessos da paixão;
 Que serve no estuar* da juventude
 Os ímpetos domar do coração:
 5 Passar dias de tanta prova rude
 De cruel sofrimento e amargo pão?
 Que serve ter caráter puro e nobre,
 Se não é nobre, ilustre quem é podre?

Tudo é podre, poluto sobre a terra,
 10 — Este imenso, mefítico paul*!
 Corrosiva peçonha tudo encerra!
 E a moral perseguida foge êxul*
 Em busca do horizonte que descerra

* Ver Glossário

15 Mundos de doce em céu azul;
Foragida demanda o largo espaço,
Que o seu domínio aqui se torna escasso.

Corrupção só! E o vício que campeia
E em cada coração erige altar!
20 Por toda a parte a crápula pompeia,
Por toda a parte o crime a cavalgar!
E a cândida inocência se pranteia,
Flébil s'estorce, em vão a soluçar!
Ó quadros negros, cenas de meus dias,
Melancólicos dramas de agonias!

25 Quem mais desce e se atufa* na impureza,
Mais galardões conquista, é mais feliz
Do que honrado varão que tem nobreza
Em feitos que bem alto a fama diz:
É mais feliz na sânie* da torpeza,
30 Curvando a potentados a cerviz,
Vendendo os sentimentos a dinheiro,
Para ele – único Deus e verdadeiro.

E no entretanto busco-te, ó desgraça,
Se em alma sem remorsos vens a flux*;
35 Pois no val* onde tudo surge e passa
Como a flor que um instante nos seduz,
O que é a leve dor que nos trespassa,
Se além vê-se um fanal* de eterna luz?
Se resgata-se a tortura dum momento
40 Pela vida imortal do pensamento?

Sonhos de moço, santas utopias,
Esplêndidas e doces ilusões,
Viveis sempre nas minhas alegrias,
Mudem-se muito embora as estações;
45 Sois sonoro alaúde de harmonias,
Sois a bíblia de puras tradições!
Coração com a têmpera da incude*
Sabe vencer armado da virtude.

Qual escolho no meio do oceano
50 Que vai quebrando, impávido*, de pé.
De mil maretas* o furor insano;
Qual venerando e secular ipê
Ao bufo aterrador do minuano,
É assim a alma que vigora a fé;
55 Encapele-se o mar e ruja o vento
E vê-la-eis entestando* o firmamento.

1877

* Ver Glossário

O SINO⁶⁴

- O sino se balança
 E lança
 Nos espaços a voz,
 Que freme
 5 E geme
 Ora doce, ora atroz.
- Falando à branda brisa,
 Que frisa
 A lisa tez do mal,
 10 E manso
 Remanso
 Que convida a cismar.
- Falando à ventania
 Que alia
 15 Perigos ao terror,
 Bimbalha*,
 Espalha
 Seu ingente* clamor.
- Se tange o triste dobre
 20 Por pobre
 Que da vida se alou,
 Dolente
 Se sente
 A mágoa que o passou,
- 25 Se em festas se despica,
 Repica
 Gratos, festivos sons,
 E n'alma
 Espalma
 30 A flor dos ricos dons.
- Se a matinas* convoca,
 Evoca
 O canto que seduz,
 Que implora,
 35 Na aurora,
 A Deus, a eterna luz.
- Ao toque das Trindades*,
 Saudades
 Nos peitos faz pungir;
 40 S'abisma
 Na cisma
 Quem pensa no porvir.

* Ver Glossário

Esta hora que magoa,
 Reboa
 45 Bem lá no coração,
 Quais notas
 Remotas
 De tempos que não são.

Quando em negro horizonte
 50 A fronte
 Pender-me ao por do sol,
 Derrama
 A gama
 Das aves no arrebol*.

Não quero luto e pranto
 Que o encanto
 Perdera o festival,
 Sim, quero
 E espero
 60 Alegre funeral.

Saúda a renascença
 Da crença
 Da vida em novo ser,
 E a escala
 65 Badala
 Em notas de prazer.

(1904)

O CÉU⁶⁵

I

 Salve; ó imensidade,
 Val* de eternos clarões,
 Arcano fundo na complexa teia
 Onde revolvem sempre
 5 Tantas constelações!
 Onde reflete-se, inundando o espaço,
 A imagem desse ser que não conheço,
 Mas de quem sinto as mil cintilações,
 Que vêm bater-me n'alma,
 10 Quão grande é ele e quão pequenos somos!

Como desce-me ao seio a doce calma,
 Quando arroja-se a mente ao prado azul
 Das amplidões celestes,
 E em adejo veloz de norte a sul,

* Ver Glossário

- 15 Procura soletrar seu nome santo
 Envolto no mistério
 De impenetráveis vestes!
- Salve; ó imensidade,
 Vasta área de harmonias!
- 20 E tu, musa, bondosa e doce amiga,
 Que do mal da descrença em atros* dias,
 Numa crise cruel,
 Meus passos sustentaste na fadiga,
 Sócia minha das mágoas e alegrias,
- 25 Companheira fiel,
 Conduz-me aos luminares
 Que marchetam os ares,
 Abre-me as belas cenas do painel...
- Vamos, pando* o remígio*,
 30 Além, além no rápido batel*
 Que leva rosas em festão nos mastros,
 E por velas mimosas borboletas;
 Batel* da fantasia
 Nos mares do prodígio,
 35 Ancorando nos astros...
 Vamos, pando* o remígio*!...
- Eis-no a flutuar pelos espaços
 Livres dos térreos laços!
- 40 Atrás, a Terra, Vênus, cujo raio
 Vivido ainda agora
 E agora num desmaio!
 Ah! É que surge a aurora!
 Era noite ao partir e já o sol,
 Como imenso farol,
- 45 No caminho que vamos, vem guiar-nos,
 Porém, sem o matiz de cor dos prismas
 Que à frente da donzela doura as cismas,
 No descambar da tarde,
 Flor da melancolia
- 50 Que as pétalas descerra
 Quando ele já não arde!
 Agora ei-lo — ígnea roda em chão de asfalto,
 Vulcânea fauce* em cima dum planalto.
- Em frente já descubro
 55 Crescendo em dimensões
 O orbe de eflúvio* rubro,
 Com suas criações
 Como as nossas em mares, continentes,
 Em cútis cor da neve,
- 60 Em vegetais de túnicas frondentes.

* Ver Glossário

Pouco adiante centos de luzeiros,
 Vastíssimo arquipélago de grumos*,
 De cósmicos argueiros,
 Surgem brilhantes em derrota certa,
 65 Sempre nos mesmos rumos,
 Cruzando alígeros na senda aberta.

Ó digressão que mostras quando é vária,
 Multiforme, opulenta a natureza
 Jamais estacionária,
 70 Que sempre inventa moldes da beleza!
 Que até neste proscênio*
 De exíguo pedestal
 Mostra rasgos de gênio,
 E de gênio que é sempre original!
 75 Eclipsam-se poemas dos Camões,
 Ousadias dos Dantes,
 Amortecem palhetas do Timantes*
 A tais decorações!

E a tudo presidindo a cada instante
 80 O mesmo pensamento,
 Que embora em diminuto monumento,
 Se grava, se perdura cintilante.

Um gigante perfila o seu cortejo!

Iça a bandeira, insígnia de festejo,
 85 De preito que se presta,
 Barquinha que divagas sobre as ondas
 Desse oceano de gazes e de blondas...
 É festa agora, é festa!
 Iça a bandeira e nela ramos prende
 90 Como homenagem digna que se rende!

Ei-lo que nas alturas se distende,
 — Mundo titão* ao nosso comparado,
 Na órbita que lhe marca eterno fado!
 Ei-lo com quatro preciosas gemas,
 95 De esplendor que na terra não dispensam
 Milhões, milhões de estemas*!

Ali, a noite é breve, é breve o dia,
 Uma só a estação – a primavera;
 E o que entre nós não passa de quimera*,
 100 De sonhos da poesia,
 Naquele ponto de extensão sidérea
 É verdade inculpida na matéria!

Porém... espasma o lábio, a mente espasma,
 Que Saturno desdobra a procissão!...

* Ver Glossário

- 105 Velho no nome só, que a mocidade
Lhe bulha* sem cessar no coração!
- Oito luas se incrustam
Lá no seu firmamento.
Quanto deslumbramento!
- 110 Que delírio de sombras
Do planeta correndo nas alfombras*!
De sombras que parecem
Em vórtice insensato!
- Cinco anéis ao redor, aéreos cimbres:
- 115 Uns – sólida estrutura, outros regato
De linfa* incandescente
Que escoa em música de raios timbres;
Outros enfim de bruma transparente
Como ténue velilho* em rosto lindo!
- 120 Que cenário magnífico! Que gente!
Vão lento e lento os olhos descobrindo!
- Ó segredo das formas indizíveis!
Ó plástica do belo que se ignora
No mundo que habitamos!
- 125 Singulares recamos*
À luz que doutro modo ali colora;
Moradas que entre nós não tem modelo,
Estranha arquitetura
Como visão que nasce em pesadelo;
- 130 Paisagens que o só vê-las traz encanto,
Traz vertigem, traz febre, traz tortura!
Basaltos colossais, moles de gelo
Que extinguem o perfil dos Himalaias!
Já basta, musa amiga,
- 135 Já basta, não descrevas tais portentos,
Que a palavra não tens ao pensamentos!
- Vamos, gentil barquinha, destas praias;
Âncora leva, e da partida o grito
Desprende, desferindo a vela aos ventos...
- 140 Ao largo! Ao largo! nos mares do infinito!
Ao largo! Segue a trilha que nos mostra
O romeiro crinito*,
Surgindo além num manto de escumilhas,
Aparição que em medos sempre prostra
- 145 O homem, mescla de pó e maravilhas.
- Ao largo! Eia! Em Urano não paremos,
Nem nos ancoradouros netunianos,
Nem em longínquos ignorados mundos,
Há séculos cometas peregrinos,
- 150 Hoje servos do Sol, hoje curvados
À lei de novos fados,
Tendo perdido tudo:

* Ver Glossário

A parábola audaz na marcha ovante*,
 A dispersa madeixa rutilante!
 155 Quão diversos já são no aspecto rudo
 Da triste superfície
 De calvas e graníticas montanhas,
 E nas profundas rugas da planície!

Vamos além, transpondo-se a fronteira
 160 Dos domínios solares,
 Desferida a bandeira
 Do sutil éter nos fecundos mares.
 Mas onde o rumo no infinito espaço?
 Onde o porto? Onde o faro? Onde o caminho?
 165 Ah! enfim eis um feixe luminoso
 Que rola como arroio caudaloso
 De ondas em torvelinho.
 Remontemos seu curso, procurando
 O núcleo, cujas piras
 170 Pelos raios que dão, iluminando,
 Devem ser de safiras.
 Miríadas* de léguas e inda longe
 A nascente de luz!
 Passamos já o mundo dessa Andrômeda*
 175 Que tanto nos seduz
 Nos vários dias d'ouro e de esmeralda;
 Que nova maravilha, a nós ignota,
 Agora nos desfralda
 Em meio da derrota.

180 E inda nada! Parece que é sem termo
 A senda em que vamos!...
 Mas... portenhoso caso! É só um rastro,
 Uma esteira de intensa luz que um astro
 Deixou outrora na amplidão celeste,
 185 Há um milhão de lustros, e seus brilhos,
 Como na terra a fama dos heróis
 Embora à sombra triste dum cipreste,
 Inda percorrem refulgentes trilhos,
 Inda memoram da finada estrela
 190 A longa e bela história aos outros sóis.

II

Viva espadana* veio despertar-me
 Sobre o fastígio* de virente* monte,
 195 Onde à noite tombara em doce arroubo
 Ante os quadros de fúlgido horizonte.

O pensamento livre nos espaços,
 Esquecido, afinal, deixara o mundo,
 Imerso todo em júbilos
 200 Do indizível no pélago profundo.

* Ver Glossário

O sol brilhou, e despertei da cisma
 À luz das multicores fantasias.
 Que manhã e que tela a natureza!
 E pelos ares quantas harmonias!
 205 Que encantos ao pincel da bela aurora
 Que as florestas e páramos* enflora!
 Que canções de suaves melodias!

Ó sol, eu te saúdo e sou apenas
 Uma de tuas réstias transformadas,
 210 A criação de mínima parcela
 Dessa luz que despedes às golfadas,
 E em toda a parte sempre cristaliza-se
 Em organismos de vital alento;
 Eu te saúdo, ó sol, eu te saúdo,
 215 Em hino pobre e rudo!

Mas tu não és senão reflexo tíbio,
 Pálida tradução dum Deus supremo,
 Desse Deus que o desvairo humano insulta,
 220 Nega, fulmina em seu clamor blasfemo,
 No tripúdio das crenças mais sublimes,
 Quando a ti, sol, a ti, feitura apenas,
 Cultos rende, ovações d'amor tributa,
 Em ara suntuosa, em vasta<s> cenas!

Tu, o mais eloquente simulacro
 225 Do problema eterno, só mistérios
 Nos penetrais* sidérios,
 Tu, que és o lume sacro,
 Em rutilante esfera,
 D'eflúvios* emanados sempre dele,
 230 Leva meu débil canto,
 Que é só da gratidão a voz sincera.

1879

PSIQUE* ⁶⁶

Não foste a golpes d'escopro*
 Moldada Psiquê* formosa
 És como o eflúvio* da rosa,
 Matutino, eólio* sopra.

5 A tua límpida essência
 Mana de origem celeste,
 O manto que te reveste
 Trai uns tons d'opalescência.

223 vastas] vasta FM. Acréscimo para concordância nominal. // * Ver Glossário

- 10 Viva réstia duma estrela
É tua íntima substância,
Aérea como a fragrância
Passa e não se pode vê-la.
- 15 Deus se encarna proteiforme*
Da vida em cada borbulha,
Como em nimbos a fagulha,
Em seixos calor enorme.
- 20 És tu, Psiquê*, a alma humana
Que a Grécia concretizara;
Falena* em beleza rara,
Procurando a luz, insana.
- Dura provança* te apura
Dos anos por largo espaço,
Até que alfim* cais no braço
De aurora que sempre dura.
- 25 É o céu! Despes a argila
Túnica ardente de Nesso*,
Mármore rijo de Marpeço
Que afoga a vivaz cintila*.
- 30 E adejas, as asas pandas
No éter puro do infinito,
No sol eterno o olhar fito,
Sob o aflar d'arangens brandas.
- 35 Do amor nos domínios vastos
Colheste a flor da esperança,
Levas da terra a lembrança
Dos beijos puros e castos.

1898

DEUS⁶⁷

- 5 Deus!? profundo mistério que domina
O espaço e o tempo, a luz e a treva, e os mundos
Dos céus esparsos n'amplidão sem termo!
Causa fecunda que não teve causa,
Que em si concebe, em si modela os orbes*,
E essas místicas leis que à vida os prendem!
- 10 Deus!? voz tão breve ao balbutir dos lábios,
Como tímida nota que ressoa
Na lira, cujas cordas frágeis dedos
De leve ferem, trêmulos, a medo!

* Ver Glossário

- Fiel, pura expressão do pensamento
 Num oceano de luz que dá vertigens!
 Imagem do infinito no finito,
 Fascinações trazendo a seu lampejo,
 15 Mais que às retinas sobre o sol fitadas!
 Gota d'água que os céus em se reflete,
 Desfazendo-se em chispas deslumbrantes!
 Imensa luta no sacrário d'alma,
 Torvelinhar* de ideias que se embatem,
 20 Entusiasmo, admiração, terrores,
 Alegria, pesar, anseio, espasmo,
 Prodígio após prodígio em cada instante!
 Vacila a mente humana e ao lábio foge
 Mal formada palavra: Deus! somente!
- 25 Deus!? Desde a pétala do branco lírio
 Até o tronco dos titãs da selva,
 Desde a montanha sobraçando a nuvem
 Até o sol que a imensidade mede,
 Teu nome eu vejo cinzelado em tudo;
 30 Desde os acordes de fagueira brisa
 Até os silvos do tufão tremendo;
 Desde o riacho a murmurar na margem
 Até a vaga a s'estorcer na duna;
 Teu nome eu ouço repetido em tudo.
- 35 E no entanto, quem és, que em vão procuro
 Ter uma concepção que a ti semelhe?
 Eu nada sei!... Porém és forte e grande,
 Tão grande, que nem posso conceber-te!
- 40 Apenas sei que existes; tudo ostenta
 Em indeléveis traços teu domínio.
 Mas onde e como? Nada o diz, nem ousa
 Por esta senda aventurar meus passos;
 Balizas tenho em minha própria essência.
- 45 Ah! Se me fora dado a mim que vivo
 Na estreita arena dum planeta humilde,
 A mim, fraca vergôntea*, pobre argueiro*,
 Que um divo* pensamento eleva e anima,
 Mas em luta incessante a debater-se
 A cada grão que da ampulheta tomba...
 50 Ah! Se me fora dado ver-te o rosto,
 Não foras Deus, e teu rival eu fora!...
- Vaidade das vaidades, louco sonho,
 Que no gênero humano a febre gera!
 Ele que cada lauda dos seus fastos*

29 tudo;] *tudo*. RPL. // 31 tremendo;] *tremendo*, RPL.// 33 duna;] *duna*, RPL.// * Ver Glossário

55 Comprou-as por mil anos de trabalhos,
 E ciência oscilante transfundida
 Em hipóteses falsas, graves erros,
 Ele nega-te à face do Universo!
 Calca no orgulho insano os santos dogmas
 60 Da verdade, do belo, da justiça,
 Da liberdade, da razão sublime;
 Pois quem recusa um Deus, recusa tudo.

E o Universo levanta-se num brado
 Contra os ateus e as gerações bastardas
 65 Que desta vida para sempre exilam
 A aurora da ventura e o calmo sono;
 E a crença esfolham dum porvir risonho,
 Além!... Além!... por ignorados édens !
 Além!... Além!... por luminosas zonas !
 70 Jardins florentes, ascendente escala,
 Por onde exalta-se a substância etérea
 De progresso em progresso, sempre avante,
 Até sumir-se do arquiteto augusto
 No seio imenso!... É ilusão!? Quem sabe?
 75 Mas suave consolo, rocio* d'alma,
 Nas fases da existência sobre a terra;
 Ledo* fanal* que surge, guia e salva,
 Qual protetor santelmo* nas tormentas,
 Em que desmaia o coração em ânsias,
 80 É próximo o naufrágio e a morte certa.

Não há matéria só, existe a força.
 O que é ela? Quem sabe? Quem define-a?
 Ela recolhe os átomos dispersos,
 Os une, os amalgama, dá-lhes corpo,
 85 Feiçoa-lhes contornos, sopra a vida
 Que corre em seiva ardente, ao sol que brilha
 Cria os mundos, suspende-os nos espaços,
 Traçando-lhes rotas certas, equilibra-os,
 Em ordem admirável, quase incrível.

81-87. Esta estrofe substitui os seguintes versos publicados anteriormente em RPL:

*Adoradores da matéria informe,
 Inerte, sem alento; iconoclastas,
 Que, a Deus, dos capitéis aos céus alçados,
 Por terra derrubais, ídolos fúteis,
 Ocos fantasmas, filhos do desvairo,
 Erguendo em seu lugar, que audácia é esta?
 De que vos serve o estudo sem descanso,*

88-92 Esta estrofe substitui os seguintes versos publicados anteriormente em RPL:

*Que tanto blasonais? Pela ciência,
 Vossa força e broquel, não sois apenas
 A derradeira folha do planeta,
 A derradeira em data, não a última,
 Que a gêneses não para, marcha sempre, RPL.*

* Ver Glossário

- 90 O que é ela que assim produz prodígios;
Ela que à forma dá milhões de modos,
Ela, que inteligente enche o infinito?
E noutra crise às contrações do globo,
Outro ente mais completo mais perfeito,
- 95 Virá na nova cena e nova vida
Tomar vosso posto e vossos títulos?
- Homem, o que sois pois? Um elo frágil
Que prende os idos tempos ao futuro...
E d'outras criações ligeiro esboço!...
- 100 Mas o átomo s'agita, se rebela
Contra seu criador que o sublimara,
Imprimindo-lhe à frente selo augusto.
- E o faz, diz ele, em prol do ser pensante,
Pois quer emancipar-se, quer ser livre!
- 105 Ó ciência de fátuas lantejoulas,
Vos abomino, que trazeis a morte
Ao coração que sente, às almas castas!
- E se o ser sábio pede apostasias*,
105 Apaga as crenças, mata a consciência,
Ó adeus para sempre, caros livros,
Meus companheiros e fiéis amigos!
Saudoso fico, mas não mancho a túnica
De homem e cidadão, desejo-a pura.
- 110 E tu, pena, que amei em áureos dias,
Nada vales! ... profanas, emurcheces,
Tisnas* ao teu contato!... e eu te quebro!...
Amo só instrumentos que edificam
E não terríveis armas que destroem!
- 115 E para meu consolo empunho o plectro,
Quero a lira vibrar, quero poemas,
Róseos sonhos, douradas fantasias;
Quero unir minha voz à voz de tudo:
Aos astros, às montanhas, aos regatos,
120 Às flores que desbrocham, às florestas,
Aos pássaros trinando alegremente,
Ao Universo inteiro que hinos tece,
E louvores a mil ao — Ser Supremo.

Iriema

1875

Recitada na 7ª sessão aniversária do «Partenon Literário», pela Exma. Sra. D. Florisbela Leite de Castro.**

ÍNDICE FLORES DA MORTE*

Invocação	5
Epicédio	9
Ferália	14
A Adalberto	23
A morte	25
O suicida	29
A Afonso Luís Marques	32
O cadáver	38
Ema	40
A matéria	42
Metamorfose	45
A convalescente	48
Tijupar deserto	52
Nênia (À morte de José de Alencar)	57
Lágrima da saudade	63
Na sepultura de um cão	68
Agrícola	71
Angelina	73
Dormidinho	76
Que serve	81
O sino	84
O céu	87
Psique	97
Deus	99

* Este índice é uma reprodução do índice de **Flores da morte**.

Observação

A publicação deste livro foi iniciada em vida de seu inditoso autor, que tencionava fazer pessoalmente a revisão das FLORES DA MORTE; o destino assim não o quis.

Haja pois, o leitor de relevar algumas faltas ou incorreções que acaso encontre.

POEMAS EM PERIÓDICOS

REVISTA *ARCÁDIA*

A BANHISTA⁷⁰

Por Apolinário Jesuíno Gomes Porto Alegre*

I

- Daquele copé* selvagem,
 Sob a sombra dos cocares
 De viridentes* palmares,
 Ela – donosa* miragem –
- 5 Lançou-se aos frisos dos mares,
 Ligeira como a cotovia
 Sobre as folhas do sertão,
 Qual socó* que as águas busca
 Vindo da etérea amplidão.
- 10 Na praia de branca areia
 De lindas conchinhas cheia,
 Despe a virgem indiana
 As plumas e a teba rala
 De piteira ou croatá*.
- 15 Ó mais sedutor não há
 Que seu corpo em nua gala
 Às luzes do firmamento!
 Ó que contornos suaves,
 Livre a nitidez de linhas
- 20 Já dos despojos das aves!
 A pele é de sumaúma*,
 Se é tão macia ao contato!
 Os dentes condensa bruma,
 Tão alvos e puros são
- 25 No engaste* dos rúbeos lábios!...
 Ó o lábio! Que paixão
 Em seus beijos não instila!
 Que amores! Não são mais doces
 Os favos da mandaçaia*!
- 30 Que fogo! Não queimam mais
 As áscuas* que o sol espraia,
 Dos píncaros do Equador.
 E os olhos?! Nem mais fulgor
 No diamante não há,
- 35 Nem é duma cor mais negra
 O cerne do beribá*!
 E os braços que estreitam fortes
 — Enredças de volúpia,
 Como se dobram no peito,
- 40 Encruzando as mãos com graça?
 E, como o pezinho afeito
 Às alfombras* da relva,
 E às folhas moles de selva,
 Senta no arenoso leito
- 45 Da solitária paragem!

* Ver Glossário // * Ver Notas

E os cabelos pelas espáduas
 De divina carnação?
 Como ondulam aos tremores
 Que, mil incêndios de amores,
 50 Imprimem ao coração!
 Bela, formosa indiana,
 A que vens neste lugar?
 Por que de teu tujupar*,
 Correste em carreira insana?
 55 Ah! já sei! no gesto dizes!
 Vieste num frio mar
 Um mar de fogo apagar.

II

A vaga soluça no frio areal
 Em frocos* de espuma;
 60 E a lua faceira na nívea roupagem
 Nos ares se apruma.

Do bojo da vaga, que volta fremente
 Um vulto destaca,
 Bem qual guabiroba* que o ramo soltou
 65 Na lesta ressaca.

E como a gaivota das terras da pátria,
 Mergulha sem medo;
 Ó filha da América, os monstros não temes
 Do mar no degredo?

70 Não podes temê-los, que em almas tão cândidas
 O medo não vem;
 É só de odaliscas, mulheres venais
 Nos banhos de harém.

As virgens da América beijos não vendem
 75 Ao som do metal;
 No entanto consomem em vivo deleite
 A força vital!

Tranquila discorre nos folhos* das águas
 — Pétala de dália;
 80 Náiade* mimosa, poética musa
 De nova Castália*.

As ondas submissas titilam-te os seios
 E tremes, nadando!
 E voltas corada, e não sabes por quê,
 85 E paras, cismando!

* Ver Glossário

Um sonho pulula, não sei o que seja
 Apenas sorris!
 Que dúbio sorrir que o cotão* arrepia
 Das formas gentis!

90 E, queda, gotejam da pele de jambo
 Mil gotas de orvalho,
 Assim de manhã dum penacho de flores
 Na ponta de um galho.

Mas logo brincando mergulhas de novo
 95 Bem como a gaivota...
 Ó quadra* gazil* dos amores e risos,
 Que nada desbota!...

III

É tarde! No espaço e nos campos a lua
 Derrama e difunde mil raios de prata,
 100 E a terra ressona em profundo letargo
 E místicos carmes* se soltam da mata...

Nas praias tão ermas um vulto campeia...
 Quão meiga visão nos sonhos de amores?
 Que anelos* ao vê-la no seio efervescem!
 105 Quão bela tão nua aos lânguidos fulgores!

Que formas sem par da brasília indiana!
 Que fogo na cútis em ânsia abrasada!
 Tão bela, sozinha nas orlas do mar
 Dos bosques brasílios direis a fada.

110 Matizam-lhe o corpo as pérolas do banho,
 Os pomos ardentes são ondas sem freio!
 Do mar os frescores na terra dos trópicos
 A sede não matam que ferve num seio.

Os olhos na cor como o manto das noites,
 115 E como as madeixas que aos ombros lhe caem
 Relâmpagos despedem em línguas de fogo,
 Furtivos lampejos que a vida retraem!

Do lábio tremente em espasmos de gozo
 O hálito lhe foge em cascatas de aroma,
 120 Em tufos na artéria o sangue lhe corre,
 E em rúbeos reflexos ao rosto lhe assoma.

Quem dera nos braços da jovem banhista
 A vida fundir num só beijo de amor!
 O néctar sorver na flor da boquinha...

* Ver Glossário

125 Veneno que fora... sorvera sem dor!
 Morrera contente co'as faces unidas
 À tez de cetim da fervida indiana,
 No amplexo* febril em que pulsa-lhe a fronte,
 Num longo delírio de sede vesana*...

130 Florida estação de virentes grinaldas
 Com viço tão fresco ao tûmulo doara...
 Que importa! Se a vida na leiva* de cardos*
 O beijo não val* que um vulcão apagara!

Porto Alegre, 1868

O UNA SONRISA AUNQUE LEVE!⁷¹

— Zorrila. —

(RECITATIVO.)

Visão de amores, que vieste um dia
 Na luz que envia o alvorecer de Agosto,
 Não fujas longe, vem beijar-me o rosto,
 Que do desgosto tem a cor sombria.

5 Nas rugas densas do horizonte escuro
 Vejo o futuro dum bulcão* surgindo;
 Corre meu anjo e com teu gesto lindo
 Apaga rindo tão funesto auguro.

10 Inda um sorriso sobre as duras penas
 Ao lábio apenas descorado vindo,
 E tanto basta no sofrer infindo,
 Em que deslindo mortuárias cenas.

15 Leve sorrir! mais não quero em vida!
 Gota vertida na corola exausta...
 Voa a mudar essa existência infausta
 Que já me afasta da mundana lida.

20 Um só sorriso! Inda que leve seja!
 Que se espanje do teu lábio à flor...
 De volta à vida em delirante ardor,
 Terás amor que só no céu viceja.

Lira cadente de harmonias cheia
 Verás – sereia – com teu nome santo;
 Serás a fada de fulgente encanto
 A quem num canto minha voz alteia.

* Ver Glossário

25 Salva o cantor da sepultura à borda,
Do amor a corda lhe desperta n'alma,
Mostrando um éden em fagueira calma
Com a áurea palma que o porvir recorda.

Sê o santelmo*, que concede ao nauta
30 A senda cauta na feroz procela*,
Sê doce guia, mais que um anjo bela,
Que mais revela que o dulçor da fruta.

O teu sorriso como ameno orvalho,
Que em murcho galho ressuscita a flor,
35 Virá furtar-me a sepulcral palor*,
Dar-me valor em tão atroz trabalho.

Ó um sorriso inda que leve seja!
Que se espanteja do teu lábio à flor!
De volta à vida em delirante ardor,
40 Terás amor que só no céu viceja.

Porto Alegre, 1868

HOMENAGEM⁷²

Só dupla majestade, apenas duas,
Me fazem amerger* a fronte altiva;
A de Deus que modela a voz do gênio,
A do gênio que Deus em cantoS verte.

5 Inda que morto – rei, que não definha
Quem em cada momento deu primores,
Que não morre Homero, nem Mozart,
Nem Malibran*, perece embora o mundo.

Dos evos* a rasoura* não consente
10 Maravilhas da diva Babilônia*;
Obeliscos que ao Nilo dominavam;
Peristilos* da Grécia, dessa Grécia,
Onde a pintura engana aos passarinhos.

E Fídias* do cinzel abrolha* Júpiter;
15 Os capitéis e astrágalos* de Roma,
Que hoje jazem no pó entre ruínas,
E nem sequer da soberana antiga
Dizem a glória que assombrara os povos!

Morte, tu que exterminas a matéria,
20 Tu que passas qual hórrido efialta*
Entre as raças e os filhos de Epicuro*,
Tu, que ruis impérios poderosos,
Alcaçares* e tronos avassalas,
Que não respeitas pórfidos* ou bronze

* Ver Glossário

- 25 Por que do gênio a c'roa não desfolhas?
Não a soterras em feral* olvido?
- Nem Deus! Que é impossível que ele o núcleo
A fonte que dimana* eternas luzes,
Destruísse a si mesmo – que alto engenho
- 30 Apenas o reflete. O efeito existe,
Às faces fulge-lhe divino selo...
Obliterá-lo a causa?... É impossível.
- O gênio é Deus que fala, que resplende
Na térrea soledade, no Universo,
- 35 Pela voz de alguns homens entre muitos.
É a ideia – áureo fruto nato d'alma, -
Rebentando profícua qual semente
Na víscera da terra.
- Sócrates ou Moisés, Newton* ou Fulton*.
40 Leibnitz* ou Gusmão*... Que importa o nome?
Se são do Senhor sempre eternos lumes*!
- Só dupla majestade, apenas duas
Me fazem amerger* a fronte altiva,
A de Deus que modela a voz do gênio,
- 45 A do gênio que a Deus derrama preitos.

Porto Alegre, 1868

PRIMAVERA E MORTE⁷³

- Ó tão cedo vais romeiro
Por tão alpestre carreiro
Teus verdes anos findar!
O que impele teu fadário?
- 5 Por que buscas solitário
Esse ermo em que vens chorar?
- Acaso do mundo as galas,
Da mulher as meigas falas
Já não te podem prender?
- 10 Só mortal palor* na face,
Onde a vida não renasce
Com um riso de prazer!
- Na pupila em frouxas cores
Só vejo um raio de dores,
- 15 E a morte que te fascina!
Que tens mísero poeta?
E qual peçonhenta seta
Envenena tua sina?

* Ver Glossário

- 20 Por que essa decrepitude
 Que até te veste o alaúde?
 Esse sorriso prematuro
 — Triste goivo em primavera
 Que há tão pouco inda viera
 Abrir à luz do futuro?
- 25 Vergando a fronte me dizes:
 “É o porto de infelizes
 A soidão* do frio túmulo;
 Deixa, deixa, que aí caia
 Quem se tortura e desmaia
 30 Dos males levando ao cúmulo.”
- Qual a causa da tortura
 Que teu viver amargura?
 Que teu canto saturou?
 35 Lobrigo negro mistério
 Por entre o crepe funéreo
 Que teus anos enublou.
- “Talvez um anjo a chamara
 Quem a visse!... Se enganara!
 Deixa, porém... Não importa
 40 Quem ela era, quem fora!
 Existe somente agora
 Mais uma esperança morta!”
- E o pobre cantor calou,
 Sobre o lábio sufocou
 45 Um só nome de mulher.
 Mais não disse. Coitado!
 Já no pélago do fado...
 Só lhe restava morrer!

Porto Alegre, 1868

MURMÚRIOS⁷⁴

- Que murmúrios são esses que falam
 Nos abismos, no mar, no arvoredo?
 Que profundo, sublime segredo
 Eles sempre nos podem contar?
 5 O que são? a que vem? o que fazem?
 Serão gênios de essência divina,
 Vago arpejo* que o céu dissemina
 Nas folhas, na brisa e no mar?

* Ver Glossário

- Que suaves terríveis nos surgem!
 10 Como estranhos ao peito nos falam!
 Ora notas eólias* trescalam,
 Ora as vozes de triste memento*.
 Invisíveis que buscam a terra?
 Se são anjos, o são de ventura?!
 15 Suas asas de estreme* candura
 Por que roçam num globo poento?
- Por ventura celeste missão
 Envencilha-os* eternos no mundo?
 São do limbo o ruído jucundo*,
 20 Que de longe na terra reboa?
 Mas por que mil gemidos de dores,
 Mas por que de tristeza também
 A revezes soluços nos vem,
 Ecos tristes que um peito magoa?
- 25 Ó não creio celestes espíritos.
 Sons que fogem do sólio* de Deus...
 Da grandeza sem termo dos céus
 Não se soltam gazeios de morte.
 De poetas são almas errantes,
 30 Magos tons que despertam na lira,
 Agra* nênia* na voz, que suspira,
 Que recorda os tormentos da sorte?
- Ó que trenos* na sombra dos bosques,
 Na coxilha, na verde campina,
 35 No regaço da flor que se inclina
 Entre trevas e raios de dia!
 E que múrmur* dos seios das ondas,
 E nas asas da brisa plangente*,
 Múrmur* fundo dum peito que sente,
 40 Que desata-se em mesta* harmonia!
- São ou não de poetas os cantos?!
 E quem sabe de meigas donzelas,
 No sepulcro murchando as capelas*
 Não traduzem anelos* sem fim?
 45 Elas – tristes que a vida deixaram,
 Cujo seio de amor não pulsou,
 — Lindas flores que a morte ceifou
 Co'a pureza de branco jasmin!...
- Eu não sei!... de poetas ou virgens,
 50 Se um respiro de amores traduz!
 Da vestal cuja aurora reluz
 E vai logo na tumba ocultar-se;
 Do cantor que má sorte fadara,
 Que em arroubos se lança na lida

* Ver Glossário

- 55 E que vai alquebrado da vida
 Afinal no suicídio afogar-se.
- Que murmúrios são esses na terra?
 Nota solia* ou soturno memento*?
 Eu não sei!... mas sublime lamento
- 60 Eu os creio de insano sentir.
 E se desce da tarde o crepúsculo,
 Se a penumbra desdobra o mistério,
 Como tangem seu doce salteiro*!
 Como fazem a cisma pungir!
- 65

Porto Alegre, 1868

ÚLTIMO SUSPIRO⁷⁵

- Feneço aqui – no mesmo sítio ameno,
 Onde sereno, doce amor gozei;
 Feneço elado da saudade ao seio,
 Ao grato anseio do que já passei.
- 5 Não te maldigo nesse instante extremo,
 Na hora que gemo em tão atroz tortura...
 Fazê-lo posso, que desdém de sobra
 Teu rir desdobra em meu mal sem cura.
- Mulher fatal, por que surgiste um dia,
 10 Ao sol que iria da existência as flores?
 Por que frisou-se com carinho infindo
 Teu lábio lindo de eternals ardores?
- Antes morrera no momento augusto
 Em que teu busto tão formoso vil...
- 15 Antes, meu Deus! Que não vertera tanto,
 Tão agro pranto, como já verti!
- Diz que fizeste do poema belo,
 Simples, singelo, do primeiro amor?
 Rompeste ó, louca, com leviana mão!
- 20 E o coração não te pulsou de horror!
- Feneço ... Embora! Não maldigo o braço
 Que do regaço me arrancou da vida:
 Qu'importa a angústia, essa penosa palma
 Que dentro d'alma desbrochou dorida?
- 25 Louca, não sabe quanto mal me fez!
 Quanta friez me derramou no peito!
 Como gelou o meu sorrir no rosto
 Que hoje o desgosto debruçou num leito!

* Ver Glossário

30 Adeus!... Adeus! Já outros mundos miro,
Mas o suspiro que afinal desprendo,
É teu ainda... Sê feliz.... Adeus!
Que junto a Deus minha homenagem rendo.

35 Não quero prantos... nem nos dar souberas,
Às primaveras que recebe a campã*;
D'alto cipreste me abandona à sombra
Na triste alfombra* que o silêncio estampa.

1868

SONETO⁷⁶

Com o nascer da vida começam as dores,
E de entorno dos anos se aglomeram cardos*!
E bem rasa se torna a perfumar de nardos*
Vivificantes bálsamos de belas flores.

5 De torturas constantes ferinos dardos
No coração se cravam e nos dão palores*,
Porém... Quem mais padece? Quem mais perde as dores?
Neste mundo de lágrimas que os tristes bardos?

10 Poeta, deixa a barca nos parciais* correr
Deixa... naufrague embora! O que nos vale a vida!
Sem um sorriso de amor, e sem amor colher?

Nada... Arrastá-la sempre em ascética lida!
Ó antes nunca vira o arrebol* nascer!
E mil vezes a morte que a descansar convida!

1867

AMANHÃ!⁷⁷

Amanhã! Campanário de infortúnio
Nos ares semelhante som verteu
Através da floresta!

5 Amanhã em um féretro meus restos
Irão juntar-se às pálidas esperanças,
Que cingiram-me a testa!

Amanhã na cratera imensa e funda
Da eternidade pousará meu nome
Em poeira de olvido!
10 Nem epitáfio e laje a cobrirão!
Nem o irrosar dum semblante amigo,
Nem um tênue gemido!

* Ver Glossário

Muito te amei, de amor que mata aos poucos,
 Muito! E essa cadeia, que Deus ampara,
 15 Tu quebraste, mulher!
 Ei-los – os elos santos pelo chão...
 Quis compô-la, em retorno só desprezo
 Dos olhos no volver!

Tive ódio, se pudera então na cólera
 20 Votar-te em holocausto o meu delírio...
 Quem sabe se o fizera?!
 Porém, horas volvidas, era um outro,
 Te amava muito, como te amo ainda,
 Sempre a vida te dera.

25 Amanhã! Para mim gélido leito...
 E na frígida leiva* do moimento*
 Sarcástico sorrir!...

Tu, talvez delirante, triste Ofélia,
 30 Desfolhes tua cândida grinalda
 Sem remorsos sentir.

1866

A UMA FLOR⁷⁸

Minha branca flor, que tens,
 Que assim no hastil* te debruças?
 Na brisa, que lesta vai,
 Que tens? Por que soluças?

5 Tu morres, ó minha flor
 À sombra do doce val*!
 Ó remanso que aí reina!
 Acaso te fará mal?

10 Porém... muda, langue pendes?!
 O regato não procuras?!
 Quem sabe! Diz quem te lança
 Num pélago de amarguras?

15 Conta, meu mimo de amores,
 O que causa tua tristeza?
 O que tua cores tira?
 Quem te trata com crueza?

20 Não escutas a avezinha
 Quem canta naquela veiga*?
 Entoa a canção da vida....
 Quão bela assim e tão meiga!

* Ver Glossário

- Não ouves de argêtea fonte
O perene deslizar?
Sua ondinha vai rolando
Sempre e sempre a harpejar.
- 25 Não ouves tu da floresta
Harmonias entre a coma*?
Do favônio* vesperino
A voz, que aos anjos toma?
- 30 Não vês a campina esplêndida,
O sol em vívido ardor?
A lua, que o céu campeia
Em seu manto de fulgor?
- 35 Tudo te sorri fagueiro!
Tudo te fala de amores!
É belo sorrir à vida
E gozar de seus odores.
- 40 Por que... pois tão cedo ainda
Pálida amerger* a fronte?
Murchar n'aurora, em botão!
Bem antes que a noite aponte!...
- 45 Tu te banhas na luz tépida,
Que a manhã deslaça ao mundo;
Vive pois, ó minha flor,
Quero dar-te meu amor profundo.
.....
.....
- 50 A linfa*, sua onda pura
Vai lento e lento rolando,
E as pétalas dum flor
Vai lento e lento levando.

1866

PÁGINA DO PASSADO⁷⁹

MUSA

- Na deserta praia onde teus passos levas,
Lá onde derramas com a dor o pranto,
O que vês de mescla com a branca areia?
Onde os resplendores de teu culto santo?
- 5 Bem como a maretta*, que s'espraia e morre,
Qual floco de brumas que a manhã desfaz,
Teu viver dum Éden não findou também?
Não foi destruir-se em alcantil* minaz*?

27 vesperino Possível erro de composição – vespertino // * Ver Glossário

10 Como são fugaces os enlenos d'alma!
Os instantes plácidos, que um ente goza!
Sereia não há que não nos chame à morte,
À par do perfume tem espinho a rosa!

É medonha a vida sobre um catre atroz
Por entre os palores* que o delírio traz;
15 Mas inda mais triste, se o marasmo vem,
Se do vate o rosto num sudário jaz.

Infeliz cantor, onde a magnólia casta
A florir no peito – num jardim de amor -?
Onde o favo meigo, que nos lábios tinhas
20 Difundido em carmes* de eternal fervor?

Eu sei já ... tu sofres perenais angústias!
A fronte reclinas ao bufar dos ventos,
Funerário crepe te envolve os traços,
Reiteram os ecos teus febris lamentos!

25 Na deserta praia em que sozinho vais,
Lá onde derramas com a dor o pranto;
O que vês, mancebo, em teu sonhar de fogo?
Onde essa visão em que cismavas tanto?

30 Pobre louco! Amaste com paixão fremente,
E nos beijos dela, da mulher infida*,
Tóxico libaste, que não tem triaga*!
Agora vegetas!... Que viver sem vida!

Ei-lo pelo lodo, duma crença falsa
O ídolo nojento, que adoraste um dia!
35 Ai do peito nobre, que avassala a alma,
E à vaidade estólida* seu canto envia!

POETA.

“ Adorei com fogo pudibundo* lírio
Banhado no rocío* de gentil manhã,
Não a flor dos beijos, que aos miasmas* punge,
40 Que aspirar-lhe os seios era glória vã.

“ A roupagem pura, que o Senhor me dera,
Por ventura eu fora marear* sem tino?
Se acaso caí e despenhei no abismo
Arrastou-me a vaga de fatal destino.

45 “ Pérola de Ofir* engastei eu no peito,
Eu tinha na mente de Golconda* um raio,
Ilusão mendaz*! Que extorquiu-me a seiva!
Vampiro sedento a cujos pés descaio!

- 50 “ Nas galas do prisma que o arrebol* espende
D'alva escumilha* a antevi num véu,
Cândida gaivota, que num lago boia,
Elegante sílfide que esfrola* o céu.
- 55 “ Foi melífluo sonho de asiática taça,
Que ao romper do dia docemente escoa;
Mas deixa tristonho quem o sonhou contente,
Mas deixa sem flores da esperança a coroa.
- 60 “ Talvez já maldito por profana boca...!
Flácidas já sinto minha crença e fé;
Mas inda altaneiro desse amor nos restos,
Inda mais terrível me ergueri de pé.
- “ Vês-me agora curvo, macilento e débil?
De fero tormento é o resquício ainda!
Convalesço já, ser granito anelo*,
E depois? Quem sabe! Que vingança infinda
- 65 “ Então no semblante funerário selo
Lápida final que me revista o peito!
Então o sarcasmo me ungerà os lábios
Granjeada seta no sofrer do leito!
- 70 “ Então ai da infame, que calcou-me às plantas!
Ai dos homens vis, que me riram às mágoas!
Serei o Oceano, que não verga o colo,
Eles a falua*, que é baldão* das águas.

1867

A FLOR E O COLIBRI⁸⁰

- Se o colibri de cambiantes cores
Uma flor murcha nos vergéis depara,
Flor desmaiada que crestara à sesta,
E já sem vida para o chão vergara;
- 5 Ele que o néctar de corola virgem
Somente liba, e no prazer reclina,
Sabeis, donzela o que pratica então?
Sabeis, que dor seu coração domina?
- 10 Suspende o adejo, nas asinhas paira,
Olha tristonho para a flor que morre,
Depois raivoso uma por uma as pétalas
Lhe arranca e atira ao vendaval que corre
- 15 Assim a virgem – linda flor da vida,
E o colibri – bem como o mundo insano,
Se ela mancha suas roupas níveas,

* Ver Glossário

Se a c'roa esfolha num paul* mundano

20 Realça a moça, pudibundo* véu,
Mimosa e casta na estação florida;
É bela sempre, se a capela cândida
Às tranças traz com frescor e vida.

Mas se sopisa – o sacrossanto emblema –
As brancas flores da laranja olente*.
Ai dela! Mísera! Morreu sem dúvida
E morre ao riso de sarcasmo ingente*.

25 A sempre-viva da virtude guarda
Eterna e vívida no seio teu;
És pura e linda: a mocidade esplende
Em dupla estema* que o Senhor te deu.

30 Quando na gaza transparece a cútis
Sem os rubores de profano beijo;
E quando d'alma no jardim mimoso
Não nasce um puro, perenal desejo;

35 Não há na terra colibri audaz
Que pulcras* flores espedace altivo,
Há ao contrário reverência e culto
Ante a madona em seu altar festivo.

1868

COARACI# * 81

I

Se a noite nas tabas as tribos despertam
Do povo valente da raça tupi,
Aos sonhos terríveis de imigos* que surgem,
De imigos* que velam nos ramos ali;
5 Que gênios são esses
 Que fá-las tremer?
 Que fá-los gemer?
Quem pode salvá-los, senão coaraci*?

II

10 Só ele despede nos raios de fogo
Por céus derramados de puro turqui*,
As setas que ferem noturnos espíritos,
Que pousam constantes nas terras daqui;
 Bondoso tirá-lo
 De nosso horizonte
15 Das sombras do monte,

#Coaraci – luz, como a chama o povo tupi – Nota do autor // * Ver Glossário

Quem pode fazê-lo, senão coaraci*?

III

Quem é que alimenta com sopros de vida
 Nas glebas da pátria loução* bogari*?
 Quem é que lhe veste nas folhas, no tronco,
 20 A seiva abundante que forra de si?
 Quem pode fazê-lo,
 Nas plainas dos céus,
 Ao mando de Deus,
 Quem pode fazê-lo, senão coaraci*?

IV

25 Quem dá-nos o brilho da pluma mimosa
 Da joia do mundo – o sem par colibri?
 As résteas provoca no leito cristaléo,
 Em que se revolve purpúreo rubi?
 O manto das noites
 30 Por certo não é;
 Digamos com fé:
 Quem pode fazê-lo, senão coaraci*?

V

Quem veste de flores risonha estação,
 Dá favos de néctar à doce jati*?
 35 Quem aos rios, mares, cascatas e bosques,
 Perene beijando-os, repete: Sorri?
 Quem diz-lhe: Vivei,
 E sempre derrama
 Mil flocos de chama?
 40 Quem pode fazê-lo, senão coaraci*?

1864

SAUDADE⁸²

La langue de Camões a un mot – saudade –,
 dont l'équivalent ne se trouve dans aucune autre.
Saudade – solitude, desir, regret tout cela à
 la fois.

EDGAR QUINET*

Saudade, linda flor que cresce e vive
 Nas terras de ultramar,
 Onde o pendão das quinas no ar tremula,
 E nesse berço esplêndido e sem par
 5 À sombra das palmeiras, embalado

* Ver Glossário

Dos sabiás aos cantos.
 Saudade, que és? Por que pálida e triste
 Esfolhas o sorriso em mar de prantos?
 Por que, embora amargosos teus acúleos*,
 10 Ferindo um seio terno, tem encantos,
 E na úlcera sangrenta mel destilam?

Saudade! Única pátria do proscrito
 E do coração mísero que geme
 Da amizade distante!
 15 Leito de rosas, que revestem puas*,
 Mundo de acerbas dores e carinhos,
 Onde lamenta o amante
 As ilusões de outrora, que talvez
 20 Mais não voltem em risos
 E sempiternas* galas!

Saudade, vem, derrama tuas falas,
 Quero ouvir-te, sereia,
 A esses reflexos lânguidos que a lua
 Lança na branca areia
 25 De silenciosa plaga;
 Merencórios* reflexos matizados
 Dos gemidos da vaga,
 Que, como tu, vem, chora em doces coplas,
 E volta a prosseguir em duros fados!

30 Vem, sê a musa cândida do vate,
 O anjo de seus cismares,
 Sob a copa virente*
 Dos brasílios pomares;
 Ó não fujas, eu te amo, filha triste
 35 Das horas do crepúsculo;
 Vem, do silêncio fundo do deserto
 Me encontrarás por certo.

Nessa choupana exígua sobre o cúspide*
 De fagueiras colinas,
 40 Ao descambar das tardes
 Vem ciciar as auras campesinas
 Profundas melopéias,
 E a juriti* soltar da selva escura
 Nas compridas aleias.
 45 Os módulos de queixas
 Que repercutem tristonhos como os dobres
 De funerário sino.

Vem, que nessa paragem, peregrino,
 Sem ouvir o tumulto das cidades.
 50 Contigo viverei alegre vida,
 E como o passarinho
 Terei em folhas a louçã* guarida.

* Ver Glossário

Gênio das cismas que o sofrer despertam,
 Doce melancolia que nos seios
 55 Punge da mãe ausente da progênie,
 E da cara consorte em diro anseio,
 Se o esposo longe está em plaga estranha,
 Vem, com os tíbios* raios que difundes
 Banhar-me a fronte mórbida e abatida
 60 Ao beijos do tufão
 De constante labor, de ímproba lida.

Amor puro d'extremes alegrias,
 Em que dois corações num só fundidos,
 Vão num arroubo aos céus,
 65 Foi em vão procurá-lo onde os sentidos
 Alcançam sobre o espírito a vitória.
 Sobre a terra o semblante da mulher
 Ilumina-se mais aos brilhos do ouro
 Que lhe refletem físico prazer!
 70 Os sentimentos nobres, alta glória,
 Ó não são o tesouro
 Que nos compra o sorriso de ventura!

Saudade, vem, sê tu meus amores
 Nos ermos das florestas;
 75 Aí teremos cândidos olores
 De cambiantes flores,
 Poemas viridantes* de poesia:
 Nos trilos* da avezinha,
 Na luz, que, pela cúpula se enfia.
 80 Dos selváticos bosques,
 Nas cascatas que gemem
 Eternas nênias* que ao Senhor remontam,
 No vento passageiro
 Que um mistério murmura
 85 Aos leques do coqueiro;
 Aí teremos dias agradáveis,
 Mil noites de luar,
 Que, embaladas em macas indolentes,
 Um éden de delícias a gozar,
 90 Esqueceremos que nos foge o tempo.

Saudade, filha mística dos ermos,
 Miosótis gentil do coração,
 Nos jardins d'alma dentre tantas flores,
 A mais bela que surge,
 95 Vem ligeira, sê tu meus amores.

Porto Alegre, 1868

* Ver Glossário

DESALENTO⁸²

Só...! Um deserto tudo em torno a mim!
 Nem um riso povoa a solidão,
 Em que meu peito geme inconsolável,
 Onde afogo no estudo o coração!

5 Bela matiza* o campo a madrugada,
 Doce dilúvio d'ouro inunda a terra,
 A esmeralda resplende da campina,
 A safira dos Céus a luz descerra.

10 Vibram os ares módulos de amores,
 A floresta palpita, tudo é vida!
 A primavera vem e meu soluço
 Se perde no rumor da eterna lida.

15 Só...! E a cruz da existência sobre os ombros!
 Ó eu quero viver, na flor da idade,
 Embora não se tema a mão da morte,
 À morte não pertence a mocidade!

20 Ó sim a vida! Que na artéria corre
 Impetuosa, em tufos de cascata,
 Quando debruço a fronte melancólica
 Que um raio de alegrias não dilata.

Mas por que me vergou roaz* desânimo?
 Por que amo da noite o tom silente*?
 E minha cisma acolhe-se à penumbra
 Abrindo as asas sob o sol poente?

25 Por que agora na orela desse arroio
 Venho a sós e sem tino vaguear,
 Verter suspiros na amplidão do bosque?
 Minhas nênias* unir às do palmar*?

30 Meu olhar sem destino rompe os ares...
 Que vejo? Que mistérios já desvenda?
 Em mim tristezas e a alegria preza
 Até das verdes folhas entre a renda.

35 Acima um baldaquim* de doce azul,
 Aqui límpida fonte que o retrata,
 Tapizes* onde aljôfares* rutilam
 E o dossel* secular da verde mata;

Lânguido murmúrio, notas ternas,
 Estalidos de beijos na floresta,
 A sombra e a luz, ostentação da vida...

* Ver Glossário

- 40 E eu? Só! Sem tomar parte nesta festa.
 Eu... só! Pálido e triste em verdes anos
 Como num descampado tronco anoso!
 Bem como o cupineiro que no prado,
 Campeia solitário e silencioso!
- 45 Que importam, primavera, teus primores
 Os convales* tapetados de veludo,
 O céu azul, a fonte e o passarinho?
 Se ao peito meu todo o Universo é mudo?!
- 50 O que me falta? Por que a dor sem tréguas
 Às vezes me mergulha a fronte em prantos?
 Por que na fantasia – um anjo vejo
 Vaporoso ideal de puro encanto?
- 55 Não sei... mas tu, Senhor, que os orbes* reges,
 Cristaliza meu sonho, dá-me vida,
 Como um anjo a meu lado irei votar-te
 Homenagem de amor enriquecida.

Morro de Sant'Ana, 1867

CANTO DO CAMPEIRO⁸⁴

- Avante, ginete
 Dos campos do sul!
 Quem pode contigo,
 Que, afeito ao perigo,
 5 A sanha* do imigo*
 Não temes, taful*?
 Avante! Galopa
 Num bom galopar;
 Os laços e as bolas,
 10 Ferinas pistolas
 Já fiz preparar;
 Avante, ginete,
 Num bom galopar!
- 15 O insulto reboa
 Em nossos rincões,
 Na verde campina
 Na alegre colina
 Que o sol ilumina
 20 Em plenos canhões.
 Avante! Galopa
 Num bom galopar;
 Os laços e as bolas,
 Ferinas pistolas

16 nosos Possível erro de composição – nosso // * Ver Glossário

25 Já fiz preparar;
Avante, ginete,
Num bom galopar!

30 O livre não teme
Pesados grilhões;
Valente e bravos
Opróbrio* d'escravos
Não temos ignavos
Em nossos brasões.

35 Avante! Galopa
Num bom galopar!
Os laços e as bolas,
Ferinas pistolas
Já fiz preparar;

40 Avante, ginete,
Num bom galopar!

45 Soberbo decênio
A história se agravou,
Decênio de glória
De eterna memória,
Que à luz da vitória
A pátria vingou!
Avante! Galopa
Num bom galopar!
Os laços e as bolas,
Ferinas pistolas
Já fiz preparar;

50 Avante, ginete,
Num bom galopar!

55 Podemos ainda
Fazê-lo viver,
Se alguém altaneiro
Feroz cativo
Ao livre campeão
Mostrar-lhe sequer.
Avante! Galopa
Num bom galopar!

65 Os laços e as bolas,
Ferinas pistolas
Já fiz preparar;
Avante, ginete,
Num bom galopar!

70 Não dorme o Rio Grande...
Erguido de pé;
Quem pode vencê-lo?
Se sabem temê-lo
Capaz de retê-lo
No julgo, quem é!

75 Avante! Galopa
 Num bom galopar!
 Os laços e as bolas,
 Ferinas pistolas
 Já fiz preparar;
 80 Avante, ginete,
 Num bom galopar!

As lanças s'enristam
 Nos campos de cá,
 85 Do livre campeiro,
 Que em lutas fagueiro,
 Como ele não há.
 Avante! Galopa
 Num bom galopar!
 90 Os laços e as bolas,
 Ferinas pistolas
 Já fiz preparar;
 Avante, ginete,
 Num bom galopar!

1869

A GLÓRIA⁸⁵

(FRAGMENTO)**

I

Por que deixei o lar que me abrigava
 Na rósea primavera, bafejado
 Pela brisa fagueira e perfumosa
 Que à tardinha passava-me na frente,
 5 Quando desmaia o sol sobre o regaço
 Da natureza langue em ternas cismas?
 Quando a tarde é um ermo que se perde
 Nos raios sem limites do crepúsculo?

Ouvira o quero-quero do vargado,
 10 Onde apojasse o barco em outras praias?
 Não que ele é só dali, do sul tão caro!

O beijo maternal qual selo d'anjo
 Gravado à flor do rosto, qual orvalho
 Viria dar-me calma e refrigério,
 15 Quando o coração pulsa em febre ardente?
 Ó não!... A flor aos estos* dum estio
 Pende o cálice murcha s'enlanguece
 Se uma gota da noite ao giro lento

20 Não lhe servem repousar dentro do seio.
Assim és, mocidade, nobre e louca
Se não tens uma mãe em teus transportes!

Porém... por que lancei-me a outras terras,
Buscando novos climas? Era pouco
Os tesouros dum lar e duma pátria?
25 Não tinha opimos* prados e florestas
Onde o cinzel de Deus purificara
Cada contorno, e dera de poesia
Um sol eternamente deslumbrante?
Aquele morro de manhã risonho
30 Como duma criança o lábio puro
Em que paira de Deus a santa imagem?
De tarde merencório*, com a virgem
Que baixa os cílios em cismares cândidos?
Sim, era lá! Mal lacerava e a treva
35 O gládio* matutino, eu prestes ia
A uma balseira vicejante
Num vale extenso e raso. Ali tranquilo
Banhava as faces em argêntea veia
Límpida e solitária derivando,
40 Vertendo na soidão* em notas flébeis*
Harmonias mais doces do que os carmes*
Que o poeta dedica ao rei dos mundos.
Ali na quadra* estava procurava,
As abluções da sombra difundida
45 Pela copa condensa da aroeira,
Da grossa turumã* e da batinga*;
Na rede de cipós que se adobravam
Aos altos galhos duma, indo aos d'outra
Enroscar-se, em balanço atibiado
50 Sonhava... que sonhar! Sonhos d'amores!

.....
Ali ao Criador hosanas dava...
Que portentos eu via destacar-se
Da feitura patente a meus olhares!
55 No tronco dos arbustos, ante a toca
Em que dorme o tatu durante o dia;
Em pirâmide rúbea* de mil células
Que o cupim levantara com cuidados,
E onde arcanos* guarda de ciência
60 Nas arcadas e furnices implexos*,
Ciência não sua, refletida;
No ninho do japu* movido aos ventos
Como as brumas da aurora sobre o cerros;
Na casa do barbeiro, cuja abóbada
65 Na axila da ramagem nos assombra;
Na ponte distilando do rochedo
Gota a gota mil gemas de Golconda*;
No hino dos sábias e gaturamos;
Do beija-flor na esplêndida plumagem;

* Ver Glossário

70 No respiro das selvas, vinda a noite.
Quando o mistério se ela em cada planta,
Quando se fecha a voz de dentro do peito
Temendo que reboe na soledade
E turbe dormido eco da montanha.

75
Quão belos esses tempos em que eu lia
Nos ardores da sesta as tristes páginas
De Atalá e Renê, Paulo e Virgínia!

80 Ó doces sítios, tudo aí falava
Ao coração! De Deus e da família
E dum anjo que a mente em tela fina
Já esboçava as formas, encobrimdo-as
Em transparente blonda*.

85 E por que fui-me
A tão remota plaga?
A glória! A glória!

II

A glória – essa sereia, cujos cantos
No Brasil adorme o moço incauto
À borda dum abismo!
90 E cuja formosura sedutora
Nos abre dentro d'alma úlcera funda
De eterno ceticismo!

A glória — mancenilha* tendo oculta
Em lindo pomo, que convida ao lábio,
95 Atroz, letal veneno!
Cuja sombra suave a morte traz-nos,
Cuja rama ao romeiro adormecido
Murmura treno*!

A glória – velocínio em longe clima
100 Que demandamos clara tendo aos olhos
A esteira dos naufrágios;
Onde da experiência não bebemos
Na história dos inditosos precursores
Horríficos presságios!

105 A glória no Brasil jazigo imenso
Onde as cinzas repousam de Azevedo*,
Casimiro* e Junqueira*!
Pobres! Lhes disse Deus: — Erguei-vos, ide,
Doutrinai vossa pátria. — E feneceram
Apenas na carreira

1869

* Ver Glossário

SE TE AMEI⁸⁷

- Se te amei, mulher divina,
 Digam as horas veladas
 À luz d'amor e poesia,
 Lembrando a voz argentina,
 5 As pupilas animadas
 De teus olhos na magia!
- Horas de cismas profunda
 No regaço dos enleios*,
 Na erma noite, solitário!
 10 Pobre louco o que fecunda
 O delírio dos anseios
 De sua alma no sacrário!
- Se tei amei, pergunta ao vale
 Onde um nome eu repetia
 Sim, pergunta, que ele fale:
 Ouviu o canto que pungia
 Como mais não punge agora.
- Ali murmurei teu nome
 20 — Nota eólia* dos amores,
 Arpejo* dos meus cismares,
 Harmonia que acordou-me
 Dentro d'alma olentes* flores,
 Doce múrmur* dos palmares.
- 25 Toma do lábio das selvas
 Os segredos de ternura,
 Os amores que ali sonhei
 Sobre a alfombra* de relvas
 De esmeraldina verdura...
 30 Elas sabem... eu o sei.
- Ali cada fibra conte,
 Cada folha viridante,
 Cada raminho de flores,
 Cada árvore sobre o monte,
 35 Como eu ardia ofegante
 Como vivia de amores.
- Hoje no bulir da rama,
 No cochicho das aragens,
 No mistério dos regatos,
 40 Quanta vez não se derrama
 O meu segredo nas folhagens
 Desses tão saudosos maltos*!?

* Ver Glossário

Ali versos pelos troncos
 Escrevi, inda hoje escrevo
 45 Tristes coplas de agonia!
 Tem os penedos brancos
 Juras que lembrar não devo,
 Lembram tua apostasia*!

1868

A UMA MENINA⁸⁸

Quisera, como tu, correr os campos,
 Borboleta da infância meiga e linda,
 Pensar somente no folgado vário
 Que crês em tua idade que não finda.

5 Voas risonha nos vergéis da vida,
 Colhendo as flores que o Senhor te dá;
 Assim também quisera eternamente
 Sem tristeza pensar no que virá!

10 O passado te roça pela mente
 Como tênues vapores pelo lago,
 O presente é a aurora que sorri-te,
 O futuro em teus sonhos – doce afago.

15 Como é bela essa vida que tu vives,
 Como o lírio embalado à flor das águas,
 Como nuvem de rosa ao tom das brisas!
 Como é bela essa vida sem ter mágoas!

20 Amas o céu d'anil, a verde várzea,
 Amas o sabiá que os ares corta,
 Amas a natureza e não tens n'alma
 Esparsas cinzas de esperança morta!

Feliz quem ri, feliz a quadra* mágica
 Dos anos infantis de luz banhados!
 Como és feliz, Cecília, assim risonha
 No batel* a vagar de doces fados!

25 Se eu pudera voltar na senda a meio,
 Agora n'alma tendo já tristezas,
 Iria junto a ti correr os campos,
 E reclinar-me à sombra das devesas.

1869

* Ver Glossário

EU SÓ NÃO MUDO⁸⁹

- Passaram estações...
 Na rama deslizaram
 Dos brasíleos sertões
 Primaveras e outonos,
 5 Maus e doces sonos
 Sobre a terra passaram,
 Enfim mudou-se tudo
 E Célia, eu só não mudo.
- 10 Quantas vezes teu seio
 A novas emoções,
 Em doce, fundo anseio
 Ligeiro não pulsou?
 Quantas não se enublou
 O teu céu de ilusões?
 15 Enfim mudou-se tudo,
 E Célia, eu só não mudo.
- Tive um sonho no porvir
 Num dia de esperança,
 É n'alma vi pungir
 20 Bela rosa de amor,
 Que não murcha o furor
 De inditosa provança*,
 Mude-se embora tudo
 Que eu Célia, só não mudo.
- 25 A ampulheta dos anos
 Mostrou-le à luz da vida,
 Amargos desenganos,
 — Flor que abriu aos ventos
 De bafejos cruentos
 30 Em solitária ermida!...
 Também o espinho agudo
 Senti... porém, não mudo.
- A mesma sempre-viva
 Que eu outrora te dera.
 35 Quem dirá?! Já se priva
 Dos eternos fulgores.
 Desse tempo de amores
 Dessa tão bendita era.
 Nela murchou-se tudo
 40 Mas, Célia, eu só não mudo.
- Quem sabe se lembrança
 De tempos tão ditosos.
 Tu que eras criança...
 Quem sabe não perdeste,
-

45 No espaço em que cresceste,
Passando a novos gozos?
Se foste, como tudo
Eu, Célia, só não mudo.

Corram dias e noites
50 Ou sejam de ventura
Ou de atrás agonias
Eu hei de sempre amar-te,
Eterno hei-de lembrar-te,
Até a sepultura...

55 Mude-se embora tudo,
Que eu, Célia, só não mudo.

1868

O ESTATUÁRIO⁹⁰

I

Quem és mortal audaz que a voz elevas,
Ordenas à matéria que se mova,
Exprima sentimento que comova,
E avivente o passado que morreu?
5 Quem és a cujo aceno o mármore* treme
Se agita na pedreira, formas toma
E ao lampejo do sol altivo assoma
Dando a vida ao que era do hipogeu*?

A cuja voz o bronze se liquesce
10 Num molde rola, molde excelso e grande
Bem como tua mente, que s'expande
Em divina e sublime criação;
E depois que resfria, ao mundo lança
Um Deus que logo todo povo adora,
15 Ou um herói que s'ergue em nova aurora
Depois de cinzas ser no pó do chão!

Quem és tu que à Amazis dás nobreza
Fundindo impuro vaso de seu uso?
E fazes uma estátua tão profuso
20 Ao sol mil harmonias desprender?
Um Deus, semelhas quase, tu que crias
E que à mole de Carrara* terso*:
Dizes: Ergue-te, como do universo
Já dissera o Senhor, e o fez nascer.

25 Ah! És o estatuário, insigne artista
Tens o cinzel por cetro, divo* e cetro,
Que como do poeta o doce plectro*
Não vem da terra, mas dos céus te vem;
E o pedestal que mostra-te sublime

* Ver Glossário

30 Dos pedestais se forma que fizeste,
E tua imensa glória se reveste
Co'a dos heróis que tuas obras têm.

II

É ele quem levanta dentre os mortos
O justador que tomba na batalha,
35 E no-lo traz augusto redivivo,
Por seu gênio rompendo-lhe a mortalha.

É ele que entrega em toda a glória
Napoleão, à praça de Vendome,
Camões a Portugal, a Esfinge* ao tempo
40 E o tempo suas obras não consome!

E um século já diz a outro século:
Vê, que vai minha história escrita em pedra,
Avulta sobranceira, a flor de exemplos
E engenhos peregrinos ela medra.

45 Pedro da Rússia* morre... mas agora
Lá em S. Petersburgo o mundo o vê
Na eternidade em bronze, eternidade
Que o fez gigante tal a Rússia o crê.

Laocoonte* ressuscita traz na frente
50 Inda hoje o selo de supernas* dores!
E, embora transviadas, na memória
De Fídias* inda vivem mil primores.

É ele quem levanta dentre os mortos
O justador que tomba na batalha,
55 E no-lo traz augusto redivivo,
Por seu gênio rompendo-lhe a mortalha.

Porto Alegre, 1869

COPÉ* DESERTO⁹¹

Do pobre índio ao copé* veio o silêncio
Dorme na rede, sem mover-se então.
Tão queda, quais no muro arcos e flechas,
Que suspensos de embiras* inda estão.

5 Nem mesmo o maribondo junto ao teto
De seca partioba fez morada!
Como é triste este sítio solitário!
Até a água correndo vai calada!

* Ver Glossário

10 O bambual que a cerca não cochicha
Fundo mistério, grato aos flébeis* vales;
Quem dali se aproxima tem terrores,
No peito, fúnebres, cruéis embates.

Este ermo onde a saudade fez vivenda,
Este rio sem notas a vagar
15 Estas balsas em vestes de tristeza,
Quem sabe o que nos podem revelar?!

Talvez cada pedrinha, cada folha,
Lembre a lenda de antiga geração;
Os toros de vetustos cajueiros
20 Ó quem sabe o que agora nos dirão!?

Quantas cenas de amores e de mortes
Vão surgindo de pé, no exíguo teto?
Hoje o vemos vazios, mas outrora
Como não foi de indígenas repleto!

25 Quantas vezes não via o sol no pino
O olhar encaminhado pelas palmas
Baixar-se a tanga pena em lindos colos,
E ante horrores tantas gentes calmas!?

Quantas vezes ao rútilos* da lua
30 Não fizeram-se juras e protestos?
E quanta no quão veloz e caro
Ali não se envolveu em giros lestos?

Quantas do murmuré* aos sons ruidosos
Não entoou-se o cântico de guerra,
35 Repetido da fonte cristalina,
Repetido dos ecos da serra?!

Tantos rumores ontem, vida e galas,
E hoje a mudez morando no copé*!
Assim na terra é tudo, veloz tempo
40 Num instante nos leva crença e fé.

1864

* Ver Glossário

REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO⁹²

É TARDE⁹³

Disse-te com amor: Eu, Célia, te amo;
 Minha alma nessa frase transbordei,
 Meu coração prendeu-se no teu lábio,
 Eu a teus pés submisso quis a lei.

5 Esperava um luzeiro que aclarasse
 Os abismos que incauto deparei,
 Eras puro fanal* em meu futuro
 Que ansioso de longe desejei.

10 Eras um lírio, cândido, formoso,
 Em cujo cálice – águas dum batismo
 Pensei alegre um dia vir achar...
 Eras a arca em medonho cataclismo.

15 Eras um céu nos ermos da existência,
 Quando neles sozinha me guiava,
 Eras benigna estrela que sorria,
 Quando pisei por terra de urze brava.

20 Eras bálsamo a tanto desespero,
 Que o seio me afogava em dissabores,
 Era no teu olhar que doce alívio
 Ontem e hoje busquei por entre dores.

Eu disse palpitante – o lábio trêmulo:
 Célia, te amo, a teus pés espero a lei...
 Ó! quantas ânsias, que tremor nos membros!...
 O que então senti – nem mesmo eu sei!

25 Tua palavra era um divino verbo,
 Como de Deus criando, erguendo um mundo;
 Descerrava-me o pórtico de venturas,
 Templos de amor sob o céu arijucundo*.

30 Esperando esse aresto* de teus lábios,
 A palavra que alenta e dá-nos vida
 Measurei em instantes lustros mil
 De agonia e esperança mal sofrida.

35 Como se morre então, vive-se, espera-se
 A um grão tão só da areia d'ampulheta!
 Só no momento que de um globo tomba!
 Só numa prolação que o lábio enceta*!

24 O que então senti]O que não então senti – AR. // * Ver Glossário

- Meu Deus! morri, vivi em crua espera!
Era meu coração insano mar,
Vulcão o crânio, a cútis toda neve,
40 Meu ser todo no olvido foi pairar!
- Tu sorriste, mulher, e então disseste:
“Minha alma nos amores mais não arde;
Que queres, caminheiro? – sou culpada?...
O mundo enregelou-me, foge — é tarde!
- 45 É tarde?! murmurei em ódio aceso,
Como os de um louco derramei-lhe olhares,
Tateei o espaço, quis falar, não pude,
Estátua augusta ergui-me dos pesares.
- Uma blasfêmia pela mente alou-se
50 Contra o Senhor, contra ela, contra a terra...
Que dor imensa aquela, e que delírio!...
É tarde — foi um raio... a mente encerra.
- Matou-me ali as crenças e o futuro,
Foi tumba de robusta mocidade...
55 É tarde! ousaste tu dizê-lo a mim?!...
Sim — é tarde — odalisca sem piedade.
- Depois achei-me em uma praia gélida...
Como fui — não o sei... o sabe Deus!
Acervos de caligem* vi nos ares,
60 Nas águas vi acervos d'escarcéus!
- Meus cabelos senti mercê dos ventos,
Que me passavam frios pelo rosto;
Acordei... vi um vácuo fundo, imenso,
— Às raias* de sol nado e de sol posto.
- 65 No mundo das ideias — no eu sublime,
No mundo da memória — noite em tudo...
Refleti — por um fio demandava,
E alma, céus e terras... tudo mudo!
- Que tempo assim estive? Perguntei-me
70 Não soube onde parara o meu passado,
Apenas o presente começando,
Vi sob a foice de cruento fado.
- Era nova existência que se abria,
A família fizera a pura crença...
75 É tarde – produzira o ceticismo,
Vida que se alimenta em treva intensa.

Porto Alegre, fevereiro de 1869

40 pairar] parar AR.// 46 olhares,] olhares. AR. // * Ver Glossário

EPÍSTOLAS⁹⁴

I

Tu, alma de poeta, seio ardente
 Que se enleva ante o belo, ante o sublime,
 Como vais ao cerrilho* teus cabelos
 Sem pavor entregar? E no cilício*
 5 Da batina envolver-te, como o morto
 Nas dobras dum sudário?

Tu, livre, pensador, como te arrojias
 Ao Maelström* do infortúnio?
 Bem sabes que um apóstolo de Cristo
 10 Se dobra ao Vaticano
 Como autômato vil! Gregório sétimo*
 E o concílio de Trento* em dia infausto
 O tornaram em rocha.

É sublime a missão do sacerdócio,
 15 Mais sublime não há, porém não hoje,
 Em que, além da estamemha*,
 Há a soidão*, o tédio, a morte em vida,
 E o desprezo das turbas!

O homem está sujeito ao erro, erram todos,
 20 Porém a leve falta do levita*,
 Da criatura que a Deus somente serve,
 Que seus dias e noites vota às preces,
 Que os prazeres da vida eterno olvida*,
 O poviléu* levanta-se,
 25 Insultos e baldões* lhe atira às faces.

Ele presta do templo ante os altares
 Sagrados juramentos que não pode
 Jamais cumprir-los, e se um dia os quebra,
 Se um dia a mão da natureza os rompe,
 30 Ante o Deus que o ouvira e ante o mundo,
 Ei-lo perdido, infame!

Se procura cumprir-los, que martírio!
 Que angústias e que lutas! Mais ditoso
 É o verme na terra rastejando!
 35 Pois a lei natural jamais repele,
 Nem à diva feitura sublimada
 Não tenta eliminar sequer um órgão.
 Infame o que mutila a natureza!
 Infame a lei que o sacrilégio ordena!

* Ver Glossário

- 40 Se procura cumpri-los, que martírio!
Se vê um rosto lindo, uns olhos meigos
Que nele se fitaram, ei-lo em luta.
Sobre o catre mesquinho!
Seus cilícios* filtram incêndios d'alma,
45 Seus pulsos torcem-se em feroz delírio,
Sua tez queima em estauste* febre,
Todo ele treme, convulsa o mísero!
Que também coração possui o padre.
- Lembrando que sozinho, sem família,
50 Sobre o mundo vegeta, e que a donzela
Vista há pouco, quem sabe lhe apontasse
A ventura da vida. Tão angélica
O animaria em ímprobos trabalhos,
Nas árduas excursões do sacerdócio...
55 Vê-la, senti-la, desejá-la sempre...
Ó que mágoas! Que dores o conculcam*!
Que desespero infrene* lhe arfa o peito!
Como maldições despede em cada fôlego!
Como o punho cerrado desafia
60 O espectro que criara o celibato!
- A razão lhe murmura que espedace
A cadeia de bronze que o macera*,
Os elos atirando, além — no Tibre*;
O coração o leva a doces gozos
65 Lhe mostrando as delícias da lareira;
Porém um juramento o prende, o liga,
E o altar e a consciência lho recordam.
- O que há de então fazer?
Desvaira o triste,
70 E a vitória às paixões incôncio* deixa!
E triunfa Satã!
Mais um apóstata*
A casa de Jesus recebe ao seio,
Mais um Iscariota* conta o mundo!
- 75 Tu, primavera rósea que viceja
Sob o sol do Equador, tenra planta,
Que quer ar, rocio* e brisas, cuja fronte
Enastra* da esperança as flores lindas,
Cujá artéria da vida a seiva ostenta,
80 E cujo olhar radia a luz d'amores,
Como queres deitar-te neste ecúleo*,
Onde o viver é morte, e o pensamento
Duro aguilhão* que move a um cadáver?
- Não, amigo, cadáver, frio, inerte,
85 Não o serás, afirmo, embora o queiras!

* Ver Glossário

- O que vale ostentar presença gélida,
 Se o vulcão ferverá no seio ardente?
 Se o Pitina nos Andes entre gelos
 Efervesce constante?
- 90 Não creio, é impossível. Se da vida
 O peso te incomoda, e na sotaina*
 Buscas pronto alívio a diros* males,
 Se em seus abraços tem-te o desespero,
 Escuta: que mais vale ser suicida
- 95 Na taça da peçonha, em fundos mares,
 Que mais vale o punhal que sangra o peito
 Que no burel*, no claustro a morte lenta.
 Antes corre da pátria na defesa
 E em imigos* bastiões a glória alcança.
- 100 O homem serve ao Senhor, lhe rende preitos,
 É dever com um pai que o filho adora,
 Dever que se resume em culto santo
 E a natureza inteira dá-lhe sempre,
 Mas não o sacerdote! Como amá-lo?
- 105 Como dos céus fundir no augusto sólio*
 Palavras doces e sinceras preces,
 Ele a quem em horrífica masmorra
 De infortúnios e dores arrojaram
 Em nome do Senhor?
- 110 Até no lábio
 Muitas vezes lhe passa atroz blasfêmia!
-
- E quando no mundo vejo as turbas
 Cubrirem-no de insultos e impropérios*,
 115 O lamento e perdoo. Conheço as causas.
 O mal está na regra que o dirige,
 E não na natureza que o formara.

II

- Dizes que o homem vence a natureza
 E em orgulhoso tom a história citas,
 120 E entoas de vitória um canto altivo.

- Meu amigo, lamento essa cegueira
 Que no ânimo te apaga a luz celeste.
 No estábulo dos erros és ditoso,
 Pois ris de meus fúteis devaneios!
- 125 Dos absurdos a treva te inebria,
 Esqueces a razão e a liberdade,
 E o homem já confundes na matéria!
 A história é o fecundo pensamento
 Que segue do progresso a rota fúlgida
- 130 Através dos espaços e dos tempos.

* Ver Glossário

O homem, se doma a vaga que rebrama*,
 Se um freio põe aos ventos, se dirige
 O rábido* corisco, se da terra
 Tira alimento e veste, crês que vence
 135 E torce a lei divina neste fato?
 Engano! Ele prossegue na vereda
 Que Deus indigitou-lhe ao — *fiat lux** —
 O rio que decorre, o grão que gema,
 O pássaro que voa, o sol que brilha,
 140 O corpo que p'ra a terra inclina e tomba,
 O fogo que produz voraz incêndio,
 A natureza porventura esmagam?
 No entanto são diversos da feitura
 Que a criação domina! Uns sem ideias,
 145 Outros sem um resquício de vontade!

Em falsos argumentos não te escudes
 Que tardo arrependimento vem-nos sempre,
 Quando às cegas trilhamos.
 Inda uma vez te digo:
 150 Maldito o que mutila a natureza!
 Maldita a lei que o sacrilégio ordena!

Dizes-me que o suicídio sanciono
 Que t'ó aconselho mesmo! Longe disto
 Vagou meu pensamento. Não me entendes!
 155 Ó temo por ti, temo que te percas
 No dédalo* de cânones estéreis,
 De tão sáfara* e fóssil escolástica*!
 Relê o que escrevi, e então reflete,
 Reflete como outrora, quando juntos
 160 Passávamos a vida, meditando
 Nos livros da ciência e nesse livro
 Mais sábio que todos — a natura;
 Então felizes sempre, irmãos vivemos
 À luz do sentimento e das ideias.
 165 Que saudade hoje nutro desse tempo!
 Se voltássemos a ele, quão diverso
 Não foras do presente, nem solícito
 Agora te escrevera!
 Escuta, amigo,
 170 Por que me dizes inda: «Não perturbes
 «A paz de consciência que demando,
 «A vocação me arrasta, vou segui-la?»
 A vocação disseste?! Estás perdido!
 Confundes o erro co'a verdade augusta!
 175 É vocação correr para os abismos?
 Cortar o corpo à disciplina crua,
 Nos jejuns macerá-lo* eternamente?
 Não, isso é que é suicídio, e um suicídio
 Sem razão de existência!

* Ver Glossário

- 180 Dele quero
Pressuroso afastar-te.
O anacoreta*,
O padre sobre a terra inúteis vivem,
Só o seu braço concedendo a Roma.
- 185 Escravos da tiara, o mais odeiam...
Sem família e sem pátria de que servem?
E sem Deus, porque dele até renegam
Quando a carne lhes fala com facúndia*!
- Assim sem luz, sem berço – os grandes móveis
- 190 Do humano coração, tu bem conheces
Que dão à sociedade escárnio intenso
Roma sobre eles vela, Roma os manda.
- Por tudo é um suplício o sacerdócio.
Tua alma grande e nobre não transige
- 195 Com a verdade sacrossanta e pura,
Por isso assim m'exprimo, assim te falo.
Não serás refratário a teu passado,
À doutrina dos mestres, aos deveres
Que a lei civil impõe, de nós reclama.
- 200 Do precipício foge, enquanto é tempo.
Não prossigas, senão... serás Lutero*,
Melanchthon* talvez, em luta ousada,
Erguendo outra Smalkalde* nesses climas.

(1869)

O CELIBATO⁹⁵

EPÍSTOLA III

- De novo 'a' pena empunho alegremente,
Pretendo convencer-te, embora morra
Minha voz de tua alma no deserto;
Não nego da verdade o santo auxílio
- 5 Aos próprios inimigos, seus preceitos
Vou a todos mostrando, em vão que fora,
Quanto mais a ti, meu caro Pílades*!
- Sabes que a discussão deveras amo,
Nobres lutas a todos proveitosas.
- 10 Discutamos, portanto...
Agora ri-me
Ao pensamento estranho que passou-me
Célere pela mente.
- O céu troveja
- 15 Terrível tempestade açoita o teto,
Onde calmo te escrevo. Mas se agora
Elétrica cintila* me abatesse
Junto à tinta, ao papel, exímias armas
Do século que vai, o que dirão

* Ver Glossário

20 Os fariseus* ignóbeis, vãos escribas,
 Hostis ao matrimônio? Diz me, amigo;
 — Foi castigo —; não é? Conheço a lâmina
 Com que ferem tartufos* miseráveis
 E vendilhões* do templo, sei que lançam
 25 No terreno maninho* da ignorância,
 Nos simples corações do povo rude
 Tais sementes que brotam, que vicejam
 Como a má erva nos incultos campos.
 Deixemo-los, porém, ao lodo entregues
 30 Volvamos ao mister que nos ocupa.

Recebi tua carta e fiquei triste
 Ante a mudança que de dia em dia
 Operando vai-se em ti; não é o mesmo.
 Não pensas mais, os dogmas apresentas
 35 Como égide robusta em que se embotam
 Do raciocínio ingente* os golpes fundos;
 Os textos do latim do — *Flos Sanctorum**;—
 Frases da Imitação, quais chuvas tombam
 Sobre minha misérrima pessoa.
 40 O engenho é ociosa faculdade
 Para quem saturou-se em teologia,
 Em fastos* dos concílios e outros tantos
Honestos bacarnartes?

Não te aflijas;

45 Se falo sem respeito desses livros
 Que pesam na memória sem proveito.
 A religião tão pura do Calvário
 Não fala deles, a doutrina deu-nos
 No coração escrita como em mármore,
 50 Perca-se o Evangelho e sempre fúlgida
 De frescas forças cheia irá trilhando,
 Que a verdade não morre, vive sempre.
 Finde o mundo, não haja mais um crente
 E ela inda viverá na eternidade.

55 Pasmei ante a fraqueza que te curva!
 Tu sublimas a vida de Teresa*?!
 Tu queres imitá-la, meu amigo
 Queres o êxtase-febre da virtude,
 Delírio das ideias, o impossível!
 60 Tu admiras Macário* na Tebaida*,
 Simeão* na coluna, retirado
 Do mundo de misérias, como o chamas!
 Com entusiasmo me falas de Jerônimo*,
 Em místicos arroubos vais tão longe,
 65 Que o mundo esqueces, nem sequer o tocas!

Crês o ascetismo o fim dum ente livre?
 Antes de Valmiqui* no berço olente*,
 Ao pé do sacro Ganges te retires;
 Aí tens para exemplo heróis de pedra

* Ver Glossário

- 70 Nas *faquíres** imóveis como estátuas,
Que na mesma atitude meses ficam!
Antes vai a Ispahan*, aí desviches,
Setários do Coran* te ensinam doutos*
Como se passam horas de indolência,
75 Como se come fogo e corta o corpo...
Amigo, procurando tal caterva*,
Procuras a matéria, a inércia, o nada,
Satisfeito te julgo em teus delírios!...
- Estás doente, temo tais transportes...
80 O homem é só espírito? responde.
Não, pois em si concentra dois princípios,
Logo abrange o dever esferas duas,
Uma à substância simples se refere,
Outra d'argila à túnica pertence.
85 Deus assim nos criou de céu e terra.
Pôs-nos entre a matéria e seus arcanjos.
A vida social que sente e pensa,
Vida de duplos móveis, essa é nossa.
Sejamos a harmonia de dois mundos
90 Não desçamos ao mundo da alimária*.
Não subamos ao mundo além dos astros,
Além do que comporta humana força.
- Do matrimônio fazes um perigo,
Contas uns teus amores inditosos
95 De tempos que se foram (gratos tempos!)
Blasfemas de mulheres fementidas*,
E crês que outra vitória ainda alcanças.
É bela a conclusão! Os teus amores,
Cem mil mulheres mais que traga a história,
100 Não servem de argumento que fulmine
Da família a divina majestade,
As virtudes da esposa e o terno seio
De carinhosa mãe.
Em vão blasfemas!
- 105 Uma lei natural eterna vive.
Supõe que assim pensasse o orbe inteiro,
Que ardente ao celibato se entregasse,
E diz-me quem a terra habitaria?
Os decretos celestes quem cumprira?
- 110 Da solidão fizeste a apoteose,
Exclamando enlevado: «Ó doces gozos
«Que a solidão derrama em nossa vida!
«Nela, dourados sonhos à alma descem,
«O diáfano anil dos ares límpidos
115 «Na consciência escoá, amenas auras
«O coração perfumam, tudo é grato,
«No tugúrio* em que mora o cenobita*,
«Na mansão afastada dos tumultos

* Ver Glossário

- «Que remoinham sempre nas cidades,
 «Alcoices* de miasmas* que maream*
 120 «Do espírito à candura. Horas se passam
 «No regaço de Deus, o contemplando.
 «Com Jeová e Jesus a sós vivemos.
 «Não temos exigências duma esposa
 «Nem dos filhos os gritos importunos.»
- 125 É arroubo poético? Não creio...
 É doença, blue-devils que consomem
 Tão bela inteligência d'outras eras.
 Tão forte compleição* de que eu pasmava.
 Estás qual de Vigny* <, > o pobre Stello.
- 130 O padre não se fez para o silêncio.
 Seu cajado um rebanho, com cuidado,
 Guia ao vale profícuo d'áurea crença;
 Suas vozes não são para o deserto
 E sim para as cidades, para os homens,
- 135 Onde há a criatura que duvida,
 Que sofre, que não crê, onde dos erros,
 Com passo destemido o espectro vaga,
 Onde as paixões refervem nos abismos
 E a virtude de vícios se rodeia.
- 140 É hi* o longo estádio da jornada,
 Hi* estão esses marcos que ele deve
 Ir correndo, romeiro do Evangelho.
- Deus diz a seus levitas*: Eis o campo,
 O coração humano quer cultura.
- 145 Semeiem a verdade — eis o trabalho.
 Não germine o joio junto ao trigo,
 Ao agrião não misture-se a cicuta*.
 Mondem* a gleba desvelados sempre.
 Eu farei a colheita, e aí daqueles
- 150 Que o mandato esqueceram, descuidosos!
 Por cada fruto eivado* que eu recolha,
 E por cada semente que me falhe
 Para eles uma pena e sempiterna*!
- Vês? É útil o padre nos conflitos
- 155 De interesses que embatem-se entre os povos,
 Sua missão estéril no silêncio.
- Não venhas contestar-me com o sábio
 E o poeta que vivem solitários.
 Camões, eis um exemplo, à negra gruta
- 160 Silente* de Macau, com ledice*,
 Dias, semanas, meses s'entregava.
 Porém Camões deixou-nos os Lusíadas;
 Pelico* sepultado de Spielbergue*
 Em feio calabouço lega um livro

131 Vigny,] Vigny RPL. Acréscimo de vírgula para separar o aposto.// *Ver Glossário

- 165 Que faz-nos bendizer-lhe a mesta* sorte;
 Newton* no isolamento, como o vulto
 Que a prisca* Siracusa* imortaliza
 Arcanos* devassaram da ciência.
 Esses na solidão nos deram frutos;
 170 Mas o imoto* Stilita, diz-me, amigo,
 Que memória deixou além daquela
 Que Erostrato* recorda aos tempos d'hoje?

- Se Noé os lagares* descobrira
 175 Para a vinha espremer saudável suco,
 Tubalcaim* o ferro fabricara,
 E outro a mó* que a semente em pó transforma,
 Fica certo, lhes deve o mundo inteiro
 Mais gratidão que aos ascetas* que elevas,
 180 Preconizas* em sonhos delirantes.

- Terminando, repito como sempre:
 Maldito o que mutila a natureza!
 Maldita a lei que o sacrilégio ordena!
 185 Empenhei-me na liça*, espero sôfrego
 Que me respondas à estirada epístola.

EPÍSTOLA IV

- Infatigável vejo na estacada
 O meu tão caro Pílates*, mas lesto*
 Esquivando-se aos golpes que lhe atiro.
- 190 Recursos não lhe faltam, seu engenho
 Profusos os ministra a seu talante*.
 Se eu hoje for vencido lhe prometo
 Que nunca mais o gládio* da verdade
 Me encontrará vibrando em outra arena.
- 195 *Refugium peccatorum*, acredito,
 São esses teus pecados de que falas!
 Deixar de rir não pude em caso sério,
 Mas tens tal seriedade que conter-me
 Não foi possível, ri e ri deveras!...
- 200 Dizes que Adão legou-nos um pecado
 Antigo como o mundo, como os séculos:
 Original o chamas, certamente
 Porque dele descende a nossa espécie.
 Ab Jove*! o não conheço como o pintam.
- 205 Eva trazes à tela, como autora
 Do crime abominável que condena
 Uma progênie toda a penas cruas;
 Mas o comer o fruto da ciência,
 Eu creio em nossa mãe não foi mal gosto.
 210 Antes hoje outras muitas a imitassem

* Ver Glossário

Que menos ignorância tinha o mundo
 E os filhos, como nós e tantos outros
 Sairiam do berço armando pleitos,
 Manejando algarismos e compassos,
 215 E em subidas matérias discutindo.

Em quanto ao demo — gênio da maldade,
 Que da serpente a pele revestira,
 Juro que o não vi por vida minha,
 «Non video, non crederam» disse um santo,
 220 E eu em estranho caso o sigo à letra.

Não me dirás do assunto já que trata
 Por que zonas s'estende o Paraíso?
 Se é certo que demora junto às terras
 De FoHi* e de Confúncio* ou é o reino
 225 Do famoso Cibango* que refere
 O errante Marco Polo*...

Eis duma dúvida

Que eu quero me tirasses. Mas severo
 Parece que estou vendo o meu amigo
 230 Relutar na leitura dessa epístola.
 Que queres pois que eu faça? Que eu consinta
 E aceite o juízo errôneo tu desejas?

Os filhos onde vimos pelos crimes
 De seus pais responderem no presente?
 235 Foi doutrina transata*, eu sei, amigo,
 Quando pela tragédia de Solima*
 Israel, nos diziam, vagueava,
 Sem pátria das nações escarnecidas;
 Quando do despotismo o braço fero,
 240 Destacava impedindo a liberdade
 Nos cimeiros* adejos* do progresso,
 Os tetos arrasando furibundo*,
 Salgando os campos — palco de homens livres;
 Quando golfava o trono de S. Pedro
 245 Chuvas de excomunhões e de exorcismos
 Sobre a mísera e triste humanidade;
 Mas a razão repele tal doutrina
 Que inocentes arrasta ao cadafalso;
 A justiça nos erros não repousa,
 250 Princípio de moral, direito egrégio*
 Do empíreo* emanados não se calcam*.

Inocência Terceiro* em raiva aceso
 Pode matar a prole dos Cátaros*,
 Pode o bronze soar de São Germano*,
 255 De Coligny*, Caumont e Ferrières
 Ordenando execrando assassinato,
 Pode um Borgia* reinar em mar de sangue
 De incesto e de ignomínia tendo ao lado

* Ver Glossário

260 Infame Maquiavel* que o defenda,
 Pode o Escurial* erguer-se carrancudo,
 E nos autos — de fé — o Santo Ofício
 Insonte* gente inerme nas fogueiras
 Sem piedade arrojara, mas resta a história
 — Areópago* de arestos* implacáveis,
 265 E do gênero humano a consciência
 Que não perecerá mercê de algozes.
 Se as leis da terra os filhos não condenam
 Como crês que a causa do Universo
 — Um Deus de bondade e de doçura
 270 Inferior aos homens se pareça?

Como irás expiar um vão delito,
 Crime que não é teu, e que apanhamos
 Da tradição nas ondas quase mortas,
 Qual âmbar que na praia o mar atira
 275 E buscamos a fonte inutilmente?

Dizes que a morte, os males nos vieram
 Da falta que Adão e Eva cometeram:
 Que creias convencido em tais sandices
 Não creio, não concebo, às veras falo.

280 Se outra vida antes desta nós tivemos,
 Se fomos querubins, pronto aceito;
 Mas não com essas formas e esse corpo
 Nos climas do planeta que habitamos.

285 A planta que viceja na floresta,
 A alimaria que pasce* na campina,
 A ave que o céu azul percorre alada,
 O inseto que nas folhas tem seu mundo,
 O peixe que nas águas nasce e vive,
 Não os vemos morrer? E tem acaso
 290 Pecado original por que respondam
 Nos dias do presente?

Não pretendas
 Com frívolos sofismas perturbar-me,
 Que nulo intento fora; o céu m'escuda;
 295 A verdade defendo e seus direitos.

Dizes mais que te pesam mil remorsos,
 Que mil mágoas afligem-te incessante.

Quem fala não sou eu, ouve: é Cristo.

Não nasce a luz de si, o sol não fez-se

* Ver Glossário

300 E a terra não viveu dos tempos antes;
 Os fizeram, se vivem<.> Quem criou-os?
 Aquele que no amor resume tudo,
 Que o nada vivifica num seu gesto,
 Cuja voz aniquila, extingue mundos,
 305 Cuja mão concedeu-te os bens que gozas.
 Adoras a teu Deus?

Sim, lhe respondes.

A mulher deu-te à luz, és fruto dela
 Seu seio saciou-te fome, a sede,
 310 Bebeste nos seus olhos ternos raios
 E em sua voz a crença que sublima;
 E o vaão deu-te a sombra, e o sol ardia
 E chegou seu braço ao teu, e em pé t'ergueste,
 Andavas nu, lançou-te ao ombro a túnica
 315 E depois teu espírito alentara
 A senda te mostrando deste mundo.
 Honraste-os na velhice, foste sempre
 A glória de teus pais?

Sim, tu respondes.

320 Filhos são, eu te digo, todos os homens
 Daquele que os criara, tanto os ama,
 Do pai da natureza, pai bondoso,
 Daquele cujo amor estreita o mundo
 E não castiga os Africanos íncolas*
 325 Por seu Deus adorarem no fetiche,
 Porque a Vishnu* e Shiva* curvem outros
 Em Alá muitos creiam, sigam muitos
 De Buda e de Moisés, as leis escritas
 E um Tupã tonante a ponte dobrem;
 Porque questão de nomes nada vale,
 330 Vale a crença-fanal* do sentimento,
 Lume que o coração na voz, no gesto
 Copioso irradia, intenso inflama.
 Tu amas teus irmãos?

Sim, lhe respondes.

335 A Nabott* extorquiste os lindos cachos
 Orgulhando o vergel?

Não, tornas inda.

De teu irmão o sangue derramaste,
 — Gaim* mataste Abel?

340 Não, o repetes.

116 vivem <.> RPL. Acréscimo de vírgula de acordo com a sintaxe. Possível erro de composição. // *
 Ver Glossário

Sua mulher cobiças? Nunca foste
De Urias* assaltar o santo tálamo*
Como David o fez?

Nunca, respondes.

350 Teu corpo nos excessos se apascenta*?
Teu coração conserva más sementes
Que produzem o mal?

Por que emudeces?

Ah! Teu pecado, amigo, está nos erros
355 Que professas agora com soberba!
Na pugna* em que uma lança forte vibra
Em prol do celibato! Não nas eras
Onde em comum passamos doce vida.
Estou cansado, a noite se adianta,
360 Mas anteponho o fecho, escuta ainda:

Jesus se retirando e seus discípulos
A tarde de Betânia* e vendo ao longe
Frondífera* figueira, a ela foram:
Porém só folhas tinha, nenhum fruto
E disse então Jesus: Ninguém teus figos
Jamais na terra os coma*.

E a aurora crástina*

À figueira encontrou mirrada e seca.

.....
365 O padre é a figueira sem ter frutos?

EPÍSTOLAS V e última

370 «Maldito o matrimônio e seus eflúvios*!
«Maldita a lei que o matrimônio ordena!
Tu disseste!? Blasfêmia! Impiedade!

Meia-noite ecoa nos espaços
Entro em casa, me sento junto à mesa
Onde sempre te escrevo.

375 Um velho amigo
Consócio de colégio e desses dias
Que nossas fronteiras risos enfloravam.
Da infância na aprazível, doce quadra*,
Há pouco visitei, com ele estive.

380 Quando da pubescência* ardentes áscuas*.
No peito lhe ferveram, foi um louco
Arrastado nas ondas da volúpia.

* Ver Glossário

Nada temia, além dos desenganos
 Em seus amores fáceis e conquistas.
 385 Insano s'entregava ao tom dos ventos
 Que as paixões sopravam dentro d'alma,
 Bem como o nenúfar* na espuma linfa*
 Duma torrente em tufos despenhada.
 Lovelace* o chamaram, Jacques Rolla*.

390 E não o era! Que apenas fora o infante
 Que atrás corre de vária borboleta,
 E corre até cair no prado exausto.

Cansou um dia, arrepiou no trilho,
 E à lareira correra donde ausente
 395 Por largo tempo esteve, sem lembrá-la.

Vi-o contrito vir, pálida fronte,
 Macilento, sorrindo com tristeza.
 Às pompas que pululam primaveras,
 400 Ao desbrochar* dos anos vendo a vida
 Como botão que murcha, como falena*,
 Que na crisálida — risonho berço,
 Vai deparar a tumba cinerária!
 Vi-o assim, mas por pouco.

405 De seus tetos
 Inda agora saí e trouxe n'alma
 Doce perfume de caçoila* argêntea
 Alegria inefável que ameniza,
 Que o espírito depura, a Deus exalça*,
 E nas provanças* agras da existência
 410 Fá-lo enérgico, forte debater-se.

E sabes o que tinha ameno bálsamo?
 Sabes o que doçuras derramou-me,
 Como a naveta* o beijoim vertendo
 415 Em caracóis azuis de olente* eflúvio*?
 Foi um quadro singelo, mas sublime
 Como o que a Rafael* o tipo dera
 Da virgem da Cadeira.

Vou traçá-lo
 420 Em rápido bosquejo
 Sobre um leito
 Enfermo jaz um moço levemente,
 A seu lado zelosa e terna esposa,
 E deles de permeio curto berço
 425 Onde gentil menina dorme o sono,
 Que dormem anjos na morada cérula*.
 Que delícias frui assim os vendo!
 Como abençoei o céu que faz ditosos!
 E no meu coração, quantas caligens*
 430 Não dissiparam breve a linda cena!

* Ver Glossário

- Deus é grande, exclamei, feliz o homem!
 A consorte amável, diligente
 Do esposo soletrar nos olhos busca
 O menor de seus desejos, a seus males
 435 Blandícias* derramando em doce trato
 Que à mulher só pertence, só é dela
 Só pode dispensar, trato que viça
 Aos femininos dedos pulcras* flores
 Da esperança vital, e que ao doente,
 Ao homem que debruça nos abismos,
 440 Evoca do sofrer a seu aceno,
 Para abrir-lhe o alcáçar* de venturas.
 Como Lázaro* à voz do divo* mestre
 O sudário rompendo torna à vida.
- 445 A filhinha desperta a nossas vozes,
 E logo novo rumo toma a prática.
 Ali vê-la sorrindo, se animando
 Ao amplexo* paternal, da mãe aos beijos,
 Vê-la balbuciar acentos tímidos
 450 Que o lábio infantil murmura cedo
 Acentos como cânticos seráficos*.
 Como harmonias que do templo emanam,
 Como brisas dum lago à flor correndo,
 As horas se deslizam como em sonhos
 455 Ou bem quando a alma em abandono escuta
 As notas palpitantes — cismadoras
 Da música que prende atento ouvido,
 O sentimento erguendo além da terra.
 Eu amo das crianças o sorriso
 460 Pois que nele o Jordão deparo sempre
 Onde o bulcão* dos ódios s'esvaece*,
 Onde as rugas da fronte se distendem,
 E o tédio, que o seio me banhava
 Desfaz-se em subitâneo, etéreo júbilo.
 No semblante infantil o céu s'espelha,
 465 Nos olhos de virgínea castidade,
 Nas graças que enuncia em cada gesto,
 Na palavra que o lábio desabrocha...
 Ó a infância, a inocência, é tudo o mesmo!
- 470 Depois a avó entrou, ruína esplêndida
 Por onde das idades passa a foice
 E no seu nobre porte apenas traça
 Um vínculo ligeiro que s'aminha
 Avita experiência aos filhos útil,
 475 Cuja testa cingida de respeito
 Ao sol do inverno resplandece os gelos.

Havia tanta luz naquele grupo
 Que ali a natureza apresentava,

* Ver Glossário

480 Tanta expressão, e magia tanta
 Que pintá-lo, quem pode? Quem ousara?
 Pintor lança o pincel da tela longe,
 O cinzel, o buril* ali se calem
 Que seu sublime artista é Deus somente.
 E tu, pena, do obscuro literato
 480 Que tentas sublimar-te, não prossigas,
 Suspende nesse arrojo temerário.
 Sente-se meramente, não traduz-se
 A eloquência expressiva desse quadro.
 De Timantes* o celso* imita o exemplo,
 485 É digno de imitá-lo, quando vastas,
 Imensas proporções o assunto abrange.
 Assim é que eu quisera o sacerdote:
 Quisera-o ver modelo de virtudes,
 Bom cidadão, arauto da verdade,
 490 Arquétipo dos pais pregando ardente
 As venturas da vida na família,
 E repelindo em vez de sevo* anátema*:
 Bendito o matrimônio e seus eflúvios*!
 Bendita a lei que o matrimônio ordena!

 495 Seguisse o Vaticano a voz do século,
 Suplantando os defeitos do passado,
 Errôneas leis da igreja e preconceitos,
 Revestindo a clâmide* do progresso,
 Grandiosa missão seria a sua,
 500 E Roma houvera preitos entre os povos,
 Roma altiva reinara como outrora.

(1869)

GABILA⁹⁶

POEMA

DEDICATÓRIA

Hilário*, nobre amigo, a quem consagro
 Este pobre poema, se poema
 Queres chamar às cenas de meus pagos,
 Das várzeas onde canta a seriema*
 5 Nas horas merencórias* do crepúsculo;
 Onde constante à beira da lagoa,
 O quero-quero, pervígil* esculca*,
 A ligeiro rumor o canto entoa;

 10 Onde o pampa é teatro da bravura,
 E cada palmo aí, da nossa história
 É soberbo padrão, baliza augusta,
 Mostrando aos homens um troféu de glória;
 Onde à noite, nos ranchos os campeiros,

* Ver Glossário

- 15 Tomando mate em torno de bom fogo,
Falando de batalhas e guerrilhas,
Tudo olvidam em nobre desafogo;
- Ou junto da família, que os escuta
 Em atenção profunda, rememoram
 Passos de boitatás* e do crioulo.
- 20 Por quem almas sensíveis inda choram
Nas senzalas afeitas à desgraça;
De caiporas, pavões que lançam chamas,
Fantasmas das coivaras* taciturnas*,
De urutaus* que soluçam dentre as ramas...
- 25 Ó lendas santas, jóias de inocência,
Enastro* em corações do simples povo,
Consolo dum raça que s'extingue,
Tradições lindas deste mundo novo,
Embalastes meu berço, minha infância,
- 30 E inda hoje me sorris à mocidade,
Ó eu vos levarei após a vida,
Comigo ireis transpondo a eternidade!
- Que loucura som nome, fido Achates*,
 Falar-te assim da pátria! Em tal linguagem!
- 35 Em tudo ser sincero rio-grandense,
Pondo à luz desta terra a doce imagem!
Não é por ti que o digo, é pelos zoilos*,
Que em plaga estranha buscam seus tesouros,
Que, em ser pirata pelo mar da Europa,
- 40 Julgam obter imarcescíveis* louros !
Tu que és poeta, dedicado amigo,
Tu que um eterno culto à crença rendes,
Amas o justo, à corrupção não dobras,
E nem os cantos teus ao vício vendes;
- 45 Tu que o Rio Grande adoras, nosso berço,
Não com o dúbio afeto dum Tarquínio*,
Porém com fundo amor, a oferenda aceita,
Guarda-a dos seios no sagrado escrínio*.

CANTO I

A LIBERDADE

I

- 50 Eis a roça. A maniva* grela e punge
Nos camalhões* em renque*. O sol da América
Surgindo dentre lindas, róseas nuvens,
Fulge nos brotos ao nascer dourados.

* Ver Glossário

- Os escravos ali, de enxada em punho,
Trabalham, e ao vaivém certo e incessante
- 55 Dos afiados ferros, em compasso,
Desprendem a monótona cantiga
Que a pátria longe evoca, além dos mares.
As tristes vozes na floresta em torno,
Onde livre resplende a natureza,
- 60 Onde tudo se curva a Deus somente,
Ecoam como satânica risada,
Como vivo sarcasmo que desonra
O pavilhão dum povo. Cantem, míseros;
Cantem, isto consola ao peito aflito.
- 65 No cruento rigor do cativo
É traduzir em vibrações solenes
A saudade que a alma dilacera
Cantem, porém trabalhem sem descanso,
Que, fero o cenho, o capataz vigila.
- 70 Um crioulo, Gabila era seu nome,
Entre os filhos das plagas africanas,
Não os seguia na pocema* em ritmo.
Airoso na figura, belo o rosto,
Brasileiro no gesto, nos lampejos
- 75 Que dos olhos jorrava, como as águas
Que a pororoca eleva em cordilheiras
E arremessa d'encontro ao mar iroso;
Brasileiro no ardente entusiasmo
Que lhe fervia n'alma em catadupas*,
- 80 Ao perpassar de aspirações e sonhos,
Como o ipê robustos, arrojados
Como o voo do condor — além das nuvens!
- Mas em algemas preso, sem vontade,
Mas brasileiro escravo, infame androide*!
- 85 Herança de ignomínia em nossa história!
- Só ele, emudecido entre os parceiros,
Talvez mondando* a terra ao braço firme,
Ao tempo que mondasse em pensamento
A sociedade injusta que o retinha!
- 90 De tudo desvivendo, só e triste,
Nem mesmo no alaúde do infortúnio
Por seu país distante lhe era dado
Cadenciar as mágoas indizíveis!...
- 95 Não tinha pátria o filho desta terra,
— Santo berço que embala a liberdade!
Seguro ancoradouro à nave imensa
Que os proscritos nos traz de tantos mundos!

* Ver Glossário

II

- O sol era no pino, ardia a terra,
 Aos borbotões* do céu a luz tombava,
 100 Em pétalas de talco.
 Só a intervalos o sutil ofego
 De doces brisas arrufava a rama
 Do campesino palco.
- E quando o sol se apruma, narcotiza!
 105 Mil rútilos* esparge* inebriantes
 No vargado e na vaga.
 O coqueiro retorce a fronde* esbelta,
 E o mar que o colo ergula aceso em fúria
 Adormece na plaga.
- 110 Apenas a cigarra em seus delírios
 Garrula do verão a cançoneta*,
 A doida cavatina*;
 E o riacho a dormir ressoa* leve
 Em arpejos que embalam docemente
 115 Os serros e a campina.
- Que eflúvios* fascinantes! Que langores*!
 Que indolência a vergar o exausto corpo
 Nas lidas do trabalho!
 Como tudo no campo inclina ao sono,
 120 Quando se ausentam as fagueiras sombras
 Té de frondoso galho!
- A natureza em si se reconcentra,
 Emudece, sorrindo cerra os cílios,
 E dorme sem receios.
 125 Nessa hora quem do ritual se afasta?
 Na zona ardente quem não sente à sesta.
 Pender a frente aos seios?
- Os pobres negros, de suor cobertos,
 Na terra ingrata de forçado exílio,
 130 No chão de tanto espinho,
 Também depõem as armas da lavoura,
 Benditas armas, se eles fossem livres
 Em céus do pátrio ninho!
- Vão todos juntos às cercas que contornam
 135 As roças da fazenda, junto às sangas
 Onde perfila o mato,
 Onde às vezes no fundo se desliza
 Harmonizando os ares nos murmúrios
 Preguiçoso regato.

* Ver Glossário

140 Tudo ao calor cedeu, menos Gabila!
 Pois mais forte que o clima em si trazia,
 O vulcão duma ideia;
 Ixion* preso à roda do suplício
 Velava sempre, sempre sacudindo
 145 Os anéis da cadeia.

Em densa reboleira*, que formava
 O taquaral em baldaquins* espessos,
 Foi ele reclinar-se;
 Não dormiu, que não dorme quem medita,
 150 Quem o espírito arroja a etéreos mundos
 À luz a espanejar-se!

A LIBERDADE

III

Soa ao longe o clarim, bombardas* troam,
 A estranhos ribombos treme a terra!...
 O ar está tranquilo, e na campanha
 155 A bala que esfuzia*, a morte encerra!
 E por cada metralha
 Que vomita a batalha,
 Uma cena de horrores se descerra!...

Longínquos ecos vão prurir* o ouvido
 160 De Gabila curvado aos pensamentos,
 Trêmulo leva a mão aos olhos turvos,
 Como se uma visão nos seus tormentos
 Viesse deslumbrante
 Dizer ao escravo: Avante!
 165 Agora vão findar-te os sofrimentos.

Ergueu-se a meio que inda o tinha a dúvida
 Nos seus enleios*, como em sonho incrível;
 Para ele o sonhador de nova aurora
 Que trazia na frente um selo horrível,
 170 Na flor da mocidade
 Beijá-lo a liberdade
 Julgava com razão ser impossível.

Liberdade! quimera* que aflagava
 Por mal dormidas noites de amargura,
 175 Miragem esplendente em seu deserto,
 Sem fontes que apagassem-lhe a secura,
 Raio de luz divina
 Que a existência ilumina,
 Para o escravo era o céu, não só ventura.

* Ver Glossário

180 «Os farrapos*!» Percorre de eco em eco
 Por coxilhas, canhadas e vargado...
 «Os farrapos*!» Repetem estremecidos
 De júbilo guerreiro e não de medo,
 Desde o morro-atalaia*
 185 À humilde samambaia,
 Que sofriam cativos, em segredo!

«Os farrapos*!» Também Gabila exclama,
 De pé, o lábio a exuberar de cantos,
 A fronte a espadana*r cintílias rúbeas*,
 190 Remido* ilota* em seus lustrais encantos!
 «Os farrapos*!» exclama,
 E nessa voz derrama
 Dos recônditos d'alma doces prantos.

Como o tapir* que na veloz corrida
 195 Os seios da espessura despedaça,
 Assim rompe o cerrado da restinga;
 — Jaula sinistra e feia, à luz escassa!...
 E a leda* fronte expande
 Este filho do Rio Grande
 200 Ao sol que ali brilhante o beija e abraça.

Galga sangas e valos, tudo é fácil,
 Gabila livre já não teme a morte!
 Em pouco susta o passo num potreiro,
 Com voz arfante solta um brado forte:
 205 «Malungo* ! nobre amigo,
 Agora vem comigo,
 Na asa da glória tu serás meu norte.

E Malungo* veio à grata voz que ouvira,
 Nitrindo* de prazer pelo lançante
 210 Duma coxilha ali, altiva a testa,
 Que jamais trouxe a estema* cintilante
 De fina prataria,
 Mas sócia da agonia
 Dum amigo curvado à dor constante!

IV

215 Quem és, ó Malungo*, chibante* ginete
 Que as clinas* sacodes soberbo e taful*?
 Que presto ao reclamo, à voz do crioulo
 À pata embebeste as macegas* do sul?

220 Tiveste na raia combates renhidos*,
 Conservas um nome que eterno seduz?
 Quem és? O que foste? Na estância quais foram
 Teus feitos de glória, tua c'roa de luz?

* Ver Glossário

Te bancas na rédea, sem medo, sem risco,
 Correndo os rodeios, impávido*, a sós?
 225 Não temes do gado mais chucro e bravio
 As guampas erguendo altivo e feroz?

Nas lutas sangrentas da arena do pampa
 Não foges aos raios de bélico trom*?
 Relinchas, anseias, galopas, investes,
 230 Após o entrevero* de horrífico som?

Quem és, ó Malungo*, chibante* ginete,
 Que as clinas* sacodes soberbo e taful*?
 Que presto ao reclamo, à voz do crioulo,
 À pata embebeste as macegas* do sul?

CANTO I

A LIBERDADE

V

235 Malungo* um mês depois do nascimento
 Achou-se a sós no meio dos vargedos;
 Órfão tão cedo ao desbrochar da vida!
 A estância, cujos campos se matizam
 De numeroso gado aos vários pelos,
 240 Que importa viva ou não um potranquinho,
 Se cuidados* mil para viver reclama,
 Sem o materno amor? Nos verdes plainos
 O mísero soltava o terno ornejo*
 Que seria: Mamãe! no lábio humano.
 245 E corria, corria, como um doido,
 A chorar sem descanso!

Era criança

O crioulo Gabila, mas ao vê-lo
 Dele compadeceu-se. Seus destinos
 250 Se assemelhavam. Ambos sós e tristes
 Não tinham pais, amigos sobre a terra,
 Ambos escravos, de carinhos ermos,
 Ambos infantes sob um céu de bronze!
 O crioulo amimou-o, trouxe-o à casa,
 255 E na senzala humilde, taciturna*,
 Recíprocas angústias esqueceram.
 Nos braços da amizade.

Todo o leite

Que o bondoso Gabila recebia,
 260 Abundante tamina* num porongo*,
 Pertencia a Malungo*, e pela noite
 A cama do infortúnio, um couro seco
 E um cobertor já velho de Mostardas*,

* Ver Glossário

Partilhavam os dois.

- 265 E assim cresceram.
 Fez-se homem o negrinho, e o pobre guacho*,
 O potrilho, conviva e companheiro
 Na estação rosicler* de ledos* sonhos,
 Fez-se guapo corcel, altivo e belo.
- 270 Douradilho* era o pelo, de reflexos
 Que o ouro deslumbrante escurecido,
 Fino e lustroso que torçais* de seda
 Lhe não tiravam lampas*. Da cabeça
 De feitio elegante bastas clinas*
- 275 Caíam aos cachões, como áurea c'roa
 Cingindo a testa ao filho do deserto.
 Eram as formas duma estampa rara.
 Quem o visse, dissera: Que pintura!
 Quem o visse, dissera: Quero tê-lo.
- 280 E assim foi. O primeiro que o cobiça,
 Que tenta sujeitá-lo a seu domínio,
 O estancieiro que se apossa dele,
 Esquecendo direitos do crioulo,
 Por amansá-lo s'esforçou de balde.
- 285 Vieram domadores dos melhores,
 Campeiros sacudidos, foi frustrâneo!
 Derrubava-os por terra em dois corcovos,
 Espedaçava freios e dum prisco
 O tapume vingava das mangueiras.
- 290 Sibilavam* volantes armadilhas.
 E também as argolas sibilavam*
 Dos laços que faziam-se em pedaços.
 Boleadeiras rábidas* choviam,
 E choviam pialos*... Tudo inútil!
- 295 Por fim exausto de tanto afano,
 Banhado de suor, arfando o peito,
 Das ventas dilatadas expelindo
 Espessas nuvens de vapor ardente,
 As rainilhas tremende, calafrios
- 300 Correndo-lhe por vezes todo o corpo,
 Rojava em terra... Anteu* aniquilado!
- E Gabila que vê a triste cena,
 O seu único irmão que sofre tanto,
 Gabila, cujo seio aos estos* bulha*
- 305 Na quadra* juvenil, cerrado o punho
 Afoga o coração que quase rompe
 As arcas musculosas a estalarem.
- Os seus gemidos, Deus somente os ouve,
 Cavernosos, ocultos, em mistério.

* Ver Glossário

- 310 Quando deixavam o animal indômito*,
 Acabrunhado às dores das feridas,
 Às fadigas das lutas que lutara,
 Ia pensá-lo* rápido o crioulo
 Mitigar-lhe o sofrer de longas horas.
- 315 Por fim o estancieiro abandonou-o,
 — Caborteiro*, fuá*, puava*, arisco, —
 E mil outros epítetos lhe deram.
 Injustiça patente à luz do dia!
 Pois não os merecia o bom Malungo*,
- 320 Que à voz de Gabila, a seus afagos,
 A seu ameno trato, consentia
 Não a brida*, tão só, mas o lombilho*,
 Mas o jugo do amigo, jugo afável,
 Sem chilenas, rebenque* e grita fera.
- 325 Que soberba no pingo, que alegria
 Que escaramuças através das várzeas,
 Que pimponice* no arquear do colo
 Que floreios, que garbo!
 E o cavaleiro
- 330 Nele como num trono que chibante*,
 Na cancha levantando polvadeira!
 Esquecendo as angústias da existência!
 Esquecendo os grilhões do escravo ao pulso!
 Eis o que era Malungo*, o bom ginete.

CANTO I

A LIBERDADE

VI

- 335 O céu se enfarruscou e negros mantos
 Ao ar colmaram*;
 Calma de morte, horrores mil pressagos*,
 Augúrios tantos
 Sobre a face da terra se estamparam!
- 340 Gemigos vagos,
 Abafados, por vezes das montanhas
 Soltava o mundo,
 Como estertor que foge das entranhas
 De abismo fundo!
- 345 Na savana a mudez – a mais completa!
 Crê-se que dorme!
 Nem um bulir da rama sempre inquieta
 Que agora forme
 Na funerária cena um só contraste!
- 350 Nem mesmo o grito
 Do volátil que pávido se afaste!
 Em tudo escrito
 Um vaticínio escuro, em tudo a morte!
 Avulta o porte

* Ver Glossário

355 Uma nuvem de trevas no horizonte,
 E pouco e pouco
 Faz ouvir sobre a várzea e sobre o monte
 Som cavo e rouco.
 Vai o bulcão* crescendo! e mil centelhas
 360 No quadro horrendo
 Como assanhadas víboras vermelhas
 Vai desprendendo!...
 De súbito: — um terrível estampido
 Jorros de chamas,
 365 No espaço fero pandemônio erguido!
 Virentes ramas,
 Árvores seculares, grossos troncos,
 Rochedos broncos,
 Choupanas, animais, tudo d'envolta
 370 Rolando em terra!
 O pampeiro passava! E na asa solta
 Que a morte encerra,
 Faz do orbe uma orgia desenvolta!

VII

375 Como alado centauro, os dois amigos,
 O crioulo e o corcel assoberbavam
 O fero temporal!
 Dois abismos ali: — o céu e a terra!
 E Malungo* voando sobre as ondas
 Do imenso capinza!
 380 As clinas* soltas aos tufões sem freio,
 Lá vai, como a flecha despedida
 Dos arcos guaranis!
 Lá vai! E sem temer da morte a sanha*
 Vinga barreiras mil aos doidos fachos
 385 De sinistros fuzis!
 Liberdade, tu que és a gema fina
 Eterna fulgurando bela e pura
 Na c'roa do Senhor;
 P'ra o homem és a estrela que mais brilha,
 390 Sublime aspiração, divinos sonhos
 De imaculado amor.
 Tu que alentas os povos abatidos
 Ao peso do infortúnio, tu que os ergues
 Aos raios de teu sol;
 395 Tu fazes que Gabila e o companheiro
 Procurem, vencedores da tormenta,
 O teu grato arrebol*!
 Como alado alado centauro, os dois amigos,
 O crioulo e o corcel assoberbavam
 400 O fero temporal!

* Ver Glossário

Dois abismos ali: — o céu e a terra!
 E Malungo* voando sobre as ondas
 Do imenso capinzal!

FIM DO CANTO I

CANTO II

GUIDA

I

- 405 Eis Viamão, agora Setembrina,
 Que destaca, princesa das coxilhas,
 Entre serros e morros empinados,
 E amplos vales contempla, ao longe, ao longe!
 As orlas do Guaíba, sibarita*
 Que estreita tantas ilhas em seus braços
 410 E vem beijar de Porto Alegre as plantas;
 O Jacuí, espelho em que se mira:
 Cachoeira, a indiana graciosa,
 Indo após a miragem de um futuro
 Que lhe sorri por entre rósea gaze;
 415 Rio Pardo, que hoje, à tenda recolhida
 De um passado ditoso, se adormece
 Entre belas visões, lembranças gratas!
 As margens do Caí de doces sombras
 De ingazeiros* que encantam-se da linfa*,
 420 E nela se debruçam ledamente;
 O Itapuí, a orta que aviventa
 A Brasília Germânia, nobre povo
 Que enobrece a charrua no trabalho,
 E com ela descobre minas d'ouro,
 425 Veios que Potosi* não produzira,
 Prodígios que Aladino* não fizera!
 E o almo Gravataí, corcel das águas,
 Cruzando por vargedos sempre verdes,
 Perdendo-se nos vagos horizontes!
- 430 Eis Viamão, agora Setembrina,
 Que amplos vales contempla, ao longe, ao longe!
- Filha de Cosme, o bravo bandeirante,
 Que inaugura a estância e senta a choça,
 Marco duma província deste mundo
 435 Que se chama Brasil e traz o germen
 De sublimes conquistas no futuro,
 Quando erguido nas asas do progresso,
 Amando a liberdade, sem traí-la,
 Aos proscritos da Europa abrir seus braços,
 440 Da Europa então ruína em vasto incêndio
 Aos fachos ateado da comuna!
 Filha de Cosme, o bravo bandeirante,

* Ver Glossário

445 Que inaugura a estância e senta a choça,
 E cujos filhos os primeiros foram
 Nascidos neste solo do heroísmo;
 Tu, Viamão, agora Setembrina,
 Diz o que fez Gabila nos combates
 Nos dias memoráveis de setembro.

Iriema

(1874)

UM TÚMULO⁹⁷

I

Como se escoo o tempo! Tão depressa
 A planta nasce, enflora,
 Que, aos brilhos duma aurora,
 No pedículo, curva a vida cessa.

5 Na terra tudo passa! Num só dia
 A treva à luz se entrança!
 O tufão e a bonança!
 Aqui — um berço, ali — a campa* fria!

10 Mas a vida é a luta do futuro
 Entre dois cataclismos,
 Dois imensos abismos:
 Nascer, morrer — qual deles mais escuro.

15 Onde vens? Onde vais, ó passageiro?
 No mundo o que procuras?
 Aquém — há mil torturas?
 Além — eterno empíreo* prazenteiro?

20 Mistério após mistério, vãos problemas!
 Que a razão não resolve!
 E que se a crença solve,
 Não é, sem que, minha alma, muito gemas!

II

25 Era belo o passado. Quantas flores
 Colhidas pela estrada da existência,
 Nos braços da amizade, doce raio
 Que duas almas doura, ao céu remonta
 Num arroubo, num só, divino e casto,
 Num só, em que dois seres se confundem,
 Rútula transfusão que Deus retrata!

Era belo o passado, um sonho ameno

* Ver Glossário

30 Na orla do lago azul da mocidade,
Ao sol das esperanças sempre verdes.

À turquesa dos céus ligeira névoa
Não vinha macular o brilho puro.

Vivíamos felizes. Quem não sente
35 Na flor da adolescência eterna a seiva,
O horizonte sem fim, pequena a terra,
Para as aspirações que n'alma adejam?

E tu, Afonso Marques*, nestas festas
À luz da primavera, quantas c'roas
40 Não cingias à fronte iluminada
Por precoce talento? Quantas palmas,
Se de teus lábios a eloquência em jorro
Golfava efervescente?!

Ó como lembro
Repassando de vívidas saudades
45 Esse tempo que foi-se e mais não volta!
As lutas pela glória e pelas crenças,
A pátria estremecida, a liberdade,
A consciência em júbilos nadando,
O coração atado aos pés dum silfo*,
50 Duma ilusão talvez, mas pura e bela!
Doce engano que n'alma vibra acordes
De etérea melodia, uns sons sem nome,
E que nem de Mêmnon* a maga* estátua
Ao beijo das auroras produzia,
55 E nem harpas eólias* ao bafejo
Duma noite de estio calma e leda*!

Gratas recordações de santas eras,
Ao longe! Ao longe! Tudo se sumiu!
Daquela fronte cismadora e meiga,
60 Mina de inteligência em veios rica:
Daqueles olhos, ora brandos lumes*,
Ora ígneos meteoros coruscantes*;
Daquela boca cheia de mistério,
Ora soltando o verbo como o murmú*
65 Que o tímido regato perpassando
A medo pronuncia nas devesa*s,
Ora voz de sonoro entusiasmo,
Repercussão que salta d'alma ao lábio,
Ora mugir do mar que estoura às praias
70 Ao soprar do pampeiro em voo infrene*,
O que nos resta então?

No chão da morte,
À sombra dos ciprestes muda campa*
E uma caveira dentro! Espólio triste!
75 Quadro que nos consterna e baga* a baga*
Debulha pela face ardente pranto!

* Ver Glossário

III

- Morrer tão cedo ao descerrar da vida,
 Cair logo em princípio da jornada,
 Tendo músculos rijos e na artéria
 80 Exuberância e força em cada gota
 Do sangue juvenil; e pela mente
 Sublimes construções e novos mundos
 Em perspectiva alegre destacando;
 E d'alma bem no imo finas joias
 85 E diamantes mil da juventude
 Em ouro refulgente encastoados;
 Tudo isto derrocado, em pó desfeito!
 Tanto anelo* e mimosas fantasias,
 A flor da vocação, sonhos e crenças.
 90 Tudo gorado morto, tudo em cinzas!
 Ó que dói, dói deveras!
 Quando os olhos
 O homem fecha a cambar do sol dos anos,
 Na fronte cava a ruga das fadigas,
 95 Nas têmeoras as cãs* crepusculares
 Quando ele enfim exausto da romagem*,
 Do longo caminhar por sobre terra,
 Já pede a Deus em prece fervorosa,
 Um marco de repouso, um termo ao fado,
 100 Que os tropeços arrasta; aí a mágoa
 Não é tão funda, acerba, lancinante,
 Não traz o desespero ao pé da tumba,
 Não arranca soluços, queixa amarga,
 Não nos cobre do crepe da descrença!
 105 Mas um tumulto só?! E só poeira!
 O epitáfio na lousa e dentre os vivos
 As marcescíveis* flores da saudade
 Em grinaldas suspensas, e mais nada?
 Ó não! Não é possível, não o creio!
 110 Ó não! que o pensamento, luz perene,
 Como nas aras dos antigos Guebros*,
 Ele, que iluminou-te as profundezas
 E recessos do crânio, abrindo a senda
 Para os cumes da glória, ele que funde
 115 Em epopeia Homero e Cristo em culto,
 Não perece nas dobras dum sudário!
 Na peripécia augusta, o trance extremo,
 Talvez que dispa a túnica de argila
 E desferindo o voo em novo espaço
 120 Siga caminho, além, para outros mundos,
 Melhores mundos de eternal ventura!

* Ver Glossário

Não é incerta a vida do futuro,
 Sim, o pouso na crástina* alvorada,
 Na seguinte manhã após a morte!

125 Quem sabe o sol ou Sírio* seja a zona,
 O clima benfazejo que transforme
 O ser daqui partido em ser mais belo,
 De formas mais gentis, mais ampla a frente,
 Cúpula majestosa de ideias?!

.....
 130 Amigo, adeus! Um dia nos veremos
 Nas margens sempre verdes, sempre novas
 Do oceano, sem fim da eternidade.
 Aonde? Como? E quando?

Deus o sabe!

Iriema

(1877)

A EVASÃO⁹⁸

(EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO)

I

Pela mente do herói Bento Gonçalves*
 Que turbilhão ardente passa agora?
 Que meditar profundo? O que procura,
 O olhar imerso na nascente aurora
 5 Do pirajá* envolta na escumilha*,
 O olhar guerreiro que jamais descora?
 O que faz da fortaleza sobre a rampa
 O filho sem rival do imenso pampa?

Eis o Forte do Mar! Perfila em frente
 10 Uma heroica cidade, ilustre terra;
 Itaparica* ao longe, o mar em torno.
 O que naquela rocha armada em guerra,
 Num reduto do Norte, em pé, tão grave,
 Espera o bravo, cujo nome encerra
 15 Os destinos do Sul, destas coxilhas
 Que são laudas d'eternas maravilhas?

O nobre guerrilheiro ali convulsa
 — Mítico Promoteu* atado ao monte!
 Que de angústias supernas*! Quantas mágoas!
 20 Ter dentro d'alma esplêndido horizonte
 Onde campeia a diva liberdade,
 E diante do mar — curvar a frente!
 O abismo de permeio, a penedia!
 Algemas de cativo, a monarquia!

* Ver Glossário

25 O condor sobre o cume de granito
 Cercado de vulcões e mil perigos,
 Mais soberbo não fita o sol no espaço,
 Nem menos teme a sanha* de inimigos!
 O que lhe dói com veras, n'alma sangra,
 30 É ter o gládio* inerte, e seus amigos
 Que tombam aos milhares nas batalhas
 Ao rebentar de rábidas* metralhas!

A cada instante, ao sibilar* do vento,
 Ao marulhar das vagas do oceano,
 35 Aos rumores incertos pelos ares,
 O seio prema* num arquejo insano!
 Se lhe antolha* o clarim que chama a postos,
 O trom* que ruge, do entrevelo* o afano
 Nas cargas da imortal cavalaria,
 40 Sob os corcéis calcando a tirania!

Que visões pela mente! Que lampejo
 Da face lhe irradia! Tudo esquece!...
 Está na pátria e acena-lhe a vitória!...
 Pouco e pouco o presente s'esvaece*!...
 45 Já surge o passado!... Mas de súbito,
 Ei-lo que treme... o júbilo não cresce!...
 Ao procurar ao lado a fida* espada,
 Ilusão dolorosa! Nada!... Nada!...

II

Pela mente do herói Bento Gonçalves*,
 50 Que turbilhão ardente passa agora?
 Que meditar profundo? O que procura?
 O olhar imerso na nascente aurora
 Do pirajá* envolta na escumilha*,
 O olhar guerreiro que jamais descora?
 55 O que faz da fortaleza sobre a rampa,
 O filho sem rival do imenso pampa?

III

Contempla Itaparica*, vaga sombra,
 Além, no véu das alvas matutinas?
 Horóscopo feliz soletra acaso
 60 Nas formas indecisas das neblinas ?
 Imagina em miragem deslumbrante
 Na vastidão dos céus — essas campinas,
 Teatro da bravura, pátrio estádio,
 Que às grandes crenças serve de paládio?

* Ver Glossário

IV

- 65 Ei-lo que ao mar se arroja, cinde as ondas,
 Que vem beijar-lhe as plantas com respeito,
 O pirajá* o envolve em finas gazes,
 Calmam as brisas que lhe rendem preito.
 De repente um batel* nas águas surge
- 70 E homens que trazem descoberto o peito:
 À república! um viva ao longe ecoa
 E a nave leve para o largo aproa.

E no Forte — um clarão! Um som profundo!

.....

- Que importa o ribombar da artilharia,
 75 A morte de roldão na bala ardente,
 Ao guerreiro que as forças desafia
 Dos Césares da terra? Que lhe importa?
 Quem arvora dos livres o estandarte,
 Dos escravos não teme o bacamarte*.
- 80 Que lhe importam falanges de contrários,
 Ríspido céu de bronze, o chão da morte,
 Se a mão que empunha o ferro dos combates,
 A justiça e a razão só tem por norte?
 Se Deus lhe infunde n'alma em cada pugna*
- 85 Eterna luz de vívido transporte?
 Se uns são da servidão o abismo escuro,
 E ele — o sol nas veredas do futuro?

V

- Vai, protetora vela, panda* ao vento,
 No pampa azul dos mares; vai ligeira,
 90 Como o selvagem potro, as clinas* soltas,
 Pela livre savana sem fronteira!
 Doces auras ao porto te conduzam,
 No mastro erguida a tricolor bandeira!
 Altiva cruza a equórea* imensidade,
 95 Que levas o penhor da liberdade!

Iriema

(1877)

* Ver Glossário

JORNAL A REFORMA⁹⁹

AO CABO D'ESQUADRA CHICO DIABO¹⁰⁰

- O tirano caiu, rojeu por terra!...
Do Nero paraguaio a tumba enterra
O terrível despojo;
Ali, ó nenhum pranto de conforto
- 5 Em seu lívido corpo, exangue*, morto,
Nenhum sinal de nojo.
- Só maldições! Os gestos iracundos*
De rancores febris, ódios profundos,
Só tufões de vingança!
- 10 Ali, não foi um homem que tombara,
Sim a fera que nunca saciara
No campo da matança!
- Aquidabã*, o mundo a ti se dobra,
Escolho dum naufrágio em que sossobra
Um rei de tirania,
- 15 Que em sangue mergulhou seu próprio berço
E num lago de sangue vê-se imerso
Na final agonia.
- Quem o dera, porém? Quem calca altivo
O gênio do assassino à morte esquivo
Em tanto desacato?
- 20 Quem o verga com rosto sobranceiro?
Quem? A história o diz: foi um lanceiro
Um obscuro mulato.
- 25 Sim, um pobre mulato, que hoje lega
Imarcescível* nome a quem renega
A cor que traz no rosto;
- 30 Duas vezes foi herói: que vinga os evos*,
E faz-se respeitar dos seus coevos*
Da glória no alto posto.
- Chico Diabo – o chamam. Eis um nome
Estranho porventura, mas renome
Que ao tempo sobrenada;
- 35 A liberdade tira seus soldados,
Não entre o resplendor de ricos fados,
Quase sempre do nada.
- Irrisão do destino na vaidade
Que levanta soberba a humanidde
Em tantas jerarquias*!
- 40 Quem hoje sua morte não quisera?
E quem por igualá-lo até não dera
Frutos de muitos dias?

* Ver Glossário

Em Taquari, dissei-nos, quem pensava
 Que o filho que partia, a si voltava
 45 À luz de eterna glória?
 Ninguém, pobre e mulato... tanto basta!
 E Taquari agora olvida* a casta
 Nas láureas da vitória.

Em Aquidabã*, câmara na arena
 50 Escreveu com gládio* a última cena
 Dum drama glorioso,
 E ele Chico-Diabo sublimava.
 O Câmara valente, pois salvava
 Dum revólver doloso.

Meu lanceiro, um abraço, pelos filhos
 De meu caro Rio Grande, que esses trilhos
 Dão afã sobrehumano...
 Rio Grande, uma coroa de civismos
 Para esse vingador do despotismo
 60 Do Nero americano.

(1892)

O CEGO DA GLÓRIA¹⁰¹

Quem é aquele cego, o passo incerto,
 A tatear o espaço em funda noite,
 De herói tendo o porte, o rosto aberto?
 Vê-se que ali passou o ardente açoite
 5 Do furacão que sopra no deserto!

Quem é? E por que pisa senda escura
 Sem réstea luminosa em alto dia,
 Quando o sol brilha na celeste altura,
 Tudo envolvendo em mantos de alegria,
 10 E a terra é um jardim de formosura?

Quem é que passa assim, pálida a fronte,
 Mas altiva ao bramir da tempestade,
 Como buscando sempre no horizonte
 Ponto que jamais vê na imensidade,
 15 A que, porém, na treva ainda afronte?

Sombras e sombras sempre! Se marasma
 A multidão que o encontra na vereda...
 Por quê? Será terror que assim a espasma,
 Por instantes tornando-a muda e queda
 20 Como se fora em face dum fantasma?

Não o é. E que assoma Ernesto Paiva*
 E ela no peito sente vivo impulso,
 A mente fera em maldições se enlava

* Ver Glossário

25 O corpo se contrai, se crispa o pulso,
Ardendo em febre, no estuar da raiva!

Vingança! Brandam estreitando o bravo,
Ilustre vítima de horrendo crime,
Que quis antes da sorte o amargo travo*,
30 Erguendo a fronte em altivez sublime,
Do que curvar-se como humilde escravo.

Ó como o amor à pátria é cara glória
Que nos custa a visão e a própria vida,
Mudando doce paz, ridente e flórea,
Em angústia constante assaz curtida,
35 Nas trilhas da existência transitória!

Ah! Vasaram-te os olhos! Covardia!
Temiam-te, Sansão* da liberdade,
Pois quebraste grilhões de tirania,
40 Calcando de castilhos* a maldade,
Como serpe* que sustos infundia.

Um dia os Filisteus* em leda* festa,
Em cantares de orgia, largos bródios,
Quando a pátria debruça a fronte mesta*,
45 Verão o templo, na explosão dos ódios,
Ruir por terra como coisa infesta.

Já não ouves ao longe em múrmur* vago,
Que lento e lento vem aproximando,
Assim como da enchente o forte estrago
Em remota distância, mas chegando
50 Em ruído fatídico e pressago*?

Começa a expiação dos condenados,
Dos imigos* do bem e da justiça.
Que hão de agora, sofrendo duros fados
De rastos, de joelhos sobre a liça*,
55 Morder o pó, a cruel dor vergados.

Bem vingado serás, cego da glória!
Júbilos íntimos terás ao seio,
E o vivaz brilho que te guarda a história,
Virá então fulgir-te à face em cheio,
60 Aos clamores ruidosos da vitória.

Morta embora a retina, verás erguida,
De pé, faminta, a feroz vingança,
Leoa que em raivas ruge, mal ferida.
E arremete assanhada, sem tardança,
65 Nas curvas garras destruindo a vida.

* Ver Glossário

Sim, verás grande mártir do civismo,
 Nos cumes das coxilhas, o gaúcho,
 Ao sol da liberdade e do heroísmo
 Sincero patriota, a nobre influxo
 70 Esmagar o dragão do despotismo.

Ante ti, alma pura e sem refolhos*,
 Nobre povo verás que se prosterna*,
 Verás, na terra densa de teus olhos
 Os rútilos* da glória, luz eterna
 80 Que hoje circunda teu viver de abrolhos.

Verás a vil calúnia desgrenhada,
 Suja, asquerosa, filha das sentinas*,
 De tanta claridade deslumbrada,
 Cair-te aos pés, em fúrias viperinas*.
 85 E fugir qual vampiro à luz que é nada.

A justiça descer e a liberdade,
 Verás, épico herói, em teu Rio Grande,
 Verás vir o domínio da verdade,
 Que em alegria plácida s'expande,
 90 Achando firme trono em nova idade.

Verás... Por que mais ver, se és vivo exemplo
 Do que é intenso amor ao pátrio ninho?
 Se teu renome fúlgido contemplo
 Nas grandes proporções dum ser divino,
 95 Se no meu coração te erijo um templo?

(1892)

O PRESCRITO¹⁰²

Ei-lo, o perverso, o homem de maus bofes,
 Festivo em sanguinários regabofes,
 Onde em jorros golfeja sempre o sangue
 E a pátria desfalece, triste exangue*!

5 Por toda a parte se destaca o crime!
 Por toda a parte o luto a infâmia exprime!
 Onde a vida brilhava, a calma pausa,
 Como dos cemitérios sobre a lousa;
 Vivendas animadas – são ruínas,
 10 Ermas são as intérmias campinas
 Do pátrio ninho, da formosa terra,
 Onde jamais a epidemia e a guerra
 Tanto estrago fizeram, tanto dano.
 Muita vez passou pampeiro insano,
 15 A enchente veio rábida*, fremente,
 Arrastando na vaga dissolvente
 O que em marcha encontrava e de vencida
 la talando na veloz corrida;

* Ver Glossário

20 Praga de gafanhotos, quais relâmpos*
 Desceram pelas roças, pelos campos;
 Fera a Revolução de trinta e cinco,
 Em largo decênio e rude afinco,
 Desencadeou rijas ventanias,
 Teve quadros de negras agonias.
 25 Mas a peste e o pampeiro e a guerra e a praga
 E a riba que transborda e tudo alaga,
 Não deixaram, passando, fundos trilhos,
 Como os males que fez nos um Castilhos*.

30 Ei-lo, o perverso, o homem de maus bofes,
 Festivo em sanguinários regabofes!
 Como antigo tirano doutra história,
 Ele também se alegra e sente glória
 Em ver no chão cadáveres dispersos,
 Todos em lodo, em podridão imersos.

35 Alma de bronze em corpo de granito,
 Eis o fiel retrato do maldito;
 Doce afeição e grato sentimento
 Jamais, jamais os teve num momento,
 Que em rocha viva não germina a planta
 40 Que nosso coração co'a flor encanta.

Olhar furtivo, como olhar de Nero,
 Que não fita de frente, bom, sincero,
 Mas nos bate, nos busca de soslaio,
 E vem matar-nos com tredo* raio.

45 O rosto esquelético, de linhas sevas*
 Bem como nas idades medievais,
 Quando marcavam réus com ferro quente,
 A natura marcou terrivelmente
 Com a doença que a vacina evita,
 50 Por isto pelos médicos prescrita.

Ao corpo acachapado, lerdo e grosso,
 Como de guajuvira* basto troço
 Corresponde intelecto vil e chato,
 Como é o d'ave que se chamada pato.

55 Ei-lo, o perverso, o homem de maus bofes,
 Festivo em sanguinários regabofes!
 Não ri jamais: o riso não desponta,
 Onde o rancor cada minuto conta;
 Tem descotes o lábio envolto em sombra
 60 Como em tapetas a campestre alfombra*.
 O riso sempre é próprio da alma franca
 Que à luz expande se em roupagem branca,
 Que em covil não se agacha de ódios fundos,
 De sentimentos pérfidos, imundos.

* Ver Glossário

- 65 Feliz de que tem trinos de alegria,
De quem distende a face que radia,
Pois vai passando a vida sem cuidados
Em suave fruição de amenos fados!
- Mas ele nem sorri! o que é lampejo
70 De grata sensação ao doce beijo!
Sempre má, sempre feia a catadura*,
Onde a maldade na expressão se apura!
- Aquele peito, sim, também s'expande
Ante ruínas e a carniça grande
75 Que desdobra-se em campos de batalhas,
Ao rebentar de inúmeras metralhas!
Sim, como abutre libra-se nos ares
E fareja nas terras e nos mares!
Sim, percorrem-lhe o corpo calafrios,
80 Na vasta inundação de enormes rios
Que vão cobrindo nos cachões das águas
Florente vida em soluçar de mágoas!
Sim ele ama o serril* despenhadeiro
Onde rola o cavalo e o cavaleiro!
- 85 Ama o incêndio voraz de facho ardente,
Galgando os céus em saltos de serpente,
Devorando mulheres, homens, casas,
Deixando tudo reduzido a brasas!
- Respira no soprar das ventanias,
90 Alenta-se ao gemer das agonias!
É o gênio do mal, um ser maldito,
Alma de bronze em corpo de granito!

Casa Branca, 26 de agosto de 1892

ÀS VÍTIMAS DE JUNHO¹⁰³

- Não tiveram os dobres dum sineiro
Nem as luzes do pálido tocheiro
No momento final!
Caíram sem as dobras dum sudário
5 Sem pranto amigo em leito mortuário,
Ao clamor infernal!
- Passou o furacão em noite escura
Ao louco blasfemar da desventura,
Em gemidos de dor!
10 A morte e o cego crime, de mãos dadas,
Desceram por coxilhas e canhadas,
Em rábido* furor!

* Ver Glossário

- 15 A alegria fugiu dos pátrios lares,
 Sentidas queixas cruzam-se nos ares,
 Em vastas solidões!
 Ó como é lúgubre o estendal* do pampa
 Onde hoje reina em paz, somente campa*,
 O corvo em multidões!
- 20 Dezessete de junho, maus augúrios,
 Desde os solares ricos aos tugúrios*,
 Vieste proferir;
 Dia infausto, de atroz calamidade,
 Sepultaste contigo a liberdade,
 A aurora dum porvir!
- 25 Por que entoaste ao mando dum Castilhos*
 Terríveis e funestos estribilhos,
 Em plácidos umbrais?
 Quem inspirou-te? O gênio dos excídios*
 Que rejubila em palco de homicídios
 30 Ao som dos funerais?
- Por que rompeste a vida à meiga infância,
 Alva flor rescendente de fragância,
 Fina gema de Ofir*?
 Por que goivos* plantar na estreita campa*
 35 Dum ser que ainda os céus no lábio estampa
 Na inocência a sorrir?
- Por que esfolhaste a virginal capela
 Na frente pura e casta da donzela,
 Atirando-a no pó?
 40 Por que ceifar a rosa do carinho,
 Mimoso colibri em quente ninho,
 Velando tudo em dó?
- Por que aos seios da mãe que embala o filho,
 Acalentando-o em lânguido tonilho*,
 45 Dirigiste o punhal,
 Quando em prantos, imagem da virtude,
 Procurava deter o braço rude
 Do assassino cerval*?
- 50 À sombra da traição, do negro crime,
 Que hoje se oculta, que o remorso oprime,
 Em céus de limpo azul,
 Por que rolou tanta cabeça cara,
 Efigies belas de coragem rara,
 Dos gaúchos do Sul?
- 55 Dezessete de junho, quanta morte!
 Ó dia infando*, de aziaga* sorte,
 Quanto sucesso atroz!

* Ver Glossário

Junto aos sepulcros chora a liberdade,
 Um povo inteiro preso da saudade
 60 Solta a dolente voz!

Dormi na eterna paz, vítimas insontes*,
 Dormi... Já nos profundos horizontes
 Vejo negro bulcão*;
 65 É a vingança que a justiça guia,
 É o livre pampeiro que anuncia
 Extrema expiação.

Dormi tranquilos, que conservo a lira
 Que há de vingar-vos, pois ao sol se inspira
 60 Da mais intensa fé;
 Tenho o carme de ardente patriota,
 Que marca a face ao vil Iscariota*
 Que a mãe vendera até.

Dormi envoltos na mudez funérea
 À luz que em da abóbada, sidérea,
 65 Onde o descanso está;
 Dormi, que breve em pávidos desmaios
 Os réus da infâmia rolaram aos raios
 Do val* de Josafá*.

Casa Branca, 29 de agosto de 1892

DIA DE CHUVA¹⁰⁴

Como é triste a natureza
 Como rugem os cocares
 Dos viridentes* palmares,
 Em rábida* convulsão!
 5 Fustiga a chuva as vidraças
 A bâtega* ao tom dos ventos,
 E sobem-me os pensamentos
 A grave meditação.

Tolda a terra céu cinéreo*,
 10 Descem águas nos algares*
 Bramejantes como mares
 Que investem ao litoral,
 Aos morros robuçam névoas
 Quais mortalhas flutuantes
 15 São as ramas ululantes
 É um lago ao fundo val*.

Sófocles* em doce ritmo,
 Escrevendo as Timbaleiras*,
 Descantava das goteiras

* Ver Glossário

20 O soar no duro chão;
 Sim, é grato, em casa, calmo,
 Livre, isento de cuidados,
 Em quimeras* embalados
 Na redouça* da ilusão!

25 É grato ouvir a cadência
 Da rima sobre os lajedos,
 Da gota dos arvoredos
 De espaço a espaço a cair.
 É metro lento e monótono
 30 Duma vida sem pesares,
 Sempre nos mesmos folgares,
 Sem receios do porvir.

Deleitava-te, poeta,
 Da pulcra*, imortal Atenas*,
 35 Caro filho das Camenas*,
 A música pluvial!
 Ah! Tinhas almos* remansos,
 Os poéticos lazeres,
 Taça de amenos prazeres,
 40 Sem a cicuta* letal!

Mas eu não posso seguir-te,
 Arrasto tristonhos dias,
 A pesadas tiranias,
 Ao retimir de grilhões;
 45 Tenho os movimentos líricos,
 Cujo sopro abate sólios*,
 Esbarronda* Capitólios*,
 Rui por terra bastiões.

Tenho o facho das vinganças,
 50 Estilete que trucida,
 Que se agita na ferida,
 Moralmente a torturar!
 Meu verso é bala, é torpedo,
 É brado de ardente guerra
 55 Que se espelha pela terra,
 É canhão a ribombar!

Por mim fala um povo inteiro;
 Sou a voz da liberdade,
 Sou a glória, a majestade
 60 De brilhantes tradições;
 Não durmo, velando sempre
 Da pátria nos baluartes
 Defendendo os estandartes
 Desfraldados aos tufões.

* Ver Glossário

65 Poeta da Ática* ilustre
 Plaga da democracia,
 Mãe das artes, da harmonia,
 Do esplêndido Partenon*,
 Não te acompanho no adejo,
 70 Quando abre o céu as cascatas,
 Golfeja linfa* de pratas,
 Troveja em hórrido tom.

Quando o cariz* da atmosfera
 Se enfarrusca de caligens*,
 75 Torvelhinhando em vertigens,
 Aos bufos* do furacão,
 É mais sombra nas tristezas
 Duma alma que se agoniza,
 Na funda melancolia,
 80 De meu pobre coração.

Prefiro o sol, em luz vívida,
 Casando-se em brônzeos elos,
 À febre de meus anelos*
 Pelo paterno torrão;
 85 Quero o sol com seus ardores
 Infundindo-me na artéria
 Ode delirante, etérea,
 Que brama como um vulcão.

Casa Branca, 30 de agosto de 1892

O FARROUPILHA¹⁰⁵

Já a folhagem parece
 Ao soprar das ventanias,
 Crescem noites, mingam dias,
 Na triste quadra* hibernal;
 5 No prado apagam-se flores;
 Nas cérulas*, lindas telas
 Desabrocham mais estrelas
 Com rútilo* sem rival.

Silencia a natureza,
 10 Não mais se ouvem doces trilhos,
 Que em combiantes estilos
 Solta o plumoso cantor.
 Há meigos tons de saudade
 Em cada cair da tarde,
 15 Quando o sol longe não arde
 Com alma, estivo calor.

* Ver Glossário

Então, tu, rubim* alado,
 Que esvoaças nos pomares,
 Rápido cruzando os ares,
 20 Vais da pátria como êxul*;
 Vai, criatura mimosa,
 Delicada maravilha,
 A que chamou – farroupilha
 O peito livre do Sul.

25 Vai, volátil, mas não voltes
 Co'as brisas da primavera,
 Sem trazer a quem espera,
 Ao menos – a promessa*;
 Pois tens o rubor da aurora,
 30 Que é a cor da liberdade,
 Aceita da humanidade,
 À voz da revolução.

Na breve ausência visita
 As terras da heroica França,
 35 Traz de lá uma lembrança
 Do conflito secular;
 Pergunta ao pó de Bastilha*
 O que é fera tirania,
 E como a democracia
 40 O fez por terra rolar.

Vai à pirâmide egípcia,
 Ao necrotério de Atenas*,
 — Teatro de grandes cenas —,
 E aos romanos mausoléus;
 45 Que aí te diga o passado
 Se não foi a liberdade,
 Que trouxe à posteridade
 A luz pura, sem labéus*.

Foste nas frígidas névoas
 50 Derramadas pelos vales,
 Quando desgostos e males
 Podiam te sobrevir;
 Mas volta, rúbido* o peito,
 Com os rios duma aurora,
 55 Que é flama que não descora,
 Pois é o sol do porvir.

Casa Branca, 28 de agosto de 1892

* Ver Glossário

POR QUE DORMES?¹⁰⁶

- 1 Por que dormes, titão* do imenso pampa,
Tu que teus anos contas por façanhas?
Ante quem as campinas prestam cultos
E humildes ajoelham-se as montanhas?
- 5 Por que dormes em sono tão profundo?
É acaso torpor da covardia?
Ou antes preso estás e respeitoso,
À mentida e falaz* democracia?
- 10 Tu, o guerreiro indômito* doutr'ora
Da campanha na livre imensidade,
Exemplo vivo de virtude magnas,
E terno defensor da liberdade;
- 15 Não ouves, por ventura, além no espaço,
Clamar ingente* que retumba, ecoa,
Desde o profundo val* às altas grimpas*
Da montanha que nívea bruma c'roa?
- 20 Não ouves o gemido doloroso
Da pátria que s'estorce na agonia,
Da pátria triste, aflita, moribunda,
Sob a pressão de férrea tirania?
- Ficas quê-lo? Não ouves? Nem em sonhos
Rápida passa a fugitiva imagem
Da multidão que luta, espuma, rugem,
E quer vingar afrontas com coragem?
- 25 Por que dormes, titão*? Estás sem armas?
Quem te lança assim louco ao pé do abismo,
Onde morre o pudor, os sentimentos,
Onde o pulso se entrega ao despotismo?
- 30 Que vírus te corrói a mente, o músculo,
E transforma um leão em fraca ovelha?
Que faz dum porte que a bravura aclara,
Feio perfil que a corrupção espelha?
- 35 Estatela-te um Júlio de Castilhos*,
Que, renegando as crenças do passado,
Às plantas pisa, calca o pátrio ninho,
Por cúpido interesse malfadado?
- 40 Em tempos idos, sopesando a lança,
Ao ríspido soprar do minuano,
Não eras o prenúncio da vitória
Nesta zona do solo americano?

* Ver Glossário

Filho do Sul, agita a basta coma*,
 Sacode a letargia que te turva;
 Que não se diga que um valente, um livre,
 Aos pés da infâmia a nobre frente curva.

Casa Branca, 27 de agosto de 1892

A MORTE¹⁰⁷

1 Morre-se uma só vez. A morte é certa,
 Quer no leito de acerba enfermidade,
 Quer em pelejas em campanha aberta,
 Combatendo em favor da liberdade.

5 Um cadáver na leiva* funerária
 É o marco fatal de cada vida,
 Harto* tronco ou fortíssima alimária*
 Tudo se engolfa na feral* jazida.

10 Há mais glória tombar na infrene* luta,
 Impávido* afrontando as leis da sorte,
 Cingindo-se das láureas da vitória,

Do que, lânguido, a carne já corrupta,
 Aos poucos entregar-se à mão da morte,
 Sem que deixe de si sequer memória.

(1892)

A TRICOLOR¹⁰⁸

Ó! quanto te amei-te, quanto amei-te, ó pátria,
 Bendito berço dos avós e filhos!
 Como dar-te-ia o sangue, gota a gota,
 Para não ver-te por funestos trilhos!
 5 Como almejava, alfim* morrer contigo,
 Ambos num féretro num só jazigo!

Dobra-te, eterno pavilhão da glória,
 Fica no limbo da remota história.

10 Não vejas mais o perfilar do crime,
 Os tristes quadros de pungentes dores;
 E mais não cubras no desfraldo às brisas
 A raça espúria que te empana as cores;
 Tu, claro espelho da pureza antiga,
 Volve ao passado onde o pudor se abriga.

15 Dobra-te, eterno pavilhão da glória,
 Fica no limbo da remota história.

* Ver Glossário

Em tempos idos foste o pátrio orgulho,
 Docel dos livres, um fanal* dos brios,
 Foste a vitória a flamejar brilhante;
 20 Hoje desfraldas sob uns céus sombrios,
 Cospem-te afrontas no fulgor sem jaça,
 Pisam-te infames nos motins da praça!

Dobra-te, eterno pavilhão da glória,
 Fica no limbo da remota história.

25 Aceso em raiva o minuano bufa,
 Melenas soltas pelo espaço infindo
 Filhos dos Andes, qual condor se arroja!
 A terra treme seu tropel sentido,
 Curvam florestas abatendo as jubas!
 30 Rugem frementes mil guerreiras tubas*!

Dobra-te, eterno pavilhão da glória,
 Fica no limbo da remota história.

Fogem as nuvens em medonhos vórtices*,
 Ares escampam vivo sol se mostra;
 35 E a tricolor das esquecidas eras,
 Ao vento panda*, seu furor arrostra*;
 Das fundas dobras um soluço exala,
 Farfalha a tela e logo assim nos fala:

40 “Sou a bravura da remota história
 E sou o faro que conduz à glória.

“Filho do Sul e da querida terra,
 Cujos destinos guardo firme, altiva,
 Como sair dos estimados pampas?
 Como mostrar-me para sempre esquiva?
 45 Fui no passado a voz dum povo nobre,
 Sou hoje ainda quem o vela e cobre.

“Sou a bravura da remota história
 E sou o faro que conduz à glória.

50 “Silveiros, Lázaros* avultam sempre!
 Quero ofuscá-los no matiz que trago,
 Trípliques cores da palheta heroica,
 A cujo eflúvio* vis legais esmago;
 Que o digam crônicas de trinta e cinco*,
 Quando desfi-los como inútil brinco.

55 “Sou a bravura da remota história,
 E sou o faro que conduz à glória.

* Ver Glossário

60 “Ó nos espaços, ao pampeiro solta,
 Tu hás de ver-me, repelindo insultos,
 Nos altos cumes onde o sol resplende;
 Não ficaram como até hoje insultos
 Os que tombaram na sangrenta liça*,
 Os que soluçam a pedir justiça.

“Sou a bravura da remota história
 E sou o faro que conduz à glória.

65 “Tu hás de ver-me, tremulando avante
 Na tenda negra onde campeia o crime,
 Hás de, ao clangores* de combates rijos,
 Ver-me ondear* como um clarão sublime,
 Por terra o triste despotismo exangue*,
 70 Todo banhado no corrupto sangue!

“Sou a bravura da remota história
 E sou o faro que conduz à glória.

75 Pois bem flutua ao sol de novas eras,
 E se luta pelo chão tombares,
 Se no naufrágio da esperança grata
 Flores – batel* em procelosos* mares,
 Morre, e contigo morra um povo inteiro,
 Outrora livre, varonil, guerreiro.

80 Pois bem, desdobra, pavilhão da glória,
 De novo envolve a rio-grandense história.

Casa Branca, 2 de setembro de 1892

O CRIME¹⁰⁹

À MORTE DE JOÃO RODRIGUES BATISTA*

I

Límpido rocio* caía em noites calmas
 Unido às lágrimas de ternas almas,
 Na campa* de Batista,
 Às réstias do luar;
 5 O favônio*, passando, triste endeixa*,
 No alaúde das frondes*, como queixa,
 Murmuré* a soluçar.

No último leito, chão da eternidade,
 À sombra do cipestre da saudade,

* Ver Glossário

- 10 Para sempre descanso
 Do mundano sofrer,
 Embalando-se ao flébil miserere*
 Que nas florestas o urutão* desfere
 Em soturno gemer.
- 15 Pobre Batista! O amor à liberdade
 Foi crime que a feroz LEGALIDADE,
 Nos rancores de hiena,
 Jamais te perdoou;
 Por isso armando a destra fratricida,
 Com a lâmina d' aço que trucidada,
 20 Por terra te deitou!
- Ó sol, não vejas o funéreo drama,
 Tu que és a luz vivaz que se derrama,
 Em fulgores da verdade,
 Em prestígios dos céus!
- 25 Ah! Não o viste! Em noite enfarruscada
 Mataram-no os covardes d' embuscada,
 Altivos dos labéus*!

II

- Estavas morto. O grupo de homicidas,
 Não contentes, embora já cadáver,
 30 Raivosos, assanhados s' encarniçam
 Em teus mortais despojos, como feras,
 Sempre sedentas, nunca saciadas
 Voltando à vítima, no chão volvendo-a,
 Novos golpes ferindo, inúteis golpes!
- 35 Decependo-lhe membros, e na fúria
 Arrancando cabelo e barba e pele,
 Processo do Comancho, que, na guerra,
 Seu inimigo escalpa!... Hórrida cena,
 Não é tudo... Sem mãos, sem pericrâneo,
 40 Lhe multilam o rosto, aos pés o calcam*,
 Cospem-lhe com a injúria escarro imundo,
 Blasfêmias de galés* jorrando em chufas*,
 Muito mais de quarenta ferimentos
 O pobre corpo à luz crástina* exhibe!
- 45 E dos lábios das chagas, lábios lívidos,
 Hiantes*, eloquentes, como a medo
 Vê-se o bosquejo dum protesto ardente!
- Se Dante* um dia num poema altíloquo
 Mil sombrias visões vazara em verso,
 50 Quadros traçando que horripilam sempre,
 E se Hoffmann*, Poe*, Arnim* descubrem mundos
 Onde sublime horror campeia ovante*,
 Aqui sem exigir da mente esforços,
 É assaz a colheita, farta a messe!

* Ver Glossário

55 Ah! Meu caro Batista, meu patrício,
A que estado chegaste! Nem cadáver
Já se chamam teus restos! Ó nem isto!

III

Roreje* o céu aljôfares* brilhantes,
Roreje* cílio amigo
60 Pérolas de saudade gotejantes
Sobre o humilde jazigo.

Foi um bravo, um ilustre democrata,
Tombado à voz do crime!
Sua memória um povo inteiro acata
65 Na angústia que hoje exprime.

A liberdade, em choro, em negras vestes,
S'ajoelha na lousa,
Onde ele em paz, à sombra dos cipestres,
Para sempre repousa.

70 Só tem tristezas, pátria, o teu poeta!
Só o funéreo canto!
Só sentimentos tristes interpreta!
Só o acompanha o pranto!

Casa Branca, 4 de setembro de 1892

A CALÚNIA¹¹⁰

1 Como és formoso, ofídio coralino,
Quando te vejo à luz dum sol no pino,
Na relva de esmeralda em vivo encanto
Que ofusca a púrpura de régio manto!
5 Ante ti tens rival somente a aurora,
A própria cochonilha* se descora
O múrice* fenício perde as tintas,
As cores escarlates são extintas!

5 Se o corpo ondulas, o rubi fulgura
Na roupagem que veste-te a natura,
Tens facetas de finas pedrarias,
Tens rútilos* de argêntas laçarias!
Saúdo-te, beleza, maravilha,
Que aos esplêndidos raios tanto brilhas!

10 Bela assim, és modesta, és meiga fada,
Vives sempre do mundo retirada,
Gozando os doces de dias da existência,
Sem fazer mal, em cândida inocência.

* Ver Glossário

- 15 E a multidão que passa na ignorância,
E com o susto que domina a infância,
Eis a bradar feroz: Matem a cobra,
Que de vagar nas ervas se desdobra!
- 20 É a perservidade antiga, inata,
Que hoje o primevo pongo* inda retrata?
Sempre pronto às calúnias, à mentira,
Contra um insonte* ser a que se atira?
- 25 Tu, ermitão das selvas seculares,
Onde vives à sombra dos cocares,
E semelhante ao sábio no retiro,
No fecundo silêncio, onde o suspiro
Pelas grandezas vãs, tristes vaidades,
Mil fraquezas e inúteis fatuidades,
Não te veem perturbar a mente calma,
Nem soçobrar-te em sofrimentos d'alma
- 30 Tu que és no lar o esposo, o pai modelo
E trazes, em teu porte o nobre selo
Das severas virtudes, grande exemplo
Que entre homens raras vezes eu contemplo;
Tu mocho, ave das soidões* tranquilas,
35 Quanto ódios te votam, que de dores,
Cansam-te os homens nos cruéis rancores!
A quem fizeste mal? Onde teus crimes,
Tu que a modéstia esquiva sempre exprimes?
Tu que não amas falsas lantejoulas,
40 Nem te alimentas de quimeras* tolas?
Será por teu amor ao ermo, à noite,
Sofrendo embora rigoroso açoite
De implacáveis e rijas ventanias,
Rábidas* convulsando as ramarias?
- 45 Se te ouve a multidão os tristes pios,
Ecos dos pensamentos teus sombrios,
Estruge* logo: Matem, é agouro!
E se não foges, vem fatal pelouro.
- 50 É a perversidade antiga, inata,
Que hoje o primevo pongo* inda retrata?
Sempre pronto às calúnias, à mentira
Contra um insonte* ser a que se atira?
- 55 Ah! jitiranaboia*, surge em cena,
Quais os delitos teus? Em qual arena?
Dizem que trazes pua* que assassina,
Que foi sempre fatal à tua sina,
Pois por onde passas, nada poupas,
Nem árvores, nem gentes e nem roupas!
Tudo pões, ao veneno, em pó desfeito,
60 Como se fora em gral* pisado a jeito.

* Ver Glossário

Mas o sábio que estuda a natureza
 E quer a luz nos campos da incerteza,
 O sábio já liberto do primato,
 Vai procurá-la no terreno ingrato,
 65 Bradando a todos: É mentira, é falso,
 Inocentes quereis em cada falso?
 Na estulta* turbamulta* causa espasmo
 O vê-lo radiar de entusiasmo,
 Defendendo a misérrima cigarra
 70 Do preconceito de recurva garra:
 E o homem que não é pongo*, o da ciência
 Banhado de sagrada refulgência,
 Tendo fugido de cair no brete*,
 Na calma placidez do gabinete,
 75 A fronte de alegria em doce flama,
 O inseto em frente, com prazer exclama:
 “Ó, fúlgora* sublime, ó latornária,
 A calúnia é treva funerária,
 Tu és a luz em noites da Goiana,
 80 És estrela sem par brasileira!
 Pálida criatura, te perseguem,
 Vão por terra eucaliptos, e te seguem,
 Como se foras anjo das perfídias
 Os crimes embuçados nas insidias,
 85 A inundação, a peste, o incêndio, a morte,
 O espectro horrível de contrária sorte!
 Se o mundo contra ti tanto se inspira
 Na calúnia feroz, torpe mentira,
 Tu és verdade eterna que flameja,
 90 És o remorso em fogo que braveja.

 É a perversidade antiga, inata,
 Que hoje o primeiro pongo* inda retrata?
 Sempre pronto às calúnias, à mentira,
 Contra um insonte* ser a que se atira?

 95 Por toda parte o mesmo fel amargo
 A falsidade sempre em campo largo,
 Remontando das aves aos insetos,
 Destes às serpes* em seus maus projetos,
 Mas onde entende-se, onde audaz perfila,
 100 É entre os homens, entre os quais se asila,
 Onde mácula divinais ideias,
 — Feras harpias* no festim de Enéas*!
 — Gotas tofanais* na cristalina taça
 Que o prazer divo* docemente enlaça!

 105 Basta a virtude ter sincero culto,
 Basta o talento levantar a vulto,
 Para as unhas mostrar de feio grifo...
 E as cóleras ardentes dum Sísifo*...
 Remorde-se até a glória que radia,

* Ver Glossário

- 110 Odeia a luz, as notas de harmonia.
Vampiro, beija a face da criança
E no sepulcro a coitadinha lança;
Deita-se em casto leito de donzela
E as pétalas arranca-lhe à capela.
- 115 Primogênita filha dos monturos,
Despeja-me os teus hálitos impuros;
Não te temo, calúnia, ó messalina*,
Tu és e serás sempre uma sentina*!...
- 120 Veremos se na luta me suplantas;
Grita, esbraveja, hei de calcar-te às plantas,
Ouve, te afrontarei; não caio exangue*,
Enquanto houver em mim gota de sangue.
Te juro, hoje e amanhã, não quebro a pena,
Antes do canto triunfal na arena.

Casa Branca, 4 de setembro de 1892

TRÍPLICE INFANTICÍDIO** 111

- 1 Pobres meninos!... São mortos!
Quais os autores do crime?
Quem deita auroras no esquife?
Quem a inocência suprime?
- 5 Mimosas flores agrestes,
Inda em botão se esfolharam!
Sopros dos ventos bravios
As pétalas dispersaram!
- 10 Não estância infantil gazeio
Não se ouve mais em trinados;
A morte os gelou, passando,
Levaram-nos duros fados!
- 15 Forasteiras andorinhas,
Vireis com a primavera,
Chilido* alegre soltando
Na estação que doce impera;
- Mas não ouvireis no pampa
A saudação da criança,
Ela que os risos te dava,
Em seus dias de bonança.
- 20 Contristai-vos, andorinhas
Já foram-se os bons amigos;
Hoje restam do passado
Os funerários jazigos.

** Ver Notas // * Ver Glossário

- 25 Saltitantes curruíras*,
Com quem brincareis agora?
Com quem os jogos e arrufos
Desde que rompia a aurora?
- 30 Coitadinhas! Tomai luto,
Em vez dos suaves quebros,
Em vez da sonata vivida,
Modelai soluços crebos*.
- 35 Quem vos colherá nos campos,
Nas matinas rosiclères*,
Violáceas jurujubas*
E dourados malmequeres?
- 40 Laranjal, tens tantas flores,
Te desfazes em fragância!
Para quê? Se ver não podes
O enxame da meiga infância?
- 45 Como o terneiro e o potrilho
Não devem sentir saudade
Dos folguedos, correrias,
Do bando da mesma idade!
- 50 Como espreitaram de longe,
Indagando em ânsias vivas,
Por que não volvem aos campos
Os prazenteiros convivas!
- 55 Passai, passai, borboletas,
Traçando rápidos giros;
Passai, passai, tristonhas...
Quem hoje vos dá suspiros?
- 60 Esperadas éreis ontem
Com anseio indefinido;
Hoje reina a paz das tumbas,
Parece tudo adormido.
- 60 Foram se idílios dos prados,
Em aprazíveis brinquedos;
Vós voando, eles correndo,
Eles cansados, mas ledos*.
- 60 Mas quem cortou-lhe o estame
Dos sorrisos cristalinos,
Na rosada refulgência
Dos albores matutinos?

* Ver Glossário

65 Foram heróis, foram bravos,
Soldados de grave porte,
Na destra o cutelo erguido,
Ferindo a infância da morte?

O que nunca fez Herodes*,
Porque é lenda e não verdade,
70 Eles o fizeram calmos
Do pampa na imensidade.

Que glórias e que partido!
E quantos troféus brilhantes!
E diga a estância do Salso,
75 E as campas dos três infantes.

Casa Branca, 8 de setembro de 1892

A CABEÇA DECEPADA¹¹²

(EPISÓDIOS DOS CRIMES DE JUNHO, EM CANGUÇU)

Ei-la, a pobre senhora, entregue aos cuidados
Dos domésticos lares. Mas a morte
Vagueia longe, pois tormenta horrível
Fora estala, rebrama* incandescente,
5 Não destas que produz a natureza,
A das paixões, de insólita braveza.

É a luta política nas sanhas,
Espadana*ndo sangue de patrícios!
Ela pensa nos seus, a face triste,
10 Nos mil quadros de crimes e flagícios,
Nas cenas de pilhagem, de matança,
Nas vítimas de horrífica vingança.

Para às vezes no serviço, presta ouvidos,
Mas novas esperando a cada instante;
15 É certo, trabalha, mas em vivas ânsias,
O pensamento fixo, vigilante,
Dominada de súbitos terrores,
No meio de seus múltiplos labores.

As crianças incautas riem e brincam
20 Fazendo matinada que ensuderce,
Descuidosas do mal em que não pensam,
Quando a mãe nos cismares os esquece;
É que ela nem os ouve; doutra feita
De assaz ralhar não fora satisfeita.

* Ver Glossário

- 25 Faz-se o ruído do que vem de rastos...
Ela volta-se e fica estupefata...
É o cão que entra e traz nos dentes prezas
Cabeça que um amigo lhe retrata...
Que cabeça terrível, decepada,
- 30 Guedelhas* soltas, toda ensanguentada!
- À testa vincos traz de tordiquete,
O pomo duma face está roída,
As pálpebras estão escancaradas,
E no pescoço quase consumido
- 35 Ferve fétida a náusea da bicheira
Que ali deixou infame varejeira.
- O vítreo olhar nas órbitas tem brilhos
De estranha refulgência, luzes fátuas,
Súbito lampejar de pirilampos,
- 40 Uns clarões de fosfóricas estátuas!
Ardem ódios profundos nas retinas,
Raivas que queimam, fúrias viperinas*!
- Lábios arregaçados mostram dentes,
Colmilhos* de vingança, presa aguda
Que parece ferrar com força ingente*;
Vendo-os, vence o terror que tudo muda...
Dir-se-ia que trituram, quais moinhos,
Pulverizando em loucos torvelinhos.
- 45
- Ó naquela cabeça de Medusa,
Naquela boca em contrações de espasmo,
Há dor enorme, imensa, dum suplício,
Mas há também satânico sarcasmo!
Parece que gelou-se nesta frase:
Vinguem-me, embora o mundo enfim se arrase!
- 50
- E a mesquinha senhora que, ao princípio,
Fora como de pedra pelo susto,
Nas mãos premando as latejantes têmporas,
É da insânia o fiel e triste busto!
Ri-se e chora, gargalha, salta e rola,
- 60 Canta, esbraveja, a todos desconsola!

Casa Branca, 8 de setembro de 1892

* Ver Glossário

CANÇÃO DO LIVRE⁸⁶

Sou livre, nos pulsos não quero cadeias,
Odeio essa raça de vis e protervos*,
Boêmios sem fé e sem Deus e sem crenças
Que dão-se na terra ao destino de servos.

5 Prefiro os trabalhos de eternos suores
A morte prefiro à infâmias de escravo...
Sou livre! ... E que importa-me a extrema penúria
E o cálix* que emborco tão prenehe de travo*?!

10 A fronte não dobro, é de ferro fundido,
Altivo a meneio, contente da sorte...
Se podem curvá-la ao arbítrio do mando,
O podem tentar... hão de vê-la quão forte!

15 Os homens odeio, à mercê rasteiando*
Dos ventos que trazem somente interesses,
Os dignos de morte, de estigma infamante,
Os fracos, covardes, eu creio, são esses.

20 Que vale viver-se sem própria vontade
Trazendo pesadas e duras cadeias?
Malditos os homens, humildes curvados,
Pois eram senhores de nobres ideias!

Eu pobre caminho, mas rico de crenças!
Se às vezes me faltam confortos na vida,
Relembro que ao livre enobrece o martírio,
E glórias recebe por cada ferida.

Casa Branca, 5 de setembro de 1892

2 Odeio essa raça] *Odeio esta estirpe* AR. // 3 crenças] *crenças* AR.// 6 às infâmias de escravo] *à infâmia d'escravo*; AR. // 7 Sou livre! ... E que importa-me] *Sou livre, que importa* AR // 8 travo?!] *travo?* AR.// 10 Altivo e meneio, contente da sorte...] *Altivo a meneio contente da sorte*, AR. // 12 O podem tentar...hão de vê-la quão forte!] *E se ousam feri-la, hão de vê-la quão forte* RE. // ** Ver Notas // * Ver Glossário

Entre os versos 12 e 13 de RE, retira uma estrofe de AR:

Eu amo o sonhar d'um futuro brilhante,
A ideia dos livres, meus carmes* lhe dou;
- Eflúvio* celeste, quem há de adorá-la
A não ser como eu que soldado lhe sou?

13 odeio, à] *odeio à* AR. //15 de estigma infamante] *d'estigma cruento* AR.// 16 creio, são] *creio são* AR. // 17 vontade] *vontade*, AR.// 18 Trazendo pesadas]*Sofrendo pesadas* AR. // 19 homens, humildes] *homens - humildes* AR.// Entre os versos 20 e 21 de RE, retira uma estrofe de AR:

Não vendo meus foros, nem de ouro do mundo,
Nem placa e fitão os pudera comprar,
Mil vezes quisera meu sangue vertendo
Revê-lo por terra com força jorrar.

22 faltam confrontos na vida,] *faltam o alento da vida*, AR. // 31 o livre o martírio enobrece] *ao livre enobrece o martírio*, RE.

ONTEM E HOJE ¹¹³

Quão vários são os homens
 Á luz de novas eras!
 Não há vozes sinceras,
 Nem nobre coração...
 5 Tudo podre esboroa,
 Morreram patriotas,
 E surgem vis ilhotas
 Nas épocas d'então.

O caráter se inquina*,
 10 Filhos de ilustres bravos,
 Preferem ser escravos,
 Arrastando grilhões:
 Já o sangue de herança
 Mais não corre nas veias
 15 Dum povo sem ideias,
 D'espúrias gerações.

Já tudo está perdido,
 Campeia o crime, o vício,
 No mais complexo exício*,
 20 Das tradições do lar;
 São herves os precitos*,
 A virtude exilou-se,
 E talvez apartou-se
 Para não mais voltar.

E os poucos que inda restam,
 25 Defendendo o passado,
 Santuário sagrado
 Que vacila, de pé;
 Não têm viril coragem,
 30 São covardes, são fracos,
 Deles não surgem Gracos*,
 Inspirados de fé.

Casa Branca, 3 de setembro de 1892

VINTE DE SETEMBRO ¹¹⁴

Saúdo, ó pátria, o majestoso dia
 Em que viste por terra férrea algema
 Do despotismo que suplanta os brios,
 E a liberdade nos abraços prema*.
 5 Alva de redenção, manhã de glória,
 Que o passado circunda de fulgores,
 Primavera dum povo entre os sorrisos
 Da primavera a desfazer-se em flores!

* Ver Glossário

- 10 Que de astros constelando o céu formoso
Do pátrio pampa, ninho de bravura!
E como hoje nas margens do presente
Luzeiro tão remoto assaz fulgura!
- Já cinquenta e sete anos tombaram
Da rápida clepsidra, gota a gota,
15 E quem inda não vê da tirania
A bandeira no chão desfeita e rota?
- Indigentes sublimes do Rio Grande,
Manes* de meus avós, augustas sombras,
Sois sempre vivos, sois o sol que fulge
20 Do interminas planícies nas alfombra*.
- Destes outrora exemplos de civismo
Que podem-se imitar, nunca excedê-los,
Exemplos que perduram, são eternos,
Porque trazem em si eternos selos.
- 25 Ó como és imortal, Bento Gonçalves*,
Não morreste, não morrem altos feitos,
E inda que se perdesse a liberdade,
Viverias do Sul em nobres peitos.
- Vives e viverás, tua memória,
30 É mais que o farilhão* dos oceanos,
Este a vaga corrói, batendo sempre,
És gládio* sempre à face dos tiranos.
- Bento Gonçalves* tu fizeste um povo,
E nossas glórias são as glórias tuas;
35 Se temos tradições, a ti devemos,
Sempre contra opressores nos tumultuas.
- No entanto, quem dissera! Triste lousa
Não indica ao Rio Grande teu jazigo!
Não vão ali, como deverá sê-lo,
40 Derramar sobre a campa* pranto amigo.
- Nem sequer num recanto fuste* esguio
Se mostra como humilde monumento!
Nada! Nada! Tu és um pergaminho
Na poeira fatal do esquecimento!
- 45 É tempo, rio-grandenses, de cumprimos
Os deveres de filhos; em estátuas
Erguidas ao passado, demonstremos
Que não nos prendem só as glórias fátuas.
- 50 Relembremos aos pósteros*, ao mundo,
Os que morreram ou passaram riscos;

* Ver Glossário

Aos heróis desse ciclo de epopéias
Levantemos colunas e obeliscos.

55 Erguer-lhe monumento, é nobre culto,
É um tempo erigido à liberdade,
É dívida que paga-se ao passado,
É um preito de amor e de saudade.

60 Ó quem, como eles, no Brasil inteiro,
Bateu-se por espaço de dez anos?
Só mesmo convicção profunda, imensa,
E só mesmo ideais americanos!

Inconfidentes, o que são, dizei-nos,
Comparados aos nossos que verteram
Em borbotões* o sangue num decênio,
Em que eles aos milhares pereceram?

65 Só Bahia, Pará e Pernambuco,
Por uma causa morrem combatendo;
Só eles têm ideias, têm princípios,
Só eles pela pátria vão morrendo.

.....

70 Eu vos saúdo, vinte de setembro,
Glória de minha terra e glória minha,
E hoje que se memora o grande dia,
Tens todo o culto e amor que em mim se aninha.

Casa Branca, 20 de setembro de 1892

GARIBALDI*¹¹⁵

Eu te saúdo, vinte de setembro!
Aqui no imenso palco rio-grandense,
Com orgulho o passado hoje relembro.

5 A tricolor nos ares se desfralde,
Que esteve a par dos nossos, nos pertence,
O grande herói da Itália, Garibaldi*.

15 A enfunem* vendavais, nasceu na guerra,
Estandarte sublime, nada temes;
Ele o soltou no mar que horrível freme,
Ele o soltou na vastidão da terra.

Os Galpões nos recordem, onde a glória,
Quando surgia o impávido* guerreiro;
Soldado de dois povos, sobranceiro
Nas pugnas* sempre a dar-lhes a vitória.

20 de setembro de 1892

* Ver Glossário

HINO DA INDIGNAÇÃO ¹¹⁶

1ª COPLA

- 1 Às armas, patrícios, valentes gaúchos,
Filhos da terra dos contos guerreiros!
Depressa, a cavalo, dispostos à luta,
Nas asas voando de ardentes pampeiros!

2ª COPLA

- 5 Cruéis correntinos percorrem, recalcam,
O solo sagrado da pátria querida,
Estâncias devastam, o incêndio propagam,
Mulheres, crianças, deixando sem vida!

ESTRIBILHO

- 10 Às armas! Às armas!
Depressa, a cavalo!
Em breve intervalo
Não há que esperar!
Galopem, galopem,
Num bom galopar!

3ª COPLA

- 15 Às patas esmaguem dos nobres ginetes,
A bolas e laço o feroz estrangeiro...
Que os lancem por terra, estendidos, exangues
Humildes tombando no chão derradeiro.

4ª COPLA

- 20 Aos vis e covardes que, como o romano,
Aos lares nos chamam audazes bandidos,
Eterno carimbo lhes fique nas frentes,
Opróbrio* que levem, da pátria banidos.

ESTRIBILHO

- 25 Às armas! Às armas!
Depressa, a cavalo!
Em breve intervalo
Não há que esperar!
Galopem, galopem,
Num bom galopar!

5ª COPLA

- 30 Que tenham no exílio, nos dias futuros,
Angústia pungente, ao remorso curvados;
Que sofram silentes* o mal que fizeram,
Que gemam, que chorem aos ríspidos fados!

* Ver Glossário

6ª COPLA

35 Não são rio-grandenses, não são, os infames
 Que o crime nos trazem, nos deixam ruínas!
 O Sul não produz, não embala, não cria,
 Tais monstros que vivem nas nossas campinas!

ESTRIBILHO

40 Às armas! Às armas!
 Depressa, a cavalo!
 Em breve intervalo
 Não há que esperar!
 Galopem, galopem,
 Num bom galopar!

Casa Branca, 31 de agosto de 1892

EXECRAÇÃO¹¹⁶

O.D.e C.

AO

DR. JÚLIO DE CASTILHOS

1 Não tens nome! Não quero batismo
 Que o futuro teu nome proclame!
 Tu vendeste os irmãos como infame,
 Como infame à história não vás!
 5 À virtude levantem-se altares,
 Às ações que molduram prodígios,
 Pois são astros de puros prestígios
 Que o passado ao presente nos traz.

Mas a ti?! Já nos sobram Tibérios*,
 10 Como sobra o desprezo profundo...
 Já são muitos nos fastos* do mundo
 Os arcanjos da lenda do mal!
 Mas a ti?! Nem ilustras o crime,
 Nem lhe dás novo lustre no exemplo,
 15 Que outros vultos na história contemplo
 Desfrutando da glória fatal!

Teus patrícios à sanha* entregaste
 De bandidos estranhos, cruentos,
 E caíste em fugazes momentos
 20 Em abismos tremendo, sem fim!...

* Ver Glossário

Não tens nome! A bandeira sublime
 Das três cores de raios brilhantes,
 Este manto de heroicos Atlantes*,
 Sem remorso, manchaste, Caim*!

- 25 E se tudo não finda na tumba,
 Mal do mundo desfeitos os laços;
 E se toma-se, além, nos espaços,
 Novas formas em novo viver:
 Lá não tenhas venturas um dia,
 30 Tenhas sede em lugares sem águas,
 Tenhas fome em esferas de frágoas*,
 Só te nutras do próprio sofrer!

- Sem os elos de terna amizade,
 Sem doçuras de castos amores,
 35 Sem fragrância que dão-nos as flores,
 Sem auroras que traz-nos a luz,
 Em deserto de trevas caminhes,
 Onde surjam miragens risonhas,
 Transformadas em feras medonhas
 40 Ao fadário que ali te conduz!

Casa Branca, 1 de setembro de 1892

UM CALVÁRIO ¹¹⁸

(EPISÓDIO DOS CRIMES DE JUNHO)**

Rende-se a serra a lânguidos desmaios
 Na mantilha de noite glacial,
 Ao luar que difunde tábios* raios.

- 5 Surge incerta a paisagem, e o pinhal
 Levanta aos céus os braços de esqueleto,
 Com a voz roufenha de estertor final.

Ao mortecor* da luz o mato é preto,
 Pende a neve em rendados bambolins*
 Dos esgalhos de cada pé de abeto*.

- 10 São os céus desbotados baldaquins*!
 E entre a zona serril* e os cemitérios
 Há não sei quê de relações afins!

- No silêncio desdobram-se mistérios,
 É um sudário a vasta solidão,
 15 E tem a voz diapasões funéreos.

Era uma noite assim; mas na amplidão
 Retumbam repentinos alaridos,
 Como em cratera súbita erupção.

* Ver Glossário

- 20 É que assoma a quadrilha de bandidos
Do Castilhos* cruento, e vem gelar
De sustos aos que estão adormecidos.
- Avançam blasfemando, e pelo ar
Mil balas vão cruzando contra a estância,
Frases que não se podem trasladar.
- 25 Ai vive ditoso e sem jatância
Um modesto casal, em grato amor,
Dando cuidado à progente, à meiga infância.
- Três filhas, cada qual botão em flor,
São a calma alegria, a luz tranquila,
30 Que as prende à vida enchendo-a de fulgor.
- Ai, míseros! Ó como a fé vacila
Ante o horroso, lúgrube painel!
Ante a torpeza que terror instila!
- 35 Tremera o braço ao divo* Rafael*,
De Virgílio* tornara muda a lira,
E de Fídia* quebrara-lhe o cinzel!
- Os véus que a natureza revestira
Trazem da morte a fria gelidez
À luz da lua que tristosa inspira.
- 40 Da estação contra a dura rispidez
Os corsários do campo erguem fogueiras,
Cujo valor lhes esbraseia* a tez.
- Atam o pobre velho com rijeiras
Num esteio* robusto do galpão
45 Com insulto e palavras galhofeiras.
- Aos tons quentes e rúbeos do clarão
Do fogo em labareda que crepita
Surgindo vão como infernal visão.
- 50 Que alcateia* execranda ali se agita!
Que macabra contorce a corja vil,
Cujo peito famélico palpita!
- São qual tigre que furta-se ao covil,
E tudo a dente e garras atassalha,
Tudo espedaça no furor febril!
- 55 Bem como na brancura da mortalha
Três virgens em camisa vêm ali,
Cujo infortúnio a negra infâmia talha.

* Ver Glossário

- 60 A mais velha, chorosa juriti*,
Quatorze primaveras na alva frente,
Vem sem cor, como níveo bogari*.
- Papai! murmura-lhe criança insonte*,
E cai desfalecida em duro chão,
Sem que o fato a tais monstros amendronte.
- 65 Não lhe toquem, não,não, chama o ancião,
Se há culpado sou eu... O que fez ela?
E a voz morreu-lhe em doida convulsão.
- Está caída a linda Graziela,
E nela ceva-se vampiro atroz,
A desfolhar-lhe a virginal capela!
- 70 Vós que sois pais, dizei, qualquer de vós;
Há dor que se compare e se confronte,
Com a do pai agora em férreos nós?
- Nem Encélado* posto sob o monte,
Nem no Cáucaso* o altivo Prometeu*
75 Nem entre as duas serpes* Laocoonte*!
- Tão fácil a outra filha não cedeu,
Mas a mão do assassino na garganta,
Por terra a debruçou e a esmoreceu.
- 80 Ah! Não deixe, papai. E a tenra planta
Que se expandia aos raios matinais,
O bandido a amarrota, aos pés suplanta.
- O anjo chora, desprende flébeis* ais,
Geme, sibila* um grito de agonia,
Tal se fora varada de punhais.
- 85 Ao velho arqueja o peito à dor sombria,
Cordas vincam-lhe a carne no furor,
Treme o galpão na cólera bravia!
- Matem-me a mim, infames! Ai que dor!
E pendeu a cabeça para o peito
90 Como Cristo nas horas de amargor.
- Ugolino*, faminto sobre o leito,
Devora os filhos mortos, sem sentir
Do delírio febril ao triste efeito.
- 95 O remorso não pode se incutir
Em ânimo que engolfa na loucura,
Em estômago à fome a se transir*.

* Ver Glossário

Mas o mísero pai, na desventura,
Vê, ouve, geme, sofre o mal,
Contraí-se nas angústias da tortura.

100 Se não fora ligado, o que lhe vai,
Das mágoas s'extorcendo num ecúleo*,
Já a golpe finara-se mortal.

Caboclo correntino, porta hercúleo*,
Dirigindo-se rápido à menor,
105 N' alma paterna finda novo acúleo*.

Vós que sois pais, dizei-me, frio suor
Não vos poreja a pele, ante esta cena,
Vós que a do Gólgota* sabeis de cor?

Lúgubre Werner*, dá-me a tua pena,
110 Gericault*, tu, concede-me o pincel.
Para esboçar o horrível geena*.

Por mais que faça, não serei fiel
No quadro que resume, leve traça
O crime negro, bárbaro, cruel.

115 A loura criancinha se deslaça
Dos amplexos* do ciclope feroz,
E aos joelhos do pai louca se abraça.

És minha, brama o bruto, torva a voz,
120 Enquanto ela debate-se chorando,
Entre os pulsos que a apertam como nós.

Avezinha inda implume, ao ninho brando
De macio edredon, quem te arrancou?
Não foi de estranhos o cobarde bando?

125 Nenúfar* em botão, quem te esfolhou,
Lançando ao turbilhão da correnteza
A alva flor que a lascívia babujou?

És, menina, cadáver da beleza,
Sombra do que já foi um serafim*,
Inocência que foi de abutres presa!

130 O ancião mostra um busto de marfim,
Tanto o estupor domina-o, tanto o gela
A surpresa, o pavor que o prostra assim.

Por que não o mataram? Isto anela
Quem como ele sofreu; porque morreu
135 Morreu à dor que a insensatez revela.

* Ver Glossário

O que resgata o que ele então perdeu
 Tem a vida pregada num Calvário,
 Vendo as filhas no crepe funerário,
 Do cândido pudor que Deus lhes deu!

Casa Branca, 29 de setembro de 1892

CURVEM-SE ¹¹⁹

Curvem-se outros no altar da vil lisonja,
 Na insensata vertigem dum momento,
 Aos rútilos* reflexos que azinhavram
 A imaculada flor do sentimento.

5 Dobrem tanto a cerviz, que mais não seja,
 Ergam Castilhos* nela em tal postura;
 Assim os pais e amigos venderiam,
 Sem sentir um ressaibo de amargor!

10 A dignidade humana, a luz dos brios,
 No lodaçal sepulsem da torpeza;
 Não sejam homens, não, que a Deus ofende
 A infração contra as leis da natureza.

15 Deus não os fez assim, os fez senhores,
 Senhores no direito e na virtude;
 Quem aos vícios adora e rende preitos,
 Para ambos abre o fúnebre ataúde.

20 Curvem-se outros no altar da vil lisonja,
 Na insensata vertigem dum momento,
 Aos rútilos* reflexos que azinhavram
 A imaculada flor do sentimento.

Casa Branca, 29 de setembro de 1892

(A PROPÓSITO DUMA CARTA ANÔNIMA) ¹²⁰

5 Tirteu* dum povo, o levo à luta, às pugnas*,
 Pintando o crime em seu horror medonho;
 Tumbas abro, cadáveres exumo,
 Os faço ver como em terrível sonho;
 Sou a vindicta num sublime arranco,
 Armada toda, enfim, de ponta em branco.

Anelo* nas ruínas deste tempos
 Erguer a pátria em pedestal de glórias;
 Quero vê-la, grilhões no chão desfeitos,

* Ver Glossário

- 10 Sublimar entre láureas das vitórias,
Tendo por guia a eterna claridade
Que difunde de si a liberdade.
- Hei de despertar n'alma rio-grandense
Os feitos do passado, que não morrem,
15 Estímulos latentes, não extintos;
Hão de ver como às armas prestos correm
Os invictos gaúchos, sempre fortes
Com as suas indômitas coortes*.
- Tirteu*, bem sei que estou com espartanos,
20 Homens que não se temem do perigo,
Dês que levanta o colo a tirania;
E vou cantando, assim cantando sigo,
Com os olhos fitados no futuro,
Como no polo fita o palinuro*.
- 25 Ameaças vilãs não intimidam
A quem da própria morte não se assusta,
E a prefere mesmo à vida com desdouro;
Tentai, covardes, isto não vos custa,
Tendes bandidos, corja vil que mata
30 Até crianças que uma fera acata.
- Viseira erguida vinde, frente a frente,
E vereis se me rendo, se recuo;
Tendes capangas, tendes correntinos
Vinde, canalha, que ardo, anseio, estúo*;
35 Quero ver a bravura, face a face,
Quero ter o prazer do desenlace.
- Assentai mil obuses*, mil bombardas*,
Chamai exércitos de todo o mundo,
Invocai dos infernos a falange,
40 O que incute, penetra, horror profundo;
E vereis se impoluta consciência
Humilde se ajoelha à prepotência.
- Morrem homens, morrem sentimentos
De que são a suprema e bela forma,
45 Os papalvos* e estúpidos presumem
Que a seu talante* tudo se transforma,
Cavando-se um sepulcro em cemitério,
Onde a verdade durma em chão funéreo.
- Engano! Sou, mas não serei em breve;
50 E o princípio que eu hoje represento,
Amanhã terão outros no legado
Que sempre ficará em testamento;
Morrem Catões* e Brutus*, não importa,
Sua ideia ao futuro se transporta.

* Ver Glossário

- 55 Enquanto vivo, marcho avante, e canto,
E arrasto aos sons da lira um povo inteiro,
Hei de erguê-lo ao fastígio* de esplendores,
Ou morrerei com ele, prazenteiro;
Havemos de esmagar o despotismo
Encarnado no infame castilhismo.
- 60 Mais que nunca estarei no posto, alerta,
Mais que nunca, patrícios, ficai certos,
Meu derradeiro alento na agonia,
Meus olhos vigilantes, sempre abertos,
- 65 Até ao fim serão por vossa causa,
Sem ter jamais intermitente pausa.
- Não me aterram insultos de embuscada,
Cartas sem nome, que fabrica o vício
Nas tascas*, nos alcouces* em que mora;
- 70 Não me abate a calúnia em seu ofício,
Sou como a penha em que resvala o raio,
Nada disto me entrega a vil desmaio.
- E irei cantando co'a vitória ao lado,
Ao tom dos hinos levarei um povo
75 Aos ingentes combates pela pátria,
Cujo passado surgirá de novo,
Nas roupagens brilhantes do civismo
Por terra derrubando o despotismo.
- 80 Caniçalha* que late, ulula* ao longe,
Não intimida a bravos, intimida
Aos que como eles ao remorso atados,
Vão arrastando lastimável vida,
Roída pelos íntimos pesares,
Que nos seios lhe bramam como mares.
- 85 Havemos de vencê-los. Quem o impede?
Nem Deus, se assim quisera! Não se vence
A quem tem o direito, a liberdade,
A justiça, por si, que lhe pertence,
Hão de ser condenados por juízes
No momento final das graves crises.
- 90 Havemos de vencê-los, rio-grandenses,
Por nossas tradições e sentimentos,
Por nossa história, nossos grandes feitos
Que duram como eternos monumentos,
- 95 Por nossas crenças de homens livres bravos,
Que não dobram-se humildes como escravos.

* Ver Glossário

100 Enquanto não raiar-nos esta aurora,
Empunho a lira, sem terror, sem medos,
Ao troar da canção sonora, ardente,
Através dos intérimos vargedos,
Acordarei antigos, nobres brios,
Contra os tiranos rábidos, sombrios.

Casa Branca, 6 de outubro de 1892

BIBIANO TAVARES** ¹²¹

5 Como Alcibíades* na choça oculto
Quem cerca Farnabaso*, o tredo* persa,
Assim foi ele, o bravo Bibiano,
Da estirpe dos Tavares, sitiado
Por cinquenta bandidos truculentos
Em sua própria casa. Só estava,
Esteve só em luta contra tantos
Durante longas horas. Desanimam
Os covardes contrários, os assusta
10 A coragem dum homem que os apouca*,
Que era como o penhasco de granito,
Alçando a frente nos imensos mares,
Ao qual mareta* após mareta* afronta,
Contra ele ruge, morde-lhe a epiderme,
15 Que lhes quebra os furores, desfazendo-a
Em capulhos* de espuma sobre as águas
Em ressaca fugindo espavoridas.

20 A refece* gentalha, não podendo,
Nem com o número, vencê-lo logo,
Arremessa brandões*, em viva chama,
À vivenda, reduto dum valente.

25 Lambem os céus línguas do incêndio ardente
De envolta com os rolos de fumaça
Que ondeia*-se à mercê das auras frescas,
Sobe, desce e remonta em torvolinho.
Nuvem negra se forma, o ar se enubla,
E no cendal* de crepe as lantejoulas
Das chispas que o salpicam, mais refulgem.
30 Crepita o fogo, estoura quais tabocas
Que espocam nas queimadas. Das fagulhas
A cinza em chuva cai, poeira preta.

35 Daquele fervedouro da fogueira,
Daquele abismo de frementes farpas
Da labareda rúbida, oscilante,
Do surdo borbulhar de ondas que fervem,

** Ver Notas // * Ver Glossário

- Do rumor cavernoso de crateras,
Sai um bramido que domina tudo,
Bramido de leão que fero salta,
Leão a sacudir a basta juba!
40 É Bibiano altivo entre os imigos*.
- Recuam e se espalham, fogem longe!
Ah! infames! Um homem vos aterra!
Um homem só, que val* mais do que todos!
- Vendo-o em distância, volvem, fazem fogo
45 Em rolantes descargas incessantes...
Assim tombou o herói, à covardia!
- Fagundes, és eterno nos opróbrios*!
E se a execração pública te pesa,
Já te arrasta, te prende ao pelourinho
50 Do desprezo que esmaga, avilta, mata,
Inda te imprimo à frente, ao verso em brasa,
Carimbo escuro que te leva aos pósteros.

Casa Branca, 6 de outubro de 1892

MEU PINGO¹²²

- Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
Já ressoa vibrante clarim
Nas quebradas da serra selvagem,
Pelos prados imersos, sem fim.
5 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.
- Vai nas asas pujantes dos ventos,
Pelo pampa cruzando taful*;
Sob a pata que voa aos combates
10 As macegas* embebe do Sul.
Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.
- Nitre, nitre, ao canhão que ribomba...
Guerra! Guerra! nos diz o canhão
15 É protesto dos ódios, das iras,
Deste povo a rugir num vulcão.
Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.
- Quem se teme, meu pingo, da luta?
20 Sou gaúcho, sem medos nasci;
Não me assusta a carranca de escravos,
Sou soldado das terras daqui.
Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

* Ver Glossário

25 Heup*! Heup*! Toca a galope, a galope!
 Vai vingando alcantis* do porvir;
 Sê pampeiro que brama que esmaga,
 Tudo em terra fazendo ruir,
 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
 30 Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

Laço e bolas, pistolas e lança
 E a clavina comigo se vão;
 Pela causa dos livres e bravos
 Levantemos o rubro pendão.
 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
 35 Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

Não saíra das lidas campeiras,
 Se os incêndios e mortes sem par
 Não fizessem taperas de estâncias,
 Hoje em vestes de negro pesar.
 40 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
 Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

Nem mulheres o crime respeita,
 Nem crianças sorrindo-se à luz!
 Ó que gentes nos traz um Castilhos*,
 45 Nos enchendo de males a flux*!
 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
 Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

Sim, relinchar aos tufões que sibilam*.
 No entrevero* renhido a sonhar,
 50 As narinas abertas, fumantes,
 O pescoço galhardo a curvar!
 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
 Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

Suplantemos o bando funesto,
 55 Os bandidos, a corja servil;
 Do passado salvemos a glória,
 Para sempre salvando o Brasil.
 Eia, avante, meu pingo, eia, avante!
 Solta as clinas*, fragueiro*, chibante*.

Casa Branca, 5 de outubro de 1892

DEVER DIFÍCIL ¹²³

Musa, em cenas de horror, deste-me o plectro*,
 Com que dia após dia firo a lira;
 Porém, quanto mais canto, mais se inspira
 Minha alma contra o crime, a rijo metro.

* Ver Glossário

5 Musa da pátria, pesa-me este cetro,
 Pois sofrendo o Rio Grande, em vão suspira!
 No canto exausta minha voz expira,
 Divido em toda a parte negro espectro!

10 Enorme incêndio de clarões funéreos,
 Imenso escombros ao longe a vista alcança,
 E onde era vida, abarca cemitérios!

Para onde foste, plácida bonança?
 Pois hoje nos funestos necrotérios
 Até vejo o cadáver da esperança!

Casa Branca, 9 de outubro de 1892

HINO ¹²⁴

Eia, avante, patriotas,
 Nobres filhos do Brasil,
 Caia em terra a tirania
 Num esforço varonil.

5 Não sejamos raça ignóbil,
 Suportando escravidões;
 Os que nascem no Rio Grande,
 Nos direitos são irmãos.

CORO

10 Cidadãos, alerta! alerta!
 Novo sol já vai luzir...
 Em coluna, a marche-marche*,
 Aos rebates do porvir!

15 Nas fadigas da existência
 Só de amor se aceita a lei:
 Não se quer pesado jugo,
 Nem favor da infanda grei*.

20 Se aproxima a liberdade,
 Ilumina a terra, a flux*...
 Quem não sente entusiasmos
 Ao brilhar de tanta luz?

CORO

Cidadãos, alerta! alerta!
 Novo sol já vai luzir...
 Em coluna, a marche-marche*,
 Aos rebates do porvir!

* Ver Glossário

25 Ergue a fronte, ó brava gente,
 Já é tempo de acordar;
 Aos combates, sem receio,
 Que há só glórias a ganhar!

30 Ao rimbombo das bombardas*
 Lança ao chão co'ardor febril,
 Baluartes dum Castilhos*,
 De covardes mil a mil.

CORO

Cidadãos, alerta! alerta!
 Novo sol já vai luzir...
 35 Em coluna, a marche-marche*,
 Aos rebates do porvir!

Quando a pátria chama os filhos,
 A seu posto, em dor sem fim,
 Quem se entrega a sono ignavo*
 40 À voz rude do clarim?

Negros crimes, injustiças,
 Campão firmes, são de pé!
 Tudo esvai-se, não há crenças,
 Não há Deus, que é morta a fé!

CORO

45 Cidadãos, alerta! alerta!
 Novo sol já vai luzir...
 Em coluna, a marche-marche*,
 Aos rebates do porvir!

50 Reina a paz? Ó não! que é calma
 Que prediz o temporal;
 São tristezas que rodeiam
 Feia pompa funeral!

55 Despertemos do letargo,
 A bradar: Revolução!
 O futuro nos acena
 Com excelsa* redenção.

CORO

Cidadãos, alerta! alerta!
 Novo sol já vai luzir...
 Em coluna, a marche-marche*,
 60 Aos rebates do porvir!

* Ver Glossário

Liberdade, vem sorrir-nos
Inspirar-nos sacro afã,
Arrancar de densa treva
Bela, esplêndida manhã.

65 Nas campanhas do civismo
Contra atroz presente hostil,
Vem guiar esta falange,
Que é a glória do Brasil.

CORO

70 Cidadãos, alerta! alerta!
Novo sol já vai luzir...
Em coluna, a marche-marche*,
Aos rebates do porvir!

Casa Branca, 16 de outubro de 1892

* Ver Glossário

JORNAL DO COMÉRCIO¹²⁵

LIMIAR DA GLÓRIA (AO PARTENON LITERÁRIO)¹²⁶

Um poeta, alma pura em brônzeo século,
 Ao braço a lira, à frente o estro* em chamas,
 O passo endereçando em duras trilhas,
 Sob o fardo gemendo do infortúnio,
 5 Já o débil estame da existência
 Romper em louco acesso de delírio,
 Quando estranha visão lhe embarga o crime.

Era um augusto templo. Seu zimbório*,
 Além do sol, além se arremessava,
 10 Em ablução* de luz que não concebe
 Quem vive sob a cena do planeta.

O pórtico de lúcida matéria
 Que a fama escurecida desses mármoreos
 Que a estatuária antiga eternizara!
 15 Luminoso, nas trevas dava o dia,
 No dia, o sol em trevas mergulhava.

Doce e sutil fragância ali trescala*,
 Que nardo* e benjoim*, incenso ou mirra*,
 Nem sequer imitá-la tentariam;
 20 Se um mortal a respira, esquece o mundo.
 E no mundo vivendo a mente arroja
 Em regiões empíreas só sonhadas.

Transpô-lo, quem se atreve? Se o separa
 Da morada terrestre imenso abismo
 25 E a ponte que o domina, vacilante,
 A cada passo treme e embaixo mostra
 A voragem sem termo, a noite eternal?!

Transpô-lo, quem se atreve? Quem? O gênio,
 Simulacro de Deus e Deus na terra!
 30 Cavalgando o corcel da eternidade,
 Só ele a morte afronta, a vence altivo!

Eis o domínio, o Partenon* sagrado
 Da glória que o progresso diviniza;
 Vasta arena de heróis de todo o tempo,
 35 Que o limiar transpõem, cingida a testa
 De verde oliva e imarcescível* louro.
 Ante o pórtico, em pilhas, se mostravam
 Troféus infames dum renome falso.

Os fachos de Arostrasto e Nostradamo*
 40 Desparzindo* no ar o negro fumo
 Que aos autores do crime ainda envolve;
 As sandálias de Empédocles* vaidoso,
 Que o soberbo encelado não tolera;
 Do rei – troam a flauta e mil grinaldas

* Ver Glossário

45 Com quem a bajulação lhe enflora a fronte.
O leão de Perilo e os sambenitos*
Que talhou Torquemada*, ali perduram.

A par de milhões e espadas e clavinas,
De balistas*, obuses* e outras armas
50 Que sempre se opusera à liberdade
Em dias de nefasto despotismo.

Grandes malossos de incisivas presas,
Escancaradas faces, tredo* aspecto,
Contra fantasmas vãos, só deles vistos,
55 Se abatem insanos, rangem dentes,
Raivosos arremetem, correm, pulam,
Latem, recuam, caem, de novo voltam,
Pejam o espaço de roufenhos* uivos,
Tresnam negro fel, espumam sangue,
60 E na impotente sanha* a se se mordem.

São os Frérons* do gênio que radia,
Os Ânitos* de impávida virtude,
Os comensais da inveja e da calúnia,
O Iscariota* que vende o peito do amigo,
65 O efialta* que trai o amor da pátria.
Sob a abóboda erguida aos firmamentos,
Destacavam florestas infinitas,
A cuja sombra plácidos arroios
E galernos* favônios* perpassavam.

70 Primavera constante resplendia
Com o outono vivendo em doce enlace;
Festões de raros pomos; flores raras,
A rama esmeraldina matizavam;
Flores, pomos, exóticos na terra,
75 Pois onde a morte jaz, jamais nascerão!
Pássaros cambiantes, cujas vozes
Óperas portentosas concertavam...
Que cascatas de trilos*, que harmonias!
E que rasgos de música celeste!

80 E o poeta de júbilo sorria...
A fio pelas faces macilentas
Lágrimas, santas lágrimas, correram!...
E no rosto onde a ruga do martírio
Em quadra* prematura se esboçara,
85 O luar estampou-se da ventura.

Prosseguiu a visão. Sublime préstito*
Dos altos vultos de ilustradas eras
Começa a desfilar... As maravilhas
E caprichos de luz de sóis diversos
90 Em orbes* que a ciência mal penetra,
Os cerca como em vestes roçagantes*.

* Ver Glossário

As gerações extintas, desde os Árias*
 Até os povos de moderna idade,
 Ressurgem, o cortejo vão formando
 95 Dos grandes homens do painel da história.

E cantam, cantam, em sublime coro:

Salve, mártires da arte e da ciência,
 Titânios* alvanéis* do pensamento,
 Colunas do porvir da humanidade!
 100 Salve! Neste recinto de além-túmulo
 O prêmio tendes de eternal descanso!

Que importa o sofrimento, os agros* dias,
 Dias de dor profunda, infrene* angústia,
 A miséria de pé, alçada e destra,
 105 A fome, a sede, o gelo, o sol ardente,
 E a perfídia do mar e do deserto,
 Menos terrível que a perfídia humana.

Que importa que em defesa dos princípios,
 Em prol da nobre causa da verdade,
 110 Sobre a arena caíesses dos combates?!
 Que importa? A foice edaz* tirando ao tempo
 Conquistastes um nome perdurável,
 Não cinzelado em bronze ou terso* mármore,
 Porém na consciência dos vindouros,
 115 Onde um altar se ergueu em cada peito,
 E cada lábio vibra, como harpejos,
 Orações triunfais, alegres hinos!

Salve, mártires da arte e da ciência,
 Titânios* alvanéis* do pensamento,
 120 Colunas do porvir da humanidade!
 E o poeta, alma pura em brônzeo século,
 Ao braço a lira, à frente o estro* em chamas,
 À vida volve, já seguro o passo,
 Pulsando o coração de entusiasmo
 125 Ante o cenário que lhe mostra a glória.

E o caminho consigo refletia,
 Como um eco da visão desvanecida:

Salve, mártires da arte e da ciência,
 Titânios* alvanéis* do pensamento,
 130 Colunas do porvir da humanidade!

(1878)

* Ver Glossário

O INSTITUTO BRASILEIRO AO PARTENON LITERÁRIO ¹²⁷

Ao brilho das festas, aos cantos ferventes,
 Às mil ovações que de longe vos vêm,
 Ao som das orquestras, à voz dos poetas,
 Deixai q'eu vos traga meus votos também.

- 5 Erguestes um templo, chamando os talentos
 Que o céu nos concede nas terras daqui;
 Arautos do belo, em impulso valente,
 Dissestes a todos: Pensai e Senti!

- 10 Ao mágico apelo, essas almas que fitam
 — Condores no espaço – os lampejos do sol,
 À justa correram, pensaram, sentiram,
 Banhadas em ondas de doce arrebol*.

- 15 Que dias fecundos as letras não deram
 Em obras talhadas no zelo da fé!
 Que nobres combates, o livro por armas,
 A glória marchando, na frente, de pé!

- 20 Ao brilho das festas, aos cantos ferventes,
 Às mil ovações que de longe vos vêm,
 Ao som das orquestras, à voz dos poetas,
 Deixai q'eu vos traga meus votos também.

Terei de as grinaldas de louros tecer-vos,
 Por isso vos brindo na quadra* infantil;
 Já sou da falange dos povos futuros,
 Já sou do porvir de meu caro Brasil.

- 25 Em nome da pátria, que almeja o progresso
 Também dos vindouros, que deles eu sou,
 Alegre vos rendo eternal homenagem,
 Os preitos devidos agora vos dou.

- 30 Os feitos brilhantes na história se insculpem*
 Em áureos emblemas, num fundo de azul;
 Assim Partenon*, em sublime decênio
 Os fastos** gravastes nos campos do Sul.

- 35 Ao brilho das festas, aos cantos ferventes,
 Às mil ovações que de longe vos vêm,
 Ao som das orquestras, à voz dos poetas,
 Deixai q'eu vos traga meus votos também.

(1878)

** Ver Notas // * Ver Glossário

JORNAL CORREIO DO POVO ¹²⁸

PRIMEIRA CÃ¹²⁹

Lola está pensativa, a mão na face,
sobre o mármore* da mesa os cotovelos,
na espádua seminua se despenha
a onda negra e abundante dos cabelos.

5 O olhar, meio velado em sombra tênue,
sossobra em mar de cismas e tristeza,
— Que tens, Lola? Por que é que um ponto fitas
que, de certo, lobrigas* sobre a mesa?

10 Ali há um frio débil, serpentino*
mas de prata luzida o cintilante.
Nele reflete a luz, refulge em feixes
bem como da faceta dum brilhante.

Eis a causa da pena que a domina!
Era a primavera câ* que lhe viera!
15 — Estou velha! ela diz em tom plangente*,
Onde te foste, ó minha primavera?

— Já o inverno está perto, se avizinha...
Ó gelo que turvaste-me a alegria,
por que caíste agora, prematuro,
20 na trança donde a vida se irradia?

— Sei, que na esfera azul, esplendes sempre,
cuja chama, jamais, jamais se apaga!
Evapora num beijo a neve fria
que de terror todo o meu ser alaga.

25 — Lola, não temas o rigor do tempo.
Trinta anos dizem quadra* de pujança,
a vida que exuberava, o amor em febre,
a mocidade ardente de esperança.

30 É a planta exótica o torçal* d'argento*.
Aura retoma o trouxe à basta coma*,
às madeixas que estreitam, prendem, matam
quando tens um vulcão em cada poma*.

Foi um raio do sol que diz ornar-te
a fronte de madona, e, ardente em zelo,
35 escondeu-se na trança olente* e cheia,
o ébano ressaltando do cabelo.

40 É cedo ainda para os vãos receios;
ainda o amor das lutas não te alija.
És bela, a carnação tem tons de rosa,
o contorno é correto, a carne rija.

* Ver Glossário

Não vás ao toucador, o deixa o espelho;
não cuides da estação que virá tarde,
quando no peito o coração não pula
e o sangue nas artérias mais não arde.

Porto Alegre, 1896

2 NOTAS

1 IRIEMA

Pseudônimo usado por Apolinário Porto Alegre em **Bromélias** e em outras publicações.

2 BROMÉLIAS

Livro de poemas, com trinta e cinco poemas, 203 páginas, publicado em Porto Alegre, pela Imprensa Literária, em 1874.

3 HARPA DO DESERTO

Subdivisão do livro **Bromélias**, com treze poemas de inspiração regionalista.

4 BROMÉLIAS

O poema está em **Bromélias** (BR), p. 5-6. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1874.

5 O PAMPA

O poema está em **Bromélias**, p. 7-16. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1872.

6 O GAÚCHO

O poema está em **Bromélias**, p. 18-22. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1872.

7 O PONCHO-BRASÃO

O poema está em **Bromélias**, p. 23-28. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1872.

8 NINA

O poema está em **Bromélias**, p. 29-33. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1873.

9 CURRUIRA

O poema está em **Bromélias**, p. 34-36 e na **Revista do Partenon Literário** (RPL), n.12, 1873, p.551. O texto de base seguido é BR. A data de composição em ambos é 1873.

10 A CRENÇA

O poema está em **Bromélias**, p. 37-41. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1870.

11 O UMBU

O poema está em **Bromélias**, p. 42-45 e na **Revista do Partenon Literário**, n.7, 1873, p.322-323. O texto de base seguido é BR. A data de composição em BR é 1872 e em RPL é 1873.

Epígrafe inexistente em **Bromélias**.

12 UM RANCHO

O poema está em **Bromélias**, p. 46-48. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1870.

13 BOI-TATÁ

O poema está em **Bromélias**, p. 49-51. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1872.

14 A PRIMAVERA

O poema está em **Bromélias**, p. 52-53. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1874.

15 PEDRAS BRANCAS

O poema está em **Bromélias**, p. 54-60 e na **Revista Arcádia** (AR), 2ª série, p.69-73. A data de composição em BR é 1866 e em AR é 1868. O texto de base seguido é BR. Epígrafe inexistente em **Bromélias**.

16 TOBIAS

O poema está em **Bromélias**, p. 61-66 e na **Revista do Partenon Literário**, n.3, 1874, p.690-692. A data de composição em BR é 1874 e em PL é 1868. O texto de base seguido é BR.

O subtítulo “Episódio da revolução” destaca que o poema descreve um episódio da Revolução Farroupilha que tem como herói Tobias (Rafael Tobias de Aguiar, herói da Revolução Liberal que derrotada foge para a Província de São Pedro para participar da Revolução Farroupilha).

17 LIRA DA MOCIDADE

Subdivisão do livro **Bromélias**, com quinze poemas em versos sentimentais.

18 A LARANJEIRA

O poema está em **Bromélias**, p. 69-78 e na **Revista Arcádia**, 2ª série, p. 109-115. A data de composição de ambos os poemas é 1868. O texto de base seguido é BR. Subtítulo de AR é inexistente em BR. Refere-se a um idealizado ainda criança que não se mantém quando chega a fase adulta que o jovem ressentido ter sido possível mantê-lo.

19 ABANDONO

O poema está em **Bromélias**, p. 79-82 e na **Revista Arcádia**, 4ª série, ano III, n.7, p.54. A data de composição em BR é 1866 e em AR é 1867. O texto de base seguido é BR.

20 O QUE QUERES?

O poema está em **Bromélias**, p. 83-85. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1871.

21 DOIS AMORES

O poema está em **Bromélias**, p. 86-90. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1867.

22 MORTA!

O poema está em **Bromélias**, p. 91-94. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1867.

A citação “Fragmento dum romance” passa a ideia de que o poeta pretende desenvolver em mais de um poema o tema abordado, contudo, isso não ocorre.

23 LOUREIRA

O poema está em **Bromélias**, p. 95-97. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1869.

3 Essa vírgula não existe no original. Ela é colocada em decorrência de uma pausa, sintática e respiratória.

24 SINHÁ

O poema está em **Bromélias**, p.97-99. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1868.

25 MENTIAS!

O poema está em **Bromélias**, p. 100-102 e na **Revista Arcádia**, 2ª série, p.232. A data de composição em BR é 1865 e em AR é 1866. O texto de base seguido é BR. As subdivisões do poema inexistentes em **Arcádia**.

26 CRÊ E ESPERA

O poema está em **Bromélias**, p. 103-104. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1869.

27 VOLTA...

O poema está em **Bromélias**, p. 105-107. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1868.

28 FLOR DO ASCETISMO

O poema está em **Bromélias**, p. 108-112 e na **Revista Arcádia**, 2ª série, p.9-22, fev. 1868. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema em ambos é 1868.

Na AR existe três *, que estão dispostos imitando um triângulo, entre os versos 40 e 41, que são inexistentes em BR.

29 VOTO

O poema está em **Bromélias**, p. 113-114. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1868.

30 DORME

O poema está em **Bromélias**, p. 115-127. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1873.

31 ESQUECE

O poema está em **Bromélias**, p. 118-120. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1868.

32 ANJO DECAÍDO

O poema está em **Bromélias**, p.121-123. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1866.

33 ALAÚDE DO SÉCULO

Subdivisão do livro **Bromélias**, com sete poemas de temas sociais.

34 A IMPRENSA

O poema está em **Bromélias**, p. 127-131. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1869.

35 O CELIBATO DO CLERO

O poema está em **Bromélias**, p. 132-138. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1868.

A epígrafe “Afonso L. Marques” destaca que o poema é uma homenagem ao poeta lírico sul-rio-grandense.

36 VIDAL

O poema está em **Bromélias**, p. 139-139. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1870.

A epígrafe “Extrato do memorial dum prisioneiro” não traz nenhuma indicação do nome do prisioneiro, mas revela como era sua vida durante o período em que esteve preso.

37 VAMPIROS

O poema está em **Bromélias**, p. 150-157. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1868.

6, 8: vêem do verbo Ver e não Vir - erro de revisão

38 TÚMULOS VIVOS

O poema está em **Bromélias**, p. 158-166. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1871.

39 DIES IRÆ

O poema está em **Bromélias**, p. 167-182 e na **Revista Arcádia**, 4ª série, ano III, n.18, p.141-142. O texto de base seguido é BR. A data de composição de ambos os poemas é 1874.

Os versos 50 e 52 de BR aparecem em AR de modo invertido. O verso 50 de BR é o verso 52 em AR e vice-versa.

88-89, 93-94, 97-98 AR: existe uma linha em branco entre esses versos que é inexistente em BR

97 e 98 de BR: entre esses versos existe uma linha que é inexistente em AR

Entre os versos 186 e 187, 192 e 193, 198 e 199, 200 e 201, 203 e 204, 209 e 210, 228 e 229 em AR, não existe uma linha separando-os.

Em AR, os versos 179 e 180 não se iniciam-se com aspas.

40 A ÁFRICA

O poema está em **Bromélias**, p. 183-195. O texto de base seguido é BR. A data de composição do poema é 1874.

41 NOTAS

Nas notas, Apolinário Porto Alegre explica o motivo pelo qual nomeia o livro de Bromélias e o nome do subcapítulo Harpa do deserto. Além de situar o poema “A crença” como um fato que ocorreu em Porto Alegre, em 1870; “Tobias”, como um Episódio verdadeiro; “CELIBATO” é uma homenagem ao amigo Afonso Luís Marques que inspira os versos e mais quatro ou cinco epístolas, que deixa de publicar por sua extensão; “Túmulos vivos” considera título talvez extravagante, mas necessário para demonstrar alguns talentos.

42 ERRATA

Após a composição do livro, é realizada uma revisão que acaba criando esta errata, anexada antes do índice.

43 FLORES DA MORTE

Livro de poemas, com vinte quatro poemas, publicado em Porto Alegre, pela Marinoni, em 1904, com 105 páginas.

44 INVOCAÇÃO

O poema está em **Flores da morte**, p.5-8. O texto de base seguido é FM.

45 EPICÉDIO

O poema está em **Flores da morte**, p.9-13. O texto de base seguido é FM.

46 FERÁLIA

O poema está em **Flores da morte**, p.14-22. O texto de base seguido é FM.

47 A ADALBERTO

O poema está em **Flores da morte**, p.23-24. O texto de base seguido é FM.

48 A MORTE

O poema está em **Flores da morte**, p.25-28. O texto de base seguido é CP.

49 A AFONSO LUÍS MARQUES

O poema está em **Flores da morte**, p.32-37. O texto de base seguido é FM.

50 O CADÁVER

O poema está em **Flores da morte**, p.38-39 e no **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29/11/1896, p.1. O texto de base seguido é FM.

51 EMA

O poema está em **Flores da morte**, p.40-41. O texto de base seguido é FM.

52 A MATÉRIA

O poema está em **Flores da morte**, p.42-44. O texto de base seguido é FM.

53 METAMORFOSE

O poema está em **Flores da morte**, p.45-47. O texto de base seguido é FM.

54 A CONVALESCENTE

O poema está em **Flores da morte**, p.48-51 e na **A Reforma**, Porto Alegre, 29/08/1899, p.1. O texto de base seguido é FM.

55 TIJUPAR DESERTO

O poema está em **Flores da morte**, p.52-56 e na **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.8, 1877, p.232-235. O texto de base seguido é FM.

56 NÊNIA À MORTE DE JOSÉ DE ALENCAR

O poema está em **Flores da morte**, p.57-62 e no **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 26/12/1877, p.2. O texto de base seguido é FM.

57 LÁGRIMA DA SAUDADE

O poema está em **Flores da morte**, p.63-67. O texto de base seguido é FM.

58 NA SEPULTURA DE UM CÃO

O poema está em **Flores da morte**, p.68-70. O texto de base seguido é FM.

9 O SUICIDA

O poema está em **Flores da morte**, p. 29-31 e no jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05/12/1896, p.1. O texto de base seguido é FM.

60 AGRICOLA

O poema está em **Flores da morte**, p.71-72. O texto de base seguido é FM.

61 ANGELINA

O poema está em **Flores da morte**, p.73-15. O texto de base seguido é FM.

62 DORMINDINHO

O poema está em **Flores da morte**, p.76-80. O texto de base seguido é FM.

63 QUE SERVE

O poema está em **Flores da morte**, p.81-83. O texto de base seguido é FM.

64 O SINO

O poema está em **Flores da morte**, p.84-86. O texto de base seguido é FM.

65 O CÉU

O poema está em **Flores da morte**, p.87-96. O texto de base seguido é FM.

66 PSIQUE

O poema está em **Flores da morte**, p.97-98. O texto de base seguido é FM.

67 DEUS

O poema está em **Flores da morte**, p.99-104 e na **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.6, 1875, p.259-262. O texto de base seguido é FM.

** Essa nota é inexistente em FM.

68 OBSERVAÇÃO

Nessa observação deixa claro que o livro não é totalmente revisado pelo autor devido sua morte prematura.

69 REVISTA *ARCÁDIA*

70 A BANHISTA

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.11-15 , 1868. O texto de base seguido é AR.

O segundo nome do autor é trocado por Jesuíno.

71 O UNA SONRISA AUNQUE LEVE!

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.45-46, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

72 HOMENAGEM

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.133-134, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

73 PRIMAVERA E MORTE

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.151-152, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

74 MURMÚRIOS

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.158-160 ,fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

75 ÚLTIMO SUSPIRO

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.231, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

76 SONETO

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.25, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

77 AMANHÃ!

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.87-88, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

78 A UMA FLOR

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.119-120, 1868. O texto de base seguido é AR.

79 PÁGINA DO PASSADO

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.158-160, 1868. O texto de base seguido é AR.

80 A FLOR E O COLIBRI

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.168 , 1868. O texto de base seguido é AR.

81 COARACI

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.174-175, fev. 1868. O texto de base seguido é AR.

* Coaraci – luz, como a chama o povo tupi – Nota do autor

82 SAUDADE

O poema está na Revista **Arcádia**, 2ª série, p.209-212, 1868. O texto de base seguido é AR.

83 DESALENTO

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.263-264, 1868. O texto de base seguido é AR.

84 CANTO DO CAMPEIRO

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.5, p.38, jul. 1869. O texto de base seguido é AR.

85 A GLÓRIA

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.6, p. 46-47, jul. 1869. O texto de base seguido é AR.

A epígrafe “Fragmento” indica que o poema faz parte de uma obra maior, mas, novamente, não é possível encontrar o texto mais completo.

86 CANTO DO LIVRE

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.8, p. 62, set. 1869 e em **A Reforma**, Porto Alegre, 16/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE, pois demonstra que o poeta realiza um aperfeiçoamento.

Na RE, o título do poema passa a ser Canção do livre, diminuindo o número de versos.

87 SE TE AMEI

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.14, p. 108, out. 1869. O texto de base seguido é AR.

88 A UMA MENINA

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.15, p. 117, nov. 1869. O texto de base seguido é AR.

89 EU SÓ NÃO MUDO

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.25, p. 198-199, jan. 1870. O texto de base seguido é AR.

90 O ESTATUTARIO

O poema está na Revista **Arcádia**, 4ª série, ano III, n.30, p. 224, fev. 1870. O texto de base seguido é AR.

91 COPÉ DESERTO

O poema está na Revista **Arcádia**, 3ª série, p.228, mar. 1868. O texto de base seguido é AR.

92 REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO

93 É TARDE

O poema está na **Arcádia**, 3ª série, p.300, fev. 1870 e na **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.4, jun. 1869, p.12-13.

94 EPÍSTOLAS

O poema está na. **Revista do Partenon Literário**, n.6, ago.1869, p.11-15. O texto de base seguido é PL.

O poema termina com uma indicação de continuação. Porém, durante a nossa pesquisa para a formação do *corpus* não se encontra outro poema “Epístolas”. O poema “O celibato” já inicia-se na epístola III, o que leva a questão do poeta ter renomeado o poema “Epístolas” para “O celibato”, pois o tema tratado nos dois poemas é o idêntico.

95 O CELIBATO

O poema está na **Revista do Partenon Literário**, n. 7, 1869, p.11-14; n. 9, 1869, p.21-25; n. 10, 1869, p. 21-23. O texto de base seguido é PL.

96 GABILA

O poema está na **Revista do Partenon Literário**, n.7, 1874, p. 42-43; n.8, 1874, p. 88-90; n.10, 1874, p. 182-184; n.1, 1875, p. 31-32; n.2, 1875, p. 83-84. O texto de base seguido é PL.

97 UM TÚMULO

O poema está na **Revista do Partenon Literário**, n.4, 1877, p.92-95. O texto de base seguido é PL.

98 A EVASÃO

O poema está na **Revista do Partenon Literário**, n.7, 1877, p.186-188. O texto de base seguido é PL.

A epígrafe “Episódio da revolução” revela que o poema trata sobre um episódio que envolve Bento Gonçalves, um dos seus líderes.

99 JORNAL A REFORMA

Nesse jornal de Porto Alegre, Apolinário publica na coluna intitulada “Lira poética”, vinte e quatro poemas.

100 AO CABO D'ESQUADRA CHICO DIABO

O poema está no **A Reforma**, 25/03/1870, p.1. O texto de base seguido é RE.

101 O CEGO DA GLÓRIA

O poema está no **A Reforma**, 25/08/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

102 O PRESCRITO

O poema está no **A Reforma**, 27/08/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

103 ÀS VÍTIMAS DE JUNHO

O poema está no **A Reforma**, 31/08/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

104 DIA DE CHUVA

O poema está no **A Reforma**, 01/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

105 O FARROUPILHA

O poema está no **A Reforma**, 02/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

106 POR QUE DORMES?

O poema está no **A Reforma**, 03/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

107 A MORTE

O poema está no **A Reforma**, 06/09/1892, p.1 . O texto de base seguido é RE.

108 A TRICOLOR

O poema está no **A Reforma**, 08/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

109 O CRIME

O poema está no **A Reforma**, 10/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

110 A CALÚNIA

O poema está no **A Reforma**, 13/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

111 TRIPLICE INFANTICÍDIO

O poema está no **A Reforma**, 14/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

** Na fazenda do Salso, propriedade de Filadelfo Riograndense Jardim, no município de São Gabriel. – Nota do poeta.

112 A CABEÇA DECEPADA

O poema está no **A Reforma**, 27/08/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

113 ONTEM E HOJE

O poema está no **A Reforma**, 17/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

114 VINTE DE SETEMBRO

O poema está no **A Reforma**, 20/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

115 GARIBALDI

O poema está no **A Reforma**, 20/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

116 HINO DA INDIGNAÇÃO

O poema está no **A Reforma**, 24/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

117 EXECRAÇÃO

O poema está no **A Reforma**, 27/09/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

118 UM CALVÁRIO

O poema está no **A Reforma**, 03/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

119 CURVEM-SE

O poema está no **Jornal A Reforma**, 04/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

120 (A PROPÓSITO DUMA CARTA ANÔNIMA)

O poema está no **A Reforma**, 11/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

121 BIBIANO TAVARES

O poema está no **A Reforma**, 18/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

122 MEU PINGO

O poema está no **A Reforma**, 14/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

123 DEVER DIFÍCIL

O poema está no **A Reforma**, 15/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

124 HINO

O poema está no **A Reforma**, 20/10/1892, p.1. O texto de base seguido é RE.

125 *JORNAL DO COMÉRCIO*

126 LIMIAR DA GLÓRIA (AO PARTENON LITERÁRIO)

O poema está no **Jornal do Comércio**, 23/06/1878, p.1. O texto de base seguido é JC.

127 O INSTITUTO BRASILEIRO AO PARTENON LITERÁRIO

O poema está no **Jornal do Comércio**, 23/06/1878. O texto de base seguido é JC.

128 *JORNAL CORREIO DO POVO*

129 PRIMEIRA CÃ

O poema está no **Jornal Correio do Povo**, 04/12/1896, p.1. O texto de seguido é CP.

3 OBRA COMPLETA DE APOLINÁRIO JOSÉ GOMES PORTO ALEGRE

3.1 Conto

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Paisagens**. Porto Alegre: Imprensa Literária, 1875.

PORTO ALEGRE, Apolinário. A tapera. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 4 e 5, 1874, p. 704-743-750; Pelotas: Correio Mercantil, 1875.

PORTO ALEGRE, Apolinário. O monarca das coxilhas. **Revista Murmúrios do Guaíba**, jan-jun. 1870, p. 171-179 e 214-223.

3.2 Historiografia

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Cancioneiro da Revolução de 1835**. Porto Alegre: Liv. Globo, 1835.

3.3 Poesia

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Bromélias**. Porto Alegre: Imprensa Literária, 1874.

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Flores da morte**. Porto Alegre: Marinoni, 1904.

3.4 Romance

PORTO ALEGRE, Apolinário. Os palmares. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 1,2, 4 a 9, p.5-9, p.19-23, p. 5-7, p. 3-7, p. 18-19, p. 3-7, p. 3-7, p. 3-8, 1869.

PORTO ALEGRE, Apolinário. O vaqueano. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 1 a 6, p. 26-31, p. 26-34, p.11-19, p. 9-19, p. 7-22, p. 8-25, 1872; Porto Alegre: Liv. Globo, 1927.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Feitiço duns beijus. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 7 a 12 , 311-320, p. 346-360, p. 378-389, p. 331-454, p. 470-479, p. 525— 534, 1873; n. 1 , 3, p. 580-595, 1874.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Lulucha. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 1, 2, 4, 5, 7 e 8, p. 12-21, p.27-32, p. 86-91, p. 112-117, p. 167-185, p. 214— 231, 1877.

PORTO ALEGRE, Apolinário. **O crioulo do pastoreio**: lenda rio-grandense. P. Alegre: Bibl. Rio-Grandense de J. J. R. da Silva, 1875.

3.5 Teatro

PORTO ALEGRE, Apolinário. Benedito. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.2, p. 609-623, 1874.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Sensitiva. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.5 e 6, p. 212-226, p. 247-263, 1873.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Mulheres. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.1 a 4, p. 12-23, p. 67-78, p. 117-126, p. 168-180, 1873.

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Vidal**: cena cômica, Porto Alegre: Rep. Amadores no Teatro São Pedro, out. 1875 .

PORTO ALEGRE, Apolinário. **O combate do Amazonas** ou **O triunfo da esquadra brasileira**: elogio dramático. Rio Grande: Rep. p/Associação Artística 7 de Setembro, 1865.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Os filhos da desgraça, **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 5 a 9, p. 767-779, p. 797-806, p. 4-20, p. 58-64, p. 109-116, 1874.

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Epidemia política**. Porto Alegre: Correio do Sul, 1882; Porto Alegre: Sociedade Emancipadora Rio-Grandense, 1882.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Ladrões da honra. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n. 4,5 e 7, p. 161-176, p. 194, 206, p. 15-31, 1875.

3.6 Estudos críticos e biográficos

PORTO ALEGRE, Apolinário. Elogio fúnebre de Felipe Néri. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.5/8, 1872.

PORTO ALEGRE, Apolinário. José de Anchieta. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.1 e 2, 1879.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Manoel José da Silva Bastos. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.4, 1873.

PORTO ALEGRE, Apolinário. José de Alencar. **Revista do Partenon Literário**, Porto Alegre, n.9 a 11, 1873, n. 2, 1874.

3.7 Outros

PORTO ALEGRE, Apolinário. Viagem a Laguna. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, n. variados , 1896.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Origens guarani-túpicas do português falado no Brasil (Popularium Rio-Grandense). **Revista do IHGRGS**, Porto Alegre, n° ¾ ano 1, 1921, p. 461-504

PORTO ALEGRE, Apolinário. **Ao Partenon Literário no seu primeiro decênio:** discurso. Porto Alegre: Imprensa Literária, 1878.

PORTO ALEGRE, Apolinário. Discurso proferido na instalação da Sociedade Partenon Literário. **Arcádia**, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, Rio Grande, 1868, p. 177-180.

ANEXOS

Anexo A:

Glossário

Ab Jove: expressão exclamativa latina (DEDK)

Abeto: pinheiro (DCF)

Ablução: banho de esponja ou de toalha molhada no corpo todo ou parte dele (DIAH)

Abrolha: faz brotar, germina; floresce (DIAH)

Achates: personagem de *Eneida*, de Virgílio, o mais fiel companheiro de Enéas (DPL)

Adejos: agitos das asas para se manterem no ar; sequências de voos curtos, pequenos e sem direção definida (DIAH)

Ádito: entrada, acesso, aproximação (DIAH)

Adustas: queimadas, esbraseadas, ardentes (DCF)

Afonso L. Marques: poeta lírico sul-rio-grandense (1847-1872) (AR)

Agamennon: filho de Atreu, irmão de Menelau, rei de Micenas e Argos, chefe dos gregos na Guerra de Tróia (DPL)

Agrar: pôr (um terreno ou um campo) em condições de ser cultivado (DIAH)

Agros: escabrosos (DCF)

Aguilhão: vara comprida com ferrão na ponta, usada para picar os bois (DIAH)

Alabastrina: muito branco, que possui alvura (DIAH)

Aladino: Aladim, herói de uma das histórias do conto persa *As mil e uma noites* (DEDK)

Alar: levantar; fazer voar (DCF)

Alcáçar(es): fortaleza(s), castelo(s), palácio(s) fortificado(s) de origem moura (DIAH)

Alcantil: precipício, despenhadeiro (DIAH)

Alcateia: bando ou grupo de lobos, matilha (DIAH)

Alcatifa: tapete grande com que se reveste o chão (DCF)

Alcatres: quartos, traseiros das reses (DIAH)

Alcibíades: general ateniense (450 a.C. - 404 a.C.), cuja traição contribuiu para a derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso

Alcíone: ave considerada pelos gregos como de bom augúrio (DIAH)

Alcoices: prostíbulos (DIAH)

Alcouces: bordéis (DCF)

Alfim: então (DCF)

Alfombra(s): campo(s) elevado(s) (DCF)

Algares: cavernas, grutas, despenhadeiros (DCF)

Algente: muito frio, glacial (DCF)

Álgida: muito fria; glacial; algente (DIAH)

Alimária: qualquer animal especialmente quadrúpede; besta de carga (DIAH)

Aljôfares: gotas de orvalho com aspecto de pérolas (DIAH)

Almés: dançarina oriental de estilo lascivo; almeia (DIAH)

Almos: benéficos; vivificantes; adoráveis (DIAH)

Aluir-se: abala-se (DCF)

Alvanéis: autor de obra tosca (DCF)

Alvinitentes: de cor branca e brilhantes (DIAH)

Amanhar: arranjar, preparar (DIAH)

Amanho: arte ou técnica de cultivar ou lavrar a terra (DIAH)

Âmbula: pequeno vaso de gargalo estreito e bojo largo (DCF)

Ameio: cada um dos parapeitos, separados por intervalos, na parte superior das muralhas e castelos (DIAH)

Amerger: abaixar, abater, humilhar (DCF)

Amplexo (s): abraço (DIAH)

Anacoreta: monge que vive em retiro, solitário(DIAH)
Anátema: sentença de maldição que expulsa da igreja; excomunhão (DIAH)
Androide: androide; autômato com figura humana (DCF)
Andrômeda: constelação do hemisfério boreal (DEDK)
Anediar: fazer carinhos, afagos em; afagar, alisar (DIAH)
Anélito: desejo ardente, aspiração, ânsia (DCF)
Anelo(s): desejo(s) intenso(s) (DIAH)
Anilhos: pequenas argolas para guarnecer ilhoses (DCF)
Ânitos: Ânito, um dos acusadores de Sócrates, que desaprovava o relacionamento de seu filho com o filósofo (JAMP)
Anoso: velho, antigo (DIAH)
Anteu: gigante, filho de Poseidon e de Gaia, com o qual luta Ulisses (DPL)
Antolha: coloca diante dos olhos (DIAH)
Anu: nome de duas aves trepadoras do Brasil (DCF)
Apascenta: dá alimento espiritual(DIAH)
Apojar: encher-se em demasia de (alguma coisa); abarrotar-se (DIAH)
Apostasia(s): mudanças de religião, de partido, de ideia (DCF)
Apóstata: aquele que abandonou a vida religiosa, sem autorização superior (DIAH)
Apoucar: diminuir, enfraquecer (DIAH)
Aprestos: preparativos; tudo que serve de instrumento ou meio para a realização de certos atos (DCF)
Aquibadá: uma das principais embarcações da Armada Imperial do Brasil (MB)
Arcanos: segredos que os cristãos dos primeiros séculos mantinham sobre alguns mistérios da religião, especialmente da eucaristia (DIAH)
Ardentia(s): brilho, fosforescência, cintilação de cores (DIAH)
Areópago: tribunal ou assembleia respeitada pela retidão dos julgamentos (DIAH)
Aresto: caso julgado, decisão judicial (DCF)
Aretino: Pietro Aretino (1492-1556) dramaturgo, poeta e satírico italiano (DMEM)
Argentar: banhar, cobrir de prata; pratear (DIAH)
Argênteos: prateados (DIAH)
Argento: prata (DCF)
Argos: cidade na Grécia, no Peloponeso, perto do golfo de Náuplia e antiga capital da Argólida, que posteriormente é subjugada por Esparta (DEDK)
Argueiro: coisa insignificante (DCF)
Árias: arianos, povos que viveram supostamente há muitos anos em região próxima ao Mar Cáspio (DEDK)
Arnim: Ludwig Arnim, escritor alemão (1781-1831), autor de contos fantásticos (DIAH)
Arpejo: acorde em que as notas são tocadas em modulação continuada (DIAH)
Arrebol: cor avermelhada do crepúsculo (DIAH)
Arreceio: receio (DIAH)
Arrostar: olhar de frente, encarar sem medo; defrontar, afrontar (DIAH)
Arrulo: sonoridade emitida pelos pombos, rolas, etc (DIAH).
Ascetas: antes da instituição dos mosteiros, devotos dedicados a orações, privações e mortificações, sem terem pronunciado votos (DIAH)
Áscuas: quaisquer coisas incandescentes em brasas (DIAH)
Asinha: sem demora; rapidamente, depressa (DIAH)
Astrágalos: molduras arredondadas que contornam a parte superior de uma coluna, logo abaixo dos capitéis (DIAH)
Atacama: região desértico ao norte do Chile (DPL)

Atalaia: sentinela, vigia (DCF)

Atenas: cidade mais importante da Grécia Antiga (DEDK)

Ática: península da Grécia onde se localiza Atenas (DEDK)

Atlante(s): estátua(s) de homem(ns); pessoa(s) robusta(s) (DEDK)

Atlântida: grande ilha que existiu no Oceano Atlântico e submergiu devido a terremotos e inundações que sacudiram a Atlântida (DEDK)

Átrios: salas principais, contíguas às entradas das casas (DIAH)

Atros: negros, tenebrosos, medonhos (DCF)

Atufa: se enche, mergulha, lança-se dentro (DCF)

Avita: que procede de avós ou antepassados (DCF)

Azevedo: Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) poeta romântico brasileiro (DEDK)

Azevichado: preto retinto (DIAH)

Aziaga: nefasta, de mau agouro (DCF)

Azinha: depressa (DCF)

Baal: antigo deus adorado pelos judeus (DEDK)

Babel: nome hebreu de Babilônia (DEDK)

Babilônia: que se refere à cidade da Babilônia, na Antiguidade; imenso, grande (DIAH)

Babujar: molhar(-se) com comida, sujar-se (DIAH)

Bacamarte: arma de fogo de cano curto e largo (DCF)

Bafagens: bafos (DIAH)

Baga: gota de orvalho, de suor (DIAH)

Balatas: composições poéticas para serem cantadas (DIAH)

Baldão (ões): má sorte, azar, ofensas (DIAH)

Baldaquns: espécies de dosséis sustentado por colunas (DCF)

Balistas: máquinas bélicas para arremesso de pedras e fochos (DIAH)

Baloçar: balançar (DIAH)

Balseiras: ilhotas flutuantes por um emaranhado de plantas (DIAH)

Baltazar: chefe babilônio que viveu no século VI a.C., filho de Nabucodonosor II (DEDK)

Bambolins: cortinados das portas ou janela (DCF)

Bamburrais: terreno de solo alagadiço com vegetação pobre (DIAH)

Báratros: precipícios, abismos (DCF)

Bastilha: famosa prisão que ficava em Paris e era símbolo da opressão do povo da França (DEDK)

Bátega: chuva grossa (DCF)

Batel: barco pequeno, canoa (DCF)

Batinga: espécie de árvore do Brasil (DCF)

Benjoim: resina amarela e aromática, cuja substância entra na composição de cosméticos (DCF)

Bento Gonçalves: revolucionário brasileiro nascido no Rio Grande do Sul (1788-1847), líder da Revolução Farroupilha (DMEM)

Beribá: árvore anonácea da América (DCF)

Betânia: atual El-Azariyeh, burgo da Judéia, perto do Monte das Oliveiras (DEDK)

Bezestã (s): designação (ões) turca(s) dos mercados nas cidades da Síria (DCF)

Bibiano Tavares: político, militar, assassinado pela força comandada pelo delegado de polícia de Lavras, Faustino Fagundes (RE)

Bimbalha: faz soar ou badala (DIAH)

Blandícia (s): brancura(s); afago(s), carícia(s) (DCF)

Blasonais: aqueles que fazem alarde (DCF)

Blonda(s): espécie de seda (DJAM)

Bocage: Manuel Maria Barbosa Bocage (1765-1805) poeta, militar e tradutor português (DEDK)

Bogari: flor aromática, do gênero jasmim (DCF)

Boicinga: cascavel (DIAH)

Boitátas: fogos fátuos; cobra de fogo ou luz com dois grandes olhos, conforme o mito indígena (DIAH)

Bombardas: peças similares ao morteiro, que arremessam pelouros de pedra (DIAH)

Bonda: árvore africana (DCF)

Borbotões: em grande quantidade (DIAH)

Bórgia: família italiana que foi muito importante nos séculos XV e XVI, cujos membros são conhecidos por traições (DEDK)

Borja: papa Alexandre Bórgia, que viveu no século XV (DEDK)

Brandões: grossas velas de cera; círio (DIAH)

Brete: armadilha para pássaros; cilada (DCF)

Brial: vestido feminino de pano precioso (DCF)

Brida: rédea (DIAH)

Bródios: farras, patuscadas (DIAH)

Brutus: nobre general e orador romano (85 a.C. - 42 a.C.), que conspirou para matar César (DEDK)

Bufido: som que se produz bufando (DCF)

Bufos: sopros (DIAH)

Bulcão (ões): nevoeiro(s) espesso(s) que prenuncia(m) tempestade(s) (DCF)

Bulha: produz sons baralhados; confusão sonora (DIAH)

Burel: tecido de lã simples usado em hábitos de padres e freiras (DCF)

Buril: instrumento de aço para uso de gravadores (DCF)

Cã (s): cabelos brancos (DIAH)

Caborteiro: arisco, manhoso; que se esquiva, corcoveia (DIAH)

Caçoila: recipiente usado para queimar substâncias ou misturas aromáticas (DIAH)

Cafres: indivíduos do sudoeste da África (DIAH)

Caim: filho mais velho de Adão e Eva, assassino de seu irmão Abel (DEDK)

Calcam: pisar; desprezar (DCF)

Caldeus: povos que habitavam a Caldéia, país na antiga Mesopotâmia (DIAH)

Caligem (ns): nevoeiros densos (DIAH)

Cálix: cálice (DIAH)

Cam: Diogo Cam, navegador português que descobriu a embocadura do Congo no século XV (DPL)

Camalhães: trechos de terra mais elevados, entre dois regos, que se utilizam para sementeiras (DIAH)

Camenas: musas (DEDK)

Campanella: Tommaso Campanella, filósofo italiano (1568 - 1639) que combateu a escolástica e preconizou o método experimental e um sistema comunista (DEDK)

Cançoneta: pequena canção (DIAH)

Canhoelras: embarcações guarnecidas de artilharia (DCF)

Caniçalha: agrupamento de cães (DIAH)

Capelas: grinaldas de flores ou folhas (DCF)

Capitel: parte superior, geralmente ornamentada, de pilar, pilastra ou similar (DIAH)

- Capitólhos:** plural, uma das colinas de Roma, onde se assenta o templo de Júpiter (DEDK)
- Capulhos:** invólucros das flores; cápsulas dentro dos quais se forma o algodão (DCF)
- Cará:** designação comum a várias trepadeiras (DIAH)
- Caranchos:** aves da família dos falcões encontradas por todo o Brasil (DIAH)
- Cardo (s):** planta espinhosa (DCF)
- Cariátides:** suportes arquitetônicos, originários da Grécia Antiga, que se apresentavam quase sempre com forma de estátuas femininas e cuja função era sustentar entablamentos (DIAH)
- Cariz:** semblante, fisionomia (DIAH)
- Carmes:** cantos, poemas, versos (DIAH)
- Carrara:** cidade italiana, famosa por seus mármore (DPL)
- Casimiro:** Casimiro José Marques de Abreu (1839-1860), poeta romântico brasileiro (DEDK)
- Castália:** fonte ao pé do Parnaso e consagrado às musas (DEDK)
- Castilhos:** Júlio de Castilhos (1860-1903), um dos principais líderes gaúchos dos primeiros anos da República (DEDK)
- Catadupas:** quedas de grande porção de água, cataratas (DCF)
- Cataduras:** semblante; aparência (DCF)
- Catapulta:** lançada (DIAH)
- Cátaros:** hereges que, partindo da Bulgária nos séculos XI-XIII, estenderam-se pela Europa Meridional (DEDK)
- Catasta:** lugar em que os escravos romanos eram expostos para que fossem vendidos (DIAH)
- Caterva:** grupo de pessoas (DIAH)
- Catete:** variedade de milho de espiga curta e grão pequeno (DIAH)
- Catões:** Catão (232 a.C. -142 a.C.), político romano célebre por sua austeridade (DEDK)
- Cáucaso:** cadeia de montanhas que se estende do Mar Cáspio ao Mar Negro (DEDK)
- Cavatina:** pequena ária para solista, com seção única, sem repetição (DIAH)
- Cecém:** açúcar branca (DIAH)
- Célico:** celeste (DCF)
- Celso:** alto, sublime (DCF)
- Cendal (is):** tecido(s) transparente(s) e fino(s) para o rosto ou para o corpo (DCF)
- Senobita:** aquele que vive retirado do mundo (DIAH)
- Cercilho:** corte de cabelo usado pelos frades (DIAH)
- Cerrilho:** bordo branco ao redor da cavidade dos dentes incisivos das cavalgadas (DIAH)
- Cérula(s):** azuladas, azul-escuras; da cor do céu (DIAH)
- Cerúlea:** relativo ao céu (DIAH)
- Cerval:** feroz (DCF)
- Cevenas:** planaltos inclinados em direção ao Cáucaso (DPL)
- Chatterton:** Thomas Chatterton (1752 -1770), poeta britânico que escreveu suas poesias em estilo medieval e matou-se com apenas 17 anos
- Chernita:** pequena porção de vinho que se bebe de um trago (DCF)
- Chibante:** altivo, orgulhoso (DIAH)
- Chilido:** voz clara e vibrante de pássaro novo (DIAH)
- Chufas:** caçadas, troças, chalaças; ditos maliciosos ou mordazes (DIAH)

Chusma: grande quantidade de coisas; montão (DIAH)

Ciato: vaso com asas com que se deitava vinho nos copos dos convidados (DCF)

Cibango: ou Cipango, citado por Marco Polo quando visitou o Japão (CJ)

Cicuta: planta venenosa (DCF)

Cilício(s): antiga(s) veste(s) ou faixa(s) usada(s) sobre a pele por penitência (DIAH)

Cimeiros: que estão ao cimo, ao cume (DCF)

Cinéreo: cinzento (DCF)

Cintila: centelha

Cipo: pedra tumular (DIAH)

Ciro: Ciro II, o Grande, que reinou de 558 a.C. a 528 a.C. e fundou o Antigo Império Persa (DEDK)

Clâmide: manto que se prendia por um broche ao pescoço ou aos ombros na Grécia Antiga (DIAH)

Clangores: sons de trombetas (DCF)

Clinas: crinas (DIAH)

Coaraci: Guaraci; na mitologia tupi-guarani, representação ou deidade do Sol (DJFM)

Cochonilha: inseto da família occídeos, de ampla distribuição no Brasil (DIAH)

Coevos: coetâneas, contemporâneos (DCF)

Coivaras: montes de galhos a que se deitou fogo na roça e que não foram totalmente queimados (DCF)

Colhereiros: ave pernalta de bico chato (DCF)

Coligny: Gaspar de Coligny, dito almirante de Coligny (1519-1572) que defendeu Saint-Quentin contra os espanhóis, converteu-se à Reforma e tornou-se um dos chefes do partido protestante (DEDK)

Colmaram: elevaram ao ponto mais alto (DCF)

Colmilhos: dentes agudos, presas (DCF)

Coma: cabelo abundante e crescido; crina; penacho (DCF)

Combros: acumulações, montões (DIAH)

Compleição: biotipo, constituição física (DIAH)

Concílio de Trento: assembléia de signatários católicos que se realizou de 1545 a 1563

Conculcam: esmagam, espezinham (DIAH)

Confúncio: filósofo chinês (552 a.C. - 479 a.C.) (DEDK)

Contristada: tornada triste; entristecida; mortificada (DIAH)

Contristador: aquele que se entristece e/ou se mortifica (DIAH)

Convales: planícies entre colinas (DIAH)

Coorte (s): cada uma das dez unidades de uma legião do exército romano, força armada, tropa (DIAH)

Copé: cabana rústica de madeira e palha, choupana (DIAH)

Coran: Alcorão, livro sagrado do Islamismo (DSF)

Cordura: sensatez (DCF)

Corinto: uma das cidades mais antigas da Grécia Antiga, rival de Atenas (DPL)

Coruscante: reluzentes, brilhantes (DIAH)

Coruscantes: com intenso brilho; faiscantes, reluzentes (DIAH)

Cotão: partícula ou felpa que se desprende de certo tipo de tecido (DIAH)

Crástina: matutino, matinal (DIAH)

Creso: último Rei da Lídia, da Dinastia Mermnada, de 560 a.C. – 546 a.C., filho e sucessor de Aliates (DEDK)

Crinito: de muitas e longas crinas (DIAH)

Crisópraso: calcedônia verde (DEDK)
Croatá: ananá silvestre (DCF)
Cuidos: cuidados (DCF)
Curruíra(s): pequena(s) ave(s) da família dos trogloditídeos (DZCN)
Cúspide: cume, vértice, píncaro de (alguma coisa) (DIAH)
Daniel: personagem bíblico (século VII a.C.) referido no Livro de Daniel, capítulo I, que narra de maneira dramática a história de sua ascensão de escravo cativo no palácio real a conselheiro respeitado do Rei (DEDK)
Dante: Dante Alighieri; escritor italiano da Divina Comédia (1265-1331) (DEDK)
Debuxam: delineiam, esboçam (DCF)
Dédalo: labirinto (DCF)
Desbrochar: desabrochar (DIAH)
Descartes: René Descartes, filósofo e matemático francês (1596-1650), considerado o pai da Filosofia Moderna (DEDK)
Desinçar: limpar, livrar (do que é prejudicial); desinfestar; dispersar-se (aglomerado, grupo); espalhar-se (DIAH)
Desparzindo: espargindo, espalhando, derramando (DCF)
Despenho: queda em ruína ou desgraça (DIAH)
Devesa: alameda que delimita um terreno; mata cercada (DCF)
Dimana: brota, flui (DCF)
Diros: desumanos, cruéis, duros (DIAH)
Donaire: graça no manejo do corpo, no andar; distinção, galhardia, garbo (DIAH)
Donosa(s): que se apresenta(m) de maneira primorosa; garbosa(s); linda(s) (DIAH)
Dossel (eis): coberturas contínuas formadas pelas copas das árvores que se tocam em floresta (DIAH)
Douradilho: que, à luz do sol, tem o pelo coberto de reflexos dourados (DIAH)
Doutos: eruditos (DIAH)
Ecúelo: tortura do espírito; flajelo, tormento (DIAH)
Edaz: voraz (DIAH)
Edgar Quinet: (1803-1875) historiador e intelectual francês (DEDK)
Efialta: demônio, pesadelo (DJFM)
Eflúvio (s): perfume(s), miasma(s) (DIAH)
Efundiu-se: derramou-se (DCF)
Egrégio: extremamente distinto; insigne, muito importante (DIAH)
Eivado: contaminado (DIAH)
Elar-se: prender-se, juntar-se, ligar-se (DCF)
Elora: cidade da Índia (Maharashtra), região arqueológica bramânica, jaina e budista (DEDK)
Embiras: nome de várias plantas do Brasil (DCF)
Empalam: fazem entram; enfiam, espetam (DIAH)
Empédocles: filósofo grego (495 a.C.- 435 a.C.), o primeiro a supor que todos os quatro elementos (fogo, água, ar ou terra), combinados em proporções variadas, originaram todos os objetos do universo e a identificar os princípios do movimento (DEDK)
Empíreo: lugar reservado aos santos e bem-aventurados; céu (DIAH)
Enastra: amarra com tiras, entrelaça; enfeita(-se) ou tece com nastos (DIAH)
Enastro: entrelaçamento (DIAH)
Encélado: um dos gigantes que se revoltou contra Zeus e assaltou o Olimpo (DEDK)
Enceta: dá início a; principia, começa; subtrai parte de (um todo) (DIAH)
Endeixa: ou endecha – canção triste ou fúnebre (DCF)

Enfunadas: retesadas

Enfunem: encham, tornem abaluada (DIAH)

Engaste: parte da joia em que se fixa a pedra preciosa (DIAH)

Engedi: oásis, situado nas proximidades do Mar Morto, em Israel (DSF)

Enleios: quaisquer coisas que liguem, liames; envoltivos (DIAH)

Entestando: fazendo limite com; encostado em (DIAH)

Entrevero: choque de forças combatentes, tropas adversárias que se misturam, se confundem durante o combate (DIAH)

Envencilha: amarra, prende com vencilho (DIAH)

Enxerga: colchão pequeno e grosseiro (DCF)

Eólias: escala com o lá como a nota inicial e final (DEDK)

Eólio(a) (s): produzido(a) pelo vento (DCF)

Epicédio: hino fúnebre que se cantava nas cerimônias dos funerais (DIAH)

Epicuro: filósofo grego (341 a.C. -270 a.C), cujas ideias sobre o prazer exercem influência no mundo grego-romano (DEDK)

Epuxa: que exprime admiração (Rio Grande do Sul) ou manifesta gabolice (Minas Gerais e São Paulo) (DIAH)

Equórea (o) (s): referente ao mar ou ao alto-mar (DIAH)

Ernesto Paiva: sujeito que sofre um grave ferimento no dia que é atacado pelo então delegado de polícia José Joaquim da Silva Azevedo e quatro policiais (RE)

Erostató: indivíduo obscuro, natural de Éfeso, que incendiou o templo de Artemis (DEDK)

Esbarronda: tomba aos pedaços, desmorona (DIAH)

Esbraseia: esquentar; torna animado; excita, inflama (DIAH)

Escolástica: qualquer filosofia elaborada em função de uma doutrina religiosa (DIAH)

Esconsos: escondidos, ocultos (DIAH)

Escopro: ferramenta metálica para lavar pedras (DIAH)

Escrínio: cofre pequeno em que se guardam joias

Esculca: sentinela ou vigia noturno (DIAH)

Escumilha: tecido transparente de lã ou seda muito fina (DCF)

Escurial: cidade espanhola cuja igreja, construída por Felipe II em cumprimento a uma promessa, foi destruída na batalha Saint-Quentin (1557) e reconstruída novamente (DPL)

Esfinge: entre egípcios e gregos, monstro fabuloso com corpo de leão e cabeça de gente; pessoa enigmática; enigma (DEDK)

Esfrole-lhe: esfola-lhe (DCF)

Esfuzia: sibila ou zune como balas de uma fuzilaria; lança como projéteis; atira (DIAH)

Espanada: expele, jorra (DCF)

Espananaste: expeliste ou jorraste em forma de espanadas (objetos em forma de espadas) (DIAH)

Esparável: toldo que se coloca sobre o leito; pequena tábuia usada pelos pedreiros para colocar cal e areia nas partes mais altas das casas (DIAH)

Esparge: espalha em gotículas (um líquido); borrifa, salpica, asperge; derrama (-se); difunde(-se) (DIAH)

Espiras: voltas da espiral (DIAH)

Estábia: cidade perto de Pompéia, também soterrada pelo vulcão Etna, na Itália (PPF)

Estamenha: tecido de lã leve, hábito do frade (DIAH)

Esteio: peça de madeira, metal ou ferro com a qual se firma algo (DIAH)

Estema: coroa, diadema, grinalda (DIAH)

Estípite: caule (DIAH)

Estólida: que constitui um disparate; absurdo, descabido, estúpido (DIAH)

Estortega: torce (a pele) com os dedos ou de dor física ou moral (DIAH)

Estos: efervescências, calores, paixões (DCF)

Estreme: que não tem mistura; puro; genuíno (DCF)

Estremunha: desperta ou faz despertar (alguém) subitamente; estonteia(-se), aturde(-se), desorienta(-se) (DIAH)

Estriges: corrujas, aves noturnas (DIAH)

Estro: lastro, pavimento (DCF)

Estua: apresenta-se com alta temperatura; fervilha, ferve (DIAH)

Estuante: ardente, escaldante (DIAH)

Estuaste: ardente, efervescente, muito quente (DCF)

Estulta: tola, imbecil, inepta (DCF)

Esvaece: desvanecer (DIAH)

Esvoejar: esvoaçar, movimentar asas (DIAH)

Eufrates: rio da Ásia que nasce na Armênia turca, atravessa a Síria e se reúne ao rio Tigre para formar o Chatt-al-Arab; 2.780 km (DEDK)

Eunucos: homens castrados que tinham a função de guardar as mulheres do harém (DIAH)

Eviterna (o): infundável, eterno (a), séculos (DCF)

Evos: perpetuação, eternidade, eviternidade (DIAH)

Exalça: atribui grandeza a; engrandece, exalta; conduz para o alto; eleva (DIAH)

Exangue: que perdeu o sangue; enfraquecido (DCF)

Excelsa: sublime, eminente, elevada (DIAH)

Excídios: assolações, destruições, ruínas (DIAH)

Exício: dano, estrago, prejuízo; morte humana (DIAH)

Exsude: segrega ou sai em forma de gotas (DIAH)

Êxul: que foi exilado ou desterrado (DIAH)

Facúndia: aptidão para discursar; eloquência (DIAH)

Faia: designação comum às árvores do gênero *Fagus* e *Nothofagus*, da família das fagáceas, que têm madeira de qualidade (DIAH)

Falaz: que engana, mentirosa; impostora (DCF)

Falena (s): espécie de borboleta noturna (DCF)

Falua: embarcação a vela ou movida por remos, usado na recreação dos reis portugueses (DIAH)

Fanal: facho, farol (DCF)

Faquires: ascetas que na Índia, vivem sob privações, em busca da perfeição espiritual (DIAH)

Farés: Mané, Tecel e Fares, palavras surgidas na parede durante o banquete de Baltazar, Rei da Babilônia, que Daniel interpretou: contado, pesado, dividido (DMEM)

Farilhão: pequeno promotório; ilhota escarpada (DCF)

Fariseus: grupo judaico do século II a.C., consideram-se donos da verdade e da perfeição (DEDK)

Farnabaso: bárbaro participante da Guerra do Peloponeso (TU)

Farrapos: nome dos legalistas davam aos insurretos republicanos do Rio Grande do Sul durante a Guerra dos Farrapos (DIAH)

Fastígio: ponto mais elevado, cume (DCF)

Fastos: pompas, ostentações (DIAH)
Fátuo: fugaz, transitório (DIAH)
Fauces: gargantas, goelas (DIAH)
Favônio(s): vento(s) suave(s) que sopra(m) do poente; vento(s) brando(s) (DIAH)
Fementidas: desleais; enganosos, falsos (DIAH)
Fênix: ave fabulosa que, depois de arder em chamas, renasce das cinzas (DIAH)
Feral: lúgubre, fúnebre (DCF)
Ferália: na Antiguidade romana, festas fúnebres em honra aos mortos, celebradas de 13 a 21 de setembro (EBM)
Fêveras: filamentos vegetais; veios minerais (DCF)
Fiat lux: expressão latina que significa “haja luz” (DIAH)
Fida: fiel (DCF)
Fídias: o maior escultor da antiga Grécia, nascido em Atenas (490 a.C. - 431 a.C.) (DEDK)
Filisteus: antigos habitantes da Cananéia; palestinos; homens agigantados e desajeitados; brutamontes ou pessoa vulgar de mentalidade estreita; (DEDK)
Fímbrias: beiras, orlas (DIAH)
Flébeis: chorosos, lacrimosos, débeis, enfraquecidos, frágeis (DIAH)
Flos Sanctorum: livro sobre a vida dos santos (DIAH)
Flux: fluxo, em abundância (DIAH)
FoHi: imperador, primeiro soberano do ciclo histórico dos chineses que reinou a partir do ano 3468 a.C. (DEAM)
Folheiro: aquele que junta as folhas secas das árvores (DCF)
Folhos: babados franzinos que se colocam em roupas, colchas e cortinas (DIAH)
Fragoas: fráguas, forjas; fornalhas (DCF)
Fragueiro: que ou aquele que trabalha arduamente nos campos, serras e fragas (DIAH)
França(s): ramo(s) mais alto(s) das árvores (DCF)
Frecham: flecham (DIAH)
Freia: deusa do amor e da beleza na mitologia nórdica (Escandinávia); irmã gêmea de Freyr; representante da primavera, tempo de luz e vida na imensidão gelada da Escandinávia (DEDK)
Frérons: Élie Catherine Fréron (1718 -1776), escritor e jornalista francês (EDI)
Froco(s): floco(s), pequeno(s) tufo(s) de lã, seda, algodão (DIAH)
Fronde (s): conjunto de folhas (e ramos) de uma árvore (DIAH)
Frondifera: que tem ou produz folhas (DIAH)
Frouxel: penugem ou conjunto das penas mais leves e macias das aves (DIAH)
Fuá: comentário maldoso; intriga, mexerico (DIAH)
Fúlgora: brilho (DIAH)
Fulton: Robert Fulton (1765-1815), mecânico americano que concebeu a primeira a ideia de submarino (DPL)
Furibundo: que anuncia algo com furor desproporcional ao que se refere, chegando a um tom sinistro, lúgubre (DIAH)
Fuste(s): cabo(s), haste(s) (DIAH)
Gabis: região da Tunísia (DPL)
Gaio: jovial, alegre (DCF)
Galernos: ventos suaves e aprasíveis (DIAH)
Galés: antiga(s) embarcação (ões) de vela(s) e remo(s); trabalhos forçados executados por prisioneiros agrilhoados (DIAH)
Ganga: parte não aproveitável de uma jazida (DIAH)

- Garibaldi:** herói militar italiano (1807-1882), que obteve fama lutando pelo Rio Grande do Sul
- Garridas:** que têm elegância, graça; louçãs, galantes (DIAH)
- Gazil (s):** elegante, airoso(a); alegre, vivo(a) (DIAH)
- Geena:** inferno (DIAH)
- Gêiser:** jato de água quente que sai do interior da terra (DCF)
- Gericault:** Jean Louis André Théodore Géricault, pintor francês (Rouen, 1791 - Paris, 1824) de quadros de cavalos e acontecimentos de sua época (DEDK)
- Gilbert:** William Gilbert (1544-1603), físico e médico inglês de Elizabeth I e James I, pesquisador nos campos do magnetismo e da eletricidade (DEDK)
- Glabras:** desprovidas de pelos, barbas, penugens, folhas (DIAH)
- Gládio:** espada curta de dois gumes; qualquer espada (DIAH)
- Goivos:** designação comum a algumas plantas da família das crucíferas (DIAH)
- Golconda:** antiga cidade da Índia, perto de Hyderabad, devastada por Aurangzeb em 1687, onde os sultões acumulavam numerosos tesouros (DEDK)
- Gólgota:** colina situada além da periferia de Jerusalém, onde Jesus Cristo foi crucificado (DEDK)
- Gomorra:** antiga cidade da Palestina, destruída, com Sodoma, pelo fogo do céu, por causa dos seus vícios (DEDK)
- Gracos:** nome de um pai e dois filhos de ilustre família italiana (DEDK)
- Gral:** recipiente usado para triturar substâncias (DIAH)
- Gregório sétimo:** Papa Gregório VII (1015/1028-1085), mais conhecido pelo papel que desempenhou na Controvérsia da Investidura (DEDK)
- Grei:** sociedade; partido (DCF)
- Grimpas:** ramos de pinheiro (DIAH)
- Grumos:** minúsculos grãos (DIAH)
- Guabioba:** árvore ou arbusto de frutos comestíveis (DIAH)
- Guacho:** que é criado por outro que não a própria mãe (DIAH)
- Guajuvira:** arbusto nativo do Brasil (DIAH)
- Guebros:** indivíduos de origem persa que seguem a religião de Zoroastro (DIAH)
- Guedelhas:** cabeleiras compridas e desgrenhadas; porções de cabelos; madeixas; madeixas de qualquer tipo de fio (DIAH)
- Gusmão:** Bartolomeu de Gusmão, jesuíta e inventor brasileiro, concebeu um aerosol, conseguindo que o balão voasse (LCB)
- Guttenberg:** Johannes Guttenberg inventor e gráfico alemão (1398 -1468) que introduziu a forma moderna de impressão de livros (DEDK)
- Harpia (s):** na Mitologia Grega, monstro com cabeça de mulher, corpo de pássaro e garras muito afiadas; mulheres más, megeras (DIAH)
- Harto:** fote; cheio (DCF)
- Hastil:** haste (DIAH)
- Hauostos:** aspirações longas, profundas; ações de sorver o ar dessa maneira; sorvos; goles (DIAH)
- Hércúleo:** excepcional, fenomenal, assombroso, como (alguma qualidade) de Hércules (DIAH)
- Herodes:** rei dos judeus (73 a.C. -4 a.C.), cuja crueldade ficou demonstrada na história do massacre das crianças em Belém, ao tempo do nascimento de Jesus (DEDK)
- Heup:** interjeição usada no campo para excitar os animais a andarem (DZCN)
- Hi:** aí (DCF)

Hilário: Hilário Ribeiro (1847-1886), escritor sul-rio-grandense, professor e membro do Partenon Literário (AM)

Hipogeu: construção subterrânea usada como sepultura ou templo funerário pelos antigos egípcios e também utilizada como sepultura por vários povos da Antiguidade (DIAH)

Hirsuto: eriçado (DCF)

Hoffmann: Ernst Hoffmann, escritor alemão (1776-1822) que em sua obra misturou elementos fantásticos e cotidianos; que influenciou Edgar Allan Poe (DEDK)

Hórrido: horrendo, pavoroso (DIAH)

Huri: moça de grande beleza que, segundo o Alcorão, desposará no paraíso o crente muçulmano; mulher bonita (DIAH)

Huss: John Huss, teólogo reformador e político boêmio (1369 – 1415), criador dos hussitas (DEDK)

Iconoclasta: que destrói imagens e obras de arte; que ataca crenças estabelecidas (DIAH)

Igapó: pedaço de floresta invadido por enchente (DCF)

Ignavo: inativo, ocioso, indolente; covarde, pusilânime, fraco (DIAH)

Ignomínia: desonra infligida por um julgamento público; degradação social (DIAH)

Ilota: hilota, escravo que, em Esparta, cultivava o campo de seu senhor; pessoa da mais baixa condição social; próprio do indivíduo inculto (DIAU)

Imarcescível (eis): que não perde (m) o viço, o frescor; incorruptível (eis), inalterável (eis) (DIAH)

Imbele: fraco (DIAH)

Imigos (as): inimigos (DIAH)

Imoto: imóvel (DIAH)

Impávido: que não tem ou não demonstra medo; corajoso, destemido, intrépido (DIAH)

Implexos: emaranhados, entrelaçados, enredados (DIAH)

Inanidos: em estado de inanição; debilitados, inanes (DIAH)

Íncolas: habitantes, moradores (DIAH)

Incôncio: inconsciente (DIAH)

Incude: bigorna (DIAH)

Indômito: indomado, não vencido; arrogante (DCF)

Infando: horrível, abominável, cruel (DCF)

Infida: infiel (DIAH)

Infrene: desprovido de freio; desenfreado; destemperado, desordenado (DIAH)

Infusório: diminuto ser presente nas infusões (DIAH)

Ingazeiros: ingás nativos do Brasil (PA), com madeira usada como lenha em pequenas espigas (DIAH)

Ingente: que causa estrondo; retumbante, forte (DIAH)

Inocência Terceiro: Papa Inocência III (1160/1161 - 1216), que impôs com sucesso a doutrina de que o papa era a suprema autoridade do Cristianismo (DEDK)

Inquina: cobrir de manchas, sujar, poluir (DCF)

Insculpem: escrevem (DCF)

Insonte (s): inocente(s) (DIAH)

Ínvias: intransitáveis (DIAH)

Iracundos: coléricos; irosos, irascíveis, furiosos (DIAH)

Iriando-se: abrilhantando-se (DCF)

Iscariota (s): Judas Escariotes, o apóstolo que traiu Jesus (DEDK)

Ispahan (Ispaã): cidade do Irã, ao sul de Teerã; antiga capital do país (DEDK)

Itaipavas: rochas por onde passam águas que formam cataratas (DCF)

Itaparica: ilha do litoral do Estado da Bahia, à entrada da baía de Todos os Santos (LCB)

Ixion: rei dos lápitas, a quem Zeus concedera asilo no Olimpo (DEDK)

Jafé: um dos três filhos de Noé, considerado antepassado dos indo-europeus (DEDK)

Jagonça: pedra preciosa, variedade de jacinto (DCF)

Japu: ave brasileira (DCF)

Jasão: herói da mitologia grega que chefiou um grupo de homens chamados *argonautas* (DEDK)

Jáspeas: pedras ornamentais devido às múltiplas cores que apresentam (DIAH)

Jati: abelha-mosquito (DIAH)

Jerarquias: hierarquias (DIAH)

Jerônimo: São Jerônimo (347-420), que levou uma vida de eremita em um deserto próxima a Antioquia (DEDK)

Jirau: armação de madeira semelhante a um estrado, que pode ser usado como cama, depósito de utensílios, etc (DIAH)

Jitiranaboia: inseto do sertão (DCF)

João Rodrigues Batista: assassinado; tem seu corpo mutilado (RE)

Josafá: quarto rei de Judá (873 a.C. -849 a.C.) (DEDK)

Jucundos (ou jocundos): alegres, felizes, joviais, vivos, suaves, aprazíveis (DIAH)

Judá: quarto filho de Jacó, de acordo com o Antigo Testamento (DEDK)

Junqueira: Luís José Junqueira Freire, poeta brasileiro (1832-1855), que fez parte da primeira geração romântica (DEDK)

Juriti: ave das Américas (DIAH)

Kleist: Heinrich Wilhelm von Kleist (1777–1811), poeta, romancista, dramaturgo e contista alemão (DEDK)

Labéus: manchas na reputação, na honra; desonra (DEDK)

Labregos: homens rudes do campo; camponeses; vilões (DIAH)

Lagares: oficinas com os aparelhos adequados para espremer frutos, reduzindo-os a líquidos (DIAH)

Lampas: lâmpadas (DIAH)

Lampírios: vaga-lumes (DIAH)

Langores: diminuição dos ânimos, vigores; molezas; fraquezas (DIAH)

Laocoonte: filho de Príamo e Hécuba, sacerdote de Apolo, que advertiu os troianos contra os gregos, durante a Guerra de Tróia (DEDK)

Lavra: cria, concebe algo (DIAH)

Ledice: alegria, contentamento (DIAH)

Ledos (a): risonhos (a), alegres, jubliosos (a) (DCF)

Leibnitz: Gottfried Leibnitz (1646-1716), matemático e filósofo alemão (DEDK)

Leiva: elevação de terra entre sulcos (DIAH)

Lene: brando, macio (DIAH)

Lesto: lépido, expedito, rápido, apressado, ligeiro, ágil (DIAH)

Letes: um dos cinco rios do inferno, cujo nome significa esquecimento (DPL)

Leucate: ilha do Mar Jônio de onde se jogavam os amantes com amores malsucedidos (DEAM)

Levitas: membros da tribo hebraica sacerdotal (DIAH)

Lhaneza: qualidade do que é lhano, afável; candura, singeleza, lhanura (DIAH)

Lias: bagaços de que se faz a aguapé; fezes; borras (DCF)

Liça: arena; campo de ação, de luta (DIAH)

Licão: promotor do julgamento de Sócrates, mencionado no diálogo de Platão (JAMP)

Liliputes: homens pequenos, habitantes da ilha imaginária do romance **Viagens de Gulliver**, de Jonathan Swift

Linfa: líquido branco e nutritivo contido em certos vasos do organismo (DCL)

Lioz: pedra calcária branca e dura, usada em obras de arquitetura (DIAH)

Lobrigas: entrevês; vês a custo; vês ao longe (DCF)

Lombilho: músculo lombar da rês (DIAH)

Louçã (os): provido de adorno, enfeitado (as) (DIAH)

Lovelace: conquistador (DIAH)

Lumes: luzes (DCF)

Lupanar: casa de tolerância, prostíbulo (DEDK)

Lupata: garganta ou desfiladeiro em uma serra por onde passa um rio ou caminho (DSF)

Lúrido(s): sem cor; descorado(s), pálido(s) (DIAH)

Lutero: Martim Lutero (1483-1546), teólogo e formador alemão, líder da Reforma Protestante (DEDK)

Lutulentas: cheias de lodo; lamacentas, lodosas (DIAH)

Macário: São Macário do Egito (301-391), solidário do deserto (DEDK)

Macegas: ervas daninhas que nascem em terras cultivadas (DIAH)

Macerá-lo: mortifica(-lo), tortura(-lo) (DIAH)

Maelström: Malstrom; canal do mar da Noruega, com correntes rápidas e fortes (DPL)

Malibran: Maria Felícia Garcia Malibran (1808-1836), cantora de origem espanhola, nascida em Paris (DPL)

Maltos: maltes, cevadas de se fazem a cerveja (DCF)

Malungo: camarada, companheiro, parceiro (DIAH)

Malvina: personagem do livro *A Holanda*, de Ramalho Ortigão (AJS)

Mancenilha: variedade de azeitona (DCF)

Mandaçaia: espécie de abelha (DCF)

Mandembes: lugares de mato cerrado, de difícil acesso (DIAH)

Mané: vide Farés (DMEM)

Maninho(s): não fecundo(s), não prolífico(s); estéril (eis) (DIAH)

Maniva: mandioca (DIAH)

Maquiavel: Nicolau Maquiavel (1469 - 1527), estadista, escritor e estudioso de política, conhecido pelo seu livro *O Príncipe* (DEDK)

Marcescíveis: que murcha ou pode murchar (DCF)

Marcessíveis: flores que murcham (DIAH)

Marche-marche: o mais rápido passo militar (DCF)

Marco Polo: comerciante e viajante italiano (1254 - 1324), famoso por suas viagens pela Ásia Central e China (DEDK)

Maream: causam a morte de; assassinam, matam (DIAH)

Mareta(s): onda pequena (DIAH)

Mármor: mármore (DIAH)

Marouço: ondas grandes e revoltas (DIAH)

Matinas: primeira parte do ofício religioso, rezada antes do amanhecer (DEDK)

Matiza: mistura, combina, gradua cores; torna enfeitado; adorna, orna (DIAH)

Medas: montes de coisas de mesma espécie; amontoados (DIAH)

Melanchthon: Philipp Melanchthon (1497-1560), principal companheiro de Martim Lutero na Reforma Protestante (DEDK)

Memento: recordação, lembrança (DIAH)

Mêmnon: rei dos etíopes, morto por Aquiles (DEDK)

Mendaces: falsos, hipócritas, mentirosas, desleais, pérfidas, traiçoeiras (DIAH)

Merencório (a) (s): melancólico (a) (s) (DIAH)

Messalinas: mulheres extremamente lascivas e dissolutas (DCF)

Mesta(s): que traz(em) tristeza, saudade; melancólica(s), triste(s) (DIAH)

Miasmas: exalações pútridas que emanam da decomposição (DIAH)

Minaz: ameaçador, intimidade (DIAH)

Miriadas: quantidade indeterminada considerada imensa (DIAH)

Mirra: planta das cercanias do Mar Vermelho (DCF)

Miserere: qualquer oração ou expressão de apelo pela piedade alheia (DIAH)

Mitigar-lhe: aliviar-lhe, suavizar-lhe, aplacar-lhe (DIAH)

Mó: pedra usada para triturar grãos em moinhos (DIAH)

Modilhos: cantiga popular (DIAH)

Modorra: grande desânimo ou prostração; apatia, indolência (DIAH)

Mogúncia: cidade alemã, terra natal de Gutenberg (DEDK)

Moimento(s): monumentos fúnebres; mausoléus (DIAH)

Molay: Jacques de Molay (1243 (?) - 1314), membro Ordem dos Cavaleiros Templários (DEDK)

Monada: gesticulação ou postura burlesca, trejeito (DIAH)

Mondando (asse): arrancando (asse) ervas daninhas (DIAH)

Mondem: arrancam erva daninhas; cortam galhos secos (DIAH)

Monodias: canções plangentes, monólogos das antigas tragédias (DCF)

Morris: George Pope Morris (1802-1864), editor norte-americano, poeta e compositor (DEAM)

Mortecor: primeiras cores em obras de pintura (DCF)

Morven: maciço montanhoso da França, da parte sententorial do maciço central (DCF)

Mostardas: município do Rio Grande do Sul (DEDK)

Múrice: tipo de molusco (DIAH)

Múrmur: murmúrio (DIAH)

Murmuré: instrumento dos índios brasileiros feito de osso de defuntos (DCF)

Musselina: tecido leve e transparente de algodão (DCF)

Nabott: personagem bíblico, dono de uma vinha almejada pelo Rei Acabe (DEAM)

Nácar: substância branca e brilhante que reveste o interiormente várias conchas (DCF)

Náiade: divindade mitológica que presidia as fontes e os rios (DEDK)

Nardo (s): raiz aromática de que os antigos se serviam como perfume (DCF)

Naveta: recipiente pequeno com tampa alongada, onde é guardado o incenso (DIAH)

Nemrod: personagem bíblico mencionado no Gênesis como descendente de Noé (10: 8-10) que viveu alguns séculos após o Dilúvio, quando o povo vagava sobre a terra (DEDK)

Nênia(s): lamentação (ões) fúnebre (s) (DIAH)

Nenúfar: planta aquática (DCF)

Nesso: centauro que quis raptar Dejanira, a mulher de Hércules, e foi por esse ferido com flecha envenenada; antes de morrer, deu sua túnica à Dejanira como um talismã para restituir-lhe o marido, caso ele fosse infiel (DEDK)

Newton: Isaac Newton (1642-1727), físico, astrônomo e matemático inglês (DEDK)

Nhandu: ema (DCF)

Niger: principal rio da África Ocidental (DEDK)

Níobe: Rainha lendária da Frígia, filha de Tântalo e mulher de Anfião, Rei de Tebas, mãe de sete filhos e sete filhas (DEDK)

Nitente: resistente; nítida; que resplandece (DCF)

Nitrindo: rinchando (DCF)

Nostradamo: Michel de Notredame, dito Nostradamus (1503-1566), astrólogo e médico francês, um dos profetas da História (DEDK)

Nutante: vacilante (DIAH)

Obumbra: escurece(-se), (DIAH)

Obuses: granadas explosivas arremessadas por bocas de fogos próprias (DIAH)

Óder: rio que nasce na República Tcheca, atravessa a Silésia polonesa e se lança no Báltico, no golfo de Szczecin (DEDK)

Ofir: região indeterminada do Oriente onde o rei Salomão mandava buscar o ouro (DEDK)

Oliente(s): que cheira(m), odorante(s) (DIAH)

Olvida: esquecimento (DIAH)

Ominosas: que anunciam ou trazem mau agouro, desventura, infelicidade; agourentas, funestas, nefastas (DIAH)

Ondeia: transmite, propaga-se (DIAH)

Opimos: excelentes, férteis, ricos, copiosos, fecundos, abundantes (DIAH)

Opórbrio: a maior desonra, infâmia (DCF)

Orbes: regiões, áreas (DIAH)

Ornejo: zurro, voz do burro (DIAH)

Osculavam: beijavam (DCF)

Ossian: pseudônimo de James Macpherson, que publicou em 1762 dois poemas épicos, *Temora* e *Fingal* (DEDK)

Ovante: que recebe ovação; triunfante, vitorioso (DIAH)

Ovídio: Publius Ovidius Naso, poeta romano conhecido como Ovídio nos países de língua portuguesa (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.) (DEDK)

Palanquim: veículo usado para carregar uma pessoa, usado em países orientais (DIAH)

Palenque: um dos grandes da civilização maia, no México (DEDK)

Palinuro: pessoa que acompanha o caminho de outra; guia (DIAH)

Palmira: hoje chamada de Tadmor, antiga cidade na Síria central (DEDK)

Palor (es): palidez (DCF)

Pâmpano: ramo novo de videira que só dá folha (DIAH)

Panda: tipo de boia de cortiça usada em redes de arrasto (DIAH)

Pando: inflado, inchado (DIAH)

Papalvos: indivíduos simplórios, patetas, tolos (DIAH)

Páramos: planaltos desertos (DIAH)

Parceis: leito do mar de pouca profundidade (DIAH)

Paro: aquele que gera, que dá origem (DCF)

Paroxismos: as maiores intensidades de uma dor; agonias (DCF)

Partenon: antigo templo grego da Acrópole de Atenas (DEDK)

Pasce: alimenta, nutre (DIAH)

Paul: pântano (DIAH)

Pedro da Rússia: (1672-1725), conhecido por *O Grande*, Czar da Rússia e primeiro imperador do Império Russo (DMEM)

Pégaso: cavalo alado, nascido do sangue de Medusa (DEDK)

Pelico: Silvio Pelico, Barão de Trenck, detido na prisão de Spielbergue (DPL)

Penedias: reuniões de penedos; rochas (DCF)

Penetrais: interior, parte mais íntima (DCF)

Pensá-lo: cuidar ou tratar convenientemente (DIAH)

Peristilo(s): conjunto(s) de colunas que formam uma galeria em torno ou diante de um edifício (DIAH)

Perla: pérola (DIAH)

Perlustra: anda por, percorre, frequenta (DIAH)

Pervigil: aquele(a) que sofre de insônia, que não dorme (DIAH)

Pialo: ato de pialar; fazer cair um animal que foge (DCF)

Pialos: ato de fazer cair um animal que foge (DCF)

Pílates: na mitologia grega, herói da Fócida, primo e amigo de Orestes e esposo de Electra (DEDK)

Pimponice: atitude de quem conta bravatas; fanfarrice (DIAH)

Pirajá: aguaceiro acompanhado de vento (DCF)

Pirausta: gênero de insetos lepidópteros heteróceros piralídeos do sul da Europa e Ásia Ocidental (DIAU)

Plainos: planícies (DIAH)

Plangente: que lastima; triste (DIAH)

Plaustro: veículo descoberto (DIAH)

Plectro: palheta (DIAH)

Pocema: rumor de muitas vozes; vozeria, assuada (DIAH)

Poe: Edgar Allan Poe, (1809-1849), um dos maiores poetas norte-americanos, também considerado grande contista e importante crítico literário (DEDK)

Polutos: que se encontram manchados, corrompidos, maculados (DIAH)

Poma: mama (DCF)

Pomerânia: região da Polônia; objeto de disputa, no decurso da História, entre a Suécia, a Prússia e a Polônia (DEDK)

Pongo: chimpanzé (DCF)

Pórfidos: utensílios de farmácia sobre os quais se moem substâncias para reduzi-las a pó (DCF)

Porongo: cuia de chimarrão (DIAH)

Pósteros: futuros, porvindouros, vindouros (DIAH)

Potosi: minas de prata da Bolívia andina (DEDK)

Poviléu: ralé, camada mais baixa da sociedade (DIAH)

Preconizas: apregoas com louvor, fazes a apologia ou a propaganda de; recomenda, aconselhas, pregas (DIAH)

Prema: faz pressão sob algo; aperta, comprime (DIAH)

Prescito (s): condenado (s), maldito (s) (DCF)

Pressagos: instuições, previsões (DIAH)

Préstito: cortejo (DIAH)

Priscar: pular para os lados, fugir; afastar-se de algum lugar; retirar-se (DIAH)

Prístino: antigo, relativo a tempos passados (DCF)

Procela (s): tormenta (s), borrasca (s), temporal (is) (DIAH)

Procelosos: tempestuosos (DCF)

Próceros: altos, elevados, importantes (DIAH)

Prometeu: personagem da mitologia grega, um titã, filho do também titã Jápeto e de Ásia (DEDK)

Promissão: promessa (DIAH)

Proscênio: frente do palco, junto à ribalta (DCF)

Prosterna-se: prostrar-se, deitar-se por terra; abate-se (DIAH)

Prostilo: fachada de um templo adornado com colunas na parte anterior (DIAH)

Proteiforme: que muda frequentemente de forma (DIAH)

Protervos: impudente(s), insolente(s), descarado(s) (DIAH)

Provança (s): situação (ões) aflitiva (s); provação (ões) (DIAH)

Prurir: causar sensação incômoda na pele ou mucosas que leva a coçar (DIAH)

Psiquê: moça de grande beleza, amada por Eros, que a levou para um palácio, onde ia vê-la todas as noites (DEDK)

Pua: haste da espora, que termina em bico (DCF)

Puava: colérico, raivoso, irado (DIAH)

Pubescência: puberdade (DIAH)

Pugna (s): discussão (ões), debate (s), polêmica (s), luta (s) (DIAH)

Pulcra (s): formosa (s) (DIAH)

Pululava: brotava (DIAH)

Quadra: espaço, alojamento de animais; cocheira, cavaleriça (DIAH)

Quimera (s): monstro mitológico com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente que lança fogo pelas narinas; fantasia(s), sonho(s), esperança(s) (DIAH)

Rábido (a) (s): cheio (a) (s) de raiva, cólera; raivoso (a) (DIAH)

Rafael: pintor da Renascença italiano (1483-1520) (DEDK)

Raias: listas, traços, estrias (DCF)

Rasoura: tudo que nivela, tudo que iguala (DCF)

Rasteiando: rastejando (DIAH)

Rebenque: pequeno chicote de couro usado para tocar a montaria (DIAH)

Reboleira: moita (DIAH)

Rebrama: clama em voz alta; grita contra (DIAH)

Recamos: adornos; embelezamentos; ornatos (DIAH)

Redolente: aromático, que tem cheiro agradável (DCF)

Redouça: corda fixada pelas extremidades, às vezes com assento, usada como balanço (brinquedo) (DIAH)

Refece: que não tem valor; que custa pouco; barato, ordinário (DIAH)

Refegas: pés-de-vento, redomoinhos (DCF)

Refolhos: disfarces, fingimentos (DCF)

Relampos: relâmpagos (DCF)

Remido: que foi libertado ou perdoado (DIAH)

Rêmiges: penas de voo de aves (DIAH)

Remígio: rêmige (DIAH)

Renhidos: disputados com ardor (DIAH)

Renque (s): fileira (s) (DIAH)

Resfolgo: recuperação do ar, do fôlego; alento (DIAH)

Ressona: respira (com ruído) durante o sono (DIAH)

Ressumbra: goteja; destila (DCF)

Restrugir: vibrar fortemente, causar estrondo; retumbar (DIAH)

Ribeiro: percurso de água; riacho, regato, arroio (DIAH)

Rizes: cabos delgados enfiados nos ilhoses da forra apropriada (DIAH)

Roaz: devastador, destruidor (DIAH)

Roçagantes: que se arrastam por (DIAH)

Rocio: orvalho (DIAH)

Roja: arrasta, arremessa (DCF)

Rolla: *Jacques Rolla*, um poema de Alfred Musset, analisado por Álvares de Azevedo (DMEM)

Romagem: romaria (DCF)

Rorejando: brotando gota a gota as lágrimas; gotejando (DIAH)
Roreje: destila, espalha gota a gota (DCF)
Rosicler (es): cor(es) róseo-clara (s) (DIAH)
Roufenhos: roucos (DIAH)
Rúbea (s): bastante avermelhada (s) (DIAH)
Rúbido: bastante avermelhado (DIAH)
Rubim: rubi (DIAH)
Rútilo(s): luzente(s), cintilante(s); cujo brilho chega a ofuscar (DIAH)
Sáfara: repleta de pedregulhos, grande rochedo escarpado, penhasco (DIAH)
Saís: cidade do baixo Egito Antigo
Salmodiar: cantar em forma de salmo (DCF)
Salteiro: instrumento de cordas que se dedilhavam ou tocavam com o plectro (DCF)
Sambenitos: roupas usadas pelas vítimas que seriam queimadas pela Inquisição (DIAH)
Sanha: rancor, fúria, ira, desejo de vingança (DIAH)
Sânle: estado de podre; podridão (DIAH)
Sansão: herói do reino de Israel, famoso por sua força (DEDK)
Santelmo: santo padroeiro dos marinheiros (DIAH); chama azulada ou avermelhada que aparece às vezes nos mastros dos navios por ocasião das tempestades (DCF)
São Germano: Frei Matias; religioso português (EDI)
Sarangonhas: ilha localizada na Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul, em frente à praia do Laranjal, município de Pelotas (IBGE)
Sátrapas: indivíduos poderosos e arbitrários, déspotas (DIAH)
Saturnal: orgia, devassidão, desregramento, depravação de costumes (DIAH)
Sectários: pertencentes a uma seita; que não transigem, intolerantes (DIAH)
Semíramis: rainha lendária da Assíria (DEDK)
Sempiterna (s): contínua(s), eterna(s), perene(s), infinita(s) (DIAH)
Sentinas: lugares imundos; ambientes corrompidos (DIAH)
Seráficos: que lembram os serafins (DIAH)
Serafim: anjo da primeira hierarquia (DCF)
Sérica: de seda (DIAH)
Seriema: ave (DIAH)
Serpes: serpente (DCF)
Serril(is): não domado(s); bravo(s) (DIAH)
Sevas: cipó ou corda horizontal em que se penduram as folhas verdes para secar (DCF)
Sevo: desumano; severo cruel (DCF)
Shiva ou Xiva: terceira pessoa da trindade hindu, deus ao mesmo tempo destruidor e fecundador (DEDK)
Sibarita: dado aos prazeres físicos, à voluptuosidade e à indolência (DIAH)
Sibila: profetiza (DIAH)
Sicário: sedento de sangue, sanguinário; cruel (DIAH)
Silente (s): silencioso (s) (DIAH)
Silfo: espírito elementar do ar; gênio do ar na mitologia céltica (DIAH)
Simeão: São Simeão Estilita (390 ? - 459), asceta sírio que teria vivido quarenta anos sob uma coluna (DEDK)
Simum: vento muito quente que sopra do centro da África em direção ao norte (DIAH)
Siracusa: porto da costa da Sicília (DEDK)
Sírio: estrela de magnitude -1,6, pertencente à constelação do Grande Cão (DMEM)

Sísifo: filho de Éolo, Rei de Corinto, na Mitologia Grega, que recebeu como castigo eterno de Hades rolar uma grande pedra ao topo de uma colina, de onde ela sempre caía de novo (DEDK)

Sitibundos: que ou os que têm sede; sequiosos, sedentos (DIAH)

Smalkalde: liga Smalkalde (1531), aliada do rei da França nas revoltas religiosas da Alemanha (DEDK)

Socó: ave pernalta escura, de pescoço longo (DCF)

Sófocles: poeta trágico da Grécia (496 a.C.-406 a.C.) (DEDK)

Soidão (ões): solidão (DIAH)

Solia: tecido de lã grosseira (DIAH)

Solima: cidade antiga de Israel, da qual não existem vestígios (DPL)

Sólio (s): trono (s); poder (es) real (is) (DIAH)

Sopita: faz dormir; adormece (DIAH)

Sotaina: batina do sacerdote católico (DIAH)

Spielbergue: cidadela na Morávia, antiga prisão (DPL)

Stettin: nome alemão da cidade polonesa de Szczecin (DEDK)

Sumaúna: algodão produzido por essa planta da América (DCF)

Superno (as): superior, muito alto (DCF)

Taciturna (s): tomada pela tristeza; melancólica (s), triste, sombria (DIAH)

Taful: quem se veste com exagero; janota (DIAH)

Talam: abrem sulcos (DCF)

Tálamo (s): leito (s) nupcial (is), conjugal (is) (DIAH)

Talante: atitude de interesse; disposição, esforço, empenho (DIAH)

Tamina: farinha ou qualquer porção diária de alimento (DIAH)

Tântalo: Rei da Lídia, filho de Zeus e de Pluto, punido porque matou seu filho Pélope e o serviu aos deuses como iguaria (DEDK)

Tapir: anta (DIAH)

Tapiz (es): tapete(s)

Tarquínio: rei de Roma (534 a.C.-509 a.C.), genro de Sêrvio Túlio, a quem matou para apoderar-se do trono (DEDK)

Tartufos: indivíduos hipócritas (DIAH)

Tascas: bodegas, badernas (DCF)

Tasso, Torquato: poeta italiano (1544-1595), autor de Jerusalém libertada (DEDK)

Tauxia: qualquer tipo de incrustação em madeira; marchetaria (DIAH)

Té: redução de até (DIAH)

Teatinos: animais sem dono ou cujo dono é desconhecido (DIAH)

Tebaída: região do antigo Egito, cuja capital era Tebas; lugar para onde os eremitas cristãos se retiravam (DEDK)

Tecel: vide Farés (DMEM).

Telônio: lugar onde se cobravam as rendas públicas (ONTJ)

Teresa: Santa Teresa, freira espanhola (1515-1582) que tornou santa da Igreja Católica (DEDK)

Terso: puro, limpo; lustroso (DIAH)

Tibérios: imperador de Roma durante a vida de Jesus (42 a.C.-37 d.c) (DEDK)

Tíbios: escassos (DCF)

Tijupar: abrigo que se constrói na mata, choupana (DIAH)

Timantes ou Timanto: pintor grego (século IV a.C.), autor de *O sacrifício de Ifigênia* (DEDK)

Timbaleiras: tocadoras de timbale; tímpano (DIAH)

Tirteu: de Esparta, (século VII a. C.) poeta lírico grego (DEDK)

Tisnas: queimas ligeira ou superficialmente; tostas (DIAH)

Titânios: tipo de metal (DIAH)

Titão: Titã, nome genérico dos gigantes que quiseram escalar o céu e destronar Zeus; gigante (DEDK)

Tombadilho: estrutura erguida na popa do navio, indo de um a outro bordo (DIAH)

Tonilho (s): tom (ns0 débil (eis); toada (s), canção ligeira (DCF)

Torçais: cordões de seda com fios de ouro (DIAH)

Torçal: cordão feito de fios de retrós (DCF)

Torquemada: Tomás de Torquemada (1420-1498), padre católico nascido em Valladolid, principal organizador da Inquisição espanhola (DEDK)

Torvelinhar: agitar-se (DIAH)

Transata: que já deixou de existir ou já passou; passado, pretérito, anterior ao atual (DIAH)

Transir: traspassar; repassar (DIAH)

Travo: sabor amargo de qualquer comida ou bebida (DIAH)

Tredo: traçoeiro, falso (DIAH)

Trêfega: turbulenta; traquinas (DCF)

Treina: animal sobre o qual os caçadores davam de comer a aves de rapina, para as treinarem na caça (DIAH)

Tremendal: pântano, lodaçal (DCF)

Treno (s): canto (s) planjente (s); lamentação (ões) (DCF)

Trescala: exala, emite cheiro (DCF)

Triaga: medicamento caseiro (DIAH)

Triboluet: bobo da corte de Luís XII (DPL)

Trilos: sons, sibilos (DIAH)

Trindades: orações em latim de saudação e prece à Virgem Maria que se rezam ao amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer (DIAH)

Trinta e cinco: data de início da Revolução Farroupilha (DEDK)

Trom: canhão (DIAH)

Truão: bobo, saltimbanco (DIAH)

Tubalcaim: descendente de Caim, irmão de Noé e ancestral mítico dos ferreiros (DEDK)

Tubas: trombetas

Tugúrio (s): abrigo (s), refúgio(s), choupana (s) (DIAH)

Tujupar: abrigo que se constrói na mata; chopana, choça (DIAH)

Turbamulta: turba, multidão (DIAH)

Turíbulos: vasos em que se queimam incensos (DCF)

Turqui: azul com veios brancos (DIAH)

Turumã: certa árvore silvestre não identificada (DIAU)

Ugolino: Ugolino Della Gherardesca (m. 1289), tirano de Pisa, do partido gibelino (DEDK)

Ulula: uiva (DIAH)

Umbrela: guarda-chuva; qualquer estrutura em forma de guarda-chuva (DIAH)

Umectar: umedecer (DIAH)

Umentes: úmidos (DIAH)

Undosa: que forma ou tem ondas (DIAH)

Urias: General de Davi e esposo de Betsabé (DMEM)

Urutão (ões): urutau(s) ou urutago(s), ave(s) noturna(s) dos matos rio-grandenses que canta(m) à noite e que imita vozes de pessoas (DZCN)

Val: vale (DIAH)

- Valmíqui:** lendário sábio hindu tradicionalmente considerado o autor do épico *Ramayana* (DEDK)
- Vasa:** espécie de lama de consistência muito tênue que se acumula no fundo do mar (DIAH)
- Vascas:** grandes convulsões (DCF)
- Veiga (s):** campo (s) fértil (eis) e cultivado (s); várzea (s), vargem (ns) (DEDK)
- Velilho:** tecido muito fino, leve e transparente, usado para fazer véus, cortinas (DIAH)
- Vendilhões:** indivíduos que vendem suas mercadorias nas ruas, sem um ponto fixo; aqueles que traficam em coisas de ordem moral (DIAH)
- Verdi:** compositor italiano (1813-1901), autor, entre outras, das óperas *A traviata*, *O trovador*, *Aída* e *Otelo* (DEPL)
- Vergôntea:** broto (DIAH)
- Verna:** escrava (DIAH)
- Vernos:** primaveris (DCF)
- Vesana:** louca, demente (DIAH)
- Vésper:** planeta Vênus, quando aparece à tarde; estrela da tarde, estrela vespertina (DIAH)
- Vesta:** deusa romana do fogo, correspondente à Héstia dos gregos (DEDK)
- Vezele:** André Vezele, cientista belga (1514-1564), que contribuiu para o desenvolvimento do estudo da anatomia humana (DEAM)
- Vigny:** Alfred de Vigny, Conde de Vigny (1797-1863), escritor romântico francês (DEDK)
- Vindita:** desagravo, desforra, vingança (DIAH)
- Viperina(s):** que tem (têm) má índole, agride ou critica excessivamente, pratica maldades; maléfica, perversa (DIAH)
- Virente:** verdejante, viçosa (DIAH)
- Virgílio:** poeta romano (70 a.C.-19 a.C.), autor do poema épico *Eneida* (DEDK)
- Viridantes ou viridentes:** que se desenvolvem; florescentes, prósperos, vigorosos (DIAH)
- Vishnu:** ou Vixenu, um dos dois principais deuses do hinduísmo (DEDK)
- Volite:** esvoace (DCF)
- Vórtices:** turbilhões; redemoinhos (DCF)
- Werner:** Zacharias Werner (1768-1823), dramaturgo alemão, autor de dramas fatalistas (DPL)
- Zambeze:** rio da África, que se lança no canal de Moçambique; 2.660 km (DEDK)
- Zimbório:** cúpula, domo (DIAH)
- Zoilos:** críticos que revelam inveja, incompetência ou aversão pessoal injustificada (DIAH)
- Zwingli:** Ulrich ou Huldrych Zwingli, humanista e reformador suíço (1484-1531) (DEDK)

Anexo B:

Relação dos Periódicos Pesquisados

Neste anexo, consta a relação de periódicos consultados para a organização do *corpus* desta tese. Essa relação está disposta do seguinte modo: título do periódico, nome dos responsáveis, cidade de origem do periódico e data de circulação. Devido a insuficiência de dados, nem sempre é possível localizar todas as informações, pois elas não se encontram disponíveis nas fontes consultadas¹²².

A Acácia. Carlos von Koseritz. Porto Alegre, 1876.

A Batalha. Renato Cunha. Porto Alegre, 1886.

A Comédia Social. Cornélio Bonone Martins Viana. Porto Alegre, 1889, 1890.

A Discussão. J.N. Epaminondas, Fernando Osório, Piratinino de Almeida, Marçal Escobar, Artur Ulrich. Pelotas, 1861, 1881 a 1887.

A Época. Francisco C. Recin Barreto Leite, Alexandre Bard, Francisco de P. Lacerda de Almeida, Albertino Brito, Hugo Metzler. Porto Alegre, 1890, 1891, 1893.

A Escola. Apolinário Porto Alegre, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva. Porto Alegre, 1876.

A Evolução. Rafael Antônio de Oliveira. Rio Grande, 1892, 1893, 1899.

A Farpa. Pelotas, 1888.

A Federação. Venâncio Aires, Júlio Prates de Castilhos, Dionísio Porto, Lindolfo Collor, Artur Pinto da Rocha, Evaristo Teixeira do Amaral, Carlos Penafiel, José Gonçalves de Almeida, Ernesto Alves, Otelo Rosa, Joaquim Francisco de Assis Brasil, Vieira Pires, Felicíssimo de Azevedo, Demétrio Ribeiro, Pedro Moacir, Barros Cassal, Germano de Oliveira, Ramiro Frota de Barcellos, Antônio Augusto Borges de Medeiros, Germano Hasslocher, Otávio Rocha, João Pio de Almeida,

¹²² CLEMENTE, Ir. Elvo; SILVA, Jandira M.M.; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-riograndense.** Porto Alegre: CORAG, 1986.
FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 1975.

Getúlio Vargas, Ildefonso Pinto, João Pinto da Silva, Augusto Uflacker, Pedro Vergara, Eduardo Guimarães, João Neves da Fontoura, Oswaldo Vergara, Moisés Vellinho, João José Cesar, Alfredo Varela, Antão de Faria, Plínio Casado, Alcides Maya, Fernando Miranda, Henrique de Casaes, Renato Costa, A.J. Pereira da Silva, João Bonuma, Benjamin Flores, Artur Toscano, Fábio Barreto Leite, Alcides Gonzaga, James Darcy e outros. Porto Alegre, 1884 a 1887, 1890 a 1904.

A Ferula. Porto Alegre, 1882, 1897.

A Gazetinha. Octaviano Manoel de Oliveira, Alberto Engel, Francisco Xavier da Costa, Isaac Lima, João Belém, Rodolfo Saint-Clair, Fausto Villanova, Edmundo Carvalho, Djalma Selistre, João Martirena, Deoclécio Carvalho, Marques Leite, Aldano Gomes, Virgílio Duarte, Lúcio Lima, Otávio Dorneles, Juvenil Guimarães e outros. Porto Alegre, 1891, 1899.

A Grinalda. Guimarães Pinto e Cia. Rio Grande, 1871.

A Ideia. Pelotas, 1878-1879, 1882 a 1883.

A Ideia. João Maia. Porto Alegre, 1876, 1878, 1879.

A Ilustração Rio-Grandense. José Teixeira Guimarães. Porto Alegre, 1891.

A Ilustração. Portugal/Brasil, 1886.

A Imprensa. Apeles Porto Alegre. Porto Alegre, 1881.

A Lanterna. Carlos von Koseritz. Rio Grande, 1893, 1894.

A Luta. Porto Alegre, 1886.

A Matraca. Porto Alegre, 1876.

A Nação: órgão do Partido Conservador. Pelotas, 1883 a 1895.

A Navalha. José Duarte Netto. Porto Alegre, 1891.

A Pátria. J. Guelfreire, Benjamin Flores. Porto Alegre, 1887 a 1891.

A Pena. Pelotas, 1884.

A Razão. Rio Grande, 1896.

A Reforma. Antônio Lara Fontoura Palmeiro, João Gonçalves de Oliveira, Adriano Nunes Ribeiro, A.C.Saibro Netto, Norberto A. Vasques, Manoel Vasconcellos, Gaspar Silveira Martins, Carlos Ferreira Ramos, Francisco Maciel Jr., Júlio de Magalhães, Correa de Oliveira, Carlos Thompson Flores, Inácio de Vasconcellos, Carlos von Koseritz, Florêncio de Abreu e Silva, Apolinário Porto Alegre, J. da S. Mello Guimarães, Antônio Eleutério de Carvalho, Felisberto Pereira da Silva, Timóteo Pereira da Rosa, Mário de Artagão, Francisco José Ferreira Camboim ilho, Carlos Rodrigues Chaves, Antônio Antunes Ribas, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Germano Hasslocher, Bernardo Barbosa e outros. Porto Alegre, 1870, 1886 a 1888, 1890 a 1892, 1899 a 1901.

A República. Silva de Albuquerque, Homero Batista, Pedro Moacir, Artur Candal, Alcides Maya, Francisco Miranda, Eugênio Correia (ou Coimbra), Aurélio Bittencourt Jr. Porto Alegre, 1895 a 1989.

A Sentinela do Sul. Júlio Timóteo de Araújo, Manoel Felisberto Pereira da Silva, Inácio Weingartner, Carlos von Koseritz, Eudoro Brasileiro Berlink. Porto Alegre, 1867.

A Vanguarda. João das Chagas Pereira. Porto Alegre, 1887.

A Ventarola. Eduardo Chapon, Taveira Jr., Damasceno Vieira, Alfredo Ferreira Rodrigues, Renato Cunha, Bandeira Renault, Paula Pires, Revocata de Melo, Lobo da Costa, Silvino Vidal, Stoffel e outros. Pelotas, 1887 a 1889.

A Verdade. Ernesto Jaeger. Porto Alegre, 1876.

A Voz do Escravo. Pelotas, 1881.

Álbum de Domingo. A.J.S de Faria, Moreira de Azeredo, M. Roussado, Antônio Herculano, A. Legendre, Félix da Cunha, Nicolau Vicente Pereira, A.P. Vaz, Francisco de Abreu Machado, Joaquim Pinto Vieira, Ribeiro de Carvalho, M. Pinto, Laurindo Rabello, Porto Alegre, 1860, 1878.

Álbum Literário. Duarte e Cia. Pelotas, 1875, 1877.

Álbum Pelotense. Pelotas, 1861 a 1863.

Álbum Semanal. Caldre e Fião, Damasceno Vieira, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Artur Rocha, Lobo Barreto, Gustavo César Viana Filho, C. Lima, Teodoro e Pedro de Miranda, Múcio Teixeira, Miguel de Werna e Bilstein, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Silvino Vidal, João Câncio Gomes e outros. Porto Alegre, 1873.

Almanaque Popular Brasileiro. Echenique e Irmãos. Pelotas, 1897, 1902, 1904.

Almanaque Literário e Estatístico do RS. Pelotas, 1894 a 1904.

Alvorada. Pelotas, 1891.

Anuário do Rio Grande do Sul. Graciano A. de Azambuja. Porto Alegre, 1886, 1887, 1889, 1890, 1892, 1893, 1895, 1896, 1899, 1900 a 1902, 1904.

Aos Republicanos do Rio Grande. Porto Alegre, 1881.

Arauto das Letras. Rio Grande,1882.

Arcádia. Antônio Joaquim Dias. Rio Grande, 1868 a 1870.

Atualidade. Rio Grande,1892.

Cabrion. Eduardo Antônio de Araújo Guerra, Eduardo Chapon. Pelotas, 1879 a 1881, 1886.

Cidade de Rio Grande.Rio Grande, 1897.

Combate. João Francisco Pereira. Rio Grande, 1896.

Comédia Social. Pelotas, 1887, 1888.

Corimbo. Revocata de Melo.Rio Grande, 1885 a 1894, 1896 a 1901, 1904.

Correio do Povo. Francisco Antônio Vieira Caldas Jr., João Obino, Emílio Kemp, Francisco Leonardo Truda, Fernando Caldas, Fábio de Barros, André Carrazoni, Breno A. Gonzaga, J. Avalone, Alexandre Alcaraz, Paulino Azurenha, Mário Tota, Sebastião Leão, Daniel Job, Germano de Oliveira, João Grave, R. Ribeiro, Juvenal Mendisco, Sertório de Castro, Alberto Juvenal Rego Lins, José Carlos de Souza Lobo, Breno Caldas, Francisco Antônio Caldas e outros. Porto Alegre, 1895, 1896.

Correio do Sul. J.B. Silva Brasil, João Gonçalves de Oliveira Néri, Pereira de Brito, Dionísio José de Carvalho, Domingos José Ferreira Bastos e Cia. Porto Alegre,1852,1853,1860,1861, 1865, 1881.

Correio Mercantil. Antônio Joaquim Dias, Machado Tavares, Rodrigues de Souza, João José Cesar, Antenor Soares, Alcides Gonzaga, João Simões Lopes Neto. Pelotas, 1875 a 1892, 1890, 1893 a 1900, 1904.

Cruzeiro do Sul. José Vieira Braga. Rio Grande,1863.

D Pedro II. Rio Grande,1892.

Democracia. Francisco Xavier da Cunha, Domingos Cândido de Siqueira. Porto Alegre, 1872.

Diabrete. Gaspar Alves Meira, Vitor da Cunha, Francisco Luís de Campos Jr., Argymiro Galvão, Silvino Vidal, Tádeo Alves de Amorim, Valentim Magalhães, Gomes de Amorim, Eugênio Magalhães, Alberto Borges Soveral, Souza Viterbo, Lúcio Castro, Anália Vieira do Nascimento, Henrique Marcos Gonzales, Constantino Alves de Amorim. Rio Grande, 1878 a 1881.

Diário Comercial. Pelotas, 1886, 1887.

Diário de Pelotas. Cândido Augusto de Mello, Ernesto Gerngross, Fernando Osório, Theodoro Lecour de Menezes, Germano Octacilio de Oliveira, João José Cesar, Arthtu Cardoso de Matos. Pelotas, 1859, 1876 a 1889.

Diário do Rio Grande. Antônio José Caetano da Silva Jr., Cândido Augusto de Mello. Rio Grande, 1848, 1851, 1852, 1856, 1857, 1861, 1862 1864, 1865, 1876, 1877 a 1904.

Diário Ilustrado. Portugal, 1881.

Diário Popular. Theodosio Lecour Martins de Menezes, Cel. Pedro Osório, Tito Vilallobos, Antônio Rodrigues de Souza, Alexandre Cassiano do Nascimento, Fernando Gomes da Silva, Joaquim Luís Osório, Francisco de Paula Magalhães, Guilherme Schultze Filho, Pedro Campos, Artur Hameister, João Francisco Machado, Luís Penafiel, Florentino Paradedda, João Moura, J. Simões Lopes Neto, Francisco da Cunha Ramos, Luís Carlos Massot, Ruy Faria de Queiroz, Salvador Hita Porres, Clayr Lobo Rochefort, Ernesto Cruz Valdez, Fernando do Couto, Jorge Salis Goulart, José Gonçalves de Almeida, Valquiria Neves, Pedro Vergara e outros. Pelotas, 1886, 1890 a 1899, 1904.

Diógenes. Luís Francisco Cavalcanti de Albuquerque, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Catão Damasceno Ferreira, Eudoro Brasileiro Berlink, A.J. Dias Campos, A.P. Caldas, Pereira da Cruz, Rodrigues Proença. Porto Alegre, 1885.

Eco do Sul. Alfredo Rodrigues de Oliveira, Nery Luís Osório. Rio Grande, 1859, 1860 a 1864, 1866 a 1869, 1871 a 1878, 1887, 1893 a 1899, 1900, 1902 a 1904.

Eco do Ultramar. L. Kraemer Walter, Carlos von Koseritz. Porto Alegre, 1876.

Estrela do Sul. D. Sebastião Dias Laranjeira. Porto Alegre, 1862 a 1864, 1866, 1867, 1869.

Folha da Tarde. João José Cesar. Porto Alegre, 1887.

Folhas do Sul. Humberto Selback, P. Mariano da Rocha. Porto Alegre, 1901.

Gazeta Americana. Pinto e Cia. Porto Alegre, 1892.

Gazeta da Tarde. Germano Hasslocher, Pelagio Pereira de Almeida, A. Pereira, Luís M. Gonzaga, Gonzaga e Cia., Alarico Ribeiro, Sebastião Leão, Andrade Neves Neto, Mário Tota, João de Araújo, Plínio Casado, Pinto Guimarães, Alcides Cruz, G. de Almeida, Aquiles Rezende, Rodolfo Saint-Clair. Porto Alegre, 1895 a 1897.

Gazeta de Porto Alegre. Polidoro Mariante, Carlos von Koseritz. Porto Alegre, 1879, 1880, 1881, 1883, 1884, 1891, 1896, 1897.

Gazeta do Comércio. Pinto da Rocha, Augusto Daisson, Mazarino Moraes, Henrique Borges, Almerindo Castro, Francisco Maciel Jr. Porto Alegre, 1902 a 1904.

Gazeta Mercantil. Francisco Maurício Gonçalves, Theodosio Martins d'o Lecour Menezes. Rio Grande, 1877, 1879, 1890.

Jornal D'anúncios. Pelotas, 1859, 1867.

Jornal de Notícias. Rio Grande,1898, 1899.

Jornal de Pelotas. Ernesto A. Gerngross, Juvencio A. Menezes Paredes, Luís Braga Jr. Pelotas,1862.

Jornal do Comércio. Antônio Joaquim Dias, Artur Lara Ulrich, Teodoro Garcia, João Pedro Caminha. Pelotas, 1870, 1876 a 1882.

Jornal do Comércio. Luís Francisco Cavalcanti de Albuquerque, Armênio Jouvin, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Manoel Antônio da Silva e Cia; Caldas Jr., Aquiles Porto Alegre, Adriano Ribeiro, Torres Homem, Júlio César Leal, Damasceno Ferreira, Carlos von Koseritz, Saturnino José Pinto. Porto Alegre, 1867,1868, 1871, 1880, 1891.

Jornal do Estado. Augusto Daisson. Porto Alegre, 1900.

Le Petit Journal. Batista Xavier, Aurélio de Bittencourt Jr. Porto Alegre, 1903, 1904.

Mercantil. João Câncio Gomes, Constantino P. Silva, Henrique D'avila, José Francisco Dias, Sarmento Menna, Vasco Azambuja, Azevedo Jr., Gustavo César Viana e Lobo Barreto.Porto Alegre,1884.

Murmúrios do Guaíba. José Bernardino dos Santos, Apolinário Porto Alegre, João Carlos Moré, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Bernardo Taveira Jr., José de Noronha Nápoles Mazza, P. de Calazans, Antônio Ferreira Neves, Carlos Ferreira, Santos Souza, Hilário Ribeiro, F. de Bittencourt Sampaio, Homem de Melo e outros. Porto Alegre,1870.

Noticiador. Carlos von Koseritz, Isiodoro Paulo de Oliveira, Luís José de Campos, Telêmaco Bouliech, Antônio Joaquim Caetano da Silva Jr. Pelotas,1858.

O Artilheiro. Joaquim de Freitas Filho, Cândido Augusto de Mello. Rio Grande,1849.

O Artista. Antônio da Cunha Silveira, Zacharias Salcedo, Artur Rocha, Francisco José Ferreira Camboim Filho. Rio Grande, 1866, 1867, 1875, 1878, 1884, 1904.

O Asmodeo. Rio Grande, 1881.

O Atleta. Vicente Dias. Porto Alegre, 1855, 1856.

O Bisturi. Tadeo de Amorim. Rio Grande, 1891 a 1893, 1903.

O Brado do Sul. Carlos von Koseritz, Domingos José de Almeida, Honório Alvares da Gampa. Pelotas, 1859, 1861.

O Brado Juvenil. Pelotas, 1866.

O Brasil. Rio Grande, 1895.

O Caixeiro. Joaquim José Teixeira de Azeredo Jr., M.P. de Barros. Porto Alegre, 1878, 1879.

O Carijó. Rio Grande, 1853.

O Charivari. Oliveira e Cia, Miguel de Werna e Bilstein, João de Oliveira. Porto Alegre, 1878.

O Colibri. Ernesto Silva, João Moreira da Silva, Múcio Teixeira, Joaquim Alves Torres, Teodoro de Miranda, Souza e Silva, E. de Mendonça, Lídia A. da Silva, Décio Lima, Azevedo Jr. e outros. Porto Alegre, 1877.

O Combate. Argimiro Galvão, Carlos von Koseritz, José Terra, Tobias Barreto de Menezes, Silvio Romero, Graciano de Azambuja, Luís Pereira Barreto, Rangel Pestana, Campos Sales, Gabriel Piza e Almeida, Américo de Campos, Alcides Lima, Alberto Navarro Viola, Alberto Loffgreen, Teixeira Bastos, Teófilo Braga, Horácio de Carvalho, Licurgo dos Santos, Miranda de Azevedo, Teófilo Dias, Oliveira Martins. Porto Alegre, 1886.

O Comércio. Pelotas,1862-1863, 1867-1868.

O Conservador. Inácio de Mello Barreto, Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Mena. Porto Alegre, 1858,1859.

O Constitucional. Alexandre Bernardino Moura. Porto Alegre, 1871, 1873

O Contemporâneo. Joaquim José Teixeira de Azeredo Jr., João Moreira da Silva, Juliera Melo Monteiro, Revocata de Melo, Arlindo Torelli, Alcides Cruz, Daniel Job, Ernesto Silva, Joaquim Al Torres. Porto Alegre,1886.

O Democrata. Germano O. de Oliveira. Pelotas,1888.

O Especulador. Rio Grande, 1868.

O Estado do Sul. João Severino da Silva Casado, Orlando Gaudis Ferreira da Motta, Domingos Santos, José Bernardino dos Santos, Benjamin Flores.Porto Alegre, 1889, 1890.

O Estudante. Pelotas,1890.

O Fanal*. Porto Alegre,1893.

O Ferrão. Porto Alegre,1876.

O Fígaro. Dionísio Monteiro, Cândido de Faria, Damasceno Vieira.Porto Alegre, 1878, 1879.

O Gaúcho. Porto Alegre, 1890.

O Girondino. Batista de Freitas, Eliseo de Medeiros. Porto Alegre,1889.

O Grátis. Cândido Augusto de Mello.Pelotas,1859.

O Guaíba. Carlos Jansen, João Vespúcio de Abreu e Silva. Porto Alegre, 1856,1857.

O Independente. Octaviano Manoel de Oliveira, Armando Silveira, Firmino José Rodrigues, Joaquim Alves Torres, Octaviano Jr., Pery Oliveira. Porto Alegre,1862,1863, 1900.

O Intransigente. Hilário Ribeiro, Artur Motta, Conrado Campos. Rio Grande,1903.

O Investigador. Francisco Lobo da Costa. Rio Grande,1873.

O Kaleidoscópio. Porto Alegre,1887.

O Lábaro. Múcio Teixeira, Joaquim José Teixeira de Azevedo Jr., Fontoura Xavier, Leopoldo Chaves, Décio de Lima, G. da Silva, Lobo da Costa, Borges do Soveral, F. Nunes, Celso Jr., J.J. de Vasconcelos, Homero Batista, Paula Pires, L. de Albuquerque, A. de Oliveira, Silveira Figueró, J. Barbosa, A. Camargo, Augusto Monteiro, F. Dantas, Joaquim de Vasconcelos, Mariano Augusto, Silva Torres Jr., Luís de Andrade, Silvio Heitor, Freitas e Castro, Souza Machado, Julieta de Melo Monteiro, Eduardo de Carvalho, Gaspar da Silva, Ezequiel Freire, Franco Bueno, Gomes Pinto, Gustavo de Lacerda, Ildefonso Guterres, Geraldo de Faria Correa, Ramos da Costa, Ferreira Guimarães e outros. Porto Alegre, 1881, 1882, 1883, 1900.

O Lusitano. Porto Alegre,1878.

O Maçon. João C. Barcellos. Porto Alegre, 1874.

O Mecenaz. Andrade Neves Neto, Rodolfo Saint-Clair, Mário Tota, Alcides Cruz, Alfredo Lisboa, Pinto Guimarães, Timóteo de Faria, José G. de Almeida, Alarico Ribeiro, Pinto da Rocha, Sebastião Leão, Múcio Teixeira, Luís Dalves, Antônio Carlos, Henrique Trindade, Carlos Vaz, Eugênio de Souza, I. van Beers, Antônio de

Oliveira, Eliseo Montarroyos, Caldas Jr., João Silva, F. de Azevedo, Augusto de Sá, Antônio Alves. Porto Alegre, 1894,1895.

O Mercantil. João José de Farias Villaboas, José Cândido Gomes, E.P. de P. Abreu, Francisco Xavier da Cunha, Florêncio de Abreu, Antônio Eleutério de Camargo, Eudoro Berlink, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Félix da Cunha. Porto Alegre, 1858, 1864,1878.

O Mosquito. Damasceno Vieira, Múcio Teixeira, Silvino Vidal, Apolinário Porto Alegre, Lobo da Costa, Horácio Maisonete, Leopoldo Chaves, Abílio Pereira, Joaquim Alves Torres, Aquiles Porto Alegre, Artur Candal, Pedro Barreto, Apeles Porto Alegre, Miguel Fernandes Araújo, Vasco de Araújo e Silva, J. Pinto Gama, Artur Rocha, Ulisses Cabral, Pedro Horta, Francisco Nascimento, Marques Rosendo Rodrigues, Horácio Carcalho, A. Dias Moreira, C. Pita, A. Guedes, J.C. Palma Dias, Fausto de Freitas e Castro, Domingos dos Santos, Firmiano Araújo, Cândido Francisco de Paula Costa, Franklin e Cornélio Bonone Martins Viana e outros. Porto Alegre,1874.

O Nacional. Francisco Maciel, Segismundo Ulisses de Araújo Batinga. Pelotas, 1890 a 1892.

O Noticiador. Luís José de Campos, P.D. Telemaco Bouliech, Carlos von Koseritz. Pelotas,1855-1858, 1862,1865,1866.

O Occidente — Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. Guilherme de Azevedo, Gervádio Lobato, Manuel de Macedo, Caetano Alberto, Antônio das Mercês. Lisboa, 1883.

O País. Antônio Rosa Pereira Dias, J.N. Epaminondas de Arruda.Pelotas,1876, 1877.

O País. Rio Grande, 1869, 1870,1889.

O Papai. Porto Alegre, 1900,1901.

O Patriota. Joaquim Francisco da Silva Souto. Porto Alegre, 1889.

O Pelotense. Cândido Augusto de Mello. Pelotas, 1853-1855.

O Pensamento. Salustino Maciel. Pelotas, 1886, 1901.

O Pervegil. Pelotas, 1882, 1883.

O Pirlampo. Porto Alegre, 1881.

O Povo. José da Costa Azevedo, Emílio Valentim de Barros, Abel Pires de Oliveira, Constantino Lúcio Jardim. Rio Grande, 1856, 1858.

O Progresso Literário. Theodoro Garcia, Lobo da Costa. Pelotas, 1877-1879, 1888-1889.

O Progresso. R. Ludwig. Porto Alegre, 1887.

O Porvir. Pelotas, 1868.

O Regenerador. Pelotas, 1863.

O Rio Grande. Demétrio Ribeiro, Barros Cassal, Antão de Faria, Silvio Rangel, Dinarte Ribeiro, Eulino Ribeiro, J.L. Pinheiro da Silva, Ernesto Alves e Apolinário Porto Alegre. Porto Alegre, 1856, 1890; 1892, 1893, 1856, 1899, 1903.

O Século. Apeles Porto Alegre, Azevedo Jr., J. Samaranch, Miguel de Castro e Mello de Werna e Bilstein, Inácio Wingartner, Eduardo Antônio de Araújo Guerra, Faustino Ladeira, Jules Armand Schroder. Porto Alegre, 1880 a 1882; 1885, 1892.

O Sul do Brasil. Pelotas, 1887, 1888.

O Tabor. José Antônio de Carvalho Gama. Porto Alegre, 1881, 1882.

O Telefone. F. Vicente Dias, Gaspar Guimarães, Narciso Lacerda, Francisco Caldeira, Azevedo Jr., Carlos Ferreira, João Moreira da Silva. Porto Alegre, 1880, 1882.

O Tempo. Alipio Cadaxal. Rio Grande, 1871.

O Ypiranga. Fontoura e Cia, Loskar. Porto Alegre, 1863.

Onze de Junho. Antônio da Silva Moncorvo Jr., Fernando Pimentel, Antônio Rodrigues de Souza. Pelotas, 1879, 1881 a 1885, 1888, 1889.

Opinião Pública. Antônio Moreira César. Pelotas, 1868, 1896 a 1904.

Os Dois Mundos. Salomão Saragga. Portugal/Brasil, 1879-1880.

Palladino. Francisco Castellar Pinto. Porto Alegre, 1893.

Propaganda. Félix da Cunha. Porto Alegre, 1864.

Radical. Pelotas, 1890.

Revista do Clube Acadêmico de Porto Alegre. Suzerano Teixeira, João Evangelista Barcelos, Isidoro Dias Lopes. Porto Alegre, 1886.

Revista do Partenon Literário. Apolinário Porto Alegre, Vasco de Araújo e Silva, Lúcio Porto Alegre, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Juvêncio A. de Menezes Paredes, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva, José Bernardino dos Santos e outros. Porto Alegre, 1868 a 1878.

Revista Imparcial. Rio Grande, 1846.

Revista Literária do Grêmio José de Alencar. Responsáveis: Egídio Itaqui Filho, Fernando Guerra Duva. Henrique Fontoura Trindade, Zeferino Brasil, J.C.

Figueiredo, Rodolfo Saint-Clair, Mário Totta, Ildfonso Teixeira, Cornélio Zama e outros. Porto Alegre, 1890.

Revista Literária. Damasceno Vieira, Múcio Teixeira, Silvino Vidal, Apolinário Porto Alegre, Lobo da Costa, Horácio Maisonete, Leopoldo Chaves, Abílio Pereira, Joaquim Alves Torres, Aquiles Porto Alegre, Artur Candal, Pedro Barreto, Apeles Porto Alegre, Mig. Porto Alegre, 1881.

Revista Sociedade Ensaio literários. Cônego João Becker, Damasceno Vieira, José Martins Flores, Lobo Barreto, Gustavo Viana, Frederico Villeroy, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Dionísio Monteiro, Carlos Lobo, Antônio Carlos Duarte, José da Sá Brito, Joaquim Alves Torres, Artur Rocha, Silvino Vidal, Elpídio Lima, Augusto Guanabara, Pedro de Miranda, Argymiro Galvão, Teodoro de Souza Lobo, João Batista da Silveira, Diamantina da Silveira, Assunção de Almeida e outros. Porto Alegre, 1876.

Rio Grande do Sul. A. Soveral e Cia. Porto Alegre, 1893.

Rio Grandense. Antônio da Silva Moncorvo Jr. Pelotas, 1885, 1886.

Rio Grandense. Eudoro Brasileiro Berlink, Nicolau Engelsdorff, Carlos von Koseritz, Carlos A. de Candal Carvalho. Porto Alegre, 1877, 1878, 1900.

Rio Grandense. Cândido Augusto de Mello. Rio Grande, 1856, 1899, 1903.

Tribuna Federal. Moncorvo e Irmão. Pelotas, 1893.

Tribuna Literária. Pelotas, 1882.

Zé Povinho. Pelotas, 1883.

Anexo C:

Programa da Sociedade Partenon Literário

O dia 18 de junho de 1868 marcou uma grande época.

Ergueu-se um monumento. Os alicerces foram lançados sob os auspícios de horrenda tempestade... Parecia que terra e céus conspiravam contra uma ideia em sua sublime realização.

Havia tudo a vencer, tudo a criar sem o sorriso lisonjeiro da esperança, sem as cambiantes de amena aurora, sem uma palavra de animação: os alvenéis do Partenon eram apóstolos duma crença, como o foram Cefas e Paulo; a uns e outros assistiu **a mesma** energia moral. O culto às letras constitui também uma religião, e, como toda a religião, não deixa de ter: um coliseu de martírio, uma coroa de espinho e uma apoteose sobre a lapide que revesti-lo.

O dia 18 de junho abriu o ciclo literário na Província, que até então não puder reuniu um núcleo, onde a luz civilizadora se concentrasse nos certames científicos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bom e o belo.

É verdade que o pacto fundamental de nossos direitos realizara duas magélicas manifestações da liberdade e do pensamento: a imprensa e as câmaras; porém, perguntamos: essas duas fórmulas satisfazem as aspirações do espírito? Não.

Portanto nem os prelos nem os comícios provinciais não preenchendo em toda a latitude os fins de sua criação, não podendo realizá-los na estreiteza das órbitas atuais, não sendo **mesmo** de sua alçada a multiplicidade de conhecimentos, é certo que havia necessidade imperiosa duma nova instituição.

Esta, graças à boa vontade de alguns obreiros que medem a grandeza da obra pela extensão do sacrifício, veio felizmente a lume.

É o Partenon Literário. Referir-se como ele nasceu, foi e é — é formar uma cadeia com a série de acontecimentos e peripécias por que tem passado, com as fases ltuosas de sua existência e dizer-se: se há elos que recordam glórias, compraram-nas angústias supernas, constantes lutas contra o ceticismo social, que ameaçava abater a cúpula do monumental edifício.

O Partenon criou uma tribuna, para a pugna oratória; uma biblioteca, onde reunirá as obras mais importantes relativas à grandiosa trindade de seus estudos; filosofia, história e literatura; aulas noturnas para os sócios que quiserem dedicar-se sem dificuldades ao granjeio da ciência; e afinal uma revista tão necessária, como as outras criações. Por que criou a última?

Na antiguidade o voo e exibição de ideias não tinha, como nos tempos modernos, limites enquanto ao local. Aristóteles ensinava passeando nas galerias do Liceu, Zeno entre os fustes do Pecílio, Platão à sombra dos plátanos e oliveiras à margem do Cefiso, Sócrates não desmerecia indo discutir com Aspázia em companhia de seus discípulos. As praças, ruas, pórticos, alamedas e ginásios serviam de tribuna, de escola e de academias. Hoje o invento de Guttemberg e Faust veio suprir esta falta. Assim o compreendeu o Partenon, criando a revista mensal, que, veículo poderoso, irá ao longe levar os frutos de seus talentos e labutações. Criando-a, porém, exara em seu frontespício a célebre divisa de Rousseau:

"vitam impendere vero".

Levitas sinceros dum culto não podem ter outra legenda.

As auras benéficas da pátria a protejam. Deus lhe dispense terno amor, como à vestal que guarda eterna sua capela de laranja. A geração, que encontramos ao transpor os umbrais da existência, tenha para a planta do nosso amor ao menos um sorriso que vivifique, um vislumbre de animação, que, como o orvalho das noites, lhe inceule seiva e vigor; dando-lhe beleza e graças, fazendo-a produzir flores balsâmicas e frutos doirados.

A semente está lançada nos camaleões da literatura.

Dêem-lhe cuidados, e, em breve, gemando a folhagem ao sol do devaneio público, há de ressarci-lo cabal e latamente.

Se algum espírito célico* então surgir, como Hamleto, lançando-lhe um riso de sarcasmo, um olhar de dúvida, temos por única resposta ao arúspice de infortúnio, só duas palavras de S. Agostinho: "Tole, lege". Erga-se e leia.

São as primícias da mocidade rio-grandense, que, arcando em extrema luta contra a indiferença geral, tem ódio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro.

(Revista do Partenon Literário, n. 1, março de 1869)

Anexo D:

Nominata dos sócios da Sociedade Partenon Literário

Segundo Guilhermino César em sua **História da literatura do Rio Grande do Sul**¹²³, com base em pesquisa na Revista Mensal, atas de sessão, e outros estudos, aqui segue, em ordem alfabética, a nominata dos sócios que mais se destacaram:

Afonso Duarte	Israel Azambuja
Afonso Marques	João Batista Pereira Souto
Alberto Coelho da Cunha (Vitor Valpírio)	João Capistrano de Miranda
Alexandre Bernardino de Moura	João Carvalho de Barcelos
Alfredo de Freitas Chaves	João de F. e Castro
Alfredo Luís de Melo	João José Rodrigues
Amália Figueiroa	João Manuel de Araújo Ramalho
Antônio Antunes Ribas	João Moreira da Silva
Antônio Ferreira das Neves	Joaquim Alves Torres
Antônio Palmeira	Joaquim Francisco de Assis Brasil
Apeles Porto Alegre	Joaquim Gonçalves Chaves
Apolinário Porto Alegre	Joaquim Moreira
Apolinário Teixeira	Jorge Pereira da Costa
Aquiles Porto Alegre	José Bernardino dos Santos
Argemiro Galvão	José de Sá Brito
Artur Candal	José Teodoro de Sousa Lobo
Artur de Lara Ulrich	José Tomé Salgado
Artur Rocha	Júlio César Leal
Augusto Ernesto de Villeroy	Júlio César Ribeiro de Souza
Augusto Guanabara	Júlio de Castilhos
Augusto Totta	Leopoldo de Freitas
Aurélio Py	Lobo Barreto
Aurélio Veríssimo	Luciana de Abreu
Azevedo Júnior	Lúcio Brasileiro Cidade
Benjamim Villas Boas	Lúcio Porto Alegre
Bernardo Taveira Júnior	Luís Alves Leite de Oliveira Belo
Bibiano Francisco de Almeida	Luís de França Almeida e Sá
	Luís Kraemer Walter

¹²³ CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / CORAG, 2006. p.188-189.

Caldre e Fião	Luís Motta
Carlos Barrão	Luísa de Azambuja
Carlos Barth	M. Alves de Paula
Carlos de Lavra e Pinto	Manuel Corrêa da Silva Neto
Carlos Eugênio Fontana	Manuel Gomes Viana
Carlos Ferreira	Manuel José Gonçalves Júnior
Carlos Thompson Flores.	Manuel José Soeiro Júnior
Carlos Von Koseritz	Manuel Miller
Cônego José de Noronha Nápoles Massa	Manuel Pereira da Silva
Cônego José Gonçalves Viana	Manuel Ribeiro de Andrade e Silva
Crescentino de Carvalho	Manuel Veloso Paranhos
Cristiano Kraemer	Menezes Paredes
Damasceno Vieira	Miguel de Werna
Domingos Vanzelotti	Miguel Pereira de Oliveira Meireles
Eduardo Salomé	Múcio Teixeira
Elpídio Lima	Napoleão Poeta
Enéas Furtado	Nicolau Vicente
Érico da Costa	Norberto Vasques
Ernesto Silva	Padre Teixeira
Estulano de Melo	Pedro Antônio da Silva Horta
Eudoro Berlink	Pedro Antônio de Miranda
Felipe Néry	Pedro Tude da Costa Ferreira
Fernando Ferreira Gomes	Ramiro de Araújo
Fernando Osório	Revocata dos Passos Figueiroa de Melo
Ferreira da Luz	Revocata Heloísa de Melo
Firmiano Antônio de Araújo	Sebastião Horta
Francisco Cunha	Silvino Vidal (português)
Francisco da Natividade	Sousa Motta
Francisco de Paula Soares	Teodoro de Miranda
Francisco Isidoro de Sá Brito	Terêncio de Miranda
Francisco Xavier da Cunha	Timóteo Faria Corrêa Filho
Franklin Ferreira	Tito Peixoto

Frederico Ernesto de Villeroy

Frederico Lara

Gabriel Fay

Gaspar Guimarães

Geraldo de Faria Corrêa

Graciano Alves de Azambuja

Gustavo Viana

Hilário Ribeiro

Homero Batista

Horácio Maisonete

Inácio de Vasconcelos Ferreira

Tollone Júnior

Trajano César

Vasco de Araújo e Silva

Vasco de Azevedo e Sousa

Vasco Pinto Bandeira

Victorino de Azevedo

Vitorino José dos Santos

Zeferino Vieira

Anexo E:

Anotações feitas por Álvaro Porto Alegre

- 7 -

« Creio interpretar os sentimentos de todos levantando uma prece junto d'esta sepultura. Inclinao se todas as grandezas, recolhem-se todas as dôres diante da morte; fica apenas a alma em presença de seu Pae e Juiz.

« Assim que, ao passo que lá fóra, a França chora o grande poeta, o grande orador, o grande cidadão, aqui só do christão nos lembramos. Sim, o christão! porque tal se conservou atravez dos desfallecimentos do homem e no seio da ebriedade do genio; o christão, sim! porque soube ser filho de sua mãe, e porque bebeo em seus joelhos, com aquillo que elle mesmo chamou « o santo leite de sua alma » mais ainda do que no seu proprio genio, as notas inimitaveis em que celebrou a alma e Deus.

« Acompanhemol-o, pois, n'este momento antea justiça do Juiz e a misericordia do Pae, e repitamos juntos este psalmo da morte, cheio de perdão e de esperança, ou antes de certeza no amor e na fé.

« De profundis ! »

Porto Alegre, 13 de Maio de 1869.

José Bernardino dos Santos.

Apontamentos para o meu uso.
 O Partenon Literario, fundado na cidade de Porto Alegre, no dia 18 de junho de 1868, teve a sua revista. Esta teve a sua publicações iniciadas no ano seguinte, em março de 1869, proseguindo regularmente até ao fim do mesmo ano.
 De janeiro de 1870 a junho de 1872, esteve suspensa a sua publicação, sendo com a sua publicação a segunda serie em junho de 1873, havendo, por uma interrupção de dois annos e meio, de julho de 1872 a maio de
 (Continua adiante)

Revista do Partenon Literário, ano I, n.3, maio 1869.

- 7 -

O genio da guerra sorria no fastigio da montanha.

O genio da liberdade derramava lagrimas sentado no solio de Deus.

Aquelles guerreiros não sentirião alli penosa emoção?

Haveria uma alma tão de marmore que não se commovesse com a triste magestade do panorama?

Não era Carrilho, por certo, nem os bravos sertanejos, mudos então, contemplando com olhar absorto e humido de tristesa a conquista das chammas; mas sim tres homens a alguma distancia, esclarecidos pelos versateis clarões de uma fogueira, abysmados ante as cifras dispersas em algumas folhas de papel amarelento e já traçado.

Erão: Andrezzi, Antonio e Pero Lopes.

O que fazião?

Interrogavão o futuro n'um livro sybillino?

Tentavão descobrir a incognita de obscuro e implexo problema?

Quem sabe!

1876 correu normalmente a sua publicação, quando, de novo, houve a segunda interrupção, até julho de 1877. ^{Logo depois deste tempo, meu amigo teve vida até 1878.} ^{Reappareceu de novo em abril de 1879, deitando de setembro do mes-}

FIM DA INTRODUÇÃO.

mo, ano o seu último numero conhecido. É a notavel associação, pelos documentos em meu poder, as poucas que foram seladas, dos destros, das da casa Branca, quando avultada varias vezes para ascellas de Julio de Castilhos, durante a Republica de 1893, arrastava em maio de 1885 penosa existencia.

Daí em diante nada mais sei, presumindo porem sido terminadas as suas actividades mais ou menos em tal época.

Que há apparecido depois, facto de certo, - não merece atenção.

1.º serie - março 69 a dezembro 69
2.º serie - julho 72 a maio 73

Annuaire de la République
Eis o que conseguí organizar, depois de

— 26 —

Triste de mim ! Quando fugir á terra
 Na cam'pa escrevão : « Pobre louca ! amou,
 Amor em troca recebera sempre,
 Mas a virtude seu viver ceifou ! »

Agora, Sr. Queiroga, que tal acha o chronista do *Parthenon*, d'essa sociedade que o Sr. desde seus principios maltratou tanto ?

Queiroga não respondeu, estava mordendo-se de raiva, os olhos chispavão, as mãos contorcião-se.

Sabe o leitor quem é elle ?

Advinhem-n'o.

E' a — *Opinião Publica* ! —

Good byé.

Boccacio, pseudonymo de Apollinaris

Com o pseudonymo Boccacio, Apollinaris de Almeida também collaborou em O Industrial, haddomadario industrial, litterario e critico, apparecido em Porto Alegre, no anno de 1870 — Também costumava assignar, ás vezes, apenas as iniciais — A. P. A.

Anexo F:

Proposta para patrono da literatura do Rio Grande do Sul:

Apolinário José Gomes Porto Alegre

PARTENON LITERÁRIO

18-5-1999

PROPOSTA

**Declarar *patrono* da literatura do Rio Grande do Sul: Apolinário José Gomes
Porto Alegre**

JUSTIFICATIVA

As razões pelas quais Apolinário Porto Alegre deve ser declarado – e com toda a justiça – PATRONO DA LITERATURA RIO-GRANDENSE não se encontram no que ele escreveu, sob a forma de prosa ou de poesia, cujas obras estão listadas, p.ex. *in Notas de Bibliografia Sul-Rio-Grandense* – Autores, de Pedro Villas-Boas, 1974, nem relacionadas com a época em que ele escreveu. Encontram-se no que ele fez em favor da organização e do desenvolvimento da cultura e da literatura gaúcha.

Ao liderar o movimento jovem, oferecendo, para as reuniões preparatórias, sua própria residência, no idos de 1868, e ao colocar a serviço da proposição todo o seu empenho e idealismo, a par dos seus excepcionais talentos pessoais, que não se exauriam na prosa e na poesia, deu o impulso necessário e indispensável, para que se organizam-se, tanto social, como tecnicamente, os que se dedicavam à literatura em Porto Alegre e, por via de consequência, na província sul-rio-grandense. Tal facultou a fundação da primeira associação literária gaúcha: Sociedade Partenon Literário, em 18 de junho de 1868. Então, ele tinha 24 anos de idade.

Autodidata, eis que foi obrigado, pelas circunstâncias, a dar azo à sua vontade de saber por meios exclusivamente pessoais. Por causa do falecimento do seu pai, quando ele se encontrava cursando o primeiro ano do Direito em São Paulo, teve de abandonar seus estudos superiores e voltar para Porto Alegre, para inclusive ajudar a criar, já que ele era o mais velho, os seus irmãos menores: Lúcio, Aquiles e Apeles. Com exceção de Lúcio, os demais também colaboraram para a organização e o desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense. Lúcio, mesmo assim, muito colaborou para a estruturação e o andamento das atividades do Partenon.

Empenhou-se, sobretudo, no campo do ensino formal, desde jovem, tendo inclusive fundado mais de um estabelecimento escolar em Porto Alegre. O jornalismo, através de sua participação em jornais e revistas da capital, entre estas destacadamente e a do próprio Partenon Literário, também muito dispôs dos talentos raros de Apolinário. A linguística, a filologia, as ciências, a arte, o teatro... muito devem ao esforço, à iniciativa e à inteligência dele. A política, a república e a democracia também receberam dele atenção, que lhe custou muito caro, em razão do seu arrojo e da sua honestidade, em tais misteres. A sua participação nos movimentos em favor da abolição da escravatura também foi destacada. E muito, muito mais.

CYRO MARTINI

SERAFIM LIMA¹²⁴

¹²⁴ MARTINI, Cyro, LIMA, Serafim. **Declarar patrono da literatura do Rio Grande do Sul:** Apolinário José Gomes Porto Alegre. Porto Alegre: Partenon Literário, 1999, 1p.

ANEXO G:

*Discurso de Apolinário José Gomes Porto Alegre na instalação da
Sociedade Partenon Literário*

PARTENON LITERÁRIO¹²⁵

(Instalação)

(Discurso proferido pelo Sr. Apolinário José Gomes Porto Alegre)

Senhores. — O homem não é somente essa alimária* que Cuvier classificou entre os bímanos onívoros, é alguma coisa superior, um ente dotado de razão e liberdade desenvolvendo-se nos domínios do tempo e do espaço, caminhando sempre sob as leis imutáveis do progresso.

Já lhe vai bem longa a existência, bem longo o estágio percorrido; já quinhentos séculos cingem-lhe a fronte soberana, e no entanto marcha, marcha sempre, como o Ahasvero legendário, como o náutico da solidão dos mares, apenas tendo preenchido uma mínima parte de seus destinos.

Ó! quão insano não tem sido o seu labutar!

Como não tem regado os marcos de sua romaria com pungentes lágrimas!

Quantas vezes prosseguindo após uma ideia grandiosa, não tem deixado nas sarças do caminho fragmentos de suas carnes e torrentes de seu precioso sangue?!

Desde o momento em que a primeira aurora raiou sobre nosso planeta ao mágico *fiat lux* do Criador dos mundos, o homem marcou também seu primeiro dia de angústias e prantos, sua primeira página de tormentos, achando-se ante a natureza que se lhe antolhava terrível e inexpugnável.

Não era para menos.

O Senhor dera à águia dos espaços, ao leão dos bosques e ao habitante das águas armas e vestidos, às plantas e flores bondosa proteção, e só o homem fora lançado sobre a terra, em toda a sua nudez exposto aos ardores da canícula, aos gelos do polo, e ao ludíbrio do mais abjeto réptil, pois não tinha um só recurso de defesa!

Nessa primavera esplêndida da criação, quando tudo efervescente de entuniasmo, ébrio de alegria e as hosanas de gratidão, só ele engolfado na profunda noite do desespero arrancou soluço» do imo d'alma, só ele chorou! Copioso regato emanou de seus olhos, banhando o solo em que vinha habitar!

¹²⁵ PORTO ALEGRE, Apolinário. Discurso proferido na instalação da Sociedade Partenon Literário. **Arcádia**, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, Rio Grande, 1868, p. 177-180.

Mas o pranto passou, anódino maná circulou-lhe nos seios d'alma, furtivo, célebre lampejo radiou-lhe a fronte proeminente... Ele ergueu-se...

O pensamento majestoso e divino fugiu-lhe rápido das obras do cérebro. A consciência e o raciocínio surgiram... Ergueu-se senhor, correu às selvas, mirou uma árvore abateu-a, e de seus despojos fez uma arma.

Então julgou-se forte, muito forte, mais forte que a águia, o leão, e essas moles de rochedos que ameaçavam esmagá-lo com seu porte senhoril. Era Nemrod.

A experiência veio mostrar-lhe depois que entre os animais, objeto de suas perigosas correrias, alguns havia dignos de conviver com ele, ministrando-lhe o necessário; pensou pois domesticá-los, e a arma de caça converteu-se num cajado de pastor.

Anos decorreram e num belo dia Esaú vendia sua progenitora por um prato de lentilhas; era a agricultura que vinha tomar seu lugar de honra no festim da civilização.

A família apareceu, esta produziu a cidade, e muitas cidades depois reunindo-se sob as mesmas leis e direção dum mesmo patriarca criaram a nação.

Esses tempos esplêndidos na caça, no cuidado dos rebanhos e da lavoura foram exclusivamente de constante combate com a natureza. O pensamento ainda não desabrochou as asas na atmosfera diáfana e pura da arte e da ciência; só muito depois a Índia, a China, o Egito, a Assíria, Grécia e Roma, umas após outras, foram roubando algumas horas aos misteres materiais para consagrá-las ao estudo resumido nesta sublime trindade — o verdadeiro, o bom e o belo.

Porém como não foi doloroso, nessas épocas remotas, o tirocínio das ideias civilizadoras! O homem eminente já não tinha só a combater contra os oceanos e ventos a que Jasão e a galera fenícia impunham leis, contra as feras que fugiam à aproximação dos seus passos ou sujeitavam-se ao seu jugo, contra os rochedos que ele desbastava-os, reduzindo-os a sua morada, e contra o solo, cujo seio rompia, obrigando-o a retribuir com ubérrimas messes; não... mas sim lutas mais travadas e mais renhidas contra a ignorância dos outros homens, que cegos, loucos, desvairados tinham-lhe ódio, e voltavam-no quase sempre a sanguinários holocausto.

Era triste, ora atacando Prometeu no Cáucaso exposto à voracidade dos arbutres, ou propinando a cicuta a Sócrates, ora dando o ostracismo a Aristides, ou uma cruz a Cristo!

Eis a antiguidade do gênero humano, porém nela também há fases em que as letras, as artes e as ciências refulgiram com peregrino fulgor, como sob a influência de Seostris, Semíramis, Salomão, Péricles, Ptolomeu e Augusto.

A média idade é apenas uma época de transição, em que de longe ao longe ouvia-se uma ou outra voz de "troubador ou minnesinger" escoar-se das ameias do castelo feudal, os cânticos graves, místicos e solenes do cristianismo nas capelas góticas, fragmentos dos "Nibelungen" confundidos com os murmúrios queixosos do Reno e Vistula, as estrofes singelas de Edas sob o nevoento céu da Escandinávia, e ao fim o cantar de Ossian nas colinas de Morvem e nas grutas de Fiagal, cantar majestoso e profético como os marulhos do oceano que vinham escutá-lo, marcial como essas hordas guerreiras de Erin e da Caledônia!

Todavia houve um povo nas trevas e rudeza da média idade, que, esquecidos nos confins do Oriente até então, tornou-se o intérprete do grandioso e belo, apesar de imputarem o incêndio da biblioteca de Alexandria a Ornar. Falo dos sectários do Corão, dos servidores de Alá.

A escolástica rendeu a Avernões, que ressuscitara Aristóteles, imensa veneração, e ainda hoje os mais elevados e grandes artistas curvam o joelho ante a majestade de Alhambra.

Os acontecimentos, porém, ao passar de miríades gerações, modificaram o cenário do mundo.

Em 1453, novo e mais formoso período começou para a humanidade, período que prolonga-se e há de prolongar-se.

Que riqueza de datas divisamos nele!!

Como os séculos de Luís XIV e Leão X se destacam! Que magníficas peripécias! Como Guttemberg, Senefelder, Flávio Gioia, Gama e Colombo legam aos povos divinas e maravilhosas descobertas!

Céu, terra e mar metamorfosearam-se, novos luzeiros iluminaram nossos horizontes.

O mundo marcha... O homem apura-se, e já em seus diários e perenes certames prefere opor as mais das vezes ideia contra ideia, desprezando o desforço da força física. É uma vitória! Enfim o século XIX!

Vós, Senhores, assistindo tão belo espetáculo, o movimento de ideias que se operam em toda a terra, não pudestes ficar indiferentes, também erguestes um

monumento, que em tributo à civilização helena, teve o nome de **Partenon Literário**.

Eu vos saúdo, mocidade do Rio Grande do Sul, por tão nobre empenho! mereceis encômio e animação que meu débil talento não pode neste momento dispensarvos devidamente; porém que, reunindo todo o vigor de que é suscetível, vai ao menos fazer sentir-vos algumas verdades relativas a vossa criação.

São considerações dum irmão que se prende a vós pelos laços do coração e do sentimento, dum homem que confraternizou com as ideias que nobilitam tanto quem as concebe como àquele que as aceita.

Temos uma bela senda a trilhar sobre tapizes de flores; não hoje, talvez amanhã; por isso, caminhemos com prudência e tino...

Terríveis ameaças e fúnebres vaticínios rodeiam-nos. Meçamos hoje os voos; embora curtos exprimirão muito no recinto de Porto Alegre; e amanhã se mais agradáveis forem os auspícios, será o momento de assoberbarmos as nuvens do céu.

Não vedes o condor? O possante condor antes de remontar os galarins do firmamento, e de sobranceiro fitar no sol sua pupila de fogo, o condor, o próprio condor rastejar a pluma da asa nos rochedos e poeira da terra?

Imitemo-lo.

Lembre-mos que além, fora daquela porta dois monstros nos espreitam com maus desígnios.

Ali estão duas esfinges execrandas, medonhas, pálidas» macilentas, de enormes garras farpantes e acicaladas, aspecto repulsivo, lábios polutos e descorados donde escorre asquero-sa baba que mareia, envenena e mata as mais mimosas flores do peito humano, inquietas sempre, olhares ávidos de seiva e sangue, eternamente vigilantes, uma sem consciência, a outra sem remorsos.

Não sabeis de quem falo?

Não conheceis os traços que reproduzo?

Pois bem, uma é o fanatismo industrial, a outra o fanatismo político! Ambas figadais inimigas dos trabalhos e santos adejos do espírito, da inteligência que busca um asilo sereno e grato no clima das letras!

Ó! elas já disseram, soletrando o horóscopo de nosso monumento sobre um esquife mortuário, disseram himpando de alegria: **o Partenon Literário** terá pouca dura, sua existência será breve, as escassas colunas que hoje o sustentam se es

borroarão, e sua graciosa e elegante cúpula que destaca no azul ambiente se abaterá, apenas mostrando em terra um acervo de ruínas!

Ó! não!... Não morrerá a ideia civilizadora! Não... Confio em vós, nova geração de obreiros do progresso, mocidade estudiosa do Rio Grande do Sul, que erguestes um lábaro — símbolo de amor e entusiasmo às letras no meio do indiferentismo que gela as crenças, apaga as aspirações de fogo e quebra as asas diamantinas do gênio!

Oh! não!... Não morrerá! Confio em vós, ilustres membros do **Partenon Literário**, e na cidade de Porto Alegre, que deve orgulhar-se com as festas da inteligência.

Anexo H:

Notícias da morte e do funeral de Apolinário Porto Alegre

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Eco do Sul**, Rio Grande, 08 jul.1896, p.1

Sobre o atentado de que foi vítima o distinto republicano Sr. Apolinário Porto Alegre, escreveu a “Reforma” da capital do Estado o seguinte:

“Vivemos em um regime de publicidade; proclama as [sic] seguidamente – “viver às claras” como uma das divisas.

Isto quer dizer que o governo traz os governados ao corrente de tudo quanto se passa nas regiões do poder, de todos os atos que expede, visando o bem coletividade, da justiça que pratica, do modo, enfim, por que cumpre a lei.

Regime de publicidade é assim compreendido em toda parte do mundo culto. Aqui.porém, nesta terra, felicitada por um governo de “sábios” todos eles dignos de uma cadeira no Instituto da França, aqui – “o viver às claras” – significa antes – viver às escuras.

Já uma vez, quando ocupamo-no daquele inolvidável escândalo, por si só suficiente para caracterizar esta situação sem exemplo na história do Rio Grande, aquele escândalo – telegramas de serviço do partido – pagos com dinheiros do Estado; já essa ocasião ficou patente, pelas explicações da folha da ditadura, que nem tudo que se refere à administração dos negócios públicos merece ser publicado, não sendo portanto, permitindo aos governados, que são sempre os contribuintes, ter completo conhecimento do modo por que são geridos os seus interesses, em geral.

Agora mais um fato vem corroborar as nossas repetidas arguições ao governo ditatorial, no sentido de se considerar ele muito acima da lei e de subordinar os sagrados interesses da justiça aos do agrupamento do partidário que dirige.

É este:

Há poucos dias um indivíduo, parcial da situação, cometeu um atentado inaudito, calcando aos pés a Constituição e a lei da República, cercado uma casa com o intuito de prender e verar [sic] o distinto rio-grandense, nosso ilustre co-religionario Sr. Apolinário Porto Alegre, sem que este houvesse praticado nenhum crime, sem que hovesse incorrido e, nenhuma culpabilidade.

A vítima deste atentado não é um desconhecido; é um cidadão distinto por muitos títulos, cada qual mais dignificador, ocupando por isso, posição saliente na sociedade rio-grandense. Esta circunstância poderia pesar muito no espírito das autoridades, às quais cumpre velar pela segurança pública, pela garantia dos

direitos e da exata observação da lei, afim de que o criminoso fosse imediatamente punido. Mesmo que se tratasse de um cidadão pertencente às últimas camadas sociais, não se deveria fazer demorar a ação do governo em desafrenta da lei.

Acresce que o indivíduo aludido não exerce nenhuma autoridade, não está investido de nenhum cargo policial, circunstâncias essa que aumenta-lhe a gravidade do crime, que poderia ter trágicas consequências, senão fosse a presteza com que o Sr. Chefe de polícia atendeu às reclamações a que lhe foram dirigidas.

A atividade por Sr. Exa. desenvolvida na noite do atentado mereceu os nossos encômios, porque acima da paixão partidária que porventura nos dominar nas lutas políticas, colocamos a justiça; e portanto, se sabemos atacar o adversário, investido das funções públicas, que delinque, sabemos também elogiá-lo, quando ele cumpre o seu dever.

Foi o que se deu.

Mas a conduta posterior o elogio merecido, provoca as mais justas censuras ao Sr. Chefe de polícia.

Com efeito, qual a providência policial para punir o autor do atentado da noite de 27 de junho?

Até agora, ao que se saiba, nenhuma!

Pois então um indivíduo arvorar-se em autoridade, tenta prender um cidadão qualificado, aterroriza os moradores de uma casa, cercando esta com força armada – e nada lhe sucede?

Para que existem cadeias, se é permitida a prática de crimes sem nenhuma punição aos que cometem?

Ao que se saiba, nenhum ato expediu a autoridade policial, com o fim de fazer cair a ação da lei sobre quem a violou escandalosamente.

Ficará impune mais este atentado?

Esperamos a palavra oficial.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **A Opinião Pública**, Pelotas, 23 mar.1904, p.2

Falece hoje, em Porto Alegre, em extrema pobreza, quase sexagenário, o ilustre rio-grandense Apolinário José Gomes Porto Alegre, viúvo, deixando alguns filhos.

Era um educacionista de alto renome, tendo sido o mestre de muitas gerações.

Talento robusto e vigoroso, amplificam e sobrepujas provas do seu mérito, nos vários ramos da literatura: foi poeta, dramaturgo, jornalista e escritor.

Agora mesmo, no último quartel de existência, traçou ainda os versos do livro que está no prelo – *Flores da morte*.

Era uma relíquia do glorioso passado literário do Rio Grande do Sul, onde rebrilha a fama do *Partenon* que ele fundara.

Como político, foi um puro, um republicano convencido e abnegado, de grande nomeada desde os prélios memoráveis da Propaganda.

Mas esta República, que tem sido madrasta para os seus filhos verdadeiros e carinhosa mãe protetora para a escória da politiquice –meteu em enxovia o seu extrenuo paladino, o venerando mestre, pela mão sinistra dos seus ingratos discípulos.

Ora repousa ele no misterioso seio da morte.

Até lá não mais chegará a sanha dos perseguidores e sobre a memória que ele deixou, como um livro aberto de ensinamentos hão de pairar o respeito e a admiração dos homens honestos e dos republicanos *sans reproche*.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Gazeta do Comércio** Porto Alegre, 23 mar. 1904.p.1

A sociedade de Porto Alegre acaba de experimentar um desses golpes profundos que muito consternam e abatem, mas que **ao mesmo** tempo já nos trazem ao coração o bafejo suave de saudade, sentimento casto e puro que encontra guarida em todos os corações que sabem sentir e aos quais é sempre dado recordar, cheios de reconhecimento, por entre lágrimas de gratidão funda e verdadeira, todos os ensinamentos e todo o afeto que lhes consagrou durante longos anos num talento privilegiado e um coração carinhoso e bom.

Hoje, pela manhã exalou o último suspiro de vida, de uma vida cheia de vitórias e de brilhantes sucessos, mas cruelmente ferida também pelas ingratidões que corrompem o mundo, o fecundo literato e ilustradíssimo educacionista Apolinário Porto Alegre.

Quem não conheceu a ilustração vastíssima do velho e querido Apolinário, quem não apreciou as fulgurações belíssimas do seu talento maleável, de um brilho

admirável, a rutilar como um astro de primeira grandeza; quem não pôde aquilatar da sua inteligência adamantina, a quem não foi dado experimentar as expansões da sua alma carinhosa e do seu coração afetuoso?

Todos nós o conhecemos, e mesmo quem nunca tivesse privado com o distinto e malgrado rio-grandense, já se teria habituado a querê-lo e a considerá-lo muito, tão elevado era o conceito em que ele era tido no seu Estado natal.

A mocidade inteira se verga ao peso dessa dor pungente e funda, com a qual nunca nos conformamos, embora a lei implacável a isso nos obrigue, porque à mocidade é que Apolinário Porto Alegre votara a maior parte do seu afeto, e a mais acendrada dedicação do seu talento culto e privilegiado.

Não poucos cavalheiros, que hoje ocupam elevada posição no nosso meio social e literário, aprenderam com o respeitável professor e a ele recorriam sempre confiantes quando fazia-se necessário ouvir a palavra abalizada do estimado mestre, que reunia no seu cérebro uma verdadeira enciclopédia, a marchar progressivamente sob a luz puríssima e intensa da sua inteligência poderosa e lúcida.

Mas o tempo, para exercer eternamente a sua ação destruidora, não faz seleções...

O velho Apolinário, que, ultimamente, já se sentia encanecido pelo trabalho e alquebrado pelas ingratidões, também desapareceu do mundo dos vivos, como uma estrela que perdesse o brilho banida do céu...

A imprensa, o magistério, a literatura, e a poesia, durante muito tempo abrilhantadas pela colaboração criteriosa e inteligente do ilustre rio-grandense, cobrem-se de luto e se curvam ao jugo dessa magua acerba que as compunge.

Como professor, Apolinário Porto Alegre exerceu durante muito tempo o elevado cargo de diretor do *Instituto Brasileiro*, onde o ensino elevado e progressista aperfeiçoou não poucos talentos, dotando-os de conhecimentos vastos e indispensáveis na vida. Como jornalista, o estimado mestre foi diretor d' *O Estado*, jornal que se publicava na capital do Estado de Santa Catarina; mais tarde em colaboração com o seu digno irmão Apeles Porto Alegre, redatoriu, neste capital, a *Imprensa*, órgão de propaganda republicana; depois assumiu as funções de redator-chefe do *Jornal do Comércio*, e, por fim, o seu talento fecundo cintilava nas colunas d' *A Reforma*, traçando artigos escritos num vernáculo de beleza impecável. Como romancista e como poeta, o velho e encanecido Apolinário, o lapidário da forma,

produziu diversas obras, que mereceram aplausos gerais, entre as quais lembramos das *Bromélias*, poesias, e do *Vaqueiro*, romance de costumes rio-grandenses.

A morte do respeitável mestre é como um sol que se apaga entenebrecendo o horizonte, porque, apesar de velho, o pranteado rio-grandense não perdera de todo a rigidez do seu talento robusto e maleável.

A *Gazeta do Comércio*, sentindo profundamente a morte do ilustre, envia à exma. Família do malogrado rio-grandense representada no seu digno filho Alencarino Porto Alegre e nos seus distintos irmãos Apeles e Aquiles Porto Alegre, as expressões sinceras do seu sentido e duradouro pesar.

— As cerimônias de encerramento realizam-se hoje, às 4 horas da tarde tendo lugar a encomendação àquela **mesma** hora na capela dos Passos.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Gazeta do Comércio**. Porto Alegre, 24 mar.1904, p.1.

Foi extraordinário concorrido o enterro do pranteado rio-grandense Apolinário Porto Alegre.

O féretro achava-se coberto de inúmeras coroas, entre as quais as seguintes: — de seus filhos; de seus irmãos Apeles e Ernestina; do diretório federalista; do seu irmão Aquiles; de Dinarte Ribeiro; de sua sobrinha Azelina Porto Alegre Vianna; de sua sobrinha e afilhada Ceci; do partido federalista; de Olímpio Duarte; de seu sobrinho Alfredo; da família Joaquim Furtado; do *Clube Silveira Martins* do Rio Grande; de seus sobrinhos Amélia e Arnaldo Franco Porto Alegre.

O corpo do sempre lembrado educacionista foi conduzido a mão até o cemitério, onde o distinto poeta Damasceno Vieira, com a voz entrecortada pelas lágrimas, enalteceu os elevados dotes do ilustre morto, estudando a individualidade do seu saudoso amigo e inteligente companheiro de lides literárias.

O discurso do talentoso homem de letras rio-grandense, deixando transparecer a sinceridade que o ditava, foi uma significativa homenagem aos reconhecidos méritos daqueles que baixou à sepultura, com grande mágoa para a população de Porto Alegre.

Em sinal de pesar pelo falecimento do inolvidável rio-grandense o Sr. Artur Candal suspendeu as aulas da escola *Mauá*, que funciona anexa à Associação dos Empregados no Comércio.

Igual procedimento teve o Sr. Idelfonso Gomes, diretor do *Ginásio Ganga*nelli*.

Apolinário Porto Alegre contava com 60 anos de idade, era viúvo e deixa na orfandade seis filhos.

O velho homem de letras deixa já no prelo um belo livro de poesias intitulado – *Flores da morte* – que brevemente será exposto à venda.

Além disso, o velho e encanecido Apolinário deixa obras inéditas de subido valor.

À exma. família do morto reiteramos as nossas sinceras condolências.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **Diário Popular**, Pelotas, 25 mar. 1904, p1.

Faleceu, na capital do Estado, o provector educacionista Apolinário Porto Alegre, verdadeira glória do magistério e homem político de brilhantes tradições no partido republicano, na época em que este apareceu na liça, aparelhando-se para a conquista do seu ideal.

Apolinário Porto Alegre pelo valor, a tenacidade e o convencimento com que pelejou pelo advento da República, chegou a ocupar um posto elevadíssimo nas suas fileiras, rodeado da estima e da veneração dos seus infatigáveis companheiros de luta.

Como educacionista emérito, preparou para a carreira política muitos moço, que hoje figuram nas mais altas posições da República, glorificando-lhe o talento, a capacidade e o nome.

O *Diário* lamenta tal acontecimento, enviando a expressão dos seus sentimentos à ilustre família do finado.

APOLINÁRIO Porto Alegre. **A Opinião Pública**, Pelotas, 26 mar. 1904, p.1.

Apolinário José Gomes Porto Alegre, o ilustre rio-grandense cujo passamento noticiamos, nasceu em Porto Alegre, a 29 de março de 1844.

Dedicando-se desde os verdes anos ao cultivo das letras e ao magistério, foi um dos fundadores do gloriosos Partenon Literário, a cuja *Revista* prestou valioso concurso durante longo tempo, e fundou o Instituto Brasileiro, um dos primeiros

estabelecimentos de ensino que tem tido o Rio Grande do Sul e no qual foram educados Júlio de Castilhos, Pacheco Prates, Argemiro Galvão, Pereira da Costa, Severino Prestes e outros ilustres rio-grandenses.

Republicano ardoroso, tomou parte na organização dos primeiros clubes fundados na capital do Estado, sendo um dos designatários da Convenção de Fevereiro de 188 (sic), que deu organização ao partido no Rio Grande do Sul.

Além de copiosa série de artigos dispersos pela imprensa, deixa o eminente rio-grandense as seguintes obras:

Bromélias, Túmulos, poesias; **Caim e Jafé, Os filhos da desgraça, Sensitiva e Ladrões de honra**, dramas; **Mulheres, Epidemia política, Benedito e Feitiço duns beijus**, comédias; **Paisagens**, contos; **O crioulo do pastoreiro e O Vaqueano**, romances; **Dialeto brasileiro, origens arianas do guarani e Morfologia ario-guaraníticas**, estudos linguísticos; **História da república Rio-Grandense**. Alguns desses trabalhos ficaram inéditos.

As produções de Apolinário Porto Alegre distinguem-se sobretudo pela pureza da linguagem, sempre burilada, castiça, portuguesa de lei. Era talvez o escritor rio-grandense que melhor conhecia o nosso rico idioma.

É de sentir que os desgostos que o atormentaram durante os últimos anos, já com as mortes da esposa estremecida e da filha adorada, já com a perseguição dos seus adversários políticos, que tinham sido seus discípulos, não lhe permitissem consagrar-se por completo aos trabalhos literários tão brilhantemente iniciava, sobretudo sobre as de feição filológica, privando assim a nossa literatura dos frutos opimos do seu profundo saber.

Que descanse em paz o belo espírito, o generoso coração de Apolinário Porto Alegre.

ZAVASCHI, Olyr. O busto de Apolinário. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 ago.2009. p.60

6

ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2009

Almanaque Gaúcho

OLYR ZAVASCHI

3218-4307
almanaque@zerohora.com.br

Túnel do Tempo

O busto de Apolinário

Há 165 anos, em 29 de agosto, nascia em Rio Grande Apolinário Porto Alegre, um dos mais importantes intelectuais gaúchos do século 19. Ainda adolescente radicou-se em Porto Alegre, onde cumpriu uma trajetória destacada como jornalista, folclorista, teatrólogo, poeta e filólogo. Vitimado por tragédias pessoais, como as mortes da mulher e da filha ocorridas em 1891, e perseguições políticas (teve que exilar-se no Uruguai na revolução de 1893), Apolinário é lembrado como um dos fundadores do Partenon Literário, instituição que marcou a vida cultural da capital da província. Durante anos, seu retiro rural da Casa Branca foi “a verdadeira sede da atividade intelectual do Rio Grande”. Nas palavras de Guilhermino César “raras vezes, na história do pensamento brasileiro, ter-se-á visto um homem tão bem dotado para tarefas diversas. Interessado por todos os aspectos da cultura... E pelo conjunto de seus trabalhos Apolinário Porto Alegre há de ser lembrado como um dos grandes vultos nacionais”.

O Partenon Literário, que foi recriado há alguns anos, lança neste sábado uma campanha para a reconstrução do busto de Apolinário, que vândalos destruíram e furtaram há alguns anos de seu pedestal na Praça Argentina.

Fonte: J. Lopes



Apolinário Porto Alegre (no destaque) teve seu busto destruído e furtado da Praça Argentina



Apolinário foi autor, entre outros livros, de *Popularium Sul-Rio-Grandense*, *Ladrões de Honra*, *O Homem e o Século* e *Contos do Exílio*.

Colaboração de Benedito Saldanha, de Porto Alegre

Anexo I:
Curriculum Vitae

Laísa Teixeira de Aguiar

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Laísa Teixeira de Aguiar
Filiação Telmo Cardoso de Aguiar e Vera Teixeira de Aguiar
Nascimento 18/06/1970 — Porto Alegre/RS — Brasil

Endereço residencial Rua Luis de Camões, 124
 Santo Antonio — Porto Alegre
 90620150, RS — Brasil
 Telefone: 51 32199136

Endereço eletrônico e-mail alternativo : alias.aguiar@gmail.com

Formação Acadêmica/Titulação

- 2007 — 2011** Doutorado em Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS,
 Porto Alegre, Brasil
 Título: A poesia de Apolinário Porto Alegre: fixação do texto
 Orientador: Maria Eunice Moreira Bolsista do(a): Coordenação de
 Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2004 — 2006** Mestrado em Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS,
 Porto Alegre, Brasil
 Título: O leitor e a literatura nas crônicas jornalísticas de Augusto
 Abelaira, Ano de obtenção: 2006
 Orientador: Maria Luísa Ritzel Remédios
 Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
 Nível Superior
- 2000 — 2001** Especialização em Literatura Infantil.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS,
 Porto Alegre, Brasil
- 1989 — 1993** Graduação em Faculdade de Comunicação Social Habilitação Em
 Jor.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS,
 Porto Alegre, Brasil
 Título: O Programa Livre e o público jovem na televisão brasileira
 Orientador: Vera Ferreira

Formação complementar

- 2006 — 2006** Extensão universitária em Historiografia Literária Questões Teóricas
 e Prática

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS,
Porto Alegre, Brasil

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS

Vínculo institucional

2007 — Atual Vínculo: Estudante , Enquadramento funcional: Estudante ,
Carga horária: 20, Regime: Parcial

2004 — 2006 Vínculo: Estudante , Enquadramento funcional: Estudante ,
Carga horária: 40, Regime: Integral

1993 — 1993 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Estágio , Carga
horária: 20, Regime: Parcial

1989 — 1993 Vínculo: Estudante , Enquadramento funcional: Estudante ,
Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

03/2004 – 2006 Projetos de pesquisa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos de
Culturas de Língua Portuguesa
*Participação em projetos: O sentido e o alcance da narrativa de ficção
de língua portuguesa: a história, a identidade, a nação e o gênero*

08/1993 — 12/1993 Estágio, Faculdade de Comunicação Social, Videopuc
Estágio: Produção de programas para clientes da VIDEOPUC

03/1992 — 02/1993 Projetos de pesquisa, Faculdade de Letras, Centro de
Pesquisas Literárias
*Participação em projetos: Pesquisa, elaboração do Acervo Pedro
Geraldo Escosteguy*

2. Shopping Center Net — SCN

Vínculo institucional

2002 — 2003 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Colaboradora ,
Carga horária: 10, Regime: Parcial

Atividades

02/2002 — 09/2003 Serviço Técnico Especializado, Lojas Virtuais
*Especificação: Inserção de lojas, produtos, preços, características
do produto*

3. Feliz Idade Editora — FIE

Vínculo institucional

1998 — 2003 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Redatora , Carga
horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

10/1998 — 10/2003 Serviço Técnico Especializado, Jornaleko Jornalzinho da Terra
dos Gnomos e Duendes
Especificação: Reportagem, entrevista

4. Fundação Pro Deo Comunicação — FPDC**Vínculo institucional**

1997 — 1999 Vínculo: Outro , Enquadramento funcional: Redatora de notícias ,
Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

03/1997 — 08/1999 Serviço Técnico Especializado, Jornal Novo Milênio, Editoria
Movimentos e Pastorais
Especificação: Redação de notas jornalísticas e reportagem

5. WS Editor — WSE**Vínculo institucional**

1997 — 1998 Vínculo: Outro , Enquadramento funcional: Redatora , Carga horária:
20, Regime: Parcial

Atividades

09/1997 — 05/1998 Serviço Técnico Especializado, Revista Blau, Suplemento
Infantil Blauzinho
Especificação: Redação, projeto editorial do suplemento infantil

6. Lh Comunicação e Marketing — LHCM**Vínculo institucional**

1997 — 1997 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Produtora , Carga
horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

02/1997 — 04/1997 Serviço Técnico Especializado, 2100 Anno Domini
Especificação: Produtora, diagramadora

7. Rádio Aliança — RA**Vínculo institucional**

1996 — 1996 Vínculo: Outro , Enquadramento funcional: Produtora de programa de
rádio , Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

08/1996 — 12/1996 Serviço Técnico Especializado, Programa Passando a Limpo
Especificação: Produtora do programa de rádio Passando a Limpo

8. Prefeitura Municipal de Camaquã — PMC**Vínculo institucional**

1995 — 1995 Vínculo: Outro , Enquadramento funcional: Cargo de confiança — CC ,
Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

Atividades

01/1995 — 04/1995 Serviço Técnico Especializado, Assessoria de Imprensa
Especificação: Prestação de assessoria de imprensa para a Prefeitura

9. Jornal Semanário Capra Editora Impressora Publicidade e Promoções —**JSCEIPP****Vínculo institucional**

1994 — 1994 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Repórter , Carga horária: 40, Regime: Integral

Atividades

09/1994 — 10/1994 Serviço Técnico Especializado, Jornal Semanário
Especificação: Entrevistas, redação de reportagens jornalísticas

10. Instituto Estadual do Livro — IEL

Vínculo institucional

1990 — 1991 Vínculo: Outro , Enquadramento funcional: Estagiário , Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

12/1990 — 06/1991 Estágio, Hemeroteca
Estágio: Organização da hemeroteca

Projetos

2004 – 2006 O sentido e o alcance da narrativa de ficção de língua portuguesa: a história, a identidade, a nação e o gênero

Descrição: Este projeto tem por finalidade examinar o modo como a identidade cultural de literaturas de língua portuguesa é definida, (re) configurada, moldada e representada no discurso narrativo, com base numa teorização fundada em pressupostos que discutam os diferentes modelos de construção cultural e questões relacionadas com o destino, a essência e o caráter da nação, assim como sua identidade, a sua gênese e o seu futuro. Sua meta principal é preparar recursos humanos para a graduação e pós-graduação em Letras habilitados para o trato das questões lusófonas, a partir da experiência de centros de pesquisa ligados a instituições universitárias com tradição de pesquisa nessa área, cuja característica principal é a focalização da literatura de expressão portuguesa. Como operacionalização desses propósitos, a tentativa é de estreitar os vínculos de colaboração entre pesquisadores de instituições diferentes em torno de um objeto comum, já inicialmente trabalhado por elas, de modo a fortalecer a produção de conhecimento e a formação de especialistas num campo fundamental não só para a atividade acadêmica de Letras, mas para a discussão da identidade cultural de países que de certa maneira partilham de uma história comum e de práticas culturais subjacentes a todas as outras diferenças superficiais.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (3); Especialização (0); Mestrado acadêmico (5); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (5);

Integrantes: Laisa Teixeira de Aguiar (Responsável); Maria Luísa Ritzel Remédios; Luiz Antonio Assis Brasil e Silva; Claudiany da Costa Pereira; Isadora Dutra; Miriam Denise Kelm; Silvia Niederaurer

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

1992 – 1993 Pesquisa, elaboração do Acervo Pedro Geraldo Escosteguy

Descrição: Pesquisa, elaboração do Acervo Pedro Geraldo Escosteguy

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0);

Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);
 Integrantes: Laisa Teixeira de Aguiar (Responsável); ; Martha Couto Goya
 Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
 Tecnológico-CNPq

Áreas de atuação

1. Organização Editorial de Jornais

Idiomas

Inglês Compreende Razoavelmente, Fala Razoavelmente, Escreve Pouco, Lê Razoavelmente

Espanhol Compreende Razoavelmente, Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Razoavelmente

Prêmios e títulos

1993 Vídeo Ficcional, FAMECOS / PUCRS

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. AGUIAR, L. T. As vozes na obra de Erico Veríssimo In: XII Seminário Nacional de Literatura e História — Centenário de Erico Verissimo e a história do Rio Grande do Sul, 2005, Porto Alegre. **XII Seminário Nacional de Literatura e História — Centenário de Erico Verissimo e a história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FAPA, 2005. p.87 — 91

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. AGUIAR, L. T. A poesia de Apolinário José Gomes Porto Alegre na Sociedade Partenon Literário bem como em jornais e outros periódicos da época In: II Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação da PUCRS, 2007, Porto Alegre. **II Mostra de Pesquisa e Pós-Graduação da PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

2. AGUIAR, L. T. As vozes na obra de Erico Verissimo In: XII Seminário Nacional de Literatura e História — Centenário de Erico Verissimo e a história do Rio Grande do Sul, 2005, Porto Alegre.

XII Seminário Nacional de Literatura e História — Centenário de Erico Verissimo e a história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FAPA, 2005. p.32 — 33

Artigos em jornal de notícias

1. AGUIAR, L. T. A paixão das crianças e jovens pelo piano. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.13 — 13, 1994.

2. AGUIAR, L. T. Benedetti projeta tendências para o setor moveleiro. Jornal

Semanário. Bento Gonçalves, p.14 — 14, 1994.

3. AGUIAR, L. T. Bento em dança alegre a cidade. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.7 — 7, 1994.

4. AGUIAR, L. T. Direitos do consumidor. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.7 — 7, 1994.

5. AGUIAR, L. T. Festa para crianças carentes. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.13 — 13, 1994.

6. AGUIAR, L. T. Festa dos idosos. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.24 — 24, 1994.

7. AGUIAR, L. T. Fórum de Qualidade — Dorothea disse que o real vai dar certo. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.5 — 5, 1994.

8. AGUIAR, L. T. Jacqueline eleita rainha dos estudantes da Região. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.20 — 20, 1994.

9. AGUIAR, L. T. Manifestação de arte com sacrifícios. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.5 — 5, 1994.

10. AGUIAR, L. T. Países em Bento em Dança. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.3 — 3, 1994.

11. AGUIAR, L. T. Pós-Graduação em Direito na FERVI. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.9 — 9, 1994.

12. AGUIAR, L. T. Prêmio colunistas da Fenavinho. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.16 — 16, 1994.

13. AGUIAR, L. T. Procura de imóveis é grande. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.7 — 7, 1994.

14. AGUIAR, L. T. Seminário sobre o código do consumidor. Jornal Semanário. Bento Gonçalves, p.5 — 5, 1994.

Apresentação de Trabalho

1. AGUIAR, L. T. **O cotidiano das repúblicas nas palavras de Apolinário Porto Alegre e Machado de Assis**, 2008. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Produção Técnica - Trabalhos técnicos

1. AGUIAR, L. T., ZANCANI, Cristine Lima, CUNHA, Jaqueline Rosa da, EICHENBERG, Renata Cavalcanti, GIL, Viviane Dexheimer, MOREIRA, Maria Eunice, AGUIAR, Vera Teixeira de. **Curso à distância Literatura Sul-Rio-Grandense: módulo A Guerra**, 2006

2. AGUIAR, L. T., ZANCANI, Cristine Lima, CUNHA, Jaqueline Rosa da, EICHENBERG, Renata Cavalcanti, GIL, Viviane Dexheimer, MOREIRA, Maria Eunice, AGUIAR, Vera Teixeira de. **Curso à distância Literatura Sul-Rio-Grandense: módulo Os Imigrantes**, 2006

3. AGUIAR, L. T. **Revista do Esquilo Zaffari**, 2001

4. AGUIAR, L. T. **Jornaleko — Jornalzinho da Terra dos Gnomos e Duendes**, 1998

5. AGUIAR, L. T. **Suplemento Infantil Blauzinho**, 1998

6. AGUIAR, L. T. **Movimentos e Pastorais**, 1997

Demais produções técnicas

1. AGUIAR, L. T. **Diálogos de Sevilha: literatura e leitores**, 2008. (Outra produção técnica)

2. AGUIAR, L. T. **Shopping Center Net News**, 2000. (Outra produção técnica)

3. AGUIAR, L. T. **2100 Anno Domini**, 1997. (Outra produção técnica)

4. AGUIAR, L. T. **Ciências aeronáuticas**, 1993. (Outra produção técnica)

5. AGUIAR, L. T. **Linguagem verbal**, 1993. (Outra produção técnica)

6. AGUIAR, L. T. **Retorno Bravo**, 1993. (Outra produção técnica)

7. AGUIAR, L. T. **Solar dos Câmaras**, 1993. (Outra produção técnica)

8. AGUIAR, L. T. **Solar dos Câmaras — Armando Câmara**, 1993. (Outra, Programa de Rádio ou TV)

9. AGUIAR, L. T. **Solar dos Câmaras — Visconde de Pelotas**, 1993. (Outra, Programa de Rádio ou TV)

10. AGUIAR, L. T. **Solar dos Câmaras — Visconde de São Leopoldo**, 1993. (Outra, Programa de Rádio ou TV)

11. AGUIAR, L. T. **Anita Garibaldi**, 1992. (Outra, Programa de Rádio ou TV)

12. AGUIAR, L. T. **Experiência**, 1992. (Outra produção técnica)

Eventos - Participação em eventos

1. Apresentação Oral no(a) **XXVI Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2008. (Seminário) O cotidiano das repúblicas nas palavras de Apolinário Porto Alegre e Machado de Assis.

2. **I Colóquio Internacional Relações Literárias Brasil-Portugal**, 2008. (Congresso)
3. **I Colóquio Linguística e Literatura**, 2008. (Outra)
4. **Aula inaugural Cyro Martins 100 anos de múltiplas leituras**, 2008. (Outra)
5. **Jornada da Pesquisa Modernidade e Pós-Modernidade nas Literaturas Lusófonas**, 2008. (Encontro)
6. Apresentação de Poster / Painel no(a) **II Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação da PUCRS**, 2007. (Outra) A poesia de Apolinário José Gomes Porto Alegre na Sociedade Partenon Literário bem como em jornais e outros periódicos da época.
7. **VII Seminário Internacional de História da Literatura: novos olhares, múltiplas perspectivas**, 2007. (Seminário)
8. **A criação literária**, 2007. (Outra)
9. **Literatura é assim, com Sinval Medina**, 2007. (Outra)
10. **Por uma teoria da formação do leitor**, 2007. (Outra)
11. **Figuras da ficção**, 2007. (Outra)
12. **A imagem da língua portuguesa no discurso literário**, 2007. (Outra)
13. **Aula Inaugural: Perguntas sobre Memória**, 2007. (Outra)
14. **Maria Velho da Costa: temas e formas / O riso em curso na literatura brasileira**, 2007. (Encontro)
15. **Jornada de Qualificação de Segunda Área**, 2007. (Encontro)
16. **A bastardia: um novo paradigma para se pensar a identidade americana: estudos de dois casos Lya Luft e Milton Hatoum**, 2007. (Encontro)
17. **Tópicos da Narratologia**, 2006. (Outra)
18. **Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**, 2006. (Encontro)
19. **XII Seminário Nacional de Literatura e História — Centenário de Erico Verissimo e a história do Rio Grande do Sul**, 2005. (Seminário)
20. **Jornada de Estudos Deslocamentos e Hibridismo, Pós-Colonialismo e Literatura Lusófonas**, 2005. (Outra)
21. **Travessias: Encontro de Escritores Atlânticos — Açores / Brasil**, 2005.

(Outra)

22. **Seminário A aventura e a ordem: mestres da ficção ocidental do século XX**, 2005. (Seminário)

23. **XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, I Jornada Internacional de Narratologia**, 2000. (Seminário)

24. **Seminário de Capacitação de Recursos Humanos**, 1995. (Seminário)

25. **VI Set Universitário**, 1993. (Outra)

26. **V Set Universitário**, 1992. (Outra)

27. **I Fórum da Ética**, 1991. (Outra)

28. **II Set Universitário**, 1989. (Outra)

Organização de evento

1. AGUIAR, L. T. **I Fórum de E-Comércio e I Mostra de Serviços na Internet**, 2003. (Outro, Organização de evento)

Totais de produção

Produção bibliográfica

Jornais de Notícias.....	14
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	3
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	1

Produção Técnica

Trabalhos técnicos (consultoria).....	2
Trabalhos técnicos (outra).....	4
Programa de Rádio ou TV (outra).....	4
Outra produção técnica.....	8

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	1
Participações em eventos (seminário).....	6
Participações em eventos (encontro).....	5
Participações em eventos (outra).....	16
Organização de evento (outra).....	1